

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO - UMESP
FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO - FAHUD
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

JOSÉ DO CARMO RODRIGUES

**ESPIRITISMO E CONVERSÃO: FATORES MOTIVACIONAIS DA
MIGRAÇÃO RELIGIOSA PARA O ESPIRITISMO, NO BRASIL.**

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2012

JOSÉ DO CARMO RODRIGUES

**ESPIRITISMO E CONVERSÃO: FATORES MOTIVACIONAIS DA
MIGRAÇÃO RELIGIOSA PARA O ESPIRITISMO, NO BRASIL.**

Tese apresentada à Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, para a obtenção do título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

R618e Rodrigues, José do Carmo

Espiritismo e conversão: fatores motivacionais da migração religiosa para o Espiritismo, no Brasil / José do Carmo Rodrigues - São Bernardo do Campo, 2012.

390fl.

Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

Bibliografia.

Orientação de: Leonildo Silveira Campos

1. Conversão (Experiência religiosa). 2. Trânsito religioso. - I. Título

CDD 204.2

A tese de doutorado sob o título Espiritismo e Conversão: fatores motivacionais da migração religiosa para o Espiritismo no Brasil, elaborada por José do Carmo Rodrigues foi defendida e aprovada em 28 de setembro de 2012, perante banca examinadora composta por Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos (Presidente/UMESP), Profa. Dra. Sandra Duarte de Souza (Titular/UMESP), Prof. Dr. Etienne Alfred Higuete (Titular/UMESP), Profa. Dr. Dora Alice Colombo (Titular/UNISANTA) e, Prof. Dr. Severino Celestino da Silva (Titular/UFPb).

Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Programa: Pós-Graduação em Ciências da Religião

Área de Concentração: Religião, Sociedade e Cultura

Linha de Pesquisa: Religião e Dinâmicas Socioculturais

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Teresa Sánches de Cepeda y Ahumada - Santa Teresa de Jesus - pela inspiração e proteção neste trabalho e na vida.

AGRADECIMENTOS

À Deus e à Espiritualidade Maior, pela proteção e inspiração oferecidas na realização deste trabalho.

Ao meu dileto e sábio orientador Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos, pela orientação precisa, pela paciência e pela amizade.

À minha esposa e filhos pelo apoio e incentivo.

À comunidade espírita brasileira, pela colaboração à pesquisa.

À Universidade Metodista de São Paulo, pela valiosa oportunidade de ampliar significativamente meus conhecimentos.

Volto a dizer que, para isto é necessário não assentar vossos alicerces só em rezar e contemplar; porque, se não procurais virtudes e o exercício delas, sempre ficareis anãs. (In: Castelo Interior).

*Teresa Sánches de Cepeda y Ahumada
(Santa Teresa de Jesus)*

RODRIGUES, José do Carmo. **Espiritismo e conversão:** fatores motivacionais da migração religiosa para o espiritismo no Brasil. 2012. 394 p. Tese (Doutorado em Ciências da Religião)—Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

ESPIRITISMO E CONVERSÃO: FATORES MOTIVACIONAIS DA MIGRAÇÃO RELIGIOSA PARA O ESPIRITISMO NO BRASIL.

RESUMO

Este trabalho faz um estudo analítico do fenômeno da conversão religiosa. Particularmente, dos fatores que motivam o trânsito de fiéis de uma religião qualquer para o Espiritismo, no Brasil. Os grupos em estudo, dos quais são provenientes os novos espíritas foram divididos em sete blocos: Catolicismo, Protestantismo, afro-brasileiras, Umbanda, orientais, outras e, nenhuma. Essa análise privilegia os fatores sociais e psicológicos que levam um indivíduo a mudar de religião. Ao explorar o caso brasileiro, este trabalho aborda também, a multiplicidade de religiões, seitas, crenças e movimentos religiosos presentes no cenário brasileiro, dentro da dinâmica de forças que envolvem esse campo religioso. Para isso, é apresentado um resumo da história dos principais movimentos religiosos no caso brasileiro. Dá-se ênfase ao Espiritismo no Brasil e no mundo, como forma de caracterizar os processos de evolução da Doutrina Espírita e os argumentos com que a essa Doutrina compete nesse mosaico de convicções religiosas. A pesquisa se apoia em um questionário distribuído em todo território nacional, que coleta dos respondentes, dados que permitem qualificá-los sob diversos aspectos: renda, educação, localização regional, conhecimento e prática da Doutrina Espírita, etc. Dentro dos quesitos de consulta estão sugeridas 18 opções, como razões da mudança da religião para o Espiritismo e, em outros vinte quesitos, um aprofundamento da opção que, no conjunto anterior se apresentou como a mais frequente. As opções iniciais se distribuem entre as razões mais frequentes da mudança de religião observadas pelo autor em sua experiência pessoal e na literatura. Os dados estatísticos foram coletados de mais de 2.300 depoentes, em mais de 400 municípios, em todos os Estados do Brasil.

Palavras-chave: diversidade religiosa; Espiritismo, conversão, trânsito religioso.

RODRIGUES, José do Carmo. **Spiritism and conversion: motivational factors of religious migration to spiritism in Brazil**. 2012. 394 p. Thesis (Doctorate in Religious Sciences)—Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

**SPIRITISM AND CONVERSION: MOTIVATIONAL FACTORS OF
RELIGIOUS MIGRATION TO SPIRITISM IN BRAZIL.**

ABSTRACT

This work performs an analytical study of the religious conversion phenomenon. Particularly, of the factors which motivated the transit of followers of any religion to Spiritism, in Brazil. The groups under study from which new Spiritists originate have been divided in seven blocks: Catholicism, Protestantism, African-Brazilian religions, Umbanda, Asian religions, others and no religion. This analysis favors the social and psychological factors that have led an individual to change religion. By exploring the Brazilian case, this work also approaches the multiplicity of religions, sects, beliefs and religious movements present in the Brazilian scenario, within the dynamics of forces involving this religious sphere. In order to do so, a historical summary of the main religious movements in the Brazilian case is presented. The emphasis is on Spiritism in Brazil and in the world, as a means of characterizing the evolution processes of the Spiritist Doctrine and the arguments with which this Doctrine competes in this mosaic of religious convictions. The research is supported on a questionnaire distributed throughout the national territory, collecting from respondents data that allow us to qualify them under several aspects: income, education, regional location, knowledge and practice of the Spiritist Doctrine, etc. Within the consultation aspects, 18 options are suggested as reasons for the change of religion to Spiritism, and in twenty other aspects, a deepening of the option presented more often in the previous group is offered. The initial options are distributed among the most frequent reasons for religious change observed by the author in personal experience and in literature. The statistic data have been collected from more than two thousand three hundred respondents, in more than 400 municipalities, in all Brazilian states.

Palavras-chave: religious diversity; Spiritism, religious transit, religious conversion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Centros compartilhados de valor e poder	180
--	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estágios do desenvolvimento humano: paralelos ideais.....	183
Quadro 2 - Níveis de probabilidade de conversão	189

LISTA DAS TABELAS

Tabela 1 - Quantidade e percentual de respondentes por Estado.....	217
Tabela 2 - Sexo	227
Tabela 3 - Idade.....	228
Tabela 4 - Escolaridade.....	229
Tabela 5 - Renda	231
Tabela 6 - Religião anterior.	232
Tabela 7 - Idade de início no Espiritismo	240
Tabela 8 - Como fez contato com o Espiritismo.....	241
Tabela 9 - Contato com a literatura espírita.	244
Tabela 10 - Religião com menos afinidade.....	245
Tabela 11 - Motivação para a conversão ao Espiritismo.	251
Tabela 12 - Detalha o quesito “Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho”	255
Tabela 13 - Todos - Quantidade de respondentes.	280
Tabela 14 - Todos - Sexo.	280
Tabela 15 - Todos - Origem.....	280
Tabela 16 - Todos - Escolaridade.	281
Tabela 17 - Todos - Renda.....	281
Tabela 18 - Todos - Idade.	281
Tabela 19 - Todos - Religião anterior.	281
Tabela 20 - Todos - Religião atual da família.....	282
Tabela 21 - Todos - Idade que iniciou no Espiritismo.....	282
Tabela 22 - Todos - Tempo de Espiritismo.	282
Tabela 23 - Todos - Tempo de Espiritismo (média/anos).....	282
Tabela 24 - Todos - Idade de início no Espiritismo (média/anos).....	283
Tabela 25 - Todos - Como fez contato com o Espiritismo.	283
Tabela 26 - Todos - Frequência ao Centro Espírita.	283
Tabela 27 - Todos - Leitura Espírita.	283
Tabela 28 - Todos - Religião com menos afinidade, antes de se tornar espírita.....	284
Tabela 29 - Todos - Espíritas em casa (atualmente).	284
Tabela 30 - Todos - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).	284
Tabela 31 - Todos - Questões de crença e prática espíritas.	284
Tabela 32 - Todos - Motivação para se tornar espírita.	287
Tabela 33 - Todos - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho".	287
Tabela 34 - Católicos - Quantidade de respondentes.....	288
Tabela 35 - Católicos - Sexo.....	288

Tabela 36 - Católicos - Origem.	288
Tabela 37 - Católicos - Escolaridade.	289
Tabela 38 - Católicos - Renda.	289
Tabela 39 - Católicos - Idade.	290
Tabela 40 - Católicos - Religião atual da família.	290
Tabela 41 - Católicos - Idade que iniciou no Espiritismo.	290
Tabela 42 - Católicos - Tempo de Espiritismo (média/anos).	290
Tabela 43 - Católicos - Idade que iniciou no Espiritismo (média/anos)	291
Tabela 44 - Católicos - Como fez contato com o Espiritismo.	291
Tabela 45 - Católicos - Frequência ao Centro Espírita.	291
Tabela 46 - Católicos - Leitura Espírita.	291
Tabela 47 - Católicos - Religião com menos afinidade, antes de se tornar espírita.	292
Tabela 48 - Católicos - Espíritas em casa (atualmente).	292
Tabela 49 - Católicos - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).	292
Tabela 50 - Católicos - Questões de crença e prática espíritas.	292
Tabela 51 - Católicos - Motivação para se tornar Espírita.	295
Tabela 52 - Católicos - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho".	296
Tabela 53 - Protestantes - Quantidade de respondentes.	296
Tabela 54 - Protestantes - Sexo.	296
Tabela 55 - Protestantes - Origem.	297
Tabela 56 - Protestantes - Escolaridade.	297
Tabela 57 - Protestantes - Renda.	298
Tabela 58 - Protestantes - Idade.	298
Tabela 59 - Protestantes - Religião da família.	298
Tabela 60 - Protestantes - Idade que iniciou no Espiritismo.	298
Tabela 61 - Protestantes - Tempo de Espiritismo (média/anos).	299
Tabela 62 - Protestantes - Idade que iniciou no Espiritismo (média/anos).	299
Tabela 63 - Protestantes - Como fez contato com o Espiritismo.	299
Tabela 64 - Protestantes - Frequência ao Centro Espírita.	299
Tabela 65 - Protestantes - Leitura espírita.	299
Tabela 66 - Protestantes - Religião com menos afinidade, antes de se tornar espírita.	300
Tabela 67 - Protestantes - Espíritas em casa (atualmente).	300
Tabela 68 - Protestantes - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).	300
Tabela 69 - Protestantes - Questões de crença e prática espíritas.	300
Tabela 70 - Protestantes - Motivação para se tornar espírita.	303
Tabela 71 - Protestantes - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho".	304
Tabela 72 - Afro-brasileiras - Quantidade de respondentes.	304
Tabela 73 - Afro-brasileiras - Sexo.	304
Tabela 74 - Afro-brasileiras - Origem.	305
Tabela 75 - Afro-brasileiras - Escolaridade.	305
Tabela 76 - Afro-brasileiras - Renda.	306
Tabela 77 - Afro-brasileiras - Idade.	306
Tabela 78 - Afro-brasileiras - Religião atual da família.	306
Tabela 79 - Afro-brasileiras - Idade que iniciou no Espiritismo.	307
Tabela 80 - Afro-brasileiras - Tempo de Espiritismo (média/anos).	307
Tabela 81 - Afro-brasileiras - Idade que iniciou no Espiritismo (média/anos).	307
Tabela 82 - Afro-brasileiras - Como fez contato com o Espiritismo.	307
Tabela 83 - Afro-brasileiras - Frequência ao centro Espírita.	307
Tabela 84 - Afro-brasileiras - Leitura espírita.	308
Tabela 85 - Afro-brasileiras - Religião com menos afinidade, antes de se tornar espírita.	308

Tabela 86 - Afro-brasileiras - Espíritas em casa (atualmente).....	308
Tabela 87 - Afro-brasileiras - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).....	308
Tabela 88 - Afro-brasileiras - Questões de crença e prática espíritas.....	309
Tabela 89 - Afro-brasileiras - Motivação para se tornar espírita.....	311
Tabela 90 - Afro-brasileiras - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho".	312
Tabela 91 - Umbanda - Quantidade de respondentes.....	312
Tabela 92 - Umbanda - Sexo.....	312
Tabela 93 - Umbanda - Origem.....	313
Tabela 94 - Umbanda - Escolaridade.....	313
Tabela 95 - Umbanda - Renda.....	314
Tabela 96 - Umbanda - Idade.....	314
Tabela 97 - Umbanda - Religião atual da família.....	314
Tabela 98 - Umbanda - Idade que iniciou no Espiritismo.....	314
Tabela 99 - Umbanda - Tempo no Espiritismo (média/anos).....	315
Tabela 100 - Umbanda - Idade que iniciou no Espiritismo (média/anos).....	315
Tabela 101 - Umbanda - Como fez contato com o Espiritismo.....	315
Tabela 102 - Umbanda - Frequência ao Centro Espírita.....	315
Tabela 103 - Umbanda - Leitura espírita.....	315
Tabela 104 - Umbanda - Religião com menos afinidade, antes de se tornar espírita.....	316
Tabela 105 - Umbanda - Espíritas em casa (atualmente).....	316
Tabela 106 - Umbanda - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).....	316
Tabela 107 - Umbanda - Questões de crença e prática espíritas.....	316
Tabela 108 - Umbanda - Motivação para se tornar espírita.....	319
Tabela 109 - Umbanda - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho".....	320
Tabela 110 - Orientais - Quantidade de respondentes.....	320
Tabela 111 - Orientais - Sexo.....	320
Tabela 112 - Orientais - Origem.....	321
Tabela 113 - Orientais - Escolaridade.....	321
Tabela 114 - Orientais - Renda.....	322
Tabela 115 - Orientais - Idade.....	322
Tabela 116 - Orientais - Religião atual da família.....	322
Tabela 117 - Orientais - Idade que iniciou no Espiritismo.....	322
Tabela 118 - Orientais - Tempo de Espiritismo (média/anos).....	323
Tabela 119 - Orientais - Idade que iniciou no Espiritismo (média/anos).....	323
Tabela 120 - Orientais - Como fez contato com o Espiritismo.....	323
Tabela 121 - Orientais - Frequência ao Centro Espírita.....	323
Tabela 122 - Orientais - Leitura espírita.....	323
Tabela 123 - Orientais - Religião com menos afinidade, antes de se tornar espírita.....	324
Tabela 124 - Orientais - Espíritas em casa (atualmente).....	324
Tabela 125 - Orientais - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).....	324
Tabela 126 - Orientais - Questões de crença e prática espíritas.....	324
Tabela 127 - Orientais - Motivação para se tornar espírita.....	327
Tabela 128 - Orientais - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho".....	328
Tabela 129 - Sem religião - Quantidade de respondentes.....	328
Tabela 130 - Sem religião - Sexo.....	328
Tabela 131 - Sem religião - Origem.....	329
Tabela 132 - Sem religião - Escolaridade.....	329
Tabela 133 - Sem religião - Renda.....	330
Tabela 134 - Sem religião - Idade.....	330
Tabela 135 - Sem religião - Religião atual da família.....	330

Tabela 136 - Sem religião - Idade em que iniciou no Espiritismo.	330
Tabela 137 - Sem religião - Tempo de Espiritismo (média/anos).	331
Tabela 138 - Sem religião - Idade de início no Espiritismo (média/anos).	331
Tabela 139 - Sem religião - Copo fez contato com o Espiritismo.	331
Tabela 140 - Sem religião - Frequência ao Centro Espírita.	331
Tabela 141 - Sem religião - Leitura espírita.	331
Tabela 142 - Sem religião - Religião com menos afinidade antes de se tornar espírita.	332
Tabela 143 - Sem religião - Espíritas em casa (atualmente).	332
Tabela 144 - Sem religião - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).	332
Tabela 145 - Sem religião - Questões de crença e prática espíritas.	332
Tabela 146 - Sem religião - Motivação para se tornar espírita.	335
Tabela 147 - Sem religião - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho"	336
Tabela 148 - Outras religiões - Quantidade de respondentes	336
Tabela 149 - Outras religiões - Sexo.	336
Tabela 150 - Outras religiões - Origem.	337
Tabela 151 - Outras religiões - Escolaridade.	337
Tabela 152 - Outras religiões - Renda.	338
Tabela 153 - Outras religiões - Idade.	338
Tabela 154 - Outras religiões - Religião atual da família.	338
Tabela 155 - Outras religiões - Idade que iniciou no Espiritismo.	338
Tabela 156 - Outras religiões - Tempo de Espiritismo (média/anos).	339
Tabela 157 - Outras religiões - Idade que iniciou no Espiritismo (média/anos).	339
Tabela 158 - Outras religiões - Como fez contato com o Espiritismo.	339
Tabela 159 - Outras religiões - Frequência ao Centro Espírita.	339
Tabela 160 - Outras religiões - Leitura espírita.	339
Tabela 161 - Outras religiões - Religião com menos afinidade, antes de se tornar espírita.	340
Tabela 162 - Outras religiões - Espíritas em casa (atualmente).	340
Tabela 163 - Outras religiões - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).	340
Tabela 164 - Outras religiões - Questões de crença e prática espíritas.	340
Tabela 165 - Outras religiões - Motivação para se tornar espírita.	343
Tabela 166 - Outras religiões - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho".	343
Tabela 167 - Sexo - Origem.	344
Tabela 168 - Sexo - Escolaridade.	345
Tabela 169 - Sexo - Renda.	345
Tabela 170 - Sexo - Idade.	345
Tabela 171 - Sexo - Idade que iniciou no Espiritismo.	346
Tabela 172 - Sexo - Tempo de Espiritismo (média/anos)	346
Tabela 173 - Sexo - Idade que iniciou no Espiritismo.	346
Tabela 174 - Sexo - Religião anterior.	346
Tabela 175 - Sexo - Religião atual da família.	346
Tabela 176 - Sexo - Espíritas em casa (atualmente).	347
Tabela 177 - Sexo - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).	347
Tabela 178 - Sexo - Como fez contato.	347
Tabela 179 - Sexo - Frequência ao Centro Espírita.	347
Tabela 180 - Sexo - Leitura espírita.	348
Tabela 181 - Sexo - Religião com menos afinidade antes de se tornar espírita.	348
Tabela 182 - Sexo - Questões de crença e prática espíritas.	349
Tabela 183 - Idade - Origem.	354
Tabela 184 - Idade - Tempo de Espiritismo (média/anos).	355

Tabela 185 - Idade - Início o Espiritismo (média/anos).....	355
Tabela 186 - Idade - Religião anterior.	356
Tabela 187 - Idade - Religião atual da família.....	356
Tabela 188 - Idade - Religião com menos afinidade, antes de se tornar espírita.....	357
Tabela 189 - Idade - Escolaridade.....	357
Tabela 190 - Idade - Espíritas em casa (atualmente).	358
Tabela 191 - Idade - Frequência ao Centro Espírita.	358
Tabela 192 - Idade - Como fez contato.....	359
Tabela 193 - Idade - Renda.	359
Tabela 194 - Idade - Questões de crença e prática espíritas.	360
Tabela 195 - Idade - Motivação para se tornar espírita.....	367
Tabela 196 - Idade - Detalha o quesito “Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho”.	368
Tabela 197 - Escolaridade - Origem.	369
Tabela 198 - Escolaridade - Renda.	370
Tabela 199 - Escolaridade - Religião anterior.	370
Tabela 200 - Escolaridade - Religião atual da família.....	370
Tabela 201 - Escolaridade - Idade que iniciou no Espiritismo.	371
Tabela 202 - Escolaridade - Tempo de Espiritismo (média/anos).....	371
Tabela 203 - Escolaridade - Como fez contato.	372
Tabela 204 - Escolaridade - Frequência ao Centro Espírita.....	372
Tabela 205 - Escolaridade - Leitura espírita.	372
Tabela 206 - Escolaridade - Religião com menos afinidade antes de se tornar espírita.	373
Tabela 207 - Escolaridade - Espíritas em casa (atualmente).	373
Tabela 208 - Escolaridade - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).	373
Tabela 209 - Escolaridade - Questões de crença e prática espíritas.....	374
Tabela 210 - Escolaridade - Motivação para se tornar espírita.....	381
Tabela 211 - Escolaridade - Detalha o quesito “Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho”. .	382
Tabela 212 - Renda - Origem.....	383
Tabela 213 - Renda - Idade que iniciou no Espiritismo.....	384
Tabela 214 - Renda - Religião anterior.....	384
Tabela 215 - Renda - Religião atual da família.	385
Tabela 216 - Renda - Como fez contato.	385
Tabela 217 - Renda - Frequência ao centro Espírita.....	386
Tabela 218 - Renda - Espíritas em casa (atualmente).....	386
Tabela 219 - Renda - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).....	386
Tabela 220 - Renda - Leitura espírita.....	387
Tabela 221 - Renda - Idade que iniciou no Espiritismo (média/anos).....	387
Tabela 222 - Renda - Religião com menos afinidade antes de se tornar espírita.	388
Tabela 223 - Renda - Tempo de Espiritismo (média/anos).	388
Tabela 224 - Renda - Questões de crença e prática espíritas.	389
Tabela 225 - Renda - Motivação para se tornar espírita.	394
Tabela 226 - Renda - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho".	395

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.	17
CAPÍTULO 1 O ESPIRITISMO E SUAS ORIGENS.	27
INTRODUÇÃO.	27
1.1 O ILUMINISMO E SUA POSTURA ANTIRRELIGIOSA.	30
1.2 PRECURSORES DO ESPIRITISMO KARDECISTA.	36
1.2.1 OS RUÍDOS DE UMA CASA METODISTA NORTE-AMERICANA.	39
1.2.2 OS PRECURSORES EUROPEUS DE KARDEC (1852).	42
1.3 ESPIRITISMO: CIÊNCIA OU RELIGIÃO?	44
1.3.1 O ESPIRITISMO COMO CIÊNCIA.	44
1.4 O PERFIL DO CODIFICADOR.	50
1.4.1 O ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO.	53
1.5 UMA RELIGIÃO DA MESA, DOS LIVROS E DOS ESPÍRITOS.	59
1.5.1 A mesa.	60
1.5.2 Os livros.	63
1.5.3 Os espíritos.	73
1.5.4 A Expansão do Espiritismo no mundo.	76
CONCLUSÃO.	78
CAPÍTULO 2 O ESPIRITISMO NO BRASIL.	80
INTRODUÇÃO.	80
2.1 OS PRIMÓRDIOS.	82
2.2 CISÕES E DISSENSÕES.	98
2.3 AMEAÇAS EXTERNAS	102
2.3.1 A oposição dos católicos romanos.	103
2.3.2 A oposição dos protestantes.	110
2.3.3 A oposição dos cientistas das ciências da saúde.	112
2.4 O ESPIRITISMO NO BRASIL: FORÇAS FAVORÁVEIS.	114
2.5 O ESPIRITISMO EM DEBATE.	119
2.5.1 Os fatores favoráveis ao Espiritismo.	119
2.5.2 Os fatores desfavoráveis ao Espiritismo.	124
CONCLUSÃO	127
CAPÍTULO 3 O UNIVERSO RELIGIOSO BRASILEIRO: UM TERRENO FÉRTIL PARA O ESPIRITISMO.	130
INTRODUÇÃO.	130
3.1 A IGREJA CATÓLICA E O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO.	131
3.2 OS PROTESTANTES NO BRASIL.	135
3.3 A RELIGIOSIDADE INDÍGENA.	147
3.4 OS CULTOS AFRO-BRASILEIROS E A UMBANDA.	155
3.5 OUTROS MOVIMENTOS RELIGIOSOS.	162
3.5.1 A Jurema.	163
3.5.2 As religiões da floresta: o Santo Daime.	164
3.6 A presença do Cristianismo no Brasil.	168
CONCLUSÃO.	169
CAP. 4 – A CONVERSÃO RELIGIOSA.	173
INTRODUÇÃO.	173
4.1 A FÉ COMO EXPERIÊNCIA PESSOAL.	175

4.2	A FÉ COMO CRENÇA.....	177
4.3	OBSTÁCULOS DA FÉ.	178
4.4	FÉ E COLETIVIDADE.....	179
4.5	OS ESTÁGIOS DA FÉ.....	181
4.5.1	<i>As variedades das formas da fé.....</i>	<i>183</i>
4.6	<i>As etapas de Fowler.....</i>	<i>186</i>
4.7	<i>Níveis de vulnerabilidade.....</i>	<i>189</i>
4.8	AS RAZÕES DA MUDANÇA.....	191
4.9	EXEMPLOS DE CONVERSÃO.....	202
4.9.1	<i>Teresa de Ávila.....</i>	<i>203</i>
4.9.2	<i>Allan Kardec.....</i>	<i>208</i>
4.9.3	<i>Depoimentos de respondentes.....</i>	<i>209</i>
4.10	O PEREGRINO E O CONVERTIDO.	210
	CONCLUSÃO.....	213
CAP. 5 MOTIVAÇÕES PARA A CONVERSÃO AO ESPIRITISMO NO BRASIL E		
TRABALHO DE CAMPO.		
	INTRODUÇÃO.	216
5.1	AS TEORIAS CENTRAIS DO ESPIRITISMO.....	219
5.2	OS OBJETIVOS E HIPÓTESES DA PESQUISA.	223
5.3	A METODOLOGIA E SEUS INSTRUMENTOS.....	225
5.4	O PERFIL DO ESPÍRITA.....	226
5.4.1	<i>Sexo, idade, escolaridade e renda.....</i>	<i>227</i>
5.4.2	<i>Religião anterior, idade de início, contato inicial, contato com a literatura espírita e, religião com menos afinidade.....</i>	<i>232</i>
5.5	<i>Prática e aceitação do Espiritismo.</i>	<i>247</i>
5.6	OS FATORES MOTIVACIONAIS PARA A CONVERSÃO AO ESPIRITISMO.	250
	CONCLUSÃO.....	257
	CONCLUSÃO.....	260
	BIBLIOGRAFIA	269
	APÊNDICE A - QUESTIONÁRIOS DA PESQUISA.....	275
	APENDICE A1 - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA NR 1(ANVERSO)	276
	APENDICE A2 - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA NR 1(VERSO)	277
	APÊNDICE B - TABELAS	279

INTRODUÇÃO.

O Espiritismo foi introduzido no Brasil na segunda metade do século XIX, cercado de curiosidade de muitos, e de um respeito filosófico e quase religioso por outros. Gradativamente, o kardecismo passou a ser considerado uma religião, ou uma atividade social relacionada com o sagrado e com o sobrenatural. Desde então, as práticas espíritas, crescentemente sob o manto religioso, passaram a atrair pessoas que, ou professavam uma dupla pertença, ou então fizeram seu trânsito religioso na direção do kardecismo. Chamamos esse trânsito de conversão e o tomamos como objeto de estudo neste texto. A passagem da dimensão profana para a do sagrado depende de se explicar o que se entende por sagrado. Peter Berger escreveu que “por sagrado entende-se aqui uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia, relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência.” (BERGER, 1985, p. 38).

O tema em questão, a conversão ao Espiritismo¹ no Brasil ganha relevância na medida em que as pesquisas independentes tais como (DATAFOLHA, 2007) e o Censo do IBGE 2012, (IBGE, 2012) apontam para um crescimento significativo do número dos seguidores da Doutrina Espírita no Brasil. O Brasil vem sendo considerado o país onde existem mais espíritas no mundo e esse número vem crescendo ao longo do tempo: de 463.400 adeptos em 1940, para 3.848.876, em 2010. Essa quantidade de adeptos não cresceu apenas em números absolutos, mas também em proporção à população brasileira: 1,12% da população, em 1940, para 2,02%, em 2010. A posição de terceira religião com mais adeptos no Brasil torna o Espiritismo um fenômeno social a ser mais bem estudado. Com pouco mais de 150 anos de existência, o Espiritismo ganhou no Brasil um status de prevalência sobre muitas religiões que estão no campo religioso há muito mais tempo. Soma-se a isso, as particularidades do perfil do espírita brasileiro, caracterizado pela escolaridade, pelo nível social e pelo estudo.

Aqui se vai usar o termo kardecismo, para diferenciar a Doutrina Codificada por Allan Kardec, das outras expressões religiosas que utilizam a mediunidade como forma de culto. O povo brasileiro se acostumou, desde há muito tempo, a associar o Espiritismo com as religiões africanas, tendo em vista que, num primeiro momento, quando aqui chegou, a Doutrina Espírita se ocupou da mediunidade com prática comum, na ação terapêutica dos

¹ Neste trabalho consideramos Espiritismo a versão divulgada no Brasil, desde a metade do século XIX, por meio dos ensinamentos sistematizados por Allan Kardec, pseudônimo do pedagogo francês Hippolyte-Léon Denizard Rivail (1804 - 1969).

receituários mediúnicos e nos trabalhos de assistência à perturbação espiritual. Tem-se como relevante observar que o Espiritismo é uma religião de origem europeia, que não cruzou com matrizes africanas ou indígenas, antes da sua chegada em território brasileiro, e que seus seguidores, conquanto respeitem todas as religiões, têm lutado pela confirmação de sua identidade científica, filosófica e religiosa, que nasceu dos estudos científicos dos fenômenos mediúnicos presenciados por Kardec.

Nesta tese toma-se como questão básica a ser respondida a pergunta: por que tantos católicos e evangélicos, e alguns orientais e seguidores da Umbanda, e das religiões afro-brasileiras, e até mesmo pessoas sem nenhuma religião se tornaram espíritas em tão grande número? Quais as razões mais preponderantes na conversão ao Espiritismo? Como esses convertidos entraram em contato com o Espiritismo? Qual o perfil desses convertidos? Quais os indicadores (variáveis) relevantes para a mensuração da migração religiosa ao Espiritismo, no Brasil?

A pesquisa e a observação aqui empreendidas levaram a selecionar diversas hipóteses para a migração religiosa para o Espiritismo no Brasil, são elas: pelo descontentamento com a sua religião anterior; por entender que o Espiritismo oferece melhores explicações para as suas dúvidas; por acreditar que o Espiritismo atente melhor suas aspirações espirituais; por imposição de fatores sociais (melhoria de vida, reconhecimento por parte do grupo, facilidades de participação, simpatia pelos adeptos do Espiritismo, etc.); por imposição de fatores pessoais (mudança na maneira de pensar a vida, eventos significativos em sua vida, rompimento com paradigmas existenciais, etc.); para se proteger de forças maléficas; por busca da salvação; para adquirir méritos espirituais; pelo contato com fenômenos sobrenaturais (visões, vozes, etc.); para obtenção de cura espiritual de males físicos ou mentais; pela simpatia para com a literatura espírita; pela curiosidade da prática mediúnica (brincadeira do copo, psicografia, etc.); e, pela crença nos princípios espíritas. Dentre estas hipóteses, se trabalhará com as três consideradas mais relevantes pelo autor, pela ordem: 1º - simpatia pelos princípios espíritas; 2º - obtenção de cura de males físicos e mentais; e, 3º - Por imposição de fatores pessoais (principalmente, a mudança da maneira de pensar a vida).

Foi no Brasil que o Espiritismo se tornou realmente uma religião, e isso porque as necessidades do povo brasileiro estão mais voltadas aos problemas humanos e à necessidade de uma fé que fortalece a resistência das pessoas às dificuldades da vida. Além disso, os recursos científicos que Kardec e a Europa dispunham a essa época eram muito superiores aos recursos de pesquisa disponíveis no Brasil. A França vivera uma revolução de libertação

social e do pensamento, onde a religião foi hostilizada e a laicidade eleita como padrão social. O Brasil, ainda vivendo um império que recém tinha saído da fase colonial, se sustentava nos braços do catolicismo, profundamente arraigado na cultura do povo. Um país com esse envolvimento religioso carecia de uma proposta também religiosa para tentar substituir a cultura existente. Por aqui, foram raríssimos os fenômenos físicos, como os que deram início à pesquisa científica nos Estados Unidos e na Europa. Os ventos do iluminismo só agitavam as classes mais favorecidas e uma proposta de grande mudança social, só seria possível se outros vetores sociais, como a economia, a política e educação tivessem sido atingidos.

O estudo levado a efeito nesta tese é importante na medida em que trabalha com um tema muito pouco explorado pelos acadêmicos brasileiros: a motivação para a conversão ao Espiritismo, no Brasil. Além disso, este trabalho mapeia o posicionamento de espíritas em todo território nacional, dando uma visão ampla e rara de como anda a adesão dos espíritas brasileiros à prática e aos princípios de sua religião. Esta tese, então, tem como objetivo estudar o processo da conversão religiosa. Particularmente, a conversão religiosa para o Espiritismo no Brasil, com foco nas motivações que, em nosso tempo, levaram esses convertidos a escolherem a Doutrina Espírita como religião de destino. Na marcha do Espiritismo no Brasil as motivações para a conversão foram se modificando, como mostram os resultados das pesquisas realizadas por Candido Procópio Ferreira de Camargo, no início da década de 1960 (CAMARGO, 1961), em comparação com as pesquisas realizadas com este trabalho.

Para isso, julga-se necessário conhecer o que seja conversão, quais os conceitos relacionados com esse fenômeno, como a fé, o encantamento e o desencantamento com as propostas religiosas, e a opção decorrente da propaganda, proselitismo, ou *marketing religioso*. É necessário também conhecer o Espiritismo, suas origens, suas ideias e sua ambientação em solo brasileiro; as características do campo religioso brasileiro e as forças que interagem favorecendo ou dificultando o estabelecimento do Espiritismo no Brasil.

Preferiu-se, aqui, manter o termo conversão para caracterizar a mudança de religião. Alguns autores, como Paula Monteiro consideram,

o conceito weberiano de “conversão”, que até muito recentemente explicava o complexo processo subjetivo de adesão a um novo credo, não parece mais capaz de elucidar essas rápidas idas e vindas entre religiões aparentemente tão díspares entre si: um processo interior em que a consciência religiosa não acusa, pelo menos à primeira vista, incongruências cognitivas. (ALMEIDA e MONTEIRO, 2001).

Nesse sentido, o termo “trânsito religioso” é o mais adequado para representar uma pertença fugaz ou, uma múltipla pertença em que o indivíduo constrói pontes entre as suas religiões de preferência colhendo aqui e ali de forma simultânea ou não, a satisfação das suas necessidades espirituais. No entanto, nesta tese, se procurou trabalhar com respondentes para os quais a opção pelo Espiritismo tenha sido uma escolha mais duradoura, como forma de poder obter desses respondentes as motivações para a mudança de religião. Conversão, como se entende aqui, é a modificação dos padrões de vida pela adoção de princípios de uma determinada religião, que faz o indivíduo dedicar parte do seu tempo à prática e ao estudo dessa religião, passando a viver segundo as suas novas convicções.

Considerando que a Doutrina Espírita advoga princípios como o da reencarnação e o da vida após a morte, que também são aceitos por pessoas que não são espíritas, a expressão “convertido ao Espiritismo” neste trabalho, vai caracterizar aquelas pessoas que realmente se tornaram espíritas, não só pela aceitação dos princípios espíritas, mas pela intensão de tornar a proposta espírita como um fundamento da vida. Como o Espiritismo não obriga, nem condiciona a adesão às suas fileiras a nenhuma forma de participação ou confirmação de crença, neste trabalho, apenas para efeito de triagem dos respondentes, se buscou identificar no respondente algumas características que permitissem classificá-lo como espírita. Dentre essas características destacamos o entendimento e aceitação dos princípios espíritas, da forma como o Espiritismo kardecista propõe; a frequência ao Centro Espírita; a leitura de publicações espíritas, etc.

A conversão no contexto atual continua se definindo prioritariamente em torno da mudança comportamental e da vinculação institucional, mas incorpora a esse processo as experiências religiosas que não estão institucionalizadas e que podem garantir da mesma forma intenso sentimento de mudança nos hábitos cotidianos e nos modos de auto representação dos indivíduos. (FERNANDES, s.d., p. 47).

A palavra conversão, também permite uma melhor comunicação entre o pesquisador e os pesquisados. De maneira geral todos entendem o significado de conversão religiosa como adoção de uma nova religião e, o uso desse termo nos questionários da pesquisa facilitou muito a uniformidade de interpretação e de respostas aos quesitos propostos. Muitos outros teóricos da religião usaram o termo conversão para se referir à mudança de religião, como, por exemplo, Candido Procópio Ferreira de Camargo: “os pesquisadores, embora familiarizados com as hipóteses da pesquisa, deixaram o entrevistado expor livremente - o que faziam em geral e de bom grado e com transbordante eloquência - os motivos de sua conversão e adesão”. (CAMARGO, 1961, p. XVII); e, Antônio Flávio Pierucci: “A

conversão, posto que mudança de uma religião de origem para uma religião de escolha, descreve um movimento propriamente dito de mobilidade social.” (PIERUCCI, 2006, p. 111).

A religião caminha lado a lado com o ser humano, desde muito tempo. Há no ser humano a necessidade de se relacionar e se identificar com o sagrado. Além da compreensão das coisas existe um vazio que incomoda e motiva o indivíduo a buscar o seu entendimento. Questões como condição humana, destino, virtude, estado da alma e outras relacionadas com o sentir-se bem espiritualmente são apropriados pela religião que, fora do mundo da realidade conhecida, cria teorias para a realidade desconhecida, mas experimentada e vivida. Quando uma criança nasce, vulnerável a um sem-número de ameaças, a mãe a cerca de todos os cuidados possíveis. Mas, existem lados descobertos, para os quais os meios materiais não dão cobertura. A mãe sabe disso e então recorre a outras esferas de confiança e ajuda. A mãe apela para algo que para ela é mais poderoso do que os meios que ela já empregou para a proteção do filho e deposita nessa força ou sistema a sua confiança, a sua segurança e a da sua família.

Quando um filho vai para a guerra a frase comumente ouvida é: “Deus te proteja”, “Vai com Deus”, ou coisa semelhante. Ao dizer isso, a mãe que se despede, não está colocando esse filho sob a proteção das estratégias e táticas de guerra, nem sob a guarda de recursos tecnológicos, mesmo os mais avançados. A esperança última, é que para além da proteção oferecida pelos recursos da tática e da tecnologia desenvolvida pelos homens, funcione a proteção de forças ainda maiores. É comum se ver um atleta que vai enfrentar uma competição utilizar mecanismos simbólicos de chamada dessa proteção extra: amuletos, gestos, orações, sinais, demonstrações individuais e coletivas da busca dessa proteção, quando não recorre a essa força invisível para pedir ou exigir o sucesso, a vitória.

Dentre os muitos caminhos e ambientes onde se possa perceber, sentir e encontrar esse recurso invisível, a religião é um deles. A religião, que neste contexto é a reunião de todos os recursos espirituais de apoio à vida, oferece variadas formas de acesso a esse auxílio extraordinário, a esse poder misterioso e poderoso, no dizer de Peter Berger (BERGER, 1985) Com o tempo a religião vai construindo um diálogo com esse poder e materializa a utilidade desse poder através de rotinas de acesso, reverência, trocas e negociações a que o indivíduo se acostuma. Aceitamos aqui como religião o conceito de Berger exposto em *Dossel Sagrado*: “A religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmo sagrado. Ou por outra, a religião é a cosmificação feita de maneira sagrada.” (BERGER, 1985, p. 38).

Assim, é possível aceitar que o comportamento diante do sagrado se caracteriza por uma busca daquilo que falta para dar paz e tranquilidade. Mesmo estando em uma religião, a pessoa pode conhecer outras formas de diálogo com aquilo que sente completar as suas

necessidades espirituais. Nestes tempos modernos, há mais liberdade para olhar as propostas de outras organizações religiosas e conhecer, sem se desfiliar da religião a qual pertence.

Setores diversos da população empreendem essa procura espiritual, sem às vezes excluir a religião de pertença, por vezes abandonando-a, para ingressar em novas expressões como os pentecostais, os cultos afro-americanos ou neo-orientais, ou ainda, em organizações espíritas e exotéricas. (CIPRIANI, ELETA e NESTI, 2000, p. 120).

As raízes das crenças primitivas permanecem subjacentes ao depósito de novas crenças que surgem e se impõem em cada fase da evolução ou desenvolvimento de um povo. As tradições religiosas constroem ligaduras entre as velhas credences e as novas maneiras de se comunicar com o sagrado. Em algumas culturas das Américas que receberam o Catolicismo por via da colonização ibérica as velhas formas de religião indígenas dos povos incas, astecas e maias impõem práticas que se misturam e mesmo transformam as práticas católicas. Os antigos deuses não morreram, mas continuam presentes atrás dos altares das igrejas modernas. É o peso da tradição e da cultura. O medo de abandonar a crença e a reverência às antigas divindades fazem os fiéis das religiões cristãs, conviverem com uma variedade enorme de práticas que vão desde simples orações e mandingas, até a prática de sacrifícios de animais e oferendas de primícias.

Um dos primeiros a se debruçar sobre o misticismo da religiosidade brasileira foi, Roger Bastide. Para ele um fenômeno se torna religioso quando se apresenta como uma presença mística. Essa experiência mística fundante, tal como foi intensamente vivida por místicos católicos, entre outros Santa Teresa de Ávila (1515 - 1582) e São João da Cruz (1542 - 1591), transforma o que é uma simples concepção ou crença, em algo que transcende o cotidiano e alcança o sobrenatural. A essa altura o que é apenas um sistema de ideias, uma filosofia, se torna uma religião. (BASTIDE, 2006).

O Catolicismo que vingou no Brasil, desde o início da colonização, foi uma expressão do Catolicismo ibérico. Esse Catolicismo brasileiro, diferente do Protestantismo mais discursivo, lógico ou racional, ajudou a criar uma matriz religiosa cuja “prática católica, em si mesma não é discursiva em essência, é ritual, mística e sacramental” no dizer de Antonio Gouveia Mendonça (1922 - 2007) (MENDONÇA, 1984). Foi assim, cremos nós, que a sociedade brasileira se tornou um imenso laboratório de crenças e experiências religiosas, que o início da modernização e do processo de pluralismo da segunda metade do século XIX, foi acolhendo novas maneiras de se experimentar o sagrado.

Nessa época chega o Protestantismo, hoje dito “histórico”, “essencialmente lógico”, no dizer de Mendonça (MENDONÇA, 1984, p. 11), novas filosofias, como o positivismo, a franco-maçonaria e as ideias de Hippolyte-Léon Denizard Rivail (1804 - 1869) - Allan Kardec. O caldo cultural existente transformou até o positivismo de Augusto Comte em uma religião e faria o mesmo com as ideias e releituras da tradição cristã de Kardec. Nesse cenário, como entende Roger Bastide, o profano se tornaria sagrado e o sagrado selvagem iria se transformar “um sagrado domesticado”. (BASTIDE, 2006). As experiências místicas seriam apropriadas por intelectuais e camadas populares, num processo que fez do Espiritismo, originalmente uma filosofia, uma religião.

Como nenhuma espécie de conhecimento consegue abarcar e responder a todas as questões, também uma religião, apenas, não consegue dar respostas a todas as indagações do ser humano. Some-se a isso, que cada indivíduo absorve crenças segundo o seu grau de entendimento e experiência da vida. Uma pessoa que imagine ter visto uma assombração dificilmente consegue racionalizar o que viu, isto é, não tem condições de explicar o que presenciou, porque as suas experiências de vida e as explicações disponíveis não tem coerência para ela. Então, essa pessoa se volta para uma solução mágica, prática, milagrosa, que parece funcionar, pelo menos para afastar o incômodo, o desconforto que a experiência incomum lhe gerou. “A magia na vida religiosa é muitas vezes, procurada também pelos crentes que, achando-se fora da racionalidade tradicional e vendo o declínio do tradicional sistema de integração religiosa, procuram outras respostas para vencer a sua incerteza”. (CIPRIANI, ELETA e NESTI, 2000, p. 121).

A magia na vida religiosa é muitas vezes, procurada também pelos crentes que, achando-se fora da racionalidade tradicional e vendo o declínio do tradicional sistema de integração religiosa, procuram outras respostas para vencer a sua incerteza. (CIPRIANI, ELETA e NESTI, 2000, p. 121).

A religião como forma institucionalizada e a magia como recurso de emergência se tornam, então, a mistura ideal para a tentativa de soluções de problemas. Quantos não são os que no desespero da doença, para a qual a medicina científica não tem poder de solução, não recorre a qualquer mecanismo de cura para ver aliviada a sua aflição? Quantos dos cristãos católicos e protestantes, por exemplo, não batem nas portas dos terreiros a fim de se livrar de uma perturbação, um “encosto”, como se diz, quando está convencido de que os recursos científicos e as práticas das suas religiões não conseguem oferecer um alívio ou uma solução?

Em muitas religiões se prega que a força da fé pode “remover montanhas”, mas a fé é uma força interior que nem todos possuem ou sentem, em condições tais para produzir o movimento da montanha. Ter fé significa confiar. Ter fé significa ter a esperança que faça o indivíduo acreditar que a solução virá. A dor, o sofrimento, a privação, são forças centrípetas que fazem o indivíduo buscar fora de si mesmo o lenitivo para suas desgraças. Assim, a fé é construída por um movimento pulsante que se enfraquece ou fortalece no indivíduo na medida em que suas expectativas são frustradas ou satisfeitas. Usando a alegoria bíblica, são poucos os que têm a paciência de Jó, que foi testado por Deus de todas as formas para ter verificada a sua fé. O ser humano, de maneira geral, é mais imediatista e reclama providências mais rápidas. Por isso, quando sai a campo a procura de sistemas que satisfaçam as suas necessidades, passa a se associar àquela oferta mais interessante e mais promissora.

Cada religião, então, apresenta as suas formas e fórmulas para requisitar a ajuda e a proteção desse poder. Cada indivíduo, ou grupo, a partir daí passa a ter a possibilidade de escolher entre as opções oferecidas aquela que mais lhe agrada ou a que ofereça melhores resultados. Existem aspectos econômicos, afetivos, psicológicos e sociais que juntos ajudam o indivíduo nessa escolha. No entanto, a permanência de uma pessoa em determinada religião depende fundamentalmente da própria pessoa se sentir bem, protegida e assistida pelo poder que essa religião representa.

Religiões cativam seguidores de diversas formas: pela força, através do poder de um Estado ou de uma liderança; pelo carisma de um líder; pela pressão do ambiente familiar ou de convivência; pelas ideias que adota; pelos serviços que oferece; e, pelo acolhimento que proporciona. Uma vez inserido em uma religião, ou mesmo sem pertencer a nenhuma religião, todo indivíduo pode mudar a maneira de enxergar a realidade em que vive e decidir mudar de crença. Os processos de mudança variam de indivíduo para indivíduo, no entanto, geralmente, passam pelos estágios de desencantamento com a religião adotada, busca de outras propostas e direções, experimentação de novo ambiente religioso, desligamento ou modificação dos princípios e práticas anteriormente adotados e, assunção da nova religião.

A migração religiosa é um fenômeno razoavelmente estudado e se caracteriza, em linhas gerais, pela alternância temporária ou definitiva que as pessoas fazem entre uma religião e outra. Como cada religião apresenta características próprias e não raras vezes obriga seus seguidores a práticas típicas e até mesmo a se afastar do contato das outras religiões, uma mudança de crença gera diversos conflitos que o novo crente deve enfrentar. Isso indica que para haver a mudança deve existir, a priori, um conjunto de motivações que compensem os desgastes dessa mudança de ambiente, de práticas e de respostas para as questões pessoais

relativas à vida. O Espiritismo, particularmente, apresenta uma concepção singular dos fenômenos da vida e concilia alguns conceitos que outras religiões consideram conflitantes e inaceitáveis. Sendo assim, uma migração de qualquer religião para o Espiritismo deve ser precedida de um envolvimento mais profundo com essa concepção e, mais ainda, deve conter motivações fortes, para suportar o enfrentamento de diversos preconceitos e dificuldades.

A metodologia utilizada neste trabalho compreendeu uma pesquisa bibliográfica, para o levantamento de informações históricas do Espiritismo no Brasil e na França, por ocasião do seu surgimento e, para o estudo do fenômeno da conversão e das suas manifestações. Para fundamentar a nossa argumentação realizamos uma pesquisa de campo. Distribuímos pela Internet e em papel um questionário, reproduzido no Anexo A, que foi respondido por 2.280 pessoas em mais de 470 cidades, representando todos os estados da federação. O acesso aos questionários foi bastante facilitado pelo uso da internet, e pela colaboração de alguns respondentes que divulgaram a pesquisa entre seus contatos.

No texto inicial do questionário alertamos o respondente para as finalidades e objetivos, da pesquisa, o qual foi aprovado pela Comissão de Ética, ressaltando que os respondentes deveriam ser pessoas que se converteram ao Espiritismo, vindos de outras religiões, ou mesmo sem ter tido nenhuma religião anterior. Nesse texto inicial, se procurou deixar claro os objetivos e a finalidade da pesquisa. A distribuição dos questionários não privilegiou nenhum grupo social, nenhum nível de renda ou escolaridade, nem sexo, nem origem religiosa; apenas foram descartados os depoimentos dos respondentes que não apresentaram de forma clara as suas motivações para a conversão ao Espiritismo, ou aqueles que declararam terem se tornado espíritas antes dos 13 anos, pelos motivos que serão apresentados mais adiante.

O conteúdo principal desta tese foi dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, *O Espiritismo e suas origens*, são apresentadas as origens do Espiritismo, como e por que ele surgiu na França, precedido pelos fenômenos ocorridos no Estados Unidos, ainda no século XIX, os *raps* - batidas produzidas em móveis e paredes aos quais se atribuía a intervenção de espíritos. Nesse capítulo, também se vai apresentar a evolução do Espiritismo na Europa, a reação dos ambientes científicos e religiosos, de forma a compreender a recepção das ideias espíritas em seu tempo de iniciação. É apresentada, também, uma discussão sobre o Espiritismo ser, ou não, uma ciência e, ser, ou não, uma religião.

No segundo capítulo, *O Espiritismo no Brasil*, são apresentados os primórdios do Espiritismo brasileiro e os problemas que enfrentou interna e externamente, inclusive a

oposição das religiões dominantes do cenário religioso brasileiro e de alguns setores da ciência.

No terceiro capítulo, *O Universo religioso brasileiro: um terreno fértil para o Espiritismo*, são apresentados os atores que agem nesse campo religioso; o espaço que ocupam e sua influência na cultura religiosa nacional; e, as manobras de posicionamento do Espiritismo nesse ambiente religioso. Nesse capítulo, será conhecida a matriz religiosa brasileira, os fatores que deram origem ao perfil peculiar da religião no Brasil, e as alterações que essa matriz religiosa assimilou e modificou no modelo espírita brasileiro.

No quarto capítulo, *A conversão religiosa*, é discutido o processo da conversão. Faz-se uma análise do comportamento do converso antes e depois da conversão, quais os fatores que influenciam a conversão, e as fases de maior ou menor vulnerabilidade à mudança de religião. Trata-se da fé, como força de fixação do indivíduo em determinada crença, e também de como ela pode influenciar a mudança de religião. Nesse capítulo, ainda, são apresentados alguns casos de conversão, como forma de melhor compreender os processos de conversão e alguns dos principais fatores motivacionais da mudança de religião.

O quinto capítulo, *Motivações para a conversão ao Espiritismo no Brasil e trabalho de campo*, procura caracterizar as principais teorias defendidas pelo Espiritismo e que podem servir de motivação para a conversão. São expostas as condições em que foi executada a pesquisa que serve de base para este trabalho; os resultados obtidos, e a abrangência nacional do trabalho de campo. Esse capítulo mostra as motivações mais significativas para a conversão ao Espiritismo e algumas características da prática espírita desses convertidos, como forma de conhecer o quão próximos essas pessoas estão do Espiritismo kardecista.

Como apêndice, constam alguns instrumentos de pesquisa: questionários e orientações aos respondentes e colaboradores, bem como, uma coleção de dados estatísticos colhidos na pesquisa de campo.

CAPÍTULO 1 O ESPIRITISMO E SUAS ORIGENS.

Introdução.

O estudo das origens da religião está, certamente, ligado aos movimentos colonizadores da África, a partir do século XIX. Foi a época em que os etnólogos querendo estudar costumes, hábitos, comportamentos de alguns povos de cultura primitiva se aproximaram da África para investigar uma variedade grande de formas de religião. As teorias sobre religião, naturalmente tinham as suas diferenças, no entanto, havia um ponto em comum: a influência da teoria evolucionista que estabelecia uma progressão desde um ateísmo primitivo, até as grandes religiões monoteístas, mas antes passando por etapas diversas, “desde o medo diante dos fenômenos da natureza que ensejava o culto das forças naturais, como o *manismo*, o *animismo*, a magia, o *totemismo*, etc.” (JORGE, 1998, p. 85).

O animismo está na raiz de um grande número de religiões, as quais concebem a existência de um deus ou, de vários deuses, de seres especiais, anjos, demônios, ou mesmo a interferência das almas de pessoas mortas, assim como lugares especiais de origem ou destinação dos homens. Essa concepção tem origem nas experiências individuais ou coletivas, onde seres humanos afirmam ter tido contato com algo diferente daquilo que faz parte de seu ambiente material, da sua vivência cotidiana. São sonhos, visões, ocorrências inexplicáveis pelas causas comuns. “Da repetição dessas experiências nasce, pouco a pouco, essa ideia de que existe em nós um duplo, um outro nós mesmos que, em condições determinadas, tem o poder de abandonar o organismo em que reside e de ir vagar ao longe.” (DURKHEIM, 1989, p. 82). A forma de organizar esses elementos espirituais, dando-lhes significado e definindo suas características é uma das maneiras pelas quais as religiões de base anímica se diferenciam e são adotadas pelos seus fiéis. Esse processo é progressivo, no sentido de que evolui de representações singelas para um sistema complexo de ligações e explicações dos conceitos admitidos pela estrutura religiosa. É, no dizer de Pierre Bourdieu, “um processo de sistematização e de moralização das práticas e das representações religiosas” (BOURDIEU, 2005, p. 37).

Também o naturismo compõe o quadro primitivo das religiões. Por naturismo se entende o modo pelo qual a religião se baseia na natureza e seus elementos: rios, florestas, árvores, montanhas, animais, etc. Nessa vertente, esses elementos adquirem força e simbolismo, representando agentes que podem curar, fortalecer, proteger, motivar, e oferecer uma referência para a vida. Por animismo se entende o modo pelo qual a religião se baseia na

presença e interferências de seres espirituais. Dentre as práticas e representações religiosas, diversos fenômenos foram observados no seio das várias religiões que podem ser identificados com o que o Espiritismo chama de mediunidade. Mediunidade é, para o Espiritismo, a faculdade ou prática de comunicação com os espíritos dos mortos.

Segundo os espíritas, todas as pessoas possuem a capacidade de se comunicar com os espíritos dada a estrutura de tríplice organização que todo ser humano possui: um corpo, que é a parte densa e material; uma alma, ou espírito, que é a parte imaterial e um corpo etéreo, intermediário entre o estado da alma e do corpo, chamado de *perispírito*. O perispírito é o elemento responsável por permitir ao espírito agir sobre a matéria. Os vivos possuem corpo, perispírito e espírito. Os mortos só possuem perispírito e espírito. Durante toda a Idade Média a Igreja Católica havia lidado com fenômenos extraordinários que observava diuturnamente entre a imensa população europeia, tendo interpretado algumas dessas manifestações como a presença de Deus e, outras como a presença do demônio. A levitação das “mesinhas girantes”², por exemplo, fenômeno que invadiu a Europa na primeira metade do século XIX, pode ser comparada à levitação dos santos católicos na Idade Média:

Entre os fenômenos mais frequentes dos estáticos cristãos acham-se os espíritos da levitação. [...] Margarida da Hungria eleva-se no ar depois das comunhões. São Domingos, da Abadia de Castres, orava numa Igreja quando um frade, indo procurá-lo o encontrou entre o céu e a terra. O mesmo aconteceu a S. Bernardo, quando pregava aos monges no capítulo; a Santa Lutgarda, quando as religiosas cantavam o Veni Creator; a São Francisco Xavier, quando dizia a missa e comungava os fiéis; a Sto. Alberto, quando à noite, recitava os salmos, de joelhos, diante do crucifixo. [...] Durante as preces e a meditação, o fenômeno se repetia com Santo Inácio de Loyola, Santa Catarina de Sena, com a carmelita Catarina Texada, com Santo Estevão, rei da Hungria, com Ângelo de Milão, com Nicolau Fattori, com Gaspar de Florença, com Teresa, rainha de Castela, com Maria Gomez, com Camilo de Lellis, com Ângelo de Bressanone, Domênica do Paraíso, Francisca Olímpia, Úrsula Benincasa, Matias de Baseio, Maria Villani, Agnese de Assis, Joana d’Orvieto, Libera de Civitella, Pedro de Garde, Francisco de Assis. (LOMBROSO, 1999, p. 116).

Com o surgimento das ciências modernas e do método científico no século XVI, tornou-se possível analisar, ou pelo menos criticar os fenômenos chamados de sobrenaturais sob um critério mais lógico e menos teológico. Assim, ao julgamento teológico desses fenômenos feito na Idade Média sob o viés da religião foi sobreposta uma avaliação racional das novas filosofias e ciências surgidas no pós-renascentismo. Como igreja dominante, senão única, a Igreja Católica determinava como deveriam ser interpretados e ensinados os mistérios religiosos. Um antigo decreto carolíngio estabelecia que “todos os homens devem ser

² Nome pelo qual ficou conhecido, no século XIX, o fenômeno pelo qual, mesas se movimentavam sem aparente intervenção de nenhum agente físico, homem ou máquina.

constrangidos a aprender o credo e o pai-nosso, ou a profissão de fé”. As sanções para os homens eram “apanhar ou abster-se de todas e qualquer bebida, exceto água”, e, para as mulheres, “chicotadas ou jejum”. (JOHNSON, 2001, p. 273). Essa defesa intransigente da fé marcou a história com violentas repressões aos pensamentos divergentes - os protestos dos seus hereges. Disso nos dá exemplos fartos, a história: “os bogomilistas negavam que o Cristo houvesse fundado uma Igreja organizada; portanto, a doutrina católica sobre imagens, santos, o batismo infantil e o nascimento da Virgem, além de outros muitos tópicos, era falsa.” (JOHNSON, 2001, p. 302). Na verdade, essa intransigência vinha desde Constantino (272 - 337), que ao tornar o cristianismo uma religião oficial do Império Romano passou a perseguir os dissidentes, como os gnósticos e os esotéricos.

O mesmo aconteceu com os cátaros ou albigenses, no século XII, ou os valdenses - os “pobres de Lion” - todos julgados hereges e excomungados e perseguidos até a morte, tinham suas crenças divergentes em relação à doutrina e principalmente à prática eclesiástica da Igreja. A defesa da fé católica operava de diversas formas e mesmo ordens foram criadas para neutralizar o poder das heresias.

Inocência III, apesar de suas limitações, compreendeu de fato a essência desse problema com grande clareza e foi o único Papa a realizar uma tentativa sistemática de solucioná-los. Sua criação das ordens franciscana e dominicana – a primeira para bater os hereges em seu próprio jogo de pobreza apostólica, a segunda para pregar conceitos ortodoxos em termos populares – visava a empregar forças cristãs vulcânicas em objetivos institucionais. (JOHNSON, 2001, p. 303).

Mesmo após os furacões devastadores lançados pelas novas filosofias do século XVI, das pregações protestantes, e do iluminismo do século XVIII, a presença da Igreja continuou poderosa e controladora. Encontramos os seus ecos na Inquisição do século XIX, até a sua total extinção em 1965, após o Concílio Vaticano II. Essa ação repressora do pensamento foi uma constante das religiões que se aliaram ao poder secular na Europa, antes e depois da Idade Média. Nos Estados protestantes, também houve perseguições e martírios contra os que se opunham a seus postulados de fé. O desaparecimento de muitos textos gnósticos é outro exemplo da censura ferrenha conduzida pela Igreja no controle do que devia ou podia permanecer como eixo da ortodoxia.

Foi Agostinho quem primeiro chamou a atenção para esse e uma série de outros textos convenientes, a serem desfilados através dos séculos pelos apologistas cristãos da força. [...] Pela primeira vez, também, ele recorreu à analogia com o Estado, apelando de fato, à ortodoxia deste em aliança necessária e perpétua com a Igreja na extirpação dos dissidentes. (JOHNSON, 2001, p. 141).

O próprio Martinho Lutero entendia que, por exemplo, nos casos de bruxaria, as bruxas deveriam ser queimadas, pela sua ligação com o demônio. Em Wittemberg, a seu tempo, quatro dessas bruxas foram queimadas. Os protestantes se baseavam para isso em Êxodo 22:18, onde diz “não deixarás viver a feiticeira”. Ou, nas palavras de João Calvino: “a Bíblia nos ensina que há bruxas e que devem ser mortas (...) essa Lei de Deus é universal” (JOHNSON, 2001, p. 373). De qualquer forma, os movimentos culturais e religiosos já importantes a partir do Renascimento e que permitiriam o crescimento da liberdade de pensar fora da religião foram mais bem evidenciados com a Revolução Francesa. Nos séculos seguintes ao movimento protestante que quebrou a hegemonia católica, já haveria clima em alguns lugares da América e da Europa, mais notadamente nos Estados Unidos e na França, para o surgimento de uma filosofia focada no depoimento de espíritos dos mortos e no estudo de fenômenos sobrenaturais.

1.1 O iluminismo e sua postura antirreligiosa.

A pressão da Igreja sobre todos os sistemas sociais, desde os direitos do homem e suas liberdades, até às convenções comerciais, e aos sistemas políticos tinha chegado a um limite insustentável, principalmente quanto à sua influência política. O caso do rei inglês, Henrique VIII (1491 - 1547), em que o monarca instituiu uma Igreja para a Inglaterra, colocando-a fora da jurisdição de Roma, é um bom exemplo de como seria possível incentivar as divergências havidas em outros pontos da Europa, tendo em vista a incapacidade de Roma de atingir os ingleses que, basicamente, pouco se importavam com a desfiliação romana, capitaneada por Thomas Cromwell, o encarregado de fazer funcionar a nova política do Rei.

De fato, ao examinarmos os relatórios de Cromwell, que nos permitem ver a reforma em âmbito local, não encontramos tanto os conflitos religiosos ou ideológicos quanto um complicado pântano de hostilidades e ressentimentos pessoais, invejas, rivalidades jurisdicionais, disputas provinciais e, pura irascibilidade. (JOHNSON, 2001, p. 355).

A mudança no quadro religioso da Europa se deu mais em virtude de contendas no meio das classes superiores e cultas. O povo era arrastado para essa ou aquela posição movido pela necessidade de manter-se dentro do contexto de suas lideranças, impossibilitados que estavam de discernir entre essa ou aquela teologia. A grande maioria não sabia ler e pior, não

havia o que ler fora das abadias e dos mosteiros. Mesmo entre os prelados católicos a resistência às mudanças propostas pelos protestantes não era considerável. O patrulhamento da Igreja destruía os textos divergentes, assim como também seus produtores. Os autos de fé se multiplicaram na tentativa de negar ao povo o acesso às opiniões contrárias. Não fora a intervenção de Felipe II (1527 - 1598), rei da Espanha, interessado em manter a sua “própria Igreja Católica”, uma vez que era mais poderoso nessa época do que o próprio Papa, talvez a investida protestante tivesse tido mais êxito.

Os interesses de Felipe II iam, desde a necessidade de neutralizar a influência turco-otomana, como também a de frear a ameaça protestante, e para isso era útil a sua ligação com Roma. Não faltava dinheiro ao monarca, já que o novo mundo era pródigo de riquezas e financiava seus empreendimentos.

A essência da Contrarreforma, logo, foi o poder espanhol. Não foi um movimento religioso. Não havia um programa específico que não a determinação negativa de extirpar o “erro” protestante. Não envolvia qualquer reforma substancial da Igreja, e não personificava mudança de atitude de parte do pontificado. [...] Até cerca de 1540, os indícios de consistórios secretos mostram que muitos dos cardeais estavam dispostos a ceder às demandas protestantes no tocante ao casamento dos clérigos, à comunhão dos dois tipos, às traduções vernáculas das Escrituras, à justificação pela fé, aos dias festivos, aos jejuns e a muitos outros pontos controversos. (JOHNSON, 2001, p. 359).

Mas enquanto a retórica geral centralizava-se na salvação das almas, fosse por que método fosse, em seus destinos no outro mundo, a realidade da vida forçava à conciliação com a materialidade deste mundo, onde se plantava e se vendia, se ganhava e se comia. Por sua vez, a medicina querelava com o curandeirismo, a astronomia com a astrologia, a química com a alquimia. A indústria náutica avançava sobre descobertas territoriais palpáveis, mediante novas técnicas de navegação e construção naval, destruindo o horizonte fantástico do fim do mundo onde o oceano se acabava nas costas de um elefante. Foram, afinal, as pressões econômicas que obrigaram a sociedade a mudar e com ela as concepções de vida. Seria o dinheiro que criaria a motivação para a maioria das coisas, o progresso das ciências, das técnicas agrícolas e de produção, a explosão da abóboda celeste pelas teorias de Copérnico e pelas lentes de Galileu, antes tão próxima e agora tão fantasticamente distante. Seria o fator econômico que abrigaria a primeira e segunda Revoluções Industriais dos séculos XVIII e XIX, no *aburguesamento* das estruturas sociais vigentes, e na quebra do monopólio do conhecimento fabril, dominado pelas guildas medievais.

A religião, nesse contexto, não teve forças para duelar com a economia. As instituições religiosas sugavam recursos sem os repor e nada produzia de materialmente sustentável para a sociedade. Eram numerosos os apaniguados das diversas paróquias, sustentados com o trabalho quase escravo nas possessões da Igreja. Multiplicavam-se os redutos eclesiais que se nutriam do turismo religioso, procissões e venda de relíquias. Um movimento de reforma institucional era necessário e não tardou a surgir. Em 1781, o imperador José II (1741 - 1790), imperador do Sacro Império Romano-Germânico tomou suas providências: acabou com a perseguição e instituiu uma tolerância religiosa. “Setecentas casas religiosas foram fechadas, somente ordens utilitárias tiveram permissão de sobreviver, e trinta e oito mil monges ficaram sem rumo.” (JOHNSON, 2001, p. 429).

Na Toscana, Leopoldo (1747 - 1792), irmão de José II, taxou as rendas clericais que iam para Roma, aboliu o tribunal do núncio, suprimiu conventos e transferiu hospitais aos leigos, pôs fim à Inquisição e ao controle da cúria sobre as ordens religiosas. Providências semelhantes foram verificadas em toda a Europa. Tal movimento se tornou conhecido como processo de secularização. Por meio dele o que era domínio do religioso passava a ser laico. Paradoxalmente, essas mudanças tardavam a chegar à França onde o clero era numeroso e onde a onda Iluminista tivera origem.

Em Angers, por exemplo, que contava com uma população de trinta e quatro mil habitantes, em 1789, havia setenta e dois cônegos e mais de quarenta clérigos paroquiais, além de enorme número de parasitas clericais (em sua maioria padres) na catedral, e, na paróquia e igrejas colegiadas, sessenta monges, quarenta frades e mais de trezentas freiras. Um em cada sessenta cidadãos era sacerdote, sem incluir os sacristãos tonsurados e estudantes do seminário. (JOHNSON, 2001, p. 430).

Em poucos anos, no entanto, cresceu a intolerância às vistas dos excessos dos monges. Na mesma Angers onde grassava o abuso, muitos religiosos foram presos e mortos. Na “descristianização por imersão”, os clérigos eram amarrados em duplas e atirados ao rio. “A separação formal entre a Igreja e o Estado foi decretada em 1795, o país tornou-se uma república em 1798 e o Papa Pio VI (1777 - 1799) foi declarado prisioneiro francês, morrendo em Valência em agosto de 1799.” (JOHNSON, 2001, p. 437). Há uma frase de Jean Meslier que se tornou símbolo desse pensamento anticlerical. Jean Meslier nasceu nas Ardenas, território francês, vivendo no período de 1664 a 1729. É-lhe creditada participação no movimento precursor do materialismo e do anarquismo: "Je voudrais, et ce sera le dernier et

le plus ardent de mes souhaits, je voudrais que le dernier des rois fût étranglé avec les boyaux du dernier prêtre."³.

Na realidade, Meslier foi um pensador que expressou os primeiros bocejos de cansaço da sociedade de seu tempo para os sistemas monárquicos da Europa que privilegiavam enormemente os “culotes”, as batinas e o “sangue azul”. Meslier foi considerado um padre ateu, seja lá o que for isso, cuja obra, publicada sob a forma de um testamento legado a seus pais, negava a existência de Deus, pela existência do diabo, isto é, se existisse o diabo, não poderia existir Deus. Seria interessante vê-lo tentar o contrário, isto é, negar a existência do demônio, a partir da existência de Deus. Mas isso, ao que tudo indica não lhe passou pela cabeça.

Meslier dizia-se decepcionado com o modelo de governo e a forma como a desigualdade promovia a infelicidade do ser humano. Ele identificava, na nobreza e no clero, as duas principais formas de exploração do povo, o que agressivamente expressou na sua frase famosa, transcrita acima. Suas ideias influenciaram alguns iluministas, como Voltaire - François Marie Arouet (1694 - 1778) - que dizia que todo homem honesto deveria ter uma cópia do testamento de Meslier em seu bolso. A frase de Meslier exprimia uma profecia – a da derrocada do poder clerical na França. Naquela época os sinais de esgotamento de sistemas políticos, econômicos ou religiosos podiam ser percebidos décadas antes da eclosão do movimento que os transformasse ou substituísse. A falência do sistema colonial, no Brasil, e mesmo do sistema monárquico, deu sinais inequívocos, muito antes do 7 de setembro de 1822. Faz parte da história o desenvolvimento de transformações que vão se fortalecendo ao longo do tempo, aliciando pouco a pouco a opinião das massas e tornando essas transformações inevitáveis. A invenção da imprensa multiplicou a facilidade de se divulgar ideias e dificultou a censura sobre elas. Desde quando o ser humano conseguiu registrar e manter informações em blocos de argila ou folhas de papiro alguém se sentia ameaçado por isso. Um livro é destruído com a intenção de aniquilar a memória que encerra, isto é, o patrimônio de ideias de uma cultura inteira. Faz-se a destruição contra tudo o que se considera ameaça direta ou indireta a um valor considerado superior. (BÁEZ, 2006, p. 24).

A lógica para a destruição da memória ou da influência das ideias contidas em livros pode ser tão absurda ou terrivelmente simplista como a célebre resposta de Omar I (586 – 644), segundo sucessor de Maomé (570 - 632), ao comandante muçulmano Amrou ibn al-Ass, após este consolidar a conquista do Egito, que indagara do destino a ser dado à Biblioteca de

³ Eu gostaria, e este será o último e o mais ardente dos meus desejos, eu gostaria que o último dos reis fosse enforcado nas tripas do último padre. – tradução nossa

Alexandria: “Se os livros contém a mesma doutrina do Corão, não servem para nada, porque são repetitivos; se os livros não estão de acordo com a doutrina do Corão, não há razão para conservá-los”. (BÁEZ, 2006, p. 70). De qualquer modo a expansão do livro impresso em papel era inevitável. A produção do papel podia ser obtida de forma relativamente fácil e até artesanal e as gráficas passaram a ser um ótimo investimento a partir do grande interesse pela leitura que uma parte da população demonstrava. Os primeiros livros impressos no Ocidente foram produzidos em Mainz, entre 1454 e 1457 [...] Em 1500, já havia setenta e três gráficas na Itália, cinquenta e uma na Alemanha, trinta e nove na França, vinte e quatro na Espanha, quinze nos Países Baixos e oito na Suíça. (JOHNSON, 2001, p. 323).

Os constantes choques entre a religião conservadora e a ciência inovadora, a partir do século XVI, vão criar o clima propício para o aparecimento de novos movimentos filosóficos e religiosos. Como um produto do seu tempo (Século XIX) o Espiritismo se apresentou como uma proposta de ressignificação de elementos já evoluídos dentro das religiões e filosofias. O Espiritismo irá usar como plataforma de projeção de suas ideias, conceitos de Deus, da criação, dos espíritos, do destino dos homens, conceitos estes, presentes na cultura religiosa desde há séculos para lançar sua proposta de filosofia religiosa. Da cultura iluminista o Espiritismo extraiu a racionalidade pela qual constrói seu sistema interpretativo dos elementos religiosos presentes; do ideário cristão tirou o aspecto ético com que privilegia virtudes como o amor, a caridade, a fraternidade e o perdão; e, da ciência adaptou o seu método investigativo para analisar o que chama de manifestação espiritual, aproveitando a ocorrência de fenômenos estranhos, por exemplo, as “mesinhas girantes” - para romper as barreiras do plano anímico.

“Mesinhas Girantes” – *tables tournantes* – foi como ficou conhecido o fenômeno que se tornou popular em meados do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos. Consistia na movimentação de pequenas mesinhas, sem a ação aparente de nenhuma pessoa ou força visível. As pessoas se reuniam em torno da pequena mesa (embora o fenômeno também ocorresse com mesas de tamanhos diversos e outros objetos) e “se concentravam” à espera de algum movimento. Passados alguns minutos, as mesas começavam a girar e se movimentar em diversas direções, flutuando mesmo no ar. A repercussão desse fenômeno foi tão grande que chamou atenção de vários cientistas e literatos.

A imprensa, de acordo com relato de WANTUIL (2007, p.58 e 59), também deu amplo destaque: o *Indépendance Belge* – jornal belga – transcreve as impressões de Júlio Lecomte, célebre autor dramático, romancista e jornalista francês: “nenhuma vontade, nenhuma resistência se pode opor a essa força desconhecida, espantosa, que me subjugava de tal maneira, que não mais ousei rir; o *La Patrie* – outro jornal francês – de 11 de maio de

1853, publica: “fazer dançar as mesas é coisa muito difícil, mas conseguir que elas falem; obter delas respostas às perguntas mais indiscretas; fazê-las predizer a chuva e o tempo bom, isto parece muito mais extraordinário e de mais difícil digestão”. o *L’Illustration*, (14 de maio de 1853, p. 305 e 306) traz a notícia: “A Europa inteira, que digo eu, a Europa? Nesse momento o mundo todo tem a cabeça transtornada por uma experiência que consiste em fazer girar uma mesa. Em todas as partes só se ouve falar na mesa que gira!”

Assim, como muitas religiões que se iniciaram pela pregação de um indivíduo que constrói e divulga seus pensamentos, o Espiritismo se iniciou com as pesquisas de um pedagogo francês - Hippolyte-Léon Denizard Rivail (1804 - 1869) - de quem se falará mais adiante. Essas pesquisas iniciaram com a curiosidade de Rivail pelo fenômeno das mesinhas girantes. No entanto, de acordo com WANTUIL (2007), as pesquisas não foram só de Rivail, o futuro Allan Kardec, pois, muitas outras personalidades do mundo das artes, das ciências e da filosofia se dedicaram ao estudo desses fenômenos inusitados, ainda no século XIX. Nos Estados Unidos, por exemplo, o Juiz do Supremo Tribunal de Nova Iorque, John Worth Edmonds; o novelista Fenimore Cooper; o historiador J. Bancroft; o poeta Quaker Willis; os professores W. Bryant, B.K.Bliss, W. Edwards, e David A. Wells, da Universidade de Harvard; além do renomado cientista Paul Gibier, diretor do Instituto Bacteriológico de Nova Iorque. Na Inglaterra, Alfred Russel Wallace, naturalista, Willian Crookes, o descobridor da energia radiante; Na França, Charles Richet, professor na Faculdade de Medicina de Paris, Camille Flammarion, astrônomo, e, Victor Hugo, romancista. Na Itália, Cesar Lombroso, professor na Faculdade de Medicina de Turim, Giovanni Schiaparelli, Diretor do Observatório Astronômico de Milão; na Rússia, Alexandre Aksakof, diretor do jornal *Os Estudos Psíquicos* e, conselheiro de Estado do Imperador da Rússia; na Alemanha, Friedrich Zöllner, astrônomo e físico, dentre outros.

1.2 Precusores do Espiritismo kardecista.

Mas o Espiritismo teve seus eventos precusores, que desde o século XVII apresentavam ideias bastante próximas da teoria espírita e lidavam com fenômenos mediúnicos semelhantes aos pesquisados por Allan Kardec, dois séculos depois. Esses precusores fazem parte de uma revolução do pensamento iniciada no século XVI com a filosofia moderna de René Descartes que insuflou ventos de renovação pelos séculos seguintes. O dogmatismo religioso cerceara o pensamento durante séculos e agora, em pleno século XIX, a Europa respirava a liberdade da Revolução Francesa e o novo saber do iluminismo. Os fenômenos sobrenaturais, anteriormente tomados à conta de obras do demônio, ou da Providência Divina passavam a ser observados e estudados com outros olhos.

Naqueles tempos, alguns médiuns ficariam famosos e podem ser considerados predecessores do surgimento do Espiritismo, de Kardec. Um deles, sueco de Estocolmo, foi Emmanuel Swedenborg (1688 - 1772). Ainda menino Swedenborg teve suas visões. Parecia poder ver à distância. Sua mediunidade afluou realmente em Londres, em abril de 1744. Sua vidência se ampliou e além dela outras capacidades mediúnicas se manifestaram. Dizia ver o plano espiritual em sua natural amplitude e realidade. Via e ouvia espíritos. Ao descrever o plano espiritual, segundo DOYLE, (1960, p.38), Swedenborg falava de arquitetura, do artesanato, das flores, dos frutos, das escolas, dos museus, das academias, das bibliotecas e dos esportes. Ficou conhecidíssimo o caso Gothenburg, quando Swedenborg observou e descreveu um incêndio que ocorria em Estocolmo, 300 milhas de distância, num jantar com 16 convidados. Ainda segundo DOYLE (1960, p.36), o caso foi investigado por Immanuel Kant (1724 - 1804), seu contemporâneo. A natureza das informações sobre o mundo espiritual observada por ele foi muito semelhante às obtidas por Kardec com outros sensitivos, tempos depois. Desde 169 anos antes do surgimento da Doutrina Espírita, Swedenborg já afirmava realizar comunicações com o plano espiritual, antecipando algumas das bases doutrinárias do Espiritismo. Escreveu textos como *Céu e Inferno*, *A Nova Jerusalém e*, *Arcana Celestia*, onde resume suas interpretações e revelações do mundo espiritual (DOYLE, 1960, p. 42).

Outro sensitivo famoso foi o escocês Edward Irving (1792 - 1834). De acordo com DOYLE (1960, p.46), foi cura, ou assistente do grande Chalmers, que era, então, o mais famoso clérigo da Escócia. Com a vacância do pastorado da pequena igreja escocesa de Halton Garden, fora de Holborn, em Londres, o cargo foi oferecido a Irving. Era ele um bom pastor, a despeito de seu notório conservadorismo, considerado excessivo para a época. Tão devotado à Bíblia como ele eram os Profetas de Albury, que se reuniam na casa de um rico

banqueiro, chamado Drumond, reuniões essas que, às vezes, levavam uma semana. Havia uma lenda de que os dons espirituais dos primeiros dias reapareceriam antes do fim dos tempos e entre eles aparentemente estava o esquecido dom das línguas, voltando como dom da humanidade (DOYLE, 1960 p. 47).

Por essa época, dois sensitivos, Campbell e MacDonald começaram a falar línguas estranhas⁴. Os profetas de Albury foram designados por Irving para investigar o caso e os consideraram “autênticos”. De retorno para Hatton Gardem, já em julho de 1831, diversas pessoas começaram a notar fenômenos estranhos em suas casas, em recintos fechados e na própria sacristia. O fenômeno se assemelhava a uma possessão que induzia o indivíduo a falar sem controle, onde estivesse. “Os gritos vinham de homens e de mulheres e, no primeiro caso, se reduziam a ruídos ininteligíveis, que tanto eram meros grunhidos, quanto linguagem inteiramente desconhecida” (DOYLE, 1960 p. 48). Aos sons de uma língua estranha que ocorriam em Albury foram sendo pouco a pouco adicionadas palavras em inglês. Por insistência dos espíritos os sensitivos começaram a ditar informações e conceitos que batiam frontalmente com as tradições da pequena comunidade. Como as comunicações não condiziam com as doutrinas vigentes, foram atribuídas ao diabo. Instalou-se o caos. Acusações recíprocas atormentaram o pastoreio de Irving. Diversos crentes passaram a profetizar e anunciar coisas que posteriormente ou aconteciam e não aconteciam.

A luta de Irving para a manutenção do equilíbrio em sua igreja foi dura. As vozes não cessavam e as manifestações continuaram ainda por algum tempo. Também na comunidade dos “shakers” nos Estados Unidos começaram a essa época as manifestações de índios. Corria o ano de 1837, e os fenômenos se iniciaram com os costumeiros avisos por sinais.

Os principais visitantes eram espíritos de peles-vermelhas, que vinham em grupos como uma tribo. Um ou dois presbíteros deveriam estar na sala de baixo, aí batiam à porta e os índios pediam licença para entrar. Dada a licença, toda a tribo de espíritos invadia a casa e em poucos minutos por toda parte ouvia-se o seu “whoop!” “whoop!”. Os gritos de “whoop!”, aliás, emanavam dos órgãos vocais dos próprios “shakers”. (DOYLE, 1960, p. 54).

Esses fatos foram registrados por F.W. Evans, no *New York Daily Graphic*, de 24 de novembro de 1874 e reproduzido pelo famoso Coronel Olcott em seu livro *Gente do Outro Mundo*. A relação com os fenômenos estudados por Kardec, aí se liga ao método. O Sr. Evans

⁴ A glossolalia, ou falar línguas estranhas é tida pelos evangélicos pentecostais como um sinal da pessoa estar possuída pelo Espírito Santo.

e seus companheiros passaram a estudar o fenômeno e concluíram que a sua análise poderia ser divididas em três fases: a primeira seria provar ao observador que o fenômeno era verdadeiro; a segunda era a fase de instrução, onde se reconhecia a validade das informações passadas por esses espíritos; e, a terceira, dita “fase missionária”, era a aplicação prática. Nessa fase os “shakers” chegaram à conclusão que os espíritos dos índios tinham vindo também aprender e não apenas ensinar, num processo de troca de informações e esclarecimentos para ambos os grupos. Tal método, e tal constatação também foram verificados pelos estudiosos do Espiritismo, após 1857. Louis Alphonse Cahagnet (1805 - 1885), conceituado magnetizador, nascido em Caen, França, em 1809, é outro precursor do estudo dos fenômenos mediúnicos e da vida após a morte. Em 1847, lançava o livro *Arcanes de La Vie future dévoilés*, onde descreve as comunicações estabelecidas com espíritos de várias origens, por intermédio de pacientes em estado sonambúlico, ou de êxtase, estados provocados pela ação magnética. (WANTUIL e THIESEN, 1980, p. 92).

Mais tarde, Cahagnet publicou os livros *Sanctuaire Du Spiritualisme* (1850), *Luniers des morts* ou *Études magnetiques, philosophiques et spiritualistes* (1851) e, o conhecido *Traitement des maladies*, livro em que, através da médium Adèle Maginot, apresentava uma relação de plantas com propriedades medicinais (WANTUIL e THIESEN, 1980, P.93). É nos arcanos que lemos no tomo I:

Esta obra vos oferecerá a prova de um mundo melhor que o nosso, onde vivereis após deixardes aqui o vosso corpo e onde Deus infinitamente bom vos recompensará em cêntuplo as aflições que vos eram proveitosas nesta terra de dor. “Vou demonstrar que vossos pais e amigos ali vos esperam com impaciência, e que podeis, embora ainda sobre este Globo, entrar em comunicação com eles, falar-lhes e deles obter as informações que julgardes necessárias.” (WANTUIL e THIESEN, 1980, p. 95).

Os conceitos contidos na maioria dos livros de Cahagnet também estão em sintonia com os conceitos propostos nas obras de Kardec. Dessa forma, ele vem se juntar ao movimento de precursores das ideias espíritas que afluíam em 1857.

Outro personagem precursor na história do Espiritismo é Andrew Jackson Davis (1826 - 1910). Davis nasceu num distrito rural do Estado de Nova Iorque (EUA), de família modesta, “era um menino pouco atilado, falto de atividade intelectual, corpo mirrado, sem nenhum traço que denunciava a sua excepcional mediunidade futura”. (WANTUIL e THIESEN, 1980, p. 86). Desenvolveu a mediunidade de clarividência - fenômeno dito parapsicológico, que permite a percepção visual de coisas invisíveis ou ditas “do mundo

espiritual”. Quando em transe, falava várias línguas, inclusive o hebraico. Foi estudado por diversas autoridades médicas e científicas, inclusive por Edgar Allan Poe. Suas faculdades medianímicas se intensificaram após os 21 anos. Passou a presenciar e descrever o processo do desencarne com grande semelhança aos processos de mesma natureza descritos por Allan Kardec, na França, e nos livros psicografados por Chico Xavier, no Brasil. Um evento que pode liga-lo de forma importante à história inicial do Espiritismo é o de ter registrado em suas notas, em 31 de março de 1848 o seguinte trecho: Esta madrugada um sopro fresco passou pelo meu rosto, e ouvi uma voz suave e firme, dizer-me: “Irmão, foi dado início a um bom trabalho; contempla a demonstração viva que surge.” Pus-me a cismar no significado de tal mensagem. (WANTUIL e THIESEN, 1979, p. 89).

1.2.1 Os ruídos de uma casa metodista norte-americana.

Em 31 de março de 1848, em Hydesville, vilarejo típico do Estado de New York, a casa da família Fox começou a perceber com mais intensidade, certos sons, como pancadas e arranhões nas paredes e móveis, sem que fosse possível determinar sua causa, fato que teve grande repercussão na América. Os Fox eram metodistas e, além dos pais, moravam na casa duas irmãs – Kate e Margaret com onze e catorze anos, respectivamente. Alugaram a casa em 11 de dezembro de 1847. Foi no início do ano seguinte que voltaram a serem ouvidos ruídos que haviam sido notados por antigos inquilinos. “Parece que esses ruídos não incomodaram a família Fox até meados de março de 1848. Desta data em diante cresceram continuamente de intensidade. Às vezes eram simples batidas; outras vezes soavam como o arrastar de móveis” (DOYLE, 1960, p. 74).

É impossível fixar uma data para as primeiras aparições de uma força inteligente exterior, de maior ou menor elevação, influenciando nas relações humanas. Os espíritas tomaram oficialmente a data de 31 de março de 1848, como começo das coisas psíquicas, porque o movimento foi iniciado naquela data, Entretanto, não há época na história do mundo em que não se encontrem traços de interferências preternaturais e o seu tardio reconhecimento pela humanidade. A única diferença entre esses episódios e o moderno movimento é que aqueles podem ser apresentados como casos esporádicos de extraviados de uma esfera qualquer, enquanto os últimos têm as características de uma invasão organizada (DOYLE, 1960, p. 33).

Precisamente em 31 de março de 1848, ocorreu uma intensificação das batidas. Os “raps” se faziam ouvir por todos os cantos. Foi então que a menina Kate desafiou a força invisível a repetir as batidas que ela produzia. Aconteceu. A força invisível respondia às provocações. E mais, Kate concluiu que a força conseguia ver, também e não apenas ouvir,

pois quando ameaçava dar uma pancada sem tocar a madeira, a força respondia. “Mrs. Fox ficou admirada daquele resultado e da posterior descoberta de que aquela força, ao que parecia, era capaz de ver e ouvir, pois quando Kate dobrava o dedo sem barulho, o “arranhão” respondia.” (DOYLE, 1960, p. 75).

Esses arranhões, junto com as batidas eram típicos das comunicações iniciais. Provavelmente, se destinavam a caracterizar melhor a comunicação e não se confundir com barulhos comuns. Uma comunicação lenta, mas inteligível e eficaz se estabeleceu. Vizinhos compareciam à casa dos Fox e obtinham respostas precisas às suas perguntas. A comunicação mais importante foi atribuída ao espírito de um homem que havia sido assassinado e enterrado naquela casa. O comunicante invisível forneceu ainda a sua história: fora vendedor ambulante, que antigos moradores daquela casa assassinaram, havia cinco anos, para furtar-lhe o dinheiro que trazia; seu corpo se achava sepultado no porão, a dez pés de profundidade. (WANTUIL e THIESEN, 1980, p. 52). As escavações, de início não revelaram os despojos. No verão de 1848, o Sr. Fox, ajudado por amigos da comunidade reiniciou as escavações e encontraram cabelos e ossos humanos.

Só 56 anos mais tarde foi feita a descoberta que provou, acima de qualquer dúvida, que alguém realmente havia sido enterrado na adega dos Fox. A descoberta, noticiada no *Boston Journal*, de 23 de novembro de 1904, “foi feita por meninos de escola, que brincavam na adega da casa de Hydesville” (DOYLE, 1960, p. 83). Foi descoberta também, uma lata de mascate e mais ossos. Com o depoimento de Lucretia Pulvier, antiga empregada dos Bell, moradores anteriores da casa, foi constatada a visita do mascate e confirmada a suspeita de que o casal Bell havia assassinado o comerciante. A originalidade do caso foi a comunicação que de forma intensa e extensa se estabeleceu entre muitas pessoas de Hydesville e espíritos diversos. As irmãs Fox percorreram os Estados Unidos produzindo comunicações com espíritos, aparentemente conseguindo convencer seus espectadores.

Numa sessão realizada em Nova Iorque, em 1850, sentados ao redor de uma mesa, vemos Fenimore Cooper, o historiador J Bancroft, o Hawks, os doutores J. W. Francis e Marcy, o poeta Quaker Willis, o poeta Bryant, o general Lyman e o periodista Bigelow, do *Evening Post*. Todos se manifestaram satisfeitos com a sessão e declararam: “As maneiras e a conduta das jovens (as irmãs Fox) são tais que tudo indica a favor delas.” (WANTUIL, 2007, p. 8).

No entanto, nem todos aceitavam como verdadeiras as manifestações dos Fox. A família inteira foi expulsa da Igreja Episcopal Metodista. Como os raps - expressão por quais eram conhecidas as batidas - atribuídas aos espíritos, continuavam, os Fox mudaram-se para

Rochester onde a população também não os viu com bons olhos. “O povo amotinou-se contra os Fox; estes se ofereceram para dar uma prova pública dos fenômenos em presença da população de Rochester reunida na maior sala da cidade, em *Corynthian Hall*.” (GIBIER, 2002, p. 39). Foi nomeada uma comissão para avaliar as manifestações mediúnicas dos Fox. A primeira concluiu pela sua autenticidade; foi então nomeada uma segunda comissão, que chegou à mesma conclusão; então, foi nomeada uma terceira e última comissão que perante Rochester concordou com as duas primeiras.

Conta Emma Hardinge Britten⁵ (1823 – 1889), em seu livro, *Modern American Spiritualism* que a multidão presente ao *Corynthian Hall* se revoltou com o veredito das comissões e se dispuseram a linchar os Fox, o que provocou uma intervenção de alguns renomados cidadãos para defendê-los, principalmente o Reverendo Metodista A. H. Jarvis que haveria dito: “que a máfia de bandidos que desejassem linchar as meninas deveriam fazê-lo – uma vez que tentassem – sobre seu cadáver” (tradução nossa) (HARDINGE, 1870, p. 46). Segundo Emma Hardinge, essa foi a primeira investigação pública sobre o moderno espiritualismo.

A 8 de maio de 1852, “o primeiro periódico espírita do mundo, o *Spiritual Telegraph*, subvencionado pelo negociante, Mr. Partridge, com o auxílio do Rev. S. B. Britain.” (WANTUIL, 2007, p. 10) foi publicado em Nova Iorque. Depois dele, publicações como *The American Spiritualism*, do Juiz Edmonds, Juiz da Suprema Corte de Nova Iorque; *Experimental Investigation of Spirit Manifestation*, de Robert Hare, professor da Universidade da Pensilvânia; *Footfalls on the Boundary of Another World* de Robert Dale Owen, escritor, tornaram o estudo científico das manifestações mais conhecido (WANTUIL, 2007, p. 226).

De 1850 a 1860, só se falava disto em toda a parte; as sociedades sábias examinavam, os clérigos discutiam, os homens de letras, os advogados, todo o mundo, em uma palavra, agitava-se e... injuriava-se. Foi a coisa a tal ponto que o Conselho Legislativo do Alabama, para lançar um pouco de água fria sobre a efervescência epidêmica que se apoderara dos cérebros norte-americanos, votou uma resolução (bill) decretando que toda pessoa disposta a entregar-se às manifestações espiritualistas seria condenada a pagar uma multa de 500 dólares. (GIBIER, 2002, p. 42)

No entanto, o governador do Alabama se recusou a sancionar a lei.

Em 1852, tem lugar a primeira convenção espiritualista, na cidade de Cleveland, Estados Unidos, evento no qual se decidiu enviar à Europa, missões de propaganda da nova religião.

⁵ Escritora inglesa e médium. Uma das primeiras a escrever sobre o *Modern spiritualism*.

Em 1852, W. Bryant, B.K. Bliss, W. Edwards e David A. Wells, professores da Universidade de Harvard, publicaram um manifesto célebre, para apoiar com seus testemunhos a autenticidade dos movimentos e elevação da mesa, sem que para isso entrasse em jogo qualquer agente físico conhecido. (WANTUIL, 2007, p. 10).

“Em 1854, o *modern spiritualism* congrega cerca de três milhões de adeptos nos Estados Unidos e cerca de dez mil médiuns, profissionais da comunicação com o Além” (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 28). Nesse mesmo ano, a 10 de junho, se constituiu a Sociedade para a Difusão do Conhecimento Espírita, na cidade de Nova Iorque, contando entre seus frequentadores o Juiz Edmonds e o governador Tallmadge, de Wisconsin (DOYLE, 1960, p. 129). O movimento espiritualista agita os contrários.

Uma das primeiras instituições religiosas a se manifestar é a Igreja Católica. Através de um dos seus jornais, o *Boston Pilot*, passa a advertir seus fiéis dos perigos da comunicação com os espíritos, relacionando essa prática com distúrbios mentais. “Frequentemente, os médiuns dão sinais inequívocos de um estado anormal de suas faculdades mentais e, alguns deles, dão sinais de estarem realmente possuídos pelo demônio. *Boston Pilot*, 1º de junho de 1852”. (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 29). Também a Associação Científica Americana se pronunciou, condenando as conclusões do Robert Hare, já citado anteriormente, que havia investigado o fenômeno mediúnico e publicado suas conclusões favoráveis à sua autenticidade. O Hare também foi duramente criticado pelos seus colegas de Harvard que o denunciaram pela “insana adesão à gigantesca mistificação” (DOYLE, 1960, p. 131).

Esse renomado Instituto de Ensino de Boston chegou a expulsar um aluno, em 1857, sob a acusação da prática da mediunidade. Em 1852, foram para a Escócia e para a Inglaterra alguns seguidores do *modern spiritualism*. Mas, a investigação dos fenômenos aí ocorridos tiveram defensores e detratores. Se houve muito interesse sobre o que provocava esses fenômenos, a sua explicação ficou longe de ser unânime. Essa onda de fenômenos e pesquisas também iriam instigar pesquisadores na Europa que, nesse momento, vivia ainda os reflexos das transformações promovidas pela era napoleônica e seus conflitos com as monarquias regionais. Era uma época de grandes transformações da vida e do pensamento europeu.

1.2.2 Os precursores europeus de Kardec (1852).

Se, foi nos Estados Unidos que o *modern spiritualism* surgiu com os fenômenos de Hydesville, foi na França que ele se tornou “spiritisme”, termo cunhado por Allan Kardec

para diferenciar o conjunto das novas ideias daquelas associadas ao espiritualismo. “Se adotei os termos espírita e Espiritismo, é porque eles exprimem, sem equívoco, as ideias relativas aos Espíritos. Todo espírita é necessariamente espiritualista, mas nem todos os espiritualistas são espíritas.” (KARDEC, s.d., p. 67). No século XIX, a liberdade de expressão e de pensamento era prerrogativa de poucas nações e a ciência, como a conhecemos hoje, também. Eram poucos os lugares onde se poderiam pesquisar cientificamente determinados fenômenos e expô-los de forma razoavelmente livre. Dentre esses lugares, os Estados Unidos eram um lugar privilegiado.

Mesmo na Europa, fenômenos como esse eram tidos como prestidigitação e truques, e não eram levados a sério. Em 1852, uma publicação de autoria de Adin Ballou, *An Exposition of Views Respecting the Principal Facts, Causes, and Peculiarities Involved in Spirit Manifestation*, foi apresentada ao público londrino, pelo editor G. W. Stone, dando notícia do que ocorria nos Estados Unidos, referente aos fenômenos mediúnicos. Somente quando os fenômenos das mesinhas girantes inundaram os salões europeus é que a ciência demonstrou interesse. Na Inglaterra, na Alemanha, na Itália, na França e na Rússia foram realizadas as pesquisas mais aprofundadas sobre o fenômeno. “Todo mundo quer participar e os mais dotados tornam-se rapidamente, como nos Estados Unidos, profissionais da comunicação com os mortos.” (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 31). O interesse pelo fenômeno foi fortalecido pela participação de M. B. Hayden, conhecida médium americana, que nesse mesmo ano de 1852, chegou à Inglaterra e, de Robert Owen, reformista social, que se convenceu da veracidade dos experimentos.

Hayden realizou inúmeras sessões das quais participaram personalidades da sociedade inglesa, irlandesa e escocesa. Paralelamente, em Yorkshire, na cidade de Keighley, médiuns americanos e um inglês, David Weatherhead, realizavam sessões mediúnicas. As sessões se tornaram populares e, em 1853, nova publicação, *Practical Instructions in Table-Moving, with Physical demonstration* de um médico inglês, aprofundava o estudo das manifestações. Chegada ao continente, a prática de sessões mediúnicas tornou conhecidas as experiências de outros pesquisadores, como as do médico alemão, Justinus Andreas Christian Kerner (1786 - 1862), que trabalhava com a médium alemã, Frederica, trabalho do qual veio a lume o seu livro *A vidente de Prevorst*. Ficou também conhecido o caso de uma menina de onze anos, Filipina Sängler, na cidade de Bergzabern, que sob sua interferência eram produzidos “rappers”. Ela também falava em transe sobre assuntos diversos, assombrando os assistentes. (WANTUIL, 2007, p. 26).

1.3 Espiritismo: ciência ou religião?

Desde o seu início no século XIX, o Espiritismo esteve entre dois polos, De um lado os que o consideravam uma nova ciência. Do outro lado estavam os poucos que consideravam o Espiritismo uma religião. Foi no Brasil que essas pessoas se tornaram muitas.

1.3.1 O Espiritismo como ciência.

Havia muita suspeita com relação às mesinhas girantes. O que se acreditava era que o movimento das mesas era provocado por prestidigitadores hábeis, e que as respostas eram acertadas por acaso. Quanto às pancadas uma infinidade de motivos poderia produzi-las. (DELANNE, 2006, p. 77). Alguns pesquisadores chegaram à conclusão de que os sons e movimentos produzidos eram resultados de trações musculares ainda que inconscientes. A imprensa se atira no assunto publicando prós e contras. Em 18 de maio de 1853, o jornal *Gazette de France*, pelo seu redator-chefe, o barão Jacques de Lourdoueix, publica o seguinte:

Os espíritos fortes e os incrédulos do século representam quase sempre um mesmo papel nesses assuntos; aqueles, embora desconcertados com o testemunho de seus sentidos, associam suas declarações às dos incrédulos. E quando sucede que sumidades da ciência são chamadas a verificar esses fatos maravilhosos, as objeções delas, digamo-lo, são sempre fracas, indecisas, incompletas, e revelam mais confusão que certeza. Se, pois esses fatos sobrenaturais estão provados, conclui-se que não se poderia dar aqui melhor explicação a certa frase da Escritura, dizendo-se que a mesa escarnecerá dos negadores: *irridebit eos*⁶. (WANTUIL, 2007, p. 61).

Ainda de acordo com Wantuil, o jornal *La Patrie*, responde na mesma data, apresentando explicações para o fenômeno:

Aqueles que giram a mesa e chapéus são quase todos de boa-fé; mas eles se enganam ao crerem que é por uma efusão de fluido magnético que fazem girar o objeto inanimado posto sob seus dedos. Tudo é devido a uma ação muscular imperceptível a eles mesmos e a todas as demais pessoas. Trata-se de um movimento vibratório emanado de milhares de pequenos ramos nervosos... Acrescei a isto a fadiga, a humidade das mãos, e tereis uma explicação, senão completamente satisfatória, pelos menos, plausível do fenômeno de nos ocupamos. (WANTUIL, 2007, p. 61).

O abade Francisco Moigno, teólogo e físico, em texto na revista *Cosmos*, da qual era o redator-chefe, de maio de 1853 acrescenta, seguindo os passos de Chevreul:

⁶ Rirá deles

Já que as mesas dançantes, polcantes, corredoras, falantes, transpuseram na segunda-feira última o limiar do santuário da Academia das Ciências, sob o título admiravelmente ambicioso: *Influência da ação vital e da vontade sobre a matéria inerte*, temos de abrir-lhe as páginas do Cosmos, e nós o fazemos com muito gosto, bastante felizes em poder, afinal, dar asas a esta verdade cativa, que se revoltava a ponto de querer quebrar-nos os dedos. [...] nem fatos extraordinários, nem descoberta memorável, nem influência desconhecida de agentes naturais ou de espíritos, sendo tudo consequência bem simples de uma causa fisiológica velha quanto o mundo: o resultado, fácil de prever, de movimentos musculares produzidos pela vontade e pela imaginação, sem que nossa alma tenha a consciência e o sentimento da impulsão dada por ela aos nossos órgãos, sob a influência de uma preocupação que a absorve, ou de um arrebatamento que a fascina e deslumbra. (WANTUIL, 2007, p. 64).

Os jornais são, como de costume, os primeiros arautos dos acontecimentos, até que seu alarido incomoda o suficiente para que os especialistas e peritos se disponham a se pronunciar baseados em seus saberes particulares. Se não era uma nova ciência os fenômenos observados pelo menos provocavam a velha ciência. Em sessão de 18 de abril de 1859, sob a presidência do Sr. de Sarmont, a Academia de Ciências de Paris lança sobre seus registros uma comunicação do Sr. Jobert de Lamballe sobre suas experiências com o curto peroneal lateral direito⁷ da Srta. X, que estava afetada “há seis anos de movimentos involuntários regulares do músculo peroneal lateral direito [...] Esta moléstia é caracterizada por batimentos que são ouvidos atrás do maléolo externo direito e oferece regularidade do pulso. (GIBIER, 2002, p. 131). O Sr. Jobert registra que “Este ruído fazia-se ouvir no leito, fora do leito, a distância bastante considerável do lugar em que repousava a moça. [...] O ruído se assemelhava, às vezes, a uma esfregadura, a uma raspagem”. (GIBIER, 2002, p. 132).

Conclui, ainda, o Sr. Jobert de Lamballe, que o dito movimento muscular explica os ruídos que os charlatães aproveitaram para relacioná-los a fenômenos sobrenaturais e que com certo treinamento, qualquer pessoa poderia fazer o curto peroneal ressoar no ambiente. Cita até o caso de um Sr. Schiff, dos Estados Unidos, que interessado também em explicar os fenômenos, conseguiu, “diante de muitas pessoas (uns cinquenta assistentes), imitar os prodígios dos espíritos batedores, com ou sem calçado, de pé ou deitado”. (GIBIER, 2002, p. 134). Paul Gibier, diretor do Instituto Pasteur de Nova Iorque, questiona então o ventriloquismo do curto peroneal, a que chama de *tenosite crepitante* e convida o Sr. Jobert a observar as pancadas apresentadas por um médium e, durante o fenômeno tocar “as bainhas tendinosas dos peroneais direitos e esquerdos, longos e curtos do dito médium, a fim de certificar-se se os ruídos eram produzidos por contrações desses músculos”. (GIBIER, 2002,

⁷ Músculo da perna responsável por alguns movimentos dos pés.

p. 139). Paul Gibier questiona a generalização do músculo estalante para explicar os fenômenos mediúnicos citados e aprofunda o estudo dos fenômenos espíritos com base em suas próprias experiências e de outros pesquisadores em seu livro *O Espiritismo: faquirismo accidental*.

Outros cientistas colocaram os fenômenos mediúnicos como objetos da ciência e desenvolveram teorias paralelas e convergentes, prós e contras a intervenção de espíritos, como relata o engenheiro francês Gabriel Delanne em seu livro *O Fenômeno Espírita: testemunho dos sábios*: Justinus Kerner (1786 – 1862), médico, escritor e poeta alemão, publicou, em 1830, os resultados de suas experiências com a médium Frederica Hauffe, a Vidente de Prevoust; Johann Karl Friedrich Zöllner (1834 – 1852), astrônomo alemão e professor da Universidade de Leipzig, estudou a mediunidade do Henry Slade, que consistia, entre outros, na produção de escrita direta sobre ardósia⁸; Robert Hare (1781 – 1858), químico americano, professor na Universidade da Pensilvânia, iniciou seus estudos em 1853 sobre a movimentação da matéria sobre a influência dos espíritos; Willian Crookes (1832 – 1919), químico e físico inglês que estudou a materialização de espíritos com a médium Florence Cook; Cesare Lombroso (1835 - 1909), médico, cirurgião e cientista italiano, que estudou os fenômenos produzidos pela médium italiana Eusápia Paladino;

Zêus Wantuil, em seu livro, *As mesas girantes e o Espiritismo* também cita outros cientistas da época do surgimento da Doutrina Espírita, que estudaram os fenômenos mediúnicos trazendo a ciência para a discussão desses eventos tidos como sobrenaturais: Michel-Eugène Chevreul (1786 – 1889) – físico e químico francês, que contestou o fenômeno de tiftografia (produção de sons por interferência de espíritos); Antoine Joseph Jobert de Lamballe (1799 – 1867) - cirurgião francês, autor da teoria do curto peroneal, citada acima; Michael Faraday (1791 – 1867) – físico e químico inglês que realizou experiências sobre as mesinhas girantes e concluiu que seus movimentos resultavam da ação dos dedos e das mãos “que impulsionam a mesa, fazendo pressão sobre ela”. (WANTUIL, 2007, p. 106); Jacques Babinet (1794 – 1872) – físico e astrônomo, membro da Academia das Ciências de Paris, que também estudou as mesinhas girantes.

A extensa lista de cientistas e sábios que se dedicaram ao estudo dos fenômenos ditos pelo Espiritismo como mediúnicos e provocados por espíritos confere as esses fenômenos uma qualidade especial: a de que são observáveis e passíveis de serem analisados pela ciência.

⁸ A escrita direta sobre a ardósia se fazia juntando-se duas placas de ardósia (pedra) com um lápis, também de ardósia no meio e mantidas unidas sem contato manual. Em alguns instantes um texto aparecia em um dos lados internos das ardósias, por ação espiritual, sem intervenção humana.

Dos estudos desses fenômenos, esses cientistas elaboraram teorias diversas algumas das quais deram origem à teoria espírita, também oriunda de uma observação metódica e direta sobre esses fenômenos. Allan Kardec, com certeza, no início de suas pesquisas sobre os fenômenos mediúnicos, considerava o conjunto do conhecimento gerado pelo seu trabalho, uma nova ciência.

Talvez nos contestem a qualificação de ciência que damos ao Espiritismo. Certamente não teria ele, em nenhum caso, as características de uma ciência exata, e é precisamente aí que reside o erro dos que o pretendem julgar e experimentar como uma análise química, ou um problema matemático: já é bastante que seja uma ciência filosófica. Toda ciência deve basear-se em fatos; mas os fatos, por si sós, não constituem a ciência; ela nasce da coordenação e da dedução lógica dos fatos: é o conjunto de leis que os regem. Chegou o Espiritismo ao estado de ciência? Se por isto se entende uma ciência acabada, seria sem dúvida, prematuro responder afirmativamente; entretanto, as observações já são hoje, bastante numerosas para nos permitirem deduzir, pelo menos, os princípios gerais, onde começa a ciência. (KARDEC, 2004, p. 23).

Esse texto, produzido em janeiro de 1858, na primeira edição da *Revista Espírita*, jornal de estudos psicológicos, reflete a preocupação do codificador da Doutrina Espírita em dar-lhe uma categoria. Não podendo ainda definir a natureza da pesquisa em seu início, dá-lhe o rótulo de ciência, por ter ela nascido da observação de fenômenos que considerava naturais e, portanto, passíveis de experimentação e teorização. Kardec justifica, então, a priori, o Espiritismo como ciência, pelo estudo sistemático que fez de fatos observáveis. Busca nesse estudo uma verdade que os explique dentro de um quadro de recursos disponíveis em seu tempo. Kardec tem consciência de que o objeto de sua pesquisa é o que até ali fora considerado sobrenatural e, portanto, fora das explicações das leis naturais conhecidas pela ciência. Por isso era preciso adaptar o método científico existente à realidade dos fenômenos que passava a pesquisar. Da mesa que se movia sem explicação aparente, avançou para a identificação de inteligências que dizia brotar da matéria inerte. À mesa se perguntava e, a mesa respondia.

Qualquer classificação exige método, análise e conhecimento aprofundado do assunto. Ora, no mundo dos Espíritos, os que possuem limitados conhecimentos são, como neste orbe, os ignorantes, inaptos a aprender uma síntese, a formular um sistema; mesmo os que são capazes de tal apreciação podem mostrar-se divergentes quanto às particularidades, conformemente aos pontos de vista em que se achem, sobretudo se se trata de uma divisão, que nenhum cunho absoluto apresente. Linnée, Jussieu, Tournefort, tiveram, cada um, o seu método, sem que a Botânica, em consequência, houvesse experimentado qualquer modificação. É que nenhum deles inventou as plantas, nem seus caracteres. Apenas observaram as analogias, segundo as quais formaram os grupos ou classes. Foi assim que também procedemos. Não inventamos os espíritos, nem seus caracteres; vimos e observamos, julgamo-los

pelas suas palavras e atos, depois os classificamos pelas semelhanças. É o que cada um teria feito em nosso lugar. (KARDEC, 2004, p. 71).

Kardec aplicava os métodos que aprendera e desenvolvera em sua vida profissional e pelo qual teve vários de seus trabalhos reconhecidos e até premiados como o que recebeu, em 1831, da Academia Real de Arras, por ter saído vencedor em um concurso daquela instituição. O fenômeno das mesinhas girantes apreciados por Kardec e pelos cientistas citados não eram fenômenos religiosos, eram fenômenos físicos. Eram corriqueiros e assombraram a Europa do século XIX. Bem que as Academias evitaram se envolver, mas o barulho era alto demais para ser ignorado. Mesas estão se movendo! Por que as mesas se movem? “Livros que tratavam dessas mesas começaram a aparecer, atraindo leitores aos milhares, citando-se, entre os autores, Roubaud, Gasparin e Mirville e outros”. (WANTUIL e THIESEN, 1980, p. 59).

A própria abordagem inicial do fenômeno, por parte de Kardec foi aliá-lo à teoria do magnetismo. Quando Fortier, seu amigo, em 1854, chamou a atenção de Kardec para as mesinhas girantes, o fez perguntando: “Sabeis a singular propriedade que se acaba de descobrir no magnetismo? Parece que não somente os indivíduos que se magnetizam, mas as mesas que se fazem girar e caminhar à vontade”. (KARDEC, 1993, p. 256). O magnetismo animal havia sido teorizado inicialmente por Franz Anton Mesmer (1733 – 1815), doutor pela Universidade de Viena, daí o nome *mesmerismo* dado ao fenômeno. Mas foi o marquês de Puységur “que modificando os métodos de Franz Anton Mesmer, verdadeiramente criou (com d’Eslon e com o sábio naturalista Deleuze, bibliotecário da Biblioteca do Jardim das Plantas) o magnetismo animal (sonambulismo provocado)” (WANTUIL e THIESEN, 1980, p. 148).

Dentro dessa teoria, pessoas podem influenciar outras por esse tipo de magnetismo e curá-las de seus males. Vale dizer, usando desse magnetismo, pessoas podem agir sobre a matéria. À indagação do amigo Fortier, Kardec responde: “É muito singular, com efeito, [...] mas, a rigor, isso não me parece radicalmente impossível. O fluido magnético, que é uma espécie de eletricidade, pode muito agir sobre os corpos inertes e fazê-los mover” (KARDEC, 1993, p. 256). Kardec tentava recorrer à priori, a alguma teoria científica conhecida. Por exemplo, a do magnetismo de Mesmer - uma força, natural em todo indivíduo, e que lhe permite ter influência sobre a matéria, ainda que essa matéria seja no todo ou parte de outro indivíduo. Essa teoria viria a se oficializar com as pesquisas de James Baid (1795 – 1860) – cirurgião escocês, criador do método da hipnose científica.

Quando Fortier, algum tempo depois lhe disse que agora a mesa, além de se mover, também falava, Kardec respondeu: “Isto, repliquei, é outra questão; crerei nisso quando o vir,

e quando se me tiver provado que uma mesa tem um cérebro para pensar, nervos para sentir, que possa se tornar sonâmbula; até lá, permiti-me nisso não ver senão uma história de fazer dormir” (KARDEC, 1993, p. 256). Foi somente alguns meses depois, no começo de 1855, pelo Sr. Carloti, que pela primeira vez ouviu de alguém a associação dos fenômenos das mesinhas girantes, com a ação de espíritos. “me contou tantas coisas surpreendentes que, longe de me convencer, aumentou as minhas dúvidas. Sereis um dia dos nossos, disse-me. Não digo que não, respondi-lhe; veremos isso mais tarde.” (KARDEC, 1993, p. 256). Pelo mês de maio, do mesmo ano, Kardec em visita a amigos, foi à casa da Sra. Roger, onde estavam também, o seu amigo Fortier, o Sr. Pâtier e a Sra. de Plainemason. Conversaram sobre as mesinhas girantes e o Sr. Pâtier o convidou para uma demonstração na casa da Sra. Plainemason, à Rua Grange-Batelière, número 18.

Foi lá, pela primeira vez, que fui testemunha do fenômeno das mesas girantes, e isso em condições tais que não me era mais possível a dúvida. Vi também, algumas tentativas, muito imperfeitas, de escrita medianímicas, sobre ardósia, com a ajuda de uma cesta. As minhas ideias estavam longe de ser detidas, mas havia ali um fato que deveria ter uma causa. Entrevi, sob essas futilidades aparentes e a espécie de jogo que se fazia desses fenômenos, alguma coisa de séria, e como a revelação de uma nova lei, que me prometia aprofundar. (KARDEC, 1993, p. 258).

Vê-se, que a postura de cientista está presente na aproximação de Kardec com o fenômeno. Parte de uma isenção e neutralidade para um interesse, dado o seu espírito de pesquisador. Convidado pelo Sr. Baudin, amigo da Sra. Plainemason, passou a frequentar as reuniões na casa daquele senhor, reconhecendo que “os assuntos tratados eram geralmente frívolos”. (KARDEC, 1993, p. 258). Mas aplicou-se em observar as reuniões com critério e método, abstraindo-se da frivolidade e ao divertimento.

Foi lá que fiz os meus primeiros estudos sérios em Espiritismo, menos ainda pela revelação do que pela observação. Apliquei a essa nova ciência, como fizera até então, o método da experimentação; jamais ocasionei teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava, deduzia as consequências dos efeitos procurava remontar às causas, pela dedução e o encadeamento lógico dos fatos, não admitindo uma explicação como válida senão quando podia resolver todas as dificuldades da questão. Foi assim que sempre procedi em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos. (KARDEC, 1993, p. 259).

“Rivail deu à nova doutrina o nome de Espiritismo, para evitar qualquer equívoco com a palavra espiritualismo que se aplica a teorias muito diferentes.” (LANTIER, 1980, p. 62). Também cunhou como “espíritas” ou “espiritistas” os seguidores dessa nova filosofia.

Kardec considerava que espiritualismo era o contrário de materialismo, o que não quer dizer que um espiritualista acredite na ação dos espíritos, como é o caso dos espíritas.

O Espiritismo que nascia era, pois, uma ciência. Nascia da observação de fatos, de uma metodologia de experimentação na qual o processo indutivo tentava descobrir a lei natural por trás do fenômeno.

1.4 O perfil do codificador.

Allan Kardec é o pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail. Rivail nasceu em Lyon, França, na Rua Sala, em 3 de outubro de 1804. Segundo Marion Aubrée, Rivail frequentou a escola de seu bairro até a idade de 10 anos, tornando-se, depois, aluno da famosa escola de Pestalozzi, em Yverdon, na Suíça. . (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 37).

Kardec foi um homem educado próximo da nata do conhecimento em sua época. O Protestantismo liberal de Yverdon, com certeza colaborou para afinar suas convicções de pluralismo religioso, bem como construiu a sua formação de homem de letras metódico e disciplinado, racional por excelência. Também para isso colaboraram Rousseau e a filosofia do século XVIII voltados para o universalismo do conhecimento. A marca de Yverdon pode ser percebida pela “desconfiança em relação à improvisação, pontualidade nas reuniões, extremo despojamento do cerimonial, silêncio e recolhimento, em suma, um rigor bem calvinista” (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 38). Uma das poucas descrições que se tem de Allan Kardec foi feita por Anna Blackwell (1816 – 1900), escritora e tradutora inglesa que primeiro traduziu as obras de Allan Kardec para o inglês. Ela foi amiga do casal Rivail e correspondente londrina da Revista Espírita (KARDEC, 2005, p. 109).

Pessoalmente Allan Kardec era de estatura média. Compleição forte, com uma cabeça grande, redonda, maciça, feições bem marcadas, olhos pardos, claros, mais se assemelhando a um alemão do que a um francês. Enérgico e perseverante, mas de temperamento calmo, cauteloso e não imaginoso até a frieza, incrédulo por natureza e por educação, pensador seguro e lógico, e eminentemente prático no pensamento e na ação. Era igualmente emancipado do misticismo e do entusiasmo... Grave, lento no falar, modesto nas maneiras, embora não lhe faltasse uma certa calma dignidade, resultante da seriedade e da segurança mental, que eram traços distintos de seu caráter. Nem provocava nem evitava a discussão, mas nunca fazia voluntariamente observações sobre o assunto a que havia devotado toda a sua vida, recebia com afabilidade os inúmeros visitantes de toda a parte do mundo que vinham conversar com ele a respeito dos pontos de vista nos quais o reconheciam um expoente, respondendo às perguntas e objeções, explanando as dificuldades, e dando informações a todos os investigadores sérios, com os quais falava com liberdade e animação, de rosto ocasionalmente iluminado por um sorriso genial e agradável, conquanto tal fosse a sua habitual seriedade de conduta que nunca se lhe ouvia uma gargalhada. Entre as milhares de pessoas por quem era visitado, estavam inúmeras

pessoas de alta posição social, literária, artística e científica. O Imperador Napoleão III, cujo interesse pelos fenômenos espíritas não era mistério para ninguém, procurou-o várias vezes e teve longas palestras com ele nas Tuileries, sobre a doutrina de “O Livro dos Espíritos.” (DOYLE, 1960, p. 394).

Kardec teve a sorte de conviver, como aluno, com esse renomado educador, Pestalozzi. Johann Heinrich Pestalozzi (1746 – 1827), suíço de Zurique, era pedagogo, considerado por muitos como o pai da pedagogia moderna. Era protestante, mas gostava de se dizer apenas cristão. Era um “filósofo que aceitava as formas do cristianismo, mas permanecia estranho a seus dogmas, particularmente aqueles do pecado original, da graça e da redenção” (WANTUIL e THIESEN, 1979, p. 70). A sua pedagogia era conduzida por seu extremo respeito ao ser humano. Emprestava ao ato de educar a virtude de amar os seus alunos. É comovente ver como Pestalozzi está imortalizado em sua estátua na praça defronte ao castelo de Yverdun, na Suíça: lá está ele, sorrindo e cercado de crianças, às quais abraça com carinho. Muitos educadores se destacaram no aperfeiçoamento da arte de ensinar, “mas ninguém, como Pestalozzi, enfatizou tanto o amor, como fundamento, meio e finalidade da educação”. (INCONTRI, 2006, p. 147).

Outra grande virtude de Pestalozzi era sua extrema tolerância para com a crença dos outros. Pestalozzi foi diretor do Instituto de Yverdun que funcionava num castelo às margens do lago de Neuchâtel, de 1805 a 1825, aplicando as teorias de Rousseau. Pela excelência de seu ensino, muitas famílias enviavam seus filhos para se educar na Suíça, o que ocorreu, também, com o jovem Rivail.

O dia começava cedo no Instituto, as aulas iam das seis da manhã, às oito da noite, mas as atividades eram distribuídas de forma a não tornar penosa a jornada. “A última hora, da jornada escolar, das sete às oito da noite, era dedicada ao trabalho livre; [...] elas (as crianças) podiam, a seu bel prazer, ocupar-se de desenho ou de geografia, escrever a seus pais ou por em dia seus deveres”. (WANTUIL e THIESEN, 1979, p. 37). Pestalozzi dava muita importância ao canto. Não havia castigos nem prêmios, valorizando-se a disciplina do dever. O aluno era estimulado a descobrir por si mesmo e em seu ritmo o conhecimento que lhe era necessário. As disciplinas eram muitas, destacando-se a música, a literatura, a física, a química e a matemática. Pestalozzi contava, na condução do Instituto com sua esposa, a “mamãe Pestalozzi” como era chamada. Anna Pestalozzi-Schulthess (1738 – 1815) era muito instruída, falando o alemão e o francês, língua que Pestalozzi não dominava. O instituto passou por alguns períodos de crise, principalmente motivados por motivos religiosos. Alguns professores se queixavam da liberdade religiosa adotada por Pestalozzi e deixaram a escola.

Pestalozzi defendia a religião como instrumento de moralidade e não de fanatismo. Avesso ao dogma defendia a razão como medida de conduta humana. Por sua postura, não era tido como verdadeiramente cristão. Daí a razão de dissensões internas. . “Já Rousseau e Pestalozzi, que certamente influenciaram Kardec, neste sentido, haviam proclamado uma religião natural, emancipada de rituais, hierarquias e dogmas.” (INCONTRI, 2006, p. 59). Kardec bebeu dessa fonte de tolerância cultivada pelo seu mestre Pestalozzi e manteve como um dos postulados do Espiritismo o respeito a todas as religiões. Kardec não prestou serviço militar. (WANTUIL e THIESEN, 1979, p. 82). Amparado pela lei que eximia dessa obrigação certos profissionais ligados ao ensino público, desde que se comprometessem a “ficar dez anos a serviço do ensino”. De volta a Paris, após o período de formação na Suíça, dedicou-se à educação, publicando diversos trabalhos sobre esse tema, como o *Cours d'Arithmétique - d'après la methode de Pestalozzi*, em 1824; a sua *Grammaire Française Classique sur un nouveau plan*, em 1831; e seu *Catéchisme gramatical de la langue française*, uma obra de 108 páginas destinada às crianças do primeiro ciclo primário, dentre dezenas de outros.

Kardec dirigiu a Escola de Primeiro Grau – primeiro estabelecimento de ensino fundado por ele mesmo, em 1825. Aos 28 anos casa-se com Amélie Gabrielle Boudet, “minha doce Gabi”, como a chamava. A Sra. Rivail, diplomada professora de 1ª classe, lecionava Letras e Belas Artes, tendo escrito pelo menos três obras: *Contos Primaveris*, 1825; *Noções de Desenho*, 1826; *O Essencial em Belas-Artes*, 1828 (WANTUIL e THIESEN, 1979, p. 115). Kardec era ainda tradutor do alemão, língua na qual se expressava muito bem. Dentre as obras traduzidas do francês para aquele idioma destacam-se obras de Fénelon, como por exemplo, *Telêmaco*.

Devido ao insucesso em sua associação com um tio, viciado em jogo, na manutenção do Instituto Rivail, Kardec trabalhou como contabilista de casas comerciais. Fazia, então, à noite, traduções do inglês e do alemão e a “preparação de todos os cursos que ele, juntamente com o Levi-Alvarès, dava a alunos de ambos os sexos no *faubourg* de Saint-Germain”. (WANTUIL e THIESEN, 1979, p. 136). Também dava cursos gratuitos, em sua casa, de química, física, astronomia, fisiologia, anatomia comparada e outros, certamente conduzido pelo sentimento de amor à instrução do seu velho professor, Pestalozzi. Para o Espiritismo, propriamente dito, Rivail dedicou os quinze anos finais da sua vida. Seu trabalho de pesquisa e organização dos inúmeros documentos que recebia sobre experiências com fenômenos mediúnicos, entre comentários, trabalhos e mensagens mediúnicas resultou em diversas obras que se tornaram basilares da Doutrina Espírita, entre elas, *O Livro dos Espíritos*, em 1857; *O Livro dos Médiuns*, em 1861; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em 1864; *O Céu e o*

Inferno, em 1865; e, *A Gênese*, em 1868. Dirigiu a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, por ele fundada em 1858, e lançou, no mesmo ano, a *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, publicação por ele dirigida até 1969, ano de sua morte. Compareceram ao seu funeral diversas personalidades do mundo científico e do Espiritismo. Seu corpo repousa no Père Lachaise, o maior cemitério de Paris e um dos mais famosos do mundo.

Hippolyte- Léon Denizard Rivail – Allan Kardec – faleceu em Paris, Rua Santana, 25 (Galeria Santana, 59), 2ª circunscrição e Maire de la Banque, no dia 31 de março de 1869, com 65 anos de idade, sucumbindo pela ruptura de um aneurisma.[...] Quatro orações foram feitas em seu túmulo: a primeira pelo Sr. Levent, em nome da Sociedade Espírita de Paris; a segunda pelo Sr. Camilo Flammarion, [...] Em seguida, usou da palavra o Sr. Alexandre Delanne, em nome dos espíritas dos centros afastados; e, depois, o Sr. E. Müller, em nome da família e dos amigos, dirigiu ao morto querido os derradeiros adeuses. (SAUSSE, 1975, p. 46 e 47).

Madame Boudet, continuou no desenvolvimento dos trabalhos espíritas deixados por Kardec. Viveu até os 89 anos, quando faleceu em 21 de janeiro de 1883.

1.4.1 O Espiritismo como religião.

Uma das questões que deve ser objetivamente discutida nesta tese é o fato do Espiritismo ser ou não uma religião. Quem começa essa polêmica é o próprio Allan Kardec, quando procura, de início, descaracterizar o Espiritismo como uma nova religião.

O Espiritismo, melhor observado desde que se vulgarizou, vem lançar luz sobre uma multidão de problemas até aqui insolúveis ou mal resolvidos. Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma ciência e não o de uma religião, e a prova disso é que conta, entre seus aderentes, homens de todas as crenças, e que nem por isso renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos, que praticam todos os deveres de seu culto, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e até budistas e bramanistas. (KARDEC, 2005, p. 205).

Nessa época, Kardec estava preocupado em dar sequência à sua obra de investigação a cerca do mundo espiritual. Kardec concebia como religião uma estrutura teológica, hierarquizada, com templos de dedicação exclusiva e com dogmas em seu discurso. Ele mesmo afirma na sua *Revista Espírita*, de 1859 que “O Espiritismo não é, pois uma religião. Se o fosse teria seu culto, seus templos, seus ministros. [...] e não impõe nenhum culto aos seus partidários, como a astronomia não impõe o culto dos astros, nem a pirotecnia o culto do fogo”. (KARDEC, 2005, p. 206). Ele não negava a enorme validade e necessidade da religião, mas entendia que as religiões estavam fora de seus caminhos ao negar à humanidade a

liberdade de pensar sobre o mundo sem dogmas e preconceitos. A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, fundada por ele, não era um templo, senão um centro de pesquisa. Tanto que o estatuto da Sociedade proibia as discussões religiosas concentrando-se nos assuntos de pesquisa. “Está classificada na categoria das sociedades científicas, porque, com efeito, seu objetivo é estudar e aprofundar todos os fenômenos que resultam das relações entre os mundos visível e invisível.”. (KARDEC, 2005, p. 207).

Foi com o tempo que os depoimentos dos espíritos foram chamando a atenção para o caráter religioso da nova Doutrina. *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864) foi o quarto livro publicado por Kardec sobre o Espiritismo. Kardec sempre afirmou a utilidade da religião, principalmente porque considerava extremamente pernicioso o materialismo. Considerava que a religião ao não admitir o pensamento racional ou a se negar a estudar os fenômenos presentes e palpáveis, dava campo ao alastramento do materialismo que buscava negar tudo o que a ciência não pudesse ou não tivesse interesse de investigar.

Insistir numa tese que a razão repele é desferir um golpe fatal na religião, e dar armas ao materialismo; o Espiritismo, ao contrário, vem reavivar o sentimento religioso que se verga aos golpes aplicados pela incredulidade, dando, sobre as questões do futuro, uma solução que o mais severo raciocínio pode admitir. Rejeitá-lo é recusar a tábua de salvação. (KARDEC, 2006, p. 238).

Mas talvez onde Kardec melhor expresse o que entende por religião e a sua relação com o Espiritismo seja por ocasião do seu discurso, na Sessão Anual Comemorativa aos Mortos, em novembro de 1868, transcrita na *Revista Espírita* do mesmo ano. Naquela oportunidade, Kardec fez o discurso de abertura, com o tema “O Espiritismo é uma religião?”. Nesse discurso, Kardec diz da importância do pensamento individual e coletivo, onde a soma das vontades dos indivíduos pode operar os maiores prodígios. É, no dizer dele, a comunhão de pensamentos que gera a paz coletiva e “é por ela que os homens se assistem entre si e, ao mesmo tempo, assistem os espíritos e são por eles assistidos”. (KARDEC, 2006, p. 487). Kardec acreditava que a religião era uma ação de conagração de pessoas sobre um mesmo ideal e que qualquer isolamento social ou religioso conduzia ao egoísmo. “Uma religião, em sua acepção larga e verdadeira, é um laço que religa os homens numa comunhão de sentimentos, de princípios e de crenças”. (KARDEC, 2006, p. 490).

Fica claro que a noção de religião esposada por Kardec é a de uma ferramenta de fé, de comunhão de crenças, de conforto espiritual, que outras disciplinas, como as ciências não têm oferecido. Se Kardec evitou nomear o Espiritismo entre as novas religiões foi pelo entendimento que à sua época o termo apresentava, ou seja, uma estrutura clerical, dogmática,

centralista, proselitista e profissional. Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião na acepção usual das palavras, não podia nem devia enfeitar-se com o título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis porque simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral. (KARDEC, 2006, p. 491).

Kardec visava afastar do Espiritismo quaisquer práticas automáticas ou, quaisquer titulações que destacassem seus membros ou os tornassem credores de qualquer remuneração. Se de início seu trabalho vinculou o conhecimento espírita à explicação dos fenômenos mediúnicos, com a oitiva das entidades manifestantes, deslocou o eixo dos conhecimentos doutrinários para a ética e a moral que essas entidades transmitiam. O aspecto científico continuou seu caminho dentro dos limites da Doutrina, mas, o aspecto religioso, com base no cristianismo, alargou a sua influência a ponto de se tornar o dístico de sua empreitada: “Fora da Caridade não há salvação”. Nesse discurso, realizado na Sessão Anual Comemorativa aos Mortos, em novembro de 1868, Kardec fala de fé, de amor, de compaixão, componentes de uma crença religiosa e não de um compêndio científico. Valoriza os preceitos morais da fraternidade e confirma a força da oração. Convida seus correligionários ao respeito a todas as crenças e a ”ver, enfim, nas descobertas da ciência, a revelação das leis da Natureza, que são as leis de Deus: eis o Credo, a religião do Espiritismo”. (KARDEC, 2006, p. 494).

Percebe-se a falta de uma terminologia para a estrutura do Espiritismo, perante a necessidade de incluí-lo em uma categoria cujo nome não represente preconceito (seita, movimento, etc.). Percebe-se a pressão do conceito arraigado de religião patrocinado pelas religiões que se consideram como tal, a exigir uma estrutura padrão de toda nova proposta religiosa. Ou é desse jeito, ou não é religião. Kardec não propôs apenas uma nova forma de ciência, mas também uma outra forma de religião. Uma religião que não precisa de sacerdotes, de rituais, de símbolos, de dogmas. Uma religião que não seja fragmentada por lacunas vinculadas ao mundo espiritual, essa realidade que cada vez mais se torna ainda mais próxima.

Na pesquisa que apoia este trabalho, os depoentes, por algumas vezes se manifestaram contra o uso do termo religião, para o Espiritismo, usado no questionário, para se referir ao Espiritismo. Esse fato reflete a diversidade de opiniões que ainda existe sobre o assunto.

“Espero ter sido útil para seu estudo. Vamos lembrar que o Espiritismo não é considerado pelos seus praticantes como uma religião, mas sim uma doutrina que busca a unificação da Filosofia, Ciência e Religião.” (SNS, 37 anos, 10 anos de Espiritismo, de Rondônia);

“Espiritismo não (n-ã-o) é religião, quando irão aprender isso?” (RG, 18 anos, 2 anos de Espiritismo, de Sergipe);

“Falta pergunta a respeito do que ainda achamos que deve mudar no Espiritismo, mais religiosidade, mais ciência, mais filosofia, enfim, pois alguns se apegam a parte religiosa e cristã do Espiritismo outros a questão científica e filosófica como eu, no caso.” (OP, 25 anos, 1 ano de Espiritismo, de Minas Gerais);

“1-Ao contrario do que a pesquisa faz entender, o Espiritismo não é só uma religião. 2-O Espiritismo constitui-se em uma Doutrina: religião, filosofia e ciência.” (NC, 62 anos, 25 anos de Espiritismo, de Brasília);

“Na minha opinião, esta doutrina não pode ser considerada uma religião nos moldes das religiões tradicionais. Não a vejo como mais uma religião, mas a entendo como uma doutrina de consequências religiosas.” (Anônimo, 33 anos, 16 anos de Espiritismo, do Piauí).

É fácil perceber que o assunto ainda não é pacífico. Paulo da Silva Neto Sobrinho reuniu em um artigo publicado no site *www.espírito.org.br* o depoimento de diversas personalidades do universo espírita brasileiro. Nesse artigo, *O Espiritismo é religião?* cada um defendeu seu ponto de vista afirmando-se ora contra, ora a favor do Espiritismo ser uma religião. Expomos aqui algumas dessas opiniões. (SOBRINHO, 2001).

Amílcar Del Chiaro Filho, apresentador na Rede Boa Nova de Rádio assim responde: “O assunto é delicado, mas não posso me omitir. Não o tenho como religião, mas ele me conduz a uma intensa religiosidade. Aceito-o como religião natural, como ensinou Herculano Pires⁹, sem nenhuma conotação com qualquer religião, rito, ou o que seja”;

Carmen Imbassahy - escritora e articulista espírita: “Segundo Allan Kardec, no seu principal livro - *O Que é o Espiritismo* -, a Codificação espírita é uma doutrina de caráter experimental-científico e de consequências filosóficas, encerrando uma parte religiosa, como garante a um padre, respondendo-o, no mesmo livro”;

Eduardo Carvalho Monteiro – psicólogo, Assessor Pró-Memória da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, responsável pelo Centro de Documentação Histórica, palestrante e escritor com 21 livros publicados: “Sem dúvida alguma! Relembro aqui uma magistral síntese de Herculano Pires sobre a questão: ‘Espiritismo é a ciência do Espírito e de suas relações como Homem, advindo daí uma doutrina filosófica de consequências morais ou religiosas’”;

⁹ José Herculano Pires (1914 - 1979), um dos mais respeitados espíritas do Brasil. Nascido em Avaré/SP, foi um dos tradutores das obras de Allan Kardec. Jornalista e graduado em filosofia pela USP, tinha um estilo firme e marcante na defesa do Espiritismo tal qual foi sistematizado por Kardec.

Iso Jorge Teixeira – médico psiquiatra e livre-docente em Psicopatologia e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ): “Com certeza NÃO. É uma Doutrina com consequências religiosas”;

Luiz Signates - jornalista, professor e pesquisador na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Goiás, presidente da ONG espírita Instituto de Comunicação Social Espírita, membro da ABRADE (Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo), e também palestrante e escritor espírita: “esta pergunta, se feita para um cientista social, causar-lhe-ia risos. ‘Claro que é’, diria ele. ‘Basta observar a realidade social do Espiritismo, para concluir que é, sim, uma grande religião brasileira, organizada e institucionalizada.’”;

Ricardo Di Bernardi - médico homeopata geral e pediatra, presidente da Assoc. Médico-Espírita de Santa Catarina, articulista espírita, palestrante e autor de diversos livros: “Não. É uma Doutrina. Como não tem sacerdotes, dogmas, rituais, dízimos, não é religião, porém tem consequências ético-morais. No entanto isto não tem importância nenhuma a meu ver. Na hora que passa o censo na minha casa e pergunta: Religião? coloco "espírita", pois teria que dar uma hora de aula para explicar ao pesquisador do censo”.

O que pelo menos no Brasil se pode perceber é que o lado religioso do Espiritismo aparece com muito maior ênfase. A prática do Espiritismo no Brasil está bastante voltada para a prática da mediunidade e ao estudo do Evangelho. Ao se perguntar a um espírita qual a vivência que tem do Espiritismo, ou que tipo de práticas reconhece nas suas atividades como espírita individualmente ou como grupo, dentro de um Centro Espírita, ou mesmo fora dele, a resposta será direta: religião. São muitíssimo raras, no Brasil, as organizações espíritas voltadas para o estudo e a pesquisa dos fenômenos espíritas. Isso, claro, na proporção das instituições espíritas existentes. Se o Brasil já é modesto na pesquisa científica voltada para os diversos ramos do conhecimento, que dirá da pesquisa científica sobre o Espiritismo e ainda mais, feita por espíritas no âmbito de sua prática habitual.

O que se pratica dentro do Centro Espírita é a palestra doutrinária; a oração e as vibrações em auxílio aos que sofrem; a mediunidade de psicografia ou psicofonia; a assistência mediúnica aos necessitados encarnados e desencarnados; os estudos sobre as teorias espíritas baseados nas obras de Kardec ou Chico Xavier e... muito pouco de pesquisa, muito pouco de ciência. O Espiritismo, no Brasil, é uma religião! Suas vertentes científicas e mesmo filosóficas (estudar e questionar as origens do ser, da criação e do universo) estão adormecidas. A grande maioria dos espíritas no Brasil não sabe o que seja fazer ciência espírita. Tomemos por exemplo as publicações espíritas brasileiras. A grande maioria aborda o fenômeno espírita dentro dos postulados doutrinários e não como fruto de investigações

acadêmicas, servindo mais à curiosidade pública do que à pesquisa científica. Ao abordar um fenômeno, procuram explicá-lo à luz do Espiritismo, sem uma experimentação que possa afastar as causas sobrenaturais, como, aliás, era o que fazia e recomendava Allan Kardec.

Em uma pesquisa feita na internet, coletando aleatoriamente 21 inserções principais (títulos ou chamadas) de sites diferentes com a palavra “Espiritismo” no motor de busca *Google*, o autor obteve o seguinte resultado: nenhuma trata de ciência espírita atual; apenas uma faz referência às pesquisas levadas a efeito por cientista do início do século XX; quatro tratam de assuntos doutrinários (religião e mediunidade); quatro trazem notícias do movimento espírita; três trazem mensagens mediúnicas; dois abordam a história do Espiritismo; três apresentam chamadas para assuntos de curiosidade (regressão de memória, sonhos, morte e meditação transcendental); dois oferecem publicações e vídeos sobre assuntos diversos; um oferece apostilas de assuntos doutrinários; e, um trata de textos filosóficos e de autoajuda.

Quando um assunto de natureza científica é tratado, sua abordagem é sempre doutrinária. Por exemplo, um desses sites comenta sobre células tronco: mas o faz sob o aspecto ético e social, apresentando uma posição espírita sobre esse assunto. Kardec, Paul Gibier, Ernesto Bozanno, Zöllner, Willian Crookes fizeram ciência no Espiritismo. Hoje, quase não se tem notícias de pesquisa espírita no Brasil. Portanto, sob os aspectos de vivência espírita, prática espírita, divulgação espírita, publicações espíritas, a distância entre produção e prática científica para produção e prática religiosa é muito grande, em favor da última. Como então dizer que o Espiritismo é ciência, ou mesmo que seja, filosofia, se estes aspectos mal aparecem na prática espírita brasileira? “Portanto, falar em Espiritismo laico - o que significa dizer um Espiritismo destituído de qualquer ligação com o assunto religião - é um contra-censo e uma negação da obra de Kardec. (INCONTRI, 2004, p. 86).

Muitos espíritas afirmam que sua Doutrina é uma ciência com consequências religiosas. Mas, o que vem a ser isso? O que é uma ciência com consequências religiosas? O quadro atual do Espiritismo no Brasil é o de uma religião. Isso fica caracterizado pela maciça presença que este aspecto impõe nas atividades espíritas, no Brasil. O mesmo ocorre em relação à filosofia. É raro identificar a presença de estudos filosóficos dentro do Espiritismo brasileiro. Isso porque, embora muitos textos doutrinários apresentem reflexões sobre temas tipicamente filosóficos (as origens do ser, do universo, etc.) são muito poucas as publicações dirigidas a este aspecto e também são muito poucos os Centros Espíritas em que um estudo realmente filosófico dos postulados espíritas seja realizado. Alguns espíritas gostam de reforçar a presença do tríplice aspecto do Espiritismo – o científico, o filosófico e o religioso

– mas não é fácil identificá-los na prática espírita. Herculano Pires é um dos raros filósofos do Espiritismo no Brasil, mas os seus livros mais lidos e citados são os que se referem à prática doutrinária. É sua uma das mais precisas caracterização do tríplice aspecto da Doutrina Espírita.

Através do seu aspecto científico ele [Espiritismo] nos oferece a captação sensorial do mundo fenomênico, [...] e a captação extrassensorial do inteligível, da realidade espiritual. Através da Filosofia Espírita, nos dá a interpretação racional do Universo e do Homem numa visão integral. Através da religião Espírita – moral, normativa e jamais ritual, sacramental, destituída de resíduos mágicos – determina a orientação adequada, no plano existencial, à nossa conduta em face da realidade ampla que conseguimos descortinar. (PIRES, 1993, p. 39).

Não se trata de duvidar de que os aspectos científico, filosófico e religioso estejam presentes na teoria espírita, mas sim de constatar que existe um desequilíbrio dentro da prática doutrinária na aplicação desses três aspectos.

Assim, se os aspectos "religiosos, científicos e filosóficos" do Espiritismo podem ser vistos como complementares, eles estão também como que sujeitos à ação de uma força centrífuga. Emerge daí todo o problema das diferenças de ênfases e tensões internas ao movimento, as acusações de "demasiado evangélico" no caso de uma ênfase na caridade, de "elitista" no caso de uma ênfase no estudo, e os perigos, extremamente ameaçadores da mediunidade como um valor em si mesmo. (CAVALCANTI, 1983, p. 22).

1.5 Uma religião da mesa, dos livros e dos espíritos.

Marion Aubrée e François Laplantine (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009) foram muito felizes no nome que deram à sua obra, *A mesa, o livro e os espíritos*, que emprestamos, aqui, para título deste segmento. Realmente, desejando-se caracterizar uma religião por seus elementos de representação e reconhecimento público não se faria melhor do que representar o Espiritismo por esses três elementos. Chamada de Doutrina dos Espíritos, foi nas mesas que seus livros foram escritos e é nas mesas que se desenvolvem suas atividades mais centrais. Foram as mesas que chamaram a atenção de Allan Kardec para o fenômeno que ele denominaria, mais tarde, de mediúnico. No século em que o Espiritismo surgiu, era o livro o veículo de armazenamento e difusão do conhecimento, mesmo instrumento fundamental que Kardec utilizaria para expor suas investigações e transmitir a voz dos espíritos. As mesas, os livros e os espíritos podem ser tratados como bases importantes de sustentação do Espiritismo.

1.5.1 A mesa.

Ao se caracterizar a mesa como “centro do ambiente de desenvolvimento do culto espírita”, traz-se para a memória como eram as reuniões no início, quando das primeiras manifestações e como ainda é determinante a reunião em torno de uma mesa. A mesa girante, do período inicial da pesquisa espírita é emblemática. Poderia ter sido uma pedra, um armário, um altar, armas, objetos diversos, mas a *guéridon* – a mesinha de tampo redondo e de “pés-de-galo” – marcou sua presença, tendo em vista que era um móvel típico de toda casa francesa, móvel de sala, como a chamar a atenção de todos, moradores e visitantes. Era uma mesa geralmente de três pernas, que saíam de um tronco central que apoiava o tampo. A *guéridon* era uma mesa baixa e usada para apoiar abajures, vasos, etc. Pois essa baixinha rebelde espantou a Europa ao assumir atitude própria e ao resolver bailar ruidosamente perante espectadores boquiabertos, sem explicação para o fenômeno. Parecia um fantoche, uma marionete sem fios, que pouco tempo depois se atreveu a falar. “Foi o tampo que primeiro começou a mover-se, da direita para a esquerda e da esquerda pra a direita, como que a se balançar.” (WANTUIL, 2007, p. 28).

Como era costume se colocar as mãos em torno da mesinha para se verificar o fenômeno, aos poucos, as pessoas reunidas em sua volta, começaram a perceber que a mesa respondia às perguntas que lhes eram feitas, através de sons e batidas de fácil interpretação. Muitos tentavam em reuniões de divertimento fazer as mesinhas dançarem ou falarem, embora a voluntariosa mesinha só se achasse disposta a bailar a seu bel prazer e onde quisesse. Os cômicos faziam do fenômeno um prato cheio para animar seus espetáculos e tiras cômicas nos jornais faziam piadas sobre a mesinha: ”Jovem mesa, de exterior simpático, que fala várias línguas e conhece um pouco de aritmética e muitas histórias, pede um lugar de intendente de finanças”. (WANTUIL, 2007, p. 44). As mesas foram se tornando os objetos preferidos para a observação do fenômeno: “De todos esses objetos, por serem os mais cômodos, pela mobilidade e facilidade com que nos colocamos à sua volta, as mesas são os mais frequentemente utilizados” (KARDEC, 2004, p. 30). Kardec deu a esse modo de comunicação por ruídos, o nome de *sematologia espírita*, outros o chamavam de *tiptologia*.

Os métodos de interpretar os sinais dados pelas mesinhas foram se aperfeiçoando e objetos, agora, colocados sobre a mesa é que traduziam os sinais das mesas. Foram usadas cestinhas de vime, onde se colocava o lápis e os espíritos o faziam escrever. Também foram usadas pranchetas com letras marcadas, onde os espíritos faziam as indicação das letras até

formarem-se as palavras. A brincadeira virou coisa séria nas mãos de Kardec que passou a reconhecer um princípio inteligente por detrás das comunicações. Tanto que escreveu na capa de todas as edições da *Revista Espírita*, desde a primeira, o seguinte: “Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem um a causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.” (KARDEC, 2004). A mesa, também representa o ambiente social em que as pessoas se reuniam para a comunicação com os espíritos. Não eram altares, nem espaços naturais, nem o chão, nem piras, nem fontes. Eram mesas, objetos de comunhão familiar entre pessoas, local de estudo e leitura, local de decisões de conselhos, equipes, comissões, etc.

A mesa é hoje o local onde os espíritos se manifestam nos Centros Espíritas. Os participantes, chamados de “médiuns”, buscam aí um lugar de concentração e assistência, consulta e aprendizado sobre o mundo dos espíritos. No Brasil, em certa época, o tipo de mesa - a mesa branca - passou a distinguir o terreiro de Umbanda do Centro Espírita¹⁰. A mesa branca era a mesa coberta por uma toalha branca, onde porções de papel e lápis aguardavam as comunicações. Diferenciava-se do terreiro, lugar mais modesto, geralmente de chão batido, com espaço para os movimentos mais soltos dos cavalos (médiuns) da Umbanda e do candomblé.

Os “centros” abrigam, em uma reunião típica, cerca de 40 a 50 fiéis; por vezes, esta cifra se eleva a uma centena. A parte central da sessão se processa em torno de uma mesa, onde se sentam o Dirigente e os médiuns. Os assistentes ficam próximos, em cadeiras colocadas em um dos lados da sala. (CAMARGO, 1961, p. 18). No terreiro, propriamente dito, barracão com cerca de 50ms², há um altar, semelhante aos católicos. [...] Na entrada existe, em geral, uma espécie de secretaria, onde se cuida dos negócios econômicos do “terreiro”; no fundo, além do altar, acha-se uma sala destinada a guardar as roupas e utensílios do culto, servindo também de copa e sala para consultas particulares. (CAMARGO, 1961, p. 44).

O “alto Espiritismo” e o “baixo Espiritismo” foram termos separadores do que era de influência africana e, do que era de influência francesa. “Tais distinções, significativa da estratificação social brasileira, na verdade perpassam, atualmente, o próprio movimento umbandista (Espiritismo de terreiro) e o kardecista (Espiritismo de mesa branca).” (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 223). A representação simbólica da mesa, portanto, faz pensar na prática mediúnica recomendada por Kardec. Indica prática metódica e disciplinada, contida, onde os interessados estão sentados em atitude de concentração e meditação. A mesa limita os movimentos, que devem ser suaves, mesmo sob a influência dos espíritos. Na maioria dos

¹⁰ A expressão Centro Espírita se tornou tradicional para designar o lugar de culto dos espíritas kardecistas, embora algumas denominações de origem afro-brasileiras também se utilizem dessa expressão para nomear seus lugares de culto.

centros espíritas não se pratica a mediunidade fora das mesas, com exceção dos passes – aplicação de energias particulares ou “reunidas do plano espiritual”, pela imposição das mãos, feita pelos médiuns passistas. Nesse caso, os médiuns se posicionam de pé e os assistidos, pessoas que vão receber o *passé*, ficam sentados à sua frente, em atitude receptiva.

A mesa faz também, uma distinção entre os que vão praticar a mediunidade e os que apenas acompanharão a sessão. Essas sessões podem ser públicas ou privadas, isto é, podem ser assistidas por qualquer pessoa ou só por aqueles indicados pelos organizadores ou dirigentes da reunião. As mesas são mantidas organizadas, geralmente com um vaso de flores e livros espíritas e também de maneira geral é apenas uma, ainda que se tenha que juntar várias para se ter uma só. Dificilmente se encontrará um Centro Espírita sem mesas para a prática mediúnica. Embora outras atividades (palestras, passes, assistência social, etc.) possam ser praticadas sem o concurso de uma mesa, ela é o reduto central da casa espírita, onde se opera a psicografia, a incorporação, a vidência¹¹, a doutrinação de espíritos inferiores, e as reuniões de diretoria. É sobre a mesa dos trabalhos mediúnicos que geralmente ficam os pedidos: pequenos pedaços de papel onde as pessoas escrevem os nomes daqueles para quem solicitam ajuda. Esses nomes são lidos ou citados em conjunto numa “vibração final”, acompanhada da oração. Às vezes, em alguns centros espíritas, também se colocam sobre as mesas copos, ou garrafas com água para que sejam “fluidificadas” isto é, para que recebam os fluidos adequados à cura ou equilíbrio espiritual daqueles que se servem dessas águas. É por isso que, a esse recurso, é dado o nome de “água fluída”.

Embora seja um tipo de móvel importante na prática espírita Allan Kardec adverte que a mesa em si é um objeto como outro qualquer e que não se deve dar a ela nenhum significado maior do que o de uma ferramenta confortável para o exercício da mediunidade. Nem mesmo para a prática de fenômenos físicos – aqueles em que a finalidade do processo mediúnico é a movimentação, transformação, aparição de objetos, móveis, espíritos, etc. – o aspecto ou a natureza da mesa é relevante.

Acrescentamos que a forma da mesa, o material de que é feita, a presença de metais, da seda nas vestes dos assistentes, os dias, as horas, a obscuridade, a luz, etc., são tão indiferentes com a chuva e o bom tempo. Só o peso da mesa pode ter alguma influência, mas apenas nos casos em que a potência mediúnica não seja suficiente para movê-la. (KARDEC, 1994, p. 69).

¹¹ Psicografia, psicofonia e vidência são tipos de mediunidade onde o médium alega escrever, falar e ver sob a influência dos espíritos.

Como sintetiza Renato Ortiz (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 17), na introdução do Livro *A mesa, o livro e os espíritos*, “Ela [a mesa] constitui o território privilegiado da manifestação mediúnica”. As reuniões espíritas, chamadas normalmente de “sessões” apresentam conteúdo variado, mas de forma geral se dividem em: sessões mediúnicas – normalmente, privadas, onde se pratica a mediunidade, seja para a comunicação com espíritos superiores - aqueles que já atingiram certo grau de elevação e estão acima do nível espiritual da maioria das pessoas; seja para o acolhimento e esclarecimento de espíritos inferiores – aqueles que ainda sofrem, no mundo espiritual, as consequências de seus atos em desrespeito às leis divinas e que necessitam de aconselhamento e orientação. Essas reuniões duram, em média, de uma hora à uma hora e meia; sessões mediúnicas, também podem ser destinadas aos trabalhos de curas ou, produção de obras de arte (pintura, escultura, música, etc.); sessões ou reuniões públicas – abertas a qualquer pessoa – onde são abordados assuntos doutrinários na forma de palestras ou discussões em grupo. Podem também ser destinadas a crianças e jovens¹².

Outras atividades, como assistência social, cursos de Espiritismo e reuniões festivas podem ser realizadas no Centro Espírita, ou fora dele.

1.5.2 Os livros.

Mas nem só da mesa e do centro vive o Espiritismo. Os seus livros são fatores importantes de apoio à teoria espírita e de sua divulgação. Para isso, livros chamados mediúnicos – aqueles em que as ideias e o conteúdo são dos espíritos, tendo o médium, apenas, como intermediário dessas ideias – marcam presença no mercado editorial, principalmente no Brasil, onde o Espiritismo se difundiu de forma relevante. Nascida de uma pesquisa de fenômenos tidos como sobrenaturais, é natural que o resultado dessa pesquisa, a Doutrina Espírita, fosse traduzida em apontamentos escritos, e em livros. Ao colher as informações que julgou necessárias para formatar o corpo do novo conhecimento que apresentava, Kardec se valeu do livro para dar-lhe divulgação. Pedagogo experiente, reconhecia no livro o veículo adequado para conter e difundir o conjunto dos conhecimentos de sua nova doutrina.

¹² É comum nos centros espíritas se nomear como “evangelização” as reuniões de ensino do Espiritismo para as crianças, e como “mocidade” as reuniões destinadas ao ensino e discussão do Espiritismo para os jovens.

O livro é um veículo consagrado de informação, aquele que o ser humano ainda manuseia com muita facilidade, ainda que o computador ofereça outras vantagens à difusão da informação. Sua portabilidade e facilidade de apontar, registrar e destacar textos o torna um fabuloso meio de espalhar e guardar conhecimento. As ideias colocadas em livros se perpetuam. Neles, as ideias adquirem vida, tomam posição, viram objetos de adoração, recebem ornamentos e sagração. Na segunda metade do século XIX, quando ainda os meios eletrônicos nem eram ainda imaginados, só o livro poderia carregar e perpetuar o conhecimento. Kardec lança o primeiro livro sobre o Espiritismo em 1857, apenas dois anos após ter tomado conhecimento do fenômeno das mesinhas girantes.

Mas a mídia escrita já fazia referências a fenômenos mediúnicos algum tempo antes. Andrew Jackson Davis, clarividente americano, publica, em 1847, o seu *The principles of nature, her divine Revelation*, onde previa inclusive, a onda de manifestações espirituais que invadiria a América e a Europa na década seguinte.

A repercussão dos fenômenos mediúnicos ocorridos em Hydesville, em 1848, só foi registrada com maior ênfase na França, em 1852, pelo jornal *L'Univers*, em 26 de julho, em um artigo que teve como título *Les spiritualistes d'Amérique*, transcrito por Zêus Wantuil em seu livro *As mesinhas girantes e o Espiritismo*.

Há um ano que os jornais políticos da América assinalam os progressos de uma nova seita, que possui adeptos em toda a superfície dos Estados Unidos. Tais progressos, longe de esfriarem, tomam notável desenvolvimento, e, em data recente, a atenção pública seguia os movimentos dos espiritualistas reunidos em convenção geral na cidade de Cleveland, às margens do lago Eire. (WANTUIL, 2007 pág. 11).

O famoso reformador social Robert Owen em carta ao Sr. Goupy, datada de 20 de maio de 1853, dá testemunho de suas conclusões sobre a imensa massa de fenômenos tais como os das mesinhas girantes afirmando que o objetivo das manifestações observadas era “preparar a reforma do mundo; convencer todos os homens da realidade de uma existência imortal após a que vivemos; inspirar-lhes a caridade, a benevolência e a mansidão sem limites”. (WANTUIL, 2007, p. 20) Sobre o fenômeno afirmava categoricamente terem origem na ação de espíritos de pessoas mortas.

Em 1853, a editora londrina Hippolyte Bailliere publica um livro sobre os fenômenos espíritas, principalmente os das mesinhas girantes, chamado *Practical instructions in table-moving, with physical demonstrations*, um estudo sério sobre essas ocorrências. Em abril de 1855, é fundado o primeiro periódico espírita inglês, o *Yorkshire Spiritual Telegraph*, por David Weatherhead, também dedicado ao estudo e difusão dos fenômenos espirituais. De

1824 a 1852, o médico alemão Justinus Kerner publica seus estudos sobre o intercâmbio com espíritos na obra *A vidente de Prevoust*, onde relata os fenômenos produzidos por Frederica (Madame Hauffe) sendo observadas batidas, deslocamentos de objetos, sonhos premonitórios, etc. (WANTUIL, 2007, p. 23). Em janeiro de 1858, O Prof. Rivail lançou a *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos*, um dos primeiros órgãos de divulgação espírita na Europa, já que a essa época, pelo menos dezessete publicações sobre estudo das manifestações dos espíritos circulavam nos Estados Unidos da América.

Causa justa admiração que, enquanto na América somente os Estados Unidos possuem dezessete jornais consagrados a esse assunto, sem contar um sem-número de escritos não periódicos, a França, o país da Europa, onde essas ideias mais rapidamente se aclimataram, não possui nenhum [1] [...] [1] Até agora só existe na Europa um jornal consagrado à Doutrina Espírita - o *Journal de l'ame*, publicado em Genebra pelo Boessinger. Na América, o único jornal em francês é o *Spiritualiste de La Nouvelle-Orléans*, publicado pelo senhor Barthès (KARDEC, 2004, p. 22).

A *Revista Espírita* esteve sob a direção de Allan Kardec até a sua morte, em 31 de março de 1869. Posteriormente, continuou a ser publicada com algumas interrupções, agora com a colaboração do Conselho Espírita Internacional. Diversas publicações sobre o Espiritismo e sobre manifestações mediúnicas foram elaboradas nesta época nos principais centros culturais do mundo.

Nos Estados Unidos da América 22 jornais ou revistas, cujo principal órgão era o *Banner of Light*, de Boston, propagavam a Doutrina Espírita. Em 1855, três livros chamaram muito a atenção para o *neo-spiritualism*¹³: o primeiro foi *The Healing of the Nations* escrito mediunicamente por um ferreiro analfabeto. A obra foi prefaciada pelo governador do Estado de Nova Iorque. Sobre esse livro se pronuncia Arthur Conan Doyle: "é, indubitavelmente, uma produção notável, seja qual for a sua origem, e é absolutamente impossível que tenha sido produto normal de semelhante autor". (DOYLE, 1960, p. 134). O segundo e terceiro foram: *Modern spiritualism, its Facts and Fanaticisms*, de autoria de E. W. Capron, editado em Boston e abordando os fatos ocorridos em Hydesville de 1848, em diante; e, o que mais repercussão teve: *Experimental Investigation of the Spirit Manifestation, demonstrating the existence of Spirits and their communication with Mortals. Doctrine of the Spirit-World respecting Heaven, Hell, Morality and God, etc.* A grande repercussão desse livro se deveu à abordagem científica que Robert Hare, da Universidade da Pensilvânia, membro honorário do

¹³ Nome pelo qual, nos países de língua inglesa, ficou conhecido o conjunto de fenômenos e teorias que precederam à codificação do Espiritismo.

Instituto Smithsonian e autor de diversas descobertas e inventos célebres deu aos fenômenos espíritas, afirmando serem eles originados por espíritos. (WANTUIL, 2007, p. 307).

Na França, temos a obra de Girard de Caudenberg intitulada *Le Monde Spirituel, ou Science chrétienne de communiquer intimement avec les puissances celestes et ames heureuses*. Nesse trabalho, Girard, que era engenheiro, explora os resultados das suas experiências com as mesinhas girantes. (WANTUIL, 2007, p. 308). Na Inglaterra, em 1860, a Sociedade Dialética de Londres compõe uma equipe de analistas dos fenômenos espíritas e publica seus relatórios atestando os fenômenos mediúnicos. Dentre os relatores estão: Alfred Russel Wallace (1823 - 1913), sucessor de Darwin na pesquisa evolucionista, com seu trabalho *Miracles and Modern spiritualisme*; Willian Stainton Moses (1839 - 1892), professor da Faculdade de Oxford, através de dois volumes intitulados *Psychography* e *Spirit Identity*; A. de Morgan, presidente da Sociedade Matemática de Londres com seu livro *From Master of Spirit*; Willian Crookes (1832 - 1919), da Sociedade Real, a Academia de Ciências da Inglaterra, em seu livro *Recherches sur les Phénomènes du Spiritualisme*.

Na Alemanha, são conhecidos os trabalhos de Johann Karl Friedrich Zöllner (1834 - 1882), físico e astrônomo alemão e professor da Universidade de Leipzig, que consolidou em seu livro *Física Transcendental* suas experiências com o médium Henry Slade, acompanhado pelos seus pares da Universidade. (DOYLE, 1960, p. 244). Na Itália, Cesare Lombroso, médico e cientista, famoso criminalista, com as pesquisas sobre a mediunidade de Eusápia Paladino, e a publicação, em 1909, do Livro *Hipnotismo e Espiritismo*, onde relata suas experiências com a famosa médium.

No Brasil, publicações espíritas surgiram logo após o lançamento de *O Livro dos Espíritos*. Era muito comum àquela época que a educação dos brasileiros mais ricos se fizesse na Europa, mormente na França. Diversas publicações já haviam sido apresentadas no Brasil sobre o tema do além-túmulo, mesmo antes do surgimento do *O Livro dos Espíritos*, como relata Eduardo Carvalho Monteiro (1950 - 2005) em seu livro, *Túnel do Tempo: as primeiras publicações espíritas no Brasil*. (MONTEIRO, 2005, p. 16). Na Bahia, o escritor maranhense Cesar Augusto Marques (1826 - 1900), que fora estudante em Coimbra, Portugal, publicou o livro *Provas da Existência d'outro mundo, fundadas sobre a Natureza, História, Filosofia e Religião e traduzidas do francês*. A atenção europeia e também brasileira havia sido chamada para os fenômenos das "mesinhas girantes" ou "mesinhas rodantes" que intrigaram e deram origem a diversos estudos científicos. *O Cearense*, de 15 de julho de 1853 publica pela primeira vez no Brasil o fenômeno das mesinhas girantes, em moda na Europa e, em 26 de

julho dá notícia de que os mesmos fenômenos também estavam sendo obtidos em experiências em Pernambuco.

O *Diário de Pernambuco*, de 2 de julho de 1853, dá notícia dessas mesas girantes na Europa, e a treze, do mesmo mês, traz um artigo de Sabino Olegário Ludgero Pinho "sobre o magnetismo, descrevendo suas próprias experiências e relacionando os inusitados fenômenos com a homeopatia". Também o *Jornal do Commercio do Rio*, em 10 de julho, voltava ao assunto, levantando diversas hipóteses para explicar as mesas girantes e veiculando nos dias seguintes uma série de artigos sobre a ação magnética no tratamento de moléstias, pelo Cesário, que, "no dia 12 de agosto de 1854, auspiciosamente noticiava a evocação de espíritos através da mesa afirmando: A evocação se faz por intermédio de um iluminado, a que se dá o nome de médium". (MONTEIRO, 2005, p. 16). Em anúncio publicado em outubro de 1854 no jornal *Courrier du Brésil*, publicado em francês no Rio de Janeiro, nas décadas de 1850 e 1860, podia-se ver a oferta do livro *Arcannes de La Vie Future Dévoilée* (Os Arcanos da Vida Futura Revelados), de Alphonse Cahagnet, conhecida obra precursora do Espiritismo, como mesmo o reconheceu o próprio Allan Kardec. A venda desse livro em 1854, no Brasil, prova que as ideias espíritas já circulavam entre nossos intelectuais. Importante ainda de se assinalar, o proprietário do *Courrier*, Adolphe Hubert, também era adepto do Espiritismo. (MONTEIRO, 2005, p. 19).

Em sua obra de 1896, *O Espiritismo no Brasil e em Portugal - Notícias de todas as Aggregações Espíritas de 1857 até Hoje*, Afonso Angeli Torteroli (1849 - 1928) afirma que desde a chegada, em 1857 dos primeiros exemplares de *O Livro dos Espíritos*, ainda em francês, já começaram a se realizar sessões espíritas teóricas e práticas.

Dessa forma se procura caracterizar a inclusão do embrionário pensamento espírita nos meios impressos brasileiros mesmo antes do surgimento da Doutrina Espírita sistematizada por Kardec. Uma das primeiras publicações espíritas calcadas nas obras de Kardec surgiu com Casimir Lieutaud na obra de sua autoria *Les temps sont arrivés* e, em 1862, a tradução, por Alexandre Canu, do livro de Kardec, *O Espiritismo na sua mais simples expressão*, lançado em francês, no mesmo ano. Em 1866, Luís Olympio Teles de Menezes (1828 - 1893), fundador do primeiro Centro Espírita brasileiro, na Bahia, publica também a sua *Filosofia Espiritualista: O Espiritismo - Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita*, extraída de *O Livro dos Espíritos*. No ano seguinte, Teles de Menezes publica *O Spiritismo: carta ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Arcebispo da Bahia, D Manoel Joaquim d'A Silveira, Metropolitano e Primaz do Brasil*. É também de Teles de Menezes o primeiro

periódico espírita do Brasil - o *Écho D'Além-túmulo - Monitor D'O Espiritismo N'O Brasil*. (MONTEIRO, 2005, p. 23).

A partir de 1875 começam a serem publicadas as traduções dos livros básicos da codificação kardequiana. A mídia impressa espírita, portanto, desde logo se fez presente no Brasil. Após a fundação da Federação Espírita Brasileira em 2 de janeiro de 1884, prossegue a publicação do periódico O Reformador, órgão oficial daquela federação, que permanece até hoje. Em São Paulo, em 1866, foi impressa a brochura *O Espiritismo reduzido à sua mais simples expressão e Traduzido do francez*, pela Typografia Litteraria. As obras traduzidas de Kardec foram publicadas pela primeira vez por B. L. Garnier. Garnier se instalou no Rio de Janeiro, em 1841, na rua do Ouvidor. Era conhecido por sua sovinice, e chamado maliciosamente pelos compradores de “Bom Ladrão Garnier”.

As datas das edições dessas traduções foram: *O Livro dos Espíritos*, em 1875, sem nome do tradutor (a Biblioteca Nacional tem um exemplar); *O Livro dos Médiuns*, em 1875, traduzido da 12ª edição francesa, sem nome do tradutor; *O Céu e o Inferno*, em 1875, traduzido da 4ª edição francesa, sem nome do tradutor; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em 1876, traduzido da 16ª edição francesa, sob os auspícios da Sociedade Acadêmica Deus Cristo e Caridade, sem nome do tradutor; *Obras Póstumas*, impressa pela editora Moreira Maximiano, saiu em fascículos desde 1891 e, em livro, em 1892, traduzida por Adolpho Bezerra de Menezes (Max) (1831 - 1900); *O que é o Espiritismo* foi vertido para o português pela redação do Reformador, em 1884 e publicado pela Livraria Garnier. (MONTEIRO, 2005, p. 24).

A *Revista Espírita do Brasil*, em sua edição de agosto de 1897 dá notícia de que circulavam até aquela data dentre outras as seguintes obras espíritas: *Trabalhos Espíritas*, de Antonio Luiz Sayão (1829 - 1903); *Revelações de Além Túmulo*, de Antão de Vasconcelos; *Estefanotes* (poesia), de Freitas Junior; *O Professor Lombroso e o Espiritismo*, de Dias da Cruz; *O Homem através dos Mundos*, de Rabello Maia; *Alpha e ômega* (poema) e, *O Espiritismo Racional*, ambos de Victor Antonio Vieira; *Padre, médico e Juiz*, de Júlio Cesar Leal; *Os Astros*, de Ewerton Quadros; *Os Gênios* (poesia), de Carvalho Ramos; *Noites e Alvoradas - Filosofia Espiritualista*, de Romário Martins; *A Ciência Espiritualista*, de Antonio Pereira de Araújo; e, *O Espiritismo no Brasil e em Portugal*, de Angeli Torteroli. (MONTEIRO, 2005, p. 25).

Foi a 6 de julho de 1881, que surge o segundo periódico espírita do Brasil, e o primeiro de Pernambuco. Trata-se do jornal *A Cruz*, fundado por Júlio Cesar Maia, que mais tarde seria um dos presidentes da Federação Espírita Brasileira. É dele, ainda, a terceira

publicação espírita do Brasil, *O Espiritismo: Meditações Poéticas sobre o Mundo Invisível*. Essa obra é também a primeira obra espírita brasileira de cunho poético de que se tem notícia. Em 1873, A da Silva Neto, presidente da Sociedade de Estudos Espíritas - Grupo Confúcio, anuncia o primeiro número da *Revista Espírita*, órgão daquela associação. Era um jornal mensal para a discussão e pesquisa dos fenômenos espíritas. Já em 1881, surge em Areias - SP, o jornal *União e Crença* sob a direção de Joaquim Silvério Monteiro Leite, sendo considerado primeiro periódico espírita desse Estado. O segundo, o *Espiritismo Experimental*, teve breve circulação encerrando sua tiragem em setembro de 1886. O terceiro periódico paulista foi *O Espiritualista*, seguido do *Verdade e Luz*. Este último teve a sua maior tiragem em 1897, com a cifra de 15.000 exemplares, um feito importante, tendo-se como base a própria tiragem dos jornais convencionais. Em 1883, surge *Catechismo Espírita* dedicado às meninas, de autoria de Ewerton Quadros, aliás, o primeiro presidente da Federação Espírita Brasileira. (WANTUIL, 2002, p. 329). Em 1893, dentre outras obras destaca-se a publicação do livro de mais de 400 páginas, *Trabalhos Espíritas*, de Antonio Luís Sayão, jurista carioca, que também foi presidente da FEB. Em 1897, Sayão publica também o *Estudo dos Evangelhos em Espírito e Verdade*, obra reeditada em 1902, com novo título e aumentada: *Elucidações Evangélicas à Luz da Doutrina Espírita*.

A publicação de artigos espíritas em jornais de grande e média circulação e não espíritas teve um crescente aumento e muitos articulistas espíritas colaboraram com o movimento. Um desses articulistas, nome de peso no Espiritismo brasileiro, foi Adolpho Bezerra de Menezes Cavalcanti (1831 - 1900). Bezerra de Menezes, como era conhecido, foi médico, nascido no Ceará e formado no Rio de Janeiro, tendo exercido inúmeras funções no governo e no legislativo. Foi também presidente da Federação Espírita Brasileira em dois períodos: o primeiro em 1889, e o segundo, de 1895 a 1900. Como articulista espírita, Bezerra de Menezes publicou sob o pseudônimo de Max no jornal *O Paiz*, de outubro de 1887 a dezembro de 1894 e, nos *Jornal do Brasil* (Jan a Dez de 1895), e *Gazeta de Notícias* (1895 a 1897), diversos textos espíritas, parte dos quais estão reunidos no livro *Espiritismo - Estudos Filosóficos*, editado em três volumes pela FEB, em 1907. Em 15 de agosto de 1905, por obra de Caírbar Schutel, carioca radicado em Matão, Estado de São Paulo, surge o periódico *O Clarim*, destinado à divulgação da Doutrina Espírita. Cairbar Schutel fundaria ainda, em 15 de fevereiro de 1925, a *Revista Internacional do Espiritismo*, publicações que continuam a ser editadas até hoje.

De 1881 até 1910, época em que começou a se solidificar a presença do kardecismo no Estado de São Paulo, conseguimos catalogar a existência de 13 periódicos genuinamente

espíritas e 12 espiritualistas. (MONTEIRO, 2003, p. 30). Em 1912, Anália Emília Franco¹⁴ (1856 - 1919), Anália Franco como ficou conhecida, publicava seu opúsculo *Habilitação à Assistência das Sessões de Espiritismo* elaborado em conjunto com seu marido, no estilo de perguntas e respostas sobre a Doutrina Espírita.

Segundo os espíritas a fonte de toda a Doutrina Espírita se baseia no que chamam “pentateuco espírita” – conjunto de cinco livros publicados por Allan Kardec, ainda quando vivo: *O Livro dos Espíritos* – obra em que Kardec expõe os fundamentos filosóficos do Espiritismo. Apresentada sobre a forma geral de perguntas e respostas aborda desde a visão espírita da Criação até as razões e explicações para o sofrimento humano e para o destino do homem; *O Livro dos Médiuns* – obra em que Kardec transcreve as suas experiências com os médiuns e com a mediunidade, estabelecendo métodos da prática mediúnica e ressaltando cuidados para o contato e interpretação dos depoimentos dos espíritos. Analisa todos os tipos mais comuns de fenômenos mediúnicos. É considerada a obra de caráter científico da codificação; *O Evangelho Segundo o Espiritismo* – traz uma coletânea de interpretações de algumas passagens do Novo Testamento, segundo o depoimento dos espíritos. Nele Kardec inclui os depoimentos pós-morte de personalidades como Lacordaire, São Luís, Pascal, Santo Agostinho, dentre outros. Esses três livros são os mais lidos, sendo que, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, é o campeão de tiragem e de vendas.

Os outros dois livros que fazem parte do *pentateuco* espírita são: *A Gênese* – obra em que Kardec apresenta um estudo sobre as origens do mundo, suas transformações estruturais, os fatores responsáveis pela geração da vida orgânica e seus desdobramentos (evolução). Trata das origens dos espíritos, da reencarnação e faz uma apreciação sobre os chamados milagres, sob o ponto de vista das leis naturais. Reinterpreta as predições do Evangelho e sua escatologia; e, *O Céu e o Inferno* – explora depoimentos de espíritos de diversas categorias sobre as suas experiências de pós-morte, de como se aplicou para eles a justiça divina em função do que foram na Terra. Faz uma análise crítica dos chamados céu, inferno e purgatório e da doutrina das penas eternas. Estuda as diversas sensações do espírito no momento da morte, tanto do ponto de vista do seu desligamento do plano material, como na sua entrada no mundo espiritual. Foram publicados ainda outros livros de Kardec: *O que é o Espiritismo*, *A Prece*, *O Principiante Espírita*, *Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita*, *Obras Póstumas*, etc.

¹⁴ Anália Emília Franco era o seu nome de nascimento. Após o seu casamento com Francisco Antonio Bastos passou a se chamar Anália Franco Bastos.

Foi, sem sombra de dúvida, com Francisco de Paula Cândido Xavier (1910 - 2002), o Chico Xavier, que a literatura espírita deu um salto vertiginoso. Chico Xavier nasceu em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, em 2 de abril de 1910. Aos dezessete anos recebe a sua primeira mensagem psicografada. (CARVALHO, 1997, p. 7). Em 1932, psicografa o livro *Parnaso de Além-Túmulo*, primeiro dos mais de 450 livros mediados por ele e que se tornaram a estrutura básica literária da escrita espírita no Brasil. Nesse livro, são apresentados poemas e poesias atribuídos a renomados escritores e poetas brasileiros mortos, dentre eles, Augusto dos Anjos, Antero de Quental, Casimiro de Abreu e Castro Alves. (CARVALHO, 1997, p. 7).

A temática dos livros de Chico Xavier é, em sua maioria, de caráter ético e moral. No entanto, diversas obras foram compostas na forma de romances e texto de ajuda e conforto espiritual. Há livros de conteúdo científico, como *Mecanismos da Mediunidade* e *O Consolador* outros, de conteúdo filosófico, como *Pensamento e Vida*, outros ainda, dirigidos às crianças, como *Jardim da Infância* e *Mensagem do Pequeno Morto*. Dentre os seus livros mais lidos estão os da chamada Coleção de André Luiz, uma série de livros que relata as experiências de um médico desencarnado em sua vida após a morte. São, também, muito conhecidos os livros da Coleção de Emmanuel, entidade que Chico Xavier dizia ser seu mentor espiritual.

Chico Xavier também se destacou pelo seu apoio às obras de caridade e pelo seu constante apelo pela paz. São muito conhecidas as mensagens que escreveu dos espíritos que dizia ser parentes de pessoas vivas. Tais manifestações deram origem, recentemente, ao filme *As mães de Chico Xavier*, onde foram selecionadas e narradas algumas dessas cartas de filhos mortos para seus pais vivos. Chico Xavier morreu em 30 de junho de 2002, mesmo dia em que o Brasil se sagrou pentacampeão da Copa do Mundo de Futebol. Dizem que ele afirmava que queira morrer em um dia em que o Brasil se sentisse muito feliz.

A massa de publicações produzidas sobre o Espiritismo diz da importância do livro e da comunicação escrita para o Espiritismo. Diz também, do nível de escolaridade dos espíritos no Brasil, isso desde que os primeiros livros em francês aqui chegaram.

O público espírita é o mais escolarizado entre as religiões de maior expressão nacional (mais de 50% tem entre segundo grau e nível superior cf. Prandi e Pierucci, 1996) movimentando um mercado editorial de mais de uma centena de editoras, nacionais e regionais, antigas e novas, cujas dimensões não estão suficientemente quantificadas. Seus livros têm uma boa aceitação entre o público não-espírita, podendo ser encontrados em livrarias próprias, livrarias comuns, bancas de revistas e postos de venda de livros em centros espíritas (LEWGOY, 2004, p. 6).

Também a televisão, o teatro e a internet, têm sido muito usados para a divulgação da doutrina, fato este aqui salientado, tendo em vista que a visibilidade dos princípios espíritas nos mais diversos tipos de mídia estimula consideravelmente a mídia impressa, que é para onde se volta o espectador curioso. Segundo a Federação Espírita Brasileira, em informação oferecida por seu site¹⁵, só a editora daquela instituição produziu quase 40 milhões de livros, sendo que, os mais vendidos são *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, com 3.878.000 de exemplares, e *Nosso Lar*, com 1,6 milhão. Considerando-se que a FEB não é a única editora espírita no Brasil, que hoje conta com dezenas delas e que diversas editoras publicam jornais, panfletos e revistas sobre o Espiritismo, pode-se ter uma ideia da importância da mídia impressa para o Espiritismo no Brasil.

O Espiritismo não é a religião de um livro. É uma religião de muitos livros que são através dos tempos incorporados ao seu acervo doutrinal. A maioria deles é, no dizer dos espíritas, psicografado, isto é, transmitido por espíritos a um, ou vários médiuns, e são encontrados em apreciável número nas estantes das principais livrarias do Brasil. Um livro, *Nosso Lar*, de Chico Xavier, ensejou a produção de um filme que, em 2010, ultrapassou a cifra recorde de três milhões de espectadores. *Nosso Lar* conta as experiências que André Luiz, um médico, teve em sua vida após a morte.

Os temas ligados à vida após a morte, à reencarnação, e à comunicação entre “vivos” e “mortos” já não sofrem resistência da cultura brasileira. O jornal *Folha de S. Paulo*, através do seu site *Folha.com*¹⁶ publicou um artigo, datado de 25 de abril de 2011, em que aborda uma pesquisa sobre o assunto. A pesquisa foi feita pelo Instituto IPSOS de pesquisa de mercado para a agência de notícias Reuters, com respondentes de 23 países sobre a crença em Deus ou um Ser Supremo. A pesquisa concluiu que 51% dos entrevistados "definitivamente acreditam em uma 'entidade divina' comparados com os 18% que não acreditam e 17% que não tem certeza".

A pesquisa apurou também que 51% dos entrevistados também acreditam em algum tipo de vida após a morte: 23% (vida após a morte, mas não especificamente inferno ou paraíso); 19% (vida após a morte com paraíso e inferno); 7% acreditam na reencarnação; e, 2% acreditam no paraíso, mas não no inferno. Em primeiro lugar, nesse quesito, vida após a morte, vêm os mexicanos, com 40% dos entrevistados afirmando que acreditam em algum

¹⁵ <http://www.febnet.org.br/site/livros.php?SecPad=223>, acessado em 27 de julho de 2011.

¹⁶ <http://www1.folha.uol.com.br/bbc/906822-brasil-e-3-pais-onde-mais-se-cre-em-deus-aponta-pesquisa.shtml>.

tipo de vida após a morte, “mas não em paraíso ou inferno”. A pesquisa ainda apurou que “o Brasil está em segundo entre os países onde as pessoas acreditam ‘basicamente na reencarnação’”.

Em 2007 se tornou conhecida uma pesquisa feita pela *Folha de S. Paulo* que concluiu que 37% dos brasileiros acreditam “totalmente” na reencarnação e, que 60% acreditam na vida após a morte. (DATAFOLHA, 2007). No imaginário e nas crenças do leitor brasileiro, portanto existe um campo de aproximação com as teorias espíritas em que o mercado editorial se insere transferindo valores e quebrando resistências. O livro espírita representa uma força de difusão considerável para o Espiritismo, principalmente no Brasil.

1.5.3 Os espíritos.

Um terceiro elemento importante na trilogia de mesa, livro e espírito se refere aos espíritos, entidades que, segundo os espíritas, são “os seres inteligentes da criação. Eles povoam o Universo além do mundo material”. (KARDEC, 1994, p. 77). Diversas culturas revelam desde as suas origens a crença na existência de espíritos como entidades presentes e que interferem no cotidiano das vidas das pessoas ou que são invocadas em cerimônias especiais.

Os tupinambás sentem-se rodeados por uma multidão de espíritos, que perambulam por toda parte, sobretudo em matas e sítios obscuros, de aspecto particularmente sinistro. Os espíritos dos mortos frequentavam, de preferência, a circunvizinhança das tumbas, sendo a sua atividade muitas vezes hostil à espécie humana, pois lhes causavam doenças, impediam a vinda das chuvas e provocavam a derrota na guerra; (METRAUX, 1979, p. 56).

Para a comunicação com esses espíritos, nessas culturas, existem os sensitivos, ou médiuns, pessoas a quem se atribui a faculdade de, mediante concentração ou transe, perceber espíritos ou transmitir suas informações ao mundo dos vivos¹⁷. As práticas desenvolvidas para essas ligações são as mais diversas, sugerindo, pela multiplicidade de povos que as praticam, um consenso da existência e da sobrevivência da alma.

A ação preponderante dos médiuns nos fenômenos espíritos é confirmada pela observação de que todos os povos primitivos e selvagens, e mesmo o vulgo, especialmente do campo, veneram alguns indivíduos, magos, feiticeiros, santos, profetas [...] ver à distância, predizer o futuro, levantar-se no ar, passar através dos corpos opacos, transportar-se, num instante, a milhares de quilômetros, entrar em comunicação com seres extraterrenos: diabos, santos, e, sobretudo com a alma dos defuntos. (LOMBROSO, 1999, p. 88).

¹⁷ No jargão espírita, os vivos são chamados de “encarnados” e os mortos de “desencarnados”.

A mediunidade, portanto, é um fenômeno conhecido. Manifestações de espíritos são relatadas na maioria dos textos históricos e religiosos da humanidade. Eram associados à magia e cercados de mistério o que propiciavam sua prática por iniciados.

A magia era praticada por todos os povos do oriente – caldeus, assírios, babilônios, persas, cujos sacerdotes e magos (do zendico mah que quer dizer grande), muito se ocuparam de astrologia e ciências ocultas, e destarte seus nomes se tornaram sinônimos de necromante. Segundo Strabão, esses sacerdotes procuravam descobrir o futuro e influir no presente, empregando três métodos: 1. Evocando os espíritos; 2. Servindo-se de taças e mesas; 3. Servindo-se da água, ou seja, pela visão no copo d'água, pelo tripé móvel e outras práticas ainda usadas. (LOMBROSO, 1989 p. 103).

Também entre os índios norte-americanos se sabe da prática da mediunidade desde muito tempo. Sobre isso, afirma Paul Gibier (1851 - 1900): “Veremos que os médiuns são notavelmente encontrados entre os peles-vermelhas, que representam talvez, segundo dados recentes sobre a história do planeta Terra, os restos de uma antiquíssima raça outrora preponderante em nosso globo.” (GIBIER, 2002 p.44). Para os espíritas todo ser humano tem a capacidade de se comunicar com os espíritos de pessoas mortas. Segundo Allan Kardec, isso se deve a uma estrutura tríplice do ser humano: corpo, espírito e, perispírito.

Numerosas observações e fatos irrecusáveis, de que trataremos mais tarde, demonstram a existência no homem de três componentes: 1º) a alma ou Espírito, princípio inteligente em que se encontra o senso moral; 2º) o corpo, invólucro material e grosseiro de que é revestido temporariamente para o cumprimento de alguns desígnios providenciais; 3º) o perispírito, invólucro fluídico semimaterial, que serve de liame entre a alma e o corpo. (KARDEC, 1994, p. 62).

No seu *O Livro dos Médiuns*, Kardec relaciona diversas modalidades de mediunidade que têm sido estudadas, inclusive por cientistas, mormente na fase inicial do Espiritismo, como já vimos, quando os fenômenos se tornaram mais numerosos. Segundo Kardec, por mediunidade podemos entender a faculdade que a quase totalidade das pessoas possuem, umas mais outras menos, de sentirem a influência ou ensejarem a comunicação dos Espíritos (KARDEC, 1984 p. 167). Após seus estudos sobre o fenômeno mediúnic Kardec separou a mediunidade em categorias e sugeriu modelos de desenvolvimento dessas mediunidades, trabalho que culminou com a publicação do *O Livro do Médiuns*, em 1864. Segundo Kardec, as mediunidades se classificam em dois grandes grupos: mediunidades de efeitos físicos: aquelas em que predomina a ação sobre a matéria (movimento, aparecimento,

desaparecimento, transformação, etc.); e, mediunidade de efeitos intelectuais: aquelas em que predominam o conteúdo da informação a ser transmitida (escrever, falar, ver, ouvir, etc.). As mediunidades de efeitos físicos são as que mais chamam a atenção pelo seu aspecto sobrenatural e maravilhoso.

Para produzir cada tipo de mediunidade é necessário um tipo de médium. Isto porque, segundo os espíritas, o fluido mediúnico, elemento que propicia o fenômeno mediúnico faz parte do corpo do médium e difere de pessoa para pessoa. A mediunidade manifesta-se mercê de uma determinada composição ou estrutura física do sensitivo que pode ser afetada positivamente ou negativamente pela ação do espírito do médium. Os médiuns de efeitos físicos são mais raros do que os de efeitos intelectuais. Para manipular a matéria, os espíritos precisam da doação de fluídos semimateriais especiais, que o médium tem que produzir. Para a transmissão de informações os espíritos podem usar mais facilmente o pensamento que pode ser captado mais facilmente pelo espírito do médium, demandando menos esforço e menos especificidade do fenômeno (KARDEC, 1984).

Na maioria das religiões a prática mediúnica está circunscrita a um círculo de iniciados que a praticam dentro dos ritos e liturgias próprias. Para a Doutrina Espírita a prática mediúnica pode ser realizada por qualquer um, de forma espontânea ou de forma provocada; oriunda de uma disposição natural ou desenvolvida através de um treinamento ou condicionamento. Essa característica, também existente em algumas religiões afro-brasileiras e indígenas, ajuda a explicar a multiplicação dos fenômenos mediúnicos em maior número nessas religiões. O Espiritismo se fundamenta nessa ligação com o plano espiritual, de onde extrai as informações que compõem seu corpo doutrinário. “Na verdade, o Espiritismo nada mais é do que isto: a doutrina fundamentada no estudo dos ensinamentos dos próprios espíritos que, a partir de 1847, não param de mandar mensagens de todos os pontos do planeta para os homens.” (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 53).

No Espiritismo, os espíritos são categorizados de acordo com sua evolução – característica de quem adquiriu determinadas virtudes ao longo de suas experiências reencarnatórias – e de acordo com a sua missão – tarefa ou experiência a adquirir - junto aos encarnados e junto aos desencarnados.

Ao longo das encarnações, em contato com a matéria, os espíritos diferenciam-se, subdividindo-se em ordens de uma escala evolutiva cujo princípio de classificação é a oposição entre o espiritual identificado ao Bem, ao superior, e o material, identificado ao Mal, ao impuro, ao inferior. (CASTRO, 1985, p. 26).

Assim, a comunicação com os espíritos, segundo o Espiritismo, visa: conhecer o modo de vida dos espíritos, dentro de sua realidade no mundo espiritual, como forma de se “preparar” para a vida após a morte; conhecer e reconhecer as diversas categorias de espíritos, para estabelecer a maneira como devem ser tratados e contatados; adquirir conhecimentos sobre os aspectos mais diversos da vida, selecionando as informações confiáveis e relevantes. Os espíritas acreditam que a influência dos espíritos na vida dos encarnados é importante e constante, faz parte do dia-a-dia. Essa influência pode ser boa ou má, dependendo da categoria dos espíritos.

1.5.4 A Expansão do Espiritismo no mundo.

Após uma retração no movimento espírita na França e em alguns países do mundo, hoje já se consegue perceber um movimento ascendente do Espiritismo em diversas partes do mundo. Uma organização internacional, recentemente fundada reúne espíritas de diversos países para unificar o movimento e para ampliar o apoio às unidades representativas do Espiritismo no mundo.

Constituído em 28 de novembro de 1992, em Madrid (Espanha), o Conselho Espírita Internacional (CEI) é o organismo resultante da união, em âmbito mundial, das Associações Representativas dos Movimentos Espíritas Nacionais. Atualmente há 33 países integrados ao CEI: Alemanha, Angola, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Cuba, El Salvador, Espanha, Estados Unidos, Guatemala, Holanda, Honduras, Itália, Japão, Luxemburgo, México, Noruega, Nova Zelândia, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal, Reino Unido, Suécia, Suíça, Uruguai e Venezuela.¹⁸

A expansão do movimento emigratório de brasileiros para diversas partes do mundo nos últimos tempos tem favorecido a difusão do Espiritismo em outros países, como este autor constatou em recente viagem à Europa. Núcleos espíritas na Suíça e na França são dirigidos, ou têm ativa participação de espíritas brasileiros. Além disso, são frequentes as viagens de palestrantes espíritas por esse continente. Wellerson Santos, palestrante espírita, esteve em fevereiro na Alemanha e na Áustria divulgando o Espiritismo.¹⁹ Divaldo Pereira Franco, espírita baiano, por exemplo, esteve em Oslo, Noruega em junho último fazendo palestras e estreitando laços entre os espíritas brasileiros e os noruegueses.²⁰

¹⁸ http://intercei.com/conheca_o_cei/ Acesso em 22 nov 2012.

¹⁹ <http://wellersonespiritismo.blogspot.com.br/2012/02/viagem-europa.html> Acesso em 22 nov 2012.

²⁰ http://divaldofrancoembaixadordapaz.blogspot.com.br/2012/07/registro-seminario-com-divaldo-pereira_31.html Acesso em 22 nov 2012.

Em agosto de 2009, O jornal *Folha Espírita* em sua edição eletrônica de número 420, trouxe algumas informações sobre Centros Espíritas na Europa:

Para se ter uma ideia de que forma está traçado o mapa das casas espíritas no continente, na França existem atualmente 50 centros espíritas. Outros 13 estão no Reino Unido, 2 na Dinamarca, 6 na Suécia, 1 na Escócia, 9 na Suíça, 70 na Espanha, 140 em Portugal, 13 na Bélgica, 1 em Luxemburgo, 7 na Itália, 2 na Bielo-Rússia, 1 na Polônia, 2 na Áustria e 2 na Estônia.²¹

²¹ <http://www.folhaespirita.com.br/v2/index.php?q=node/393> Acesso em 22 nov 2012.

Conclusão.

O Espiritismo conseguiu se inserir no universo religioso sob um enfoque novo. Ao excluir os ritos, a hierarquia, os dogmas, o sacerdócio mostrou que seria possível viver uma religião com abertura suficiente para outros campos do conhecimento. Surgiu em uma época de profundas transformações do conhecimento humano, o século XIX. Precisava da liberdade de pensamento para sugerir novas explicações para a condição humana e precisava de um mínimo de método e espírito de observação para sugerir novas explicações para o sobrenatural. A personalidade firme do seu sistematizador, Allan Kardec, foi importantíssima para a sustentação do início dos estudos e pesquisas, pela fragilidade natural de qualquer disciplina em seu começo. Kardec colheu em Yverdun os elementos fundamentais para o espírito livre e isento de quem iria encarar no arrastão das frívolas mesinhas girantes, o fantástico e imensurável mundo dos espíritos.

A corrida dos cientistas e pesquisadores, em direção ao fenômeno mediúnic, se fez na busca pura da verdade sobre os fatos, até que a ameaça das revelações trazidas por esses espíritos polarizou as opiniões, dividindo-as em frentes de luta, na defesa de ideologias religiosas. A trajetória do Espiritismo na Europa do século XIX e início do século XX ensejou uma oportunidade de mudança na hegemonia do pensamento religioso. Abriu uma brecha nas muralhas da religião e do materialismo na proposta de conceber uma realidade espiritual que poderia ser aceita pelo campo religioso e pela ciência materialista.

Quando a ciência, com inexorável lógica dos fatos, abriu diante de nossos olhos espantados e maravilhados as perspectivas sem limites do infinito, quando a Astronomia levou a tocha nos espaços siderais, as velhas lendas se dissiparam ao sopro da realidade. Os mundos que povoam o universo são Terras como a nossa, sobre as quais palpita a vida universal, e o homem moderno ri das pretensões infantis de nossos pais, de limitar a esse imperceptível grão de areia que se chama Terra as manifestações da força infinita, incriada, eterna de Deus. (DELANNE, 2006, p. 298).

O mundo culto e erudito se mexeu com os fenômenos mediúnicos que assolaram a Europa na segunda metade do século XIX. No entanto, mesmo as pesquisas científicas sobre esses fenômenos foram encobertas pela própria poeira levantada por eles, quando ela assentou. O materialismo e o ateísmo viraram moda e opção de conduta por qualquer que quisesse se dizer cientista, sociólogo, antropólogo ou pesquisador nesses tempos de modernidade. Lidar com o sobrenatural se tornou um estigma, mesmo para os pesquisadores sérios e bem intencionados.

Todo o esforço dos primeiros pesquisadores do primeiro momento vai se perdendo, submergido pelos metapsiquistas e parapsicólogos dos grandes centros de ciência,

mas, acontece que a filosofia, as práticas e até as superstições nascidas da crença no perispírito e na presença dos mortos estão longe de se terem extinguido. Verificam-se, pelo contrário, à medida que se esbate o colorido científico da doutrina, os progressos constantes daquilo que não seria, sem dúvida, arriscado chamar de “religião espírita”. (LANTIER, 1980, p. 175).

O Espiritismo de Allan Kardec, até onde se tem notícia, foi o único que permaneceu aprofundando o estudo das manifestações dos espíritos e o único que evoluiu de uma prática apenas mediúnica para a formulação de um código ético-religioso. A facilidade com que se pode estudar e conhecer os princípios do Espiritismo tem sido um grande fator de expansão desse movimento. Os temas principais defendidos pelo Espiritismo, já referidos anteriormente, estão presentes no universo editorial brasileiro de forma marcante. Também o mundo das artes (teatro, cinema, música, pintura, etc.) tem servido de veículo de comunicação da Doutrina Espírita, até mesmo promovendo destacada afluência de seguidores e curiosos.

As lutas internas pelas quais o Espiritismo passou e passa ainda; as diversas sobreposições que ainda existem entre o Espiritismo e outras crenças tornam difícil prever o seu futuro. A Doutrina Espírita, no Brasil e em algumas partes do mundo está em expansão. Um movimento de exportação do Espiritismo brasileiro começa a ser percebido. Muitos núcleos espíritas fora do Brasil são dirigidos por brasileiros ou por pessoas que conheceram a Doutrina Espírita quando estiveram no Brasil. O modelo brasileiro, mais religioso, começa a ter mais aceitação fora do Brasil.

Esse modelo de Espiritismo mais tropicalizado passa por uma estabilização em solo brasileiro. Diferentemente da Europa e dos Estados Unidos, no Brasil a influência das religiões indígenas e africanas vai permitir a prática mediúnica como religião e não apenas como fenômeno a ser estudado pela ciência. A sua chegada ao Brasil e sua história de introdução e adaptação ao campo religioso brasileiro podem ser visualizadas no próximo capítulo. Essa adaptação tornou o Espiritismo brasileiro mais religioso e menos científico do que o europeu. Esse Espiritismo retorna à Europa e aos Estados Unidos no final do século XX e no começo do século XXI carregado de conceitos éticos e cristãos, sem ferir os preceitos basilares de Allan Kardec, mas destacando o seu lado religioso e filosófico.

CAPÍTULO 2 O ESPIRITISMO NO BRASIL.

Introdução.

Como já vimos no capítulo anterior, a conversão religiosa reflete os mais variados fatores e por isso deve ser sempre explicada à luz das condições que levaram o indivíduo a preferir esta ou aquela religião.

A população brasileira apresenta um alto grau de envolvimento com a religião. Estudos levados a efeito, em 2009, pelos pesquisadores Alexander Moreira-Almeida, Ilana Pinsky, Marcos Zaleski e, Ronaldo Laranjeira, e publicados na Revista de Psiquiatria Clínica - órgão oficial do Departamento e Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP - revelam que na população brasileira “95% tem uma religião, 83% consideram a religião muito importante e 37% frequentam serviços religiosos pelo menos uma vez por semana”. (MOREIRA-ALMEIDA, PINSKY, *et al.*, 2009). Essa pesquisa revela, ainda, que cerca de 10% da população frequenta mais de uma religião. Outra pesquisa, esta realizada pelo CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais) organização católica fundada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e pela Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) informa que “24% da população brasileira já mudou de religião em algum momento de suas vidas”. (FERNANDES, s.d., p. 62). Esses dados reforçam tanto a religiosidade do povo brasileiro, quanto um comportamento flexível na fidelidade religiosa.

Dentre os diversos fatores dessa diversidade, os fatores sociais têm grande importância. Os mecanismos de relacionamento social, as leis e regras de convivência, a disposição natural do povo à bonomia atenuam as resistências ao trânsito religioso e oferecem condições de multiplicação das instituições religiosas. “O pluralismo religioso supõe a existência do pluralismo político e da liberdade, que são características da democracia; dessa forma, no que diz respeito ao campo religioso, o pluralismo religioso opõe-se à concentração do poder, à concepção monolítica deste e à intransigência.” (SANCHEZ, 2005, p. 43).

Conforme veremos no desenvolvimento do capítulo, essas condições de liberdade e facilidade na escolha individual de religião são recentes. Como outras religiões entrantes no campo religioso, o Espiritismo teve que brigar por espaços e por legitimidade, enfrentando ao mesmo tempo agentes externos de perseguição e rejeição e condições internas adversas caracterizadas pela discordância no entendimento do que o Espiritismo deveria ser no Brasil.

O Espiritismo não veio para o Brasil pelas mãos de missionários enviados da França, seu país de origem, nem encontrou aqui o mesmo tipo de interesse que animou Allan Kardec no nascimento da Doutrina Espírita. O Espiritismo estranhou o campo religioso brasileiro, na verdade colidiu com ele, já densamente ocupado pelo Catolicismo. Embora os livros de Kardec tivessem algum trânsito entre as camadas superiores da sociedade, não pode contar com grandes efetivos, nem esses efetivos estavam organizados para o enfrentamento. A própria legislação dificultava sua prática ao qualificar o Espiritismo como “Crime contra a saúde pública” (Art. 157, do Decreto 847, de 11 de outubro de 1890).

Essas dificuldades foram se estendendo até meados do século XX, ora propiciadas pelas autoridades, ora pelas organizações religiosas, ora pelas associações científicas e médicas, ora pela imprensa e, até mesmo, pelos próprios espíritas dentro das suas divergências doutrinárias. A ligação do Espiritismo com as religiões de origem africana contribuíram para estender a ele o mesmo preconceito que essas religiões já sofriam. Aproveitando as denominações populares (“baixo-Espiritismo”, “alto-Espiritismo”, “Espiritismo de mesa branca” e “Espiritismo de terreiro”) que acentuavam ao mesmo tempo a diferença e aproximação entre as religiões mediúnicas (o Espiritismo, o candomblé, a Umbanda, a macumba, etc.) as religiões hegemônicas combatiam o Espiritismo como uma prática atenuada do curandeirismo, da magia e, da ação do demônio. Outras organizações, no entanto, acolheram os espíritas em seus quadros, como a maçonaria e os clubes de serviço, onde, pela prática da filantropia, o Espiritismo encontrou certo apoio e abrigo.

Dentro desse quadro, a evolução do Espiritismo para se tornar a terceira religião com o maior número de adeptos do Brasil, 3.848.876, sendo a primeira o catolicismo e a segunda o protestantismo, tudo segundo o Censo do IBGE, 2010, passou por situações de graves crises e altos e baixos na adesão de adeptos. Durante esse período, se podem reconhecer, para cada etapa, diferentes fatores motivacionais para a conversão ao Espiritismo. Assim, no estudo da conversão ao Espiritismo no Brasil todos esses fatores devem estar presentes e, se não é o escopo desse trabalho analisar as motivações desse trânsito religioso ao longo de toda essa trajetória, uma vez que o objeto deste estudo são as motivações atuais para a conversão ao Espiritismo no Brasil, é legítimo lembrar que esse passado teve forte influência nas motivações de hoje, no mínimo pelo fortalecimento das posições de defesa espíritas, dentro das quais o movimento acolhe seus novos fiéis e pelo fortalecimento dos argumentos que tornaram interessantes e desejados os seus princípios.

Neste capítulo se vai apresentar um pouco da história do Espiritismo no Brasil, as facilidades e dificuldades que ele encontrou, desde a sua chegada aqui. Serão estudados os

fatores que motivam pessoas de outras religiões a virem para o Espiritismo e os resultados da pesquisa realizada que dão suporte às conclusões desse estudo.

2.1 Os primórdios.

Desde que foi estruturado como uma doutrina filosófico-religiosa, em 1857, pela publicação em Paris, na França, da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, o Espiritismo começou a ser praticado em vários países do mundo.

Essa difusão se deveu em certa medida ao grande número de fenômenos mediúnicos que ocorreram nessa época nos Estados Unidos e na Europa - inicialmente os raps, e depois as mesinhas girantes, fenômenos já comentados no primeiro capítulo.

A rapidez com que se propagaram, em todas as partes do mundo, os estranhos fenômenos das manifestações espíritas é prova evidente do interesse que despertam. A princípio, simples objetos de curiosidade não tardaram a chamar a atenção de homens sérios que neles vislumbraram, desde o início, a influência inevitável que viriam a ter sobre o estado moral da sociedade. (KARDEC, 2004, p. 21).

Desde a época de colônia, até meados do século XX o Brasil mostrava uma dependência local sobre tudo o que provinha da Europa. Como fonte de produtos industrializados, como fonte de documentação histórica e literária, como fonte de tecnologia, como fonte de moda ou costumes, Portugal e principalmente a Inglaterra e a França se destacavam a ponto de serem fontes quase exclusivas de tudo o que se podia ter e conhecer. (TAVARES, 1979).

O intercâmbio da então modestíssima imprensa periódica brasileira com a imprensa estrangeira limitava-se, naquela época, quase que exclusivamente a alguns países europeus, em especial a França. É desta nação que aqui aportava a maior parte das notícias concernentes aos mais variados fatos que sucediam na superfície terrestre. (WANTUIL, 2007, p. p. 243)

A notícia das mesinhas girantes também foi uma das novidades trazida dos salões europeus. O Anuário Histórico Espírita, de 2003, publicado pela Editora Madras, dá conta de experimentações dessa natureza, já no ano de 1853, realizadas por um farmacêutico de nome Catão Mamede e seu pai, Antonio Paes da Cunha Mamede, no Ceará. Também, segundo Eduardo Carvalho Monteiro, "o historiador e homeopata Melo Morais, no Rio de Janeiro, organizou e dirigiu um grupo com a finalidade de estudar esses fenômenos. Entre seus integrantes estavam o Marquês de Olinda e o Visconde de Uberaba". (MONTEIRO, 2003, p.

31). Ainda não era Espiritismo, mas já era uma experimentação sobre a possibilidade de contato entre os encarnados e desencarnados - mediunidade. Outros experimentadores da mediunidade foram os homeopatas Bento Mure (francês) e João Vicente Martins (português), chegados ao Rio de Janeiro em 1840, "que aplicavam passes em seus pacientes e falavam em Deus, no Cristo e na caridade, quando efetuavam suas curas" (MONTEIRO, 2003, p. 30). Jornais locais davam notícia das mesinhas girantes na França. Um deles, *O Cearense*, fundado em 1846, em seu número de 26 de julho de 1853, destacava o fenômeno, em sua manchete, "Mesas dançantes":

Não é só na Alemanha, França, Pernambuco, etc., que se fazem experiências elétrico-magnéticas das mesas dançantes. O Sr. José Smith de Vasconcelos fez, no domingo, uma experiência em sua casa, na presença de muitas pessoas, com uma mesa redonda, que depois de alguns minutos rodou pelo meio da sala, até que os experimentadores romperam a cadeia!!! Neste momento presenciamos várias experiências desta. (MONTEIRO, 2003, p. 31).

José Smith de Vasconcelos era português, filho do Conselheiro José Inácio Paes Pinto de Souza e Vasconcelos e, de Mary Martha Tustin Smith, essa, inglesa de Worcester. Foi comerciante e um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia, tendo sido, também seu provedor. Era abolicionista e antecipou a libertação de vários dos seus escravos, 20 anos antes da Lei Áurea. Segundo MONTEIRO (2003), Smith foi Vice-Cônsul da Suécia e Noruega, da cidade Livre de Hamburgo e Agente Consular da República dos Estados Unidos da América do Norte, dentre outros cargos e funções. Tratava-se de pessoa de boa posição social e intelectual, o que reforça a confiabilidade dos relatos produzidos.

Na França o Espiritismo atinge o seu ápice, nos anos 1920. Protagonizado principalmente por Leon Denis (1846 – 1927), considerado o grande pensador espírita depois de Kardec, o Espiritismo havia atingido todas as classes sociais, principalmente as camadas mais cultas da sociedade francesa. Denis havia publicado uma série de livros sobre a filosofia espírita que é lida até hoje pelos espíritas do mundo inteiro. Sua primeira obra foi *Depois da Morte, em 1890*, onde Denis faz um estudo das religiões na antiguidade, explora as experiências de comunicação com os mortos e termina com uma construção filosófica da moral espírita. Desde *O Porquê da Vida*, lançado em 1885 até o Grande Enigma, de 1911, a coleção de suas obras têm sido consideradas o grande esteio do Espiritismo, depois de Allan Kardec. Depois de sua morte, uma série de fatores fez o Espiritismo regredir na França. Em primeiro lugar temos a diminuição do interesse pelas mesinhas girantes; depois, a fraude dos médiuns que procuram provar, a qualquer preço, uma força prodigiosa que não possuíam.

“Uma outra razão para o desmoronamento da doutrina de Allan Kardec é oriunda das desavenças entre espíritas e ocultistas (Papus)²², entre espíritas e teósofos (Blavatski)²³, e a atração exercida pelas sociedades metapsíquicas.” (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 126).

As ideias de Papus, também muito conhecidas no final do século XIX colidiram com os princípios kardecistas e carregaram muitos adeptos. Madame Blavatsky, como era conhecida, foi uma das fundadoras da Sociedade Teosófica, em 1875. Teve contato com diversos experimentadores espíritas, inclusive com o pesquisador americano dos fenômenos mediúnicos, Henry Steel Ollcot (1832 – 1907), conhecido como Coronel Ollcot, outro dos fundadores da Sociedade Teosófica. A diversidade das explicações dos fenômenos mediúnicos desviou o foco de muitos curiosos que ora pendiam para o Espiritismo, ora para as propostas dos teósofos, ora para os ocultistas.

Diversos ramos da ciência começam a pesquisar os fenômenos citados como mediúnicos pelo Espiritismo, sob outras formas. A Metapsíquica de Richet – Charles Robert Richet (1850 – 1935) - fisiologista francês; a parapsicologia de Rhine - Joseph Banks Rhine (1895 – 1980) - biólogo americano, da universidade de Duke, na Carolina do Norte; a histeria de Pierre Janet – Pierre-Marie-Félix Janet (1859 – 1947) - psicólogo e neurologista francês, que junto com Charcot, diretor do Manicômio de Paris, estudou os casos de alteração do estado psíquico de pacientes tidos como loucos, por exemplo, convergem para uma visão mais psicológica da mediunidade, formulando teorias que atribuem aos diversos estados de êxtase mediúnico uma perturbação ou alteração do estado mental do sensitivo. Essa visão científica da mediunidade competiu com a versão espírita do fenômeno produzindo deserções entre os espíritas europeus.

O Brasil, particularmente, aderiu à nova doutrina religiosa de forma mais efetiva que outros países. Isso não foi percebido por Kardec, em sua época, já que o seu contato mais frequente era com os espíritas da Europa. Nessa época ainda não se podia prever o movimento de transferência da primazia do Espiritismo, da França, para o Brasil. Os espíritas procuram explicar essa transferência como uma ação do "plano espiritual" que teria elegido o Brasil como uma nova "terra prometida". Esse argumento é apresentado no Livro "Brasil Coração do Mundo e Pátria do Evangelho", escrito pelo médium mineiro Francisco Cândido Xavier - o Chico Xavier. Nesse livro, alegam os espíritas, que o espírito de Humberto de Campos, poeta

²² Gérard Anacleto Vincent Encausse (1865 - 1916) foi médico, escritor, ocultista, rosacruicista, cabalista e maçom, fundador do martinismo, escola de pensamento místico filosófica.

²³ Elena Petrovna Blavatskaya (1831 - 1891), escritora, filósofa e teóloga russa.

maranhense, membro da Academia Brasileira de Letras, revelou que o Brasil seria a pátria do futuro e isso por intervenção direta do Cristo: "Jesus transplantou da Palestina para a região do Cruzeiro a árvore magnânima do seu evangelho, a fim de que os seus rebentos delicados florescessem de novo, frutificando em obras de amor para todas as criaturas". (XAVIER, 2008, p. 12).

A diminuição dos efetivos espíritas na França, e conseqüente aumento dos efetivos nas Américas, particularmente no Brasil também são explicados pelos espíritas como uma migração espiritual de franceses: "um número considerável de franceses, com efeito, não vêm apenas ao Brasil para serem invocados enquanto espíritos, mas para se reencarnarem aqui. Chico Xavier considera que o seu número é vizinho de vinte milhões" (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. p. 307).

Outras análises mais acadêmicas procuram encarar esses fatos como fenômenos sociais caracteristicamente mundanos: a decantada oposição da Europa decadente frente à América em ascensão; o interesse do novo mundo pelas coisas novas abrigadas por um clima de progresso crescente e promissor; a promessa messiânica para um país em desenvolvimento que de repente é alçado à esperança do mundo, mais ainda, em um país que deseja se libertar da imagem provinciana e colonial; a busca de novas ideias e uma rejeição latente contra tudo o que representa as filosofias da modernidade decadente; e, a busca de novas esperanças, falecidas no desencantamento do mundo.

Ao procurar dissolver os mitos e mistérios, ele [Kardec] contribuía, bem mais pela forma de sua atitude do que pelo conteúdo de sua doutrina ao movimento que Max Weber qualifica ainda de "desencantamento do mundo", e abria um setor inteiro de pesquisa (a parapsicologia), expurgado de qualquer referência religiosa, com de qualquer emoção poética. Ora, esse mundo desencantado, o Espiritismo brasileiro vai encarregar-se de reencantar, conferindo-lhe calor afetivo, força do imaginário, mas, sobretudo o sabor incomparável, apenas proporcionado pelos mitos. (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. p. 298) .

O cientificismo característico do início da codificação kardecista, também viria encontrar certa resistência na cultura brasileira. Embora o aspecto moderno que a ciência dava ao Espiritismo, no modelo de Espiritismo preocupado com avanços na comprovação científica de suas propostas, esse modelo não encontrou ambiente propício no Brasil do século XIX e início do século XX. Espiritismo científico parecia ser uma religião mais do tipo francês do que do tipo brasileiro. Isso porque a sociedade francesa vivia, ao tempo do nascimento do Espiritismo, a expansão de época das luzes. Paris refulgia como centro cultural do mundo, bem adaptada a acolher uma nova teoria e uma nova ciência. O Brasil, terminada a segunda

fase do Império, ainda era uma colônia cultural da Europa, com poucos destaques na área acadêmica e com uma presença enorme do misticismo das religiões. No entanto, paradoxalmente, esse fato pode ter sido uma das causas da descentralização do Espiritismo, da França para o Brasil.

No início do século XX houve uma diminuição das ocorrências de fenômenos mediúnicos impactantes, como as mesinhas girantes e das manifestações envolvendo pessoas com mediunidades incomuns, como Daniel Douglas Home (1833 - 1886), Eusápia Paladino (1854 - 1918) e Andrew Jackson Davis (1826 - 1910), todos investigados por vários cientistas da época. A franca oposição da Academia à explicação espírita dos fenômenos mediúnicos enfraqueceu a credibilidade da proposta espírita. Enquanto a *Revista Espírita*, fundada por Kardec e que deu larga divulgação ao Espiritismo principalmente entre 1958 a 1969, ainda explorava temas científicos dentro do estudo dos fenômenos sob o ponto de vista de certa forma acadêmico, os livros de Kardec passaram a abordar mais fortemente aspectos filosóficos, morais e religiosos. Dos nove livros publicados enquanto Allan Kardec estava vivo, apenas dois podem ser considerados como proposta de pensamento científico: *O Livro dos Médiuns* - onde Kardec pesquisa e apresenta teorias sob a mediunidade; e *A Gênese* - onde, em parte do livro, Kardec comenta sobre aspectos da gênese planetária. O interesse no Espiritismo investigativo, bastante valorizado até a segunda década do século XX na Europa foi se esvaziando, dando lugar a um Espiritismo mais voltado à pregação da ética cristã. O apelo religioso, então, funcionaria melhor em um ambiente onde a religião e a ética cristã estivessem, ainda, bastante fortalecidas. O Brasil mantinha forte ligação cultural com a França e no bojo dessas transferências culturais veio o Espiritismo que se aclimatou tão bem por aqui, que conseguiu superar a matriz francesa em número de seguidores.

No caso brasileiro, houve dois deslocamentos importantes em relação ao cientificismo kardequiano: o deslocamento da ênfase na mensagem para a ênfase no carisma do médium; e, o deslocamento da comunicação espírita entre indivíduos desconhecidos num mesmo espaço mediúnico impessoal para a mediação relacional entre seres já ligados por nexos anteriores, geralmente familiares. (LEWGOY, 2008, p. 86).

O Brasil também produziu médiuns e escritores mais afinados com esse modelo ético-cristão. Os líderes do Espiritismo no Brasil trabalharam melhor esse aspecto ético-consolador da Doutrina Espírita. Percentagem muito significativa dos livros mediúnicos trata da moral cristã e da autoajuda. Exponentes da cura mediúnica ajudaram a aumentar a aceitação da doutrina e a prática da caridade segundo as diretrizes cristãs aumentaram a credibilidade e

o respeito pelo Espiritismo. A própria prática mediúnica, voltada para a transmissão de mensagens de aconselhamento, conforto, contato com entes queridos já falecidos, e controle das “influências negativas”, via sessões de desobsessão, se mostrou mais útil do que a mediunidade vista apenas como um fenômeno científico a ser estudado. A seu modo, o Espiritismo convive com os processos de racionalização e secularização e ajudam o indivíduo a enfrentar os problemas do dia-a-dia. “Certos traços característicos fortalecem esse papel: capacidade de ser fonte de orientação para os indivíduos (substituindo a tradição e sua autoridade), aceitação de valores urbanos e profanos, busca de coerência explícita com a “ciência” e “a atitude científica”. (CAMARGO, 1961, p. XIII).

Inicialmente, no contato com os índios os colonizadores conheceram um universo religioso bastante simbólico, povoado de entidades espirituais, que embora eles, os colonizadores, tentassem dissolver ou modificar, acabava por provocar uma integração à nova cultura nascente. O colonizador trazia uma tradição católica muito forte povoada de um panteão de santos e figuras míticas, dogmas maravilhosos e uma ideia de submissão total à Igreja. As velas de suas naus carregando a cruz de malta, os crucifixos no peito, a sacralização da descoberta com a 1ª missa, e a redação entretecida de reverências religiosas mostra bem a cultura que estava chegando. O nome do monte - Pascoal - recém-descoberto e os nomes da nova terra descoberta - Ilha de Vera Cruz e Terra de Santa Cruz - são testemunhos da força que a religião católica tinha na cultura do povo português. Uma cultura religiosa que desde o primeiro contato com o indígena tentou se impor.

Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima e ficou em alva; e assim se subiu junto com altar, em uma cadeira. Ali nos pregou do Evangelho e dos Apóstolos, cujo dia hoje é, tratando, ao fim da pregação, deste vosso prosseguimento tão santo e virtuoso, o que nos aumentou a devoção. Esses, que à pregação sempre estiveram, quedaram-se como nós olhando para ele. E aquele, que digo, chamava alguns que viessem para ali. Alguns vinham e outros iam-se. E, acabada a pregação, como Nicolau Coelho trouxesse muitas cruces de estanho com crucifixos, que lhe ficaram ainda da outra vinda, houveram por bem que se lançasse a cada um a sua ao pescoço. Pelo que o padre frei Henrique se assentou ao pé da Cruz e ali, a um por um, lançava a sua atada em um fio ao pescoço, fazendo-lha primeiro beijar e alevantar as mãos. Vinham a isso muitos; e lançaram-nas todas, que seriam obra de quarenta ou cinquenta. (CAMINHA)

A aproximação do indígena com os descobridores, como relata o próprio escrivão da armada foi bastante pacífica e hospitaleira. Aos olhos dos índios os recém-chegados poderiam ser emissários dos céus. Essa reverência inconsciente abria brechas nas defesas da cultura nativa, pelo respeito que tinham ao que imaginavam ser enviados dos deuses. Um mito conhecido entre os indígenas daquela época facilitava a absorção, por parte deles das

tradições do homem branco. O mito do herói civilizador. O papel atribuído pelos tupinambás aos seus civilizadores corresponde, aproximadamente, à função que as sociedades mais adiantadas imputam aos deuses (METRAUX, 1979, p. p. 1). A identificação do visitante branco com o herói civilizador salta aos olhos, sendo confirmada, aliás, pelo nome de *Maira*, que os tupinambás davam aos conquistadores. Os traços europeus que os povos americanos emprestavam ao seu herói-civilizador - *Viracocha*, *Sumé* e outros - constituem elementos superpostos, posteriormente, ao mito primitivo, sugeridos pela convicção da volta do ancestral lendário. (METRAUX, 1979, p. p. 11)

É claro que projetando uma presença de superioridade pelas suas vestes, armas, navios e barcos, etc. o colonizador passava a ser visto inicialmente como um deus, um enviado de *Toupã*. A similaridade dos dogmas católicos com os mitos indígenas, por exemplo, o das origens do mundo e dos seres humanos; a confusão do milagre dos santos com a magia dos antepassados abria brechas na resistência cultural dos índios frente ao contato com a cultura religiosa colonizadora. Mas não foi de mão única essa influência. O colonizador, muita vez um indivíduo ignorante e supersticioso, logo cedeu lugar em suas crenças para um nicho de misticismo quase totêmico, integrando rituais indígenas com práticas católicas, convivendo com expressões mediúnicas do contato dos indígenas com seus antepassados e a constante presença dos espíritos nos afazeres comuns do cotidiano.

Após a descoberta do Brasil, o contato com a colônia era muito raro, haja vista as tentativas do governo português para incentivar a colonização, despejando aqui degredados e interesseiros de toda sorte e criando feitorias por doação de terras a quem quisesse se aventurar por aqui. E poucos queriam. Havia uma necessidade urgente de se adaptar. Vir para o Brasil era uma viagem sem volta, mormente para aqueles que não tinham nem dinheiro, nem mais propriedades na sede da colônia. Assim, os que ficaram, longe do reforço indispensável das missas e homilias, buscaram no universo indígena o remédio natural e o conforto para as suas doenças, sempre, é claro, acompanhado de "ritualismos terapêuticos". A influência sentida na língua, nos nomes de cidades e pessoas, na alimentação e nas rudimentares técnicas de construção e plantio foi impondo um proceder cada vez mais indígena aos pioneiros da colonização. Posteriormente, com a vinda dos negros da África, uma nova e poderosa influência se fez sentir na religiosidade do brasileiro. Os africanos que aqui chegaram já tinham uma tradição religiosa milenar. Essa tradição estava ligada a tudo o que se fazia: plantar, comprar, vender, possuir, comemorar, etc. Uma tradição com essa força e longevidade se torna razoavelmente resistente ao contato com outras culturas.

Na mistura resultante da convivência entre duas ou mais culturas diferentes vai se medir o poder de "influenciar" ou "ser influenciado" pela frequência que determinado costume de uma determinada cultura está presente nos costumes de outra cultura. Também vai depender da permeabilidade que uma cultura apresenta no contato com outra ou, das "lacunas" em seu universo de representações que possam ser preenchidos pelas representações de outra cultura. "A ação ou o pensamento religioso ou "mágico" não pode ser apartado, portanto, do círculo das ações cotidianas ligadas a um fim, uma vez que também seus próprios fins são, em sua grande maioria, de natureza econômica" (WEBER, 2004, p. p. 279). Ou, como refere Gilberto Freire:

Vencedores no sentido militar e técnico sobre as populações indígenas; dominadores absolutos dos negros importados da África para o duro trabalho da bagaceira, os europeus e seus descendentes tiveram, entretanto de transigir com índios e africanos quanto às relações genéticas e sociais. (FREYRE, 2003, p. 32).

O Espiritismo francês haveria de encontrar berço adotivo nesse emaranhado de crenças. Importado em um idioma que poucos falavam, as obras originais francesas dependiam dos mediadores que pudessem traduzir seus ensinamentos. Isso justifica, em parte, o fato de o Espiritismo ser conhecido primeiro entre as classes mais eruditas. No início do Espiritismo no Brasil o exército, a marinha, a maçonaria, a homeopatia e o magnetismo serviram de ambiente de acolhimento para as ideias espíritas tendo em vista que muitos espíritas eram militares, maçons e magnetistas. Tudo pelo contato que as elites brasileiras tinham com as elites culturais francesas e também, tendo em vista as missões militares que a França enviou ao Brasil, nesse período.

Entre os militares do fim do império havia aqueles que se identificavam com as ideias de liberdade e de república. Não foi por acaso que o primeiro presidente da Federação Espírita Brasileira foi um militar: o Marechal Francisco Raimundo Ewerton Quadros. Ewerton Quadros nasceu em São Luiz, capital do Estado do Maranhão, em 17 de outubro de 1841, e morreu no Rio de Janeiro, em 20 de Novembro de 1919. "Participou ativamente da fundação da Federação Espírita Brasileira, e foi eleito o seu primeiro presidente (1884 – 1888)" (WANTUIL, 2002, p. 329). Muitos foram os Centros Espíritas fundados pelos militares que, por força da profissão se internavam pelo Brasil levando às províncias mais distantes o conhecimento espírita. Este autor vivenciou duas dessas experiências: a primeira por parte do seu pai adotivo, o Tenente-Coronel Fiori Marcelo Amantéa, que fundou um Centro Espírita na cidade de Itu, Estado de São Paulo, em dezembro de 1948. A segunda, por

experiência própria, pois foi como Tenente-Coronel do Exército que, em 1997, fundou, com outros quatro companheiros civis, o Centro Espírita Pioneiros da Luz, na cidade de Tefé, no centrão do Estado do Amazonas, às margens do Rio Solimões. Foi o primeiro Centro Espírita do médio Amazonas.

A participação de militares na difusão do Espiritismo hoje é largamente reconhecida. A Cruzada dos Militares Espíritas (CME), fundada em 10 de dezembro de 1944, é um dos órgãos, com assento no Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, desde 1987. Criada com o objetivo de congregar os militares espíritas das Forças Armadas e Auxiliares, a Cruzada possui delegados em muitas das unidades militares dessas Forças. O próprio autor, ainda como cadete foi presidente do NUME (Núcleo dos Militares Espíritas) da Academia Militar das Agulhas Negras, em 1975. De lá, foi transferido para sua primeira unidade de destino, Bagé, no rio Grande do Sul, onde encontrou diversos núcleos espíritas, um dos quais, dirigido por militares.

Bezerra de Menezes, um dos mais respeitados espíritas do Brasil foi médico do Exército, “Em 19 de março de 1857 solicitou sua admissão no Corpo de Saúde do Exército, sentando praça em 20 de fevereiro de 1858”. (WANTUIL, 2002, p. 226). Era filho do Tenente Coronel da Guarda Nacional, Antonio Bezerra de Menezes. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti foi o segundo presidente da Federação Espírita Brasileira (1889), cargo que ocupou também de 1895 a 1900, como seu quinto presidente.

A ligação do Espiritismo com os magnetistas (seguidores das teorias de Mesmer) teve início já no tempo de Kardec.

Allan Kardec era favorável ao magnetismo. Já, desde os 23 anos, reconhecia como válidos os recursos do fluido animal. Em um banquete oferecido por uma das associações de magnetismo de Paris afirmou:

Hoje, quando o magnetismo está reabilitado pela força das coisas, que dele não se ri mais, que se pode sem medo consagrar-se magnetizador, é pouco digno, pouco caridoso para eles, usar represálias contra uma ciência, irmã da sua, que não pode senão lhe prestar um salutar apoio. Não atacamos os homens, dizem eles; não rimos senão do que nos parece ridículo, até que a luz se faça para nós. Em nossa opinião, a ciência magnética, ciência que nós mesmos professamos há 35 anos, deveria ser inseparável da compostura; parece-nos que à sua verve satírica não faltam alimentos nesse mundo, sem tomar por ponto de mira as coisas sérias. (KARDEC, 2004, p. p. 274)

Como já vimos em capítulo anterior, Franz Anton Mesmer, é tido como o introdutor da Doutrina do Magnetismo Animal. Esse magnetismo servia para aplicações terapêuticas sendo-lhe atribuída a cura das mais variadas doenças. O princípio defendido

pelos magnetistas era de que o ser humano possuía um fluido magnético especial que lhe permitiria influenciar no funcionamento da economia orgânica de modo favorável. No procedimento, o magnetizador fazia aplicações com as mãos, desse fluido magnético. Também através do processo sonambúlico se podiam fazer diagnósticos e prescrições terapêuticas. (WANTUIL e THIESEN, 1979, p. p. 102). Esses fenômenos foram muito estudados por médicos que, nessa época, como agora, garimpavam novos procedimentos terapêuticos. Foram os médicos que primeiro se interessaram por esse magnetismo, embora se reconheçam outros interesses também:

Quanto ao próprio mesmerismo, ele se espalhou no Brasil, de um lado por meio dos distintos membros da Escola de Medicina do Rio e alguns intelectuais da Corte que tinham interesse nisso, por razões científicas ou pseudocientíficas e, por outro lado, graças a algumas francesas que, segundo Ubiratan Machado, lançaram-se na aventura transatlântica com o intuito de explorar a nova profissão de "sonâmbula" em território virgem. (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. p. 134).

Dentro desse conceito da ação magnética, os espíritas fazem uso da “água fluida” - água submetida a um processo de energização. Segundo os espíritas, essa água, contida em um copo de água ou vasilhame qualquer adquire propriedades medicinais pela sua "fluidificação", isto é, pela ação do pensamento de pessoas vivas ou espíritos dos mortos que agregam à sua estrutura elementos medicamentosos específicos para os problemas de quem as toma.

A homeopatia é uma prática terapêutica criada por Christian Friedrich Samuel Hahnemann, doutor em medicina, nascido em Meissen, Saxônia, em 1755, que consiste em tratar uma doença com doses pequenas dos mesmos agentes que a produzem. A homeopatia enfrentou as mesmas resistências que Mesmer na difusão do magnetismo. Embora hoje reconhecida como prática médica ensinada, inclusive nas escolas de medicina, nos tempos de Kardec era combatida ferozmente pela medicina alopática. É oportuno frizar que tanto o magnetismo como a homeopatia estiveram ligadas ao Espiritismo no Brasil, tendo em vista serem largamente empregadas pelos espíritas nas curas que produziam e por meio da qual chamavam atenção para a Doutrina Espírita. Muitos dos primeiros espíritas brasileiros tiveram a sua aproximação com o Espiritismo feita através das curas que obtiveram pessoalmente, para os seus parentes, ou em função da sua mediunidade receitista. O próprio Bezerra de Menezes teve a sua convicção no Espiritismo fortalecida, pelas “extraordinárias curas que ele conseguiu, em 1882, por intermédio do famoso médium receitista João Gonçalves do Nascimento...” (WANTUIL, 2002, p. 232).

Em 1840, chegou ao Brasil o homeopata francês Benoit Jules Mure (1809 – 1857), que ficou conhecido como Bento Mure. [...] Bento fora um comerciante francês que exercia seus negócios em Palermo, na ilha Sicília, até que foi acometido de grave enfermidade. Atendido pela medicina tradicional não conseguiu melhoria. Quando já estava descrente da cura teve acesso ao Órganon, passando a crer na possibilidade de recuperação por meio dos tratamentos homeopáticos. (LACERDA FILHO, 2005, p. 24).

Bento foi procurar Hahnemann em Paris, onde este médico residia. Foi tratado com a homeopatia e curado. Estimulado por esse sucesso foi para Mantpellier, na França, onde se formou em medicina, para poder empregar a homeopatia. A partir daí, tornou-se um dos seus grandes divulgadores chegando a fundar, em 1839, o Instituto de Homeopatia, organização em que praticou a homeopatia receitando e dando remédios particularmente em benefício de pessoas sem recursos. Nessa inauguração compareceu o próprio Hahnemann, já com 84 anos.

“Mure tensionava, com alguns companheiros organizar uma colônia baseada nas ideias do socialista utópico francês François Marie Charles Fourier (1772 - 1837).” (LACERDA FILHO, 2005, p. 26). Ele e seus colaboradores queriam dedicar-se ao fabrico de máquinas à vapor na península do Sahy, divisa do Paraná com Santa Catarina. Com a empreitada não deu certo, Bento Mure retornou ao Rio de Janeiro para se dedicar exclusivamente à Homeopatia. Neste período conheceu outro médico homeopata, este português, João Vicente Martins (1808 - 1854) e com ele fundou o Instituto Homeopático do Brasil.

Começou aí uma notável parceria, Bento e João utilizavam seus conhecimentos homeopáticos, aliados às suas crenças espiritualistas - no caso de Bento, influenciadas pelas ideias de Swedenborg - e passaram a utilizar as práticas médicas enquanto aplicavam passes em pacientes pertencentes às classes sociais menos favorecidas. (LACERDA FILHO, 2005, p. p. 26)

É claro que nesse tempo não existia ainda o Espiritismo, mas se pode notar certa identidade de princípios entre a homeopatia e o Espiritismo, mormente pela utilização do magnetismo associado à terapia e a ação caritativa dos homeopatas inspirados por Bento Mure e João Vicente. Bento Mure deixou o Brasil em 1847. Fora acusado por um professor da Faculdade de Medicina de provocar a morte de uma menina com sua medicação. Faleceu no Cairo, Egito, dez anos mais tarde. João Vicente continuou seu trabalho, vindo a falecer em 1854.

Seja pela simplicidade do método, seja pela adesão de muitos espíritas ao tratamento homeopático, a verdade é que o Espiritismo contou, durante muito tempo com a

prática de receituário homeopático através da mediunidade. Vários dos mais proeminentes vultos do Espiritismo no Brasil se tornaram espíritas no contato com a homeopatia. No livro, *Grandes Espíritas do Brasil*, Zêus Wantuil cita o caso de um famoso espírita do século XX, que se interessou pelo Espiritismo após a cura de sua esposa através de um remédio de homeopatia receitado pelo também famoso espírita, magistrado e poeta lírico Francisco Leite de Bittencourt Sampaio. Trata-se de Antonio Luis Sayão, também bacharel em Direito, fundador de um dos primeiros Centros Espíritas do Brasil, o Grupo Ismael, em 1880. Sayão foi ter com Bittencourt por indicação de um seu amigo, empregado do foro, Cândido de Mendonça, não sem antes hesitar muito, tendo em vista que Bittencourt Sampaio não tinha o menor conhecimento de medicina. Mas, o desespero o levou a tentar esse socorro. Compareceu à sessão e solicitou o remédio. Recebeu-o sem que dissesse ao médium a moléstia que afligia sua esposa o que muito o intrigou. Administrou com paciência a fórmula e em pouco tempo teve o total restabelecimento da sua senhora. (WANTUIL, 2002, p. 140).

A possibilidade encontrada pelos espíritas de receitar remédios homeopáticos pela mediunidade abriu um campo enorme de influência e propaganda para o Espiritismo. A aproximação pela cura própria ou de um ente querido foi, com certeza, um dos fatores principais da adesão ao Espiritismo nessa época. Médiuns receitistas se multiplicavam e muitos até foram perseguidos pela justiça acusados de prática ilegal da medicina.

Assim, rapidamente, a homeopatia vai tornar-se monopólio dos espíritas. E continuará a sê-lo até 1960. No Brasil, os espíritas e muitos homeopatas salientam as afinidades existentes entre a Doutrina de Kardec e a terapia de Hahnemann, que a precedeu. O caráter imponderável das substâncias homeopáticas encontra correspondência "filosófica" no caráter, por definição, imaterial dos Espíritos. (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. p. 260).

Hoje, ultrapassados os portais do século XXI, a homeopatia no Brasil já se desvinculou dos pressupostos espiritualistas, no entanto, ainda existem alguns poucos Centros Espíritas que distribuem gratuitamente remédios homeopáticos, geralmente, acompanhados por médiuns que também são médicos homeopatas.

A abordagem holística da homeopatia encontra boa receptividade entre os usuários do SUS entrevistados, por se encontrar em consonância com o holismo característico das práticas médicas populares e religiosas. De forma semelhante ao que ocorre nas religiões populares, a exemplo do candomblé, das igrejas pentecostais, do Catolicismo e Espiritismo populares, o médico homeopata não se centra apenas no corpo físico e nos processos fisiopatológicos; ele busca, nas várias dimensões da vida do paciente, os elementos que contribuem para explicar a origem dos problemas de saúde. (MONTEIRO e IRIART, 2007, p. 1909).

Outra corrente que teve relevância na trajetória do Espiritismo no Brasil, foi a maçonaria. Uma primeira questão que se coloca é a de que Kardec poderia ter sido maçom. Zêus Wantuil, em seu livro *Allan Kardec: meticulosa pesquisa bibliográfica* afirma que muito possivelmente não, que haveria entre Kardec e a maçonaria apenas "afinidade de princípios e ideais".

No início do século XX muitos espíritas estavam filiados à maçonaria e em muitas lojas maçônicas de diversas partes do mundo, inclusive aqui, se praticavam seções espíritas. "Realizavam-se nas lojas martinistas e willermozistas, em salas convenientemente preparadas, verdadeiras sessões espíritas, nas quais manifestações físicas e inteligentes do Além coroavam as reuniões dos irmãos "eleitos"." (WANTUIL e THIESEN, 1979, p. p. 161). A associação da maçonaria com o Espiritismo parece ter raízes com certa identidade de princípios e práticas, muito embora o Espiritismo não aceite todas as concepções da maçonaria no que diz respeito à criação do homem, de Deus e dos processos da criação. Nem admite práticas exteriores, que na maçonaria definem boa parte do rito e do relacionamento entre os membros. Um fundamento bastante forte para uma aproximação é a caridade. Como lema, os espíritas carregam a faixa de que "fora da caridade não há salvação". A ajuda anônima e o apoio às instituições promovidas pela maçonaria encontrou nos espíritas uma boa acolhida.

Adolpho Bezerra de Menezes, o venerado líder espírita cearense, em carta ao seu irmão, Manoel Soares Bezerra, a quem justificava a sua conversão à Doutrina Espírita, comenta o seguinte, sobre a maçonaria e o Espiritismo:

Afirmo-lhe que V. fala assim, porque nunca estudou o Espiritismo a fundo. Faz-se com essa doutrina o que se faz com a maçonaria, que, no Brasil pelo menos, é o mais estrênuo propulsor do culto de nossa religião. Isto é verdade, quer queiram, quer não queiram, e contestá-lo é negar a mais respeitável autoridade da Terra. (MENEZES, 1994).

A maçonaria não se opunha ao Espiritismo, pelo contrário, sempre acolheu seus seguidores dentro dos seus quadros. Em vista disso, os espíritas não tiveram dificuldade em contemporizar com certas práticas da maçonaria, como os seus simbolismos e rituais, inexistentes na Doutrina Espírita, para poderem a ela se filiar. Além disso, no quadro do final do século XIX e começo do século XX a maçonaria reunia um grande número de personalidades: políticos, empresários, membros da alta nobreza, cientistas, e até padres, muito embora a Igreja tenha combatido sistematicamente a maçonaria ao longo do tempo. Como um extrato dessas classes sempre fez parte das fileiras espíritas é natural que os dois universos tenham uma intersecção visível. De qualquer forma, também do seu lado, o

Espiritismo parece não rejeitar quaisquer outras formas de pensar ou agir desde que não se imiscuam na prática Doutrinária. Clubes de Serviço como o Lions Club e o Rotary Club mantêm em seus quadros muitos espíritas, possivelmente atraídos pelos seus empreendimentos no campo da filantropia.

Vale pesar também, o argumento de que o espírita como qualquer outro indivíduo pode buscar uma participação social, uma afiliação e um reconhecimento por parte da comunidade em que vive e essas organizações oferecem essa possibilidade. É o que acontece também com a Ordem Rosacruz (Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis - AMORC). Alguns aspectos espiritualistas e até certo ponto "mediúnicos" estabelecem uma conexão entre o seu pensamento e o pensamento espírita.

A Ordem Rosacruz, AMORC é uma organização internacional de caráter místico-filosófico, que tem por missão despertar o potencial interior do ser humano, auxiliando-o em seu desenvolvimento, em espírito de fraternidade, respeitando a liberdade individual, dentro da Tradição e da Cultura Rosacruz. (Ordem Rosacruz: grande loja da jurisdição de língua portuguesa)

Espíritas frequentaram e alguns ainda frequentam a Ordem Rosacruz. Muitos deles pensam "complementar" sua sensibilidade mediúnica ou seu poder de meditação nas técnicas e práticas da AMORC. Também aí, a aceitação recíproca facilita a afiliação de membros em ambos os lados.

O primeiro grupo espírita brasileiro de que se tem notícia foi fundado em 17 de setembro de 1865, por Luís Olímpio Teles de Menezes, em Salvador, Bahia. O grupo de chamava Grupo Familiar do Espiritismo. (LACERDA FILHO, 2005, p. 35). Teles de Menezes, com ficou conhecido no meio espírita, foi militar e depois professor particular. Buscando uma especialização profissional aprendeu estenografia e conseguiu empregar-se na Assembleia Legislativa da Bahia, onde ficou até se aposentar. Em 1892, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi trabalhar como estenógrafo do Senado, falecendo no ano seguinte vitimado por nefrite. A primeira organização espírita oficialmente estabelecida, no entanto, seria fundada no Rio de Janeiro, em dois de agosto de 1873 e se chamou "Sociedade de Estudos Espíritos - Grupo Confúcio, onde, aliás, o já citado Bittencourt Sampaio dava receitas de homeopatia". "foi ali também, que se realizaram as primeiras sessões de esclarecimento de espíritos sofredores, num trabalho pioneiro análogo ao que algumas instituições realizam atualmente." (LACERDA FILHO, 2005, p. 40).

Esse detalhe do atendimento espiritual se torna relevante por ser identificado como um novo procedimento ou, melhor dizendo, uma nova "finalidade" para a reunião espírita que até ali se dedicava quase que integralmente aos estudos dos fenômenos mediúnicos e da filosofia espírita. Essa vocação do Espiritismo brasileiro já é um distanciamento dos rumos tomados pelo Espiritismo em outros países cujos interesses eram mais científicos que humanitários, isto é, estava mais voltado à observação do fenômeno do que a sua utilidade socorrista.

O regulamento do Grupo Confúcio, datado de 09 de outubro de 1873, foi o primeiro do gênero a ser publicado no Brasil, o acontecimento tomou projeção nacional e, em 1874, alcançou reconhecimento internacional, quando a *Revue Spirite* [órgão de divulgação espírita fundado em Paris em 1858] publicou um artigo sobre o Grupo Confúcio. (LACERDA FILHO, 2005, p. p. 40).

Por ocasião dos movimentos pela república, com o surgimento de partidos políticos voltados para a mudança do regime, diversas lideranças nacionais se enfileiraram com os republicanos como, por exemplo, o Partido Republicano Paulista, criado em 1873, na cidade de Itu, Estado de São Paulo. (LACERDA FILHO, 2005, p. 43). Um manifesto foi redigido e entre os signatários estavam Antonio da Silva Neto e Francisco Leite de Bittencourt Sampaio. Um item importante do Manifesto era a desvinculação entre Igreja e Estado. A maçonaria tinha tomado posição republicana, mais um motivo para a censura que a Igreja fazia a essa sociedade. A posição da Igreja já havia sido definida anteriormente, "em 1860, quando o Papa Pio IX (1792 - 1878) proibiu os católicos de frequentarem a Maçonaria; aliás, proibição semelhante viria a ser feita, em 1º de junho de 1917, quando o Santo Ofício pronunciou a condenação definitiva do Espiritismo." (LACERDA FILHO, 2005, p. 44).

A liderança espírita estava do lado republicano, embora reconhecesse a posição sempre conciliadora de D. Pedro II. Essa liderança batia-se pela liberdade de crença que a força da mudança de regime poderia solidificar. A monarquia reconhecia a liberdade de culto, mas limitava a sua prática para as religiões que não fossem as reconhecidas pelo Estado. Podiam-se praticar quaisquer religiões na esfera doméstica. Era proibida a construção de templos e igrejas. A República seria uma transição necessária, "prevista e abençoada pelo Plano Espiritual". Pelo menos, é assim que Chico Xavier informa que a direção espiritual do planeta planejou que essa transição ocorresse, em reunião destinada a traçar os destinos do Brasil, ante essa situação:

A proclamação da República brasileira, como índice da maioria coletiva da nação do Evangelho, há de fazer-se sem derramamento de sangue, como se operaram todos os grandes acontecimentos que afirmaram, perante o mundo, a pátria do Cruzeiro, os quais se desenvolveram sob a nossa imediata atenção. Doravante o Brasil político será entregue à sua responsabilidade própria. As transições se realizarão acima de todos os cultos religiosos, para que todas as conquistas se verifiquem fora de qualquer eiva de sectarismo. (XAVIER, 2008, p. 190).

O meio militar contava em seus quadros com maçons. O maçom, Benjamin Constant, militar, e um dos idealizadores do movimento republicano e da proclamação da república inserira no meio militar, notadamente entre os jovens da Academia Militar, as suas ideias positivistas derivadas do pensamento de Augusto Comte. A posição espírita sempre se afirmou apolítica. Líderes espíritas se abstiveram de apoiar, como espíritas, este ou aquele partido, esta ou aquela candidatura. Kardec nasceu sob o império napoleônico e embora tivesse vivido toda a sua juventude na Suíça, retorna em 1822 (WANTUIL e THIESEN, 1979, p. 82), sob o governo de Luiz XVIII e passa a viver numa França que alterna reinado e república. O Espiritismo nasceu sob o reinado de Napoleão III, e avançou sob a Terceira República, esta, a partir de 1870 (governo provisório). Em nenhuma das publicações de Kardec se ouve comentar sobre os regimes políticos da França ou do mundo, senão para abordá-los sob o aspecto histórico ou da evolução humana. No Brasil, essa tendência se confirmou, tanto pelos espíritas mais proeminentes, como pelas casas espíritas, inclusive a Federação. As ideias positivistas também colaboraram para aproximar muitos militares das linhas espíritas.

Esses elementos doutrinários do Espiritismo encontram ressonância na Maçonaria que, por sua vez, impõe como primeira condição à iniciação de seus adeptos, a crença em Deus (Grande Arquiteto do Universo). Assim, o materialismo seria, para ambos, sua própria negação. No Ceará, já em 1853 o jornal *O Cearense* noticiava “experiências” com “mesas girantes”, na casa do comerciante José Smith de Vasconcelos (Barão de Vasconcelos). Difundiu-se o Espiritismo também na Escola Militar, na década de 1890, favorecido pela maré positivista. (SILVA).

A questão do positivismo versus Espiritismo deu margem a muitas discussões no Brasil. As ideias positivistas de que uma religião deveria permitir uma reflexão sobre tudo aquilo que era proposto como sobrenatural casava-se com a proposta espírita para a qual o milagre não existe e nada se deve aceitar sem um livre exame apoiado no bom senso.

No entanto, alguns positivistas viam com maus olhos as práticas espíritas por as colocarem no universo esfumado das práticas mediúnicas de religiões mais chegadas ao bordão das religiões afro-brasileiras. Os positivistas rejeitavam a comunicação dos vivos com

os mortos e, sobretudo a reencarnação, princípios basilares do Espiritismo. Essa confusão, diga-se de passagem, se justificava para o leigo no estudo espírita, considerando que eram muitas as "tendas" de candomblé, quimbanda etc. que se diziam espíritas e muitos dos praticantes desses movimentos que diziam praticar o Espiritismo. Enfim, e este não é um dos menores fundamentos da polêmica, a República foi mantida, entre outros, por homens que pertencem à corrente do apostolado positivista, ou seja, à religião da Humanidade que Comte elaborou, no fim de seus dias, como prolongamento de sua filosofia. Essa filosofia propunha, a exemplo do Espiritismo, "substituir a tradição católica", considerando-se, tal como ele, uma "religião demonstrável".

Pode-se notar, ainda, que se durante uma grande parte do século XX, o positivismo reconhecido dos militares se dedicou a manter "a ordem e o progresso" no nível do Estado, é forçoso constatar que, em nossos dias, esses dois temas foram na verdade retomados em termos de sociedade civil, pela visão de mundo kardecista. (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. p. 154).

2.2 Cisões e dissensões.

Voltemos à história. Nesse começo do Espiritismo no Brasil houve dissensões que levaram a divisões no movimento que só vieram a ser recosturadas na década de 1940, com o Pacto Áureo²⁴. Tudo começou com diferenças dentro do Grupo Confúcio. Bittencourt Sampaio se desligou do grupo para fundar, em 23 de março de 1876, a Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade.

Essa Sociedade, também sofreu nova cisão no ano seguinte, dando origem a uma nova organização a Congregação Espírita Anjo Ismael. O motivo das discussões era o entendimento do objeto central da atividade do grupo, se voltada para a orientação aos desencarnados e à caridade aos necessitados, ou se voltada para o estudo científico da Doutrina Espírita. Nova cisão deu origem ao Grupo Espírita Caridade, "que não viam utilidade no estudo científico do Espiritismo.". (LACERDA FILHO, 2005, p. 47). Motivados uma vez mais por essas diferenças de opinião um grupo da Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade, se separou e organizou novo grupo tirando do nome a expressão espírita, ficando assim Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade. Uma das cisões dessa época ocorreu em 21 de março de 1880, com os descontentes fundando o Grupo Espírita Fraternidade. Este novo grupo contava com a participação de Bittencourt Sampaio, Antonio

²⁴ Acordo assinado em 1949, entre a Federação Espírita Brasileira e os órgãos federativos estaduais e outras organizações espíritas regionais, no sentido de unificar o movimento espírita no âmbito nacional.

Luís Sayão e Frederico Pereira da Silva Júnior, nomes que tiveram destaque no movimento espírita nacional. O Grupo Espírita Fraternidade passou a se dedicar mais à questão religiosa e aos trabalhos de desobsessão. Por iniciativa de Sayão, foi tentada uma reconciliação com a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, sem sucesso.

A 15 de junho de 1880, Sayão funda o Grupo dos Humildes. Esse grupo daria origem ao Grupo Ismael incorporado futuramente à Federação Espírita Brasileira. Essas cisões mostram como era difícil uma homogeneidade no pensamento dos primeiros espíritas e isso devido às muitas possibilidades de emprego e entendimento dos postulados espíritas. De um lado a pesquisa do fenômeno mediúnico que se pretendia científico, do outro lado, a necessidade de dar vida ao preceito fundamental da caridade para encarnados e desencarnados.

Outro motivo de dissensões era a controvérsia sobre as obras de J. B. Roustaing, principalmente "Os Quatro Evangelhos", obra que Kardec aceitou com reservas, mas que teve muitos seguidores na França e no Brasil. A controvérsia já vinha da Europa e se implantou em alguns núcleos espíritas. Roustaing já foi comentado em capítulo anterior de forma que basta aqui dizer que muitos espíritas consideraram Roustaing como um continuador da obra de Kardec e outros que o consideraram apenas um estudioso que se fiou demais na revelação de certos espíritos. De qualquer forma, diversas obras, inclusive aceitas pelos espíritas como mediúnicas, divulgavam as teorias rustanistas. É o caso de alguns livros psicografados por América Delgado, médium que, em Belém do Pará publicou obras atribuídas a Guerra Junqueiro, poeta português, falecido em 1923.

A obra intitulada *Os Funerais da Santa Sé* foi publicada pela Federação Espírita Brasileira, em 1932, causando impacto, mesmo porque Guerra Junqueiro (espírito) revelava-se francamente favorável às teses rustanistas do Espiritismo brasileiro, enfatizando uma visão mística de Cristo, sua essência imaculada, seu caráter sobrenatural. (SANTOS, 1997, p. 40).

Segundo LACERDA FILHO (2005) a divergência sobre Roustaing dividiu os espíritas em *místicos* e *científicos*, divisão que se generalizou posteriormente para nomear os espíritas que privilegiavam o caráter religioso perante o caráter científico. Diversas personalidades do meio espírita tentaram interferir para diminuir as dissensões, mas sem efeito. Um dos que tentaram essa conciliação foi Augusto Elias da Silva, que através do "Reformador", órgão de divulgação do Espiritismo fundado por ele, em 1883, lutou por colocar acima desses dissidentes o futuro do Espiritismo no Brasil. Sua luta e a de outros

espíritas interessados numa união dos espíritas resultou, no ano seguinte, na fundação da Federação Espírita Brasileira. Um movimento que se autodenominava de filosófico, científico e religioso haveria de ter, no seu início, muitos problemas. O Espiritismo nascia da interpretação dos livros de Kardec e de outros seus contemporâneos, como Leon Denis, Camille Flammarion e o próprio Roustaing.

Outro problema vivido pelo Espiritismo foi a fase de organização de uma unificação e uma liderança. Havia problemas de organização, centralização e descentralização do controle do Espiritismo no Brasil. Embora mais de sentido doutrinário do que político houve uma disputa pela representatividade do Espiritismo brasileiro. A divisão se acentuava e cada grupo procurava se organizar de acordo com suas convicções. Mesmo a FEB, que nascera da tentativa de unir esforços em favor da divulgação do Espiritismo no Brasil, ainda não conseguira convencer a todos da sua neutralidade política. Esse fato recorda Bourdieu, em suas teorias de campo religioso e “habitus”. A religião que se estrutura, busca legitimidade pela aceitação mais ampla de suas ideias, em volume mesmo de fiéis e de templos, ao mesmo tempo em que verticaliza suas instâncias de representação, tentando gerar uma referência única para leigos e especialistas. Essas crenças, práticas e maneira de pensar e viver, o *habitus*, buscam ampliar e definir os limites do campo religioso. Esses limites podem ser definidos pelos que são “iguais a” tanto quanto pelos que são “diferentes de”. Seus especialistas e seus fiéis passam a ser reconhecidos e esse reconhecimento fortalece a união da estrutura religiosa que se realimenta sem se destruir. (BOURDIEU, 2005, p. 50 a 57)

A posição da FEB não era tranquila. Muitos não aceitavam a maneira pela qual ela conduzia a unificação dos espíritas. Os descontentes convocaram um congresso e convidaram a FEB, que não compareceu, sentindo ameaçada a sua liderança. Ao final desse congresso – Congresso Constituinte Espírita Nacional – realizado em 31 de março de 1926, com a duração de dez dias, concluiu-se que o órgão máximo do Espiritismo nacional seria a “Assembleia Espírita do Brasil e que para atingirem tal objetivo, seria criada a Liga Espírita do Brasil”. (LACERDA FILHO, 2005, p. 67). A FEB ignorou e continuou realizando seu trabalho, o que aprofundou as dissensões. A fidelidade dos espíritas ora bandeava para um lado ora para outro.

Notar-se-á, portanto, que a mobilidade de um grupo para outro e a dupla ou tripla filiação era uma constante nesse universo assim como é, no Brasil, de nossos dias, em relação a uma, duas, ou três religiões. Todas essas dissensões e multiplicidade de perspectivas não impediram a realização de um primeiro congresso espírita, no Rio, em seis de setembro de 1881. (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. p. 146).

Em meio a esse clima uma ação unificadora mais eficaz se fazia necessária e surge então a figura de Augusto Elias da Silva, fotógrafo português. Elias da Silva se converteu ao Espiritismo ao frequentar diversos núcleos espíritas no Rio, iniciando pela Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade. Continuando a frequentar outras casas espíritas teve a constatação da vida espiritual e suas manifestações em várias oportunidades em que parentes e amigos já falecidos se apresentaram e, segundo ele, de forma a não deixar dúvidas. "Procedi a mais rigorosa investigação desses fatos, chegando à conclusão de serem eles verdadeiros." (WANTUIL, 2002, p. p. 172). Elias da Silva passou a frequentar assiduamente a Sociedade Acadêmica tornando-se membro ativo da Comissão Confraternizadora daquela entidade. Mais tarde, fundou o Grupo Espírita Bezerra de Menezes, em homenagem ao antigo diretor da Sociedade e que segundo Elias agora também orientava os trabalhos espirituais do novo grupo. Logo percebeu a necessidade de um órgão de divulgação doutrinária. Custeando de próprio bolso e com apoio de sua sogra D Maria Balbina da Conceição Batista, e da sua esposa D. Matilde Elias da Silva, também espíritas, lançou, em 21 de janeiro de 1883, a revista *O Reformador*, cuja redação e oficina funcionavam no seu atelier fotográfico, então à Rua da Carioca, número 120, 2º andar, onde, aliás, também residia com a sua família. (WANTUIL, 2002, p. 178).

A ideia de que um grupo pudesse concentrar as diretrizes nacionais do movimento espírita estava fora de cogitação. Só um grupo diferente, mas que mantivesse a coesão e o respeito às ideias divergentes poderia cumprir tais objetivos. Pensando assim, Elias da Silva reuniu em 27 de dezembro de 1883, à noite, em sua casa, doze dos colaboradores mais chegados da Revista *O Reformador* do que resultou a decisão de se fundar uma nova Sociedade "que federasse todos os grupos através de "um programa equilibrado ou misto" e que difundisse por todos os meios o Espiritismo, principalmente pela imprensa e pelo livro." (WANTUIL, 2002, p. 178).

O Espiritismo sofria ataques de organizações religiosas e civis, muito embora o apoio de outras entidades também respeitáveis. Mas, uma ocorrência preocupou mais de perto os espíritas do início do período republicano. É que o código penal de 1890, primeiro da república, considerava a prática do Espiritismo como crime.

Para determinarmos com maior precisão o significado e as implicações da categoria "baixo Espiritismo", é necessária uma pequena remissão ao texto do Código Penal de 1890 (vigente até 1942), bem como ao contexto de sua formulação. Entre os "crimes contra a saúde pública", consta o seguinte: Art. 157: Praticar o Espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de molestias curáveis ou incuráveis,

enfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica. (Coleção de Leis do Brasil). (GIUMBELII, 2003, p. p. 254)

Esse estado de coisas continuou até o final da década de 1940, quando então, em 5 de outubro de 1949, apesar das divergências ainda presentes, chegou-se a um acordo pelo qual os rumos do movimento espírita nacional estaria sob a regência do Conselho federativo Nacional (CFN), que no entanto, continuava ligado à FEB.

2.3 Ameaças externas

Desde que foi detectada a presença do Espiritismo no Brasil, diversas forças do campo religioso se manifestaram contra suas ideias e sua crescente influência, principalmente nas camadas mais altas da sociedade. Uma nova seita confrontando as tradições católicas e protestantes e a ciência haveria de sofrer ataques de todas as direções. A prática mediúnica sempre foi vista como algo marginal, coisa de gente sem cultura, ou até mesmo coisa do diabo. E o diabo ajudou muito no combate ao iniciante Espiritismo brasileiro, pois a demonização da doutrina gerou uma aversão e um preconceito forte contra a prática espírita. Já na França os meios de comunicação veiculavam opiniões contrárias ao Espiritismo, algumas das quais Allan Kardec registra em sua Revista Espírita, como é o caso do artigo do Abade Chesnel, publicado no Jornal *Univers* de 13 de abril de 1859, em que o religioso salienta a prática da necromancia²⁵ no Espiritismo, e rejeita a autenticidade da manifestação dos espíritos dos mortos. “é a leviandade com que os homens, aliás, estimáveis, acolhem essas revelações do outro mundo, que não possuem nenhum mérito, nem mesmo o da novidade”. (KARDEC, 2005, p. 199).

Talvez o caso mais rumoroso da manifestação católica contra as ideias espíritas na época de Kardec seja o Auto de Fé de Barcelona. (WANTUIL e THIESEN, 1979, p. 294). Maurice Lachâtre, escritor e editor francês, refugiara-se em Barcelona, após a sua condenação, na França, por Napoleão III, pela publicação do *Dicionário Universal Ilustrado*. Lá fundou uma livraria. Era partidário das ideias espíritas e solicitou a Allan Kardec que enviasse algumas obras para divulgação do Espiritismo na Espanha. Kardec atendeu ao pedido, remetendo trezentas obras, sob diversos títulos, inclusive o recém publicado *O Livro dos Médiuns*. A remessa obedeceu aos requisitos legais de exportação e importação. Prestes a ser liberada para a comercialização, uma ordem superior determinou vistas das obras pelo

²⁵ Processo de adivinhação que consiste na consulta aos mortos.

Bispo de Barcelona, D. Antonio Palau y Termes. Sua Eminência considerou as publicações espíritas impróprias, por serem “imorais e contrários à fé católica”. (WANTUIL e THIESEN, 1979, p. 295).

Lachâtre recorreu ao governo espanhol solicitando que, pelo menos, as obras fossem repatriadas e devolvidas ao remetente. D. Antonio interveio novamente afirmando que “A Igreja Católica é universal e, sendo esses livros contrários à moral e a fé católica, o Governo não pode permitir que eles pervertam a moral e a religião dos outros países”. (KARDEC, 2006, p. 466). A remessa foi então confiscada pelo Santo Ofício. Em carta recebida por Kardec se descreve o Auto de Fé:

Hoje, nove de outubro de mil oitocentos e sessenta e um, às dez horas e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona, lugar onde são executados os criminosos condenados ao último suplício, e por ordem do bispo desta cidade, foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo... (KARDEC, 2006, p. 466).

O ato foi assistido por uma multidão de curiosos que vaiaram as autoridades eclesiásticas, mais, provavelmente, por representarem a tão odiada Inquisição, do que por se tratar de obras espíritas, que ainda muito poucos conheciam. Kardec afirma que aconselhado pelos espíritos não levou a frente uma reclamação oficial, ciente de que a queima dos livros seria mais útil do que prejudicial à propaganda espírita. No Brasil também não foi diferente a manifestação das diversas correntes já existentes no campo religioso.

2.3.1 A oposição dos católicos romanos.

Desde que os primeiros escritos espíritas chegaram ao Brasil e os fenômenos mediúnicos ganharam a mídia, a Igreja Católica mostrou oposição. As autoridades católicas patrulhavam o campo religioso na caça a movimentos religiosos fora da sua orientação. Tanto assim, que as primeiras organizações espíritas tiveram que ser fundadas sob o manto da atividade acadêmica, isto é, com declarada finalidade científica, uma vez que a Igreja, detentora da exclusividade religiosa no Brasil Império, não admitia concorrências.

O clero que até este momento assistia de longe essa doutrina que os notáveis esposavam, sentiu-se ameaçado e foi à luta. Começa a briga das pastorais contra o Espiritismo e das polêmicas dos jornais. D. Manoel Joaquim da Silveira, Arcebispo da Bahia, foi um dos que se lançou contra a novidade. Sua pastoral sobre "Os erros Perniciosos do Espiritismo" foi lida e comentada pelos infantis simpatizantes brasileiros da doutrina. Teles de Menezes a ela respondeu em forma de carta aberta

ao público, ressaltando os erros do bispo ao analisar o Espiritismo. (FERNANDES, 2008, p. 85)

Enquanto movimento exótico iniciante na França pós-revolução, o Espiritismo ainda não merecia oposição. A doutrina Espírita, como tal, ainda não se apresentara como uma nova opção religiosa. No entanto, tão logo as ideias espíritas foram se espalhando e ganhando adeptos a Igreja Católica interveio, inicialmente desaconselhando seus fiéis a se aproximarem dessa prática e, posteriormente, assumindo uma franca e ferrenha oposição. Logo nos primeiros anos do século XX a igreja foi questionada formalmente sobre a prática espírita, e se posicionou:

As normas da Igreja a esse respeito são claras. Em 1917, foi submetida à Sagrada Congregação do Santo Ofício a seguinte pergunta: “*Se é lícito, através do que chamam médium, ou sem o médium, utilizado ou não o hipnotismo, assistir a quaisquer locuções ou manifestações espíritas, ainda que tenham a aparência de honestidade ou de piedade, seja interrogando as almas ou os espíritos, seja ouvindo suas respostas, seja apenas olhando, e ainda que haja a protestação tácita ou expressa de não querer ter parte alguma com os espíritos malignos*”. A resposta do Santo Ofício, datada de 24 de abril de 1917, foi peremptória: “*Negativa em tudo*”. (VILLAC, 2001).

Incomodava à Igreja Católica a penetração das ideias e das práticas espíritas na religiosidade dos seus fiéis. Percebia-se que o Espiritismo não oferecia agressividade, não realizava trabalhos em prejuízo de ninguém e os seus cultos, diferentemente dos cultos de origem africana com os quais era constantemente comparado, eram isentos de ritualismos, sacrifícios de animais, manifestações ruidosas ou ameaçadoras, o que mostrava uma interface amistosa e receptiva. Contra essa característica dos cultos espíritas, se alertava:

Assim, mesmo que as sessões espíritas tenham aparência de honestidade, é gravemente ilícito e proibido participar delas. Porque a “comunicação com as almas dos mortos” no Centro Espírita, em não sendo charlatanice, só se dará com a intervenção do demônio, que atuará diretamente ou por meio dos chamados médiuns. Ora, um católico jamais pode recorrer ao demônio para o que quer que seja. (VILLAC, 2001).

Em 1921, Giacomo dela Chiesa (1854 – 1922), conhecido, hoje, por ter sido o Papa Bento XV escrevia uma carta de aprovação para dois textos produzidos pelo Padre Alexis Marie Lepicier, da Ordem dos Servos de Maria. Um desses textos se intitula *O Mundo Invisível: uma exposição da teologia católica perante o espírito moderno*, e trata particularmente do Espiritismo. A obra intenta instruir sacerdotes e leigos sobre a postura católica em relação ao Espiritismo. Por entender que parte da força da argumentação espírita

vinha de um certo raciocínio filosófico e mais erudito, baseia também as suas argumentações na filosofia de São Tomás de Aquino. No prefácio desse seu livro, o Padre Lepicier reconhece que “De facto, a comunicação com os espíritos atingiu tais proporções e espalhou-se de tal maneira nas cidades, e até nas aldeias que bem pode dizer-se que passou a ser um passatempo familiar”. (LEPICIER, 1951, p. XIII). Era preciso mais uma resposta da Igreja Católica ao crescente movimento espírita, uma vez que “O que a Igreja tem definido sobre o Espiritismo e sobre tudo quanto com ele se relaciona é muito pouco e escasso.” (LEPICIER, 1951, p. XIV).

O livro é bem elaborado e sustenta-se às vezes, na ciência contemporânea. Constata a existência do fenômeno, mas exclui a possibilidade de que a sua origem sejam espíritos dos mortos. Para Lepicier, existem espíritos puros – os anjos – seres especiais criados por Deus já angelicais. Muito diferentes das almas dos homens. Um anjo é um espírito puro, isto é, não tem duas substâncias diferentes, como corpo e alma, mas somente uma alma. As críticas se concentram na comunicação com os espíritos dos mortos - “A alma separada do corpo é para nós um ser estranho que nem compreende a nossa linguagem nem pode ser compreendido por nós”. (LEPICIER, 1951, p. 163); nos perigos da prática do Espiritismo – “Resta apenas uma solução. Os fenômenos devem ser obra dos espíritos malignos que, em todos os tempos, têm procurado entrar em comunicação com o gênero humano...” (LEPICIER, 1951, p. 246); e na estrutura do pensamento espírita, desatrelando-o do ideário cristão. Para Lepicier, não só há uma grande diferença entre o que o Espiritismo faz e os milagres de Jesus, como “o próprio Cristo se proclamou um acérrimo inimigo das superstições do Espiritismo, que Ele combateu com todo o seu poder”. (LEPICIER, 1951, p. 284).

Também o jesuíta Edvino Friderichs publicou, em 1965, o seu livro *Onde os espíritos baixam: orientação para os católicos sobre Espiritismo, Umbanda e charlatanismo*. Friderichs é padre e parapsicólogo, e em 1988 tratou de Leonice Fitz, de Santa Rosa, Rio Grande do Sul, que apresentava um caso estranho de fenômenos paranormais. A menina fazia mover objetos e barulhos nas paredes. Seu livro é o resultado de um longo estudo sobre o Espiritismo e a Umbanda, estimulado e autorizado pelas autoridades eclesiásticas da época. Friderichs concentra suas críticas à Doutrina Espírita nos fenômenos mediúnicos, desacreditando a autenticidade de tais fenômenos e dando a eles outra versão, a versão da parapsicologia. Coloca no mesmo saco Espiritismo, Umbanda, rosa-cruzes, teosofia e Legião da Boa Vontade. Ao final, aconselha aos católicos em como tratar os espíritas.

Além disso, o respeito pelos espíritas sinceros nos proíbe de ridicularizar qualquer de suas práticas e cultos, por mais excêntricos que se nos afigurem. Pelo que toda e

qualquer campanha, conferência, sermão de esclarecimento, deve ser inteligente, respeitosa e caridosamente dirigida. (FRIDERICH, 1965, p. 261).

Mas os dois mais conhecidos críticos católicos do Espiritismo são, sem dúvida, os padres Oscar Quevedo e Boaventura Kloppenburg.

Carlos José Boaventura Kloppenburg (1919 – 2009), nascido alemão, veio ainda cedo para o Brasil, onde foi residir no Rio Grande do Sul, de onde saiu para cursar teologia no Convento Franciscano, em Petrópolis. Muito estudioso, especializou-se em Teologia Dogmática no Instituto Antonianum, em Roma, onde também concluiu posteriormente o seu doutorado. Famoso pelo seu conhecimento e cultura religiosas, dedicou parte de seus escritos à crítica e à condenação da prática espírita. Na série de publicações *Contra a Heresia Espírita*, Boaventura apresenta seus argumentos contra o Espiritismo, principalmente no que diz respeito a que alguns espíritas afirmaram sobre a Igreja Católica e sobre os princípios espíritas da reencarnação e da comunicação com os mortos. Insiste em considerar a Umbanda como um tipo de Espiritismo. Essas publicações são consequência da campanha de esclarecimento dos católicos sobre o Espiritismo, ordenada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em sua reunião de Agosto de 1953. A Campanha visava “instruir os fiéis sobre o mal intrínseco da doutrina e prática espíritas e o modo sorrateiro como é propagado o Espiritismo entre os católicos do Brasil”. (KLOPPENBURG, 1957). A intensão “não é nenhuma declaração de guerra e perseguição ao Espiritismo”, nem atenta contra a liberdade religiosa de ninguém. O que os bispos do Brasil “constituídos pelo Espírito Santo para reger a Igreja de Deus” desejam é apenas esclarecer os católicos, que o Espiritismo é prática inconciliável com a doutrina do Cristo.

A tônica do Frei Boaventura era contrapor o Espiritismo ao cristianismo, tendo em vista quebrar esse argumento dos espíritas de que o Espiritismo é uma doutrina cristã. Percebia-se a dupla afiliação dos católicos, uma oficial (à Igreja), e outra clandestina (ao Espiritismo). Boaventura entendia que a formação dos católicos brasileiros não era suficientemente forte para que estes pudessem resistir à ameaça do Espiritismo. Assim, conclui, usando do peso do episcopado nacional, que o Espiritismo é “o conjunto de todas as superstições e erros de incredulidade moderna, que, negando a eternidade do inferno, o sacerdócio católico e os direitos da Igreja, destrói todo o cristianismo”. (KLOPPENBURG, 1957, p. 10). Para Boaventura os espíritas devem ser tratados como verdadeiros “hereges e autores de heresias” e toda e qualquer participação nas sessões espíritas são passíveis de pecado mortal. Para reforçar a posição do bispado, uma regra: “todos os escritos, jornais e

livros do Espiritismo são proibidos. E os fiéis não só não podem ler tais livros e escritos, mas o Cânon 2318 do Direito Canônico proíbe, também, guarda-lo consigo ou com outrem”. (KLOPPENBURG, 1957, p. 11).

O reconhecimento de que a prática religiosa do brasileiro não estava ligada necessariamente á compreensão dos postulados de sua religião leva a muitas conclusões. Uma delas é a de que quando uma religião se apresenta como uma caixa-preta a ser adotada com todos os seus dogmas e rituais, ainda que não façam sentido nenhum, existe o risco de que seus seguidores busquem outras explicações para os fenômenos que presenciem. A Igreja católica, ao tempo em que realizava suas missas em latim, não se preocupava com o entendimento, por parte dos seus fiéis, do que se estava propondo ou fazendo. A Igreja confiava na sua supremacia e na aparente falta de opção do povo. Nessa linha de conduta foi inevitável que se deparasse mais dia ou menos dia com a necessidade de se fazer entender e explicar seu conteúdo e os limites desse conteúdo.

Aí está o que entendemos por confusão religiosa. É um sistema muito nosso, brasileiro. Oficialmente interrogada sobre sua religião, 94% de nossa população total responde que é católica. No entanto, grande parte dessa massa de católicos confessos, ou não praticam religião alguma, ou pertencem também a entidades religiosas ou pseudo-religiosas com doutrinas e práticas incompatíveis com a mensagem cristã. (KLOPPENBURG, 1960, p. 5).

E para Kloppenburg só existem duas opções: “precisam ser colocadas diante da alternativa de optar decidida e definitivamente pelo calor ou pelo frio, pela vida ou pela morte, pelo amor ou pelo ódio, pela verdade ou pelo erro, pela virtude ou pelo vício, por Cristo ou pelo Anticristo”. (KLOPPENBURG, 1960, p. 7). Kloppenburg fez publicar suas críticas ao Espiritismo principalmente na *Revista Eclesiástica Brasileira* e na revista católica de cultura, *Vozes em Defesa da Fé*. Eram frequentes seus artigos em jornais e revistas e em debates sobre o Espiritismo. Sua campanha se justificava. Conforme ele mesmo aponta, comparando os dados de censo de 1940 com o de 1950, enquanto a população total do Brasil aumentara em 26%, os católicos aumentaram em 24% e os espíritas em 78% (KLOPPENBURG, 1960, p. 26). Em outra estatística mostra que de um total de 138.000 obras (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*) vendidas até 1938, vinte anos depois, em 1958 esse número alcançava 555.000. A Igreja se preocupa, então, com a penetração do Espiritismo em suas fileiras, fato que, aliás, se observa até hoje, pois é do Catolicismo que o Espiritismo tem recebido mais convertidos. O caminho escolhido é a demonização. Se os católicos não se

dão ao luxo de ler os extensos argumentos acadêmicos e teológicos sobre o Espiritismo, então o jeito é a ameaça do inferno, da excomunhão, do banimento.

Não que a Igreja Católica não reconheça a existência de fenômenos sobrenaturais, “A Igreja admite a realidade de fatos maravilhosos e de origem preternatural e oficialmente os reconhece como tais [...] A igreja reconhece também a realidade das possessões ou obsessões diabólicas” (KLOPPENBURG, 1960, p. 276). Mas, segundo Kloppenburg, “o demônio só pode atuar diretamente sobre os homens com a permissão de Deus” (KLOPPENBURG, 1960, p. 283), de forma que não restaria ao Espiritismo nem a opção genuína de uma intervenção com o demônio, o que é a mesma coisa que dizer, ainda que o Espiritismo reconhecesse ser obra do demônio, esse demônio deveria ser reconhecido pela Igreja. É forçoso lembrar que os contraditórios ao Espiritismo aqui apresentados servem para reforçar o clima existente nos primeiros anos do Espiritismo no Brasil e sua influência na transferência de fiéis de outra religião para o Espiritismo, tema principal deste trabalho.

Óscar Gonzalez-Quevedo, nasceu em Madri, Espanha, em 15 de dezembro de 1930. Tornou-se padre jesuíta e dedicou grande parte de sua vida ao estudo dos fenômenos paranormais. Formado também em parapsicologia, fez dela plataforma para defender a fé católica e desmistificar o Espiritismo. Em seu site oficial, CLAP (<http://www.clap.org.br/>) – Centro Latino-Americano de Parapsicologia, Quevedo revela que desde criança um tio tentou influenciá-lo com a literatura kardecista e que ele desde cedo se acostumou a ler sobre esses fenômenos. Quevedo foi, durante algum tempo presença obrigatória, sempre que se faziam debates sobre o Espiritismo nos meios de comunicação. Sua postura firme e sua formação em várias áreas de Humanidades, granjearam respeito. Sua atuação como crítico do Espiritismo foi no campo dos fenômenos mediúnicos. Quevedo confrontava as explicações do Espiritismo com as de uma ciência relativamente nova, a Parapsicologia, que granjeara, também, a confiança da Igreja, por ser um instrumento científico de combate ao Espiritismo.

Quevedo publicou uma série de livros entre os quais a coleção *Os mortos interferem no mundo?* Nestes, particularmente, aborda a questão espírita na intensão de negar as teorias do espiritismo, e a desmascarar as personalidades respeitadas dentro do Espiritismo. Parece tentar, numa época em que isso ainda era possível, a associação dos médiuns espíritas com o que fosse de comportamento social, julgado à época, duvidoso, demoníaco, inadequado:

Todos sabem que a mediunidade e a homossexualidade caminham juntas, A imensa maioria dos médiuns é homossexual. Uma coisa explica a outra, mutuamente. Assim, não pode surpreender o forte exibicionismo e narcisismo de famosos médiuns. Nem surpreende, por outra parte, a existência (?) do exu Pomba-Gira, na Umbanda, ou que Chico Xavier – cito-o por ser o médium mais famoso – sob o

pretexto de estar inspirado pelo espírito de Emmanuel, Senador Romano (!) – puro narcisismo, psicografe poemas e romances pretendidamente da Roma antiga, mas na realidade com violenta e exagerada sexualidade...

*** Claramente repressão e compensação sexual...

*** Mas nada em latim! (QUEVEDO, 1993).

Quevedo não reconhece a comunicação dos mortos com os vivos, da forma como o Espiritismo a concebe, nem credita as citações de Kardec a espíritos dos mortos: “Mas a mais singela análise garante que nada do que Kardec escreveu a respeito de Deus procedia dos espíritos dos mortos” (QUEVEDO, 1993, p. 64). Nessa mesma obra Quevedo apresenta o que a seu ver são as contradições entre Kardec e a ciência, contrapondo as informações dos espíritos de alguns sábios, cientistas e astrônomos com as revelações da ciência moderna. No subtítulo *Disparates de Kardec* aponta diversos trechos do livro *A Gênese*, de Kardec, onde afirmações referentes a Marte, Saturno e a Lua estão em contradição ao que hoje se sabe sobre esses astros. Aponta, também, como prova de que as comunicações mediúnicas seriam uma fraude, o fato de que diversas senhas criadas por personalidades famosas ainda em vida, não teriam sido confirmadas em suas comunicações quando mortas. No capítulo 28, *Morto, qual é a senha?* do seu livro *Os mortos interferem no mundo? – as provas da ciência*, Quevedo cita os casos de Charles Dickens (1812 – 1870) romancista inglês, Stainton Moses (1839 – 1892), médium inglês, Harry Houdini (1874 – 1926), famoso ilusionista e outros cujas comunicações do mundo espiritual não conseguiram fornecer as senhas dadas em vida. Esse fato, segundo Quevedo, prova a fraude dos médiuns que afirmavam ter recebido mensagens dessas pessoas.

Quevedo faz uma análise da grande maioria dos postulados espíritas e conclui, segundo ele baseado na ciência, que “a ignorância dos “Espíritos Superiores” raia nos limites do ridículo” (QUEVEDO, 1993, p. 250). No volume 5 da coleção *Os mortos interferem no mundo?* Quevedo faz uma crítica à afirmação espírita de que o Espiritismo usa o método científico. “‘Se é espírita, não é cientista’: slogan cientificamente demonstrado que todo pesquisador científico e todo leitor isento de preconceitos devem ter muito e sempre presente quando em contato com as publicações espíritas”. (QUEVEDO, 1993, p. 11). Quevedo também foi combativo na negação dos fenômenos mediúnicos aos quais chamava de “espíritóides”. Como o fenômeno de curas do médium José Pedro de Freitas²⁶, o Arigó (1922 – 1971). Chegou mesmo a repetir na televisão certas práticas adotadas pelo médium, como enfiar facas por trás dos olhos ou agulhas na pele. Ele também combate a pretensão espírita de tratar temas essencialmente católicos como Cristo e os santos: “basta citar alguns títulos dos

²⁶ José Pedro de Freitas (1922 - 1971) - famoso médium de curas de Congonhas do Campo/MG. O médium alegava incorporar o espírito de um médico alemão, o Dr. Fritz.

seus livros, realmente blasfemos além da doentia (parafrenia) inaudita soberba: *A Gênese. Os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo. O Céu e o Inferno. O Evangelho Segundo o Espiritismo*” (QUEVEDO, 1993, p. 44).

Outro alvo de Quevedo foi o médium Chico Xavier. Para Quevedo, Chico Xavier é um engodo, uma mistificação. Os livros do médium seriam uma profusão de “imbecilidades em tão poucas linhas” (QUEVEDO, 1993, p. 48). O caso é que para Quevedo e para a Igreja Católica não existem espíritos. Para eles após a morte só existe a ressurreição. “Não pode existir homem a não ser corpo-alma. Não pode existir alma humana sem corpo, que exige por natureza. A chamada ressurreição da carne é uma exigência que não pode ser frustrada” (QUEVEDO, 1993, p. 250). Dessa forma, não pode existir manifestação espiritual e, por consequência, todo material escrito atribuído aos espíritos há que ser uma farsa. Quevedo se centra na aparente dificuldade que o Espiritismo tem de provar cientificamente a existência e a manifestação dos espíritos, lançando seus desafios para que os espíritos se manifestem e confirmem a sua presença e identidade de forma indubitável.

2.3.2 A oposição dos protestantes.

Como segunda força religiosa no Brasil o Protestantismo também se opôs ao Espiritismo, no começo muito mais por motivos teológicos do que por disputa de espaço no campo religioso. As concepções protestantes da vida e do destino do homem após a morte são frontalmente opostas aos preceitos espíritas. Assim como acontece com a Igreja Católica as divergências iniciam na interpretação dos textos do Antigo e, do Novo Testamentos. Para os espíritas o Velho Testamento é uma coletânea de textos históricos com partes de relevância ética e moral, mas também com contradições gritantes o que faz os espíritas aceitarem com reservas as disposições dos livros da Bíblia. Os espíritas se baseiam muito mais no Novo Testamento pela preferência à mensagem de Jesus Cristo e de alguns de seus apóstolos.

É necessário assinalar que assim como os prepostos do Catolicismo que combateram e combatem o Espiritismo não traduzem o pensamento por parte de todos os católicos, dos quais muitos simpatizam com a Doutrina Espírita, assim também, as pessoas e instituições protestantes citadas aqui não representam a totalidade dos seus seguidores, dos quais também, muitos não têm a ojeriza pelo Espiritismo que têm alguns dos seus líderes. Dessa forma as citações e exemplos que se seguem servem apenas para caracterizar as oposições pessoais e institucionais que se fizeram e se fazem contra a Doutrina Espírita dentro do campo religioso.

Provando, entretanto, o caráter anticristão do Espiritismo, deixarei evidente, sem possível resposta racional, que ele não passa de uma falsa filosofia religiosa - turbulenta na sua origem, suspeita nos processos escusos de suas sessões, falsa em sua presunção de sistema científico, danosa na charlatanice de suas receitas e na prática das evocações, contraditória na sua filosofia, dissolvente na sua moral, absurda no critério com que procura a verdade, e irrisória na pretensão de ser o Consolador prometido por Cristo. (GUEIROS, 1949, p. 19).

Este texto, extraído do livro *O Espiritismo analisado*, de Jerônimo Gueiros (1880 - 1953), ilustre pastor presbiteriano, membro da Academia Pernambucana de Letras e líder protestante em Pernambuco, mostra as tentativas de confrontar o Espiritismo no Nordeste do país, ainda no início do século XX. Neste livro, Jerônimo Gueiros desenvolve uma acalorada, mas civilizada discussão sobre o Espiritismo, tendo como contendores os espíritas Honório Carrilho, Luiz Góis e uma figura muito conhecida do Espiritismo carioca e brasileiro, Carlos Imbassahy. A polêmica se desenrolou em artigos de jornais, ora na defesa do Espiritismo, ora na defesa dos argumentos protestantes. A tônica do debate é sempre a mesma: proibição de evocar os mortos, a justificação pela fé e não pelas obras, a reencarnação e a pretensão do Espiritismo em ser a Terceira Revelação. Desnecessário desenvolver o conteúdo das discussões, no entanto, esse registro revela a posição da cúpula protestante em relação ao Espiritismo logo no início do aparecimento deste no campo religioso brasileiro. De lá para cá tem aumentado as denominações e os ministérios evangélicos, mas a temática dos ataques tem se mantida a mesma.

Autoridades médicas, psiquiatras e psicólogos são unânimes ao considerar os grandes perigos dessa falsa religião. Entre os doentes mentais que diariamente dão entrada nos hospícios e nas clínicas psiquiátricas, a maioria é oriunda de centros espíritas ou já esteve envolvida com uma ou outra forma de Espiritismo. (SOARES, 1984, p. 21).

Esses argumentos contra o Espiritismo apresentados pelo líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, uma das maiores instituições evangélicas do Brasil, mostra a pauta dos ataques. “Deus, na Sua palavra, proíbe e condena terminantemente o Espiritismo sob todas as formas.” (SOARES, 1984, p. 21). Demonizar o Espiritismo é a forma de afastar os fiéis da Doutrina Espírita e ao mesmo tempo gerar um medo, uma repulsa, uma ojeriza contra os espíritas. É recurso constante, também, associar o Espiritismo com todas as religiões afro-brasileiras pelo seu primitivismo e pela natureza altamente mística e simbólica de seus ritos e práticas. “O baixo Espiritismo, de um modo geral, é um sincretismo da religião dos africanos, religião dos índios, religião católica, religião espírita (filosofia e doutrina) e práticas do ocultismo.” (SOARES, 1984, p. 26).

É palavra corrente nos cultos pentecostais a condenação do Espiritismo, e o depoimento de fiéis que dizem ter pertencido ao Espiritismo e que agora, na nova religião, estão livres do pecado e do demônio.

2.3.3 A oposição dos cientistas das ciências da saúde.

A pressão contra o Espiritismo foi manifestada até no âmbito das ciências médicas. No começo do Espiritismo no Brasil os médiuns estavam mais preocupados com a dor e o sofrimento do que com as pesquisas científicas em torno do fenômeno. Multiplicavam-se os médiuns de cura, os receitistas e os que usavam a homeopatia como meio de prescrever remédios. A prática mediúnica, ainda não muito bem domesticada levava a médium a assumir uma postura agitada e mesmo um pouco descontrolada durante a manifestação dos espíritos. Aos olhos do povo a prática mediúnica dentro do Espiritismo era vista como semelhante a das outras religiões que usavam a mediunidade. E como quando o Espiritismo chegou ao Brasil já estavam disseminadas as práticas mediúnicas dentro do padrão das religiões de origens indígenas e africanas, ficava difícil distinguir uma da outra o que levava o povo a considerar tudo a mesma coisa.

O tratamento psiquiátrico no começo do século XX infundia pavor pelas histórias que vazavam dos hospitais psiquiátricos. Os procedimentos, certamente, deveriam ser científicos, o que não diminuía o medo que se tinha de se submeter a eles. Alguns dos tratamentos descritos por Nadja Cristiane Lappann Botti no seu ensaio *Uma viagem na história da enfermagem* dão conta do que se está falando aqui.

Para o controle dos doentes mentais, segundo (BOTTI, 2007), o primeiro tratamento era a *clinoterapia* - repouso prolongado garantido com amarras, conforme o caso; para os pacientes um pouco mais agitados recomendava-se o uso da camisa de força, uma camisa de tecido grosso em que os braços enfiados nas mangas dessa camisa ficavam presos e amarrados de forma cruzada, à frente do peito; entre os cuidados benevolentes, estava a ingestão de três a quatro litros de leite, diariamente; para os doentes mais agitados prescrevia-se o *banho de hora*, um banho quente com toalha fria na cabeça, por mais ou menos duas horas, ou até se acalmarem; para outros casos mais agudos a *malariaoterapia* - injeção de malária retirada do sangue de outro paciente doente. Então, era só conservar o paciente por oitenta horas com febre de 38° C, depois, após esse tratamento, uma injeção de bismuto que, os mais velhos se lembram, entravam nas veias como tição em brasa; usava-se também a insulina para provocar o coma, controlada com interrupções de aplicação de glicose; e, às

vezes a *convulsoterapia*, usados nos pacientes que estavam *negativistas*, isto é, não queriam se alimentar e nem ver a família. Esse tratamento consistia na aplicação de um choque elétrico de 80 volts (menos não funcionava), acompanhado de uma sacolinha aplicada ao queixo para segurá-lo e não deixar que o paciente mordesse a língua. (BOTTI, 2007).

Pelo visto, é razoável supor que o indivíduo que se percebesse perturbado ou era tido como perturbado pela família, iria tentar qualquer outra opção, por mais estranha que fosse, antes de se submeter ao tratamento médico. Também nessa época a perturbação e a doença mental, para muitos, eram motivadas por influência espiritual, o famoso “encosto”. E o tratamento para esse tipo de coisa era feito por curandeiros e benzedeiros, cujas “clínicas” tinham seus espaços nos centros espíritas, e nos terreiros de candomblé e Umbanda. Não tardou para se associar Espiritismo e loucura. Os centros espíritas foram chamados de “fábricas de loucos”.

Ao lado deste conflito, no campo religioso, ainda no final do século XIX, o Espiritismo começou a ser objeto de debate entre os médicos. Dentre estes, notadamente psiquiatras, questionava-se as teorias espíritas e a sua pretensão de legitimá-las nos domínios do campo médico/científico. Os médicos consideravam que, ao introduzir a ideia da existência de um elemento extra material (o espírito), o Espiritismo seria, na realidade, um retrocesso à superstição. Dessa forma, as ideias espíritas seriam inaceitáveis numa época de conquistas intelectuais e científicas. (ALMEIDA, 2007, p. 19).

Havia outro fato desencadeador da hostilidade da medicina tradicional contra os centros espíritas - o curandeirismo. A medicina oficial não aceitava, nem a possibilidade de sucesso nos tratamentos espirituais, nem a concorrência que estes faziam ao atendimento médico. Nesse tempo, houve uma grande produção de textos acadêmicos. Todos tinham a intenção de “sustentar a tese de que o Espiritismo seria um importante agente desencadeador de loucura, além do fato dos médiuns espíritas exercerem ilegalmente a medicina em variadas práticas de cura.”. (ALMEIDA, 2007, p. 20).

Vale a pena lembrar que essa associação de Espiritismo e loucura não foi exclusividade dos cientistas e médicos brasileiros. Já na França alguns médicos acusaram a prática espírita de contribuir para a loucura. Um médico interno do Hospital de Lyon, o Sr. Philibert Burlet, publicou no folhetim *Presse*, de 8 de janeiro de 1863, um artigo em que afirma a contribuição espírita para a loucura. Segundo Burlet, os casos de loucura registrados em seu hospital eram apenas uma amostra dos casos de loucura provocados pelo Espiritismo em toda França, “e não há razão para que não seja - parece-nos fora de dúvida que o

Espiritismo pode tomar lugar na fileira das causas mais fecundas de alienação mental.” (KARDEC, 2006, p. 80). O artigo foi comentado por Kardec em sua Revista Espírita.

Longe de admitir o Espiritismo como uma causa de aumento da loucura, dizemos que é uma causa atenuante que deve diminuir o número de casos produzidos pelas causas ordinárias. Com efeito, entre essas causas, é preciso colocar em primeira linha os pesares de toda natureza, as decepções, as afeições contrariadas, os revezes de fortuna, as ambições não concretizadas. O efeito dessas causas está em razão da impressionabilidade do indivíduo. Se tivéssemos um meio de atenuar essa impressionabilidade, este seria, incontestavelmente, o melhor preservativo. Pois bem! Este meio está no Espiritismo, que amortece o contragolpe moral, que faz suportar com resignação as vicissitudes da vida. Um que se teria suicidado por um revés, haure na crença espírita uma força moral que o leva a suportar o mal com paciência; não só não se matará mas, em presença da maior adversidade, conservará fria a razão, porque tem uma fé inalterável no futuro. (KARDEC, 2006, p. 86).

2.4 O Espiritismo no Brasil: forças favoráveis.

Mas, o Espiritismo encontrou pessoas e práticas que se tornaram simpáticas dentro do campo religioso. Pessoas que pela sua maneira de viver e pelo seu trabalho dentro da Doutrina Espírita se tornaram referência do campo da religião. Além disso, aspectos da prática espírita, principalmente a filantropia, foram de extrema relevância para a aceitação, ou pelo menos para a simpatia do povo para com o Espiritismo. A doutrina kardecista foi se distanciando da identificação com outras práticas mediúnicas brasileiras, passando a ser chamado de “alto-Espiritismo”, ou Espiritismo de “mesa branca” - uma alusão às toalhas brancas que eram colocadas nas mesas em que os médiuns se sentavam para a produção do fenômeno mediúnico.

Na primeira metade do século XX, surgia no Brasil um médium mineiro, Francisco Cândido Xavier – o Chico Xavier – que através de suas obras conseguiu dar um impulso bastante grande à divulgação do Espiritismo. Sua primeira obra, *Parnaso de Além Túmulo* – uma coletânea de poesias e poemas de poetas brasileiros falecidos veio a prelo em 1932, com grande repercussão. (CARVALHO, 1997, p. 38). Equidistante das discussões em andamento Chico Xavier começou a conquistar o respeito dos espíritas brasileiros, mormente pela sua postura humilde e caritativa, e pela sua conduta como médium, bastante elogiada pelo Espiritismo nacional, pois se baseava numa prática mediúnica sem qualquer tipo de remuneração, mesmo das obras que produziu, que hoje somam mais de 450 títulos. A obra de Chico Xavier merece destaque, porque foram os seus livros que ampliaram muito o interesse do público brasileiro pelo Espiritismo. Suas obras passaram a fazer parte da leitura cotidiana das pessoas, apesar das perseguições que sofreu, como médium e espírita.

O seu livro *Nosso Lar* é um dos campeões de tiragem nacional e deu origem a diversas produções de teatro e televisão, inclusive um filme, que em 2010 bateu diversos recordes de bilheteria em todo Brasil. Chico Xavier, falecido em 2002, se tornou uma liderança importante, inclusive para o recrutamento de novos efetivos para o Espiritismo brasileiro.

Além do Chico Xavier, diversas outras personalidades do Espiritismo ajudam a divulgar os seus ensinamentos. Desde Herculano Pires, até Divaldo Pereira Franco (1927 -), palestrante e filantropo baiano, o Espiritismo conta com muitos divulgadores. E não apenas através de livros, mas também através de conferências, palestrantes espíritas divulgam a Doutrina Espírita para além das fronteiras do Espiritismo. A formação de novos divulgadores é incentivada pela maneira pela qual são organizadas as reuniões espíritas, com ênfase nas palestras e nos cursos doutrinários. Essas atividades fazem surgir conferencistas e estudiosos que pela palavra e pela escrita são agentes importantes na conquista de novos fiéis.

Durante o período que vai da metade ao final do século passado o Espiritismo se fortaleceu em âmbito nacional, tornando-se a terceira religião com maior efetivo no Brasil (Censo 2000). A sua estrutura nacional também se solidificou, pela criação de diversos órgãos representativos de regiões ou de classes. Hoje, todas as unidades da federação têm órgãos diretivos. Entre as agremiações de diversas naturezas podemos destacar: Associação Médico Espírita (AME) com representações na maioria dos Estados e com mais de dez hospitais espíritas cadastrados; Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas (ABRAME); Associação de Editoras, Distribuidoras e Divulgadores do Livro Espírita (ADELER); Associação Brasileira de Pedagogia Espírita (ABPE); Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo (ABRADE); Associação Brasileira dos Psicólogos Espíritas (ABRAPE); Associação de Transcomunicadores do Rio de Janeiro (ASTRANS); Liga de Historiadores e Pesquisadores Espíritas (LHPE); União dos Delegados Espíritas do Estado de São Paulo (UDESC); Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas (SBEE); Associação dos Educadores Espíritas do Paraná (AEEPR); Associação Brasileira dos Esperantistas Espíritas (ABEE); Cruzada dos Militares Espíritas (CME); Associação Brasileira de Artistas Espíritas (ABRARTE). (http://www.adepr.org.br/?pagina=outras_inst).

Todo esse conjunto de instituições é um poderoso veículo de conquista de seguidores, congregando e recrutando em cada área de atividade novos contingentes para o Espiritismo. Contando com inúmeros jornais e publicações especializadas, programas de rádio e televisão e ampla presença na internet, o Espiritismo tem instrumentos para se difundir e o faz, segundo afirma, sem ideia de proselitismo. Também para o público infanto-juvenil o

Centro Espírita oferece oportunidade de conhecer o Espiritismo. Essas atividades, normalmente chamadas de Evangelização, congregam crianças e jovens em programas e cursos de esclarecimento e aprendizagem da Doutrina Espírita. Escolas de médiuns oferecem a oportunidade de se desenvolver os mais variados tipos de mediunidade. Reuniões de assistência espiritual oferecem socorro e esclarecimento aos “espíritos sofredores” – entidades já falecidas que, segundo os espíritas ainda necessitam de apoio para se integrarem melhor na sua vida depois da morte.

Mas, sem dúvida, a filantropia é um dos grandes veículos de manifestação da fé espírita, e também de divulgação do Espiritismo, respeitada até mesmo por seguidores de outras religiões. Dentro do princípio espírita de que fora da caridade não há salvação, é pouco comum encontrar um Centro Espírita que não realize alguma atividade assistencial. No campo da filantropia há uma mistura entre as atividades voluntárias e profissionais. Primeiramente praticada por religiosos, a Assistência Social foi ganhando no Brasil, na segunda metade do século XX um cunho profissional, com a criação de várias escolas nesse setor. “O Serviço Social brasileiro tem sua regulamentação legal no ano de 1957, através da Lei nr. 3.252, publicada no Diário Oficial, de 28 de agosto”. (SIMÕES, 2005, p. 37). No entanto, muito antes disso a ajuda aos menos favorecidos já estava presente nas Santas Casas de Misericórdia, creches, orfanatos, asilos e abrigos patrocinados por iniciativas particulares ou institucionais.

A profissionalização da atividade não diminuiu a influência da religião na prática assistencial brasileira. Apesar de essa profissionalização buscar a formação de quadros especializados, dentro de métodos alimentados por práticas científicas e acadêmicas, “a religião continua na base do Serviço Social Brasileiro”. (SIMÕES, 2005, p. 40). Esse viés religioso é frequentemente inspirado pela ética cristã que, prega a piedade e a ação humanitária como meio de obter “a vida eterna”. Essa ação humanitária fica caracterizada na parábola do bom samaritano (Evangelho de Lucas, Capítulo 10, versículos de 30 a 37) onde Jesus coloca mérito na atitude de um samaritano - povo que era menosprezado pelas outras seitas judaicas - por ter ajudado o viajante atacado por ladrões. O ser humano tem necessidades que ultrapassam os limites do social, do biológico e do psicológico. Tem necessidades espirituais. Essas, podem ser identificadas, como “o sentido da vida, o contato com um poder superior, a preocupação com o bem-estar alheio, que deve subjugar interesses egoístas e dispor sua vida à vontade de Deus”. (SIMÕES, 2005, p. 143).

“Fora da Caridade não há Salvação”. Com esse lema os espíritas buscam justificar suas ações no campo da assistência social. Embora na maioria dos casos as casas espíritas

trabalhem sem o apoio de profissionais da área de assistência social, suas realizações vêm ganhando cada vez mais destaque dentro do cenário nacional. Pelos postulados espíritas uma gama complexa de causas referem a existência do sofrimento humano. Mas, destacam-se algumas que apontam para uma justificativa do envolvimento dos espíritas nas atividades assistenciais. Um primeiro fator a ser considerado é que o Espiritismo atribui como causa do sofrimento humano, as faltas cometidas em reencarnações passadas, uma espécie de carma das religiões orientais; um segundo fator é que para os espíritas aqueles que não apresentam graves problemas de saúde ou social não são espíritos sem carma, mas pessoas que vieram nessa condição mais saudável e confortável para servir de apoio aos que sofrem ao seu lado; um terceiro fator é que para o Espiritismo toda ação religiosa deve ser realizada sem remuneração, seja o trabalho mediúnico, seja o trabalho assistencial; e um quarto fator a considerar é que para o espírita não faz diferença se quem está sofrendo é desta ou daquela raça, desta ou daquela religião, pois acredita que pela reencarnação a alma alterna diferentes condições de vida e afiliação religiosa e que, portanto o fato de ser espírita não revela maior status espiritual.

Esse *ethos* espírita leva as organizações espíritas a manterem pelo menos uma atividade de assistência aos necessitados, realizando trabalhos no campo da saúde física e mental, bem como na assistência aos abandonados (asilos e orfanatos) e fornecimento de apoio alimentar, de vestuário e educação às pessoas de baixo poder aquisitivo. Recentemente, crescem os núcleos espíritas que mantêm apoio a dependentes de drogas, portadores de HIV e até recolocação profissional. Em pesquisa apresentada por Jader dos Reis Sampaio, em seu livro *Voluntários: um estudo sobre a motivação de pessoas e a cultura em uma organização do terceiro setor*, publicado em 2010, no Estado de São Paulo, em 2003, a média de voluntários por organização espírita era de 11,5. Um índice considerado relevante tendo em vista os efetivos médios de uma organização espírita. As atividades assistenciais espíritas datam do século XIX, com a criação da Assistência aos Necessitados da Federação Espírita Brasileira (SAMPAIO, 2010, p. 151).

A força dessas atividades vem do envolvimento pessoal e coletivo no auxílio aos necessitados. Aquele que ajuda, socorre ou consola a outro necessitado, vê em si mesmo uma dignidade reconfortante e, muitas vezes, um mecanismo de compensação, inconsciente ou não, dos atos considerados falhos. O ser humano percebe que se valoriza na ajuda ao próximo e se sente mais útil e vê canalizar os seus sentimentos de compaixão para uma expressão de amor e caridades reais. Se não se dedicam mais a essas atividades assistenciais é porque não dispõem de mais tempo ou recursos para fazê-lo. Algumas pessoas buscam no trabalho

profissional de assistência social uma porta de sustentação da vida material e espiritual. A possibilidade de unir esses dois objetivos de vida tem caracterizado a motivação de muitos estudantes de Assistência Social. E isso é mais significativo no meio dos profissionais brasileiros de assistência social. Contrariamente ao caso brasileiro, Pedro Simões (SIMÕES, 2005) aponta que no depoimento de profissionais ingleses “a relação entre religião e assistência social é irrelevante” e que essa aproximação pode até ser discutível.

O trabalho profissional [assistência social] é valorizado por ser aquele que aglutina bons sentimentos e boas ações, em detrimento de uma maior remuneração possível em outras áreas. A religião é parte constitutiva desta forma de pensar a profissão, pois oferece os fundamentos morais para tal concepção. Ao dar uma conotação religiosa à profissão, esta última passa a ser, em si mesma, um ato de virtuosismo e não somente uma ação contratual e de prestação de serviço. (SIMÕES, 2005, p. 179).

Até o surgimento do Espiritismo no Brasil era comum se associar a caridade com a prática católica, tendo em vista a estrutura assistencial que o Catolicismo possuía mesmo apoiada por fiéis leigos. As religiosas, conhecidas como “irmãs de caridade” são respeitadas pela sua vida sacrificada e pela atuação junto a hospitais, asilos e orfanatos. O movimento espírita no Brasil, pela sua tônica religiosa e cristã voltou-se para o assistencialismo e tornou essa sua característica mais uma força de atração para seus quadros. A oportunidade de servir como voluntário ou colaborador financeiro em uma instituição espírita tem fortalecido essa atividade assistencial, apoiada, muitas vezes, por colaboradores que não são espíritas. Afora isso, o Centro Espírita vem se tornando um ambiente de convivência, de encontro e de integração entre os adeptos. A agenda espírita nacional está bem servida de congressos e encontros, sendo alguns especializados, como congressos de médicos, de pedagogos, de jornalistas, de juristas e magistrados, de iniciação científica, dentre outros. Tudo isso faz parte do arsenal que o Espiritismo no Brasil tem para a conquista e manutenção dos seus fiéis.

Como dito anteriormente, o Espiritismo é uma religião dos livros. Além das publicações mais doutrinárias, como as obras básicas de Kardec, uma grande variedade de livros encontrou muito boa receptividade no gosto de leitura do brasileiro. Se isso pode não ter servido para converter as pessoas para o Espiritismo, serve, e muito bem, para quebrar as barreiras do preconceito que se tinha com a prática espírita.

“Pessoas de todas as crenças (consomem) esse tipo de obra” relata o diretor comercial do site Submarino. Segundo ele, leitores de obras espíritas são responsáveis por mais da metade das encomendas dos livros religiosos, com destaque para os livros de Allan

Kardec, Chico Xavier e Zíbia Gaspareto. (STOLL, 2004, p. 182). Essa preferência por obras espíritas também foi detectada na pesquisa de Cândido Procópio Ferreira de Camargo, realizada no início dos anos 60. “não resta a menor dúvida de que todas as cidades estudadas têm o livro espírita como o mais lido do que o de qualquer outro credo religioso, organização política, ou corrente filosófica.” (CAMARGO, 1961, p. 143).

Hoje, princípios basilares do Espiritismo, como a reencarnação, a sobrevivência da alma são aceitos por boa parte da população brasileira. Filmes e peças de teatro, do Brasil e do estrangeiro abordam esses temas cada vez com mais liberdade e mais frequência.

Algumas pesquisas de opinião pública corroboram essa conclusão, em especial quando se trata do tema da representação da vida após a morte: uma delas, realizada em 1998 pelo instituto Gallup, constatou que 45,9%, ou seja, quase metade dos católicos que dizem frequentar semanalmente serviços religiosos afirma “acreditar na reencarnação”. Embora se trate de tema proscrito pela tradição cristã, o mesmo constatou o CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais) numa pesquisa realizada em 2000 em cinco metrópoles brasileiras: 55,7% dos entrevistados disseram “acreditar em vida após a morte”, sendo que 35,8% destes afirmaram crer na “reencarnação dos mortos”. (STOLL, 2004, p. 182).

2.5 O Espiritismo em debate.

As ideias espíritas, ditas kardecistas, não foram aceitas da mesma maneira por todos os seus adeptos. Desde a sua origem, tendo em vista o acesso livre à comunicação com os espíritos, muitas interpretações foram dadas mesmo sobre pontos capitais da teoria espírita. Principalmente nessa fase inicial, houve muitas versões sobre a existência e manifestações do mundo dos espíritos. Umas concordantes, outras discordantes da obra kardequiana. Isso se deveu, principalmente, porque as informações coletadas dos espíritos sofriam viés de dois fatores, principalmente: a categoria do espírito que dava as informações; e, a interpretação que era dada às informações coletadas. Além disso, a experimentação levada a efeito por diversos outros pesquisadores deram origem a teorias paralelas sobre os fenômenos permitindo um conflito entre as diversas propostas apresentadas.

2.5.1 Os fatores favoráveis ao Espiritismo.

Na segunda metade do século XIX, mais ou menos na mesma época em que Kardec entrava em contato com as mesinhas girantes, pesquisadores, também apenas interessados no fenômeno, chegaram às conclusões parecidas com as conclusões iniciais de Kardec. Kardec concluiu que os movimentos, percussões, e levitações das mesas e objetos eram executados

sem o contato dos assistentes ou participantes e, portanto, tinham origem em alguma força desconhecida, natural, e não, sobrenatural. À mesma conclusão chegaram outros estudiosos, como Crookes, Gibier, Zollner, Aksakof, Lombroso. Willian Crookes, por exemplo, através de sua pesquisa no campo da materialização de espíritos, também se convenceram de que esses tipos de fenômenos tinham origem na ação dos espíritos.

Essa semelhança entre diversas conclusões fortalecia a proximidade com o trabalho desenvolvido por Kardec, que indo além, identificou uma inteligência no comando do fenômeno. Essa identificação se iniciou com o “diálogo” mantido com as mesas, que através de sinais convencionados davam respostas inteligentes, falavam de coisas que só uma consciência humana poderia falar. O método criado por Kardec para desenvolver seus estudos se baseava em duas premissas principais: a observação sistemática do fenômeno; e, a universalidade dos depoimentos semelhantes. Ou seja, Kardec verificava os detalhes da atuação do médium nas diferentes categorias de manifestações, comparava os processos, sugeria alterações e concluía sobre os melhores processos para se obter o fenômeno. Exemplo disso foi a substituição gradual dos equipamentos de comunicação: das mesinhas por pequenas pranchas de madeiras – as pranchetas; depois, estas por cestinhas de vime ou materiais mais leves; e, em seguida pela ação direta da mão do médium sobre o lápis. “A cesta nada mais é, praticamente, do que um porta-lápis, um apêndice da mão, um intermediário entre a mão e o lápis. Suprimindo o intermediário e pondo o lápis na mão, temos o mesmo resultado...”. (KARDEC, 1994, p. 165).

Esse Espiritismo científico inspirou métodos de investigação os mais diversos, variando de acordo com os sensitivos disponíveis e a natureza das manifestações. “Chama-se ‘Espiritismo científico’ à escola ligada ou não à teoria de Allan Kardec que, sob a influência, em França, de Denis e, sobretudo Delanne, procura classificar os fenômenos supranormais, explica-los e dar-lhes leis”. (LANTIER, 1980, p. 127). Contar, medir, ouvir, registrar, pesar e fotografar, foram os verbos correntes no método de investigação. E a natureza dos fenômenos fez aproximar os pesquisadores que, em diversas oportunidades se reuniram para avaliar uma mesma manifestação.

Uma escola que se aproximou bastante dos primeiros tempos do Espiritismo foi a escola magnética. Antecedendo em quase um século as conclusões de Kardec, Mesmer pregava a existência de um fluído especial – fluído magnético ou animal - que em algumas pessoas davam a elas a capacidade de agir sobre a matéria inerte e sobre a matéria orgânica. Kardec foi, pelo menos por algum tempo, defensor das teorias de Mesmer, aonde pode ter feito a sua iniciação nesse território. “O magnetismo preparou o caminho do Espiritismo, e o

rápido progresso desta última doutrina se deve, incontestavelmente, à vulgarização das ideias sobre a primeira.” (KARDEC, 2004, p. 149). Mesmer emprega de formas diversas essa energia, inclusive na provocação do sonambulismo. Esse mesmo sonambulismo que viria a ser verificado pelo Marques de Puységur, quando, nos “treinamentos magnéticos”, em sua propriedade de Busancy, na Champagne, ao aplicar o tratamento em um jovem de 23 anos, pouco dotado mentalmente, o viu cair numa espécie de entorpecimento desconhecido. Nesse estado, para sua surpresa, viu que o jovem assumia uma segunda personalidade, mais vivaz, mais comunicativo, mais inteligente. Na sequência das aplicações, o jovem passou a indicar ao Marquês os remédios que o poderiam curar, o que efetivamente aconteceu. (LANTIER, 1980, p. 32).

Perseguido pelas hegemonias religiosas, o magnetismo se desenvolveu e ganhou credibilidade pelas personalidades que abraçaram os seus princípios e também, pelos seus resultados terapêuticos. O próprio padre português, José Custodio Faria, o *abbé* Faria dos franceses, publicou um livro sobre o assunto, *De la cause du sommeil lucide, ou étude de la nature de l’homme*, em 1819, livro que dedicou a seu mestre o Marquês de Puységur. (WANTUIL e THIESEN, 1979).

Outra convergência pacificamente reconhecida é para com a homeopatia. A homeopatia é o método terapêutico criado pelo médico alemão Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1775 – 1843). Por esse método se procurava fazer o paciente tomar contato com pequenas doses de um composto fitoquimioterápico, ao que se atribuía a origem ou o agravamento das doenças. Acredita-se que o contato com porções diluídas desses compostos ativa no corpo humano determinadas defesas naturais que o fazem vencer a doença. Kardec aceitou a relação entre o processo terapêutico da homeopatia e a natureza do perispírito, este como origem de muitos dos males físicos da humanidade. Constata que muitos homeopatas eram espíritas e que havia uma aceitação de princípios entre as duas correntes de pensamento:

Tal é a razão pela qual a homeopatia triunfa numa imensidade de casos em que fracassa a medicina ordinária: mais que esta, ela leva em conta o elemento espiritualista, tão preponderante na economia, o que explica a facilidade com a qual os médicos homeopatas aceitam o Espiritismo e porque a maioria dos médicos espíritas pertence à escola de Hahnemann. (KARDEC, 2006, p. 319).

Kardec, no entanto, advertiu sobre a independência do espírito em relação às patologias do corpo, no sentido que o corpo influencia no espírito apenas dificultando ou facilitando a expressão do seu pensamento e que tanto o magnetismo, como a homeopatia, ao alterar as condições de trabalho dos diversos órgãos e funções do corpo humano, permitem

que a alma usufrua de maior liberdade de comunicação dos seus pensamentos e de maior expressão dos seus sentimentos. A mente doente, afirma Kardec, é que gera as patologias mais graves no corpo, como um grande gestor do equilíbrio dos complexos biológicos. É fácil verificar que as semelhanças da doutrina nascente com correntes suas contemporâneas do pensamento não se deu apenas no nível da ciência ou da pesquisa fenomenológica. Correntes de pensamento filosófico também convergiam com a teoria espírita. Por exemplo, o positivismo.

O positivismo foi um movimento filosófico que se desenvolveu na França a partir da primeira metade do século XIX. Tinha por base a negação de tudo o que não podia ser comprovado pela ciência, em oposição ao pensamento místico que sustentava o sobrenatural. “É, incontestavelmente o positivismo de Augusto Comte que abre o caminho ao Espiritismo e se torna rapidamente uma de suas ramificações.” (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 79). O Espiritismo foi concebido, desde o início, como uma religião de base científica. Isso quer dizer que a maneira de se estudar o fenômeno mediúnico se baseava na experimentação e observação. Além disso, o fenômeno mediúnico, não mostrava apenas um lado físico, onde a matéria - mesas, objetos, luzes, instrumentos - se apresentava alterada. No bojo do fenômeno se percebia a manifestação de uma inteligência que, participava não apenas mecanicamente, mas dava opinião sobre qualquer coisa que se perguntasse. E isso não era encarado por Kardec como um fenômeno místico, o que contrariava a teoria positivista, mas como um fenômeno natural, com alguém que escutasse a voz de uma pessoa vindo do outro lado de uma parede. Nada de sobrenatural, tudo natural.

Não procurando o Espiritismo afastar nenhum dos concorrentes na liça aberta às ideias que devem prevalecer no mundo regenerado, está nas condições do verdadeiro livre pensamento; não admitindo nenhuma teoria que não esteja fundada na observação, ele está, ao mesmo tempo, nas do mais rigoroso positivismo; tem, enfim, sobre seus adversários das duas extremadas opiniões contrárias, a vantagem da tolerância. (KARDEC, 2006, p. 66).

Para Kardec, e para os pesquisadores espíritas era curioso constatar que, o que quer que estivesse do outro lado fornecia informações semelhantes, apesar da comunicação ser realizada em diferentes pontos da Europa e até do mundo, e mesmo simultaneamente. Para os espíritas a similaridade de informações originadas dos depoimentos de muitos espíritos era indício da sua veracidade, e revelava uma unidade de pensamento e até uma unidade de comando. A constatação dessas ocorrências conseguida através da observação e experimentação era para Kardec, ciência, e a sua universalidade, uma garantia de veracidade.

A mentalidade introduzida pelo positivismo de negação de tudo o que não era palpável não atingia o Espiritismo, porque para o Espiritismo tudo o que estudava e afirmava era absolutamente palpável e real. A lei dos três estágios – teológico, metafísico, e positivo – permitia uma identificação da Doutrina Espírita com o terceiro estágio, onde as barreiras do sobrenatural já haveriam de estar vencidas. “A primeira tarefa da nova ciência seria inserir os fatos sobrenaturais na ordem da natureza e demonstrar que aquilo que se atribuía aos milagres na época de Jesus, às fadas, aos gênios e aos espectros até a época atual pode enfim ser explicado.” (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 80).

Não apenas o fenômeno sobrenatural passa a ter explicação, a condição humana passa a ganhar uma explicação, com a teoria da reencarnação e a proposta espírita de releitura da teoria do carma. Diz o Espiritismo: o destino não existe! Vivemos as consequências de atos praticados em outras reencarnações, dos quais podemos nos redimir em experiências sucessivas. No confronto entre o dogma e a ciência, a teoria espírita fica ao lado da ciência. É essa a aproximação entre Espiritismo e positivismo. A mentalidade de ruptura com o dogma, de partir para a pesquisa e estudo de tudo o que afeta a vida humana, sem preconceitos.

A ciência disputa e ameaça o território das Igrejas. A religião não podia mais impor limites e nem manter como verdade aquilo que estava sendo revelado como falso. O céu não era mais uma abóboda cercando a Terra e o universo era um grande desconhecido prestes a ser descoberto. Mas, a teoria positivista esbarra no materialismo por simplesmente negar o que não possa ser explicado pelos seus fundamentos “naturalistas”. Não consegue encaixar a alma, o sentimento humano, suas preferências, suas intuições no modelo cientificista. Era preciso ordem e progresso. Era preciso reestruturar os fundamentos da própria sociedade. Mas, o modelo positivista da mudança não conseguiu gerar felicidade. A simples contestação derrubava antigos princípios, mas não apresentava novas ideias eficientes para resolver os problemas da alma.

Pois bem! Nós, espíritas, acabamos de dizer isto aos positivistas: Nós nos tornamos vossos discípulos; adotamos o vosso método e não aceitamos como verdadeiras senão as verdades demonstradas pela análise, pelos sentidos e pela observação. Longe de nos conduzir aos resultados a que chegastes, esses instrumentos de pesquisa nos fizeram descobrir um novo modo de vida e nos trazem a certeza sobre os pontos mais discutidos. (DELANNE, 2006, p. 292).

O pensamento positivista teve, como reconheceu Gabriel Delanne, o mérito de dirigir o pensamento humano para a realidade natural. Imerso em séculos de misticismo e “religiosismo” os canais de aproximação com a ciência se tornaram obstruídos. A ciência,

aquela ciência do século XIX, não tinha como saciar a sede de consolações que a humanidade sofrida, batida pelos conflitos sociais e morais, precisava. O positivismo, então, serviu de base para a revolução que o Espiritismo desejava fazer, ajudando a quebrar a resistência às novas ideias. Funcionou como o método cartesiano: inicialmente negar a tudo para depois, racionalmente, recompor o conhecimento. O Espiritismo pode ter-se colocado aí, no ponto exato em que o positivismo quebrou as barreiras para então lançar a sua proposta.

2.5.2 Os fatores desfavoráveis ao Espiritismo.

Kardec reconhecia a força da propagação do Espiritismo. Mas percebia que o Espiritismo ao duelar com as concepções vigentes acabava muitas vezes ameaçado pela existência em sua estrutura de lacunas típicas de uma ciência nascente.

Na situação em que estava a pesquisa espírita seria uma ciência para completar-se no futuro, quando os métodos se depurassem e o filtro natural do tempo e da experiência solidificassem suas bases. A Academia não conseguia apoiar em sua totalidade a explicação espírita para os fenômenos que poderia parecer lógica, mas admitia outras interpretações. No caso Mesmer, o magnetismo fora condenado em análise anterior pela Academia de Medicina de Paris. Mas o entusiasmo gerado pela sua prática acabou forçando a revisão da investigação. Nova conclusão: a Academia de Medicina declarou que “o juízo proferido contra Mesmer, em 1870, tinha sido viciado pelo preconceito dos comissários “que tinham descurado atender a fatos considerados a seguir autênticos por observadores rigorosos e honestos”“. (LANTIER, 1980, p. 32). Isso não agradou a todos. A Igreja pressionou a Academia que acabou achando que a comissão exagerara no seu veredito. Nomeou, então, outra comissão que, em cinco anos, tirou definitivamente o magnetismo dos seus trilhos, aconselhando a se considerar o magnetismo como um “ramo curioso da psicologia e de história natural, mas não como terapêutica médica”. (LANTIER, 1980, p. 32).

Para a análise dos fenômenos mediúnicos, então, surgiram diversas teorias, algumas plausíveis outras completamente estranhas. Como foi o caso do músculo estalante de Jobert de Lamballe. No início de 1861, é publicado *O Livro dos Médiuns*. Foi uma maneira de fixar procedimentos para a exploração do fenômeno, baseado nas experiências com diversos tipos de sensitivos e manifestações.

O Espiritismo experimental é cercado de muito mais dificuldades do que geralmente se pensa, e os escolhos aí encontrados são numerosos. É isso que ocasiona tantas decepções aos que dele se ocupam, sem a experiência e os conhecimentos necessários. Nosso objetivo foi de prevenir contra esses escolhos, que nem sempre

deixam de apresentar inconvenientes para quem se aventure sem prudência por esse terreno novo. Não podíamos negligenciar um ponto tão capital, e o tratamos com o cuidado que sua importância reclama. (KARDEC, 2006, p. 23).

No campo da teoria religiosa, talvez as maiores divergências tenham vindo da posição antireencarnacionista dos anglo-saxões e a doutrina dos evangelhos de Roustaing. A reencarnação é um princípio basilar da Doutrina Espírita, uma vez que é por ela que os espíritas explicam, por exemplo, a justiça divina. É pela reencarnação que o espírito evolui e é no intervalo das reencarnações que os espíritos atuam sobre o mundo dos vivos. Por reencarnação, segundo os espíritas que seguem a proposta kardecista, se entende a possibilidade que uma pessoa tem de retornar à vida material, habitando um novo corpo. Essa volta só pode se dar em corpos de seres humanos. É também chamada de *palingenesia*. Difere da metempsicose, por esta admitir, também o retorna à vida em corpos de animais. Mas essa formulação kardecista não é totalmente aceita por outras vertentes espíritas, por exemplo, a anglo-saxã. “A reencarnação, isto é, a pluralidade das existências na terra ou em outros planetas, é a pedra fundamental do edifício francês, que se opõe neste ponto ao Espiritismo anglo-saxão”. (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 88).

A corrente anglo-saxã defende a reencarnação como uma ocorrência excepcional, ou mesmo impossível. Para eles existe a sobrevivência da alma, no entanto, uma vida na terra já é suficiente para dar ao espírito experiência material suficiente para continuar a progredir no mundo espiritual. Os espíritas ingleses “não chegaram a uma conclusão no que se refere à reencarnação. Alguns a aceitam, outros não. A atitude geral é que, como a doutrina não pode ser provada, o melhor seria excluí-la da política ativa do Espiritismo.” (DOYLE, 1960, p. 396).

Outra versão, explica que talvez a não aceitação da reencarnação por este segmento venha da tradição americana, onde se concebia impossível a um branco reencarnar como um negro ou um pele-vermelha. Isso era encarado como uma regressão, uma decaída. Como no Espiritismo kardecista a alma pode reencarnar em qualquer situação social, raça, cor ou estado físico, é, segundo essa corrente, inevitável que o espírito reencarne nas mais diversas condições humanas, inclusive em sexos diferente, ora como homem, ora como mulher. (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 87). A questão reencarnacionista foi objeto de estudos de Kardec que rejeitou a posição inglesa e americana, segundo a qual, Kardec alega, não pode explicar as variedades da condição humana. A divergência, ainda que mostre uma não total unanimidade dos espíritos comunicantes, é explicada por Kardec: os espíritos emitem a sua opinião como os encarnados emitem as suas. Há, por exemplo, no mundo dos espíritos,

católicos que não abdicaram de sua fé, nem de seus dogmas e, portanto, se chamados a depor sobre a reencarnação, poderiam negá-la peremptoriamente.

Foi a partir da teoria de Jean-Baptiste Roustaing (1805 – 1879) sobre a natureza de Cristo que novas divergências surgiram dentro do Espiritismo. Roustaing era francês, advogado e, autor de livros sobre o Direito. Após ler as obras de Kardec procurou participar de grupos onde a mediunidade era exercitada. Nesse contato, conheceu o casal Collignon, cuja esposa, Émilie começou a psicografar o que ela denominava *Os Quatro Evangelhos: a revelação da revelação*. As obras seriam ditadas pelos próprios espíritos dos evangelistas, apoiados por outros apóstolos e pelo espírito de Moisés. As obras foram organizadas por Roustaing, daí a ele serem atribuídas.

Kardec manteve correspondência com Roustaing e publicou as cartas na *Revista Espírita*. Um dos pontos de dissidência é que Roustaing sustenta a natureza fluídica de Jesus, isto é, para ele Jesus não tinha tomado um corpo de carne, mas se revestido de um corpo não material, enquanto que para muitos espíritas o Cristo veio ao mundo dentro dos processos gerais da natureza – concepção, gestação, nascimento. Isso lembra as disputas arianas do cristianismo nascente. Essa teoria não refutada de pronto por Kardec, que preferia obter mais depoimentos dos espíritos acabou gerando um impasse. Se Jesus não se revestiu da natureza física humana, não teria passado pelos sofrimentos e martírios dos homens e, portanto, o seu calvário não teria valor. “Sem a prejudicar, diremos que já foram feitas sérias objeções a essa teoria, e que, em nossa opinião, os fatos podem perfeitamente ser explicados sem sair das condições da humanidade corporal.” (KARDECC, 2005, p. 259).

As obras de Roustaing tiveram mais repercussão entre os espíritas do Brasil do que na França. A Sociedade de Estudos Espíritas de Paris entendia que não se devia dar ênfase ao estudo de dogmas católicos, como a materialidade do corpo de Jesus ou a virgindade de Maria, exaustivamente analisados por Roustaing. (BRANDÃO, 2002, p. 67).

Conclusão

Desde a chegada do Espiritismo no Brasil, no final do século XIX, que essa Doutrina passou a experimentar mudanças importantes. Os portos principais de chegada, Salvador e Rio de Janeiro já estavam aclimatados a uma religiosidade intensamente carregada pelos padrões religiosos indígenas e africanos. Nos séculos anteriores, os desbravadores portugueses quase abandonados pelas cortes de Lisboa, embrenhavam no interior brasileiro, à cata de riquezas, e cada vez mais distante de sua religião original, o Catolicismo. Até mesmo a linguagem dos portugueses que ficaram aqui nos primeiros séculos era uma mistura bastante carregada dos termos da língua indígena, com quem tinham muito mais contato e com quem construía uma intimidade muito mais efetiva. A falta de contato com a civilização fazia o reinol se socorrer da alimentação e dos remédios que a sabedoria e a religião indígenas ofereciam.

Com os negros os portugueses, já abasileirados repartiam a lavoura, o amanho do gado, e até os lençóis, gerando essa raça mulata que se tornou numerosa a ponto de assustar as autoridades portuguesas. As escravas, lançadas às panelas, serviam aos seus senhores, não apenas os alimentos tradicionais das culturas africanas, as bênçãos, as rezas, as mandingas com que regavam todas as mesas e todas as casas. Mesmo nas senzalas, o negro, a batucar suas toadas foi acostumando os senhores brancos às terminologias dos seus cantos religiosos e das suas crenças primitivas. A convivência com o negro e com o índio criou uma cultura especial acostumada a ver espíritos em todas as coisas e a sentir suas manifestações em todos os lugares. Se os negros foram obrigados a abjurar de seus deuses, pela intolerância de um catolicismo a serviço da coroa, o seu sincretismo conseguiu gerar uma categoria especial de Igreja, onde os orixás escorregavam pelas soleiras das portas acompanhando as aias negras e seus filhos nas missas e festas religiosas.

O Espiritismo chegou numa Bahia e num Rio de Janeiro infestado de divindades que agitavam os terreiros no mediunismo primitivo. Serviu de calço para a elevação das práticas africanas, pra o refinamento que os brancos desejavam de uma religião onde os espíritos fossem em sua maior parte “espíritos de luz”. Uma pitada de ciência e de filosofia foi o suficiente para se ajustar ao tempero moreno de uma mediunidade controlada. Enfim uma religião em que se podia acreditar nos espíritos sem se acanhar de frequentar os terreiros demonizados pela Igreja Católica. E foi nas curas e na homeopatia florescente que muitos médiuns conquistaram a simpatia do povo. A caridade material e espiritual fez o resto.

A posição do Espiritismo no campo religioso, no entanto, era incerta e ameaçada. O catolicismo brasileiro, de pronto reforçou as suas trincheiras, avisado pelas ocorrências na Europa. E como a Doutrina Espírita conquistava fatias privilegiadas da sociedade, a Igreja desencadeou suas campanhas de esclarecimento de suas fileiras. De Norte a Sul, os ataques foram estigmatizando a figura do espírita, de forma que, livros, artigos, reuniões, sessões e palestras espíritas eram proibidos de contato aos fiéis católicos. De braços com a medicina a Igreja lançou a campanha de que o Espiritismo era uma fábrica de loucos. Os casos de obsessão foram associados aos perigos da mediunidade e a prática do Espiritismo seguia proibida por lei.

Internamente, muitos espíritas desejavam retornar ao Espiritismo acadêmico. Aquele que Kardec iniciara na França, havia poucos anos. Os “científicos” se opuseram aos “místicos” e a divisão provocou cismas nas fileiras espíritas. Por muitos anos, as lideranças espíritas bateram cabeças na procura de um sistema que harmonizasse as duas vertentes. Mais de meio século passaria até que um acordo, o Pacto Áureo, pudesse ser assinado, minimizando as diferenças e organizando o movimento. Por ter sido adotado por classes mais favorecidas da população, o Espiritismo escapou de ser marginalizado, como aconteceu com diversas religiões mediúnicas ao longo da história da religião no Brasil. Essa gente educada fazia parte de clubes de ciência, de redação de jornais, do serviço público. Eram militares, comerciantes, professores, maçons. Nesse nível, seria difícil desbancar o movimento espírita de seu posto, ainda frágil, pelo pequeno número de seguidores, frente ao maciço contingente das religiões dominantes.

Pela divulgação de suas ideias, o Espiritismo foi se expandindo. As obras de Kardec forneciam as bases para a crença na reencarnação, na sobrevivência da alma, na comunicação com os mortos e na multiplicidade de mundos habitados por espíritos encarnados e desencarnados, como dizem os espíritas. Era uma proposta bem diferente do que havia por aqui em termos de proposta religiosa. Mas, não era diferente do que o povo estava acostumado a escutar. As benzedeadas, as rezadeiras, os receitistas, desde muito tempo eram conhecidos e serviam as comunidades. Pouco a pouco o Espiritismo brasileiro foi ficando conhecido e a rejeição diminuiu, apesar das campanhas contrárias. Os Centros Espíritas ganharam o direito de funcionar, sem o disfarce das associações científicas e a prática mediúnica de “mesa branca” fez a sua distinção das práticas dos terreiros. Uma quantidade grande de médiuns começou a lançar livros. Eram poemas, romances, depoimentos e discussões sobre temas espíritas. Um médium se destacou pela sua produção editorial, o Chico Xavier.

Chico, como era conhecido, chegou a ser processado por fraude e por usar o nome de escritores e poetas famosos em seus livros, hoje mais de 450 títulos. Outros médiuns, usando das mais diversas mediunidades, como curas (Zé Arigó) e pinturas (Gasparetto) deram mais visibilidade ao Espiritismo. De qualquer forma, a Doutrina Espírita se firmou no Brasil. E hoje, acompanha o aumento de efetivo de outras religiões, ao mesmo tempo em que deverá enfrentar, como todas elas, os fantasmas da institucionalização, do sacerdócio e, das práticas ritualísticas. O Centro Espírita começa a tomar forma particular. As salinhas simples onde se reuniam meia dúzia de pessoas estão se transformando em templos para milhares de pessoas, com espaços reservados para iniciados e médiuns formados em cursos de muitos anos. Só o futuro dirá que rumo tomará o espiritismo brasileiro, uma vez que, em tão pouco tempo, já se distanciou do modelo científico de Kardec tornando-se uma autêntica religião dos espíritos.

CAPÍTULO 3 O UNIVERSO RELIGIOSO BRASILEIRO: UM TERRENO FÉRTIL PARA O ESPIRITISMO.

Introdução.

Este capítulo apresenta uma rápida visão do cenário religioso brasileiro, apontando para o que há de comum para pontificar o relativo sucesso que o Espiritismo teve no Brasil, como opção de conversão.

Dentre as diversas expressões da cultura de um povo, certamente a religião ocupa um lugar de destaque e único. O termo religião tem uma compreensão universal e remete a uma ligação com o sagrado. “Sagrado é a palavra indo-europeia que significa “separado””. (GALIMBERTI, 2003, p. 11). A natureza da religião repousa naquilo que está inserido na vida humana, mas é “comandado” por uma força além da condição humana. Percebem-se os limites da religião, mapeiam-se os seus contornos de aplicação na vida, mas o acesso ao seu benefício exige a participação de algo que é muito mais poderoso que o ser humano. Reconhecer esse poder e dar-lhe um perfil; perceber como esse poder atua e como pode ser conectado; estabelecer que benefícios, ou malefícios esse contato pode trazer; e, sugerir qual deve ser a postura do ser humano frente a esse poder e suas manifestações, é o que diferencia as religiões.

Essa relação entre o ser humano e esse poder é ambivalente e se constitui na essência de toda religião. O sagrado cobra um afastamento, como um afastamento entre o cidadão comum e uma grande autoridade. Pode-se servir dessa autoridade, mas não se pode gozar facilmente da intimidade com ela. Para esse contato, são exigidos protocolos especiais ou intermediários especiais que “facilitam” o contato e melhoram as chances de que o que foi pedido seja obtido. O ser humano tende a manter-se distante do sagrado, como sempre acontece diante do que se teme, e ao mesmo tempo é por ele atraído, como se pode ser com relação à origem de que um dia nos emancipamos. (GALIMBERTI, 2003, p. 11).

Cada povo tem a sua tradição religiosa que pode se concentrar em uma ou em várias religiões. Essas religiões podem ter sido desenvolvidas ao longo da evolução desses povos ou ter sido absorvida mediante processos diversos de contatos sociais: desde um processo de colonização, até uma influência desenvolvida em aproximações culturais de outras espécies como migrações, imigrações, trocas de convivência, etc. Segundo Berger (BERGER, 1985, p. 15), a sociedade é um fenômeno dialético “por ser um produto humano e nada mais do que

um produto humano”. Esse processo dialético consiste em três momentos: a exteriorização, a objetivação e a interiorização.

A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens; a objetivação é a conquista por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles; a interiorização é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva. É através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É a través da objetivação que a sociedade se torna uma realidade *sui generis*. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade. (BERGER, 1985, p. 16).

Essa troca se manifesta num *continuum* que acrescenta a cada novo contato do indivíduo com uma coisa nova, ou alterada, novos fatores para exteriorização, objetivação e interiorização. Analisando esse *continuum* do caso brasileiro, no que diz respeito à religião se pode reconhecer algumas etapas e influências que foram determinantes na materialização do que seja hoje o universo religioso brasileiro. Neste capítulo se vão conhecer os atores que mais influenciam a religiosidade brasileira. O Catolicismo que chegou com o descobrimento do Brasil, o Protestantismo que chegou com as imigrações europeias e americanas, bem como com os missionários incumbidos de espalhar suas ideias e conquistar uma fatia desse mercado da religião. Veremos também a influência dos cultos indígenas e africanos, bem como a colaboração da cultura brasileira para com o estabelecimento do Espiritismo no Brasil.

3.1 A Igreja Católica e o processo de colonização.

Quando do início da formação dos povos das Américas, e estamos falando, a partir dos descobrimentos e início das colonizações no continente sul-americano, duas forças igualmente poderosas se podiam identificar: a cultura pré-existente dos naturais e, a cultura que aqui chegava, a europeia, particularmente a ibérica. A hegemonia cristã na Europa havia se originado da propagação dos conceitos cristãos por toda a Idade Média, através das rotas de conquista romana que no contrafluxo admitiram a expansão do cristianismo. A Roma imperial era tolerante com as religiões dos povos conquistados, desde que não se desfizesse dos deuses romanos e se pagassem os impostos regularmente.

Para os judeus, todavia, havia uma tolerância especial: “A política de Roma para com os judeus – não exclusivamente, mas de maneira muito notória e marcante – era permitir-lhes viver segundo seus antepassados costumes e respeitar particularmente sua religião.” (ARENS,

1997, p. 161). Nos primeiros anos da era cristã havia judeus em toda parte. Arens (ARENS, 1997, p. 158) cita uma frase de Estrabão (63 A.C – 24 D.C.) que caracteriza a presença dos judeus nos domínios romanos: "Este povo insinuou-se em toda cidade; não é fácil encontrar lugar no mundo habitável que não tenha recebido essa nação e em que não tenha ela feito sentir o seu poder".

Pelas comunidades judaicas iniciais foram se disseminando as crenças cristãs até que o cristianismo se tornou, com Teodósio I, a religião oficial do Império. O apelo do cristianismo à compensação divina do sofrimento na terra encontrou larga aceitação no meio dos oprimidos que já tinham uma esperança messiânica dentro de suas culturas. Séculos de escravidão, guerras, fome e opressão, facilitaram a assimilação de uma religião piedosa, que prometia o céu a quem suportasse o seu sofrimento com resignação e coragem. De outro lado, os governos fragmentados necessitavam de uma instituição que mantivesse a união e a identidade espiritual do povo. O Catolicismo, aliado do Estado, ameaçava qualquer sedição. Assim, após a queda do Império Romano, em 496 D.C., as unidades fragmentadas conservaram o cristianismo, agora como Catolicismo. Uma religião que dava garantia de caráter divino aos governantes e aos seus governados.

Na França, na Espanha, nos Estados Pontifícios e em Portugal, especificamente, o Catolicismo se conservou como religião do Estado, quando não o próprio Estado. As caravelas trouxeram ao novo mundo uma cultura católica altamente estruturada que influenciava a maneira de se viver, de se enxergar o mundo.

Um texto histórico – a Carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral – da qual tiramos alguns trechos, mostra os traços da simbiose entre Igreja Católica e Estado e, a maneira do português recém-chegado de enxergar o mundo e as suas obrigações religiosas para com ele. Na carta, talvez a primeira manifestação documentada da presença inicial dos portugueses no Brasil, se podem ver o sentido catequético que inspirava os descobridores; a crença numa expedição missionária com que viam a sua presença no Novo Mundo; a fragilidade que percebiam na ingenuidade dos silvícolas frente a uma pregação proselitista e salvadora; e, a subordinação de tudo à égide do Estado e da religião:

... Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença. [...] E, portanto, se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar. [...] Portanto, Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar

da sua salvação. [...] E quando veio ao Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco e alçaram as mãos, ficando assim, até ser acabado; [...] E, acabada a pregação, como Nicolau Coelho trouxesse muitas cruzeiras de estanho com crucifixos, que lhe ficaram ainda da outra vinda, houveram por bem que se lançasse a cada um a sua ao pescoço. Pelo que o padre frei Henrique se assentou ao pé da Cruz e ali, a um por um, lançava a sua atada em um fio ao pescoço, fazendo-lha primeiro beijar e alevantar as mãos. [...] Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. (CAMINHA, s.d.).

Iniciada a plantação da semente católica por todo o período de colonização se alastrou essa crença, claro que com um processo dialético mais ou menos forçado entre o Catolicismo e as culturas aborígenes. As crenças indígenas eram construídas por um panteão de entidades que se compunha de antepassados, divindades, e outros seres meio-deuses e meio-homens.

Os tupinambás sentem-se rodeados por uma multidão de espíritos, que perambulam por toda parte, sobretudo em matas e sítios obscuros, de aspecto particularmente sinistro. Os espíritos dos mortos frequentavam, de preferência, a circunvizinhança das tumbas, sendo a sua atividade muitas vezes hostil à espécie humana, pois lhes causavam doenças, impediam a vinda das chuvas e provocavam a derrota na guerra; (METRAUX, 1979 p.56).

A vinda dos jesuítas para o Brasil trazia em seu bojo uma missão catequética. Uma terra inculta e bela onde o Catolicismo poderia transformar em paraíso terreno. O que não era cristão era demoníaco e, portanto, passível de ser expurgado. No trato com os da terra, os catequizadores, geralmente, intentavam reduzir a rudeza de suas condições ensinando-lhes técnicas de fabrico e manuseio de itens de vestuário, alimentação, uso doméstico, etc. Ao alinhar os seus objetivos com os do governo português a Igreja Católica como instituição desejava, desde logo, estabelecer-se como única e máxima expressão religiosa, numa terra onde a distância e a ignorância teológica poderia fazer brotar qualquer espécie de sincretismo. No entanto, muitos clérigos viam a sua tarefa como um apascentar de ovelhas inocentes, ingênuas e passíveis de elevação e “desdemonização” no que fosse cabível.

“Como corporação, a Igreja podia ser aliada e até cúmplice do poder civil, onde se tratasse de refrear certas paixões populares, como indivíduos, porém, os religiosos lhe foram constantemente contrários.” (HOLANDA, 1995, p. 84). Para os portugueses, os índios que nos primeiros contatos eram aliados e amigos, passaram a ser vistos como uma raça inferior. Sem mão de obra os portugueses se viraram para os índios, escravizando-os e obrigando-os a lidar na lavoura ou no trato com o gado. “Com efeito, e segundo essa perspectiva, cristianização e escravidão podiam (e deviam) caminhar juntas, muito embora pareça que a

Companhia de Jesus tivesse seus próprios planos.” (HOLANDA, 1995, p. 118). De fato, durante, pelo menos, os três primeiros séculos da colonização o distanciamento da sede portuguesa provocou o surgimento de uma população cabocla, mestiça, fortemente influenciada pelos costumes nativos. A língua corrente era o tupi guarani e as poucas ilhas de fala portuguesa eram algumas capitais de províncias e núcleos religiosos.

Homens e mulheres portugueses adaptaram vestimentas e utensílios ao clima nativo, explorando o que na terra dava e fazendo da mandioca e do amendoim a base da alimentação diária. Sem médicos e sem remédios, essa nova população mesclada recorria aos banhos e às infusões indígenas, não raramente complementadas com rezas e rituais nativos.

As ordens religiosas missionárias como os jesuítas, os franciscanos e mesmo os dominicanos faziam incursões pelo sertão, ou mantinham paróquias perto dos grandes centros, para sustentação da fé católica. Era, no entanto, muito difícil se contrapor a uma cultura cheia de misticismos. Os negros africanos, escravos trazidos pelo rompimento físico com seus espaços sagrados e com seu saber tradicional, adaptaram seus mitos e cosmogonia ao que encontraram aqui. Uma disputa de poder simbólico então ocorria. A catequese a empurrar seus santos e dogmas, a convivência com os índios a admitir práticas xamânicas e os ritos africanos, peças fragmentárias de uma religião de lembrança.

Os escravos que eram trazidos para o Brasil tinham pouca idade. Eram escolhidos pelo vigor físico e capacidade procriativa. Os mais velhos mantenedores das histórias e das tradições ou não eram trazidos ou morriam na viagem sem poder transmitir todo acervo verbal que memorizaram. Assim, reconheciam certos santos ou divindades católicas ou indígenas pelas incumbências espirituais que detinham. Seus orixás de guerra guardavam semelhança com os santos guerreiros, e ganhavam novas personalidades na adaptação ao Catolicismo. Ademais, na sociedade colonial, tipicamente agrária, as festas religiosas continham elementos ancestrais dos cultos ligados às forças da natureza. As celebrações religiosas restauravam a confiança na vida [...] e funcionavam como instrumento de coesão social. (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 51).

É claro que havia divergência de base doutrinária. A religiosidade indígena fortemente voltada para os movimentos da natureza se contrapunha à visão católica do sacrifício do corpo para elevação da alma. Vez por outra o xamanismo acordava no entrechoque da tradição com o dogma. “Aliás, uma vez cientes do cerne da religiosidade tupi que consistia no culto e na comunicação com os ancestrais, a estratégia dos catequistas quanto aos ritos indígenas foi simplesmente a “demonização”.” (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 52). Mas o que sustentava a Igreja neste rincão tão distante? A boa-vontade apostólica de

grande parte de seus padres, as doações dos fiéis na busca de “estar bem com Deus”, a aplicação dos sacramentos, as benesses dos cofres públicos e os recursos da economia local. As doações, na maioria das vezes eram feitas através de bens domésticos: alimentos, animais para alimentação e transporte, e confecções. A caixa da Igreja estava sempre pronta para as esmolas devocionais, ainda que vivessem vazias. O apoio do Estado vinha das concessões de terras, isenções de impostos, funções no governo, etc.

A economia local construía ou reformava igrejas e capelas, financiava as festas santas e emprestava poder. Uma estrutura eficiente no apoio à Igreja eram as irmandades leigas. Elas forneciam apoio, centradas no assistencialismo e na prática católica. Participar de uma irmandade era um destaque social importante com que se distinguiam “os verdadeiros católicos”. Além disso, um católico reconhecido pelo seu apoio à causa cristã poderia receber comendas e honrarias do poder religioso local ou mesmo do Papa. Durante todo o período colonial, apesar das restrições pombalinas aos jesuítas, a Igreja Católica reinou soberana em solo brasileiro. Inserida nos principais eventos das vidas das pessoas – nascimento, casamento, empreendimento, salvação e morte – o Catolicismo se podia dizer a única religião no Brasil.

No período do império, a Igreja Católica, ainda forte, viu a inserção no campo religioso brasileiro de outros movimentos religiosos: o Protestantismo e o Espiritismo. Mais além, no século XX, surgiram outras denominações protestantes e credos de origem oriental, messiânico e sincrético.

3.2 Os protestantes no Brasil.

O contato do Brasil colonial com o Protestantismo²⁷ aconteceu logo depois do descobrimento. A França, de onde os primeiros huguenotes²⁸ vieram, aportou por aqui, em 1554. Na época do descobrimento do Brasil, a França ainda se recuperava de um longo período de guerras com a Inglaterra e seus aliados – a Guerra dos Cem Anos. Luiz XII (1462 - 1515), monarca da França, via a expansão do comércio como uma das grandes oportunidades de retomar a economia. “O Brasil era, então, uma terra sem dono, um mundo que se abria à curiosidade e às ambições comerciais dos armadores franceses...” (TAVARES, 1979, p. 28).

²⁷ Chamamos aqui de Protestantismo, um conjunto conhecido de instituições religiosas derivadas da Reforma.

²⁸ Nome dado aos protestantes calvinistas franceses, nos séculos XVI e XVII, durante as perseguições realizadas na França, pelos seus opositores católicos..

A divisão do mundo entre portugueses e espanhóis sob as condições do Testamento de Adão²⁹ não convencia os franceses. Francisco I, rei da França no período de 1515 a 1547, queria mesmo ver “a cláusula do testamento de Adão que excluiu a França dessa divisão” (TAVARES, 1979, p. 30).

As primeiras incursões dos franceses ocorreram por volta de 1503 com Binot Paulmier de Gonneville para a exploração do pau-brasil. Quando em meados do século XVI as disputas religiosas tornaram-se mais acirradas um plano de expansão territorial deu origem à expedição de Nicolas Durand de Villegagnon, com o objetivo de criar um refúgio para os protestantes franceses, sob a provação de Calvino. (TAVARES, 1979, p. 24). Embora tratassem os índios melhor do que os portugueses, utilizar os nativos nas obras necessárias para as fortificações e infraestruturas da cidade, era um problema. Em carta dirigida a Calvino em 31 de março de 1557, Villegagnon dá conta das dificuldades de manutenção da ordem, mesmo entre os franceses. O problema, a falta de mulheres e a concepção puritana do calvinismo:

Escolhi este lugar para nossa habitação a fim de tirar dos nossos homens a possibilidade de fuga e mantê-los, assim, no cumprimento do dever. E porque não havia mulheres suscetíveis de chegar até nós sem os seus maridos, extirpei a ocasião de pecar. Porém, acontece que 26 dos mercenários incitados pela cupidez da volúpia conspiraram contra a minha vida. Um desses que eu tinha castigado algum tempo antes, porque tivera relações com uma prostituta, revelou-se de espírito completamente iníquo; ficou averiguado que ele fora o iniciador da conspiração, e que tinha aliciado por meio de presentes o pai da prostituta a fim de arrancá-la do nosso poder, se eu tentasse proibir-lhe a coabitação com ela. (TAVARES, 1979, p. 72).

Em 1557 chegaram reforços da França – 300 homens – alguns deles católicos. Vinham também 14 pregadores reformistas, alguns de escolha pessoal de Calvino. Os novos colaboradores começaram a debater-se em detalhes do modo de vida a ser adotado pela colônia. “O próprio Villegagnon, com Jean Cointu e os católicos, deviam enfrentar os debates que sustentavam Philippe de Cordquilleray-Dupont [...] e vários componentes procedentes de Genebra”. (TAVARES, 1979). Dissensões internas, portanto, de origem religiosa malograram o projeto. As discussões teológicas colocaram para traz as prioridades de construção e fortalecimento das defesas. O clima interno tornou impossível a unidade espiritual desejada

²⁹ Referência irônica de Francisco I, rei da França, questionando ter sido excluído da partilha do mundo, feita pelo Tratado de Tordesilhas e ratificado pelo papa Alexandre VI. A frase de Francisco I é “O sol brilha para todos e desconheço a cláusula do testamento de Adão que dividiu o mundo entre portugueses e espanhóis”

por Villegagnon. Os portugueses tiveram então mais chances de expulsar os franceses, o que ocorreu em 1565, sob o Comando de Estácio de Sá.

Outra presença de protestantes no Brasil, nesse período, foi durante a ocupação dos holandeses em Pernambuco. Felipe II (1527 - 1598), católico, rei da Espanha, assumira, em 1580, o trono de Portugal por falta de um herdeiro português. Nessa época, a Holanda e outros países baixos eram subordinados à Espanha, e estava em franca campanha pela emancipação. A Holanda dependia de comércio exterior e a Espanha drenava seus recursos, além de bloquear seu acesso às fontes de recursos primários. Decididos a buscar na origem os produtos que costumavam negociar, os holandeses planejaram fundar uma colônia no Brasil. Uma tentativa na Bahia, em 1625, durou um ano. Foram batidos pelo bispo D. Marcos Teixeira, reforçado por uma esquadra portuguesa que lá chegou em 1625.

Os holandeses, calvinistas, não contavam, entretanto, com o efeito da propaganda religiosa católica. Sob a liderança do bispo D. Marcos Teixeira, senhores de engenho, escravos e índios lutavam contra o “invasor infiel”, apresentado como o inimigo comum a dominantes e dominados. (MOTA e BAICK, 1997, p. 55).

Em 1630, outra tentativa holandesa, desta vez no Recife, teve melhor sucesso. Após a ocupação inicial, os holandeses no Brasil receberam como administrador geral o conde João Maurício de Nassau-Siegen. “Ao contrário de Villegagnon, o governador-geral holandês era um calvinista convicto”. (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 99). Nassau se revelou um excelente administrador e ganhou a confiança dos moradores de Recife que se tornou uma cidade modelo, no Nordeste do Brasil. Embora calvinista, Nassau era tolerante para com outras religiões, inclusive com os judeus.

Vale ressaltar que esse liberalismo de Nassau não coincidia totalmente com os pontos de vista da Igreja reformada, entre outros motivos pela sua preferência declarada a favor apenas da conversão dos indígenas e dos africanos. Este seria um dos motivos de a permanência dele por mais tempo no Brasil não ter sido autorizada, a despeito do significativo apoio popular que detinha. (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 100).

Talvez a história religiosa do Brasil tivesse sido diferente se essas duas tentativas de colonização tivessem dado certo. Mas não deram! Entre outros fatores, não deram certo porque nem Espanha, nem Portugal haveriam de permitir, e não apenas pela dimensão religiosa do assédio, mas, e principalmente pela sua dimensão econômica. “O Objetivo é evidente, país pequeno e fraco, pobre e sem prestígio, Portugal tinha que conservar suas imensas possessões americanas longe da cobiça de nações mais poderosas, sob o risco de

perdê-las.” (LEMOS, 1996, p. 11). E isso foi feito mantendo o Brasil como mercado cativo, navios estrangeiros ao largo, destruição dos corsários eventuais nas costas e um rígido controle sobre a presença de estrangeiros no país: “desembarques individuais sempre com registro especial e escolta policial; residência demorada, apenas em casos especialíssimos; estabelecimento definitivo, nem pensar.” (LEMOS, 1996, p. 11).

Ficou em suspenso por quase dois séculos, uma efetiva participação dos protestantes no cenário religioso brasileiro. Somente com o Tratado de Comércio e Navegação, celebrado entre Inglaterra e Portugal, em 1810 é que se autorizou a realização de cultos protestantes no Brasil. Já então, muitos ingleses moravam no Rio de Janeiro e a Inglaterra havia conquistado uma grande prevalência nos seus acordos com a nação lusitana. A proteção da esquadra inglesa à migração da coroa portuguesa para o Brasil e as condições precárias e ainda incertas do governo português ante a pressão de Napoleão, davam aos ingleses certa supremacia nos tratados e acordos.

A Inglaterra se fortalecera com a primeira revolução industrial, detinha uma cultura superior em comparação com as mais adiantadas nações do mundo e conseguira se manter intocada pelo furacão napoleônico. Na esteira da presença inglesa no Brasil, o Protestantismo se apresenta e vai ocupar um lugar no campo religioso brasileiro; nessa fase, sem confrontar, apenas interessado em legitimar um espaço. As diversas denominações vão sendo inseridas gradualmente no espaço brasileiro apoiando-se umas nas outras no sentido de que reconheciam um inimigo comum e por ele eram reconhecidas e, pela origem comum, senão apenas histórica (Lutero e Calvino), também pela postura reigente e vibrante e de base bíblica.

O vocábulo ‘Protestantismo’, mais do que nunca, no Brasil, deixou de ser unívoco. Embora designe as confissões e agremiações eclesiais resultantes da Reforma do século XVI, está longe de ser aceito pelas muitas vertentes que compõe, o espectro denominacional brasileiro. (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 83).

De forma que o trabalho de reconhecer a origem da presença do Protestantismo no Brasil é uma obra de reengenharia reversa: identifica-se a denominação hoje, ainda que com suas múltiplas ramificações e se retrocede no tempo buscando suas primeiras manifestações. Mesmo assim, é necessário conhecer a fundo as derivações protestantes do Brasil para estabelecer o fio da meada que conduza às suas origens. Afora as chamadas igrejas históricas – luteranos, presbiterianos, anglicanos, batistas, etc. – outras denominações foram surgindo debaixo do guarda-chuva protestante, pela dissensão entre alguns dos seus membros e pela

desfiliação das novas congregações daquelas que lhes deram origem. Os líderes das novas denominações carregam suas igrejas de um ideário difuso e práticas que ora parecem conservadoras, ora liberais, de forma que apenas se podem perceber traços desta ou aquela origem.

O perfil deste denominacionalismo importado destaca-se muito mais pelos traços de religiosidade e espiritualidade do que pelos clássicos modelos confessionais, [...] Disso decorre um emaranhado de dificuldades metodológicas no que tange à construção de um delineamento histórico do Protestantismo brasileiro, a despeito do empenho de vários pensadores respeitáveis. (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 84).

É necessário fazer uma inspeção, ainda que sumária nas tentativas de colonização do Brasil para entender as dificuldades de introdução do Protestantismo num Brasil colonial, sob a vigilância da Igreja Católica. A necessidade de gente para povoar o Brasil era enorme. Não que aqui faltasse gente - sobravam índios. É que sob os olhos rapinantes das outras potências europeias urgia encher o Brasil de gente portuguesa, ou a seu serviço. Uma fonte natural de Protestantismo seria a presença de colonos estrangeiros no Brasil e isso era impensável antes de 1808. Quando veio, a Corte Portuguesa trouxe alguns estrangeiros, uma gente que se pendurava nos palácios de Lisboa. Coisa inevitável. Eram franceses, ingleses, eventualmente alemães. Mas isso não folgava a prática religiosa exclusivamente católica, e D João era cioso disso. A verdade é que só se importavam negros e a própria Corte se surpreendeu com a quantidade deles no Brasil.

E ainda, outros aspectos: pobreza e ignorância grassavam. Indústria, nenhuma. Comércio estrangulado. Costumes relaxados. Administração corruptíssima, Igreja escandalosa. Senhores e escravos convivendo na mais natural promiscuidade. Comodidades e conforto, zero. [...] Cabe ainda registrar que não pode ter agradado aos refinados e preconceituosos padrões estéticos da Corte o elevado número de pretos no Brasil. (LEMOS, 1996, p. 12).

Precisava-se “embranquecer” o Brasil. O problema é que irredutivelmente o conceito de trabalho braçal estava fortemente ligado ao da escravidão. Gente livre e arrumada não punha a mão na massa, tinha quem o fizesse por ela. Com a baixa no mercado de escravos e com a necessidade de braços para a lavoura, além da falta de gente para se espalhar pelo Brasil, começou-se a pensar num plano de colonização estrangeira. Uma política de colonização precisava despir-se do preconceito de que esses estrangeiros não seriam homens livres aqui, mas substitutos dos escravos. Em 1839, alemães contratados para a construção de pontes e calçadas em Pernambuco, não conseguiram levar a bom termo seu trabalho, “tantas eram as zombarias a esses “escravos brancos””. (LEMOS, 1996, p. 14).

Esse conceito de nivelamento do trabalho braçal à situação humilhante tinha asilo nas melhores cabeças pensantes do Império. Por ocasião do projeto do que seria hoje provavelmente chamado de reforma agrária, José Bonifácio de Andrada e Silva, o nosso Patriarca da Independência propunha distribuir terras: “entregando-as a europeus pobres, índios, mulatos e negros forros, a quem se darão de sesmarias pequenas porções de terrenos para se cultivarem e se estabelecerem”. (LEMOS, 1996, p. 14). A velha vala comum. O projeto de colonização se arrastou por quase vinte anos, da ideia (1808) ao papel (1827), transitando de setor em setor e assistindo, nesse período, a chegada de estrangeiros nos portos do Rio de Janeiro. Em 1827, apareceu um *Plano para attrahir, e estabelecer Colonias Estrangeiras no Brasil*. O curioso documento, proposto por um Monsenhor Miranda, dispunha entre outras coisas: penas e tributos para os estrangeiros celibatários (precisava-se de gente que fizesse mais gente); que os estrangeiros viessem como agricultores, criadores de gado, mineradores e funcionários de indústria (seleção difícil); o juramento de fidelidade à Coroa e seus descendentes; etc.

Uma primeira experiência de colonização no Brasil foi com os chineses. Tentava-se estimular o cultivo do chá e a substituição do braço negro pelo amarelo. “O fato é que os chineses vieram em número de mais ou menos trezentos, segundo Rugendas, e foram distribuídos em dois sítios, para a cultura do chá” (LEMOS, 1996, p. 21). Não deu certo. Má qualidade do chá, somado à má qualidade dos chineses. Estes pobres colonos foram recrutado nas ruas, miseráveis que não tinham eira nem beira e nunca tinham visto uma plantação de chá. Debandada geral! Sem recursos para retornar à China, foram vistos como mascates, cozinheiros e até plantadores de café, mas chá... E nem o budismo ou coisa parecida acabou ficando por aqui.

Afinal quem é que queria vir para o Brasil? Recrutar gente em qualquer lugar do mundo para vir ser lavrador no Brasil era tarefa árdua. Mesmo para contratar soldados a coisa era difícil. Então, prometia-se muito e dava-se quase nada. Oferecia-se: casa, salário, trabalho e uma “ajuda de custo” no ato da contratação. Dava-se: um pedaço de terra de onde talvez se pudesse tirar alguma coisa. Pedia-se: fidelidade à coroa, braços para a lavoura e quase sempre braços e pernas para a defesa do território.

Uma segunda tentativa de colonização foi feita com italianos. A exigência era de que os imigrantes fossem “necessariamente católicos apostólicos romanos, podendo até ser indigentes”, colhidos nas ruas de Nápoles. Não deu outra. Dada à má qualidade do contingente, o governo nem se deu ao trabalho de encaminhá-los à lavoura, conservando muitos nas prisões do Rio de Janeiro, até se conseguir melhor destino.

Em 1816 a fome grassou na Suíça. A era napoleônica havia deixado um rastro de fome e destruição. Sem guerra os soldados voltaram para suas origens: mais gente, mais fome, mais problemas. A solução encontrada foi estimular a emigração. Para onde? Para o Novo Mundo. Foi despachado para Paris, para tratativas com o legado de Portugal o agente Sebastião Nicolau Gachet para obter da Coroa Lusitana a autorização para o assentamento de colonos suíços no Brasil. A proposta mereceu aprovação de D. João VI; eram brancos! A sequência das negociações transformou-se em Decreto Real de 18 de maio de 1818, com alguns detalhes importantes: a irrevogável condição de que os imigrantes, com famílias, sejam católicos apostólicos romanos; o compromisso de se pagar aos colonos 160 réis por dia, no primeiro ano e, 80 réis por dia, no segundo ano; a orientação que a colônia conste de uma vila e duas aldeias – a vila se chamaria Nova Friburgo e sua Igreja, São João Baptista (em homenagem ao Rei). (LEMOS, 1996, p. 26).

E deu certo? Não! Gachet, não teve dificuldades em arregimentar voluntários. Cerca de 5.000 já haviam se inscrito. Ocorre que Gachet, mais negociante que humanista, enxergou no evento a oportunidade de ganhar muito dinheiro e à custa de pequenas adaptações no acordo: embarcaria todos de uma vez (menos despesas de transporte). Mas a logística falhou. O embarque previsto para Marselha teve que ser transferido para a Holanda, obrigando os recrutados a descer o Reno até os portos holandeses. Depois de uma dramática viagem fluvial, ao chegarem ao porto não encontraram nem os navios, nem a alimentação que deveria ter vindo de Paris. Acamparam por mais de dois meses nos pântanos holandeses. Resultado: morreram 531 recrutados de fome, frio e doenças.

Sem problemas para Gachet. O pagamento viria por “cabeça embarcada” e não por “cabeça chegada”. Assim, Gachet completou o efetivo com o que tinha à disposição: pedintes e desocupados achados nas ruas. Organizou todos em “famílias” com mais de vinte membros cada uma, e despachou para o Brasil. E a condição de que deveriam ser católicos? Não deu para atender. Na leva, muitos protestantes. Fim da odisseia? Não. Chegados ao Brasil, foram encaminhados a uma gleba – o Morro dos Queimados – futura vila Nova Friburgo, que não comportava todos os imigrantes, não estava loteada; e, nem era propícia à agricultura. Artes de um Monsenhor Miranda, que sabedor da vontade do governo em adquirir lotes para a colonização, comprou o morro de um tal de Lourenço Correa Dias por 500\$000 e vendeu-a ao governo por 11.923\$000. A terra não rendia nada. As brigas, naturais onde não há lei, nem direito, se multiplicaram. Muitas deserções que mobilizaram os capitães-do mato. E ainda mais, uma questão religiosa: uma colona protestante resolveu se casar com um colono católico. Munição para o Padre Jacob Joye e para o Pastor Frederic Sauerbronn, que tornaram

um inferno a malfadada vila. Conclusão: intervenção governamental, com o envio de negociadores especializados; e, intervenção divina, que “despachou uma providencial epidemia de varíola, em fevereiro de 1825, que vitimou igualmente católicos e protestantes, segura manifestação de que o Todo-Poderoso não estava gostando daquela discussão estéril.”. (LEMOS, 1996, p. 36).

Ainda não seria desta vez que imigrantes protestantes viriam a fundar uma colônia no Brasil, que durasse. Não haveria de durar se D. João VI, católico fervoroso, não exigisse somente católicos e que os protestantes que clandestinamente se aventurassem a vir não poderiam praticar a sua religião abertamente. Os tratados de livre comércio assinados entre o Brasil e a Inglaterra após a vinda da família real portuguesa para o Brasil acabaram permitindo a instalação de protestantes anglicanos. Isso porque “o tratado de comércio garantiu grandes vantagens aos ingleses e o privilégio da prática particular do culto anglicano” (REILY, 1984, p. 25). No entanto, o culto era particular e não se permitia falar contra a Igreja Católica, nem promover conversões.

Os alemães que vieram na outra empreitada imigratória, também não produziram frutos protestantes. Acabaram sendo transferidos para o Sul, se estabelecendo em Novo Hamburgo, São Leopoldo, Santa Catarina, etc. Desnecessário dizer que mais essa tentativa para colonização resultou em fracasso, e a importação de protestantes, também. Os motivos, os mesmos: corrupção, despreparo, má logística.

A importação de imigrantes era uma necessidade para a ocupação ordenada do território e para a sua defesa. Não havia uma visão abrangente de todos os fatores que incidiam sobre essa atividade. Recrutavam-se suíços por que seriam bons mercenários, italianos e alemães por que seriam bons agricultores, e, condição geral: porque eram baratos. Ninguém cogitava imigrar franceses, nem americanos, nem espanhóis, nem ingleses. Essa gente só trocaria de pátria a custo de muito dinheiro.

Por Protestantismo de imigração deve-se entender o movimento de protestante formado pelos colonos vindos dos Estados Unidos e da Europa, que se estabeleceram no sul do Brasil.

Em 1824, um grupo de imigrantes alemães desembarcou em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, mas somente depois de quarenta anos, isto é, a partir de 1864, começou haver uma regularização com a chegada de pastores alemães enviados principalmente pela “Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América”. (NETO, 2009).

Também, pela mesma época vieram os batistas americanos, por causa da Guerra da Secessão, nos Estados Unidos. Já em 1827, uma dezena de franceses e alemães fundou a Comunidade Protestante Alemã-Francesa do Rio de Janeiro, ação capitaneada pelo cônsul da Prússia no Brasil - Wilhelm von Thiermin. A Prússia, interessada na proteção e reunião dos seus emigrados protestantes, tomou a iniciativa de, em 1884, mandar um pastor ao Brasil, para organizar essa igreja alemã em terras brasileiras. Esse esforço resultou no primeiro sínodo, em 1868.

Restou o Protestantismo de missão. Depois de 1830, quando americanos começaram a se interessar pela difusão do Protestantismo no Brasil, surgem alguns missionários provenientes de diversas denominações. Em 1837, o metodista e representante da Sociedade Bíblica norte-americana, Daniel P. Kidder distribui bíblias em viagens pelo Brasil. A difusão das Bíblias era bem vista pelo povo, que ao mesmo tempo podiam conhecer os textos sagrados e exercitarem-se na leitura. James C. Fletcher, pastor presbiteriano e Robert R. Kalley foram outros missionários dessa época. Kalley chegou em 1855 e fundou no Rio de Janeiro, a primeira igreja evangélica de língua portuguesa. Era médico. Também, no Rio de Janeiro, foi fundada a primeira igreja presbiteriana por obra de missionário Ashbel Green Simonton, em 1862. (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 111).

O Protestantismo missionário chega ao Brasil com uma proposta importada assim como o Catolicismo, mas, diferentemente deste, não logrou deitar raízes na cultura (deixando assim de integrar a Matriz religiosa Brasileira) em virtude de sua atitude de rejeição das peculiaridades culturais brasileiras, tidas na conta de pagãs. (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 89).

Em 1864, o padre José Manuel da Conceição converte-se ao Protestantismo, vindo a ser, posteriormente, o primeiro pastor protestante ordenado no Brasil. A primeira igreja metodista surge no Brasil, em 1871, no interior do Estado de São Paulo, fruto do trabalho do missionário Junius E. Newman e, na Bahia, em 1882, é fundada a primeira igreja batista, liderada pelo pastor Willian B. Bagby. Isso dá conta do pequeno espaço de tempo em que essas denominações se instalaram no Brasil, pouco menos de 30 anos, na segunda metade do século XIX. Isso não é por acaso. Os movimentos de libertação sul-americanos desse período desvincularam as colônias do controle religioso de suas metrópoles. As colônias americanas permaneceram fortemente ligadas ao Catolicismo, mas mais permeáveis a outras influências religiosas.

A revolução francesa ao espalhar o liberalismo que estimulou a emancipação de muitas colônias, também incutiu o conceito de liberdade de crença ao buscar um estado laico

e secular. Muitos dos pastores protestantes do século XIX, no Brasil, vieram do Catolicismo, não exatamente por uma negação do credo católico em si, mas por uma opção de modernidade que, mantidas as premissas de uma igreja cristã, apenas o Protestantismo oferecia. Vale lembrar que mesmo Lutero, no início da sua Reforma, não intentava criar uma nova religião, mas reclamava por alterações no próprio Catolicismo que, irreduzível, ajudou a desencadear o movimento protestante, como uma saída ética e cristã.

Logo, as ideias de modernidade, liberdade se aliaram às ideias republicanas e a esse fluxo aderiram os seguidores do Protestantismo nacionais. “É oportuno frisar que uma das reivindicações centrais das associações protestantes, das lojas republicanas e dos clubes liberais era a separação entre Igreja e Estado”. (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 113). Essa convergência ideológica captou a simpatia de liberais, católicos, maçons, protestantes e espíritas, em uma das poucas arenas possíveis para essa convivência: a maçonaria. A maçonaria é uma sociedade secreta que admite seguidores de qualquer religião ou seita. No entanto, seus princípios tem grande semelhança com o cristianismo como a justiça social, o desprendimento, o amor e a caridade. É um dos seus princípios a ajuda mútua entre os congregados.

Como sociedade secreta, no século XIX, no Brasil, era formada por elementos da elite nacional. Assim, a maçonaria podia facilitar a sobrevivência de quem quer que se inserisse em seus quadros. Muitos a procuraram e a procuram até hoje, para se proteger e usar os seus canais de relacionamento. A Igreja Católica, comprometida com o Estado, se aliava a ele no combate aos reacionários e republicanos. A Igreja recebera durante séculos os benefícios da proximidade com o poder e agora deveria mostrar o seu reconhecimento. A maçonaria, ao defender os princípios da liberdade e do livre exame de consciência se tornava um empecilho para o Catolicismo, o que lhe valeu diversas bulas papais de condenação.

Havia um clero progressista que encontrara asilo na maçonaria. E, apesar da Igreja Católica condenar a participação deles nos ritos maçons, eles continuaram dentro da maçonaria, acobertados e protegidos dentro das lojas. Ao reivindicar a liberdade de culto e de consciência, os protestantes dessa fase tinham como aliados naturais àqueles que em outras esferas de interesse lutavam por liberdade, também. “A teologia protestante traduzida pelos missionários foi formulada em universos sociais de reorganização”. (MENDONÇA e CAMPOS, 2008, p. 63). Uma reorganização forçada pela industrialização, na passagem da estrutura rural para a estrutura urbana.

A visão metodista dessa reestruturação, por exemplo, facilitou o diálogo com as populações que enfrentavam esse processo de industrialização. Longe de demonizar as

máquinas, como algumas denominações fazem hoje com a televisão, os metodistas buscaram legitimar esses novos elementos tecnológicos como novos participantes da vida comum, para os quais não se devia ter desconfiança.

A teologia missionária era uma teologia mais racional e, portanto, mais poderosa em argumentações. Ante a dúvida entre o Bem e o Mal, a teologia metodista dava ao indivíduo a responsabilidade da escolha entre os dois, negando o fatalismo calvinista.

Os missionários metodistas protestantes que vieram para o Brasil, pelo menos na “era missionária”, trouxeram as indelévels marcas da “era metodista”. Trouxeram em sua bagagem um instrumento eficaz e suficientemente testado. Mas, nem por isso deixou esse instrumento de sofrer o impacto do material que trabalhou, e o resultado não foi simétrico aos locais onde ele foi torneado. (MENDONÇA e CAMPOS, 2008, p. 64).

Quanto mais rígida a proposta de mudança, tanto maior a resistência a ela. Quanto mais adverso é o campo de aplicação, mais rígida se torna a proposta reestruturante. A teologia missionária tinha sido ajustada aos seus territórios de origem, válida, portanto, para os padrões ingleses e americanos. No entanto, no caso do Brasil o campo de atuação era diferente, em função da coexistência, durante três séculos com a cultura indígena, católica e africana. Algumas adaptações seriam necessárias de um lado e de outro. O protestante compreendia a maneira de ser e pensar do brasileiro, mas não podia adaptar-se a ela, sem desestruturar-se teológica e eticamente. Então, a ação missionária teria de tornar-se mais rígida, tanto para tentar conseguir uma mudança de hábitos necessária para a absorção dos padrões protestantes, quanto para se defender das influências que o seu campo de trabalho poderia gerar.

Mas, surgiu mais tarde uma válvula de escape. Uma área do Protestantismo que encontrou uma brecha, uma área de contato com a religiosidade popular: o pentecostalismo. O Pentecostalismo reúne um conjunto de igrejas que se apoiam no evento do pentecostes descrito nos Atos dos Apóstolos (2, 1-4), dentro do Novo Testamento.

De repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso e encheu toda a casa onde estavam assentados; E viram línguas repartidas como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles; Todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. (THOMPSON, 2000, p. 989).

De maneira geral, nos cultos pentecostais estão presentes cinco eventos: tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. O culto permite ao fiel manifestar os dons do espírito (falar em línguas, a fé que cura e, revelação, etc.). As práticas pentecostais

variam segundo a orientação do ministério ou da congregação. Podemos destacar dois pentecostalismos: o Pentecostalismo Clássico e o Pentecostalismo Autônomo. As igrejas pertencentes ao chamado Pentecostalismo Clássico - a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil – são assim denominadas “tanto em virtude de suas origens quanto por não admitirem expressões sincréticas explícitas, nem intercursos simbólicos quaisquer, e ainda por se considerarem parte integrante da tradição evangélica” (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 117).

A Assembleia de Deus surgiu em decorrência das pregações dos evangelistas suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, em Belém do Pará, no ano de 1911. Já a Congregação Cristã no Brasil, a segunda denominação pentecostal, em tamanho, foi fundada em 1910, por Luigi Francescon, um ítalo-americano, antes presbiteriano e depois, pentecostal. (MENDONÇA e CAMPOS, 2008, p. 128). Há, também, as igrejas pertencentes ao chamado “Pentecostalismo Autônomo” que surgiram após a 2ª Guerra Mundial e que acompanhando o fenômeno da migração brasileira do campo para a cidade, adaptaram-se bem à “função de integrar seus adeptos aos percalços da transição da sociedade “tradicional” para a “moderna” [...] por intermédio da criação de denominações autóctones”, (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 116), mas vinculadas, pelo menos inicialmente, às matrizes protestantes.

O pentecostalismo usa da permissão bíblica de experimentar uma aproximação direta e pessoal com Deus: transe, êxtase, visões, experiências místicas profundas, que são atribuídas à chegada do Espírito Santo. Essa linguagem e essa experiência são mais próximas das experiências vividas dentro da religiosidade brasileira. Ao profetizar, o pentecostal vive uma sensação bastante próxima do êxtase vivido nas religiões indígenas e africanas. Ao profetizar, o pentecostal tem a liberdade de extravasar suas emoções e inspirações, porque o está fazendo sob a influência do Espírito Santo.

O pentecostal tem ferramentas semelhantes para o fortalecimento do Bem e o afastamento do Mal. O fiel pode encontrar na sua comunidade religiosa, especialistas que podem interpretar suas perturbações e suas angustias no mesmo nível que acontece nas outras seitas e religiões que compõe o universo religioso brasileiro. “À semelhança do que acontece no Catolicismo popular e também nos cultos afro-brasileiros, a ênfase da prática religiosa pentecostal está no plano da vida diária, na solução religiosa dos problemas existenciais.” (MENDONÇA e CAMPOS, 2008, p. 67). O credo protestante é de origem cristã. Segue os preceitos da Bíblia (Velho Testamento) e dos Evangelhos (Novo Testamento). As ênfases doutrinárias foram relativamente divergentes desde o início nas vertentes luteranas, anglicanas e calvinistas. Cada ramo buscou legitimar sua identidade pela diferenciação de culto,

organização e teologia. Atualmente, mesmo entre os protestantes existe uma preocupação com a diversidade das denominações e com a variedade de práticas e teologias. José Carlos Pereira é presbítero e, pastor da Assembleia de Deus e em seu site *Credo Protestante*³⁰ comenta:

O título, evangélico, ficou tão vulgarizado, que não uso o termo Evangélico, para definir minha postura religiosa. Sou cristão sim, mas protestante, e por isso escrevi - O Credo do Cristão Protestante - a base do que cremos e aceitamos como tal. Sou o Presbítero JC Pereira, atualmente membro ativo da Igreja Assembleia de Deus em Cabreúva, 1º Secretário da CIADBESP - Convenção das Igrejas Assembleia de Deus do Brasil no Estado de São Paulo; Signatário do Pacto Global das Nações Unidas; Membro da Anistia Internacional pelos Direitos Humanos, Conselheiro de Atenção ao Uso Indevido de Substâncias Psicoativas (drogas, álcool e cigarro), e acima de tudo, cristão protestante. Estamos vivendo tempos tumultuosos, onde tentam secularizar o ser evangélico. Nunca, em toda a história da Igreja, o inimigo nos tem atacado e obtido tanto sucesso, como em nossos dias. Há heresias por todos os cantos, denominações de fachada, falsos pastores, falsos apóstolos, falsos bispos e milhares dos que estão se perdendo, atrás deles, na busca de um alívio, para os seus sofrimentos. É preciso voltar o ensino do verdadeiro Protestantismo, genuíno, nos ideais da Igreja Primitiva. A diversidade denominacional cristã protestante, não pode, em hipótese alguma quebrar a Unidade da Fé em Cristo Jesus Nosso Senhor. A diversidade começou na própria reforma protestante, com o surgimento do Luteranismo, Anglicanismo e Calvinismo, e no correr dos séculos foram surgindo outras vertentes protestantes genuínas, que chamamos de Igrejas Históricas. (PEREIRA, s.d.).

Mas, a postura, o modo como às vezes se vestem, o linguajar de louvor, a maneira de se apresentarem e congregarem, o terno para os homens nos cultos, a bíblia na mão, as pregações em público; tudo os faz serem reunidos em um grande grupo a que os brasileiros chamam de crentes ou evangélicos. Essa seriedade aparente e seus costumes são ao mesmo tempo fatores de rejeição e aproximação.

3.3 A religiosidade indígena.

A grande variedade de tribos, uma boa parte das quais nem conhecidas, dificulta traçar um perfil das crenças indígenas no Brasil. Os contatos com o homem branco, mesmo frequentes em alguns lugares, não permitiram perceber a fundo suas crenças e tradições. Parte porque os índios se mostraram desconfiados das intenções dos brancos sonhando informações capitais, parte pela dificuldade de traduzir do linguajar dos índios o verdadeiro significado de uma expressão simbólica que se manifesta não apenas nas palavras, mas nos rituais e costumes, nos mitos e tradições.

³⁰ <http://credoprotestante.no.comunidades.net/index.php>

A apreciação que se segue baseia-se no trabalho de Alfred Metraux (1902 – 1963), um antropólogo suíço, cujas principais titulações foram obtidas em escolas francesas, inclusive a Sorbonne (Doutorado). Foi discípulo de Marcel Mauss, a quem dedica sua obra. Em *A Religião dos Tupinambás*, Metraux faz um estudo minucioso das práticas religiosas dos maiores grupos indígenas brasileiros. Os tupinambás eram, como se sabe, uma das mais importantes greis, ou tribos primitivas do Brasil (Sécs. XVI e XVII). [...]. “Dizia Varnhagen que, se alguém perguntasse a um índio a que “raça” pertencia, fosse esse índio do Maranhão ou do Pará, da Bahia ou do Rio de Janeiro, a resposta era invariável: *índio tupinambá*”. (METRAUX, 1979, p. XVIII).

A inserção das crenças indígenas neste trabalho, além de evidenciar a importância das religiões indígenas na matriz religiosa brasileira, busca evidenciar também a influência de algumas crenças e práticas que ajudaram a formar uma identidade de matriz religiosa com os princípios e práticas espíritas. A pajelança, como a expressão da manifestação de espíritos e aplicação do magnetismo pessoal do pajé tem estreita ligação com o conceito e prática da mediunidade no Espiritismo. As rezas e receitas indígenas estão presentes na cultura brasileira, o que torna mais fácil a aceitação dos médiuns e seus processos de cura dentro das práticas espíritas. A noção de um mundo espiritual, ainda que carregado de mitos e alegorias, explora a dimensão espiritual que o Espiritismo aprofunda na descrição da vida após a morte.

O xamanismo pode ser considerado como uma estrutura religiosa calcada na disposição em aproximar o mundo dos espíritos do mundo dos vivos, onde existe a presença de um intermediário, num processo de êxtase e de desprendimento físico algo parecido com o que o Espiritismo pratica. Da crença indígena a busca por padrões mais sofisticados de mediunidade e contato com os mortos vai encontrar no Espiritismo um porto seguro, mais adaptado aos padrões de vida da população mais educada. As crenças indígenas ajudaram a ambientar a cultura brasileira aos processos de manifestação espiritual de forma a não serem sentidas como estranhas as práticas do Espiritismo que, pelo contrário, vem confirmar como possíveis e corriqueiras essas interações. O estudo de algumas dessas crenças facilita entender o papel das religiões indígenas na formação de um ambiente propício ao estabelecimento do Espiritismo no Brasil.

Os índios acreditavam em uma entidade que está ligada ao início das coisas, sem ter criado todas as coisas. É o criador do Homem. Embora tenha criado o ser humano, acabou destruindo as primeiras gerações, tendo em vista sua culpa (que ninguém sabe qual é). Após isso, repovoou o mundo, mas mudando sua estrutura física através de incêndios e inundações. No mesmo nível de *Monan*, havia *Maire* (transformador), que organizou as coisas da natureza

a seu bel prazer. Estas duas entidades eram na maioria das vezes concebidas em uma só – *Maire-monan* – “sob o aspecto de um exímio feiticeiro, vivendo num retiro, em jejum e rodeado de adeptos”. (METRAUX, 1979, p. 2).

À *Maire-monan* eram atribuídos poderes ilimitados, com domínio sobre a ciência completa dos fenômenos naturais e dos mistérios dos rituais religiosos. Como herói-civilizador, *Maire-monan* havia organizado a vida social e religiosa dos índios e lhes ensinado o que era bom e o que seria ruim de comer. Era uma entidade sensível, às vezes rancorosa e vingativa, que podia transformar homens em animais, para castiga-los. Vale lembrar que a importância atribuída a *Tupã* como entidade máxima dos índios é questionável. O que normalmente se encontrou foi a ligação de *Toupan* com os fenômenos da chuva, mais especificamente com raios, relâmpagos e trovões. “Tupan está longe, pois, de ser uma noção implicando a ideia de sagrado. É uma espécie de gênio ou demônio, que não era objeto de nenhum culto e ao qual não se dirigia nenhuma prece. A respeito desse último ponto concordam todas as nossas fontes.” (METRAUX, 1979, p. 42).

A mitologia tupinambá é farta e fértil. Às vezes confusa. Isso porque para o ocidental com a mentalidade cartesiana, tudo tem que se encaixar perfeitamente, e uma coisa sempre deve estar ligada a outra, numa lógica de causa e efeito. Para os índios, algumas lendas são estanques. Entidades surgem do nada e desaparecem sem deixar explicações de origem e desaparecimento. E não há traumas por isso. Temos, aliás, exemplos semelhantes na religião cristã: Adão, primeiro ser humano teve apenas dois filhos homens, que geraram todo o resto da humanidade.

A criação do universo era entendida pelos índios como consequência de dois eventos principais: uma destruição total que *Monan* provocou ao incendiar toda a terra, para punir os homens ingratos. Dessa destruição só sobrou *Irin-magé*, mantido por *Monan* no céu. *Irin-magé* suplicou a *Monan* que restituísse a Terra ao seu estado primitivo. Então *Monan* fez chover e um grande dilúvio cobriu a terra. Ao se escoarem as águas, os sulcos formaram os rios e o mar, que ficou salgado por causa das cinzas do grande incêndio. *Monan* deu uma mulher para *Irin-magé* e juntos deram descendência à humanidade. A destruição da terra pelo fogo e, depois pela água é uma tradição comum a numerosas tribos tópicas. As modalidades e causas desses cataclismos são contadas, algumas vezes, diferentemente, de acordo com as respectivas regiões.

O mito do fogo é mais ou menos recorrente nas diversas tribos. O fogo teria sido roubado pelo sapo, de certas aves (abutres, em algumas tribos) que o protegiam. O sapo, então, o teria dado aos homens. A semelhança entre as diversas tradições está no fato de que o

fogo era propriedade de aves (e, portanto, dos céus) e foi roubado pelos homens com ajuda de entidades ou estratégias (tocaia, armadilhas, etc.). O fogo entre os índios é elemento de transformação (renovação e destruição) e proteção. Ilumina os espaços à noite e protege contra ameaças de animais; prepara alimentos e armas; espanta os espíritos; e, participa de diversos rituais religiosos.

Os astros do céu, particularmente o sol e a lua têm significados importantes na cosmogonia indígena. Os índios têm nomes diferentes para as estrelas ou grupos delas que são identificados por eles facilmente. Os índios têm uma explicação interessante para os eclipses: contam que no céu existe um enorme jaguar ou cachorro que tenta de vez em quando devorar a lua e o sol. “Os *chiriguanos* transmitiam aos *chanés* o mito de seus antepassados, os guaranis, explicando, do mesmo modo os eclipses como tentativas feitas pelo jaguar de duas cabeças no sentido de devorar a lua.” (METRAUX, 1979, p. 35).

Os seres sobrenaturais pelos quais os índios se sentiam cercados eram de duas espécies: entidades do mal e entidades comuns. Às entidades do mal que têm muitas denominações era atribuída a responsabilidade pela maioria das ocorrências indesejáveis: atraso nas chuvas, doenças, perturbações, derrota nas guerras, etc. O nome mais recorrente é o de *Yurupari*. Ele vive rondando as aldeias abandonadas e os lugares onde estão sepultados os corpos dos seus parentes. A presença dos espíritos era mais percebida à noite. Faziam ruídos, assustavam animais. Podiam ser afastados com o fogo, com o qual eram protegidas as portas das cabanas e os pátios das aldeias.

A convivência dos índios com os espíritos era toda permeada de procedimentos que visavam captar a sua benevolência ou sua neutralidade. Objetos e danças, defumações e rezas tinham o objetivo de evitar que os espíritos lhes fizessem mal, ou que os apoiassem na guerra, no plantio, na caça, etc. Esse fetichismo foi aproveitado pelos padres católicos na aproximação com os indígenas. Usavam a cruz como expediente para espantar maus espíritos. Costume, aliás, presente ainda hoje, nas sessões de exorcismos e na manutenção da proteção de casas, fábricas, estabelecimentos comerciais e embarcações. Católicos usam as cruzes, também, atadas ou penduradas ao corpo, ou costuradas e bordadas nas vestimentas.

Desde que a notícia da eficácia desse símbolo se expandiu entre os habitantes da ilha do Maranhão, os indígenas apressaram-se a enviar delegações aos capuchinhos franceses com o objetivo de suplicar-lhes mandar erigir, em suas aldeias, cruzes, para o fim de pô-los ao abrigo dos ataques de “Jeropari”. (*Yurupari*). (METRAUX, 1979, p. 58).

Uma série de ritos era empregada para a comunicação com os espíritos. Essa comunicação era geralmente de uma mão só, isto é, dos índios para os espíritos. Os índios viam os espíritos sob formas diversas, mas geralmente sob a forma de animais. Por isso identificavam certas espécies, principalmente aves, com a presença de espíritos. Os cantos das aves ou os ruídos que faziam eram associados a uma manifestação espiritual. Em suas práticas desenvolveram formas de satisfazer as necessidades dos espíritos, o que era feito com oferendas de pequenos objetos, plumas, bebidas, etc. Mas havia também a necessidade de alguém que intermediasse ou interpretasse a influencia dos espíritos. Alguém tivesse um poder diferente, mas eficaz para controlar a vontade dos espíritos.

Entre os tupinambás, não era por meio de práticas iniciatórias ou de treinamento que alguém se tornava feiticeiro, mas por inspiração. Em cada tribo havia um número mais ou menos considerável de indivíduos dotados de poder mágico, e capazes de servir-se dessa faculdade. (METRAUX, 1979, p. 65).

A investidura do feiticeiro não era outorgada e permanente. Dependia do sucesso que determinado indivíduo tinha em suas previsões, curas, etc. Os processos, rituais e passes de magia eram do conhecimento de todos, pois que todos observavam essas práticas serem aplicadas pelo feiticeiro. No entanto, conhecer as práticas não quer dizer produzi-las com eficiência. Alguns pajés possuíam ou mostravam possuir uma capacidade melhor de comunicação com os espíritos. Quando percebia isso, seu comportamento mudava. Ficava mais quieto, procurava isolamento, vestia-se diferente. Assumem esse comportamento como para indicar que se entretém mais com os espíritos. Quando eram reconhecidos como possuidores de poderes especiais até pelos outros feiticeiros, recebiam honrarias e presentes, e eram chamados de *Pagé-ouässou*, ou *Caraiibe* (santidade ou homem sagrado). É nítida a posição do feiticeiro entre os índios, nos moldes de como os diferencia Bourdieu de um sacerdote, figura que não existe na prática indígena:

Enquanto o profeta afirma sua presença ao exercício legítimo do poder religioso e estregando-se às atividades pelas quais o corpo sacerdotal afirma a especificidade de sua prática e irredutibilidade de sua competência [...] o feiticeiro responde de modo ininterrupto às demandas parciais e imediatas, lançando mão do discurso como se fosse uma técnica de cura (do corpo) entre outras e não como um instrumento de poder simbólico, vale dizer, de prédica ou de “cura das almas”. (BOURDIEU, 2005, p. 60) .

O feiticeiro mantinha também seu status através de uma presença amedrontadora. Se fosse bem sucedido, o terror que infundia lhe valia retornos interessantes. Eram recebidos

com cânticos, danças, comidas e tudo o que pudesse lhes satisfazer a vontade. Às vezes eram imputados aos feiticeiros os flagelos sofridos pela tribo, em função de suas ladainhas. Portanto, fazia-se de tudo para se estar bem com o feiticeiro. Um feiticeiro bem sucedido era um “índio rico”. Podia pedir qualquer coisa, até mesmo mulheres. Quem recebia o pedido, procurava atendê-lo.

Conta Yves d’Evreux, que “um deles, diz-se, possuía trinta [mulheres], cifra jamais atingida pelo mais rico morubixaba”. (METRAUX, 1979, p. 67). Conta ainda, que os feiticeiros tinham espíritos às suas ordens. Um feiticeiro no Maranhão pretendia ter sob seu serviço um espírito que além de lhe fazer companhia, o ajudava na roça, bastando indicar a ele a extensão do roçado. Não era difícil a comunicação com espíritos familiares. A proximidade do parentesco e não raro a da habitação “facilitava” esse contato. Outras categorias de espíritos eram de trato mais difícil exigindo mais atenção e mais ritos. E aí, entrava de tudo: desde uma cabana nova e jamais habitada, até bebidas especiais, como o cauim, naturalmente, preparadas por uma donzela de dez ou doze anos.

Também para a cura operavam os feiticeiros e sempre pela ação dos espíritos. Quando não conseguiam curar justificavam-se pela oposição dos espíritos. Uma das técnicas, a do sopro, é ainda hoje praticada por muitos médiuns e benzedeiros. “Assim como seus confrades tupinambás, os feiticeiros *apapocuvás* e *chipaiás* sopram energicamente o ‘paciente’ como forma de impregnar o doente de força mágica”. (METRAUX, 1979, p. 71). Alguns pajés costumavam ouvir as mulheres em confissão. E se alguma se recusasse, ameaçava-a de perseguição por espíritos. Dos maus procedimentos confessados, o pajé as perdoava e dava a elas uma espécie de absolvição.

Conta Manuel da Nóbrega que esse tipo de confissão não era só para os feiticeiros. Antes da vinda de um pajé em visita a alguma aldeia, as mulheres, aos pares, percorriam a aldeia e confessavam umas às outras as faltas que tinham cometido aos seus maridos, pedindo perdão delas. Pajés também usavam a água como ferramenta de purificação coletiva: enchiam grandes potes com água enquanto diziam frases apropriadas e sopravam dentro desses potes fumaça de fumo (*petun*). Os índios então se untavam com pó e dançavam e durante a dança o pajé aspergia sobre eles parte do conteúdo dos potes. Ao final, todos se lavavam com a água dos potes, inclusive crianças da família.

Os feiticeiros costumavam “ouvir” os espíritos em buracos das árvores ou feitos nas choças. Deitavam-se no chão, com a cabeça enfiada no buraco da choça e então se comunicavam com os espíritos. Era esse para eles um lugar de culto. Pajés também faziam

promessas. Prometiam chuva, alimentos, saúde e fertilidade. Podiam até o que não podiam cumprir: Conta José de Anchieta que:

Cada um desses feiticeiros, a que chamam santidade, buscam uma invenção com que lhes pareça que ganhará mais, porque todo esse é o seu intento, e assim, um vem dizendo que o mantimento há de crescer por si, sem fazerem plantados, e juntamente com as caças do mato se lhes hão de vir a meter em casa. Outros dizem que a velhas se hão de tornar moças e para isso fazem lavatórios de algumas ervas; outros dizem que os que não os receberem se hão de tornar em pássaros e outras invenções semelhantes. (METRAUX, 1979, p. 76).

O trato com o sobrenatural entre os indígenas parecia ser flagrantemente defensivo. Não se percebe nos relatos pesquisados atos amistosos entre índios e seus mortos que pudesse indicar uma amizade ou relacionamento mais carinhoso ou afetivo. Tratava-se de tentar controlar uma presença marcante, mas incômoda. Feiticeiros, no entanto, podiam passar maus pedaços se por acaso suas predições falhassem sem explicação ou se seus remédios falhassem nos resultados. A influência dos espíritos ou sua proximidade era vista como um problema a ser resolvido e seus intermediários, os feiticeiros, igualmente de trato difícil, credores de constantes paparicos e oferendas.

A expectativa, no entanto, era a de que uma vez apaziguada a espiritualidade tudo poderia dar certo. Isso nos remete a pensar que o caminho das soluções dos problemas individuais ou coletivos sempre passa pelo sobrenatural a ser manipulado e satisfeito. Quando as providencias normais não dão certo, os olhares se voltam para as soluções sobrenaturais, particulares, como no caso dos feiticeiros, ou institucionais, como no caso das seitas e religiões.

As práticas funerárias entre os índios são curiosas e extremadas. Quando o índio tinha uma doença que era considerada incurável, a atenção para como ele era... nenhuma! Achavam que como a morte era inevitável, não adiantava mais alimentá-lo ou cuidar dele. No entanto, quando a morte se aproximava e se reconhecia a agonia, tudo mudava. Começava o lamento, o desespero, as mortificações, os autoflagelos e os elogios. Lamentos e elogios eram prerrogativas das mulheres:

Morreu, berravam algumas arrastando a voz, quem era tão valente e tantos prisioneiros nos deu de comer! Era, replicavam outras, no mesmo tom, um bom caçador e excelente pescador! Que bravo matador de portugueses e maracajás, exclamavam as restantes! Como nos vingava! (METRAUX, 1979, p. 106).

Morto o índio, enterravam-no com suas armas e seus utensílios e tudo o que era dele. Eram-lhe devolvidos tudo o que havia dado. Se alguém ficasse com alguma coisa que tivesse

pertencido ao morto temia-se que sua alma, após se separar do corpo viria molestá-lo. Em compensação os objetos que o morto havia recebido dos outros também eram devolvidos. Alimentos e bebidas eram colocados na tumba até que o corpo ficasse todo corrompido. Acreditava-se que entidades espirituais quando não encontrassem comida sobre o morto, o desenterrariam para devorá-lo. Todos eram aconselhados pelo pajé a se lavar após a morte de um membro da tribo, para evitar epidemias. Mulheres se tingiam ou cortavam os cabelos. Homens pintavam-se e deixavam o cabelo crescer. Era o luto! A sobrevivência da alma era então uma crença pacífica. As almas dos antepassados tinham o seu destino, não deixavam de existir. Um chefe tupi, uma vez indagado se acreditava que as almas sobreviviam após a destruição do corpo, respondeu:

Não sabes que, após a morte, nossas almas vão para regiões longínquas, agradáveis e cheias de delícias, onde estão todas reunidas? Não sabes que os nossos caraíbas, conforme nos dizem, as visitam e lhes falam frequentes vezes? E as almas aparecem muito aos nossos filhos? Vejo que não nos acreditas, como se quisesses favorecer aos nossos inimigos. [...] Mas, se queres ser nosso aliado, não duvides do que digo. (METRAUX, 1979, p. 110).

Quando o indivíduo estava vivo, sua alma era chamada de *An*; a alma dos mortos era chamada de *Angouëre*, ou *Marangigoana*. Na beira da sepultura, os parentes e amigos se despediam do morto e faziam recomendações, para que não passasse pelas terras do inimigo, que mantivesse sua fogueira acesa, e estivesse sempre com suas armas ao lado. Uma típica despedida de quem iria fazer uma viagem. Todo tupinambá levava para o túmulo o seu chocalho, para avisar os seus antepassados que havia chegado, quando do encontro com eles, após a jornada rumo ao seu recanto. É comum em muitos povos o costume de dotar seus mortos com artefatos e recursos para que suas almas possam continuar seu destino.

A concepção de paraíso para os índios é também de um lugar onde condições de conforto e ausência de sofrimento representam o céu. No entanto, esse lugar de felicidade não os priva da necessidade de trabalhar, motivo pelo qual deixam junto ao túmulo as ferramentas agrícolas que o morto utilizava em vida para se sustentar. Mas havia restrições: “a alma dos efeminados e das pessoas insignificantes, que não porfiaram em defender o seu país”. (METRAUX, 1979, p. 112). Para as almas das mulheres era difícil atingir esse lugar. Só a “mulheres virtuosas” isto é, aquelas esposas dos bravos guerreiros que haviam morto e devorado muitos inimigos.

A cosmogonia das religiões indígenas é, portanto, tecida de mitos e práticas em que o sobrenatural está sempre presente. E esse sobrenatural tem nomes, tem lugares, tem costumes.

A noção de espíritos, vida após a morte, influência das almas dos antepassados já era comum entre os índios do Brasil, desde os primeiros registros de contato com o homem branco. Ao conviver com esses mitos e práticas descendentes de brancos e índios carregaram para o universo de suas convicções conceitos que iriam compor um padrão comum na religiosidade brasileira.

3.4 Os cultos afro-brasileiros e a Umbanda.

Um outro ponto de contato que facilitou o crescimento do Espiritismo no Brasil, foram as tradições das religiões africanas. Os negros africanos que vieram para o Brasil como escravos ainda na fase colonial pertenciam a povos muito antigos com costumes e tradições bastante arraigadas. A origem dos escravos era normalmente a Nigéria, Angola, Congo, Moçambique e Benin, antiga Daomé. Os negros eram separados das famílias e dos seus grupos étnicos, pela política escravagista e, espalhados pelas áreas onde seriam aproveitados: lavoura, mineração, pecuária, etc.

Os escravos africanos eram proibidos de praticar suas várias religiões nativas. A Igreja Católica Romana deu ordens para que os escravos fossem batizados e eles deveriam participar da missa e dos sacramentos. Apesar das instituições escravagistas e da Igreja Católica Romana, entretanto, foi possível aos escravos comunicar, transmitir e desenvolver sua cultura e tradições religiosas. (JENSEN, 2001, p. 1_21).

O universo religioso dos escravos vindos da África é rico de entidades e ritos e revela uma concepção espiritual do universo e da criação. Espiritual, porque as origens do mundo e dos seres humanos e suas relações são regidas ou no mínimo monitoradas por entidades que se manifestam através da mediunidade praticada por sacerdotes (pais e mães de santo). Divididos por nações conforme a sua origem e linguagem, os escravos africanos traziam suas tradições culturais que aqui, no Brasil, se tornaram marcas reconhecíveis de práticas religiosas mais próximas das dos indígenas do que dos brancos, reforçando o misticismo da base religiosa brasileira. Na África, as diferentes divindades eram responsáveis pela proteção de grupos ou famílias específicas, e pelo controle de determinados fenômenos da natureza. No Brasil em função da divisão das famílias, cujos membros eram comprados por diferentes comerciantes e fazendeiros, essas divindades passaram a proteger indivíduos, e não grupos. Esse fato tem relevância na pulverização das tradições com consequente adaptação à cultura

local. Um indivíduo não era suficientemente conhecedor de toda a tradição e assim, se via forçado a completar seu universo religioso com elementos locais.

As religiões afro-brasileiras constituem um fenômeno relativamente recente na história religiosa do Brasil. Por exemplo, o primeiro terreiro de Candomblé, que é localizado no nordeste, mais precisamente na Bahia, é geralmente situado no ano de 1830. Estas novas religiões apareceram primeiro na periferia urbana brasileira, onde os escravos tinham maior liberdade de movimento e eram capazes de se organizar em *nações*. Daí eles se espalharam por todo o país, e tomaram diversos nomes como *Catimbó, Tambor de Minas, Xangó, Candomblé, Macumba e Batuques*. (JENSEN, 2001, p. 2).

No final do século XIX, Raimundo Nina Rodrigues reconhece na religiosidade baiana, a mais fortemente influenciada pelas religiões africanas, zonas superpostas de crenças religiosas, num continuum que vai do teologismo católico ao fetichismo africano. “Na primeira, a mais elevada, mas extremamente tênue, está o monoteísmo católico, que compreendido por poucos, pelo menos ainda é sentido e praticado” (RODRIGUES, 2008, p. 198). É o Catolicismo da missa, do latim, do padre e da Igreja como instituição imperante. É o Catolicismo formal, teológico, evangélico. A segunda é a zona da idolatria dos santos, que abarca a grande massa da população. É o Catolicismo de necessidade. Necessidade de fé, do culto ou fidelidades aos santos, da prática social, das soluções do dia-a-dia, etc. Nela convivem brancos, mestiços, e negros mais cultos e inteligentes. A terceira está “como resumo do animismo superior do negro, a mitologia *jeje-iorubana*, que a equivalência dos orixás africanos com os santos católicos [...] está derramando (sic.) na conversão cristã dos negros crioulos.” (RODRIGUES, 2008, p. 198). E, por último, se coloca o fetichismo puro das tradições africanas, matizadas com as tradições indígenas com as quais se identificaram. Fazem parte dela os negros das tribos mais atrasadas, os indígenas e os mestiços de mesmo nível intelectual.

Essa estratificação tão bem descrita por Nina Rodrigues, não tem limites estanques e se pode reconhecer hoje, quase século e meio depois, no equilíbrio entre as crenças diversas na mesma Bahia, embora mais entrecidas, tendo em vista o afastamento crescente com as tradições africanas e a presença sempre marcante das religiões cristãs. O Catolicismo usufruiu do apoio do Estado e do domínio dos brancos. As características dos cultos africanos geram um preconceito que os aparta da convivência com as religiões dos brancos. Esse preconceito é formal, se expressa nos costumes e até nas leis. Esse preconceito não existia na África, onde esses cultos são a verdadeira religião do Estado. Fazem parte da vida comum e têm seus líderes e sacerdotes perfeitamente integrados à vida social e religiosa, muito embora muito

mais ligados aos diversos grupos tribais do que a uma nação ou povo. "No Brasil, na Bahia, [...] são consideradas práticas de feitiçaria, sem proteção da lei, condenadas pela religião dominante e pelo desprezo declarado, muitas vezes das classes influentes que apesar de tudo, temem-nas". (RODRIGUES, 2008, p. 216).

A mais presente das religiões de origem afro-brasileira é o candomblé. Conhecido com vários nomes, pelos quais se espalhou pelo país - *Catimbó, Tambor de Minas, Xangó, Candomblé, Macumba e Batuques* – nasceu na Bahia e teve seu primeiro terreiro por volta de 1830. A distância da África e a fiscalização da Igreja católica limitavam os contatos com suas origens. Pais-de-santo, ou mães-de-santo – líderes religiosos do candomblé – conseguiram, no entanto, manter certa fidelidade às suas matrizes africanas. Isso também foi possível, tendo em vista que, após o treze de maio, escravos libertos puderam visitar países africanos e lá serem iniciados nos cultos dos Orixás, retornando depois para fundarem seus terreiros.

O candomblé opera em um contexto ético no qual a noção judaico-cristã de pecado não faz sentido. A diferença entre o bem e o mal depende basicamente da relação entre o seguidor e seu deus pessoal, o orixá. Não há um sistema de moralidade referido ao bem-estar da coletividade humana, pautando-se, sim, o que é certo ou errado na relação entre cada indivíduo e seu orixá particular. A ênfase do candomblé está no rito e na iniciação, que, como se viu brevemente, é quase interminável, gradual e secreta. (PRANDI, 1995, p. 9).

As entidades do candomblé dividem as atribuições de governança do mundo, das pessoas e dos grupos sociais. São reconhecidos por uma série de objetos, vestimentas, cores e cantos. Também são conhecidos os seus humores, as suas preferências, as suas maneiras de se manifestar. Por exemplo: *Ogum* é o orixá da metalurgia, da agricultura e da guerra. É do sexo masculino, e protege os trabalhos manuais, estradas abertas e militares. (PRANDI, 1995). O altar do candomblé é o assento, os centros da energia (axé) da casa, o lugar sagrado que materializa a presença do santo. Eles ficam escondidos nos quartos dos santos e só a mãe-de-santo pode vê-los. "O assento é um mistério latente. A sua invisibilidade tem como consequência multiplicar os poderes da sua presença, tornando-a perceptível apenas indiretamente." (SANZI, 2009, p. 143).

O instrumento da manifestação das entidades das religiões afro-brasileiras é o médium, também chamado de "cavalo". A mediunidade é um dos aspectos de identidade, para o povo, entre o Espiritismo e as religiões afro-brasileiras, inclusive a Umbanda. O treinamento para a mediunidade dentro do candomblé é um processo complexo. Dentro de suas práticas, o espírito a se comunicar – o santo – deve se harmonizar com o médium e este com o santo; a esse processo se dá o nome de "fazer o santo".

“Fazer o santo” é um processo muito concreto e material: não é só uma educação sobre mitos, cantigas e rezas, é também um habitus corporal do santo. Para tal, a iniciada deve aprender as técnicas do corpo essenciais para a iniciação, fazer oferendas e construir altares. É um processo dialéctico de objectivação e apropriação, no qual o “santo” é construído, concretizado no altar e no corpo. Neste sentido, o santo não é simplesmente o orixá, mas o orixá daquela pessoa — com umas características particulares. (SANSI, 2009, p. 144).

As imagens fazem parte do culto e da fé do candomblé. Similarmente ao Catolicismo, representam entidades veneradas que tiveram existência física e se destacaram ou são personalidades criadas a guisa de deuses com domínio sobre certos fenômenos ou ocorrências da vida cotidiana. Mas, no candomblé, as imagens não tem uma posição central no culto. Neste, a relevância vai para as entidades, como espíritos, para a mãe-de-santo, ou pai-de-santo e os outros médiuns e também à prática mediúnica. Muitos santos da Igreja Católica fazem parte do panteão do candomblé, no entanto, “não são um objecto de contemplação estática, mas mais um elemento no enriquecimento da parafernália do ‘santo’”. (SANSI, 2009, p. 151).

Muitas imagens dentro do candomblé representam entidades coletivas, isto é, identificam espíritos de uma mesma categoria, nível, preferência ou poder. Como a *Pomba-Gira*: categoria de entidade que se apresenta dançando e bailando com certa malícia, ou como os *exus*, entidades maliciosas, às vezes brincalhonas que perambulam pelos cultos. Desse modo, as diversas formas do candomblé são compostas de crenças percebidas nas formas religiosas indígenas e também, no Catolicismo. Por isso foi possível criar identidades sincréticas nas religiões africanas com base nas representações católicas, que não apenas as reforçou como as incluiu. Prova disso são as festividades de origem africanas que foram inseridas nas comemorações da Igreja Católica na Bahia (lavagens, presença de instrumentos de culto afro em missas e presença de indumentárias típicas do candomblé em cerimônias religiosas do Catolicismo).

Um outro espaço contínuo entre o Espiritismo, o Catolicismo e os cultos afros é a Umbanda, que pode ser considerada uma religião brasileira. Ela surgiu de uma combinação e adaptação de crenças presentes no Brasil, traz traços de tradições religiosas africanas, do Catolicismo, do Espiritismo kardecista e de religiões indígenas, segundo Cândido Procópio Ferreira de Camargo (CAMARGO, 1961). Se o candomblé se fixou mais fortemente no Nordeste, notadamente na Bahia, a Umbanda logrou cativar mais adeptos no Sudeste, nos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, onde conta com mais seguidores (Censo

2010). A palavra “Umbanda” é de origem Banto, significando “Grão-Sacerdote” ou, “local de culto”.

Na Umbanda predomina a magia, exercida por médiuns e entidades. Segundo Candido Procópio Ferreira de Camargo, são sete as linhas do arranjo hierárquico das entidades de Umbanda, todas identificadas com elementos do panteão católico: 1º. a Linha do Oxalá, identificado com Jesus Cristo; 2º. a Linha de Iemanjá, identificada com a Virgem Maria; 3º. a Linha do Oriente, identificada com São João Batista; 4º. A Linha de Oxóssi, identificada com São Sebastião; 5º. A Linha de Xangô, identificada com São Jerônimo; 6º. A Linha de Ogum, identificada com São Jorge; e, 7º. A Linha Africana, identificada com São Cipriano. (CAMARGO, 1961, p. 38).

Percebe-se um movimento de “racionalização” de alguns princípios tais como a lei do carma, a reencarnação e a ideia de evolução, desde a origem da Umbanda. Esses conceitos são muito próximos dos conceitos espíritas de quem a Umbanda filtrou na tentativa de organizar um corpo de doutrina que não encontrou nas práticas africanas. A própria prática mediúnica se aproximou mais dos postulados kardecistas do que das práticas do candomblé e suas variantes. Hoje já se podem identificar duas categorias de literatura umbandista: “os que cuidam do aspecto ritualístico e os doutrinários”. (CAMARGO, 1961, p. 42). Os aspectos ritualísticos são ligados às tradições africanas e à forma ainda primitiva de conduzir o culto. Usam termos do vocabulário Sudanês e Banto e prescrevem ritos de iniciação. Os aspectos doutrinários buscam uma identidade com o cristianismo, as suas leis de amor e caridade. Investigam as origens de suas práticas nos rituais egípcios, hindus e lêmures, buscando na longevidade a legitimidade de seus princípios.

A numerologia, a doutrina da evolução espiritual, os temas mágicos correntes da tradição europeia, a teoria dos talismãs, os signos de Salomão, a doutrina dos elementos e dos elementais, a Astrologia, etc., fazem incursões nos livros umbandistas, intercalando-se com os Orixás, “linhas”, “falanges” e “legiões”. Em quase todos esses livros os traços importantes do kardecismo, presentes na prática dos “terreiros”, também se repetem: a doutrina da evolução, do carma e da reencarnação. (CAMARGO, 1961, p. 43). Na Umbanda o culto religioso se chama “gira” e ocorre à noite para onde os assistentes vão chegando e se acomodando separadamente, conforme o sexo. A defumação purifica a todos – assistentes, “cavalos”, “cambonos”³¹, seus assistentes, e os atabaques. Lembra na forma o turíbulo católico usado para incensar. Canta-se para afastar os “exus” que podem perturbar a reunião. Os atabaques

³¹ Termo que designa o médium que auxilia os guias espirituais, na Terra. Sua energia é muito importante na sustentação vibracional dos trabalhos nas sessões do terreiro.

iniciam seus toques e pontos são cantados para homenagear e atrair o Orixá do dia ou da natureza da “gira”.

Os cavalos começam a “dar passividade”³² recebendo os caboclos e pretos-velhos que são assentados e assistidos pelos “cambonos”. Dá-se início à sessão de consultas aos espíritos, à forma de uma súplica ou confissão. O fiel recebe o passe e o esclarecimento. Findo os atendimentos, “pontos”³³ especiais são cantados para despachar as entidades, seguida da saudação ao altar, da oração de encerramento e do “ponto” final de despedida. (CAMARGO, 1961). Existem muitas variantes nos rituais e nos cultos, mas se pode perceber a mesma preocupação, em cada “terreiro” em seguir fielmente o rito. A sacralidade do ambiente, a existência do sacerdote, os altares, o incenso, as roupas especiais, as imagens, os médiuns etc. Tudo faz perceber certa semelhança com os rituais de outras religiões como o Catolicismo, o Espiritismo e os rituais indígenas.

A Umbanda é uma religião para soluções imediatas. “Ser umbandista não implica necessariamente em modificações drásticas do comportamento cotidiano” (FRY e HOWE, 1975, p. 79). Busca-se o “Centro” ou frequenta-se às sessões para se obter um auxílio para algum sofrimento, resolver um problema de doença, dívida, ou para “limpar os caminhos”. Seus “trabalhos” são realizados *on demand* e a confiança e o reconhecimento do poder do “Centro” ou do pai-de-santo, depende da sua capacidade de resolver problemas. Os frequentadores buscam ali a proteção dos seus guias, a benção dos seus orixás, os aconselhamentos de seus pretos-velhos. Sentem-se bem com suas danças e parecem aliviados quando do término da “gira”. A mediunidade exerce aí uma preponderância maior do que no Espiritismo kardecista, tendo em vista que este incorpora em suas sessões atividades de esclarecimento doutrinário, cursos, palestras e atividades assistenciais.

Camargo (1961) propõe uma *tipologia dos fiéis*, como forma de identificar o seu grau de integração ao universo religioso. Seriam três, segundo o que propõe, os tipos de fiéis: “participantes”, “eventuais” e “ativos”. Na Umbanda: o tipo “ativo” é o dirigente do “terreiro”, os “cavalos” já maduros na prática mediúnica. Ficam mais próximos do altar, nos cultos, e recebem uma iniciação mais consistente, participando de reuniões de desenvolvimento mediúnico. São incentivados a ter um mínimo de conhecimento sobre a religião e a manter uma conduta moral sadia e respeitar sempre os preceitos ritualísticos; o tipo “participante” frequenta o culto para resolver dificuldades, receber passes e orientações

³² Expressão que significa estar possuído ou estar recebendo um espírito.

³³ Pontos, no jargão da Umbanda, são cantos que ajudam a manipular as energias no ambiente do terreiro e facilitam a aproximação dos guias.

dos guias. Conhecem pouco da doutrina e estão afastados da intimidade do ritual. Possuem um conhecimento vago sobre a doutrina umbandista “respondem apenas de forma coletiva às invocações”. (CAMARGO, 1961, p. 72); o tipo “eventual” é o que procura o terreiro apenas nas situações difíceis. Vão apenas para receber os “passes” e as “bênçãos”. Em sua maioria ignoram a doutrina e seus fundamentos e compreendem bem o ritual.

No Espiritismo, os “ativos” são “os dirigentes de centro, os líderes institucionais e os médiuns”. Estes são incentivados ao estudo da doutrina e a dar mostras de um comportamento moral condizente com os princípios cristãos. Participam dos trabalhos de assistência social e são divulgadores do Espiritismo; O tipo “participante” no Espiritismo se caracteriza por aqueles que acreditam e conhecem os fundamentos da doutrina, mas não são engajados nem no trabalho de liderança, nem no da mediunidade. São assíduos às sessões espíritas, mas não se interessam pelos grupos de estudo; Já o tipo “eventual” é o que vai buscar no Espiritismo “somente o conforto espiritual ou o alívio para os seus problemas físicos e morais” (CAMARGO, 1961, p. 74); Não seguem os princípios doutrinários, embora creiam neles. Vão ao Centro para tomarem o “passe”, encontrar amigos, sem interesse no estudo ou nos cursos ou escolas de médiuns.

Os dados coligidos indicam haver porcentagem relativamente maior de membros “ativos” na Umbanda do que no kardecismo, mas revelam, também, que os “participantes” no kardecismo conseguem nível superior de identificação com a estrutura religiosa e doutrinária. (CAMARGO, 1961, p. 75).

3.5 Outros movimentos religiosos.

A diferenciação entre Igreja e Seita se apresenta cada vez mais complexa. Na concepção weberiana, a seita é entendida como uma “comunidade de pessoas qualificadas carismaticamente de maneira estritamente pessoal”. Karl Paul Reinhold Niebuhr por sua vez, ressalta o caráter existencial da experiência religiosa, na seita, bem como a força simbólica dos meios da graça e o carisma. (NIEBUHR, 1992). É claro que uma tipologia excludente, que valorize apenas esses dois polos, deixa de lado várias formas de expressões religiosas, principalmente as que valorizam a prática do "misticismo".

Sejam religiões ou seitas ou movimentos religiosos, a verdade é que a religiosidade do ser humano encontra pouso nas mais diversificadas modalidades de interpretar o sagrado. E, cada vez mais, os indivíduos perdem a cautela ou o receio de assumir suas preferências religiosas ou místicas, fortalecendo a posição desses “players” dentro do campo religioso. A racionalidade e a modernidade do pensamento, patrocinado pelas revoluções do pensamento a partir do século XVI, não conseguiram neutralizar ou destruir a essência do pensamento religioso ou místico.

Pensava-se que rapidamente seria eliminado do ser humano o sentimento religioso e as necessidades místicas. Consequentemente esperava-se que o relativismo iria dissolver todas as certezas, deixando para a ciência a oportunidade de moldar a experiência de vida das pessoas. Porém, a reação mística não se fez por esperar e imediatamente começaram a brotar, por todos os lados, processos de ressacralização do mundo, gerando no campo religioso um pluralismo como antes nunca visto. Assim, os NMR³⁴ passaram a disputar clientela com religiões historicamente estabelecidas, empregando para isso, muitas vezes, esquemas de marketing. (CAMPOS, 2003).

Diversas organizações com características de religião ou seita convivem no Brasil e mostram a complexidade da religiosidade brasileira. Algumas delas interessam a este trabalho, pelas suas aproximações com o Espiritismo brasileiro. As que serão citadas a seguir fazem parte de uma publicação do Instituto de Estudos da Religião (ISER) de 1990, organizada por Leilah Landim, à época, Coordenadora do programa “Diversidade Religiosa no Brasil”.

³⁴ Novos Movimentos Religiosos.

3.5.1 A Jurema.

Nem só da influência católica ou africana vivem os movimentos e seitas. Há também, os que se fundam na observância de tradições e cultos indígenas, ainda que a apresentam traços de cultos de outras religiões. É o caso da Jurema.

A Jurema de Recife é um modelo de culto que data pelo menos da metade do século XIX e que foi tomando visibilidade a partir da virada do presente século [Séc. XX (NA)], justamente quando os cultos xangôs também ganhavam maior espaço público. Supõe-se que faz parte de um tipo de religiosidade ainda mais antiga, na área, do que os cultos afro-brasileiros, na medida em que se vincula a rituais indígenas que podem datar de quatrocentos anos. (LANDIM, 1990, p. 131).

Estima-se que “no mínimo quatro mil casas” na região do Recife e de Olinda se dedicam à prática da Jurema. O culto também é praticado no interior de Pernambuco, e Paraíba, além do Rio Grande do Norte. A estrutura do local de prática do culto é de uma casa comum onde um dos quartos é dedicado à comunicação do “juremeiro” com seus guias. O culto da Jurema é centrado em um médium, homem ou mulher, que recebe regularmente certas entidades para propiciar a cura dos seus atendidos. A casa de atendimento pode mudar de local e isso ocorre com frequência, na medida em que se movimenta a clientela.

A iniciação no culto é simples, “ainda assim, poucos são os indivíduos ‘juremados’ realmente, isto é, aqueles que receberam no corpo uma semente da planta jurema (*Mimosa hostilis benth*)”. (LANDIM, 1990, p. 132). Qualquer um pode se apresentar como praticante e atendente da Jurema. A sua permanência como tal estará mais vinculada ao sucesso dos seus resultados do que à sua autodenominação como “juremeiro”. No culto há uma mesa com copos, cálices (príncipes) e taças (princesas) cheios de vinho, água ou cachaça e os espíritos “firmados”, formando a “cidade da jurema”. Nessa cidade existem portais guardados por entidades poderosas.

Normalmente são realizados três tipos de culto: o primeiro é dedicado ao atendimento de pessoas que recorrem à Jurema para a solução de algum tipo de problema pessoal – saúde, perturbação, negócio, vida pessoal, etc. Nesse caso, o consulente se isola com o “juremeiro” no quarto dos espíritos e faz a sua consulta. O “juremeiro” entra em transe e manifesta o espírito que irá dar a solução ao problema. Como parte da solução, pode ser pedida ao consulente alguma obrigação material, como acendimento de velas, charutos ou animais de caça. O segundo tipo de culto é chamado de “reunião”. Essas são dedicadas a datas especiais, onde as pessoas que já têm espíritos “firmados” se reúnem para homenagear a

entidade, que pode se manifestar, trazendo uma mensagem de proveito individual ou coletivo. O terceiro tipo de culto é uma festa pública, chamada de “toré” ou “gira”, ou mesmo “brincadeira”. Nela há oferta de sacrifício de animais e de comida. Os animais oferecidos nesse caso são animais de caça, ou seja, da floresta. É na festa que se percebem elementos do sincretismo africano, como o canto para os exus (Tranca-Rua, Segutte, Sentinela, Pé-de-Galo, Tiriri, Tatá-Caveira, Arranca-Toco, etc.). A festa é o mais longo dos cultos da Jurema.

O público ligado à prática da Jurema está situado dentro das classes sociais mais humildes. Essa situação é exposta e comentada pelas entidades manifestantes, realçando a maneira como as outras classes sociais os tratam. Esse fato pode se constituir em um atrativo para essa prática. A simplicidade do culto, suas ligações com as raízes da cultura, o imediatismo das soluções dadas aos problemas dos fiéis e a dramatização quase teatral do culto e de seus temas, o fazem aumentar a cada dia o número de seguidores. Outra característica atrativa da Jurema é a de se poder “firmar” os espíritos, isto é, eleger um espírito protetor, a que o “juremeiro” recorre a pedido do consulente. Isso cria uma intimidade entre a pessoa e a casa da Jurema, uma espécie de fidelidade por se ter um espírito que já conhece o consulente e, portanto, pode lhe dar orientações mais eficientes.

Na Jurema não existe o compromisso de filiação ou conduta. Pode-se ir uma vez e não voltar mais; pode-se frequentar sempre, sem ser considerado um “juremeiro”; e, pode-se participar como integrante sem deixar a prática de outras religiões. Essa liberdade de culto amplia a possibilidade de captação de seguidores, que ajudam a divulgar a seita e dar-lhe visibilidade, o que contribui para melhorar a sua aceitação e diminuir o preconceito para com ela.

Sintetizando, a jurema consegue oferecer uma forma sutil e sofisticada de se relacionar com o mundo espiritual e dele extrair poder, ao mesmo tempo em que ousa romper com o modelo de comportamento estabelecido (pureza, sublimação, retidão, etc.) a nível do sagrado. (LANDIM, 1990, p. 137).

3.5.2 As religiões da floresta: o Santo Daime.

As religiões da selva possuem, também, uma proximidade com as visões e práticas do Espiritismo. Entre elas podemos citar o Santo Daime, a União do Vegetal³⁵ e a Barquinha³⁶.

35 A União do Vegetal é, antes de tudo, a união de duas plantas da Floresta Amazônica: o Mariri (*Banisteriopsis caapi*) e a Chacrona (*Psicotria viridis*) que compõem um chá misterioso denominado "Oaska", utilizado exclusivamente em rituais religiosos. E é, além disso, o nome da Ordem Religiosa milenar que o distribui, a qual

O Santo Daime foi selecionado para compor esta amostra do mosaico religioso brasileiro por materializar outros métodos de se manter a comunicação com o mundo espiritual, nesse caso, através de substâncias ingeridas. Esses métodos são a cultura em migração, a aproximação com as religiões indígenas e o uso de uma bebida cerimonial, considerada mágica. Vindo do Maranhão para trabalhar nos seringais da Amazônia, Raimundo Irineu Serra, chegou à região em 1912. Ele e alguns seringueiros entraram em contato com índios peruanos e iniciaram o consumo da *ayahuasca*.

A *ayahuasca* é uma bebida cerimonial, resultado da infusão do *jagupe*, (*Banisteriopsis caapi*) um tipo de cipó, com a folha da *chacrona* (*Psychotria viridis*). Essa bebida tem propriedades alucinógenas, é usada por algumas tribos indígenas como auxiliar nos seus transes cerimoniais e é de largo consumo entre os habitantes da Amazônia Ocidental, mesmo fora da sua destinação religiosa. Em 1920, Irineu deixou a selva e se mudou para Rio Branco, capital do Estado do Acre. Algum tempo depois iniciou seu trabalho espiritual, até que em 1945 recebeu uma área de terra, de um político local e fundou o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal, o Alto Santo. (LANDIM, 1990). Outro Seringueiro, Sebastião Mota, também se mudou da selva para Rio Branco e começou a frequentar o Centro de Irineu, em busca de cura.

O Sr. Sebastião da Mota nasceu no seringal do município de Eirunepê (AM). Conheceu a região na década de 60, quando, segundo narrativas coletadas na pesquisa de campo, foi curado de uma enfermidade pelo Santo Daime. [...] Na década de 40, sob a orientação de um senhor conhecido como Mestre Osvaldo, o Senhor Sebastião iniciou, no Seringal de Adélia, (também ligado ao município de Eirunepê) um trabalho espírita. [...] As sessões eram chamadas de “Trabalhos de Mesa Branca”. Nelas, o Sr. Sebastião, incorporava os seus guias espirituais, principalmente o Professor Antonio Jorge, e o Doutor Bezerra de Menezes., realizando inúmeras curas junto à população ribeirinha. (OLIVEIRA, 2007, p. 35).

Com a morte de Irineu, em 1971, Sebastião, discordando da sucessão criou o seu próprio Centro. No em torno desse Centro, começaram a afluir outras famílias de seringueiros que juntos ajudaram a fundar o Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra, o CEFLURIS.

Com o crescimento do grupo suas práticas chamaram a atenção de outras pessoas e provocaram a visita de grupos de pesquisa interessados em conhecer e explicar o novo

é também conhecida pelos seus adeptos como a Irmandade da Rosa. (<http://www.uniaodovegetal.org.br/udv/index.html>)

³⁶ A Barquinha é uma seita brasileira que se autodenomina cristã. Ela mistura práticas religiosas afro-brasileiras, indígenas e europeias. A Barquinha foi criada, em 1945, no Estado do Acre, por Daniel Pereira de Mattos. Depois de sua morte, o lugar de culto foi denominado “Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz”. Já existem outros Centros, que seguem, no entanto, certos princípios da Doutrina Espírita.

fenômeno religioso. Ao Centro afluíam pessoas procurando cura e mais tarde outras começaram a ser atraídas pelo aspecto religioso das práticas realizadas. Gente da mais variada origem e condição, como engenheiros, dentistas, sociólogos passaram a compor a comunidade que crescia, agora, impulsionada pela participação de pessoas letradas e cultas. O Padrinho Sebastião era o guia espiritual da comunidade e tendo em vista as alterações socioeconômicas sofridas pela região decorrentes de novas políticas de ocupação da Amazônia, com a proliferação das fazendas de gado e diminuição de áreas de seringais, resolveu mudar as instalações de sua comunidade para um seringal abandonado, Seringal Boca do Ouro, em Boca do Acre, já no Estado do Amazonas.

O fenômeno se complicou com o interesse por parte de especialistas de diversas áreas que ora defendiam, ora criticavam ou condenavam o uso da *uasca*, termo pelo qual a bebida passou a ser conhecido na imprensa. Uma comissão integrada por elementos do Exército, da Promotoria Pública e da Polícia Federal dá início a uma investigação, em novembro de 1983, coordenado pelo Coronel Guarino Monteiro, Comandante do 4º. Batalhão de Fronteira, do Exército. Em seu relatório ao Ministro da Justiça, o Coronel Monteiro conclui que “As questões relativas ao Santo Daime e à Santa Maria não devem ser analisadas no âmbito militar ou policial. Devem ser estudadas por profissionais de sociologia, antropologia, medicina e história”. (LANDIM, 1990, p. 258).

A Igreja Católica passa, então, a se pronunciar contra o uso do Santo Daime, qualificando-o como questão de saúde pública. Outros, como um Pastor Luterano, missionário entre os índios *kulina*, ressaltam o aspecto cultural do uso da *uasca* e se coloca simpático à causa. Uma extensa discussão sobre o assunto chama a atenção do Brasil e o Santo Daime vai para no Rio de Janeiro e começa a ser consumido por pessoas de várias condições sociais, inclusive acadêmicos e artistas. Um forte componente holístico é reconhecido na expansão do Santo Daime. Luiz Eduardo Soares escrevendo sobre o assunto, na década de 1980, salienta: “Aos poucos, passamos a reconhecer que se tratava de um movimento singular e particularmente rico, para o qual confluía parte significativa das atenções despertadas pela redescoberta místico-religiosa”. (LANDIM, 1990, p. 267).

São conhecidos três tipos de cultos: a “concentração”, os “festejos”; e, o “feitio”. Na concentração, o culto do Santo Daime por excelência, há a ingestão da *uasca* acompanhada de uma espécie de meditação, seguida de cânticos de hinos e orações (Pais-nossos, Ave-Marias, Salve-Rainhas). No festejo os adeptos se reúnem e comemoram as suas datas sagradas, como o dia de São José, o dia de São João, o dia de Todos os Santos, o dia dos Pais, das Mães, etc. (OLIVEIRA, 2007, p. 56). Constituem-se de bailados, dentro de um dispositivo de

distribuição dos “fardados” e das “fardadas”, adeptos caracterizados para a participação no culto, acompanhado do som de instrumentos musicais diversos. O “feitio” é a cerimônia em que os daimistas fabricam a uasca. Os homens preparam o cipó – *jagupe*, e as mulheres cuidam das folhas da *chacrona*. No dia anterior à busca do jagupe, os homens seguem algumas regras de abstenção de comida e sexual. Partem cedo para a mata, não sem antes tomar um pouco de Daime. Às mulheres não é permitida a coleta do cipó, só à catação e preparo das folhas. Preparados os cipós e as folhas vai-se à infusão acompanhada de cânticos, e ingestão do Daime.

Toda a ritualística do Santo Daime remete a um desejo de sentir de maneira mais intensa o transcendente, o espiritual. O uasca entra como componente provocador do êxtase que traz as sensações de volição, de leveza, de abandono do mundo. E também representa um convite de afiliação e pertença a um grupo que pode abrigar pessoas com tendências místicas e esotéricas que buscam uma comunidade onde possam livremente entregar-se a determinadas sensações sob o manto de uma legitimidade religiosa. Suas práticas, estranhas à cultura dominante, provocam reações principalmente daqueles mais conservadores e elitistas que enxergam no Santo Daime uma prática alienada e marginal.

Inúmeros motivos explicam a tendência do campo a ser polarizado pelo Santo Daime; vale dizer, explicam não só sua força de atração, como de repulsão. Se, hoje, o Daime ocupa um lugar *sui generis*, é porque encanta, recruta, fascina, mas também inquieta, choca, mobiliza polêmicas e enseja críticas radicais. (LANDIM, 1990, p. 267).

Os rituais e práticas do Santo Daime tem estreita ligação com as práticas espíritas e umbandistas, das quais se utiliza para diversas de suas atividades de culto. Bezerra de Menezes, entidade bastante presente nas referências do Espiritismo, está também presente nas reuniões do Santo Daime, produzindo curas, segundo o que dizem os seguidores da seita. É interessante perceber que muitos dos novos movimentos religiosos retiram do panteão das seitas ou religiões mais antigas os seus santos, mentores ou entidades mais representativas. Nos rituais do Santo Daime, a manifestação de caboclos, pretos-velhos, e espíritos de luz mostra de onde foram retiradas as representações espirituais e as orientações para a prática mediúnica dessa religião.

No que diz respeito aos aspectos culturais presentes na constituição do significado da experiência visionária, considero que tais experiências que falam de cirurgias espirituais, podem indicar a presença de influências culturais do Espiritismo kardecista na formação da religião, tendo em vista que essas operações se fazem presentes no contexto da religião espírita. (OLIVEIRA, 2007, p. 206).

3.6 A presença do Cristianismo no Brasil.

O Censo de 2010³⁷, nos permitiu um cálculo aproximado da quantidade de indivíduos cuja religião ou crença não tem origem em uma teologia cristã. Dentre elas, o budismo e as religiões orientais, algumas religiões afro-brasileiras, tradições indígenas, pessoas sem religião, etc. Nesse cálculo, aproximado, chegou-se a pouco mais de 16 milhões de pessoas. Para um total de mais de 190 milhões de indivíduos recenseados pelo IBGE, o total de indivíduos de religiões não cristãs é de aproximadamente 8%. Isso nos dá uma ideia da prevalência do cristianismo³⁸, embora sob diversas denominações, entre a população brasileira.

O Espiritismo se diz uma religião cristã. Um dos seus principais livros doutrinários é *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Isso quer dizer que os espíritas são orientados a seguir os códigos éticos e morais dos evangelhos como base de conduta pessoal. Os princípios cristãos reforçam a prática de virtudes como a caridade, o amor e a justiça. É uma conduta que permanece recomendada quaisquer que sejam as sociedades evoluídas, uma vez que a moral cristã é uma norma de conduta humana que conduz fatalmente à paz, à harmonia e ao bom relacionamento entre os indivíduos. Daí a semelhança que se pode perceber nas normas de conduta das principais religiões do mundo. O respeito ao semelhante está presente no Judaísmo, no Budismo, no Hinduísmo, no Catolicismo, no Protestantismo e também no Espiritismo.

Embora nem todas as religiões preguem que a caridade conduz à salvação, elas, em sua maioria recomendam a prática da caridade como uma das expressões do amor que deve existir entre os homens. Por exemplo, ainda que no Islamismo a figura central de profeta seja a de Maomé, Jesus é reverenciado como um grande enviado de Deus. No livro *O Jesus Muçulmano*, organizado por Tarif Khalidi, é possível sentir os princípios cristãos como justificativa moral e ética de muitos provérbios do Islamismo. A conduta exemplar do Cristo e seus ensinamentos são exaltados no *Corão* como os de um grande profeta.

Aqui está um Jesus, por um lado, privado de Cristologia, mas por outro dotado de atributos que o tornam *metahistórico* e até, por assim dizer, *metarreligioso*. Em seu habitat muçulmano, ele se torna objeto de intensa devoção, reverência e amor. Traz

³⁷ ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religioa_Deficiencia/tab1_4.pdf

³⁸ Chamamos aqui de Cristianismo, os preceitos e princípios religiosos e morais contidos nos Evangelhos dos apóstolos Mateus, Marcos, Lucas e João e que deram origem às religiões cristãs.

o selo da *nubuwwah*³⁹ corâmica, ou profecia, mas, á medida que avança para dentro da tradição islâmica deixa de ser um argumento e torna-se uma voz moral viva e vital, exigindo ser ouvida por todos os que buscam uma unidade de fé e testemunho. (KHALIDI, 2001).

Conclusão.

A grandeza territorial, a sua natural bonomia, a sua hospitalidade e a sua reconhecida xenofilia fazem do Brasil uma terra e um povo que oferece poucas barreiras para a aproximação e assimilação de culturas diversas. Haja vista, a quantidade de estrangeiros e descendentes de estrangeiros que vivem no Brasil, formando núcleos culturais cuja densidade só é superada pelos próprios países de origem.

Essas culturas importadas trazem crenças e religiões de toda parte do mundo que encontram no Brasil, apesar da hegemonia das religiões cristãs, um espaço em paz, para se desenvolver. O encontro e a convivência dessas religiões, mormente hoje, quando a perseguição religiosa já não encontra mais justificativas, principalmente no ocidente, criam superfícies de recobrimento e de aceitação que tornam o campo religioso brasileiro bastante complexo. Os brasileiros absorveram o Catolicismo português, o Protestantismo europeu e americano, as práticas africanas dos escravos, o misticismo e naturalismo dos indígenas, o espiritualismo e o mediunismo das religiões mediúnicas, o milenarismo dos movimentos messiânicos, a cultura da meditação e das forças naturais das religiões orientais, e até mesmo o ateísmo da influencia científica e filosófica dos últimos tempos.

Formas sincréticas aparecem, então, como representação da evolução das vivências em cada religião. Não são impurezas que se cristalizam, são tendências que se mostram vencedoras. E isso aconteceu nas diversas fases das religiões que se abrigaram no Brasil.

Por isso, o sincretismo não é outra coisa senão história. Negar o sincretismo, como fizeram muitos afro-brasilianistas de Bastide em diante, afirmando que o Catolicismo era só uma máscara da cultura africana, é negar a história. Além disso, ver o sincretismo como um problema estranho, que acontece apenas em casos peculiares, como as religiões afro-americanas, não deixa espaço para reconhecer que o tipo de práticas percebidas como sincréticas responde a um padrão da apropriação cultural, da “estrutura da conjuntura”, que é absolutamente comum em qualquer lugar ou tempo histórico. (SANZI, 2009, p. 154).

Essa esponja cultural, no entanto, não transforma tudo em sincretismo. Há aqui aquelas religiões que conseguem se manter razoavelmente incólumes ao assédio de novos

³⁹ *Nubuwwah* significa "missão profética". Significa que o deus apontou profetas e mensageiros perfeitos para ensinar a deuses da humanidade a religião.

movimentos, convivendo com aquelas que vivem de um mimetismo religioso-cultural, adaptando-se, para sobreviverem, aos princípios dominantes da cultura nacional, não sem tingir seus tecidos teológicos com as cores de suas concepções originais. Os velhos códigos dominantes têm a sua supremacia quebrada pela força da liberdade de pensar e crer e de se posicionar.

A ruptura do monopólio religioso não traz apenas mudanças para o campo religioso, mas, sobretudo, altera as representações da realidade. O ser humano moderno, ao olhar o mundo, já não absolutiza a dimensão religiosa e, portanto, observa a realidade fora dos limites impostos pelo modelo religioso medieval. (SANCHEZ, 2005, p. 41).

É certo que o modelo cristão predomina sobre as religiões no Brasil, mas isso se deve mais à filosofia aberta, humanista e pluralista do Cristo e de suas ideias do que a fidelidade à sua figura. São tantas as controvérsias sobre o que dele relatam os textos e as interpretações dos textos evangélicos que o Cristo se salva dessas interpretações pelos relatos de sua prática de virtude e amor ao próximo. Curiosamente poucos condenam o Cristo. O que se condena e se contrapõe é a interpretação humana de suas ideias. Mesmo muitos daqueles que se dizem portadores de uma revelação divina não agridem a sua figura, pelo contrário, tentam justificar como única e final, a interpretação que dão ao que ele disse.

O que se quer aqui justificar é que os princípios cristãos se coadunam com quaisquer condutas éticas e morais voltadas para o Bem e, portanto, fossem esses princípios atribuídos a qualquer outro personagem da história eles vingariam em boa parte das sociedades para as quais a ética, a justiça e o bom senso são importantes.

A iniciação cristã da maioria do povo brasileiro pode ser um dos fatores responsáveis pela coexistência razoavelmente pacífica das religiões, seitas e movimentos aqui existentes. A multiplicidade de origens étnicas, a vivência da democracia, a grande abertura que o Brasil dá e da qual usufrui no contexto mundial e as sobreposições que essas crenças fazem umas com as outras podem também explicar a ampla aceitação da liberdade de crença e a convivência, hoje, razoavelmente tolerante entre elas. Uma mentalidade mais ecumênica surge favorecendo um diálogo inter-religioso. A diversidade sempre existiu. A tolerância é que vem ganhando espaço. Embora o termo ecumenismo seja empregado como uma tentativa de diálogo entre as entidades cristãs, outras religiões veem na palavra ecumenismo uma visão pluralista de aceitação, no campo religioso, de todas as religiões.

Uma dificuldade visível é o ponto de vista pelo qual as religiões veem umas às outras. É sempre predominante a percepção das diferenças e não das semelhanças. É nas

diferenças que as religiões se entrincheiram destacando sempre para os seus fiéis aquilo em que não acreditam e condenam, e não aquilo que têm em comum. Isso se reflete na dificuldade de estabelecer uma tipologia para a classificação das religiões, pois “quanto mais complexo e rico o campo religioso, maior será a dificuldade do ponto de vista teórico para formular os instrumentos que possibilitem uma compreensão adequada dele”. (SANCHEZ, 2005, p. 104).

Por exemplo, o Espiritismo se considera uma religião cristã, porque alega seguir os preceitos morais e éticos de Jesus. Segundo a Federação Espírita Brasileira⁴⁰ dentre os livros doutrinários publicados pela sua editora, “o mais vendido é o *Evangelho Segundo o Espiritismo* - 3.878.000 exemplares.”. É um dos livros mais lidos pelos espíritas, que o utilizam para estudos nas casas espíritas e no culto cristão no lar⁴¹. Nesse livro, Allan Kardec cita e comenta sobre o Evangelho de Jesus, dando a interpretação espírita às passagens do Evangelho, como fazem as religiões cristãs em seus livros. No entanto, existe uma resistência enorme por parte das religiões cristãs tradicionais, no Brasil, em aceitar o Espiritismo como religião cristã. E isso se deve ao método e instrumento de medida pelo qual essa tipologia, “cristão”, é avaliada por elas.

Uma análise das práticas umbandistas poderia indicar que ela se aproxima mais do Catolicismo do que do Espiritismo. Dependeria dos critérios de comparação. Considerando a existência de sacerdotes, de ritos, de dogmas, de imagens, de santos, e de liturgia, a Umbanda está mais próxima do Catolicismo do que do Espiritismo. Considerando a prática mediúnica, a crença na reencarnação e a vida após a morte a Umbanda estaria mais próxima do Espiritismo.

Embora o mosaico religioso brasileiro seja bastante diversificado, fatores como clima, imigração, maior ou menor interesse das religiões hegemônicas, cultura local, condições de vida, níveis social e econômico distribuem as religiões com densidades diferentes nas diversas áreas do Brasil. Segundo o Censo de 2010 realizado pelo IBGE e considerando o percentual dominante de adeptos em cada região, a religião católica está mais fortemente presente no Nordeste, com 72,19% da população; o Protestantismo, no Norte (28,50%) e no Centro-Oeste (26,82%); as afro-brasileiras, no Sul (0,64%) e no Sudeste (0,38%); e, o Espiritismo, no Sudeste (3,38%) e no Centro-Oeste (2,29%).

⁴⁰ <http://www.febnet.org.br/site/livros.php>.

⁴¹ Reunião familiar, realizada nos lares espíritas que consta geralmente de uma oração de abertura, abertura ao acaso de uma página do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, comentários, prece de encerramento e passes.

Os fatores que influenciaram essa distribuição vão ajudar a explicar os fatores de expansão e retração do Espiritismo nas diversas regiões brasileiras. O predomínio de certas religiões em determinadas áreas é consequência de condições sociais, como nível de renda e escolaridade e, também, das tradições religiosas dessas áreas e os sincretismos que o campo religioso local pode apresentar.

Essa multiplicidade de organizações religiosas pode ser explicada em parte pelo trânsito que ocorre entre as denominações e, destas para novas formas de expressar as variações que o gosto popular elege como necessárias para as práticas religiosas. Uma religião, ou seita, pode gerar inúmeros outros movimentos religiosos pelas cisões e diferenças que podem surgir no trato com as propostas existentes. Novas propostas, novas religiões, novas migrações entre uma e outra.

Vida após a morte, reencarnação, pluralidade dos mundos habitados, comunicação entre o mundo material e o mundo espiritual, prática irrestrita da caridade segundo o modelo cristão: é com esse arsenal de propostas que o Espiritismo vai se inserir no campo religioso. E no Brasil, onde o campo religioso é bastante variado e complexo o Espiritismo vem se aclimatando, mercê da própria matriz religiosa brasileira, bastante influenciada pelas crenças na espiritualidade e nas suas manifestações. As trajetórias da expansão do Espiritismo para além da França privilegiaram o Brasil. As ligações históricas e culturais entre o Brasil e a França se constituíram, no final do século XIX e começo do século XX, no veículo de implantação da Doutrina Espírita em solo brasileiro. Uma estrutura religiosa vai despontando a partir da investigação inicial com um conteúdo filosófico, ético e de moral cristã, bem palatável para a cultura brasileira. Um país que não teme os espíritos, nem suas manifestações, mas convive diuturnamente com eles.

No próximo capítulo vai-se estudar o fenômeno da conversão, a fé, a receptividade à religiosidade em diversas fases da vida, como forma de compreender os motivos de uma conversão. Esses estudos irão facilitar o entendimento e a construção da própria pesquisa, em que os depoimentos fornecidos por pessoas de diferentes condições sócias e vindas de diversas religiões para o Espiritismo expõem suas motivações para a sua conversão à Doutrina Espírita.

Cap. 4 – A CONVERSÃO RELIGIOSA.

Introdução.

Sendo a religiosidade um fenômeno recorrente ao cotidiano da atividade humana, ela é como um atributo do estado superior do ser humano dentro da escala evolutiva. Representa uma necessidade de equilíbrio perante as desestabilizadoras circunstâncias da dor, morte, destino, fenômenos sobrenaturais, etc., que se apresentam na vida (TERRIN, 2003). A adoção de uma religião implica aspectos diversos que vão desde a situação econômica e social, passando pela tradição, pela escolha familiar, até a aproximação com o maravilhoso ou com o sobrenatural. A escolha de uma religião depende, também, das possibilidades de acesso que cada um possa ter aos diversos tipos de cultos e crenças, e de sua capacidade de analisar qual delas satisfaz suas necessidades íntimas. Uma religião é um sistema solidário de crenças seguitas e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem. (DURKHEIM, 1989, p. 79).

A maioria das pessoas “já nasce” inserida em um contexto religioso, onde os pais procuram encaminhar seus filhos para suas crenças, habituando-os ao pensar daquela religião e até mesmo criando barreiras para que a criança ou, jovem, não tenham acesso a outras religiões. Em muitos credos, durante a infância e adolescência, são inseridas cerimônias de confirmação do credo, para que a pessoa reconheça-se e seja reconhecida como um integrante daquele grupo religioso. Nesse caso, fica fortalecida uma convicção religiosa que, num primeiro momento representa o universo de opções da criatura e vai acompanhá-la pelo resto da vida, a menos que uma circunstância especial as modifique.

A ação religiosa ou magicamente motivada é, ademais, precisamente em sua forma primordial, uma ação racional, pelo menos relativamente: ainda que não seja necessariamente uma ação orientada por meios e fins, orienta-se, pelo menos, pelas regras da experiência. (WEBER, 2004, p. 279).

Se houve a mudança nas convicções, ou dúvida nas anteriormente adotadas, o indivíduo pode se sentir levado a procurar outras crenças onde encontre uma base espiritual com que mais se identifique, independentemente de qualquer juízo de valor que se possa fazer sobre a nova crença ou sobre a crença anterior. Quando a migração ocorre, e um mínimo de certeza já existe sobre a escolha realizada se diz que ocorreu uma conversão. “Chamo

conversão ao complexo processo pelo qual uma pessoa deixa uma religião na qual esteja socializado e que tenha praticado com maior ou menor fidelidade, e decide abraçar outra” (KAN, 2000, p. 103). Cada pessoa vivencia a sua conversão a seu modo, tendo em vista o ambiente em que vive e a capacidade maior ou menor de absorver o conjunto de conhecimentos ou práticas da nova crença. “Toda religião é sempre, com efeito, um evento singular, particularíssimo, imprevisível e inesperado, que continua pelo menos de início, enigmático também para aquele que nela está envolvido diretamente.” (SALATI, 1999, p. 120).

Não cabe aqui questionar qual crença pode ser considerada ou não uma religião. Isso já vem sendo discutido exaustivamente pelos teóricos do assunto. Usaremos o termo religião para indicar qualquer crença devotada à veneração de uma divindade ou figuras notáveis e mesmo àquelas crenças apenas voltadas para o culto do espiritual, do transcendental. “Se nos pedissem para caracterizar a vida da religião no sentido mais amplo e mais geral possível, poderíamos dizer que ela consiste na crença de que existe uma ordem invisível e que o nosso bem supremo reside em ajustarmo-nos harmoniosamente a ela.” (JAMES, 1991, p. 44).

A religião envolve o ser humano pelo seu aspecto transcendental, isto é, pelas circunstâncias da vida que dizem respeito ao lado espiritual que existe em todos nós. Como existe um infindável número de religiões há, também, um infindável número de razões pelos quais cada ser humano escolhe a sua. Num primeiro momento, durante a infância, a adoção de uma religião é inconsciente. Na maioria dos casos ela é escolhida para nós e não por nós. Isso porque, na maioria dos casos a religião já faz parte do ambiente em que nascemos e já estava adotada pela nossa família ou pelo nosso grupo social. Muito antes de nos declararmos, “somos declarados” desta ou daquela religião pelos nossos pais ou pelo nosso grupo social.

A construção das identidades religiosas está intimamente relacionada, não apenas com o novo grupo religioso ao qual se integra o indivíduo, como também com a sua origem familiar, o tipo de sociedade, região cultural e sua posição social e econômica na sociedade, com respeito a outros setores sociais. (KAN, 2000, p. 127).

Esse sentido de religiosidade que influencia o indivíduo e o posiciona perante os outros indivíduos, reconhecendo e sendo reconhecido como participante de uma crença comum o acomoda. Seguro dentro das suas necessidades interiores e dentro da sociedade que o acolhe, sua tendência é permanecer fiel à sua crença. Até que uma ocorrência, um acontecimento trivial ou importante ameace esse estado de equilíbrio e o indivíduo passe a estar vulnerável a uma mudança de convicções. Nos nossos tempos, diferentemente do que

ocorria em séculos anteriores, há um questionamento permanente de todo o *status quo*. A humanidade passou por revoluções na cultura e no pensamento que abalaram as suas convicções, revelando a necessidade de propostas mais racionais, inclusive no campo das religiões.

É como acordar numa manhã e encontrar um mundo que não é mais o de sempre, familiar, conhecido. É assim que ocorre e está ocorrendo no mundo religioso a respeito de nossas tradições, de nossos códigos convencionais estabelecidos e consolidados por toda uma tradição. O mundo religioso era uma parte das nossas esperanças, das nossas conquistas históricas, tradicionais, culturais; até essa porção de mundo agora está mudando e está se transformando com uma aceleração insuspeitada. (TERRIN, 2003, p. 347).

Esse clima de mudanças e de suspeitas do estabelecido enseja migrações nas convicções das pessoas. Uma realidade científica abalou nos últimos quinhentos anos o significado da palavra certeza. A própria *Teoria da Relatividade*, de Einstein, passou a considerar tudo como apenas uma probabilidade, limitada no espaço e no tempo. O acesso a novas ideias facilitado pelo rompimento das barreiras de comunicação e de informação, aliado à melhoria do senso crítico vindo da evolução e da experiência pessoal e coletiva favorecem a relação dos fiéis de uma religião com outras perspectivas para a solução dos velhos problemas explicados pelas religiões. Tudo isso parece oferecer um largo campo para a mudança de religião, em que esse trânsito se processa com mais diversidade e facilidade quanto maior o contato do indivíduo com a multiplicidade de opções religiosas. Neste capítulo vai-se estudar o fenômeno da conversão considerando alguns elementos do seu universo: a fé, a religião, a experiência religiosa.

4.1 A Fé como experiência pessoal.

Fé é uma palavra frequentemente usada em todas as línguas e com múltiplas interpretações, variando do simples conceito de confiança em alguma coisa, até um conceito de crença, religiosidade ou conjunto de convicções. Com lembra Paul Johannes Oskar Tillich (1886–1965), “difícilmente haverá alguma palavra na linguagem religiosa - seja ela erudita ou popular - que tenha sido mais incompreendida, distorcida e mal definida do que a palavra “fé”.” (TILLICH, 1996, p. 5). A dificuldade de se definir a fé pode ser oriunda ao mesmo tempo da força que a palavra fé possui e dos inúmeros contextos aos quais ela se aplica, exigindo que ao lado dela sempre se junte um texto que a coloque no seu universo de aplicação. Tillich procura definir a fé como um estado da alma, como “estar possuído por

aquilo que nos toca incondicionalmente” (TILLICH, 1996, p. 5). Essa definição exige um contexto que se aplica ao sentimento humano ligado à espiritualidade, à esperança, à paz, e até certo modo ao arrebatamento. É a fé que “mexe” com o indivíduo, que o faz experimentar a vida de uma forma diferente. Essa fé, definida por Tillich, é uma experiência que envolve a pessoa como um todo e passa a reorientar a sua maneira de ver a vida.

Os indivíduos buscam ter fé, tendo em vista encontrar uma força interior que os mantenham perseguindo seus objetivos diante de adversidades. É quando a fé se faz necessária - uma fonte de energia para os esforços produzidos para manutenção do empuxo na direção do que se deseja conquistar ou manter. “A fé em ação, é sentir o poder da força espiritual de onde ela emana impulsionando para a certeza da resposta do ato de crer.” (PEREIRA, 2003, p. 33). A fé, portanto, se fortalece ou se enfraquece na medida da resposta obtida. A fé vai compor como elemento de decisão na escolha da religião. A promessa evangélica de que a fé remove montanhas carece, para muitos, de resultados perceptíveis que se manifestem na medida em que sejam solicitados. Quando um indivíduo se diz possuído de fé, está confirmando um estado de confiança em que suas perspectivas de curto, médio e longo prazo se tornem realidade.

Quem tem fé, tem fé em algo. O objeto da fé na realidade é o mantenedor dessa fé. Estar perdendo a fé em determinada coisa ou pessoa, é estar avaliando que o objeto da fé não está fazendo retornar os benefícios esperados e, portanto corre o risco de ser abandonado por outras ofertas de melhor retorno. O ser humano parece oferecer a fé como um empréstimo, como uma oferenda que espera retribuição. Para isso, o indivíduo se sujeita a todos os mecanismos exigidos pelo objeto da fé - devoção, sacrifício, rito, etc. - aceitando agir dentro das exigências requeridas para obter o benefício desejado. É oportuno considerar que a fé não convive necessariamente com a razão, pois os mecanismos empregados pelo objeto da fé para retribuir o crente nem sempre são compreendidos. Por exemplo, uma graça que se alcança pela cura de uma doença. Mas, embora a fé possa prescindir da razão, não dispensa um mínimo de entendimento e conteúdo pelo qual o indivíduo tenta entender os processos de sua participação. “Não existe fé sem conteúdo que a preencha, pois a fé sempre se dirige a algo determinado. Por outro lado, é impossível assimilar o conteúdo da fé a não ser por um ato de crer.” (TILLICH, 1996, p. 12).

Para os espíritas a fé se baseia em uma convicção que se nutre de uma objetividade lógica e racional. Acreditar no que o bom senso considere viável. É o que eles chamam de *fé raciocinada*. “À fé é preciso uma base, e essa base é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer; para crer, não basta ver, é preciso, sobretudo, compreender” (KARDEC, 2004, p.

242). Essa conexão entre o crer e o compreender exige dos postulados espiritismo uma certa coerência, mais ainda, uma estrutura de argumentos mutuamente apoiada que expliquem as diversas dúvidas dos seus fiéis. Os espíritas afirmam que o Espiritismo não possui dogmas, dessa forma, constroem sua teologia nas informações fornecidas pelos espíritos, mas filtradas pelo que o bom senso possa aceitar. Ao afirmarem que Deus existe, os espíritas se firmam em construções lógicas de causa e efeito que levam à crença de um Deus.

No capítulo primeiro, da primeira parte do *O Livro dos Espíritos*, um subtítulo apresenta as *Provas da existência de Deus*. Logo na pergunta de número 4, das 1019 perguntas do livro, pode se ler: “Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus? - “Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá.”” (KARDEC, 1994, p. 52). Kardec ainda apresenta uma definição de fé, que se tornou um dístico da Doutrina Espírita: “Não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade”. (KARDEC, 2004, p. 242).

4.2 A Fé como crença.

Pessoas também dizem ter uma fé quando se referem a uma religião ou conjunto de crenças com as quais se sentem confortáveis. Ainda aí se percebe uma acomodação entre o que cada um espera de um conjunto de conceitos ou proposições dentro de qualquer contexto religioso e as respostas oferecidas. Nesse particular, o nível de satisfação de cada indivíduo vai depender do que pode compreender ou aceitar dentro das propostas oferecidas. Não aceitar as ideias de uma certa religião pode significar que o nível intelectual ou de experiência da vida do indivíduo seja mais exigente para com as explicações oferecidas. Para uma pessoa “civilizada” as explicações de origem do mundo oferecidas pelas concepções aborígenes da criação podem ser muito pobres e, ainda que simbólicas, podem não encontrar lugar no conjunto de conhecimentos já consolidados por aquela pessoa.

A crença, pelo menos em contextos religiosos, surge do esforço de traduzir experiências da transcendência e relações com ela em conceitos ou proposições. A crença pode ser um dos modos pelos quais a fé se expressa. Porém, ninguém tem fé em uma proposição ou conceito. A fé, ao contrário, é a relação de confiança em, e de lealdade ao transcendente a respeito do qual se forjam conceitos ou proposições - crenças. (FOWLER, 1992, p. 21).

Esse conjunto de conceitos, ideias e valores que compõem a crença só se configuram em uma fé quando se tem considerável confiança de que esses elementos sejam verdadeiros. Um indivíduo pertencente a qualquer religião pode ter maior ou menor fé nos princípios dessa religião de acordo com o grau de confiança que esse indivíduo tenha nessa religião. Assim, o conceito de fé pode ultrapassar o conceito de crença, quando a confiança nas propostas oferecidas é plena ou satisfaz plenamente as necessidades do crente.

4.3 Obstáculos da fé.

Um dos maiores obstáculos da fé é a dúvida. Se a fé é a confiança em alguma coisa, a dúvida é a sua negação. A fé dos indivíduos está baseada na menor ou maior certeza do que acreditam. Mas, o ser humano muitas vezes está disposto a aceitar apenas parte do que lhe é proposto, ignorando a outra parte que não lhe parece convincente. É um processo de aceitação e tolerância em que o indivíduo negocia consigo mesmo até que ponto aceitar ou rejeitar, e até que ponto o conjunto de elementos aceitáveis não compromete a fé na instituição ou pessoa. Assim, a dúvida convive com a fé, na medida em que o indivíduo se dispõe a aceitar “em prioridade” algumas coisas, apesar de não ter certeza de outras. Por exemplo, podem-se aceitar as teorias sobre as qualidades de Deus, rejeitando-se as teorias sobre sua essência, origem uma mesma natureza. Acreditar em como Deus se manifesta pode ser mais importante do que saber e acreditar no que Deus é.

A proposta religiosa pode vir através de um intermediário representado por um indivíduo, um grupo de indivíduos, um livro, ou um acontecimento. Nesse caso, parte da confiança expressa pelo indivíduo depende não apenas dos princípios em si, mas da credibilidade do intermediário. Esse intermediário não deve estar sob suspeita, sob pena de comprometer a mensagem que intermedia. No campo religioso, as propostas devem parecer emanar de uma autoridade suprema sobre a qual os indivíduos depositam a sua confiança última. Assim, na maioria das religiões se procura revestir o intermediário de uma aura divina ou o mais próximo possível da autoridade suprema. Esse fato remete à concepção weberiana desse intermediário que, ou possui carisma suficiente para manter-se como tal ou se reveste da autoridade concedida pela organização (mago e sacerdote). Ainda segundo Weber, não apenas o intermediário deve mostrar o seu valor, mas também a autoridade suprema, pois, “assim como o mago tem de provar seu carisma, o deus tem que provar o seu poder”. (WEBER, 2004, p. 296). Em diversos episódios da história das religiões o crédito de algumas

instituições religiosas se viu abalado por falhas éticas e morais dos seus intermediários, quase sempre relacionados ao dinheiro ou pecados bem mais significativos.

Outros obstáculos da fé são a coerência ou a validade das suas propostas. Por coerência das propostas seja entendido a coexistência pacífica entre os diversos conceitos oferecidos pela religião. Essa coerência é tanto mais necessária quanto mais racional for a exigência de seus interlocutores. Por exemplo, ao afirmar que um deus é bom, para haver coerência se faz necessário que todas as ocorrências em que esse deus se manifeste comprovem que ele é bom. Em muitas religiões as razões do deus podem ser obscuras, como quando se diz: “Deus escreve certo por linhas tortas”. Mas, dependendo do que esse deus faz, a aceitação e o respeito à sua bondade e justiça podem ser comprometidas. Por exemplo, quando fenômenos da natureza promovem a morte e o sofrimento de pessoas, podem pairar desconfianças sobre a sabedoria e bondade do deus que comanda esses fenômenos, principalmente quando esses eventos afetam os considerados inocentes, com as crianças.

Por validade das propostas seja entendido o conflito das propostas do discurso religioso com aquilo que outras áreas do conhecimento afirmam não ser possível. Por exemplo, a existência física de um céu e um inferno. Diversas tradições religiosas fixavam no espaço em torno da Terra a localização do céu, ou mesmo de diversos céus, bem como de um inferno ou diversos infernos. A noção de céu e inferno necessitou passar por uma virtualização para ser palatável para as mentes mais exigentes. Houve a necessidade de que algumas religiões transformassem a existência física do céu e do inferno em uma existência virtual, espiritual, não-física para que o princípio de sua existência não fosse derrubado pela constatação científica. Como a maioria das religiões se afirma a como a expressão da palavra divina, e esta divindade expressa sempre a verdade, essa coerência e validade não atendidas põe em cheque a origem divina da proposta o que, em muitos casos é motivo de dúvidas e defecções.

4.4 Fé e coletividade.

“A fé é um elemento relacional, triádico ou pactual em seu formato” (FOWLER, 1992, p. 26). James W. Fowler III (1940 -) propõe um esquema de descrição da fé como elemento relacional identificando três elementos: o eu (e), os outros (o), e os centros compartilhados de valor e poder (CCVP). Fowler usa o padrão pactual em uma família onde esses elementos se distribuem segundo os vértices de um triângulo. Os lados desse triângulo são compostos de flechas bidirecionais que caracterizam a troca de comunicação entre esses

elementos, em mão dupla. Como centros compartilhados de valor e poder, Fowler identifica a história familiar o conjunto de sinais de reconhecimento; a prioridade do que é satisfatório e insatisfatório; o que já está definido como valores do grupo e a sua apropriação e uso como forma de poder.

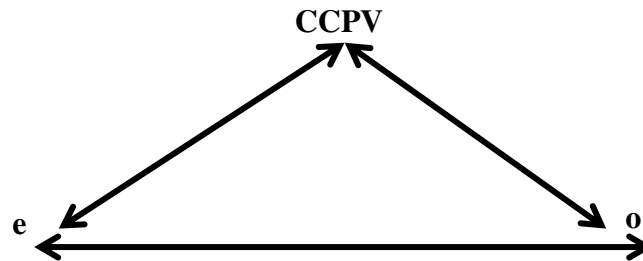


Figura 1 - Centros compartilhados de valor e poder
 Fonte: (FOWLER, 1992, p. 25).

Nessa instância, para Fowler, a fé é a confiança e a lealdade mútuas que coexistem e reforçam o relacionamento. Para ele, os indivíduos participam de múltiplas tríades relacionais em que cada vértice pode ser um ponto de contato com outras esferas de relacionamento. Por exemplo, os valores religiosos de uma família, como centro compartilhado de valor e poder pode ser o ponto de conexão com a comunidade religiosa a que essa família pertença. O “outro” pode ser qualquer um da família que pertença a outro grupo social, representando assim o elo que une a tríade familiar à tríade do grupo a que o “outro” pertence.

A fé pode fortalecer-se pela aproximação e contato com outros indivíduos que a expressem similarmente. Em uma reunião religiosa, com uma missa, a existência de muitas pessoas ali reunidas sob a mesma crença, dentro dos mesmos valores, faz com que cada indivíduo sinta sua fé mais reforçada, mais viva, como se uma carga de energia coletiva aumentasse o sentimento de fé de cada um individualmente. Essa percepção pode ser verificada em muitas manifestações coletivas sejam de caráter religioso, político, esportivo ou social. Se a crença é um importante elemento de agregação e identificação dos indivíduos, a fé, que é a energia que mantém a aderência à crença, pode ser potencializada, reforçada, e até mesmo modificada por um evento coletivo. Quantas não são as pessoas que dizem ter tido a sua fé fortalecida após participarem de procissões, marchas, comemorações, congressos, ou mesmo retiros espirituais? A presença em ambientes onde haja concentração de fiéis de uma determinada religião mexe com o estado emocional do indivíduo, pelo contato que esse indivíduo experimenta com esse tipo de força que essas reuniões exteriorizam. Pessoas que se sentem indecisas na escolha de uma religião podem se sentir fortemente estimuladas a aderir a uma crença só em participar de um evento com forte concentração de fiéis, onde a força do

coletivo desperta um sentimento de envolvimento, acolhimento, e principalmente, de convicção.

4.5 Os estágios da fé.

Fowler é o autor do livro *Os Estágios da Fé*, onde analisa a fé como resultado de um processo individual em desenvolvimento e onde apresenta interessante faseamento da manifestação da fé ao longo das etapas da vida humana. Nesse seu livro, Fowler simula um diálogo entre três personalidades no campo do estudo da psicologia e da evolução do processo cognitivo do ser humano.

Quero propor uma experiência imaginativa - uma discussão fictícia entre Lawrence Kohlberg, Erik Erikson e Jean Piaget. Considero Lawrence Kohlberg um bom amigo; trabalhei estreitamente com ele. Já me encontrei com Erik Erikson, ouvi-o fazer preleções, e dirijo um seminário sobre seu pensamento a nível de pós-graduação. Só conheço Piaget através de leituras razoavelmente extensas de seus escritos teóricos e autobiográficos, bem como de vê-lo em filmes e fotos. (FOWLER, 1992, p. 43).

A intensão de Fowler era reconhecer as etapas do desenvolvimento humano estudadas por esses especialistas e de certa forma analisar a capacidade do ser humano em perceber e desenvolver a fé nas diversas etapas de suas vidas. A primeira pergunta que Fowler formula nesse diálogo é: “como vocês concebem a noção de estágio de desenvolvimento?”. Erikson, primeiro a responder, faz referência aos estágios psicossociais da infância, de Freud (oral, anal, edipiana, latência, etc.), para concluir que o seu entendimento do desenvolvimento humano está ligado fortemente ao desenvolvimento orgânico e funcional que se processa em etapas separadas por “crises” provocadas pela eclosão de “alterações corporais significativas, acompanhadas por crescimento emocional e cognitivo” que dão origem a novas posturas de responsabilidade e relacionamento.

Piaget, segundo a intervir, faz foco no seu modelo matemático e lógico, em que o desenvolvimento do indivíduo se manifesta em “estágios cognitivos que são lógicos e empiricamente sequenciais e invariáveis” acionados pelas suas experiências em cada momento e ambiente. Segundo Piaget, o processo se desenvolve em estágios sucessivos de assimilação e acomodação. Kohlberg reconhece o desenvolvimento por estágios e acrescenta que esse desenvolvimento se processa num modelo de hierarquização em que cada estágio catapultava o próximo, também em “sequências, vindo um após o outro, em uma forma

logicamente necessária; e a sequência é invariável. Não se pode pular um estágio.” (FOWLER, 1992, p. 47 a 51).

A capacidade de perceber a fé, em si mesmo e nos outros, depende da maturidade física e mental e da experiência de vida. Uma criança muito pequena se não tiver o cuidado e o carinho da mãe desde os primeiros dias irá, segundo Fowler, retardar o seu sistema de referência e confiança e, portanto, de fé. Os estímulos que para essa criança seriam capazes de fazê-la perceber a aproximação, o carinho e a comunicação com a figura materna, nesse caso, não se apresentariam amadurecidos, tanto quanto em uma criança que recebesse essas atenções. Esse atraso no amadurecimento da percepção do carinho da mãe, ainda segundo Fowler, irá ter reflexos nas outras etapas do seu desenvolvimento, inclusive em outras esferas de desenvolvimento e em outros ambientes de relação, como por exemplo, com o ambiente religioso. “Conforme o professor Erikson apontou, as “oito eras” do ciclo da vida por ele preconizado correlacionam-se estreitamente com a maturação biológica e a idade cronológica”. (FOWLER, 1992, p. 50).

Fowler, a partir daí, propõe lidar com as divisões tradicionais das eras de desenvolvimento: lactância, primeira infância, infância, adolescência, jovem idade adulta, idade adulta e maturidade. Essas etapas, segundo esse seu estudo, oferecem razoável similaridade com as etapas que ele sugeriu, de percepção ou atuação da fé na vida das pessoas. O quadro, abaixo, apresenta o que seriam paralelos ideais entre os estágios do desenvolvimento humano para Erikson, Piaget e Kohlberg.

Eras e idades	Erikson	Piaget	Kohlberg
Lactância (0-1,5)	Confiança Básica <i>versus</i> Desconfiança Básica (Esperança)	Sensório-Motora	-
Primeira Infância. (2-6)	Autonomia <i>versus</i> Vergonha e Dúvida (vontade)	Pré-operacional ou Intuitiva	
	Iniciativa <i>versus</i> Culpa (Propósito)		Nível Pré-Convencional 1. Moralidade Heterônoma
Infância (7-12)	Indústria <i>versus</i> Inferioridade (Competência)	Operacional Concreta	2. Troca Instrumental
	-	-	Nível Convencional 3. Relações interpessoais Mútuas

Adolescência (13-21)	Identidade <i>versus</i> Confusão de Papéis (Fidelidade)	Operacional Formal	-
Jovem Idade Adulta (21-35)	Intimidade <i>versus</i> Isolamento (amor)	-	4. Sistema Social e Consciência
	-	-	Nível Pós-Convencional, baseado em princípios. 5. Contrato Social, Direitos Individuais.
Idade Adulta (35-60)	Geratividade <i>versus</i> Estagnação (Cuidado)	-	6. Princípios Éticos Universais.
Maturidade (60 -)	Integridade <i>versus</i> Desespero (Sabedoria)	-	-

Quadro 1 - Estágios do desenvolvimento humano: paralelos ideais

Fonte: (FOWLER, 1992, p. 52).

Fowler percebeu que as fases delineadas pelos seus interlocutores (Piaget, Erikson e Kohlberg) eram limitadas por crises, ou acontecimentos de transição. Procurando se adaptar às divisões já estabelecidas, estabeleceu um vínculo entre as fases do desenvolvimento humano e as fases de evolução ou de caracterização da fé. Para ele, desde a lactância o ser humano começa a desenvolver a sua fé, pela maneira como percebe os agentes do meio ambiente que se relacionam diretamente com ele e suas necessidades.

Todos nós começamos a peregrinação da fé quando bebês [...] Se não há colo, balanço ou estímulos de comunicação suficientes, nossas capacidade adaptativas para relacionamento e vínculos amorosos podem ser retardadas severamente ou mesmo não ativadas [...] Se a qualidade e consistência de nossa alimentação e higiene forem inadequadas e se não houver uma (ou mais) pessoas com quem possamos manter um relacionamento complementar confiável de mutualidade, nossa confiança no mundo e em nós mesmos pode ser desequilibrada por desconfiança e desespero infantil. (FOWLER, 1992 p.29).

4.5.1 As variedades das formas da fé.

A fé indiferenciada. A fase da lactância, na realidade um pré-estágio, foi chamado por Fowler de “fé indiferenciada”, onde a criança condiciona a sua confiança pelas sensações de aconchego ou abandono. “A transição ao estágio 1 começa com a convergência do pensamento e da linguagem, abrindo o caminho para o uso de símbolos na fala e nos jogos rituais” (FOWLER, p. 107). Pesquisas recentes revelam que a criança, já dentro do ventre materno capta impressões do mundo exterior, identificando, desde aí, as vozes dos familiares, reagindo de forma automática às situações emocionais da mãe.

A fé intuitivo-projetiva. Na próxima fase, a da primeira infância, a criança já domina a fala e começa a classificar o mundo que a cerca entre coisas próximas e afastadas e as que lhe trazem conforto ou desconforto. Falta-lhe a lógica indutiva e dedutiva, o que a faz responder os questionamentos associando os poucos conhecimentos que tem sobre o mundo numa “juntada” que para elas é suficiente. Fowler chamou esse estágio de “intuitivo-projetiva”. Nessa fase, a criança intuitivo-projetiva “usa as novas ferramentas da fala e representação simbólica para organizar a sua experiência sensorial transformando-a em unidades de sentido” (FOWLER, 1992, p. 108). A criança desenvolve nessa fase uma ou mais imagens de Deus, com ou sem instrução religiosa. A ideia de Deus para ela se junta a tantas ideias simbólicas ou fantasiosas que ele povoa o seu mundo psíquico íntimo.

A fé mítico-literal. Para atingir a próxima fase é necessário o surgimento do pensamento operacional concreto. Essa nova fase, a da infância transforma a criança num empirista. Aprende a distinguir o real do que apenas aparenta ser. “Pode fazer inferências acerca dos relacionamentos de causa e efeito que ligam dois “estados de coisas” e pode reconstruir passos intermediários plausíveis no processo, a fim de testar e refinar as suas inferências” (FOWLER, 1992, p. 118). O estágio da fé correspondente é o da “fé mítico-literal”. Nesse estágio o indivíduo começa a assumir para si as histórias, crenças e observâncias que fazem parte das crenças de sua comunidade. A fé nessa fase se baseia em conceitos de reciprocidade. A imagem de Deus, ainda antropomórfica, se desligou das associações com os pais ou adultos, tem existência por si. A lógica na compreensão da religião ou das crenças está ligada a uma narrativa que se explica a si mesma. Não é importante a noção de tempo e de espaço. É como o “era uma vez” dos contos infantis onde apenas “saber que aconteceu” é suficiente para se crer no “que aconteceu”.

A fé sintético-convencional. A próxima fase corresponde à adolescência. Fowler a classifica como “sintético-convencional”. Na transição da fase anterior para essa, um senso crítico especial se faz sentir. “Papai Noel não existe, me enganaram!”. A desconfiança que a quebra de mitos gera no agora adolescente, o faz questionador de tudo o que lhe foi dito. O relacionamento com mais pessoas e a necessidade de um diálogo mais “fundamentado” apura esse senso crítico e o faz pensar na estrutura conceitual da crença que professa. Um forte sentimento de pertença a grupos aos quais se identifica faz o adolescente aderir às ideias, crenças e descrenças desses grupos. Essa identidade se faz presente na forma de vestir, na forma de falar, na maneira como se comporta e no esforço que faz para pertencer à determinada “tribo”. Os conceitos religiosos, se fortemente implantado nas fases anteriores, pode subsistir, desde que ultrapasse o aspecto dogmático. “É porque é” não é resposta para

essas questões. O jovem dá mais valor à sinceridade no reconhecimento da falta de argumentação na qual se fundamenta o argumento religioso, do que à crença imposta, simplesmente. Em relação à fé, o adolescente constrói um argumento próprio para aplicar aos seus questionamentos. Acredita mais em si mesmo do que nos outros, mas pode emprestar aderência a mitos, ídolos, ideologias que lhes pareçam mais simpáticos e coerentes.

A fé individuativa-reflexiva. Na fase subsequente, a jovem idade adulta, os valores da vida de sobrevivência têm mais peso em relação a temas transcendentais. A vida cobra do indivíduo as soluções que ele está pronto a dar, com base em suas experiências anteriores. Corresponde ao estágio 4 de Fowler: o da fé “individuativa-reflexiva”. O indivíduo se encaixa no sistema social a que pertence. Ajusta-se para poder agir na comunidade e ser reconhecido por ela. Livre das imposições dos pais e do sistema religioso escolhe opções de crença que lhe sejam mais favoráveis e úteis. Pode se impor ou ceder de acordo com interesses que não são necessariamente filosóficos.

A força ascendente do estágio 4 tem a ver com sua capacidade de refletir criticamente sobre a identidade (eu) e a perspectiva (ideologia). Seus perigos são inerentes às suas forças: uma confiança excessiva na mente consciente e no pensamento crítico, e uma espécie de segundo narcisismo no qual o eu, agora claramente delimitado e reflexivo, assimila excessivamente a realidade e as perspectivas de outros em sua própria cosmovisão. (FOWLER, 1992 p.154).

A fé conjuntiva. Na próxima fase, a idade adulta, o indivíduo tem consolidada a maioria das bases de sua vida, no sentido de que suas experiências o colocam em uma posição no sistema na qual é localizado e referenciado. As pessoas sabem onde está, o que faz, quais as suas funções e importância. Ele tem noção de sua posição e tem conflitos entre o mudar e o permanecer, onde o permanecer geralmente ganha. Isso ocorre não porque seja covarde ou tímido, mas porque suas conquistas pesam na análise de risco de uma mudança. Essa é fase a que Fowler associa a “fé conjuntiva”. É uma fé de acomodação (não negativa) porque compreende que não pode mudar algumas crenças sem ferir a estrutura em que vive. Guarda então para si seus questionamentos para não abalar sua posição conquistada tão dificilmente. A fé conjuntiva é mais flexível e aceita outras posições sem confrontação, não porque não tenha argumentos para refutá-las, mas porque aprendeu a respeitar um pouco mais opiniões diferentes. Esse fato pode facilitar que aceite crenças novas, no íntimo. É quando passa a ter crenças “alternativas”. Consegue, até, construir um “manual particular” onde justifica suas atitudes e crenças sem confrontos.

A fé conjuntiva do estágio 5 implica a integração, no eu e na própria perspectiva, de muita coisa que foi suprimida ou não reconhecida no interesse da autocerteza e da consciente adaptação cognitiva e afetiva à realidade, próprias do estágio 4. [...] Incomum antes da meia-idade, o estágio 5 conhece o sacramento da derrota e a realidade do comprometimento e atos irrevogáveis. Aquilo que o estágio anterior se esforçou para esclarecer, em termos das fronteiras do eu e da própria perspectiva das coisas, este estágio torna agora poroso e permeável. (FOWLER, 1992, p. 166)

A fé universalizante. Finalmente, ao estágio 6 Fowler associa à maturidade tardia. Nem todos atingem esse estágio porque se assemelha a uma fé ideal. Fowler considera representantes da perspectiva desse estágio, Gandhi, Luther King, Madre Teresa de Calcutá. É o estágio da fé universalizante. Nesse estágio a fé ultrapassa o convencionalismo o ritualismo, o formalismo. Há algo de intelectual na compreensão e no entendimento da religião. Intelectual, porque exige uma lógica transcendente que muito poucos possuem. “O intelectual, por caminhos cuja casuística chega ao infinito, procura dar a seu modo de viver um sentido coerente, portanto, uma unidade consigo mesmo, com os homens, com o cosmo”. (WEBER, 2004, p. 344). Creem em “algo” que existe além das coisas materiais, não por argumentos particulares desta ou de outra crença, mas porque esse “algo” é sentido interiormente e não precisa ser materializado, corporificado, "antropomorficado". Brota de dentro para fora e emerge fruto de uma conscientização de que cada indivíduo faz parte de um trabalho, de uma missão a que ele se submete com prazer, pacificamente. Sente Deus e sente que o seu Deus é igual a todos os deuses de todos os homens, enquanto sistema protetor e motivador do Bem. Crê no futuro, porque confia que sua divindade já superou os obstáculos para o sucesso, bastando ao homem compor com essa orquestração divina para cumprir o seu destino. Suas ações motivam os outros e “transferem” a fé àqueles que imergem em seu mundo, em sua compreensão da finalidade da vida.

Essas pessoas corporificam uma abertura custosa ao poder do futuro. Elas concretizam a sua promessa, criando zonas de libertação e enviando ondas de choque para chacoalhar as jaulas que nós permitimos que constriam a futuridade humana. A sua confiança no poder desse futuro e o seu amor transnarcisista pela futuridade humana explicam a sua disposição de gastar e ser gastas na concretização do Reino. (FOWLER, 1992, p. 177).

4.6 As etapas de Fowler.

Para Fowler a conversão tem a ver com “mudanças no conteúdo da fé [...] é uma repentina e significativa transformação das lealdades, dos padrões de vida e do foco de energia de uma pessoa” (FOWLER, 1992, p. 231). Pode, portanto ocorrer em qualquer um

dos estágios da fé. Segundo ele, as mudanças de assumem geralmente as seguintes características (FOWLER, 1992, p. 234):

Mudança de estágio sem mudança conversional – é quando a pessoa progride através dos níveis de sentimento em relação à sua fé, mas não muda de religião, às vezes pelo contrário, fortalece suas crenças adaptando-as ou reinterpretando-as segundo, ainda, os padrões de sua religião;

Mudança conversional, sem mudança de estágios da fé – é quando a pessoa está estabilizada em um dos estágios da fé e em razão das características desse estágio, muda de crença. Por exemplo, na adolescência, quando o jovem, dentro do seu estágio de fé, típico de posicionamentos críticos, abraça nova crença e continua a perceber e exteriorizar sua fé da mesma maneira;

Mudança conversional que precipita uma mudança de estágio de fé – é quando o indivíduo adere a determinadas ideias que o fazem pensar diferente e expressar de forma diferente seus padrões de crença. Por ter conhecido determinada ideologia, passa a pensar sua forma de crer de maneira diferente;

Mudança de estágio de fé que precipita mudança conversional – é quando por maturidade, por crise, por alteração do seu modo de sentir e perceber as coisas, naturalmente se posiciona em um novo estágio da fé, que o conduz a uma nova crença;

Mudança conversional que se correlaciona e anda de mãos dadas com a mudança de estágio estrutural – por estágio estrutural vamos entender ao conjunto de características que abrigam um nível de fé (idade, nível social, condições físicas, psíquicas, ambiente social, etc.). Isto é, existe uma arquitetura que suporta um determinado amadurecimento da fé. As mudanças nessa estrutura podem gerar uma mudança de religião ou de crenças. Quando o adulto passa a “sentir” Deus têm uma fé em estágio diferente de uma criança que ainda formula a imagem divina como uma entidade antropomórfica, identificada com a imagem de seus pais;

Mudança conversional que impede ou ajuda a pessoa a evitar a dor das mudanças de estágio da fé – ocorre quando a pessoa muda de religião para conseguir se livrar de um processo de culpa ou para corrigir o rumo de sua salvação. Por exemplo, quando começa a perceber o peso da responsabilidade de seus atos e procura uma religião onde, pela conversão ou prática de pequenos sacrifícios obtém o perdão ou diminuição de sua culpa.

O estudo feito até agora nos permite sugerir um mensuramento nos níveis de fragilidade da fé, baseados na vulnerabilidade de cada estágio. Se cada etapa sugerida por Kohlberg, Piaget e, Erikson revela capacidades em relação ao desenvolvimento da fé, também

permite uma análise da fragilidade da fé presente nessas fases. Ao mesmo tempo em que o nível de desenvolvimento pode envolver uma fé inabalável, por exemplo, no caso da criança que no primeiro estágio percebe como totalmente crível e confiável, tudo o que lhe transmitem os pais, ao mesmo tempo, o conteúdo daquilo em que essa criança deposita a sua fé é totalmente dependente do transmissor que dela se aproxima - mudando o pai, ou o cuidador, pode-se mudar todo o conteúdo de valores e poderes que a criança já possa ter adquirido, não sem uma sensível percepção da mudança que pode influenciar futuras etapas de desenvolvimento. Não é exagerado dizer que as primeiras experiências profundas de mutualidade (ou seu fracasso) que a criança faz no primeiro ano de vida fornecem uma proporção inicial entre confiança e desconfiança que sustenta a sua passagem para os desafios de estágios subsequentes. (FOWLER, 1992, p. 55).

4.7 Níveis de vulnerabilidade.

Necessário lembrar, que a fé é essencialmente um fenômeno individual na medida em que cada indivíduo tem percepções absolutamente particulares sobre as suas experiências e “como a fé é manifestação do sentimento daquele que crê, ela é a manifestação do sentimento daquela pessoa exatamente como ela é: é a sua fé”. (PEREIRA, 2003, p. 43). Assim, em cada etapa da vida o indivíduo tem maior ou menor facilidade de afiliação ou desfiliação religiosa, bem como em cada fase de sua existência, o ser humano pode ver com mais simpatia esta ou aquela proposta religiosa.

Eras e idades	Estágios da Fé (Fowler)	Índice de Probabilidade de Conversão ⁴²
Lactância (0-1,5)	Pré-estagio	-
Primeira Infância (2-6)	Intuitivo-projetiva	-
Infância (7-12)	Mítico-literal	-
Adolescência (13-21)	Sintético-convencional	2
Jovem Idade Adulta (21-35)	Individuativa-reflexiva	3
Idade Adulta (35-60)	Conjuntiva	2
Maturidade (60- ?)	Universalizante	1

Quadro 2 - Níveis de probabilidade de conversão

Fonte: do autor

A proposta acima é baseada na probabilidade de um ato de conversão. Os valores variam de 0 a 5: 0, representando nenhuma possibilidade de conversão, e total probabilidade de manter o “status quo”; 5, representando total possibilidade de conversão. Foram ignoradas as fases de Lactância, Primeira Infância e Infância, tendo em vista a baixíssima probabilidade de um ato voluntário de conversão.

Na próxima fase, a da adolescência, a probabilidade de conversão é abaixo da mediana e o nível de probabilidade de conversão sugerido, é 2. Embora o indivíduo já possua certa liberdade para decidir e seja característico dessa fase o confronto com as ideias e costumes, a religião ainda não é um assunto prioritário e que chame a atenção do indivíduo. Predominando o senso crítico exacerbado e baseado em contextos emocionais, o jovem se filia ao que lhe parece mais apropriado, com pouca resistência, no entanto, busca mudanças na vida afetiva e de relacionamento e se direciona para a conquista das coisas do mundo. É a primeira fase em que o indivíduo afronta a posição assumida pelo ambiente (pais, igreja, etc.) aderindo a nichos de crenças com que mais se identifique. Também aí, a sua identificação

⁴² Entende-se aqui a conversão como ato voluntário de escolha de uma religião.

com a nova tribo vai influenciar na sua escolha. Pode acontecer uma afiliação com movimentos religiosos para jovens. Ainda aí, sua escolha se baseia numa afiliação a um conteúdo vago, que o indivíduo defende com vigor, construindo uma argumentação de defesa das novas crenças adotadas sem profundidade. As juventudes hitlerista, maoísta, da TFP, integralistas podem ser bons exemplos da postura dos jovens quando defendem suas mudanças de valores..

Para a etapa da jovem idade adulta é sugerido um nível de probabilidade de conversão 3, tendo em vista que nessa fase o indivíduo tem a liberdade suficiente para escolher e assumir com muita liberdade a sua escolha. Embora o ambiente religioso em que está inserido possa representar uma dificuldade para a mudança de religião, é nessa fase que o indivíduo se completa e inicia o gozo de sua emancipação da pressão familiar, construindo o seu próprio mundo e passando a defendê-lo com mais segurança. A partir dessa fase o conteúdo passa a ter uma influencia cada vez mais decisiva. As propostas podem ser analisadas com um melhor senso crítico e a escolha pode ser mais racional.

Na próxima era, a da idade adulta, a vulnerabilidade sugerida é 2. As forças de acomodação e de conformação com o ambiente já começam a se expressar mais fortemente. Os núcleos de relacionamento do indivíduo já estão mais consolidados e uma mudança pode representar uma ruptura com a harmonia já conquistada. O amadurecimento e o autoconhecimento continuarão a influenciar suas escolhas e as experiências mais críticas da vida já o tornaram mais capaz de enfrentar de suportar dificuldades sem o apoio de uma religião. No entanto, nessa fase o indivíduo pode estar na busca de crenças definitivas que lhe tragam mais paz no atendimento de aspirações mais espiritualizadas que a dura rotina da vida, na fase anterior, dificultava alcançar.

A última etapa analisada dentro da proposta de Fowler é a maturidade. A probabilidade de conversão sugerida para essa fase é 1. A razão principal para a atribuição desse índice é porque nessa etapa a maioria dos indivíduos já tomou suas decisões relativas à crença. A maturidade deu ao indivíduo uma nova consciência da sua fragilidade física e ele perdeu um pouco do arrojo para enfrentar o ambiente e as mudanças. No entanto, surge aí um comportamento mais aberto de aceitação, sem ostentação, de propostas vindas de religiões diferentes da sua, que conserva como convicção pessoal, mas que não o motivam para uma mudança de ambiente. O indivíduo acredita que suas novas ideias encontram abrigo no seu coração sem gerar conflito com as suas práticas exteriores. A fé dessa fase é a fé universalizante, que mais tolerante, encontra verdades em todas as fontes, mesmo reconhecendo nessas fontes, os seus pontos fracos. A sensação de plenitude e o fato de que a

fé universalizante está “acima” das crenças, torna esse estágio um dos estágios com menos probabilidade de conversão.

De novo, esses níveis de probabilidade de conversão são apenas representações numéricas sugeridas do nível de facilidade que os estágios podem apresentar às mudanças de crença – conversão - podendo ser útil para se compreender a intensidade e a direção do esforço que deva ser dado na proteção dos grupos religiosos, frente ao contato com outras crenças, ou mesmo na conquista de novos seguidores. É útil, para este trabalho, para ajudar a compreender os dados oferecidos pela pesquisa.

4.8 As razões da mudança.

A resolução da mudança de religião frequentemente brota de dentro para fora. Esse novo estado de alma colide com as forças do ambiente que, por ter organizado a ordem social segundo seus ordenamentos considera dissidente, traidor, excluído todo aquele que não concorda com ela. “Ir contra a ordem da sociedade é sempre arriscar-se a mergulhar na anomia. Ir contra a ordem da sociedade como é legitimada religiosamente é, todavia, aliar-se às forças primevas da escuridão.” (BERGER, 1985, p. 52).

Em *Sectas o Iglesias*, livro onde Elio Masferrer Kan reuniu artigos de diversos autores sobre a influência das seitas nos movimentos religiosos mais tradicionais, encontramos uma análise interessante de Manuel M. Marzal sobre a “Conversão e Resistência Religiosa de Católicos populares do Peru aos Novos Movimentos Religiosos”, (KAN, 2000, p. 105), onde são apresentadas algumas razões da conversão sob o ponto de vista de convertidos e de analistas. Segundo o autor tanto o Peru atual como outros países da América Latina “se caracterizam por muitas conversões e por um certo nomadismo religioso”. Marzal inicia apresentando algumas razões para a conversão na opinião dos que mudaram de crença. Em primeiro lugar, analisa a questão sob o ponto de vista dos convertidos.

Encontro pessoal com Deus – propiciado pela crença de ter encontrado a Deus, tanto pelo contato com escritos sagrados, como pela prática de novas orações ou devoções. É a proximidade com a palavra de Deus que contagia e empolga o fiel para aderir à crença para a qual se transferiu;

Experiência de cura – propiciada pela obtenção de uma cura de enfermidade para si ou para seus entes queridos. Ocorre quando se faz uma relação próxima entre a cura de uma doença e um contato com a nova crença. Vincula um sentimento de gratidão e de dívida para

com a religião que livrou o indivíduo da enfermidade; e, associa à nova religião com um poder maravilhoso, capaz de ajuda-lo a superar todos os problemas.

Mudança nos padrões éticos – ocorre quando o indivíduo se sente um novo ser humano em contato com a nova religião. Percebe que ao adotar os procedimentos éticos e costumes do novo grupo se sente melhor e melhor acomodado nos seus questionamentos interiores. Geralmente acontece após o indivíduo cansar dos insucessos observados dentro de sua religião, também pela perda de confiança nos seus representantes. Suas inquietações não são amenizadas pela pregação de sua crença e nem essa crença parece ter “força” para demovê-lo de seus vícios. Ao transferir-se para outra crença experimenta novas sensações e estímulos para mudar e isso o indivíduo credita à nova religião;

O contato com novas revelações – ocorre quando o convertido conheceu novas práticas ou novas ideias sobre velhos problemas examinados e ensinados pela crença anterior. Normalmente vem de novas explicações para textos sagrados, em que o convertido continua a reverenciar os textos básicos de sua crença anterior, mas sob nova interpretação que lhe oferece mais segurança de salvação.

Sob o ponto de vista dos analistas, Marzal considera como importantes, os seguintes fatores na conversão:

Características da Seita – associação voluntária, ingresso por mérito, acesso seguro e exclusivo a Deus legitimado por uma revelação, forte sentido de identidade, alto nível de exigência, status de elite, boa organização e confiança nos líderes.

Aproximação e repúdio cultural do convertido – é uma atitude ambígua a que é submetido o convertido, em que a nova crença o chama para a conversão e o convida a repudiar as crenças anteriores.

Conversão no horizonte cultural moderno – é o conflito entre as velhas e novas ideias. A manutenção das velhas tradições tem dificuldade de se sustentar ante a argumentação das ciências, filosofias e crenças mais modernas.

Outra referência importante para o estudo da conversão é uma pesquisa realizada pelo Vaticano em fevereiro de 1984 onde se buscou “receber informações e indicações dignas de confiança para promover a ação pastoral e examinar novas linhas de investigação”. O documento aponta para as razões da difusão de seitas pela América Latina (KAN, 2000, p. 501), no que se refere às necessidades e aspirações dos convertidos:

Necessidades e aspirações:

A busca da pertinência – novas seitas oferecem calor humano, aproximação, sentido de comunidade, de pertença, compartilhamento de problemas e necessidades locais.

Busca de respostas – novas seitas oferecem respostas simples e adaptadas para os problemas e situações complicadas, dando versões particulares e simplificadas das verdades e valores tradicionais, uma espécie de teologia pragmática, alimentada por um sincretismo teológico proposto por uma nova revelação. Há o acesso a elementos sobrenaturais e chamamentos para a superioridade moral, além de apresentar abertura para a prática de tranSES, mediunidade, dominação de demônios, etc.

A busca da integridade (holismo) – é a necessidade de um reencontro consigo mesmo, com os demais e com sua cultura e contexto. Buscam um ideal religioso que se possa harmonizar sempre e em todo lugar. Querem ser salvos. A eles é oferecida uma experiência religiosa gratificante, salvação, conversão, um lugar novo para novas experiências e emoções e ajuda para o afastamento dos vícios e abatimentos.

A busca de uma identidade cultural – é comum o afastamento das religiões tradicionais do contexto cultural e tradicional dos povos dos quais se aproximam, tendo em vista tentarem impor uma teologia e cultura, às vezes até uma linguagem diferente da local. As seitas integram os costumes locais à prática religiosa, e tornam mais próxima e fácil a absorção da nova crença, pela identidade de cultura.

Necessidade de ser reconhecido, de ser especial – as seitas podem oferecer uma atenção particular, participação no culto e na liturgia, exercício do ministério de maneira a que o indivíduo seja visto como alguém “de dentro” da comunidade religiosa, e que compartilhe sua sacralidade.

Necessidade de um guia espiritual – líderes carismáticos conseguem estabelecer um laço mais forte de aproximação com o indivíduo, tornando-se um guia bem próximo, alguém a socorrer suas ansiedades “com competência” e, possivelmente, com aprovação divina.

Necessidade de visão de futuro – novas seitas podem oferecer uma nova esperança para um futuro diferente, na oferta de uma nova era, onde o indivíduo esteja incluído como salvo, como escolhido.

Necessidade de participação e compromisso – novas seitas fortalecem o sentido de participação, agregando seus crentes com reuniões frequentes e obrigatórias. Chamado a participar o indivíduo se sente importante e “veste a camisa” da congregação. Ele interpreta que sua frequência no movimento o faz mais reconhecido como atuante e necessário, fortalecendo seu vínculo com a nova crença.

Qualquer que seja o motivo, então, ocorre aí um fenômeno de mudança importante. Tão importante que passa a ditar o comportamento e o relacionamento do indivíduo em seu meio social. Trata-se de uma mudança que não é indolor: comporta amplas transformações

em nosso costume; um pequeno choque psicológico para quem vivia de suas próprias certezas assimiladas e induzidas por meio da própria biografia religiosa e da própria tradição histórica. (TERRIN, 2003, p. 347)

Esse fenômeno é mundial. O aumento no intercâmbio entre os povos estabelece conexões pelas quais passam novas ideias, novas influências, novas percepções. Se antes, na história, a adoção de uma religião por um povo dependia da vontade de seus chefes, ou a conveniência deste em aliar-se a culturas poderosas, hoje a adoção de uma crença passa a ser mais uma escolha do coração. E quanto mais forte é o fator moral e espiritual da escolha, mais o coração prepondera sobre a conveniência, sobre o raciocínio comum.

Claudia Molinari aponta para várias hipóteses no significado da conversão. Para ela conversão pode ser (KAN, 2000, p. 197):

Uma mudança na orientação religiosa de uma pessoa ou povo. Essa mudança pode vir de um contato maior com uma nova crença que se apresenta, ou pelo afastamento daquela que em que depositava a sua confiança e suas aspirações.

Um processo dialético de reelaboração da identidade religiosa e social de um indivíduo ou grupo. Nesse contexto, questionamentos surgem quanto aos princípios esposados pela crença anterior, e não apenas isso, uma incapacidade dessa crença em atender, ou responder às novas questões. Há um confronto entre a realidade percebida e a defendida pela crença e o indivíduo busca, primeiro em sua crença de origem uma explicação para isso e, se não encontra, busca outra crença que lhe atenda essa demanda.

Um processo de mudança de crença precedido ou acompanhado por uma crise. Nesse caso, ante um desajustamento econômico, social, um problema grave de saúde, seu ou dos seus entes queridos, um cataclismo, uma hecatombe, para cujo evento sejam inúteis os recursos usuais, se recorre à religião para entender ou se proteger, ou ainda se consolar durante o jugo daquele tormento e, em não se encontrando nada que o apoie, o indivíduo parte para a busca de novas crenças.

Uma resposta adaptativa e consciente que ocorre em um contexto social de mudança, transcultural ou em conflito. É uma acomodação para continuar a pertencer ao grupo em que vive, ou ao grupo que aspira pertencer. O indivíduo muda de crença, porque as condições anteriormente vigentes, também mudaram, e ele deseja estar novamente protegido pela estabilidade e pelo reconhecimento do grupo.

Um ajuste cosmológico, que implica numa mudança tanto no universo do discurso como na práxis do convertido. Ao ganhar novos conhecimentos o indivíduo adere a uma nova

estrutura lógica de explicar e conduzir a vida. Tudo nele muda, seus hábitos, sua leitura da vida, sua maneira de encarar o seu destino.

Uma esperança de que a nova crença possa garantir o seu sucesso na obtenção daquilo que elegeram como objetivos para sua vida. Esses objetivos podem ser de caráter material ou espiritual, individual ou coletivo. Nessa experiência, a pessoa acredita e segue sua nova religião por entender ter feito um pacto com a divindade em que troca sua devoção pela proteção ou garantia de sucesso em seus empreendimentos. Uma capacidade ideológica de controle dos sucessos imediatos do convertido. Claudia Molinari então concluiu:

a conversão é então, uma mudança não necessariamente radical na orientação religiosa [] é, antes de tudo, um processo dialético mediante o qual um grupo social se adapta, regionaliza e se apropria de uma religião distinta da tradicional gerando-se novos grupos de identidade que podem em determinado momento, representar uma força e um poder.[] ocorre em um contexto de mudança social e é precedida de uma crise, portanto, a conversão é sempre sujeito de condições históricas e sociais específicas. (KAN, 2000, p. 203).

Para Jean François Catalan, a conversão é esse “encontro com Deus” que nos faz buscar reforço em algo maior que nós, ocorre nos momentos mais graves da vida e, se a religião na qual estamos inseridos não nos apresenta ajuda, nem conforto, procuramos uma que o faça.

O encontro com Deus – supondo-se que haja encontro de Deus – só se dá, portanto, na trama de uma existência humana, por ocasião de acontecimentos, situações e circunstâncias que todo ser humano pode experimentar em algum momento de sua vida. Momentos penosos, momentos de provação, por ocasião de um luto, de um sofrimento, de um fracasso. Mas também momentos de felicidade, de alegria, de satisfação, “quando está tudo bem” e há contentamento em viver. Mas esses momentos felizes e infelizes não produzem automaticamente um “encontro com Deus”, nem uma experiência religiosa. No entanto, são momentos que podem deixar entrever uma outra dimensão da existência, e com ela a convicção “que deve haver outra coisa” além de tudo aquilo que é imediatamente perceptível. (CATALAN, 1999, p. 28).

Sendo a religião uma necessidade do ser humano, consciente ou inconscientemente o ser humano busca uma identidade com o transcendente construindo um nicho de valores ou de instalação da esperança. Ora, cada fase da vida tem exigências próprias e desde a tenra infância o indivíduo deseja e precisa do que aqui chamaremos de fé, como ficou evidenciado nas propostas estudadas até aqui, em sintonia com os autores citados.

Da infância à velhice, o ser humano não para de mudar. As suas atitudes evoluem, os seus julgamentos se transformam, e os seus sentimentos variam. Seria surpreendente se suas crenças, concepções e condutas religiosas permanecessem as

mesmas de uma ponta a outra da existência. Na verdade, entretanto, a experiência demonstra o contrário. (CATALAN, 1999, p. 147).

Podemos crer que sendo a fé uma capacidade do ser humano que ele vincula àqueles elementos que lhe trazem conforto para a alma, desde cedo aprende a que ou a quem vincular sua fé. E aí os mais próximos – pais, irmãos, colegas – são os seus objetos de fé, ou estimulação de confiança e crença. Sua fé se forma e se fortalece na certeza de que o carinho e a alimentação em resposta ao choro vêm na medida em que externa suas necessidades.

A mãe vai abrir a porta da confiança e da fé, ao garantir frequência e pontualidade no atendimento das rogativas da criança que passa a esperar a resposta lançada ao ar, comportamento que a vai amparar no futuro, quando no encontro com dificuldades mais graves rogar por ajuda.

Verificamos que o senso de carência é o motivo primordial da vida humana e situa-se especificamente na raiz do interesse religioso. A criança recém-nascida, não tem de esperar muito tempo para que suas necessidades se manifestem. [...] Não pode desenvolver-se somente com elementos químicos; necessita de segurança e amor. Quando é confortado pela ternura da mãe e, não antes, começa a conhecer a realização espiritual de seus desejos naturais. Ele agora empreende a busca vitalícia, além das satisfações físicas, por meio das relações interpessoais em que é avaliado, respeitado e amado. (CATALAN, 1999, p. 84).

É possível se desenhar a existência como uma série de fases, segundo a faixa etária. Essas fases de menor ou maior amadurecimento psicológico ou social possuem demandas específicas que podem se tornar vulnerabilidades nas crenças do indivíduo.

Paul E. Johnson, psicólogo, sugere que a infância seja dividida em três fases: a primeira dos dois primeiros anos; a segunda, entre os terceiro e sexto anos de vida e finalmente a terceira, dos sete aos doze anos. Segundo ele a religiosidade, entendida como uma forma nascente de crença e de fé pode ser desenvolvida e fortalecida na criança “através dessa experiência de relações interpessoais regulares e responsivas” (JOHNSON, 1964, p. 86). Para ele as crianças veem os pais como no lugar de Deus. Antal Benkö, padre católico, doutor em psicologia aplicada também pensa assim: “A criança reveste Deus com traços humanos, sua religiosidade é antropomórfica”. (BENKO, 1981, p. 110).

A próxima fase, a adolescência é a época da expansão dos relacionamentos, da explosão dos hormônios, da descoberta do poder pessoal em relação aos outros. Nela a experiência religiosa também passa por uma análise social, onde as ideias religiosas necessitam de uma certa aprovação dos amigos, do grupo. A religião é um motivo a mais para o contato com outros jovens, e deve ser cativante pelos seus diálogos e proposições, mais

práticos do que filosóficos. Nessa fase, a religião pode ser contestada, pois os pais deixam de ser os “deuses”, perdem o seu caráter mágico e onipotente e com ele muitas das ideias que fixaram na mente das crianças. Essa fragilidade pode ser comprovada pela pesquisa realizada entre 1899 e 1929, que Johnson apresenta, em que as maiores frequências entre conversões estavam nas faixas etárias de 12,7 a 16,6 anos de idade. (JOHNSON, 1964, p. 128). Nesse contexto [puberdade], é compreensível que as convicções religiosas sejam abaladas e que a fé, a fé em Deus, mas primeiro a fé no homem e na vida, tenda a desaparecer. Essa fragilidade pode, no entanto ser revertida, ou conduzida para uma religiosidade mais segura, pois a plasticidade da mente jovem o permite.

Segundo Benkö, a fase madura imerge o ser humano no cotidiano da vida e ele tende a conservar a sua religiosidade latente, ocupado que está com as questões de progresso pessoal e sustentação da vida. A segurança que a sua experiência de vida faz sentir o torna menos dependente da religião, até que uma crise o atinja e o abale o suficiente.

O sentimento religioso maduro é bem diferenciado. Inclui uma série de outros sentimentos quase que subordinados em relação a Deus, à comunidade religiosa e nem todos eles são talvez “radiantes”. Acontecerá com a atitude religiosa o mesmo que caracteriza o sentimento adulto de uma pessoa para com seus pais (BENKO, 1981, p. 98).

Nessa fase a conversão pode ocorrer num cenário de crise e abalo das bases que estabeleceu para sua vida. Se essa base é a sua família, seu emprego, sua saúde, seu poder, a crise só existe se esses elementos estão ameaçados. Sentindo-se capaz enfrenta as dificuldades com as suas capacidades desenvolvidas pela vida, mas, se percebe que não pode recorrer às suas próprias forças busca apoio em quem possa ser “mais forte e poderoso que ele e que a ameaça”. Sua luta com convicções já amadurecidas é maior e ele procura quebrar certos paradigmas objetivando apenas resultados.

Na velhice, o indivíduo perde um pouco da segurança que tinha na fase anterior de dominar os elementos de sustentação de sua vida. Percebe que existem coisas que não têm uma explicação tão lógica e a multiplicidade de suas experiências criam formas não solucionadas que ele desborda para continuar vivendo, mas que vez por outra o defronta exigindo acomodação. Nessa fase, o idoso torna-se mais místico, mais “metafísico”. É mais vulnerável a ideias que se vinculem e respeitem à imagem de Deus, com quem, imagina, irá se encontrar em breve. Percebe a efemeridade das coisas e procura se engajar naquilo que possa ser mais verdadeiro e útil em detrimento do que era mais adequado ou socialmente

conveniente. A conversão pode ocorrer num clima de menos conflito e no sentido de se afastar das crenças que a sua vida mostrou não atenderem àquelas exigências de fim de vida.

Vale a pena registrar a contribuição de Joseph Nuttin (1909 - 1988), também psicólogo. Para ele as necessidades humanas se manifestam em três níveis: O primeiro, psicofisiológico – são as necessidades de sustento da vida; o segundo, psicossocial, diz respeito a necessidades de relação com outros seres humanos, reconhecendo e sendo reconhecido por eles; e, o terceiro, o espiritual, ou existencial, onde o homem “precisa encontrar respostas para a sua existência, seu destino, sobre os valores fundamentais pelos quais vale a pena lutar” (BENKO, 1981, p. 82). Benkö registra que essas necessidades existem em todas as fases da vida humana, embora um ou outro nível prepondere segundo o contexto vivido em cada fase.

Mauro Martins AmatuZZi, no livro *Entre a necessidade e o desejo* propõe uma teoria do desenvolvimento religioso, também sob o aspecto psicológico, dividindo esse desenvolvimento em oito fases: bebê, criança, menino (a), adolescente, jovem, adulto, adulto maduro (a) e, idoso (a). Sua análise é importante para este estudo na medida em que também expõe as características psicológicas de cada fase, permitindo associar a cada fase um comportamento típico no que diz respeito às mudanças nas convicções religiosas de cada indivíduo. A proposta de AmatuZZi faz referência aos estágios da fé de Fowler, já estudadas anteriormente.

É preciso considerar ainda que da mesma “forma religiosa” há variações pessoais dependendo do grau de enraizamento dessa tomada de posição, ou seja, dependendo de seu grau de autenticidade. Em duas pessoas diferentes, a mesma posição religiosa, vista externamente, pode ter significados psicológicos bem diferentes, conforme seu grau de centralidade. AMATUZZI in (PAIVA, 2001, p. 28).

Esse relativismo da religiosidade individual frente aos contextos religiosos existentes força o estudioso a agrupar sob a mesma família, gêneros e espécies apenas semelhantes sob algum aspecto. Assim, mesmo sob o ponto de vista psicológico, a categoria criança, que AmatuZZi situa entre 1 e 6 ou 7 anos, só imperfeitamente engloba os indivíduos dessas idades, uma vez que apenas a faixa etária é insuficiente para caracterizar um grau de amadurecimento psicológico para essa fase. No entanto, é justo reconhecer que as características atribuídas a essa categoria (crianças) abrange considerável número de indivíduos que apresentam amadurecimento comum, o que justifica utilizá-la como base em estudos científicos. O mesmo se faz neste trabalho, deixando-se para estudos mais aprofundados a preocupação com

os *outliers*, assim definidos dentro da estatística, com sendo observações que apresentam um grande afastamento das demais observações da série.

Amatuzzi apresenta também alguns conceitos básicos com que vai trabalhar, dos quais, dois, interessam particularmente a este trabalho: o primeiro é o conceito de experiência religiosa - experiência “particular e pessoal, de percepção de uma nova dimensão de realidade, da qual advém seu sentido último e global”; e, o segundo é o conceito de adesão religiosa - o fato de o indivíduo reconhecer que pertence a uma determinada religião, embora essa adesão dependa do grau em que essa tomada de posição esteja enraizada em uma “fé religiosa assumida e operativa, e não apenas em uma declaração que teria predominantemente funções psicológicas defensivas ou de evitação das verdadeiras questões de sentido”. AMATUZZI in (PAIVA, 2001, p. 31). O desenvolvimento religioso de cada categoria proposta por Amatuzzi pode ser associado ao grau de possibilidade de escolha e decisão num cenário de busca de novas ideias no campo religioso.

As fases iniciais do desenvolvimento religioso são importantes para o fortalecimento da fé, que ainda aí não se confunde com crença, mas sim com confiança. Pouco a pouco, as figuras, os símbolos, as lendas, as construções do ideário religioso vão tomando forma. As propostas religiosas, nesta fase, não precisam de lógica e nem de validação racional. São como histórias que se contam para as crianças que só precisam de um começo, meio e fim. Para simplificar, vamos apenas citar que o bebê, a criança e o menino (a), na proposta de AMATUZZI, ou não tem, ou tem muito pouco poder de decisão. O bebê, porque não tem condições de manifestar-se quanto aos conceitos abstratos da proposta religiosa, a criança, porque dela apenas se pode esperar um “assumir implícito da fé religiosa das pessoas significativas”; e, o menino (a), porque nessa fase ainda estão imersas no encantamento que as experiências no campo da religião lhe proporcionam. Ouvem histórias, acompanham os pais nas práticas religiosas, se submetem em confiança aos ritos de sua religião, mas ainda se posicionam de acordo com o posicionamento das pessoas que são as suas referências de vida.

Já o adolescente, embora conviva com as crenças das pessoas que lhe são significativas, são incomodadas por dúvidas e buscas na construção de uma estrutura que lhes faça sentido. O adolescente convive, também com outros grupos, além da família e estes grupos já são de sua escolha. Na escola o adolescente escolhe o seu grupo de amigos, no lazer participa de atividades com aqueles que compartilham dos seus sentimentos e preferências. Assim, experimentam outros domínios religiosos, ou outras visões da mesma religião, alimentando suas dúvidas e construindo outras estruturas de crença e fé. “Poderá haver um abandono da prática religiosa (ou da filosofia de vida), justamente porque é dos pais, e porque

pode não corresponder aos padrões do seu grupo de escolha”. AMATUZZI in (PAIVA, 2001, p. 43).

A possibilidade de conversão nessa fase estará vinculada ao grau de liberdade, amadurecimento, poder de decisão e influência de seus grupos de escolha. Pode ocorrer que esses fatores sirvam como fortalecedores dos padrões religiosos em que o adolescente vive, tornando improvável qualquer mudança no *status quo*. Nessa fase, o adolescente tem força e vigor para afiliações bastante agressivas, no sentido de que, uma vez que se identifique com as novas ideias e propostas, passa a defendê-las, às vezes, até irracionalmente.

A “experiência pessoal, assumida como tal numa decisão de entrega” é o que caracteriza a fé religiosa do jovem adulto. Segundo AMATUZZI, há nessa fase uma tendência de aprofundamento da relação com as coisas que têm algum significado para a sua vida. Há uma tomada de posição, incentivada pelo melhor conhecimento da proposta religiosa e o processo de identificação positiva ou negativa com ela. O jovem adulto experimenta, talvez pela primeira vez, uma “autêntica experiência de natureza religiosa”. Faz parte da experiência religiosa, a maturidade em poder percebê-la e diferenciá-la das outras experiências. As propostas anteriormente assumidas requerem, nessa fase, validação. Já não satisfazem mais as formas alegóricas e infantis. A exigência, agora, é encontrar as respostas para muitos dos questionamentos da fase anterior.

Essa fase, juntamente com a fase posterior, são as que permitem mais mudanças e trocas de religião. Funciona como se o indivíduo fosse comprar um determinado produto e busca a melhor conveniência em função do custo e benefício. Os custos representados pelos sacrifícios que deverá realizar para a adesão e manutenção da crença assumida; e os benefícios que a nova crença poderá proporcionar. Entre os benefícios estarão: a aceitação social; a receptividade do novo grupo, a qualidade das propostas, a possibilidade de participação, o conforto espiritual oferecido, a lógica e a racionalidade possível, e os ganhos de natureza espiritual (felicidade, paz, alegria, etc.).

Amatuzzi considera a categoria, adulto como aquela fase em que “a vivência religiosa assumida a partir da experiência pessoal se expressa agora na possibilidade de uma expansão do olhar de fé sobre os acontecimentos, e numa espécie de diálogo com a vida que resulta daí.” AMATUZZI in (PAIVA, 2001, p. 46). É a fase da individualização da posição religiosa, apartada do parecer e das convicções coletivas. O indivíduo é, porque se sente seguro em ser. Nessa fase se o indivíduo está realmente convencido de suas crenças, torna-se mais participativo no grupo religioso e procura expandir a sua crença para outras instâncias da vida (trabalho, relacionamento social, caridade, etc.). A experiência de vida mostra os

resultados positivos e negativos de sua religião e, talvez das outras religiões também, com as quais têm contato por diversos veículos, desde o avistamento na mídia, até a análise do comportamento de amigos e conhecidos que seguem outras religiões. Durante essa fase, o indivíduo dá início à sua própria família e a com ela vai comungar suas crenças e convicções. Na maioria das vezes a sua família seguirá a religião que ele estiver seguindo, até que o amadurecimento dos que estão sob sua responsabilidade os coloque na situação de decidir.

No contexto da conversão essa fase é a das conversões *intraconfessionais*, isto é, a assunção de uma posição mais forte e participativa no seio da crença que escolheu; e, *extraconfessionais*, isto é, das mudanças para outras religiões. Essa certeza na preferência por uma crença move o indivíduo na direção da sua religião definitiva.

A fase do adulto maduro é delimitada por AmatuZZi entre 35/40 e 60/65 anos. Já existe uma vida para se olhar para trás. Existe uma preocupação mais forte com o futuro e uma espécie de projeção faz o indivíduo imaginar os caminhos que deverá trilhar nesse futuro. Já existe uma experiência de trato religioso que amadureceu mais ainda e que revela para o indivíduo a validade ou não da sua adesão. É possível, nessa fase, uma bricolagem de ideias oriundas de diversas fontes e que serve como acomodação dos conflitos entre as convicções próprias e as esposadas pela sua religião. Outras novas forças agem agora no espaço dos seus contatos. A família já tem condições de opinar e influir sobre o que, anteriormente, era sua área de influência exclusiva. A natureza das relações com a religião agora são as escolhidas pelo indivíduo e não impostas pela instituição. Conforme também acontece na fase anterior, “ou a vivência religiosa se aprofunda em direção ao mais pessoal e a uma liberdade experienciada, ou não resiste”. AMATUZZI in (PAIVA, 2001, p. 47).

A fase do idoso apresenta quase as mesmas condições da fase anterior, apenas com a diferença de que a maior experiência da fase adulto-maduro dá melhores condições para a decisão de permanecer ou mudar de religião.

No idoso ou, idosa, após os 60/65 anos, se a pessoa superou razoavelmente os demais desafios, ela é chamada a aprofundar agora a libertação a partir de todos os apegos (que aumentam por causa das perdas e das ameaças de perda). AMATUZZI in (PAIVA, 2001, p. 48).

AmatuZZi considera que nessa fase (idoso) a inexistência de fé religiosa seria “ou imaturidade ou desespero”. O futuro passa a ser mais assustador, no sentido de que a morte pode estar mais próxima e que as decisões tomadas anteriormente podem ter sido equivocadas. Predominam as atividades voltadas ao recolhimento. O indivíduo afastado do

trabalho e da agitação do dia-a-dia tem mais tempo para perceber a si mesmo. O declínio da vitalidade e do poder dentro dos grupos que participa, aumentam a sensação de fragilidade e insegurança. A visão de mundo se altera e torna-se necessária uma reavaliação da sua própria posição neste mundo. A necessidade de um diálogo com o transcendente e com o espiritual aumenta, e a religiosidade retorna, ou se modifica, agora, com aspectos mais introspectivos.

Para o estudo da conversão é interessante verificar que nessa fase a postura do indivíduo é mais de sentir do que praticar. A sua fé é canalizada para a promoção de alívio e conforto de seus medos e ansiedades. Se houver uma busca por novas crenças, o indivíduo tende a se aproximar das religiões que falem diretamente ao seu coração, que lhe permitam verdadeiramente sentir o contato com a divindade ou entidade superior em que confia. “As formas externas podem até continuar, mas se relativizam”. AMATUZZI in (PAIVA, 2001, p. 48).

4.9 Exemplos de conversão.

William James em seu livro *As variedades da Experiência Religiosa* reserva um capítulo inteiro para o fenômeno da conversão. Nele inicia a caracterizar as mudanças das ideias a que a mente humana está sujeita pelos mais diversos motivos. Cita por exemplo, as conclusões da pesquisa do Professor Starbuck, da Califórnia, ao investigar as manifestações da conversão em jovens educados nos círculos evangélicos com idades entre 14 e 17 anos.

Os sintomas são os mesmos – sentido de inacabamento e imperfeição; taciturnidade, depressão, introspecção mórbida e senso do pecado; ansiedade a respeito da vida futura; angústia tocante a dúvidas, e quejandos. E o resultado é o mesmo – alívio feliz e objetividade à medida que aumenta a confiança própria através do ajustamento das faculdades à visão mais vasta. (JAMES, 1991, p. 131).

Isto é, a conversão aí funciona como um ordenador interno das angústias geradas pelas transformações da puberdade. Sem apelo a Freud, mas muito do sentido do pecado é gerado pela visão crítica do comportamento jovem ante suas descobertas sensuais. Daí a necessidade de uma aprovação, de um perdão, que a religião, quanto mais presente, parece propiciar de modo cabal. JAMES considera que a maioria das pessoas possui um centro de concentração de sua energia espiritual. Uma parte do seu coração ou de sua mente onde repousam as suas esperanças transcendentais, e pronta para emprestar o seu apoio e fidelidade a qualquer coisa que tenha empatia com ela. Assim como afirma existir aqueles em que

as ideias religiosas não podem tornar-se o centro de sua energia espiritual. Trata-se, talvez, de pessoas excelentes, servos de Deus de formas práticas, mas que não são filhos do seu reino. Ou são incapazes de imaginar o invisível; ou então, na linguagem da devoção, são sujeitos de “aridez” e “secura” perpétuas. (JAMES, 1991, p. 134)

René Fülöp-Miller, em seu livro *Os Santos que Abalaram o Mundo*, nos fornece preciosa descrição da vida e dos processos de conversão de cinco personalidades da Igreja Católica, quatro delas presentes em momentos diferentes da história. Fülöp-Miller nasceu em 1891, na região de Banat da Hungria, mais tarde cedida à Romênia. Era escritor e jornalista e biógrafo. Foi discípulo dos famosos psiquiatras Babinski, Forel e Freud. Talvez por essa razão, realize uma análise tão profunda do caráter psicológico de cada santo. Sua notável capacidade de “entrar” na alma dos biografados nos permite perceber os processos de conversão em cada caso. Tome-se, como exemplo o caso de Teresa de Cepeda y Ahumada, a Santa Teresa de Jesus. Teresa era católica e seu caso de conversão a fez se aprofundar na essência da prática cristã, mantendo uma equidistância entre as conveniências e práticas exteriores de sua ordem e a sua intuição e inspiração, dada, segundo ela, pelas suas próprias visões do Cristo.

4.9.1 Teresa de Ávila.

Teresa foi uma raridade em sua época. A primeira doutora da Igreja Católica enfrentou a situação de ser uma mulher empreendedora numa fase da história em que essa condição era particularmente desfavorável às mulheres, e o fez em um ambiente em que à mulher era negada qualquer possibilidade de empreender. Sua trajetória de vida autorretratada em seu *Livro da Vida* talvez seja, junto com *Confissões* de Agostinho, um dos mais significativos depoimentos sobre conversão.

Teresa de Cepeda y Ahumada nasceu em uma cidade hipnotizada pela guerra e pela religião - Ávila. Uma cidadela fortificada com noventa torres de vigia e dois quilômetros e meio de ameias, repleta de igrejas e capelas, onde a Igreja estabeleceu, também, o seu domínio. Ávila é patrimônio mundial, outorga concedida em 1995 pela UNESCO. Àvila tinha sido um bastião na defesa contra os mouros no século XII e, ainda no século XVI, época de Teresa, guardava as tradições dos tempos de cavaleiros e espadas. Há quase cem anos a ameaça de guerra havia cessado e a prontidão dos avilenses cedia lugar à rotina pacata das cidades históricas.

Contudo, entre aqueles que viviam por trás das pesadas paredes das casas fortificadas de Ávila, havia muitos cujos corações tinham permanecido como bastiões do passado. O pai de Teresa, o fidalgo castelhano Dom Alonso Sanchez de Cepeda era um deles. (FÜLÖP-MILLER, 1998, p. 302).

Dom Alonso era cioso das tradições castelhanas e religiosas. Havia forjado o seu caráter na rigidez da educação cavalaria e na observância e subserviência à religião. A mãe de Teresa, Dona Beatriz de Auhmada era mulher de segundas núpcias de Dom Alonso. Jovem, trazia em si o peso de ter que carregar a conduta centenária de toda mulher castelhana, mas os sonhos da moderna cativa que sabia enxergar através das grades. Seu herói era provavelmente o insubstituível Amadis de Gaula, hiper-herói das novelas de seu tempo, um produto da pena magistral de Garcia Ordóñez de Montalvo, um famoso novelista do século anterior a de Teresa. Como vivia doente, Dona Beatriz tinha nos fascículos, hábil e compassadamente distribuídos pelo vereador García, uma das suas poucas distrações voltadas para tornar a sua vida mais feliz na Terra. A biblioteca de Dom Alonso, ao contrário, era feita de degraus para se subir ao céu. Colecionara as vidas dos santos e as usava para educar os da sua casa. “Éramos três irmãs e nove irmãos. Todos pareciam os - pela bondade de Deus - em virtuosos, a não ser eu, ainda que fosse a mais querida por meu pai.” (p. 38).

Teresa crescia entre as histórias lidas pela mãe e pelas histórias santificantes do pai, caminhos pelos quais por um deles haveria de escolher como eixo de sua vida. Teresa nasceu em março de 1515, no século que prometia extensas e vivas transformações no mundo. Sua infância trabalhou nela a imaginação viva de uma criança envolta em dois mundos. Era fácil para ela transformar as colunas do seu jardim em árvores fantásticas de selvas impenetráveis. A fonte, o poço, eram mares e oceanos de aventuras e sensações. Essa sua imaginação e vivacidade a transformavam em líder nos folguedos e jogos com seus irmão e primos. E, certa vez, ultrapassando os limites da realidade fugiu de casa com seu irmão favorito, Rodrigo, para com ele ir ter à terra dos mouros, um lugar além dos muros da cidade, “para sofrer nas mãos do soberano dos infieis uma morte de mártir.” (FÜLÖP-MILLER, 1998, p. 304). A aventura durou pouco. Numa das curvas da estrada deparou com um dos primos do seu pai que, tomando ciência do arrojado plano infantil lhe passou uma descompostura e devolveu Teresa ao reduto dos Cepeda.

A juventude revelou uma Teresa feminina e atraente, que se percebia como tal. Era difícil o duelo entre a garotinha que queria ser uma mártir cristã e uma bela rapariga com seus cabelos negros e crespos e rosto bem talhado, ainda mais numa terra onde não faltavam

caballeros em busca de consortes jovens, bonitas e com bons dotes. Por mediação de uma sua prima mais velha e mais experiente na vida, Teresa conseguiu um encontro com um jovem avilense em lugar secreto, longe da severidade do pai. No momento marcado Teresa conseguiu burlar o controle da casa e se dirigiu para o encontro. Mas, não conseguiu burlar a educação que recebera e, temerosa e insegura, voltou e contou tudo ao pai. A mãe de Teresa por essa época já havia morrido e não havia mão segura a quem confiar a menina em idade tão perigosa. Dom Alonso preferiu confiar na segurança de um mosteiro feminino e encaminhou Teresa às freiras agostinianas de Ávila. Meia centena de freiras bastava para vigiar e monitorar a vida de qualquer pessoa que lhes caísse nas mãos, e elas conheciam muito bem os princípios de Dom Alonso.

Teresa conquistou o convento. Não com sua piedade e circunspeção, mas com sua vivacidade, alegria e comunicabilidade. Ao terminar o ano em que deveria ficar no convento, Teresa foi assediada de todas as formas para ficar e se transformar em uma religiosa, mas seus desejos eram outros. Conheceu o brilho da vida comum, o fascínio das boas roupas, a alegria das festas e a corte dos jovens pretendentes e não estava inclinada a trocar isso pela sudez dos conventos, embora admirasse muitas daquelas irmãs de caridade que a tinham acolhido com amizade e carinho. “E embora já estivesse inimicíssima de ser monja, alegrava-me ver boas monjas, pois o eram muito as daquela casa, e de grande honestidade e religião e recato.” (p. 44).

Já com quinze anos, Teresa fazia os seus planos para o futuro, longe das paredes do convento quando uma doença cruel se apossou dela. Um ataque fulminante de fraqueza que mal a deixava ficar em pé. Por alguns minutos parecia que o mundo desabara até que se recobrou. Sentia-se aliviada do surto, mas, agora sofria o medo de novamente ser atacada por sensação tão ruim. Sentia seu futuro ameaçado, pensava na doença da mãe e se preocupava com o que não podia prever nem dominar. E ela não se enganava. Os ataques começaram a ser mais frequentes e mais agudos. Dom Alonso correu com os médicos na tentativa de salvar a filha, mas tudo era em vão. Não podendo dar à filha o apoio que precisava, Dom Alonso encaminhou-a a casa da sua irmã mais velha, Maria. Ocorre que a meio caminho morava um tio de Teresa, Dom Pedro, homem também muito religioso.

Quis que ficasse com ele uns dias. Sua atividade era bons livros em espanhol, e sua conversa era - mais comumente - sobre Deus e a vaidade do mundo. Fazia-me ler para ele e, ainda que não gostasse de seus livros, fingia que sim, porque nisso de agradar aos outros tinha extremos, mesmo que a mim causasse incômodo (ÁVILA, 2010, p. 48)

A vontade de Teresa era não se dedicar à vida religiosa, no entanto, o seu sofrimento a foi aproximando da única fonte de paz e consolo que podia dispor: a bondade de Deus. Passou a pensar que se fosse religiosa Deus a faria sarar e que “os trabalhos e a pena de ser monja não poderiam ser maiores do que os do purgatório, e eu havia bem merecido o inferno.” (ÁVILA, 2010, p. 48). O tio a deu para ler as *Epístolas de São Jerônimo* o que a ajudava a se distrair, agora, com mais disposição a ler tais coisas. São Jerônimo era conhecido pelo linguajar apocalíptico. Em sua boca o inferno ganhava tintas especiais e o próprio diabo conseguia parecer mais feio. “O mundo mental de Jerônimo era escuro, iluminado por lampejos que parecem mais um reflexo do fogo infernal que vislumbres da vida eterna”. (JOHNSON, 2001, p. 135). Teresa tinha uma invulgar capacidade de enxergar pecados capitais em pequenas coisas, de forma que as ameaças de Jerônimo, mais a dor da doença que sofria a foram empurrando para o claustro, pouco a pouco. Até que se decidiu! Procuraria um mosteiro dos muitos que havia em Ávila e tentaria se freira.

Dom Alonso não queria nem pensar na filha como religiosa. Havia planejado uma vida de mais liberdade e conforto para a filha e vê-la longe dele a passar por privações lhe cortava o coração. De sorte que Teresa tinha muito medo de contar ao pai de sua decisão. Incapaz de encarar o pai e lhe pedir permissão fugiu. E não apenas fugiu, como convenceu seu irmão Antônio a fugir do mundo também, de forma que ao sair da sua casa cada um tomou o seu rumo: Antônio pediu asilo no Mosteiro de São Tomaz, como noviço e Teresa pediu guarida no Convento Carmelita da Encarnação. Teresa contava aí, com 17 anos. No começo, Teresa sentiu-se bem com sua decisão confiante de que os muros do convento lhe afastariam do mal do mundo. Mas já não se faziam mosteiros como “mais antigamente”. Já sopravam em Ávila os ventos precursores da modernidade. As moças que escolhiam a vida do convento não queriam mais as austeridades de outros tempos. Queriam aproveitar o destaque que as monjas gozavam no universo religioso espanhol sem passar pelas virtudes que a santidade exigia. “O lar das silenciosas carmelitas abriu suas portas para o culto moderno do falatório e das conversas. Uma das salas da Encarnação havia sido sublocada ao mundo.” (FÜLÖP-MILLER, 1998, p. 317).

No piso de baixo do mosteiro funcionava o parlatório. A toda hora visitas, presentes, conversas e novidades, vazavam para dentro do convento, agitando as noviças. As grades de ferro só impediam o contato mais íntimo, mas permitiam os olhares, as palavras, os sussurros. Teresa, em seu quarto sentia a proximidade de Deus, mas quando descia ao parlatório, era como uma descida ao inferno. Mas, essa liberdade toda não havia sido sempre assim. Desde a regra aprovada por Santo Alberto, em 1212, a primeira da Ordem do Carmo, até 1432, embora

com modificações, as normas eram austeras. Em 1432, o Papa Eugênio IV, instituiu notáveis modificações, minimizando os rigores das normas monásticas dos carmelitas, o que ficou conhecido com a “regra mitigada”. A nova regra atenuava as prescrições quanto ao silêncio, ao retiro na cela, aos jejuns e outras abstinências. Teresa via o céu e a terra, separados, apenas, pelo piso do andar de cima. Ainda jovem, Teresa se adaptou a esse ritmo de coisas até que novo vendaval de aflições lhe roubou novamente a saúde. As convulsões, as dores indizíveis, a frieza e a imobilidade do corpo assustaram Teresa e as monjas. Mais uma vez Dom Alonso fez vir os melhores médicos e eles não conseguiam decifrar o mal de Teresa. O pai tirou Teresa do convento. Convalesceu durante muito tempo sem, no entanto, fazer cessar totalmente as dores.

Teresa abandonou definitivamente o andar de baixo. Nunca mais iria ao parlatório com aquele espírito de aproximação com o mundo. A dor a convencera que só a devoção e a fé em Deus poderiam amenizar-lhe o sofrimento. Escolheu a oração e o trabalho na busca da sua paz. Converteu-se de corpo e alma á prática do cristianismo que entendia ser o mais fiel ao exemplo do Cristo. Sua vontade foi torcida à cabresto, sua vaidade foi ralada na dor e fez florescer em Teresa uma força que estearia sua fé pelo resto vida. Nos momentos de extrema dor entrava em êxtase. E nesse êxtase dizia ver o Cristo cobrando-lhe cada vez mais sacrifícios. A Inquisição também desconfiou daqueles êxtases de Teresa. Por sorte dela, foram padres jesuítas, acostumados àqueles fenômenos de arrebatamento que examinaram Teresa. E ela foi justificada.

Teresa restaurou as antigas regras rígidas do Carmelo e até o poderoso Rei da Espanha, Felipe II (1527 - 1598) se dispôs a protegê-la da inveja e da perseguição que os padres e as freiras, e até o Geral da Ordem faziam contra ela. Certa feita, sabedor dos maus tratos dispensados à Teresa em função da sua insistência nas regras mitigadas, o Rei enviou uma mensagem ríspida ao representante do papa em Ávila: “Estou ciente das hostilidades dos frades mitigados contra a reforma e isto parece mau, pois as descalças levam vida austera de perfeição. Tratai de favorecer a virtude, pois me disseram que não sois amigo das descalças.” (FÜLÖP-MILLER, 1998, p. 373). O Geral da Ordem entendeu muito bem o recado e recuou. Teresa fundou a Ordem das Carmelitas Descalças, tornando-se a sua maior representante. Fundou, também, dezessete conventos, todos regidos pelas suas regras de disciplina, obediência, austeridade e oração.

A conversão de Teresa difere das conversões de Antão, Agostinho, Inácio de Loyola e Francisco de Assis. Em nenhuma dessas o convertido se viu às voltas com a dor física e a tormenta do arrebatamento. Teresa não queria ser freira. Acreditava na doutrina católica como

tantas de sua época, mais pela tradição dos costumes do que pela convicção de princípios. Foi tangida ao claustro pelo desespero da dor. Foi buscar na fé a explicação para as suas visões fantásticas de Jesus Cristo. Não queria abandonar o mundo, foi forçada a fazê-lo. Não por um problema de consciência, mas pelo pavor do sofrimento nesta e na outra vida. Antônio buscou o isolamento por vontade própria, seguindo um impulso pessoal. Agostinho converteu-se pelo convencimento de que sua vida iníqua jamais o deixaria ser feliz. Loyola converteu-se para ganhar a pertença a um mundo de santos, convicto de que o caminho para isso era o da mortificação voluntária e, Francisco converteu-se ao perceber que a caridade e a humildade do exemplo de Jesus Cristo eram também a sua mais pura vocação. Teresa converteu-se de corpo e alma pelo assédio da dor, que por fazer parte da sua vida foi ganhando status de companheira fiel a algemar Teresa à fé, como lenitivo.

Nos exemplos de conversão citados, houve uma imersão na fé, mas por caminhos diversos. Caminhos que, ainda que mais amenos, ainda são os caminhos pelos quais muitas pessoas encontraram o eixo da sua vida na conversão intra e extra confessional. Muitos se convertem pela dor, outros pelo exemplo de seus ícones, outros com forma de se sentirem pertencentes a uma família espiritual, outros pelo medo da condenação, outros para fugir do mundo, outros, ainda, para ganhar algo do deus em que acreditam. A conversão, como uma mudança de trajetória de vida, reflete quase sempre o mesmo conjunto de motivações: encontrar o eixo da vida, buscar a salvação, alcançar a paz espiritual.

4.9.2 Allan Kardec.

Kardec é um exemplo de conversão pela observação de uma realidade que não encontrava apoio em outra proposta religiosa, senão, no Espiritismo. É ele quem relata que a possibilidade de que espíritos pudessem mover mesas e objetos não lhe passava pela cabeça: “Ainda nada tinha visto, nem nada observado; as experiências, feitas na presença de pessoas honradas e dignas de fé, me confirmaram na possibilidade do efeito puramente material, mas a ideia de uma mesa *falante* não entrava ainda no meu cérebro.” (KARDEC, 1993, p. 256).

Kardec era de família católica, do sul da França e estudara em um escola de tradição mais liberal, a de Pestalozzi. Pela sua formação como pedagogo estava acostumado a ensinar e aprender sem reservas ou bloqueios dogmáticos. Ao pesquisar o fenômeno das *mesinhas girantes* concluiu que estas não tinham vontade própria e que os sinais pelos quais se comunicavam com as pessoas presentes às reuniões eram produzidos por entidades inteligentes que faziam perguntas e apresentavam respostas, que davam informações sobre

fatos que só eram do conhecimento de alguns poucos e assim mesmo, por diversas vezes, relativos a detalhes da vida pessoal dos assistentes. As reuniões não tinham um objetivo sério, senão, o da diversão. “Os assuntos tratados eram geralmente frívolos; ocupava-se ali, sobretudo de todas as coisas ligadas à vida material, ao futuro, em uma palavra a nada de verdadeiramente sério; a curiosidade e o divertimento eram os principais móveis dos assistentes.” (KARDEC, 1993, p. 259).

No entanto, foi a sua veia de pesquisador que provavelmente o fez ver naquilo algo a mais do que diversão. Convidado a frequentar mais reuniões, começou a inquirir essas entidades sobre assuntos mais sérios, como particularidades do ambiente em que viviam, seus nomes, suas atividades. Quaisquer que fossem os responsáveis por aquelas comunicações, eles pareciam a Kardec, inteligentes, às vezes bem humorados, às vezes demonstravam cultura, outras vezes pareciam ignorantes, o que fez Kardec deduzir que eram entidades, ou pessoas diferentes, com diferentes graus de inteligência e erudição. “Chegava a cada sessão com uma série de perguntas, e metodicamente arrumadas; elas eram sempre respondidas com precisão, profundidade, e de maneira lógica. Desde esse momento as reuniões tiveram outro caráter.” (KARDEC, 1993, p. 260).

As perguntas e respostas coligidas dos depoimentos de diversos médiuns acabaram por produzir uma primeira edição d’*O Livro dos Espíritos*, ainda com apenas 500 itens. Kardec foi se envolvendo aos poucos com esse conjunto de informações que paulatinamente começaram a formar um todo, mais bem estruturado e lógico. Mas foi na casa do Sr. Roustan, em 7 de maio de 1856, através da mediunidade da Srta. Japhet, que Kardec teve confirmada a sua missão na Terra. Kardec conta (KARDEC, 1993, p. 268) que perguntou à Hahnemann (entidade que se manifestava pela médium) se ele confirmava uma informação obtida dias antes de que teria ele [Kardec] uma missão importante a cumprir. “Sim! E se interrogares as tuas aspirações, as tuas tendências, e o objeto quase constante de tuas meditações, isso não te deve surpreender.”

A transição foi suave, mas efetiva. Kardec se convenceu das informações dadas pelos espíritos, não sem antes, segundo ele, as pesar com bom-senso. De qualquer forma, converteu-se ao Espiritismo na medida que esse Espiritismo ia surgindo de suas observações e de seu trabalho de compilação. Não foi como no caso de Teresa de Jesus, absorvida pelo êxtase em que via Jesus, mas foi pelo encaixe perfeito entre suas cogitações como ser humano frente a uma fonte que lhe parecia inesgotável de respostas e informações.

4.9.3 Depoimentos de respondentes.

Pessoas que participaram da pesquisa também deixaram seus depoimentos sobre os motivos e situações em que suas conversões ocorreram. A seguir transcrevemos alguns deles:

Procurei o espiritismo primeiramente por curiosidade e como eu tinha mediunidade afluída, queria compreender o que se passava comigo, que até então nenhum lugar havia me explicado. A princípio achei que eu seria católica pra sempre e que eu só estava indo a um Centro Espírita buscar informação sobre espíritos, mediunidade e como lidar com isso. Mas quando ouvi a primeira palestra e percebi que o espiritismo não se resumia apenas em explicações do "sobrenatural", como também mostrava todo um estudo científico da espiritualidade e uma filosofia na busca da evolução moral, declarei a partir dali que o espiritismo era a religião que eu tanto procurava e que até então não tinha conseguido me encaixar. Através do espiritismo pude compreender questionamentos que eu fazia desde criança. Por exemplo, eu não aceitava a ideia de que quando alguém cometesse um erro ou um "pecado" mais brando deveria ir pro mesmo inferno que o Fernandinho Beira mar. Eu achava muito injusto, mas a pregação que eu recebia era de ter um único céu e inferno. Enfim...além de outros questionamentos que me foram respondidos, o espiritismo me trouxe um conforto e uma paz que até então não conseguia. (RCF, 32 anos, sexo feminino).

Passei a ser espírita devido uma pesquisa que fiz para a Igreja Católica onde frequentava, sobre Assistência Social. O trabalho que os espíritas fazem com os menos favorecidos é simplesmente fantástico. Comentei com o padre da igreja, deixei a Pastoral Familiar e me dediquei ao Espiritismo. (SVU, 55 anos, sexo feminino).

Na verdade gostaria de observar que eu era "católico" por tradição familiar, pois apesar de minha mãe frequentar um centro que misturava elementos da umbanda com o espiritismo, levava-me a missas e me batizou, me crismou e ainda fiz a 1ª comunhão, porém eu nunca me senti satisfeito e nem via sentido naqueles rituais e na doutrina. Busquei conhecer diversas religiões mas encontrei diversas respostas e principalmente a fé raciocinada; a fé racional no espiritismo. Sinto-me muito melhor e feliz com a doutrina dos espíritos. (WNS, 52 anos, sexo masculino).

Quando procurei o Centro Espírita estava passando por dificuldades na vida. Minha mãe já havia feito o convite, mas senti que ainda não estava preparada. Então uma certa situação me levou a procurar a Doutrina. Fui levada pelo pela dificuldade naquele momento e desde então, leio, frequento e pratico essa linda doutrina que trouxe paz, harmonia e caridade para a minha vida. (LN, 27 anos, sexo feminino).

De forma bem resumida, o que me motivou a aderir ao espiritismo (doutrina de Kardec) foram as respostas objetivas e, em minha opinião, totalmente coerente às questões que as demais religiões explicam como dogmas, ou seja, isso ou aquilo é assim porque é e ponto final. JGAM, 50 anos, sexo masculino).

4.10 O peregrino e o convertido.

Danièle Hervieu-Leger apresenta em seu livro *O peregrino e o convertido* uma interessante análise sobre as posturas dos fiéis, hoje, nestes tempos de modernidade. A liberdade de pensamento e a variedade de opções criou uma nova mentalidade de afiliação religiosa em que o indivíduo mesmo centrado no conjunto de crenças de sua religião, encontra espaço para aceitar propostas de outras religiões, seja no campo das ideias, seja no campo da

prática exterior. É comum ver católicos com amuletos e objetos das religiões afro-brasileiras e é também comum, ver seguidores do candomblé frequentando a missa católica, sem sentir traidor de sua religião. As muralhas limitantes dos espaços próprios de cada religião passaram a apresentar brechas dando visibilidade de fora para dentro e de dentro para fora. “O que caracteriza a religiosidade das sociedades modernas é a dinâmica do movimento, mobilidade e dispersão de crenças.”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 10).

A modernidade transformou a maneira do indivíduo se relacionar com suas expectativas de vida. A ida ao culto religioso era, até bem pouco tempo, uma necessidade de reafirmação da fé, onde se reforçavam os conhecimentos sobre as crenças e ritos, e onde se validavam, através de sacramentos diversos, as ocorrências mais significativas da vida: nascimento, casamento, diplomação, morte, etc. Parecia que certas ocorrências na vida só tinham valor se confirmados pela religião. Quem não era batizado era pagão e sentia as ameaças de não ter uma proteção religiosa, como morrer e ir para o inferno, não ter abençoado o seu casamento e assim por diante. O templo, qualquer que fosse ele era o ponto de amarração e de referência para os atos da vida, garantindo aprovação dos céus em tudo o que se fazia. Para uma sociedade católica como é a brasileira, sempre se via a presença da religião em todos os eventos importantes. Os feriados religiosos eram marcados por novenas, procissões e missas. O lançamento de um navio, a construção de um edifício, o início de uma viagem, eram marcados por uma benção que o padre aplicava sem a qual, pessoas supersticiosas e religiosas não se sentiam seguras em participar. Estandartes militares, repartições públicas, e até standartes de associações profanas eram benzidos pelo padre, quando não carregavam bordadas em destaque cruzeiros, corações e símbolos do ideário cristão.

Hoje, no entanto, uma secularização se faz cada vez mais presente. Os costumes de reverência e devoção estão se diluindo numa indiferença marcante, que fez esquecer as obrigações religiosas. Que católico se atreveria, 60, ou 70 anos atrás a passar diante de uma igreja e não fazer o sinal da cruz? Quem deixaria de “tomar cinzas”, após o carnaval, desfilando a cruz negra na testa para que todos vissem que foi cumprida a rotina prevista? E quem é que faz isso hoje? A religião como obrigação de fé ou social deixou de exigir o corpo presente. O ato mecânico ou ritual não é mais motivador. Os indivíduos estão buscando uma razão mais palpável para a exteriorização da sua fé. São as mudanças da modernidade. “A primeira característica da Modernidade é colocar à frente, em todos os domínios da ação, a racionalidade, ou seja, o imperativo da adaptação coerente dos meios e fins que se perseguem.” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 31).

A modernidade passou a exigir do ser humano uma atenção mais ampliada aos fatos da vida. A vida se tornou complexa, pelas exigências do trabalho, do lazer, da vida em família, das distrações pessoais (jogos, televisão, redes sociais) etc. O ser humano não tem mais tempo para a religião. O centro de gravidade dos valores pessoais e coletivos, antes marcado pela religião (templo e culto) migrou para os centros econômicos e sociais de manutenção da vida. O acesso à informação proveniente das mais variadas fontes estremeceu as bases que justificavam as crenças anteriores. Os dogmas e as representações simbólicas foram se enfraquecendo e foram sendo substituídos por novos valores que esse acesso à informação trouxe para dentro da vida dos indivíduos. “É assim, por exemplo, de acordo com dados fornecidos em 1990 pela pesquisa europeia sobre valores, que um belga em cada oito declara crer na reencarnação”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 43). E isso não quer dizer que os belgas estejam se bandeando para as religiões orientais, novas seitas reencarnacionistas ou, para o Espiritismo. A Bélgica é um país de maioria católica. O que ocorre, é que esse novo posicionamento das pessoas perante as crenças tradicionais está permitindo a convivência de ideias até mesmo conflitantes e antagônicas, pela acomodação que o indivíduo faz entre a sua crença interior e as exteriorizações a que se vê obrigado, em função das suas necessidades sociais, e mesmo religiosas. Um católico que crê intimamente na reencarnação pode se sentir à vontade para assistir a uma missa, ou fazer seu casamento, ou batizar seus filhos, dentro dos ritos da sua religião.

Essa aparente incoerência pode levar alguns indivíduos a experimentar ambientes religiosos diversos até que encontre um conjunto de crenças que lhe parece mais confortável. A maioria de nós nasce dentro de um ambiente religioso ditado pelos pais. Mas a família vem perdendo a força na manutenção da coesão religiosa. Jovens já partem para decidir por suas próprias crenças à revelia dos pais. É comum encontrarem-se famílias em que seus membros são de religiões diferentes. É aí que Hervieu-Leger situa os seus modelos de peregrino e convertido. Para ela convertido é aquele indivíduo que aceita e vive de acordo com a sua instituição religiosa. “O praticante [convertido] se conforma a disposições fixas, que tem, por isso, um caráter de obrigação a todos os fiéis.” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 98). O convertido é aquele que encontra na vida comunitária de sua igreja os padrões de vida que deseja desenvolver e vivenciar. Serve-se da estrutura da instituição para se sentir estável e seguro. Sua prática religiosa valoriza a instituição a que pertence dando a ela o benefício de sua devoção e participação. O convertido polariza sua fé nas crenças propostas e cumpre as obrigações que, em retribuição a instituição lhe cobra.

O peregrino é a figura daquele que cumpre a prática voluntária, de forma autônoma, com variações que surgem de suas adaptações à proposta da instituição. Sua prática é mais individual que coletiva e não precisa, necessariamente, da instituição para dar vazão à sua religiosidade. Em termos de conversão o peregrino tanto pode mudar de crença pela sua experimentação de outros ambientes religiosos, como pode se acomodar em não ter religião nenhuma, colhendo desta ou daquela religião a contribuição que lhe satisfaça.

No cenário religioso brasileiro vem crescendo a presença do peregrino. A diversidade de religiões, seitas e movimentos religiosos tem produzido dois movimentos: “um primeiro de distinção, multiplicação e rupturas; um segundo de relativa homogeneização.” (SANCHIS, 1997, p. 29). Sanchis aponta para esses dois comportamentos referidos por Hervieu-Leger. Um comportamento de conformação e fortalecimento do que está e, outro comportamento de busca de novas ideias, que não precisam ser totalmente divergentes das ideias propostas pela instituição, basta apenas que configure variações de um mesmo tema.

Conclusão.

A conversão, como fenômeno religioso é um terreno fértil para estudo e pesquisa. Os tipos de conversão variam como variam os indivíduos, suas formas de pensar e agir. Mas isso não impede que se possam agrupar as ocorrências mais comuns, criar categorias em que a conversão se divida, e analisá-las à luz da maioria das ciências e dos campos de investigação. A psicologia, a antropologia a sociologia, a economia, a política e mesmo as ciências exatas podem analisar a conversão sob prismas interessantes. Do que foi estudado neste capítulo podemos ressaltar que a conversão não ocorre apenas entre uma religião e outra, mas ocorre também dentro de uma mesma religião quando muda a postura e o grau de imersão do indivíduo na sua própria religião.

O trânsito religioso se processa em múltiplas direções com pessoas migrando de uma religião para outra e, às vezes, retornando para alguma das suas antigas religiões. Isso ocorre porque existe a liberdade de escolha, uma variedade de crenças e conceitos e modos de vida que preponderam em uma época e não são significativas em outra. Em tempos de guerra, quando a vida é ameaçada a todo instante, cresce a influência da religião e o ser humano busca um contato mais íntimo com o ser que reverencia como deus, como forma de tentar garantir a sua segurança, e a segurança dos que lhe são caros.

No decorrer do tempo, fizeram-se as primeiras observações de regularidade à lei nos fenômenos naturais, e, com isso, as forças da natureza perderam seus traços humanos. O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes, mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte e compensa-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs. (FREUD, 1996).

Freud considerava as religiões como ilusões e “insuscetíveis de prova”, no entanto, são as religiões que apoiam o ser humano nos seus momentos mais difíceis, e por isso cresce a demanda por elas quando o homem não encontra nas propostas científicas e filosóficas as respostas e principalmente o consolo de que precisa. A fé em determinada crença, desveste essa crença do seu manto de ilusão transformando as ideias que compõem essa crença numa certeza inabalável, onde são absolutamente dispensáveis as provas materiais. O passeio que alguns indivíduos fazem no seu turismo religioso revela ao mesmo tempo curiosidade, busca de novas ideias e experiências, mas, também, um certo inconformismo com as propostas que conhece. Como uma pessoa que permanece amarrada por uma corda firme, enquanto explora cavernas e montanhas, esse indivíduo curioso e pesquisador tenta conhecer o que existe a mais no mundo sem deixar o esteio seguro das convicções que já abraçou.

A compressão do comportamento desses religiosos itinerantes serve para se fazer uma distinção entre eles e o que chamamos de convertido, foco principal deste trabalho - uma pessoa que mudou de religião com ânimo de permanecer nela como última, assumindo um novo comportamento e novos valores em que pautar a sua vida. Assim, quando no próximo capítulo trabalharmos o tema da conversão ao Espiritismo no Brasil, estaremos estudando as motivações que levaram os indivíduos a saírem de suas religiões para se converterem ao Espiritismo, considerando que o ambiente, a prática e as propostas espíritas, diferentemente das que antes esposava, passaram a ser significativas em suas vidas.

As motivações psicológicas, sociais, antropológicas apresentadas neste capítulo alargaram o horizonte de observação, dando a conhecer os fenômenos e situações que interferem na escolha do ser humano, no tocante à religião. Foi possível compreender que os diversos estados de alma do ser humano ao longo de sua vida e em face de suas variadas experiências, constrói uma estrutura pessoal com a de um edifício em que aparecem partes sólidas e seguras e partes frágeis e necessitadas de reforço. A capacidade de escolher só está presente quando se tem mais de uma opção, e está limitada pelo conhecimento que se possui das diversas opções, e da necessidade de mudança que cada indivíduo percebe. Ao escolher, cada pessoa avalia seus riscos da mudança, o que pode sugerir-lhe que talvez não seja oportuno, útil, ou proveitosa essa mudança. Além disso, há que se considerar no estudo da

conversão as influências e instrumentos do lado da oferta. A maneira pela qual a religião tenta seduzir ou convencer para conquistar fiéis. Essa máquina poderosa de proselitismo e propaganda tem conquistado e mantido um sem número de fiéis, fazendo concessões e adaptações importantes para se manter ao gosto da demanda, sempre inconstante e instável.

No próximo capítulo vai-se estudar o fenômeno da conversão ao Espiritismo no Brasil. Será dado a conhecer como o Espiritismo, religião de origem francesa, chegou ao território brasileiro, por que meios se fez conhecido e com que argumentos disputa por espaço nesse campo religioso. Será apresentada também, uma estatística das motivações à conversão ao Espiritismo, como forma de materializar as razões preponderantes desse fenômeno.

Cap. 5 MOTIVAÇÕES PARA A CONVERSÃO AO ESPIRITISMO NO BRASIL E TRABALHO DE CAMPO.

Introdução.

Ao ser realizado o estudo das motivações que levam os brasileiros das mais variadas religiões a migrar para o Espiritismo, houve a necessidade do estabelecimento de determinadas regras e critérios. Alguns desses critérios e dessas regras foram determinados para validar os resultados estatísticos e também para dar volume e representatividade aos resultados obtidos. Nesse particular, por exemplo, se buscou obter proporcionalidade entre o número de depoentes espíritas de cada Estado brasileiro e o número de espíritas levantados no Censo de 2010, também em cada Estado. A amplitude da tarefa com certeza mereceu retificações no foco por que os objetivos e condições de realização eram complexos.

A intensão inicial, que, aliás foi possível manter, em certa medida, era a de se obter um contingente representativo que se espelhasse, proporcionalmente, à quantidade de espíritas que o censo 2010 indicou haver em cada Estado brasileiro. Isso facilitaria medir a opinião em cada região, com o peso que o número de espíritas tem em cada lugar. Para isso, foi preciso uma intensa mobilização de alguns colaboradores que fizeram a divulgação da pesquisa, mesmo nos Estados em que o autor não tinha nenhum contato. É sabido que num país com uma extensão continental como o Brasil, a diversidade de cultura e costumes locais tem influência sobre a opinião das pessoas, de forma que a própria prática doutrinária poderia sofrer variações de um lugar para outro.

Por exemplo, analisando a prevalência do catolicismo nas diferentes regiões do Brasil pode-se considerar que a sua presença sendo mais ou menos hegemônica vai dificultar a expansão de outros movimentos religiosos e mesmo dificultar a aceitação de determinados princípios doutrinários, como a reencarnação e a comunicação como os espíritos. De maneira contrária, nas regiões onde existe uma presença mais marcante de religiões mediúnicas, pode-se presumir uma maior facilidade de ambientação do Espiritismo, pela similaridade de culto ou de crenças. No entanto, o extrato a ser pesquisado deve ser proporcional à população existente, como forma de melhor representar essa população. A tabela abaixo mostra a quantidade de respondentes de cada Estado e os percentuais de espíritas recenseados e entrevistados por esta pesquisa. Na tabela, as colunas da esquerda se referem ao Censo 2010, e as colunas da direita às amostras desta pesquisa. Pode-se notar, que apenas 1% dos

entrevistados não declarou o Estado de origem, o que não afeta significativamente os resultados, se forem respeitadas as proporcionalidades entre a amostra e a população.

Tabela 1 - Quantidade e percentual de respondentes por Estado

CENSO 2010		ESTADOS	ESTA PESQUISA		
ESPÍRITAS			ESPÍRITAS		
4.190	0,11%	ACRE	13	0,58%	
17.066	0,44%	ALAGOAS	30	1,33%	
2.781	0,07%	AMAPÁ	6	0,27%	
14.800	0,38%	AMAZONAS	40	1,77%	
157.777	4,10%	BAHIA	65	2,88%	1,22%
46.756	1,21%	CEARÁ	72	3,19%	
89.836	2,33%	DISTRITO FEDERAL	52	2,30%	0,03%
36.593	0,95%	ESPÍRITO SANTO	19	0,84%	0,11%
147.740	3,84%	GOIÁS	58	2,57%	1,27%
12.505	0,32%	MARANHÃO	16	0,71%	
38.044	0,99%	MATO GROSSO	25	1,11%	
46.610	1,21%	MATO GROSSO DO SUL	31	1,37%	
419.094	10,89%	MINAS GERAIS	331	14,66%	
33.924	0,88%	PARÁ	25	1,11%	
23.175	0,60%	PARAÍBA	21	0,93%	
108.805	2,83%	PARANÁ	67	2,97%	
123.798	3,22%	PERNAMBUCO	24	1,06%	2,15%
9.840	0,26%	PIAUI	37	1,64%	
647.572	16,82%	RIO DE JANEIRO	234	10,36%	6,46%
24.826	0,65%	RIO GRANDE DO NORTE	20	0,89%	
343.784	8,93%	RIO GRANDE DO SUL	188	8,33%	0,61%
8.905	0,23%	RONDÔNIA	25	1,11%	
4.084	0,11%	RORAIMA	20	0,89%	
98.973	2,57%	SANTA CATARINA	72	3,19%	
1.356.193	35,24%	SÃO PAULO	740	32,77%	2,46%
22.266	0,58%	SERGIPE	15	0,66%	
8.940	0,23%	TOCANTINS	12	0,53%	
		DECLARARAM	2258	98,99%	
		NÃO DECLARARAM	23	1,01%	
3.848.877	100,00%	TOTAL	2281	100,00%	

Fonte: do autor.

Os percentuais à direita da tabela representam o desvio da amostra, em relação à proporcionalidade da população, que não atingiu o mínimo desejável. As discrepâncias foram pequenas, sobressaindo-se apenas o Estado do Rio de Janeiro (6,46%) onde o autor não conseguiu a quantidade necessária para parear a amostra desse Estado. Apenas para esclarecer

melhor, a segunda coluna da direita para a esquerda da tabela, representa o percentual de espíritas de cada Estado, em relação à quantidade de espíritas no Brasil. Assim, por exemplo, no Estado do Tocantins, a população de espíritas recenseada foi de 8.940 indivíduos o que representa 0,23% dos espíritas brasileiros. Comparativamente, 12 entrevistados do Estado do Tocantins responderam a pesquisa, o que representa 0,53% do total dos respondentes de todo o Brasil, um número que atende à proporcionalidade esperada na pesquisa.

De qualquer forma, a amostragem atendeu muito bem às necessidades da pesquisa, tanto que permitiu se fazer uma triagem mais rigorosa no universo total das pessoas que tiveram acesso à pesquisa, 3.533 respondentes. É importante registrar que um número considerável dessas pessoas também expressaram suas opiniões sobre os quesitos apresentados e outro tanto, se pronunciou livremente sobre a pesquisa e até sobre outros assuntos da Doutrina Espírita. Dentre os respondentes que preencheram corretamente a maioria dos quesitos da pesquisa (2.281), 461 atenderam ao quesito onde se facultava sugerir outras perguntas, além daquelas propostas pela pesquisa. Por exemplo, E.R., de 44 anos, espírita há dois anos, se expressou assim: “Eu tomei contato com o espiritismo via CINEMA, assistindo Nosso Lar, faltou esta opção.”. Da mesma forma, 699 comentaram seus casos de conversão, como, por exemplo, W. S., de 67 anos, espírita a 35 anos⁴³:

Eu me formei em Teologia, iniciando meu curso na Igreja Metodista de [...], depois conclui no Seminário Batista. Fui metodista até me encontrar "assentado" perfeitamente nos caminhos da Doutrina Espírita onde fazer o bem complementa a salvação que pregamos. Ser salvo é o primeiro passo, fazer o bem é caminhar mais uma milha como nos ensina Jesus. O espiritismo é sem sombra de dúvida a verdade que liberta, com ações fraternas em prol do próximo.

Na análise das respostas desses quesitos pode-se constatar que a grande maioria das motivações para a conversão ao Espiritismo correspondeu às motivações sugeridas e que os dados referentes aos entrevistados foram suficientes para se chegar às conclusões que esta pesquisa se propõe. Ficou evidente, também, que muitas informações ainda poderão ser obtidas pelo cruzamento dos dados obtidos, e que neste momento, fogem ao escopo deste trabalho. Também se constata que, com o uso de um software específico para análise estatística e precisão dos dados, a obtenção de novas informações poderá ser importante para novos estudos. Neste trabalho se usou o software Excel, da Microsoft, o que atendeu bem às necessidades desta pesquisa.

⁴³ W.S. faz parte de um grupo de 120 pessoas que dizem ter passado do Protestantismo para o Espiritismo.

Há necessidade, no entanto, de se conhecer as principais teorias defendidas pelo Espiritismo e que servem de atrativo para os que migram para a Doutrina Espírita. Há no Espiritismo, um encadeamento de argumentação onde um princípio defende outro e é por ele defendido, de forma que, para se conhecer e se perceber o conjunto da proposta espírita é necessário algum estudo de toda a base doutrinária. Por exemplo, a crença na pluralidade dos mundos habitados, onde o Espiritismo afirma que existem muitos planetas como o nosso, onde uma infinidade de espíritos estão em evolução, reforça o conceito também esposado pela Doutrina Espírita de que há nesse mundos entidades no nível de Jesus Cristo, ou maior cuidando do destino e da natureza desses planetas e que Deus não é um deus exclusivo da Terra e, por conseguinte, tem como seu povo todos os espíritos do Universo.

5.1 As teorias centrais do Espiritismo.

Kardec deixa claro que o Espiritismo não derivou de nenhuma religião anterior e que a sua base cristã, não deriva do catolicismo ou de qualquer outra religião cristã mais antiga. Nem mesmo os conceitos ligados à reencarnação e à vida espiritual tiveram origem, em sua codificação, em qualquer teoria ou filosofia primitiva ou oriental. Segundo Kardec, todo o conhecimento proposto dentro da Doutrina Espírita derivou do acervo dos depoimentos dos espíritos, isto é, foi obtido das comunicações que os espíritos forneceram por intermédio dos médiuns em diversos lugares do mundo.

As circunstâncias, tendo me colocado em relação com outros médiuns, cada vez que a ocasião se apresentava, disso aproveitava para propor algumas das questões que me pareciam as mais espinhosas. Foi assim que mais dez médiuns prestaram a sua assistência para esse trabalho. Foi da comparação e da fusão de todas essas respostas coordenadas, classificadas, e muitas vezes refundidas no silêncio da meditação, que formei a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, que apareceu a 18 de abril de 1857. Até o fim deste mesmo ano, as duas senhoritas Baudin casaram; as reuniões não mais ocorreram, e a família se dispersou. Mas, então, as minhas relações começaram a se estender, e os espíritos multiplicaram, para mim os meios de instrução para os meus trabalhos ulteriores. (KARDEC, 1993, p. 261).

As pesquisas levadas a efeito por Kardec geraram explicações para as causas dos fenômenos das mesinhas girantes, e outros que foram também objeto de estudo. No entanto, os contatos com o plano espiritual abriram um campo de investigação ainda maior. Os espíritos traziam notícias de suas experiências pós-morte e depunham sobre uma variedade de situações que envolviam seus destinos e a própria ordem da criação. O fenômeno em si, já não era mais o mais importante. As revelações dos espíritos é que passaram a ser a prioridade pelo

volume de informações e pelas explicações que propunham resolver muitas das dúvidas sobre o ser humano, suas dores e tribulações, sua evolução e desenvolvimento.

Por exemplo, se uma manifestação por pancadas ou vozes, ou escritos revelava uma inteligência adjacente, isso dava a crer que alguém que morreu tinha mantida a sua individualidade apesar da morte. Portanto, sua alma tinha sobrevivido à morte. Se, podia pensar e se expressar materialmente, podia se comunicar com os vivos por algum processo. Se podia se comunicar, podia ser questionado sobre uma infinidade de detalhes que eram comuns à sua maneira de viver em seu novo habitat. Se não apenas um, mas uma grande quantidade de espíritos podia se comunicar era possível identificar diferenças nas suas opiniões, como fazem os vivos sobre qualquer assunto. Isso, Kardec logo deduziu, no início de sua pesquisa.

Somente pela regularidade e frequência das comunicações é que se pode apreciar o valor moral e intelectual dos espíritos com os quais nos entretemos, assim como o grau de confiança que merecem. Se, é preciso experiência para julgar os homens, mais ainda será necessários para julgar os espíritos. (KARDEC, 2004, p. 30).

Segundo a lógica espírita, se os espíritos podiam produzir os fenômenos e podiam explicar como o faziam, esse conhecimento poderia esclarecer uma infinidade de fatos correlatos que ocorreram em toda a história da humanidade e tidos, até então como sobrenaturais. Havia depoimentos dos espíritos sobre os mais variados assuntos: vida após a morte, influência dos espíritos sobre as pessoas, teorias sobre a Criação, destino, reencarnação, etc.

A primeira pergunta que consta do *Livro dos Espíritos*, primeiro livro da codificação kardequiana, é *O que é Deus?* (KARDEC, 1994, p. 51). Seguem mais de mil perguntas e respostas sobre fundamentos filosóficos da proposta espírita. Kardec selecionou as questões inerentes aos porquês da vida e suas implicações com o todo universal. É possível identificar que houve uma derivação da motivação inicial com as pesquisas dos fenômenos. Continuava-se a estudar as manifestações e seus processos, mas buscava-se principalmente, agora, extrair dos espíritos as informações do seu mundo, além da morte. É aí, no *Livro dos Espíritos* que Kardec apresenta as principais teorias do Espiritismo. Logo na Introdução de *O Livro dos Espíritos* Kardec insere um “Resumo da Doutrina dos Espíritos”.

Deus é eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom; Criou o universo, que compreende todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais; Os seres materiais constituem o mundo invisível ou corporal e os seres imateriais o mundo invisível ou espírita, ou seja, dos espíritos; Os espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível e sua destruição pela morte os

devolve à liberdade; A alma é um espírito encarnado e o corpo é apenas o seu invólucro; Há no homem três coisas: 1º) o corpo ou ser material, semelhante ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º) A alma ou ser imaterial, espírito encarnado no corpo; 3º) o liame que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o espírito; Deixando o corpo a alma volta ao mundo dos espíritos, de que havia saído para reiniciar uma nova existência material após um lapso de tempo mais ou menos longo durante o qual permanece no estado de espírito errante; A encarnação dos espíritos ocorre sempre na espécie humana; As diferentes existências corporais do espírito são sempre progressivas e jamais retrógradas, mas a rapidez do progresso depende dos esforços que fazemos para chegar à perfeição; Os espíritos exercem sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico uma ação incessante. Agem sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das forças da natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até agora inexplicado ou mal explicados, que não encontram solução racional; (KARDEC, 1994, p. XXIII).

De forma que se pode resumir o credo espírita em cinco fundamentos principais: a reencarnação (isto é, a possibilidade de retorno à vida material, renascendo em um novo corpo de carne, como ser humano); o intercâmbio entre o mundo visível e invisível (que inclui a comunicação e a mútua interferência entre encarnados e desencarnados); a imortalidade da alma e sua experiência progressiva rumo à perfeição (o que exclui a existência de um céu e um inferno e a ideia de um julgamento único e final); a lei de causa e efeito (por onde todos são responsáveis pelos seus atos e onde se manifesta a Justiça Divina); e, a pluralidade dos mundos habitados (existem espíritos encarnados e desencarnados em outros astros do universo, assim como ocorre na Terra).

Quanto ao aspecto da prática espírita, uma atividade em particular se sobressai – a da caridade. Kardec fundamentou a salvação pela prática da caridade. O capítulo 15 de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* tem o título “Fora da caridade não há salvação”. (KARDEC, 2004, p. 192). Essa prática é muito respeitada entre os espíritas. A grande maioria dos centros espíritas tem pelo menos uma atividade de assistência aos necessitados, envolvendo as áreas de apoio alimentar, apoio à saúde, formação profissional, educacional, e espiritual. Como o Espiritismo vincula a salvação à prática das boas obras, reconhece que a caridade vem em primeiro lugar, antes mesmo da própria convicção religiosa. Para ilustrar esse fato, Kardec transcreve nas páginas iniciais do capítulo citado a passagem descrita no Novo Testamento (Lucas, 10: 25-37), em que Jesus realça a atitude do bom samaritano que socorre um homem atacado por ladrões, anteriormente ignorado por um sacerdote e por um levita. (KARDEC, 2004, p. 193). Ao trazer a caridade ao nível institucional, o Espiritismo cria um canal de afinidade para com fiéis de todas as religiões, conforme se poderá constatar, no último capítulo deste trabalho.

Muito da atratividade da proposta espírita está na sua ideia universalista. Não é uma filosofia de colcha de retalhos. É uma construção do conhecimento que certamente não copia,

mas reinterpreta certos fundamentos universais sob outro prisma. “O Espiritismo não traz grandes novidades, se bem que apresente ideias esparsas aqui e ali num todo racional e coerente. A maior novidade, porém, está na proposta de como amarrar esse conteúdo, testá-lo e assumi-lo de forma segura.” (INCONTRI, 2004, p. 108). Existe um espaço no conhecimento, que a Doutrina espírita propõe que seja preenchido. Um espaço que há muito tempo está convivendo com o ser humano, mas ainda não foi devidamente estudado e reconhecido: a dimensão espiritual. O Espiritismo busca aprofundar essa dimensão - a dimensão dos mortos, da espiritualidade, da outra vida - na justificativa de que seja essa dimensão a outra banda da senóide universal, anteriormente retificada pelo olhar materialista num reducionismo que afeta a realidade.

O Espiritismo considera o conhecimento como uma unidade, onde os limites de cada área são apenas delimitações de foco e não zonas de conflitos. Quem dividiu o conhecimento em áreas estanques e incomunicáveis foi o ser humano, talvez numa visão de preconceito e exclusivismo. A Teoria Geral dos Sistemas, elaborada por Karl Ludwig Von Bertalanffy (1901 - 1972) foi um enorme avanço nesse rumo, ao afirmar a interdependência dos elementos que compõe o todo orgânico, e aplicar a esse sistema o conceito da sinergia - de que o todo é, na verdade, muito maior do que as simples somas das partes. “Kardec propôs uma forma de conhecer integrada de todas as áreas: sem o conflito entre a ciência e religião, sem subjugação da filosofia, sem a exclusão de nenhum instrumental possível que se debruce sobre o homem e o universo.” (INCONTRI, 2004, p. 109).

Kardec propõe a abolição da categoria sobrenatural, rebaixando-a para a categoria do natural em investigação. Kardec propõe um novo método científico onde o fenômeno é a fonte da verdade subordinada a uma teoria ao qual o fenômeno é encaixado. Os espíritas insistem em que o método espírita de investigação, através da mediunidade é sim um método científico que usa um instrumento diferente que não é sólido e material nem foi construído pelo ser humano, mas real, embora eventual. Um instrumento que não se submete ao investigador, mas dá a esse investigador plena capacidade de observação e estudo. Para o Espiritismo é impossível a concepção de mundo sem o “outro lado da vida”. Para os espíritas, que usam frequentemente a expressão “fé raciocinada” a religião faz parte do conhecimento e o conhecimento faz parte da religião. “E assim, a visão cósmica espírita não se apoia numa premissas de fé ou numa categoria filosófica a priori - ela está enraizada na evidência do espírito.” (INCONTRI, 2004, p. 110).

Outro ponto fundamental do Espiritismo é o que os espíritas chamam de *Lei de causa e efeito*. Por essa lei, todo ato humano tem consequência e nada acontece por acaso. A

situação que a pessoa experimenta agora, de alegria ou tristeza, de riqueza ou de pobreza, de saúde ou de doença, tem explicação no retorno das consequências dos atos dessa pessoa. Segundo o Espiritismo, o ser humano tem responsabilidade, inclusive sobre o que pensa, pois o pensamento é uma força que tem poder de beneficiar e prejudicar. Os espíritas defendem o lema, *orar e vigiar*. Por esse lema, consideram que a mente equilibrada afasta as más influências e protege a saúde do corpo e da alma.

De forma que o conjunto de crenças que formam a Doutrina Espírita tem sua sustentação nos fenômenos de comunicação com os espíritos, dentro de uma abordagem natural; nas razões da existência humana e dos porquês da dor e do sofrimento; e, nas propostas cristãs de caridade e justiça divina com que o ser humano pode encontrar razões para ter resignação e tolerância e encontrar a felicidade na fraternidade caritativa.

5.2 Os objetivos e hipóteses da pesquisa.

O fundamental neste trabalho é conhecer os motivos da conversão ao Espiritismo no Brasil. Para tanto é preciso identificar o respondente espírita, testar de alguma forma o grau do seu envolvimento com a Doutrina Espírita, verificar se migrou de outra religião para o Espiritismo e os motivos de tal conversão. Com base em estudos feitos por outros pesquisadores e na experiência do autor foram aceitas como provável as seguintes hipóteses: para o perfil do respondente espírita mediano - mulher, idade madura, moradora de grandes cidades, renda superior a dois salários mínimos e instrução superior; para a condição de aprofundamento na doutrina: engajada, com presença de pelo menos uma vez por semana no Centro Espírita, conhecedora das obras de Allan Kardec e Chico Xavier; quanto ao tempo de Doutrina e idade de iniciação no Espiritismo - 20 anos para o primeiro e 30 anos para o segundo; quanto à motivação para a conversão ao Espiritismo - cura de pessoa da família, decepção para com a religião anterior e, simpatia para com os princípios espíritas, nessa ordem.

Na proposta do perfil escolheu-se a mulher, em vez do homem pelo processo de superocupação que pelo qual o homem está passando no seu local de trabalho nas últimas décadas e nas suas obrigações, restando-lhe muito pouco tempo para dispensar às atividades religiosas, principalmente no Espiritismo, em que não há exigência de frequência ao culto. Com a proliferação de atividades voluntárias e filantrópicas a mulher tomou dianteira em relação ao homem no atendimento desses serviços, mormente no meio espírita onde existe um grande foco no auxílio às crianças e às famílias pobres que, quando buscam assistência, são

conduzidas pelas mães. Um outro fator é que no Espiritismo tem-se notado uma maior quantidade de médiuns do sexo feminino do que do sexo masculino. Existe a tradição no meio espírita de achar que a mulher tem maior “sensibilidade mediúnica” do que o homem. O próprio IBGE informa como resultado do Censo 2010, que a quantidade de homens no espiritismo é inferior à quantidade de mulheres: 1.581.701 de homens, para 2.267.176, de mulheres.⁴⁴ Em um dos livros mais conhecidos de Chico Xavier, *O Consolador*, a pergunta 385 questiona se a mulher ou o homem tem melhores disposições para prática da mediunidade. A resposta, atribuída pelos espíritas ao espírito *Emmanuel*, explica:

No capítulo do mediunismo não existem propriamente privilégios para os que se encontram em determinada situação; porém, vence nos seus labores quem detiver a maior porcentagem de sentimentos. E a mulher, pela evolução de sua sensibilidade em todos os climas e situações, através dos tempos, está, na atualidade, em esfera superior à do homem, para interpretar, com mais precisão e sentido de beleza, as mensagens dos planos invisíveis. (XAVIER, 1995, p. 215).

A afluência maior ao Centro Espírita tem sido por parte de adultos. Jovens tem frequentado pouco as reuniões espíritas, em número às vezes menor do que as próprias crianças. Os motivos parecem ser óbvios: preparação para vida profissional, manutenção de trabalho e de estudo paralelos, outros interesses típicos da adolescência e da juventude, e despreocupação com a prática da filantropia ou participação em trabalhos voluntários de longo prazo. Outro fator que pode ser citado é que a maioria dos Centros Espíritas tem encontrado dificuldade em organizar programas de estudo e prática doutrinária, particularmente interessante aos jovens, além disso, existe um forte contraste entre o ambiente do templo religioso e o ambiente que o jovem gosta de frequentar. Por algum tempo, nas décadas de 1950 a 1980, houve um forte movimento de juventudes espíritas com *Concentrações de Jovens Espíritas* em muitos lugares do país. A esse tempo, havia uma maior presença da música nos centros espíritas, com corais e tertúlias, teatros e representações.

O Espiritismo é uma religião urbana. O Censo 2010 revela que 3.776.857 dos espíritas vivem nas cidades e 72.020 vivem na zona rural. A propagação do Espiritismo vem se materializando mais nas camadas social e educacional superiores e estas, tem marcante presença nos meios urbanos. O espaçamento entre as moradias e núcleos habitacionais decorrente das largas extensões de terra dedicadas à agricultura no meio rural, tem dificultado o contato entre as pessoas e ainda mais entre os raros espíritas aí presentes. Os espíritas dessas

⁴⁴ ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religio_Deficiencia/tab1_4.pdf

áreas têm preferido frequentar os centros Espíritas dos núcleos urbanos, nas oportunidades em que se dirigem às cidades. Um outro fator que pode ser apresentado é o tipo das necessidades espirituais que povoam o universo do indivíduo rural e do indivíduo urbano. Como explica Max Weber em *Economia e Sociedade*:

O destino do camponês está tão fortemente vinculado à natureza, tão dependente de processos orgânicos e fenômenos naturais, e economicamente é tão pouco suscetível de uma sistematização racional que ele, em geral, somente costuma tornar-se portador de uma religiosidade quando está ameaçado, por poderes interiores (discas ou sensoriais) ou exteriores (políticos), de ser feito escravo ou proletário. (WEBER, 2004, p. 321).

Ainda que esse perfil camponês esteja se modificando por força das vias de comunicação que mantém ligados o campo e a cidade, a vida no campo apresenta um ritmo bastante diferente do da cidade, onde as angústias geradas pela modernidade provocam uma maior aproximação com a religiosidade, na busca de uma paz interior que, salvo melhor juízo, é mais facilmente sentida junto à natureza.

A pesquisa de (CAMARGO, 1961) feita no começo da década de 1960 ajudou a elencar, neste trabalho, as hipóteses de maior frequência nas motivações para a conversão ao Espiritismo no Brasil. Segundo aquela pesquisa, os motivos mais importantes para as pessoas que procuravam o Espiritismo eram: problemas espirituais e obtenção de curas. As demais hipóteses para o perfil médio do espírita veio da experiência pessoal do autor.

5.3 A metodologia e seus instrumentos.

Para o estudo das motivações de conversão ao Espiritismo era necessário estruturar uma pesquisa teórica sobre o Espiritismo no Brasil e no mundo, sempre com foco nas características do Espiritismo que poderiam servir de incentivo à conversão; e, uma pesquisa de campo pela qual se pudesse colher as informações do momento sobre as motivações à conversão. Para compor essa pesquisa de campo recorreu-se a um questionário a ser distribuído em todo Brasil. Para compor a estrutura do questionário buscou-se: identificar o respondente, avaliar o grau de profundidade na Doutrina Espírita e, conhecer os motivos de sua conversão ao Espiritismo.

A identificação do respondente abrangeu saber dele nome, sexo, idade, origem (cidade estado), nível de escolaridade e renda, além de informações para contato, caso houvesse necessidade de confirmar dados ou aprofundar a pesquisa. A necessidade de avaliar

o grau de aprofundamento na Doutrina Espírita veio da dificuldade de se excluir respondentes que pudessem se dizer espíritas sem sê-lo, uma vez que, ainda hoje no Brasil, diversas outras denominações, como a Umbanda e o candomblé utilizam do nome Espiritismo em suas tendas e terreiros. Haja vista, a dificuldade que o próprio Censo 2010 teve na categorização das religiões no Brasil. Como forma de fazer essa triagem foram incluídos no questionário quesitos que avaliavam a quantidade e qualidade da leitura de publicações básicas do Espiritismo, a crença nos princípios espíritas, a frequência ao Centro Espírita e, a possível duplicidade de pertença religiosa. Para o levantamento das motivações para a conversão ao Espiritismo foram apresentadas opções, que varrem os principais temas que para o Espiritismo tem-se apresentado relevantes. Foram organizados duas versões de questionário: uma em papel, para respondentes presenciais (Apêndice 1), e outra eletrônica para respondentes via internet (Apêndice 2).

Os dados foram coletados via internet através de um site de pesquisa. Mesmo os questionários respondidos em folha de papel foram passados para esse site que organiza os dados e permite importa-los em formato de planilha eletrônica. No período da coleta de dados, que se estendeu de outubro de 2010, até agosto de 2012, foram realizados 3.533 acessos ao site de pesquisa, dos quais foram triados 2.281 depoimentos, de 474 cidades, em todos os Estados do Brasil. No total, foram coligidos mais de 210 mil dados. A triagem feita nos depoimentos se restringiu, apenas, à exclusão dos depoimentos em que não constavam informações mínimas que permitissem deduzir a motivação da conversão; dos depoimentos realizados por respondentes que se tornaram espíritas antes dos 13 anos; e, também, os depoimentos com falhas ou contradições.

A distribuição dos questionários em papel foi feita através de entrega pessoal pelo autor e colaboradores. Para o caso dos questionários eletrônicos foi contratado um site de pesquisa, o <https://pt.surveymonkey.com>. Usando colaboradores e redes sociais, foi informado o link do site de pesquisa para que os respondentes, de qualquer lugar do Brasil, pudessem participar. O trabalho de tabulação, seleção, triagem, depuração, e cálculos estatísticos foram realizados pelo autor. Instados a se posicionar frente ao quesito “Entendi muito bem como deveria responder a esta pesquisa”, 94,56% dos respondentes concordaram com a proposição, 3,11% se mantiveram neutros e, 2,33% discordaram. Esse dado ajuda a manter a confiabilidade das informações fornecidas, quanto ao aspecto da interpretação pessoal dos diversos quesitos.

5.4 O perfil do espírita.

A organização das informações coletadas permitiu determinar o perfil médio dos respondentes. Esse perfil vai ajudar a entender as motivações para a conversão, uma vez que refletem dados sociométricos individuais e coletivos.

5.4.1 Sexo, idade, escolaridade e renda.

A definição do sexo em pesquisa de campo sempre é muito importante. Motivações, condições de vida e maneira de pensar são diferentes entre homens e mulheres. No Espiritismo existem áreas onde as mulheres estão mais presentes do que os homens, e vice-versa. A observação do autor, em mais de 50 anos de contato com Centros Espíritas no Brasil, revela, por exemplo, que nas atividades assistenciais realizadas nos Centros Espíritas predominam as mulheres; nas atividades de direção e divulgação por palestras e eventos, predominam os homens. Vejamos a seguir o número de mulheres e homens presentes nesta pesquisa:

Tabela 2 - Sexo

SEXO	Q	%
HOMENS	770	33,95%
MULHERES	1498	66,05%
DECLARARAM	2268	99,43%
NÃO DECLARARAM	13	0,57%
TOTAL	2281	100,00%

Fonte: do autor

Houve uma clara predominância do sexo feminino, confirmando a previsão do planejamento. Isso se deve a três fatores iniciais: as mulheres participam mais de atividades em redes sociais, onde foi realizada uma grande parte dos contatos; elas atendem com maior boa vontade quando convocadas para o preenchimento de pesquisas; e as mulheres, segundo o Censo 2010, são em maior número que os homens, no Espiritismo (2.267.176 mulheres para 1.581.701 homens). Outro fator, que acompanha o observado pelo autor é que como no Espiritismo a grande maioria de Centros Espíritas possui atividade filantrópica, há mais campo para a participação das mulheres que já demonstraram preferência por esse setor. O pendor das mulheres para as atividades assistenciais também pode ser evidenciado na pesquisa de SIMÕES (2005). Nessa pesquisa, o autor revela que no Brasil, as mulheres

predominam como Assistentes Sociais (96,7%) contra uma baixa participação masculina (3,3%). Apesar da presença do Catolicismo e do Protestantismo na promoção de atividades assistenciais no Brasil, o destaque fica para as obras assistenciais espíritas. “Para além do Catolicismo e do Protestantismo, o Espiritismo se destaca, no cenário brasileiro, como provedor de serviços assistenciais.” (SIMÕES, 2005, p. 64).

A idade é fator primordial na seleção e escolha de uma nova crença. Já nos estudos de James Fowler, apresentados em capítulo anterior, se compreende a importância da idade como fator de escolha e posicionamento perante a vida de cada indivíduo. O mapeamento da faixa etária permite agrupar por idade os respondentes e melhor analisar o momento e os motivos da sua conversão. Nesta pesquisa foram consideradas as respostas das pessoas que tinham 13 anos ou mais, em virtude do amadurecimento e da liberdade de opção que faixas etárias menores não possuem.

Tabela 3 - Idade.

IDADE	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	53	2,39%
ENTRE 21 E 30 ANOS	465	20,96%
ENTRE 31 E 40 ANOS	555	25,02%
ENTRE 41 E 50 ANOS	599	27,01%
ENTRE 51 E 60 ANOS	400	18,03%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	146	6,58%
DECLARARAM	2218	97,24%
NÃO DECLARARAM	63	2,76%
TOTAL	2281	100,00%

Fonte: do autor

A maior faixa dos respondentes está entre os 21 e os 50 anos, e representa a faixa etária da maioria dos espíritas, também conforme o Censo 2010. Essa faixa etária corresponde, segundo Fowler, às fases da fé individual-reflexiva (jovem idade adulta - 21 a 35 anos), e da fé conjuntiva (idade adulta - 35 a 60 anos). São as fases das escolhas definitivas onde o indivíduo não se acanha em se confirmar como sendo deste ou daquele credo, e sente a necessidade de escolher pela própria cabeça.

A escolaridade ajuda a definir o grau de senso crítico de um indivíduo. Isso, porque, o contato com os estudos geralmente aprimora a capacidade de comparação e análise. O Espiritismo é uma religião na qual o conjunto de princípios exige, para a sua aceitação, certo grau de reflexão e estudo. Como apela para a racionalidade na interpretação dos conceitos que

esposa, a Doutrina Espírita passa a ser mais bem compreendida por aquelas pessoas que tem uma visão do mundo mais crítica e que desenvolveram, através de alguma formação educacional, um sentido de análise, julgamento e comparação que é tanto mais decisivo, quanto maior o seu nível de escolaridade.

Essas considerações, no entanto, não excluem o fator da fé. A fé não depende fundamentalmente da cultura ou da erudição, mas estas servem de crivo para a não aceitação de ideias e propostas que o nível de conhecimento e formação de cada pessoa recusa aceitar. Na pesquisa de (CAMARGO, 1961) o grau de escolaridade representativo da formação educacional dos espíritas era o nível primário, com 60,7%, seguido pelo nível secundário, com 32,2%. Foi uma época em que a ênfase no estudo superior não era forte como agora. Com poucas universidades, eram raras as pessoas que tinham acesso a esse nível de formação. Hoje, quando o preparo profissional pressiona para uma formação acadêmica mais significativa, o 3º Grau, essa presença tende a ser mais efetiva nos contingentes espíritas. Neste trabalho já se pode perceber a mudança. Os espíritas se apresentam com 70% do seu universo com formação superior (graduação), ou maior.

Como já foi dito, o Espiritismo é uma religião de livros e o hábito da leitura pressupõe um bom nível de formação escolar. Sendo assim, a difusão do Espiritismo e o seu consequente poder de aliciamento se torna cada vez dependente de líderes bem formados e bem articulados. Explicar e convencer sem dogmatizar exige exercício de argumentação de bom nível, ainda mais quando o ouvinte tem uma boa formação intelectual. Estes números estão em estreita ligação com os da renda dos espíritas. Bons estudos, hoje, no Brasil, significam boas escolas e muito recurso para a manutenção do estudante.

Tabela 4 - Escolaridade

ESCOLARIDADE	Q	%	%
PÓS STRICTU	208	9,12%	74,00%
PÓS LATU	537	23,54%	
SUPERIOR	943	41,34%	
MÉDIO	550	24,11%	25,52%
FUNDAMENTAL	32	1,40%	
DECLARARAM	2270	99,52%	99,52%
NÃO DECLARARAM	11	0,48%	
TOTAL	2281	100,00%	

Fonte: do autor

Os últimos resultados do Censo 2010 também confirmam uma concentração de espíritas no nível superior e de pós-graduação. Ainda mais, o Censo 2010 mostra que 97,87 % dos espíritas são alfabetizados, o maior índice entre todas as religiões. No início do Espiritismo no Brasil, as publicações que apresentavam a Doutrina Espírita eram escritas em francês. Só pessoas de um nível social e intelectual tinham acesso a essas publicações. Já na França, o interesse pelo Espiritismo vinha das camadas mais cultas. A própria teoria espírita exigia uma iniciação para entender a sua proposta, principalmente porque abordava questões que não eram do conhecimento de todas as classes. Com uma abordagem científica e filosófica, o Espiritismo exigia uma certa cultura para ser entendido, aceito, e até combatido. A prática mediúnica não exige erudição, mas o aprofundamento no Espiritismo cobra leitura e estudo, atividades mais afetas àqueles indivíduos que já conquistaram certo grau de educação.

Têm proliferado, nos Centros Espíritas, as Escolas de Médiuns, com estudos sistematizados do Espiritismo. Essas escolas são formatadas como cursos que oferecem textos para análise e apostilas para estudo. Além disso, ao tratar do que chama de mundo espiritual, a Doutrina Espírita recorre a conceitos presentes na física, na astronomia, nas ciências naturais e humanas. Alguns depoimentos da pesquisa vão ao encontro dessa conclusão:

Sendo cético e científico como eu era antes, era muito difícil conciliar certas crenças vindas da infância (parentes espíritas). Acreditava na vida espiritual como uma possibilidade plausível cientificamente (a física quântica leva a isso), porém a crença num Deus era inimaginável... Enfim, ainda ando pelo pelos dois lados, ceticismo e fé... Mas espero um dia conseguir desenvolver minha fé plena, e usar minha capacidade lógica em prol da doutrina que me traz tantos benefícios. (A.L., 30 anos, 2 anos de Espiritismo).

Sempre quis saber sobre a Justiça Divina que me parecia sem explicação por não entender sobre as desigualdades sociais e o problema das dores e sofrimentos. Eu sempre acreditei que Deus é bom e soberanamente justo, mas que não poderia ser de sua vontade que se nascesse aleijados e sofredores sem que isso significasse injustiça. Tais perguntas me foram respondidas satisfatoriamente com a reencarnação. (D.S., 43 anos, 15 anos de Espiritismo).

O verdadeiro Espirita não acredita no que o Espiritismo diz, mas chega a uma conclusão lógica de todo o conteúdo da Doutrina. (F.A.O.B, 39 anos, 4 anos de Espiritismo).

“A dimensão racional, no sentido weberiano da palavra, - valores racionais - é conseguida pela assimilação do sacral na vida corrente, preenchendo o grande vazio, as falhas e frustrações da condição humana.” (CAMARGO, 1961, p. 148). Trazer a racionalidade à vida é aceitar uma explicação que satisfaça o bom senso e substitua, com vantagem, as justificativas de vida conhecidas anteriormente. Isso pode explicar a conclusão contida em

uma pesquisa feita pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais - CERIS, acerca da mudança de religião no Brasil: "... quanto maior o nível de escolaridade, maiores as chances de a pessoa ter mudado de religião. Entre os níveis de escolaridade, mais elevados apenas o superior incompleto não apresenta proporção maior que a média geral" (FERNANDES, s.d., p. 18).

Para o caso da renda, é fácil entender que dependendo do nível financeiro da pessoa, se pode inferir um certo grau de sofisticação, tanto do status educacional, quanto do grau de relacionamento com pessoas de um nível mais elevado de cultura.

O quesito renda, nesta pesquisa, também acompanha o resultado do Censo 2010, no qual, a maioria dos espíritas tem renda superior a 2 salários mínimos (53,20%). A pesquisa deste trabalho apurou que mais de 90% dos espíritas consultados tem renda superior a 2 salários mínimos. Esse fato está relacionado em parte com o quesito escolaridade. Com uma escolaridade maior, é mais fácil de conseguir salários maiores. É um círculo virtuoso. Não se pode ignorar que "a codificação espírita penetrou no país por intermédio das elites da sociedade, e o vínculo com os setores dominantes foi cativado e mantido, desde então." (SANTOS, 1997, p. 80). Políticos, militares, acadêmicos, funcionários públicos e profissionais liberais de formação superior foram os que receberam os primeiros livros espíritas para estudo e divulgação.

Tabela 5 - Renda

RENDA	Q	%	%
AC 20 SM	164	7,34%	65,65%
AC 10 ATÉ 20 SM	455	20,38%	
AC 4 ATÉ 10 SM	847	37,93%	
AC 2 ATÉ 4 SM	567	25,39%	34,35%
ATÉ 2 SM	200	8,96%	
DECLARARAM	2233	97,90%	100,00%
NÃO DECLARARAM	48	2,10%	
TOTAL	2281	100,00%	

Fonte: do autor

Não existe incompatibilidade entre os preceitos espíritas e quaisquer condições sociais. Nem há necessidade de nível social para a prática doutrinária ou mediúnica. Chico Xavier era de origem humilde e se tornou um dos maiores expoentes do Espiritismo no Brasil. No entanto, é visível a sua aptidão para a construção de mensagens coerentes e até avançadas do ponto de vista acadêmico. Livros como *Mecanismos da Mediunidade*, onde Chico Xavier

aborda os processos mediúnicos e suas semelhanças com os processos da eletricidade e do magnetismo exigem escolaridade e familiaridade com a ciência para serem lidos e estudados.

5.4.2 Religião anterior, idade de início, contato inicial, contato com a literatura espírita e, religião com menos afinidade.

Conhecer a religião anterior do convertido ajuda a entender o processo da conversão. O conjunto de práticas e ideias que compõem a estrutura teológica de uma religião define a aderência maior ou menor dos seus fiéis. É essa teologia, principalmente, que gera o primeiro desconforto quando o indivíduo se propõe a mudar de religião. Foi a conclusão a que o CERIS também chegou na sua pesquisa, na década de 2000: “o principal motivo pelo qual um indivíduo abandona uma determinada religião é a discordância de preceitos e doutrinas propostos” (FERNANDES, s.d., p. 35). Vejamos os dados coletados para esta tese:

Tabela 6 - Religião anterior.

RELIGIÃO ANTERIOR	Q	%
AFRO	15	0,66%
CATOLICISMO	2039	89,39%
ESPIRITISMO	0	0,00%
NENHUMA	18	0,79%
ORIENTAL	25	1,10%
OUTRA	6	0,26%
PROTEST	120	5,26%
UMBANDA	58	2,54%
DECLARARAM	2281	100%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	2281	100,00%

Fonte: do autor

Para esta pesquisa o quesito “religião anterior” reuniu as religiões em sete grupos: católicos, protestantes, afro-brasileiras, Umbanda, orientais, outras e nenhuma. A separação entre afro-brasileiras e Umbanda foi feita tendo em vista que a postura e o grau de aproximação dessas duas religiões em relação ao Espiritismo são diferentes. A Umbanda incorporou alguns conceitos do Espiritismo, como a reencarnação e a concepção do mundo espiritual. Na Umbanda são lidos e estudados os livros de Kardec, diferentemente do que ocorre com as religiões afro-brasileiras, como o candomblé, a quimbanda, etc. O grupo “nenhuma” apresenta dados daqueles que se posicionaram como ateus ou sem-religião. O grupo “outras” se refere a todas as outras religiões que, pelo seu baixo número de conversões

ao Espiritismo não foram separadas: judaísmo, islamismo, testemunhas de Jeová, mórmons, etc.

A pesquisa demonstrou que quase 90% dos respondentes que se converteram ao Espiritismo vieram do Catolicismo. Isso tem varias justificativas: a primeira é que, sendo o Brasil um país de maioria católica, 64,63%, segundo o Censo 2010, era de se esperar um maior número de católicos presentes nesta amostra, embora em não tão grande proporção (89,39%); um segundo motivo, que pode ser apontado é o desencantamento dos católicos com a sua religião. A diminuição no número de católicos verificado nos últimos censos mostra um afastamento gradual dos fiéis em direção a outras religiões ou para não adotar nenhuma religião. Isso pode ser consequência de um ajustamento, uma definição por parte dos católicos em se afirmar como realmente católicos. Já não há mais constrangimento em não ser católico e então, muitos católicos passaram a assumir a sua verdadeira condição - a de não católicos. Esse comportamento, no Censo 2010 pode ter ajudado a definir a real quantidade de católicos “verdadeiros”, aqueles que seguem os princípios da religião e os praticam. ANTONAZZI (2003) já analisava esse fato nos resultados do Censo de 2000.

Se considerarmos os que aderiram a estes movimentos como católicos que fizeram uma opção ou escolha consciente do Catolicismo, no contexto moderno, deixando de ser apenas “católicos” por tradição familiar, pode-se pensar que o Catolicismo – nas últimas décadas – perdeu, no contexto das migrações e da urbanização (que favorecem a ruptura com o ambiente tradicional), um certo número de fiéis, ou de católicos “nominais” (católicos só de nome), mas ganhou em participação ativa dos fiéis na vida eclesial e na evangelização. (ANTONIAZZI, 2003, p. 78).

Uma justificativa para a conversão de católicos para o Espiritismo é a base cristã que o Espiritismo possui. A Doutrina Espírita privilegia a conduta ético-cristã, a humildade e a caridade, como norma de procedimento central na sua prática. Essas virtudes também são fundamentais no Catolicismo. A caridade para os espíritas é um fundamento da salvação. Tanto que é lema entre os espíritas a frase: “Fora da caridade não há salvação”. Essa identidade torna mais fácil a transição do Catolicismo para o Espiritismo. Para o espírita, tanto quanto para o católico são as obras que conduzem à salvação.

Além disso, a postura mais aberta dos católicos do que de outras religiões em relação ao Espiritismo também ajuda a explicar o seu predomínio na conversão ao Espiritismo, dos seguidores dessa religião. Embora a Igreja Católica como instituição tenha sido dura no combate ao Espiritismo, principalmente no início da Doutrina Espírita no Brasil, os católicos têm sido mais permeáveis às ideias espíritas do que os evangélicos, por exemplo. Como já foi dito anteriormente, é grande a quantidade de católicos que acredita da vida após a morte (da

maneira como os espíritas concebem essa condição) e, na reencarnação, conceitos inaceitáveis pela Igreja Católica como instituição. Outro fator que explica a maior quantidade de convertidos ao Espiritismo ter vindo do catolicismo é o grau de rejeição do respondente católico para com as demais religiões apresentadas na pesquisa. Como são os respondentes em maior número este dado pode ser usado como referência. Das oito religiões apresentadas para se aferir o grau de desafinidade (ou rejeição) o Espiritismo ficou no sexto lugar, com 1,63%, apenas à frente dos que não tinham nenhuma religião e dos oriundos de outras religiões.

Para o caso do Protestantismo, para quem a fé é o agente salvador, e para quem a prática mediúmica, a reencarnação e a vida espiritual são absolutamente inaceitáveis, a conversão para o Espiritismo é muito mais dificultada, o que justifica o baixo percentual de espíritas vindos do Protestantismo (5,26%). Assim como, aponta (CAMARGO, 1961), o Espiritismo não oferece uma “valorização tão marcante do sucesso econômico, como se fez na ética Protestante, havendo, antes, uma reavaliação da hierarquia de prestígios em termos do sentido total da evolução.” (CAMARGO, 1961, p. 147). O crente protestante busca a solução dos seus problemas acreditando que a fé e a constância nos trabalhos da sua igreja já é o suficiente. No Espiritismo, a norma é “ajuda-te a ti mesmo que o céu te ajudará”. E esta ajuda não depende de prática doutrinária ou religiosa, mas da prática do Bem. Só o rompimento com esta maneira de ver a religião pode facilitar a conversão do protestante ao Espiritismo.

Dos que pertenciam a alguma igreja evangélica histórica, 50,7% migraram para o pentecostalismo. [...] Percebemos, também um processo de migração interna ao pentecostalismo, uma vez que 40,8% dos que se consideravam anteriormente evangélicos pentecostais permanecem nesta categoria mais ampla, nos permitindo afirmar que houve uma mudança denominacional interna à própria religião, trânsito intra-evangélico. (FERNANDES, s.d.).

Essa observação é importante e significa que o evangélico quando muda de religião o faz dentro do próprio protestantismo, buscando identidade de crença ajustada a outros fatores de conforto e respostas às suas necessidades de afiliação. É necessário reconhecer que não se podem juntar sob uma mesma categoria todos os movimentos que se dizem protestantes ou, evangélicos. A multiplicidade de denominações e a diversidade de princípios entre essas igrejas compõem uma colcha de retalhos que só beneficia o grande grupo de evangélicos pela impressão de massa monolítica que dá aos leigos e à população em geral, e oculta de certa forma a rivalidade que existe entre as próprias denominações, principalmente entre as Igrejas do Protestantismo histórico e entre os denominados de neopentecostais.

É preciso que se distinga bem, ao estudar qualquer novo movimento religioso, o limite exato em que o velho Protestantismo deixa de estar presente. Quando seus princípios básicos de liberdade - a justificação pela fé, a *sola scriptura*, o livre exame e o sacerdócio universal dos crentes - não estiverem presentes ou se apresentarem obscurecidos por outras práticas religiosas, não há mais Protestantismo. (MENDONÇA e CAMPOS, 2008, p. 104)

Um outro fator do baixo índice de conversão de protestantes ao Espiritismo é o Protestantismo pentecostal. Os pentecostais representam hoje, segundo o Censo 2010, 59% de todas as denominações evangélicas. Seu perfil apresenta uma predominância na classe de renda até 2 salários mínimos de cerca de 87% e, uma predominância de escolaridade até nível médio incompleto de pouco mais de 70%. O baixo nível de renda aliado à baixa escolaridade tornam as preocupações dos pentecostais muito próximas da simples sobrevivência. “À semelhança do que acontece no Catolicismo popular e também nos cultos afro-brasileiros, a ênfase da prática religiosa pentecostal está no plano da vida diária, na solução religiosa dos problemas existenciais.” (MENDONÇA e CAMPOS, 2008, p. 67). Esse fato, mais a intensa pregação contra tudo que seja ligado ao mediunismo, seja por parte das religiões afro-brasileiras e até mesmo do Espiritismo e, ainda, pela oferta em suas igrejas dos mesmos recursos de socorro propiciados por estas religiões mediúnicas torna desinteressante e até abominável a aproximação com o Espiritismo.

Dentro da prática pentecostal existem procedimentos para a expulsão de espíritos malignos, além de um número razoável de cultos voltados para a resolução de problemas do cotidiano: doenças, dificuldade de trabalho, desarmonia familiar, vícios, e, até a promessa de prosperidade financeira. Essa é a razão para que apenas 5,26% dos entrevistados tenham vindo do Protestantismo. A incapacidade de oferecer soluções em curto prazo tem dificultado a adesão de fiéis ao Catolicismo e até às denominações do Protestantismo histórico. O fenômeno pentecostal provocou a estagnação ou mesmo uma diminuição dos contingentes católicos e protestantes históricos, tendo em vista que a grande massa da população das classes sociais menos afortunadas e com menos recursos para a solução de seus problemas existenciais, não busca uma consolação ou resignação ou uma filosofia de vida, mas a solução dos seus problemas aqui e agora.

Para o caso das religiões afro-brasileiras (0,66%) como o candomblé, que apresentaram baixo número de conversões ao Espiritismo em relação aos católicos e protestantes nessa pesquisa, isso se deve ao menor número de seguidores dessa religião, perto de 600.000 (somados com os umbandistas), segundo o Censo do IBGE 2010 e, também, à

natureza muito diferente da filosofia de vida, prática religiosa e doutrina. No candomblé, há um panteão de divindades à disposição para mitigar as necessidades dos fiéis. A promessa solução rápida dos problemas, das perturbações e doenças encontram ofertas de solução mais direta sem passar por complicadores como o carma e suas causas e efeitos. O seguidor do candomblé se submete e se acostuma a uma vida de aceitação do seu destino, regido por uma entidade que o protege e conduz pelos momentos alegres e tristes e aos quais a sua constante devoção e oferecimento de mimos garantem o seu bem-estar e a sua tranquilidade para viver.

“As religiões afro-brasileiras orientam-se essencialmente para o alívio das aflições deste mundo, neste mundo, e se preocupam pouquíssimo com o que possa acontecer após a morte”. (BRANDÃO, 2002, p. 85). É certo que reconhecem a existência dos espíritos, mas não há nenhuma teorização sobre as condições de existência desses espíritos no mundo espiritual. “Na verdade, os devotos acreditam na sobrevivência do *egun*, o fantasma que ronda os lugares por onde viveu. [...] Porém, a respeito da imortalidade da alma, em sentido mais estrito, suas noções são muito vagas...” (BRANDÃO, 2002, p. 85).

O modelo espírita é considerado “muito demorado”. No Espiritismo, a solução dos problemas não está no outro, está em si mesmo. É o comportamento do indivíduo que atrai ou afasta as suas dores e sofrimentos. O Espiritismo prega a resignação com o sofrimento, principalmente quando o sofrimento atual tem origem nas faltas cometidas em vidas anteriores. Não há ritual ou procedimento que tenha efeito sem a participação ativa do necessitado. Os cultos africanos, ao contrário, assim como os cultos indígenas, não consideram o aspecto moral do indivíduo para propiciar a ele cura ou afastar dele o mal. O sofrimento para essas religiões é um mal que deve ser afastado aqui e agora. E como na maioria das vezes os males são propiciados pela proximidade com entidades malévolas, o remédio é, quase sempre, buscar afastar essas entidades e proteger o necessitado contra novas investidas. Nada de filosofia!

“Surgida nos anos 1920, a Umbanda foi organizada por membros da classe média do Rio de Janeiro, que, segundo Diana Brown, eram ‘espíritas insatisfeitos e entediados’, contra ‘ênfase doutrinária superintelectualizada do Espiritismo’”. (SANTOS, 1997, p. 56). A mediunidade praticada nas casas mais humildes do Rio de Janeiro buscou uma estrutura que diferisse do modelo africano de manifestação e encontrou no Espiritismo uma forma de legitimar suas práticas. A Umbanda não se pronunciou contra o Espiritismo, pelo contrário, frequentemente advogou ser também Espiritismo. Ainda hoje se veem muitos núcleos umbandistas com o nome de “Tendas Espíritas” ou “Terreiros Espíritas”. Foram os espíritas

que buscaram esse distanciamento discordando do modelo de desenvolvimento mediúnico e da prática umbandistas.

Espíritas frequentavam a Umbanda e o candomblé, e estes frequentavam também o Espiritismo, como a viver ou trabalhar em dois mundos: a esfera dos resultados rápidos, apoiada pelos seus pretos velhos e caboclos e a esfera dos resultados duradouros, aqueles que afastavam os males pela mudança de postura moral do indivíduo, apoiados pelos espíritos de luz. Essa prática de frequentar Umbanda e Espiritismo cria um recobrimento entre as duas correntes, habitado por aqueles que não querem abdicar dos benefícios oferecidos por ambas religiões.

No caso da Umbanda, há uma maior aproximação com o Espiritismo, o que pode explicar o maior trânsito entre uma religião e outra. Nesta pesquisa, 2,54% dos respondentes vieram da Umbanda, um número bastante mais expressivo do que o dos egressos das afro-brasileiras. Embora a Umbanda guarde expressões e algumas práticas das religiões africanas possui uma doutrina religiosa mais próxima do Espiritismo do que daquelas religiões. “A exemplo das “escolas de médiuns”, do kardecismo, também a Umbanda dá lições de mediunidade aos seus filhos, ensinando-lhes como receber as entidades e o seu sistema de interpretação da vida religiosa.” (CAMARGO, 1961, p. 50). A Umbanda é considerada o meio termo entre as práticas do mediunismo africano e indígena e o trabalho mediúnico no Espiritismo. E até pelo seu início se pode enxergar essa proximidade.

O fundador da Umbanda é frequentemente identificado com um homem chamado Zélio de Moraes, do Rio de Janeiro. Zélio era branco, classe média, e filho de um espírita kardecista. Ele afirma que em 1920 o espírito de um padre jesuíta se revelou a ele e lhe disse que ele seria o fundador de uma nova religião, genuinamente brasileira que seria dedicada a dois espíritos brasileiros: O Caboclo e o Preto Velho. (JENSEN, 2001, p. 6).

A Umbanda se utiliza das obras de Kardec e acredita na reencarnação e sobrevivência da alma da forma como o Espiritismo crê. Esses fatores favorecem a conversão de fiéis de um lado para outro. O modelo de “Centro Espírita”, diferentemente do modelo do “terreiro” se aproxima mais do gosto do brasileiro de classe média e intelectualizado. Esta pesquisa revelou que 67,24% dos espíritas oriundos da Umbanda tem nível de escolaridade superior e de pós-graduação e, que 56,14% tem renda superior a 4 salários mínimos. O Espiritismo acrescenta um estudo mais amplo do que a Umbanda, para os problemas do ser e para a teoria da mediunidade. Haja vista a grande quantidade de publicações espíritas em relação com as publicações da Umbanda. Desta forma, o Espiritismo kardecista “permanece

como ponto de atração, representado não só a ideia de evolução moral e doutrinária, mas também caminho para o indivíduo alcançar melhor status e ascender socialmente”. (CAMARGO, 1973, p. 172).

A presença de orientais convertidos ao Espiritismo, nesta pesquisa, foi de 1,1%. O Censo 2010 aponta a presença de 415.267 seguidores de religiões orientais, incluídas aí o hinduísmo, o budismo, novas religiões orientais e outras religiões orientais. Este número representa cerca de 0,22% da população brasileira. A maioria das religiões orientais acredita na reencarnação e na lei do carma, no entanto a visão de mundo é diferente do Espiritismo. O Espiritismo é uma religião para a qual a vida terrena é uma das múltiplas oportunidades para se aperfeiçoar a alma, sendo o corpo apenas um instrumento desse aperfeiçoamento. Para a Doutrina Espírita a vida não tem finalidade em si mesma, mas no resultado que as ações praticadas na vida podem oferecer. Na filosofia espírita a matéria tem pouca importância, o corpo “não é uma instância ontológica, mas uma instância existencial. Da existência material o ser passa para a existência espiritual mudando de instância existencial: substitui o corpo físico pelo corpo energético do perispírito.” (PIRES, 1993, p. 71).

Nas tradições religiosas orientais a vida deve ser vivida como um objetivo de aprimoramento que deve ser alcançado aqui. No budismo, no taoísmo, reconhece-se a existência das almas dos ancestrais, mas sem a interferência direta destes no cotidiano da vida. Não se pratica a mediunidade, nem a comunicação seja com espíritos bons ou maus. Tudo é mente e corpo, e mente e corpo são frações de uma unidade maior. O conceito de Deus, para o budismo, por exemplo, se confunde com o conceito do todo. Não há uma entidade soberana, mas um todo harmonioso que controla todas as coisas, a natureza e o ser humano, que devem viver integrados. Livia Kohn ao tratar das religiões chinesas como elemento para o estudo comparado das religiões percebe que o seguidor dessas religiões vê a vida de um ponto de vista altamente afirmativo: “é bom estar vivo, é muito precioso ter nascido humano; é não somente possível, mas desejável, realizar-se humanamente no mundo e por meio do mundo.” (NEVILLE, 2005, p. 61). Esta pesquisa revela que mais de 70% dos convertidos oriundos de religiões orientais já acreditava na vida após a morte, na reencarnação e na comunicação com os espíritos. A proximidade das crenças, embora sob visões algo diferentes, pode explicar a conversão desses respondentes ao Espiritismo.

O percentual de seguidores de outras religiões que se converteram ao Espiritismo soma 0,26%. Para esses casos é plausível considerar a atratividade do Espiritismo baseada nos seus princípios fundamentais. Neste grupo apenas 50% acreditava na vida após a morte e na reencarnação, e um pouco mais que isso (66,67%) já acreditava na comunicação com os

espíritos. No entanto quando apresentadas as opções de motivação para a conversão ao Espiritismo, 83,33% colocaram como primeira opção “simpatizei com os princípios espíritas”. Como o grupo é formado por convertidos oriundos de diversas religiões (muçulmanos, testemunha de Jeová, etc.), não se pode fazer uma análise detalhada dessa motivação. Ficam, no entanto citados, para fins de fechamento dos dados estatísticos.

Quanto aos que afirmaram não ter nenhuma religião (0,79%, do total de convertidos), 70,59% já acreditavam na vida após a morte, 52,94% já acreditavam na reencarnação, e 76,47% estavam convictos da comunicação com os espíritos. Das religiões mais conhecidas existentes no Brasil, são muito poucas, além do Espiritismo, as que teorizam sobre esses temas. Um elemento que pode indicar a preferência pelo Espiritismo é que desses respondentes, 22,22% declararam ter menos afinidade para com as religiões afro-brasileiras e, 5,56% declararam ter pouca afinidade com religiões orientais. Excluindo, então, para esses respondentes, as religiões afro-brasileiras e as orientais, uma escolha provável, segundo o critério de conceitos esposados, seria o Espiritismo.

A convivência pacífica entre secularização e Espiritismo é outro motivo que pode ser levantado para a adesão dos “sem-religião”. Bernardo Lewgoy fez um estudo interessante sobre o assunto, coletando dados em algumas universidades do Rio Grande do Sul (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, e a Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS). Lewgoy constata uma presença forte de estudantes espíritas nos cursos superiores dessas universidades: 16,7% no curso noturno de Ciências sociais da UFRGS, 14,3% da PUCRS e, 10,8% na UNISINOS. Na UFRGS os alunos espíritas praticantes (16,7%) superam os de todas as outras religiões, inclusive os católicos (5,6%). Dado curioso, considerando que a pesquisa mostrou ser um ambiente com um número expressivo de ateus e sem religião. “Somando-se as colunas “ateu” e “sem religião” temos o que se poderia chamar de um *núcleo de secularismo* no diurno que chega a 48,7% dos entrevistados”. (LEWGOY, 2001, p. 106). Essa aproximação de Espiritismo e secularismo é explicada por LEWGOY, pelo modelo assumido pelo Espiritismo do Rio Grande do SUL, “racionalista, teísta e laico”. (LEWGOY, 2001, p. 110).

A aproximação com o Espiritismo, como já dissemos pode ser feita em várias etapas da vida. Saindo do controle e orientação dos pais, os indivíduos se mostram dispostos a tomar decisões pelas suas próprias cabeças. Isso se dá por volta dos 13 anos, idade que segundo

Fowler⁴⁵ começa a emergir a capacidade de crítica e fidelização. Quando a pessoa não nasce dentro de um ambiente espírita o contato com o Espiritismo pode se dar de diversas formas, algumas delas estudaremos mais adiante. Mas esse contato pode propiciar uma visão diferente em cada fase da vida do indivíduo.

A experiência do autor na convivência quase diária com o Centro Espírita permitiu observar os diversos nichos de identificação oferecidos para esse primeiro contato. Alguns Centros Espíritas oferecem reuniões de evangelização destinadas às crianças e o conteúdo dessas reuniões mescla o ensinamento dos princípios espíritas e atividades lúdicas onde a proximidade com outras crianças, as brincadeiras e as primeiras noções de Espiritismo criam uma ambiente amistoso e procurado pelas crianças. Certamente nessa fase não se operam conversões, mas se criam afinidades com o ambiente espírita e se quebram as resistências porventura construídas na religião anterior. A criança vê, nessa reunião, a oportunidade de brincar e encontrar com os amigos e a sua percepção da religião espírita é um tanto limitada.

São oferecidas, ainda, reuniões destinadas aos jovens onde se procura iniciá-los nos estudos mais sérios da Doutrina Espírita, mas em um ambiente de amizade e compartilhamento de ideias. Para os adultos, a frequência maior é nas reuniões públicas, com palestras ou sessões de prática da mediunidade. Nessa faixa etária sempre existe o interesse pelo desenvolvimento mediúnico e no auxílio voluntário às atividades de caridade. Nos Centros Espíritas quase não existem reuniões destinada aos idosos. Eles estão o tempo todo integrados aos trabalhos da casa e, não raro, são os responsáveis pelos diversos grupos de atividades.

Tabela 7 - Idade de início no Espiritismo

IDADE EM QUE INICIOU	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	645	28,94%
ENTRE 21 E 30 ANOS	826	37,06%
ENTRE 31 E 40 ANOS	492	22,07%
ENTRE 41 E 50 ANOS	202	9,06%
ENTRE 51 E 60 ANOS	58	2,60%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	6	0,27%
DECLARARAM	2229	97,72%
NÃO DECLARARAM	52	2,28%
TOTAL	2281	100,00%

Fonte: do autor

⁴⁵ Vide capítulo anterior (3.5.4)

A maioria dos que se tornaram espíritas, segundo a pesquisa que serve de base a esta tese, o fizeram entre os 21 e 30 anos (37,06%), seguidos pelos que se tornaram espíritas entre os 13 e os 20 anos (28,94%). Isso pode ser atribuído principalmente a três fatores: o primeiro, relativo ao amadurecimento necessário para que o indivíduo tome a decisão de mudar de religião, que coincide com a faixa etária com maior percentual de iniciados (o que, alias, ocorre com a conversão a qualquer religião); o segundo, válido para o grupo dos 13 aos 20 anos, é o proposto por Marcelo Gruman in (FERNANDES, s.d.): “o índice expressivo de mudança religiosa nas coortes mais jovens é explicada pelo fato de as pessoas herdarem a religião dos pais e iniciarem preferencialmente um processo de mudança religiosa quando mais velhas”; e, o terceiro é relativo à facilidade que o adulto tem de melhor analisar e ponderar sobre os conceitos básicos do Espiritismo e aceita-los pela racionalidade.

Fica visível a acomodação das faixas etárias mais velhas, a partir dos 50 anos. Nessa fase, a experiência anterior e a assunção de uma postura conservadora dificulta a busca de novos caminhos. A pesquisa aponta para uma média de ingresso na Doutrina Espírita aos 28 anos. Os respondentes têm, em média, 13,44 anos de Espiritismo, sendo que, os que têm menos tempo, estão há um ano no Espiritismo, e o que tem maior tempo, está no Espiritismo há 73 anos.

Os dados oferecidos pela pesquisa confirmam que o primeiro contato com a Doutrina Espírita é feito por influência de familiares e amigos (62,87%), seguidos por 22,18%, cujo primeiro contato foi feito através da literatura espírita. Embora o poder de atratividade dos livros espíritas seja considerável, os novos espíritas são levados para o Espiritismo pelos seus mais próximos. E isso se mantém para todas as faixas etárias.

Tabela 8 - Como fez contato com o Espiritismo.

COMO FEZ CONTATO	Q	%
AMIGOS ESPÍRITAS	755	33,10%
PESSOA DA FAMÍLIA	679	29,77%
LIVRO OU PUBLICAÇÃO	506	22,18%
CENTRO ESPÍRITA	270	11,84%
EVENTO ESPÍRITA	71	3,11%
DECLARARAM	2281	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	2281	100,00%

Fonte: do autor.

Os livros espíritas são lidos, geralmente pelos adultos. E isso não ocorre apenas com a literatura espírita, mas com as publicações em geral. O jovem, geralmente, não gosta muito de ler, principalmente sobre assuntos doutrinários. Isso, possivelmente, é reflexo das suas obrigações de leitura para com a educação formal, geralmente, já muito teórica e conceitual. O teor das publicações espíritas em sua maioria gira em torno de fundamentos doutrinários, romances e livros de autoajuda.

Dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) divulgados nesta semana afirmam que a leitura não está entre as prioridades dos jovens de 15 anos. Nos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), 46% dos estudantes afirmam que leem apenas para obter as informações que precisam; 41% só leem se forem obrigados; e 24% acham que ler é um desperdício de tempo. Apenas um terço disse que a leitura é um dos hobbies favoritos.⁴⁶

Quando o indivíduo é jovem, o contato com o Espiritismo é promovido pela família. Quando não são os pais, parentes mais próximos e amigos o convencem a conhecer a Doutrina Espírita, normalmente levando o jovem ao Centro Espírita em atividades como reuniões, palestras ou atividades sociais e assistenciais. Em outros casos o jovem é levado ao Centro Espírita pela família ou, amigos, para tentar resolver algum problema emocional ou perturbação. Na adolescência é comum o jovem apresentar certos comportamentos considerados estranhos, como inconstância, variações de humor e de comportamento, rebeldia, etc. Para os espíritas, nessa fase, se dá início ao contato mais efetivo do espírito encarnado com as suas tendências, virtudes e defeitos de vidas anteriores, atenuadas, na infância, pelo esquecimento do passado, e pela formação da nova personalidade. É comum, para essas perturbações, o diagnóstico de alguns espíritas: “Ele tem mediunidade. Precisa desenvolver!”.

A busca pela solução de seus problemas leva o indivíduo a procurar ajuda e, essa ajuda, normalmente vem dos seus contatos mais próximos, parentes e amigos. Uma das primeiras providências sugerida pelos parentes e amigos é o “passe”⁴⁷. E, o passe, normalmente é dado no Centro Espírita.

Uma das formas de se poder identificar o grau de aprofundamento do convertido na Doutrina Espírita é analisando o que ele já leu sobre o Espiritismo. Ler toma tempo, depende recursos, exige formação e gosto pela leitura. Qualquer profissional de qualquer área sabe que

⁴⁶ http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,jovens-trocam-livros-por-leitura-digital,652713,0_.htm. Publicado em 12 de dezembro de 2010. Acessado em 12 de agosto de 2012.

⁴⁷ “Passe”, no jargão dos espíritas, é a transmissão de energias curativas, revigorantes e harmonizadoras, através da imposição das mãos. Normalmente é aplicado por médiuns chamados “passistas”.

boa parte do seu conhecimento do seu ofício pode ser medida pelas publicações que leu sobre o assunto. Neste trabalho dividimos a literatura em cinco categorias: livros de Allan Kardec, romances espíritas, livros de Chico Xavier, jornal ou revista, e apostilas de cursos espíritas.

Os livros de Kardec, o chamado Pentateuco espírita⁴⁸ com exceção, talvez, para *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, são livros densos, no sentido que contém uma quantidade muito grande de informações sobre uma estrutura de argumentações costuradas num tecido lógico que formam um todo. No *O Livro dos Médiuns*, por exemplo, Kardec faz uma descrição e uma catalogação extensa dos tipos de mediunidade. Nesse livro, Kardec expõe suas experiências com o fenômeno mediúnic e sugere normas para a prática e controle da mediunidade. É considerado o livro que expressa o aspecto científico da Doutrina Espírita. É um livro que, como os outros livros espíritas, só quem geralmente está interessado em aprofundar-se no estudo da mediunidade, segundo a orientação espírita, se dispõe a ler.

Os livros de Chico Xavier abordam temas os mais variados, com predominância para os valores éticos e a prática de virtudes cristãs. Os romances mediúnicos têm chamado muito a atenção dos iniciantes no Espiritismo, por abordar dramas e histórias, sempre com a presença de espíritos interferindo na vida material, e sempre ambientados na reencarnação. Estes livros se referem a ocorrências da vida real, contada pelos agentes encarnados e desencarnados, que viveram ou presenciaram a história descrita.

São livros lidos por quem tem simpatia por esses assuntos e que aceitam os princípios espíritas explorados em seus conteúdos. As apostilas são fornecidas pelos cursos de ensino espíritas, seja para estudo das ideias espíritas como para a preparação de médiuns de diversas especialidades. São lidas, naturalmente, por aquelas pessoas que já fazem parte ativa da vida do Centro Espírita e tem interesse em conhecer cada vez mais sobre os fundamentos do Espiritismo.

Este estudo mostrou que mais de 80% dos respondentes já leram pelo menos uma das obras de Allan Kardec, Chico Xavier, e romance espírita, com destaque para os 94,56%, que leram pelo menos um dos livros de Kardec. O próprio fato de que mais de 70% dos entrevistados já terem lido pelo menos uma apostila de curso espírita revela o alto grau de aprofundamento e interesse dos convertidos pela teoria espírita e revela, também, que a disposição em assumir a nova posição como espírita é consideravelmente grande.

⁴⁸ Coleção dos cinco principais livros de Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *A Gênese e*, *O Céu e o Inferno*.

Tabela 9 - Contato com a literatura espírita.

LEITURA ESPÍRITA	Q	%
KARDEC	2157	94,56%
ROMANCE	2022	88,65%
CHICO XAVIER	1988	87,15%
JORNAL OU REVISTA	1744	76,46%
APOSTILA	1638	71,81%
NÃO LEU	13	0,57%
DECLARARAM	2281	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	2281	100,00%

Fonte: do autor

Esse alto percentual de contato com a literatura espírita tem relação com o preparo e a disposição para com a leitura, o que reforça a relação com os níveis de escolaridade e renda, já analisados.

Uma das razões para a afiliação ao Espiritismo é o desconforto ou mesmo a antipatia que o convertido tinha para com uma ou várias das religiões que ele conhecia, quando se dispôs a mudar de religião. Não estando bem em uma religião, a pessoa busca no campo religioso aquela com que mais se ajusta ou simpatiza, descartando, geralmente, aquela pela qual não sente a menor afinidade. A afinidade ou não com determinada religião é gerada por diversos fatores, entre eles, a prática religiosa, seus rituais, seu ambiente físico e social, as novas obrigações a serem cumpridas e os princípios que a religião adota.

Foi importante considerar para a análise da conversão ao Espiritismo no Brasil, as razões de afinidade para com a Doutrina Espírita, mas também o grau de “desafinidade” para com religiões com as quais o indivíduo não tinha a menor intensão de alinhar entre as suas opções de mudança.

Foram apresentadas aos respondentes 8 opções para que delas fosse escolhida uma, isto é, dentre as 8, a que menos afinidade o respondente tinha, antes de se decidir pelo Espiritismo. As opções foram: Catolicismo, Protestantismo, Afro-brasileiras (candomblé, macumba, tambor de minas, etc.), Umbanda, Orientais, outras religiões ou nenhuma religião (o indivíduo não excluía nenhuma das opções. *a priori*).

Duas denominações se destacaram neste estudo: Protestantismo (43,12%) e, Afro-brasileiras (29,55%).

Tabela 10 - Religião com menos afinidade.

MENOS AFINIDADE	Q	%
AFRO	651	29,55%
CATOLICISMO	291	13,21%
ESPIRITISMO	36	1,63%
NENHUMA	15	0,68%
ORIENTAL	138	6,26%
OUTRA	13	0,59%
PROTESTANTISMO	950	43,12%
UMBANDA	109	4,95%
DECLARARAM	2203	96,58%
NÃO DECLARARAM	78	3,42%
TOTAL	2281	100,00%

Fonte: do autor.

A história do Protestantismo no Brasil, como já foi apresentada em capítulo anterior, inicia sua presença mais efetiva no Brasil, com os imigrantes alemães, no início do século XIX, dentro do que se acostumou chamar de Protestantismo de imigração. Os representantes dessa fase não tinham inicialmente a intenção proselitista, senão a de proteger seus costumes e ver respeitados os seus direitos de exercício livre e prática da sua religião. Após essa fase veio o Protestantismo de missão, movimento promovido pelas Sociedades Bíblicas inglesa, e norte-americana. Esse trabalho missionário, cujo esforço principal veio dos Estados Unidos, “redunda na formação das congregações dos presbiterianos e batistas, respectivamente nos anos 1869 e 1882” (CAMARGO, 1973, p. 111).

Esse Protestantismo missionário rejeitava as maneiras pelas quais se praticavam as religiões no Brasil, e a tolerância que a própria Igreja Católica mantinha para com certos costumes nativos. Essa postura irreduzível se mantém nas denominações históricas que rejeitam a matriz religiosa brasileira num processo de distanciamento das religiosidades sincréticas. Essa posição parece ter sido revista nas denominações pentecostais. Estas, dispensaram um “tratamento mais adequado à Matriz Religiosa Brasileira e obtiveram assim maior receptividade por parte das massas ao demonstrarem sua capacidade de adaptação à realidade cultural pátria” (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 89).

Essa maneira característica de se manifestar dá aos protestantes uma imagem de radicalismo e puritanismo a que a cultura brasileira não está acostumada. “...o protestante, possuindo aguda consciência subjetiva de sua separação, marca seu caráter de dissemelhança, sendo ao mesmo tempo compreendido como socialmente estranho pela cultura global.” (CAMARGO, 1973, p. 129). Esse isolamento, aliado a um comportamento bastante exigente

quanto à conduta pessoal, sua forma de praticar o culto, de se vestir, e até mesmo sua linguagem particular e, o seu apego à Bíblia expõe uma imagem que pode não ser atraente para o indivíduo que pretende ser espírita. Não é o código de conduta ética, propriamente, que o distancia do comportamento do espírita, mas o seu arraigado rigor a uma interpretação fechada das escrituras e a impressão que dá de falta de flexibilidade intelectual, um quase fanatismo, com que defende suas posições religiosas.

Hoje, ainda mais, concorre para essa “desafinidade” com o Protestantismo, o uso da religião para obter riqueza pessoal para os pastores, visto por muitos como uma exploração da credulidade do povo. O espírita convive com liberdade dentro e fora do ambiente religioso e o Espiritismo faculta o livre exame de suas propostas sem dogmas, condenando o fanatismo e o viver da religião. O Protestantismo nega cabalmente os princípios espíritas, principalmente a reencarnação e a comunicação com os mortos. Esses fatores concorrem para tornar bem separadas essas duas opções de conversão: Espiritismo e Protestantismo. Vem daí essa “desafinidade” com o Protestantismo que a maioria dos respondentes manifestou nesta pesquisa.

Quanto às religiões afro-brasileiras, desde cedo o colonizador português passou a desprezar o que vinha do negro, do escravo arrancado das tribos africanas. Sua religião metia medo nos brancos que não entendiam o excesso de rituais e cantigas e lamentos e danças. Os escravos, quando saíam dos portos africanos já começavam a ser instruídos no Catolicismo, como forma de quebrar a prática da sua religião original. “Não se pergunta aos escravos se querem ou não ser batizados; a entrada deles no grêmio da Igreja Católica é considerada como questão de direito. Realmente eles são tidos menos por homens do que por animais ferozes até gozarem do privilégio de ir à missa e receber os sacramentos.” (FREYRE, 2003, p. s.n.).

O preconceito para com as religiões afro-brasileiras é conhecido. Adjetivos pejorativos como “macumbeiro” e “balacobaco” e a relação que se faz da prática dos cultos africanos com sortilégios, malefícios, despachos etc. revelam um sentimento de menosprezo e associam esses cultos a coisas atrasadas e primitivas. O indivíduo que está prestes a mudar de religião e enxerga o Espiritismo como uma das opções, vê as religiões afro-brasileiras com certa reserva. A natureza despojada e antiritualística do Espiritismo, que rejeita imagens, trajes cerimoniais, sacerdócio, objetos de culto, manifestações mediúnicas ruidosas, sacrifícios de animais, etc. fixa para a Doutrina Espírita um perfil oposto ao perfil das religiões afro-brasileiras o que acaba distanciando o pretendente à conversão ao Espiritismo. “Essa posição reflete, igualmente, valores existentes na sociedade global. A imagem da Umbanda está associada à de grupo social com menor prestígio e seus adeptos encontram-se,

geralmente, entre os estratos sociais de nível econômico mais baixo.” (CAMARGO, 1973, p. 172).

5.5 Prática e aceitação do Espiritismo.

De todo o efetivo respondente, 33,07% comparecem às reuniões e atividades do Centro Espírita uma vez por semana; 24,32%, duas vezes por semana; 25,46%, mais de duas vezes por semana; 13,15%, raramente vão ao Centro; e apenas 4% declararam não frequentar. O Espiritismo não obriga a participação nos cultos religiosos, recomendando, apenas, que a prática mediúnica se faça no Centro Espírita. O fato de mais de 82% frequentarem o Centro pelo menos uma vez por semana revela uma assiduidade respeitável e um espírito de participação que leva a crer que os respondentes estão realmente entrosados no movimento espírita.

Em 53,15% das residências dos respondentes, a maioria, hoje, é espírita e, em 86,34% das residências dos pesquisados a maioria dos membros da família simpatiza com o Espiritismo. 73,46% dos entrevistados afirmam que não tiveram dificuldade em ir para o Espiritismo, por conta de preconceito de amigos e parentes. Dos que tiveram dificuldade em ir para o Espiritismo, em função de preconceito da família, 44,05% são de famílias protestantes e, 12,19% são de famílias católicas, 9,38% são de famílias umbandistas, 7,69% são de famílias de religiões orientais. Não houve dificuldade por preconceito para os convertidos de famílias de religiões afro-brasileiras. As posições de famílias de outras religiões ou famílias de religião nenhuma não foram significativas.

Esses dados podem explicar que o Espiritismo, de maneira geral, não é visto com preconceito pela maioria dos brasileiros e isso, pode ser atribuído à associação da Doutrina Espírita com a caridade, à presença da literatura espírita tão ao gosto do leitor brasileiro, e à admiração que os brasileiros têm por alguns líderes espíritas, como Chico Xavier, por exemplo. Chama a atenção o caso das famílias protestantes que oferecem, como demonstrado, grande oposição à conversão ao Espiritismo, por parte de seus membros. Existe uma campanha muito forte que as Igrejas Evangélicas e principalmente as pentecostais fazem contra o Espiritismo. Essa campanha faz a associação da prática espírita com “coisas do demônio”, consideram a prática da mediunidade proibida pela lei de Deus e insistem em não diferenciar o Espiritismo da Umbanda e das religiões afro-brasileiras, aproveitando a desconfiança que a população mais simples tem para com essas religiões. Por outro lado, a

simpatia com que o Espiritismo é visto por outros setores religiosos colabora para a conversão aos seus quadros.

Um total de 50,94% dos respondentes discorda de se considerarem espíritas, apenas por frequentarem o Centro Espírita. Já 82,03% dos pesquisados se consideram espíritas porque aceitam o que o Espiritismo diz. Outros 82,73% se consideram espíritas porque estudam e seguem a filosofia espírita. Isso mostra que os espíritas pesquisados valorizam a sua pertença ao Espiritismo, pela manutenção de uma postura de aprofundamento nos princípios espíritas, não considerando tão importante a simples presença no Centro Espírita. O Catolicismo tem a missa como o evento típico, assim como o Protestantismo tem no culto o seu evento representativo. A “sessão espírita” não é o evento típico do Espiritismo, que hoje divide espaço com reuniões de palestras e estudos doutrinários. Muitos espíritas só frequentam um tipo de reunião no Centro Espírita. Se forem médiuns, vão para a sessão espírita, se gostam mais de estudos e discussões de temas doutrinários vão às palestras e cursos de Espiritismo, se se dedicam mais à parte assistencial colaboram com as atividades ligadas à caridade. Mas, em qualquer caso, não estão obrigados e nem são fiscalizados na sua preferência, salvo os casos em que se comprometem com determinada atividade para a qual o seu concurso seja importante. É por isso que mesmo mantendo alta a frequência ao Centro, conforme já foi comentado, o espírita não se considera como tal, apenas pela presença no Centro Espírita. Essa liberdade e a variedade de opções que são oferecidos pelo Centro Espírita são, certamente, fatores de aproximação das pessoas ao Espiritismo.

Existem espíritas (8,42%) que se consideram espíritas, mas não aceitam muito bem alguns princípios espíritas, contra 83,39%, que rejeitam essa possibilidade. Outros 10,73% afirmaram ainda frequentar os cultos de outra religião, contra 82,71% que não concordaram com essa proposição. Em torno de 6% dos convertidos sentem falta, no Espiritismo, de “algumas coisas de outras religiões”, enquanto que 88,44% rejeitam essa possibilidade. Pode-se concluir daí um razoável grau de fidelidade dos convertidos para com a sua religião e que os respondentes conhecem bem a prática espírita e estão convencidos de sua posição no movimento espírita.

Em termos gerais, isto é, considerando todas as religiões de origem, em conjunto (incluindo os que não tinham nenhuma religião antes de serem espíritas) 80,39% afirmaram já acreditar na vida após a morte antes de se tornarem espíritas; 63,99% já acreditavam na reencarnação; e, 73,9% já acreditavam na possibilidade da comunicação com os espíritos, muito embora, apenas 10,91% dos entrevistados considerarem que a sua religião anterior tinha alguma coisa a ver com o Espiritismo e 46,2% declararem que a sua religião anterior é

contra o Espiritismo. Esse fato leva a considerar que, obviamente, a aproximação com determinados postulados espíritas facilitou a conversão ao Espiritismo. Edênio Valle, escrevendo sobre experiência religiosa, chama esse fenômeno, onde ocorre uma identificação das crenças pessoais com as crenças de determinada religião de “experiência responsiva”. A “experiência responsiva”, ainda segundo (VALLE, 1998, p. 68), é uma resposta de “aceitação e compreensão empática” no contato com um evento ou uma afirmação, ou uma crença religiosa.

O ciclo formado pelo nascimento, vida material, morte, vida espiritual e renascimento é fundamental na manutenção da estrutura lógica do Espiritismo não apenas como ciclo reencarnatório, mas por permitir a abertura de diversas “janelas” em cada etapa, com uma infinidade de decorrências que propiciam à Doutrina Espírita inserir suas propostas de explicação do homem e do mundo. Por exemplo, afirmando haver vida após a morte, o Espiritismo fica em condições de dizer como essa vida é, como se comunicam os espíritos entre si, onde moram ou trabalham, como se diferenciam, quais são as suas atividades, a que leis obedecem, etc. Após a conversão ao Espiritismo, mais de 95% dos respondentes afirmaram que acreditavam nesses princípios “na forma como o Espiritismo explica”.

A disposição em tornar o Espiritismo a sua religião definitiva pode ser medida quando 89,79% dos respondentes concordaram com a afirmação “Sinto que serei espírita para sempre”. Essa disposição, aliada à análise dos outros quesitos acima expostos, fortalece o entendimento de que os pesquisados realmente se converteram ao Espiritismo. Embora haja sempre a possibilidade de novas mudanças, a sua ida para o Espiritismo se caracteriza por ato de identificação com a prática e os princípios espíritas, com a visão espírita do mundo, com a necessidade de estudar e se aprofundar nos ensinamentos espíritas, e não apenas para solução de emergência. A análise das respostas apresentadas acima, revela que a grande maioria dos espíritas entrevistados - amostra que este trabalho pretende considerar como representativa do universo espírita brasileiro - realmente frequentam, praticam, estudam, e aceitam os postulados espíritas e reforça o conceito de conversão empregado neste trabalho. “Não há como atribuir valor à experiência de conversão, no sentido de considerá-la legítima se promover uma ruptura radical com comportamentos e modos de ser antes do ingresso em uma Igreja, e legítima se há oscilações no pertencimento ou na autoidentidade religiosa.” (FERNANDES, s.d., p. 45).

A maioria dos entrevistados (56,99%) não estava procurando uma religião, quando se tornaram espíritas. Apenas 24,89% buscavam se transferir da sua religião original para

outra crença, quando encontraram o Espiritismo. Esse fato tem ligação com as motivações para a conversão ao Espiritismo, que passamos a explorar agora.

5.6 Os fatores motivacionais para a conversão ao Espiritismo.

Foi dito anteriormente que para a definição dos fatores motivacionais para a conversão ao Espiritismo no Brasil foram apresentados aos respondentes 18 quesitos que se propunham a abranger a maioria das razões para essa conversão.

Deixou-se, ainda, um campo no questionário para a inserção de qualquer outro motivo, pelo próprio respondente. Isso porque, seria muito trabalhoso filtrar e categorizar as motivações dos entrevistados dentro de milhares de depoimentos. E, mais ainda, ao estimular a resposta o pesquisador pode ajudar na lembrança dos fatores realmente mais importantes na conversão e ajudar o respondente a se expressar de maneira mais clara, uma vez que muitos têm dificuldade de materializar em palavras e de forma sintética os motivos de sua conversão.

Para facilitar a seleção dos quesitos por parte dos respondentes sugeriu-se que dentre as opções apresentadas, se escolhessem três.

As opções apresentadas foram, pela ordem: simpatizei com os princípios espíritas; queria participar de atividades assistenciais; para alcançar certa paz interior; gostei do ambiente do Centro Espírita; tinha mediunidade e precisava desenvolver; por influência de parentes ou amigos; estava sofrendo e procurava uma consolação; decepcionei-me com minha antiga religião; admirava alguns espíritas como exemplo de vida; queria melhorar o nível de vida; estava doente, e me curei no Espiritismo; mudei a minha maneira de pensar a vida; ele explica melhor as dúvidas que eu tenho; li um livro espírita; o Espiritismo curou uma pessoa da família; costumava tomar passe no Centro Espírita; queria praticar a mediunidade; e, ele é parecido com a minha religião anterior. A tabela abaixo mostra a classificação dos quesitos escolhidos.

Tabela 11 - Motivação para a conversão ao Espiritismo.

Fatores motivacionais para a conversão ao Espiritismo.	Q	%
Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho.	1472	64,53
Simpatizei com os princípios espíritas.	1238	54,27
Mudei a minha maneira de pensar a vida.	861	37,75
Para alcançar certa paz interior.	474	20,78
Estava sofrendo e procurava uma consolação.	435	19,07
Tinha mediunidade e precisava desenvolver	348	15,26
Decepcionei-me com a minha religião anterior.	306	13,42
Admirava alguns espíritas como exemplo de vida.	306	13,42
Gostei do ambiente do Centro Espírita.	281	12,32
Li um livro espírita.	271	11,88
Queria melhorar o nível de vida.	154	6,75
Queria participar de atividades assistenciais.	150	6,58
Queria praticar a mediunidade.	141	6,18
Influência de parentes e amigos.	140	6,14
Estava doente e me curei no Espiritismo.	85	3,73
Costumava tomar passe no Centro Espírita.	71	3,11
O Espiritismo curou uma pessoa da família.	38	1,67
Ele é parecido com a minha religião.	25	1,10
TOTAL	2281	-

Fonte: do autor

Reportando novamente à pesquisa do CERIS, mostrada em (FERNANDES, s.d.), e que considera respondentes das religiões com maiores efetivos e representatividade, observa-se que para o quesito “principais motivos pelos quais escolheu a religião atual” a opção mais votada foi “porque nela você se sente bem”, seguida da opção “porque aproxima você de Deus”. Já para o quesito “Principais motivos que levaram a deixar a religião anterior”, a opção mais votada foi “Por ter discordado dos princípios/doutrina”, seguida da opção “Porque nela você não encontrou apoio em momentos de dificuldade”. Esses dados revelam que o indivíduo ao buscar uma religião quer encontrar um lugar onde se possa estar protegido por uma força maior, e onde as suas necessidade interiores sejam satisfeitas e não existam conflitos ideológicos que prejudiquem a compreensão dos fatos da vida.

A religião como refúgio do ser humano quanto às ameaças da vida e como ambiente de respostas e consolação para os sofrimentos e dificuldades deve oferecer opções de aderência que vão ao encontro das aspirações de cada um. E isso, todas se preocupam em oferecer. O que gera a dúvida no momento da escolha é o conteúdo da oferta, a maneira como é oferecida e as exigências para se conseguir o que é oferecido. Religiões do tipo “drive-thru”, onde apenas se obtém o apoio momentâneo ou a promessa de benefício, pela presença ou pagamento de algum serviço, dificilmente conseguirão manter um seguidor. Este se conquista

e se mantém, pelas ideias, pelo ambiente de satisfação e acolhimento e pelo encaixe das crenças que a instituição oferece com aquilo do que o coração possa compreender e praticar. É por essa razão que cada ser humano está na religião que está e é o motivo pelo qual transita entre as religiões.

Na pesquisa de CAMARGO (1961) o motivo principal da conversão ao Espiritismo foi a “Função Intelectual”, entendida como a capacidade do Espiritismo em dialogar com a ciência e ter uma proposta racional, seguida pela “Dor, Sofrimento, Perturbação, Angústia”, onde a Doutrina Espírita agiria como uma solução de cura, organização e harmonização da vida. Em terceiro e quarto lugares figuram “A manifestação do fenômeno mediúnico” e, “Influência de pessoa amiga/família”.

Na pesquisa realizada neste trabalho a motivação mais significativa para a conversão ao Espiritismo é “Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho” (64,53%), seguida de “Simpatizei com os princípios espíritas” (54,27%) e, “Mudei a minha maneira de pensar a vida” (37,75%). Permanece aí a motivação racional e a busca de respostas para as condições da vida. O convertido (maioria) não estava procurando uma religião quando se tornou espírita, mas no contato com o Espiritismo reconheceu uma identidade de crença, um novo conjunto de conhecimento que lhe despertou a necessidade de afiliação. Apenas 19,07% dos respondentes alegaram ser o sofrimento a razão de sua adesão ao Espiritismo, ou mesmo a necessidade de desenvolver a mediunidade, como forma de acalmar as suas aflições (15,26%). Fica claro, mais uma vez, que o Espiritismo como solucionador de problemas imediatos vem perdendo terreno. Apenas 3,73% dos entrevistados declaram ter vindo para o Espiritismo pela sua cura e, 1,67%, pela cura de uma pessoa da família. Há 40 anos, (CAMARGO, 1973) afirmava:

O Kardecismo e a Umbanda, bem como o Pentecostalismo, desenvolvem essas funções terapêuticas, para as quais, aliás, a tradição rural brasileira fornece as expectativas necessárias. [...] Igualmente, diante de um caso concreto no qual se considera a medicina oficial como insuficiente, manifesta-se de modo patente, a possibilidade de representar a religião alternativa a ser tentada. (CAMARGO, 1973, p. 177).

Hoje, são poucos os Centros Espíritas onde o receituário mediúnico ou a aplicação da homeopatia estejam presentes. Mesmo as reuniões de desobsessão, onde se procura reverter a ação de entidades sofredoras sobre os encarnados, ou onde se procura esclarecer sobre a realidade do mundo espiritual àqueles espíritos que ainda sofrem, após a morte, não são mais as reuniões exclusivas ou mais frequentes dos Centros Espíritas. As comunidades

Espíritas vêm valorizando o aspecto da transformação moral como remédio eficaz e duradouro para as aflições do corpo e da alma. É claro que, como em qualquer outra religião, o Espiritismo mantém seus recursos de assistência aos que se apresentam nos Centros Espíritas necessitados de mitigação dos seus sofrimentos. No entanto, o que se pode constatar através deste trabalho é que cada vez menos as casas espíritas são procuradas para a cura dos males do corpo.

É razoável considerar que com a melhora dos recursos da ciência no atendimento das doenças físicas a religião passe a inovar e a apresentar recursos para aquilo que ainda a ciência não pode resolver: os males da alma. “No Brasil, observa-se a partir das últimas décadas, igualmente, a diminuição da importância dos valores sacrais e ampliação de atitudes racionais.” (CAMARGO, 1973, p. 176).

A própria constatação proporcionada pelo Censo 2010 de que aumentou significativamente o número dos sem religião pode indicar que um afastamento das rotinas e rituais religiosos, uma vez que se acredita que os valores religiosos individuais, permanecem com essas pessoas. É oportuno lembrar que na pesquisa dos anos 60 realizada por (CAMARGO, 1961, p. 171), para 62,1% dos respondentes, a força curativa do Espiritismo teve alguma influência em sua conversão.

O livro espírita, nesta pesquisa, também não aparece com relevância, como elemento propiciador da conversão, apontado por apenas 11,88% dos entrevistados. Do que se pode deduzir que a força do livro espírita está na manutenção dos convertidos pelo auxílio que dá ao estudo e ao entendimento dos princípios espíritas daqueles que já optaram por essa religião.

A vasta literatura espírita e os temas espíritas sendo abordados por publicações de variadas vertentes, principalmente autoajuda, concorre sim, para vulgarizar certas propostas espíritas fundamentais, como a reencarnação, a vida após a morte e a comunicação com os espíritos. O processo então é inverso: não é ao ler o livro espírita que a maioria dos convertidos veio para o Espiritismo, mas a busca de respostas para as dúvidas essenciais da vida é que os fizeram procurar o livro para esclarecimento.

Ao mudar a maneira de pensar a vida os convertidos aqui estudados colocaram novas expectativas para a sua harmonização com a vida. Perceberam que o mundo e a condição humana são os problemas mais importantes a serem solucionados. Na impossibilidade de aprofundar todos os quesitos propostos no primeiro questionário, foi selecionado aquele que apresentou maior prevalência entre todos os demais: “Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho”. A forma escolhida para esse aprofundamento foi apresentar

novo questionário, onde os respondentes exporiam quais as dúvidas a que se referiram ao escolher o quesito vencedor. No início do novo questionário foi esclarecido que:

Sendo necessário expandir a interpretação desse item, solicito assinalar com um "X" nas vinte opções listadas abaixo, as suas dúvidas que eram melhor explicadas pelo Espiritismo do que pela sua religião anterior () ou pelas religiões que você conhecia (), na época da sua conversão ao Espiritismo. Pode assinalar quantas você quiser, ou acrescentar mais alguma. (Do autor - questionário de pesquisa).

Os quesitos desse novo questionário são os seguintes:

Há vida após a morte? Como é essa vida após a morte? Os espíritos podem se comunicar com as pessoas vivas? Existem outros mundos habitados, como a Terra? Qual a melhor interpretação da Bíblia e dos Evangelhos? Qual razão do sofrimento humano? É possível nascer e renascer muitas vezes? Existem anjos e demônios, céu e inferno? Existe o destino? Como ele é definido, modificado, cumprido? Existe alguma razão para as nossas simpatias e antipatias para com nossos amigos e parentes? Qual o poder dos amuletos, rituais, "trabalhos", maldições e talismãs? Vai haver um fim do mundo? Porque existem diferenças na condição humana do homem sobre a Terra (ricos e pobres; doentes e sãos, etc.)? Os espíritos têm sexo? Como é a sua sexualidade? É possível que pessoas sejam curadas por outras pessoas (médiuns) por influência dos espíritos? Deus existe? Quem é Deus? O que é a mediunidade? Como pode ser desenvolvida e exercida? O que se deve fazer para se obter a salvação? Existe o milagre? Como ser feliz? E, Os espíritos podem influenciar a vida das pessoas, para o bem ou para o mal?

Também para este caso foi dada a liberdade ao respondente de introduzir novas dúvidas que possam ter ocorrido no seu caso.

Das 1499 pessoas que optaram pelo quesito “Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho”, 284 não deixaram informação para contato, no primeiro questionário. Dos 1215 contatados, 585 responderam ao segundo questionário. Eis a tabela com apuração das respostas ao segundo questionário:

Tabela 12 - Detalha o quesito “Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho”.

QUESITO	Q	%
Qual a razão do sofrimento humano?	520	34,69
Porque existem diferenças na condição humana do homem sobre a Terra?	509	33,96
Há vida após a morte? Como é essa vida após a morte?	497	33,16
Existe alguma razão para as nossas simpatias e antipatias para com nossos amigos e parentes?	457	30,49
Os espíritos podem influenciar a vida das pessoas para o Bem ou para o Mal?	427	28,49
Existem outros mundos habitados, como a Terra?	404	26,95
É possível nascer e renascer muitas vezes?	404	26,95
Os espíritos podem se comunicar com as pessoas vivas?	400	26,68
Existe o destino? Como ele é definido, modificado, cumprido?	372	24,82
O que é mediunidade? Como pode ser desenvolvida e exercida?	368	24,55
É possível que pessoas sejam curadas por outras pessoas por influência dos espíritos?	319	21,28
Existem anjos e demônios, céu e inferno?	315	21,01
Qual a melhor interpretação da Bíblia e dos Evangelhos?	293	19,55
Deus existe? Quem é Deus?	290	19,35
Como ser feliz?	269	17,95
Vai haver um fim do mundo?	205	13,68
Os espíritos têm sexo? Como é a sua sexualidade?	204	13,61
Existe o milagre?	202	13,48
O que se deve fazer para se obter a salvação?	181	12,07
Qual o poder dos amuletos, rituais, trabalho, maldições e talismãs?	163	10,87
TOTAL	1499	-

Fonte: do autor.

Para entender a condição humana nos seus aspectos mais profundos e misteriosos, nós certamente devemos levar em conta a religião. Esta ajuda a formar estruturas imaginativas e elementares sobre como nos orientamos ou deveríamos nos orientar no cosmos. A religião dá forma e ensaia no ritual nossos mais importantes laços, uns com os outros e com a natureza, e provê a lógica tanto ao por que destes laços serem importantes como ao o que significa estar comprometido com eles. (NEVILLE, 2005, p. 37).

A razão da religião, portanto, está estreitamente ligada à condição humana e esta é o conjunto de fatores que definem o grau de satisfação ou insatisfação de cada indivíduo. Por isso, quando o ser humano ultrapassa as preocupações primárias, com a sua subsistência individual, no espaço imediato, à sua volta, passa a se preocupar com as condições do seu meio ambiente mais amplo, físico e espiritual que possam interferir na sua felicidade. Daí vem a preocupação com Deus, com a natureza e com os outros seres humanos. Se o primeiro questionário indicou como fator de motivação para a conversão ao Espiritismo, o fato de que essa religião fornece melhores explicações do que qualquer outra, para as dúvidas de quem

pretende ser espírita, o segundo questionário vai definir e priorizar essas dúvidas para que se tenha uma noção do universo das preocupações que habitam a mente desses convertidos.

A pesquisa mostra que as maiores dúvidas dos que se converteram ao Espiritismo, eram sobre as razões do sofrimento humano, as diferenças na condição humana que parecem por em dúvida a justiça divina, e o seu destino após a morte. Quando foi abordado o ciclo da vida, com nascimento, vida, morte e renascimento dizia-se que esse ciclo se repete uma infinidade de vezes. A maioria das religiões brasileiras não apresenta uma explicação para as condições desse processo contínuo, estancando no momento da morte, dualizando o destino num imutável e eterno céu e inferno, quando não se omite completamente sobre isso. A dimensão que o Espiritismo explora e teoriza com quase exclusividade é o ambiente no qual, segundo essa Doutrina, se desenrola o destino futuro do homem após a morte. Ora, se alguém tem dúvidas sobre o que existe após a morte e não se satisfaz com os conceitos de céu, inferno, ou na nulidade do ser após a vida na Terra, pressionado pela infinidade de informações que parecem conspirar com o estado da arte das religiões tradicionais, certamente terá um olhar para a Doutrina Espírita.

Sendo verdade ou não a proposta espírita tem uma construção lógica desse *continuum* - vida, morte, nova vida - apoiando a esperança do ser humano de que todo o esforço realizado pelo homem em sua existência material, a construção de seus afetos e das suas competências, o avanço da humanidade em todos os setores e a própria possibilidade de reverter sua conduta quando melhor se instrua sobre a prática de um Bem que lhe ofereça a salvação não tenha sido em vão. A razão do sofrimento é um aguilhão a fustigar a consciência daqueles que não encontram nas explicações comuns o real motivo para que em toda a humanidade não haja um único ser que possa se dizer totalmente feliz ou isento de sofrimento.

Há no Espiritismo toda uma compreensão sacral do mundo, tornando-se desse modo uma religião extremamente significativa para o fiel, em termos de orientação de vida. Acontecimentos considerados bons assumem significado positivo profundo, sendo os maus entendidos em termos de culpa e punição. Em ambos os casos interpretam-se os fatos como não casuais; estes são “avisos” ou “provações” que dão oportunidade à opção moral e orientação concreta da conduta. (CAMARGO, 1973, p. 162).

Essa construção única da lógica de causa e efeito que a Doutrina Espírita faz, para além dos limites da vida material produz um encantamento que, para muitos é a própria razão de viver. Saber por que se sofre, donde se veio, para onde se vai e o porquê da vida na Terra é o argumento que a Doutrina Espírita utiliza para minimizar essas dúvidas do ser humano.

Confirmando essa importância, a razão do sofrimento, a diferença na condição humana, e o destino do homem após a morte figuram no topo das dúvidas que os respondentes apontaram como as mais incidentes na sua fase de pré-conversão.

É interessante notar que questões como a existência e a natureza de Deus (19,35%), a melhor interpretação das escrituras (19,55%), e até de como obter a salvação (12,07%) foram superadas pelas questões mais imediatas e mais práticas relativas ao destino do homem e a justiça de Deus. As dúvidas referentes à razão das nossas simpatias e antipatias para como os que nos são próximos (parentes, amigos, etc.) (30,49%) e, se os espíritos podem influenciar nas nossas vidas (28,49%), não deixam dúvidas de que o interesse dos respondentes é para as situações práticas da vida.

Conclusão.

A história do Espiritismo no Brasil aponta para uma tentativa de subsistir com uma nova proposta de explicar a vida, a natureza e a criação. Uma vez que os critérios de aplicação do conhecimento espírita, se científico ou religioso se definiu, num desequilíbrio pró-religião, a prática espírita no Brasil se voltou, inicialmente, para o mediunismo. As sessões espíritas no final do século XIX e início do século XX eram sessões mediúnicas muito perto das experiências de Kardec, quando o treinamento dos médiuns ainda não estava em vigor, ficando por conta do imprevisto de médiuns inspirados na observação de outros médiuns, ou no estilo de cada espírito comunicante.

A avalanche de informações que o plano espiritual propiciava construiu um extenso aterra onde seriam construídas mais tarde as bases de um Espiritismo Brasileiro, nos moldes da orientação de Kardec, mas com foco na moralização do ser humano. É aí que tem início o Espiritismo como religião. O fenômeno mediúnico já estava razoável mente domado. No início do século XX, muitos médiuns, no Brasil, se apresentavam para a prática das manifestações e os primeiros livros falando sobre os mais diversos assuntos começaram a ser publicados. Não faltavam líderes, não faltavam médiuns, não faltava a base doutrinária, nem os opositores do campo religioso.

Esses opositores colaboraram para afiar a verve dos defensores do Espiritismo que tiveram que se virar para contestar os fortes argumentos dos experimentados líderes católicos e protestantes, perfilados na trincheira da defesa dos seus territórios. O Brasil não estava acostumado a ver discussões religiosas ao nível do povo. O Catolicismo, hegemônico há séculos, já cristalizara na mente do povo a ideia de um cristianismo institucionalizado, onde a

simples pertença já oferecia o reconhecimento público e a salvação. O Protestantismo, já havia conquistado um lugar nesse campo religioso, mercê do trabalho de alguns de seus missionários e as facilidades da legislação, ainda que tardia, lhes favoreceu o culto e a prática. Mas, o Espiritismo caminhou na confusão com os cultos africanos, lutando para firmar uma identidade que lhe permitisse assumir uma posição definida nessa arena.

O movimento espírita deslanchou no Brasil. A matriz religiosa brasileira ajudou, sobremaneira essa expansão. O apoio inicial da maçonaria, o uso provisória da homeopatia, a simpatia da classe média e culta e, a pródiga máquina de publicações alargou as bases do movimento e até a metade do século XX, já tornava o Espiritismo, a terceira maior religião do Brasil. Mas, quais seriam os argumentos que a Doutrina Espírita teria para se manifestar como uma nova religião? Certamente as suas teorias sobre a vida após a morte que vinha elitizar os conceitos pregados até então pelas práticas das outras religiões mediúnicas contemporâneas. Passou a satisfazer a curiosidade das pessoas que viam no seio de suas próprias famílias a ocorrência de fenômenos sobrenaturais que causavam perturbação e dor.

O Espiritismo passou pela fase das curas mediúnicas com médiuns famosos intrigando pela facilidade com que manuseavam instrumentos cirúrgicos rudimentares, sem a menor assepsia, como uma mágica do além. Em seguida, surge Chico Xavier que, dilatando o fenômeno mediúnico, produz coleções de obras que aprofundam os conceitos kardequianos, através de depoimentos de espíritos que convivem com a realidade espiritual, não de forma fantástica, mas de forma comum, bastante parecida com o dia-a-dia dos humanos comuns. Um desses livros, *Nosso Lar*, após inúmeras edições, vai para o cinema e alcança uma das maiores bilheterias do Brasil, conquistando públicos espíritas e não-espíritas.

Toda essa massa de informações e essa presença marcante na mídia impressa alimenta o crescimento do número de espíritas no Brasil. Hoje, mais de três milhões de espíritas fazem a corte da Doutrina. A racionalidade consegue se justificar na defesa que o Espiritismo faz de suas ideias. Essa racionalidade é um polo de atração para novos convertidos, conforme ficou demonstrado nesta pesquisa. A motivação para a migração ao Espiritismo progrediu da necessidade de consultar os mortos para a necessidade de obter deles o recurso da cura e do afastamento da perturbação; da necessidade de se compreender certas situações sobrenaturais para a necessidade de explicar os motivos da condição humana. Pelos resultados da pesquisa aqui desenvolvida foi possível dimensionar as prioridades que hoje comandam a transição para o Espiritismo, no Brasil. É interessante notar que fatores motivadores ligados à respostas quanto aos mistérios da vida (Existência de Deus, fim do mundo, sexo nos espíritos, etc.) foram bem pouco indicados, restando a motivação gerada

pela busca do saber o que justifica a vida sobre a Terra, as razões da dor, e a vida futura do ser humano após os umbrais da morte.

As estatísticas aqui apresentadas mostram que a preocupação maior de todos aqueles que se aproximam do Espiritismo é sanar as dúvidas sobre o seu próprio destino. Mostra, também, que no panteão das religiões existentes, para esses convertidos, a proposta espírita pareceu mais coerente, por estar livre de dogmas e por estar mais aliada ao bom senso. Para a maioria dos respondentes, as ideias centrais do espiritismo kardecista permanecem ajustadas ao espírito da época, que é o da fé pela convicção racional, da crença pela coerência.

Os dados estatísticos ainda permitem muitos e muitos cruzamentos que este pesquisador ou quaisquer outros poderão explorar e detalhar, buscando as suas razões. A pesquisa mostra, por exemplo, a relação entre idade e tempo de doutrina, entre religião anterior e escolaridade, entre menos afinidade e escolaridade, entre crença na reencarnação e gênero, entre renda e a maneira como fez contato. Todo esse conteúdo não foi possível analisar, ainda, tanto pela exiguidade do tempo para a apresentação da tese, como pelo foco deste trabalho, que é o do estudo das motivações para a conversão ao Espiritismo. O volume de dados é considerável. As quase trezentas tabelas aqui apresentadas, correspondem a perto de 10% das tabelas que podem ser obtidas dos cruzamentos mais importantes obtidos com os dados depurados.

Esperamos que outros pesquisadores se interessem por analisar os dados aqui apresentados, tendo em vista que muito pouco se tem estudado sobre o Espiritismo no meio acadêmico. Um vasto campo de pesquisa se desdobra, apenas sobre a Doutrina Espírita, a espera de estudiosos que se debruçam sobre ele, para enriquecer as informações sobre essa religião que tem conquistado muitos adeptos no Brasil e no mundo.

CONCLUSÃO.

A conversão é um fenômeno complexo. É ver no do outro algo melhor ou mais adequado do que no nosso. É tentar se estabelecer nos limites do que seja agradável e beneficentemente percebido. E não se refere a condições somente físicas, mas também a situações de conforto espiritual. A citação de que "a religião é o ópio do povo", de Marx, pode fazer pensar numa interpretação mais direta do que filosófica. Pode significar que a religião é um vício aprendido e sustentado pelas necessidades do homem. Vicia, na medida em que o indivíduo tem dificuldade de viver sem ela e que com ela pode apaziguar certos momentos de introspecção e auto abandono.

A percepção do transcendental é particular a cada indivíduo. Numa mesma religião os conceitos estão desigualmente distribuídos segundo interpretações particulares. Isso porque o ser humano tende a fechar um sentido lógico para aquilo de que toma conhecimento. Por exemplo: um católico interpretará e sentirá de forma diferente do outro, a consubstanciação⁴⁹. A presença de Cristo no pão e no vinho pode ser sentida apenas como uma metáfora ou até mesmo como uma encarnação, segundo a qual o pão e o vinho se tornam em si mesmos, em suas substâncias materiais, sagrados.

“Nem o pensamento nem a atividade religiosa encontram-se igualmente distribuídos entre as massas de fiéis. Conforme os homens, os meios, as circunstâncias, tanto as crenças como os ritos são percebidos de maneiras diferentes.” (BOURDIEU, 2005, p. 41). Sua natureza profundamente simbólica cativa a atenção e a subordinação dos fiéis estabelecendo uma relação de poder: um poder religioso. Esse poder que se estrutura e se mantém pela sacralização dos conceitos que passam a ser indiscutíveis e dogmáticos. O temor em se afastar do sistema adotado, faz com que os crentes "encaixem" o simbolismo oferecido dentro de suas estruturas de valor, reservando um campo próprio para as "coisas sagradas".

Sendo o poder religioso o produto de uma transação entre os agentes religiosos e os leigos, na qual os sistemas de interesses particulares a cada categoria de agentes e a cada categoria de leigos devem encontrar satisfação, todo poder que os diferentes agentes religiosos detêm sobre os leigos e toda a autoridade que detêm nas relações de concorrência objetiva que se estabelecem entre eles, derivam seu princípio da estrutura das relações de força simbólica entre os agentes religiosos e as diferentes categorias de leigos sobre as quais exercem esse poder. (BOURDIEU, 2005, p. 92).

⁴⁹ é o termo que indica a crença na união local das substâncias do corpo e do sangue de [Cristo](#) com a substância do pão e do vinho

No dizer de Durkheim (DURKHEIM, 1989, p. p. 496) "as forças religiosas são, portanto, forças humanas, forças morais", geradas e geridas pelo homem. Nesse contexto a conversão é, também, uma mudança de afiliação promovida por esses agentes de poder que direta ou indiretamente fazem pressão sobre a sensibilidade dos indivíduos no sentido de fazê-los optar pela sua prática religiosa. "Em suma, trata-se, não de exercer uma espécie de imposição física sobre forças cegas e, aliás, imaginárias, mas de atingir consciências, de tonificá-las, de discipliná-las" (DURKHEIM, 1989, p. p. 497).

O Espiritismo se jacta uma filosofia religiosa, sem lastro dogmático, sem rituais, sem imagens e, sem hermetismos doutrinários. Essa visão que tem de si mesmo, precisa encontrar eco na percepção que seus seguidores têm de seus princípios. Cada crença, em qualquer religião tem suas expectativas e as alimenta pelo que é oferecido por sua religião. Assim, acostumados às práticas exteriores de culto, novos aderentes podem tender a formar dissensões no seio da própria Doutrina Espírita. Alguns ainda o consideram um sincretismo, da maneira como Peter Burke, historiador inglês, entende o termo. "Há 'sincretismo', no sentido preciso de coexistência e interação temporárias de elementos de diferentes culturas" (BURKE, 2000, p. 226). A ideia de sincretismo, de início, parece afastar o interesse dos "candidatos" a crenças, no entanto, pode mostrar mais aceitabilidade, no sentido de que usa e adapta conceitos que já estão no universo de crença do futuro fiel.

O fato de o Espiritismo ter sido, e até certo ponto, ainda ser considerada uma religião marginal, uma seita, um movimento religioso, pode conduzir à ideia de que suas práticas são dissociadas de um conjunto racional. De que o simples fato de se "tomar um passe" num Centro Espírita não fere o conjunto de convicções do "*status quo*" pessoal. Isso quer dizer que, qualquer um pode se servir dos serviços prestados pelo Espiritismo - "passes", sessões de desobsessão, sessões de cura espiritual, atividades filantrópicas, desenvolvimento de mediunidade, palestras espíritas, terapia de vidas passadas, etc. - sem se comprometer com o Espiritismo. Isso tem a ver com um aspecto representativo de muitos indivíduos na sociedade. Manter uma aparência de fiel de uma determinada religião enquanto aceita e frequenta aos cultos de outra.

Essa representação é explorada por Erwin Goffmann (1922 - 1982), cientista social que compara as ações dos indivíduos no seu dia-a-dia com as de um ator num espetáculo teatral. A perspectiva empregada neste relato é a da representação teatral.

Os princípios de que parti são de caráter dramático. Considerarei a maneira pela qual o indivíduo apresenta, em situações comuns de trabalho, a si mesmo e a suas atividades às outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que

formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza o seu desempenho diante delas. (GOFFMANN, 1985, p. 9).

Para ele o indivíduo tende a perceber qual a imagem desejada pelo seu grupo social e embora tenha convicções diferentes, simula ou representa um papel que o mantenha no grupo, sem conflitos. Da mesma forma, Jean Duvignaud, em seu livro *Sociologia do Comediante*, associa o cerimonial religioso a um ato de dramaturgia e, portanto, uma maneira teatral de manifestar uma transcendência, na medida em que reconhece na cerimônia religiosa um script, uma pontuação, um gestual padronizado, uma interpretação de papéis pelos agentes religiosos (sacerdote e fiéis). (DUVIGNAUD, 1972)

Deve-se considerar importante a dramaturgia no cenário religioso como uma forte componente arregimentador de fiéis. Muitas pessoas se deixam impressionar pela pompa e circunstancia dos atos sagrados. A tertúlia nos cultos evangélicos americanos mantém um público fiel que comparece às suas sessões, fortemente atraído pelo canto, pela música e pela maneira extrovertida de pregação de seus pastores. Isso nos remete ao "interacionismo simbólico", de George Mead. O termo, cunhado por um de seus discípulos, Herbert Blumer, designa a percepção que os indivíduos têm dos sinais emitidos pelos outros indivíduos. Esta peculiaridade da interação humana consiste no fato de que os seres humanos interpretam (definem) as ações uns dos outros ao invés de apenas reagir a essas ações. A resposta de um indivíduo a uma ação de outro é baseada no significado que o primeiro atribui a esta ação. A vida social é vista no interacionismo simbólico como um processo de desdobramento no qual o indivíduo interpreta seu ambiente e atua com base nessa interpretação. (MENDONÇA, 2002). Qualquer que seja o processo de estímulo à conversão, funciona bastante nesse processo a motivação do indivíduo e sua simpatia pela religião de destino.

O Espiritismo nasceu em solo francês, com a publicação, em 1857 do primeiro livro de uma série de cinco principais - *O Livro dos Espíritos*, muito embora movimentos precursores já estivessem presentes desde o século anterior. O codificador da Doutrina Espírita, Hippolyte-Léon Denizard Rivail (1804 - 1869) foi um pedagogo com formação inicial na Suíça, sob a orientação de Pestalozzi. Rivail, que mais tarde adotaria o pseudônimo de Allan Kardec, teve a sua atenção chamada para os fenômenos das mesinhas girantes, que agitaram os salões da Europa na primeira metade do século XIX. Do estudo desses fenômenos Kardec concluiu serem de origem espiritual, isto é, produzidos por espíritos dos mortos. Após estabelecer um contato inteligente com esses espíritos, Kardec organizou da informação desses espíritos um corpo de doutrina que evoluiu para uma estrutura integrada com base científica, filosófica e religiosa - o Espiritismo.

Logo, muitos se interessaram pelas teorias espíritas e o Espiritismo se expandiu para a Europa e para diversos outros países. O Brasil recebeu o Espiritismo, por via do intenso intercâmbio cultural que mantinha com a França, durante todo o século XIX e início do século XX. As ideias espíritas se aclimataram no Brasil dando ao Espiritismo Francês um uma roupagem menos científica, mercê da cultura brasileira, menos erudita e mais preocupada com os problemas humanos, sem, no entanto, divergir da base proposta por Kardec. A mediunidade no Brasil assumiu uma função consoladora e terapêutica, porque os seus médiuns voltaram-se para uma prática mediúnica de transmissão de mensagens dos mortos direcionadas para a resignação e compreensão do sofrimento humano. Essa face menos científica encontrou eco nas necessidades íntimas de muitos que passaram a dotar o Espiritismo como sua religião.

O movimento espírita no Brasil começou a se expandir, no contrapé do enfraquecimento do Espiritismo em sua origem, na França. Esse enfraquecimento teve como causa a diminuição e a saturação dos fenômenos mediúnicos que tanto chamaram a atenção do público francês. A par disso, o desencanto para com a modernidade e o sei científicismo, que não conseguia dar ao ser humano a felicidade que dela se esperava e as intensas modificações geopolíticas que culminaram na 1ª Guerra Mundial devastando em desgraça e sofrimento o povo europeu, desviaram a marcha de um Espiritismo de uma proposta de ciência de investigação para uma doutrina de consolação. Transplantado para o Brasil, o Espiritismo encontrou um solo propício para esse trabalho de mitigação do sofrimento humano, e ao mesmo tempo veio ao encontro da busca por uma explicação racional da condição humana.

O Brasil já abrigara nas senzalas e nas tendas indígenas uma religião mestiça que consumia o mediunismo como forma de contato com as forças espirituais. Esse mediunismo, presente e adjacente ao movimento religioso oficial, tornou conhecido e útil os recursos de uma magia que atendia os humildes para além das capacidades e competências de uma ciência médica incipiente e inacessível. O curandeirismo desde muito tempo fazia parte dos recursos terapêuticos nacionais e mostrava ao povo que existia algo além das presenças dos seres humanos vivos, de quem se podia extrair determinados benefícios. A necessidade desses recursos e a gratidão pelos benefícios alcançados fizeram com que o povo brasileiro vivesse acostumado com essa presença espiritual sem, no entanto, conhecer esse mundo estranho, oculto e tão próximo.

O rito das senzalas e dos terreiros dava, no entanto, uma face primitiva ao fenômeno mediúnico. Novos tempos exigiam mudanças em que se pudessem manter os

benefícios até ali conseguidos, mas atualizados por uma prática mais sofisticada. O Espiritismo transportou do chão batido para a mesa branca a prática mediúnic e adicionou uma filosofia palatável para o gosto dos novos tempos. Essa nova proposta satisfaz as necessidades terapêuticas que agora alimentavam também a alma de mensagens consoladoras. O trânsito religioso começou a destinar parte do seu itinerário para o Espiritismo. Se as obras de Kardec se espalhavam sob o lume das sessões caseiras da nova classe média do século XX, novos líderes espíritas apareceram para popularizar os princípios espíritas iniciando uma extensa lista de publicações que chegavam a todos com informações e mensagens bem no gosto popular. Toda a magia presenciada e vivida agora estava inserida em romances e livros de autoajuda e em publicações diretas da prática espírita que evoluía dia-a-dia.

Esse novo contingente de espíritas que se projetava para a segunda metade do século XX, agora vinha respaldado por uma estrutura literária que dentre outros Francisco Cândido Xavier, o Chico Xavier, produzia. A organização e a definição do modelo brasileiro de Espiritismo não ocorreram sem conflitos. Conflitos internos patrocinados pelas opiniões discordantes de alguns líderes espíritas sobre determinados aspectos doutrinários e sobre a organização política do Espiritismo. A Federação Espírita Brasileira, fundada em 1884, dividia a representação do Espiritismo brasileiro como outras instituições, e a união e a harmonia do movimento sofriam as suas consequências com reflexos negativos para uma Doutrina Espírita, que precisava de adeptos para se fortalecer. O Pacto Áureo acomodou as tensões e o Espiritismo brasileiro podia se dedicar em melhores condições a definir seus espaços no campo religioso.

Os conflitos externos ocorriam por conta principalmente da oposição da Igreja Católica. A proposta espírita que alcançava certa fatia da elite social incomodava a Igreja Católica e ela convocou seus brilhantes contendores. Desses se destacam Oscar Quevedo e Boaventura Kloppenburg. Kloppenburg querelava no campo da teologia e dos princípios religiosos tentando mostrar o Espiritismo como uma farsa. Quevedo querelava no campo da ciência, apoiado na parapsicologia, que recente, em sua época, afirmava explicar os fenômenos espíritas pelo lado do psiquismo e do aproveitamento de energias puramente materiais. Kloppenburg se foi e Quevedo se apagou no desencantamento do povo pelo Catolicismo.

O Protestantismo também se posicionou contra o Espiritismo, principalmente a sua ala pentecostal, que sucedidos pelos chamados neopentecostais, pregam hoje abertamente contra o Espiritismo, condenando e exorcizando a sua prática, aplacando a necessidade de “descarrego” que fazia o povo correr para o mediunismo africano e kardecista, por práticas

próprias, inimaginadas por outras denominações protestantes mais tradicionais. O movimento pentecostal se alastra cortejando as massas populares oferecendo uma opção de solução para os problemas de qualquer ordem, sem os perigos da aproximação com o demônio. Numa primeira análise, parece que essas posições e estratégias causam danos às religiões entre si, mas, uma observação mais profunda mostra que esse entrevero religioso apenas faz depurar os contingentes de cada crença, pois o contencioso, ao atrair, ou repelir dos seus quadros determinados tipos de fiéis, faz com que cada religião expurgue de seus quadros aqueles que não se afinam com suas propostas e ideias do que resulta um bloco mais uniforme e homogêneo. Prejuízo, no entanto, para as religiões vivem de seus fiéis.

O Espiritismo diz não ser proselitista. Nos Centros Espíritas corre a frase: “O Espiritismo não precisa de ninguém, nós é que precisamos do Espiritismo”. Essa postura, antipática, a priori, revela, no entanto, uma religião aparentemente isenta da preocupação de sustentação de um contingente de seguidores, e de uma estrutura sacerdotal, ou mesmo patrimonial. São ainda muitos os Centros Espíritas que se acomodam em casas de família, aliás, onde muitos deles nasceram. Como no Espiritismo não há o dízimo, as organizações espíritas se sustentam da colaboração espontânea dos seus fiéis. De fato, o Espiritismo não faz campanha para conseguir seguidores. Segundo os espíritas, estes têm aderido à Doutrina Espírita pelo convencimento pessoal e por identificarem-se com as ideias do Espiritismo. Pelo seu lema: “Fora da caridade não há salvação!”, o Espiritismo carrega a maioria dos recursos arrecadados das contribuições dos seus fiéis para obras de caridade que são, para o Centro Espírita, quase que uma obrigação. E, não raro, essas contribuições vêm em boa parte dos fiéis de outras religiões, principalmente católicos, sensibilizados com a caridade espírita.

Novas necessidades de organização e manutenção das estruturas físicas e de divulgação do Espiritismo, que se ampliam cada vez mais passam a exigir cada vez mais recursos. Muitos Centros Espíritas reforçam o seu orçamento organizando eventos para arrecadação de fundos. São “Noites da Pizza”, bazares, campanhas e também, ultimamente, pequenos estabelecimentos comerciais: brechós, pequenas lanchonetes, editoras, bancas de revista, etc. E esses eventos e empreendimentos, também colaboram para a divulgação do Espiritismo, facilitando a adesão de novos contingentes.

Mas, a grande motivação para a conversão ao Espiritismo no Brasil é a face racional com que a Doutrina Espírita se reveste no oferecimento dos benefícios buscados por seus seguidores. E um dos focos principais é o consolo e a mitigação do sofrimento através de uma proposta racional de um sistema de causa e efeito. No dizer dos espíritas “é saber por que se sofre”. O conjunto de argumentações que mostra as razões do sofrimento humano pela

ligação com a natureza dos seus atos praticados nesta vida e em outras passadas fecha uma estrutura lógica que tem satisfeito os espíritas no apaziguamento de suas aflições. É, sem dúvida, a racionalidade satisfeita, a grande fonte de conversão ao Espiritismo no Brasil. “Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho!”, como motivação para a conversão ao Espiritismo que recebeu mais votos dos respondentes da pesquisa realizada com este trabalho, mostra que o convertido teve na Doutrina Espírita o que melhor satisfaz a sua necessidade de conhecer sobre as coisas mais importantes de sua vida.

E não apenas conhecer, mas simpatizar, isto é, conhecer e gostar. No momento em que o indivíduo muda a sua maneira de pensar, busca novas ideias para reorientar a sua vida. Em terceiro lugar dentre as motivações mais votadas, “Mudei a minha maneira de pensar a vida” mostra que no momento em que novas necessidades apareceram, a proposta espírita se apresentou como adequada a esse novo momento. O Espiritismo, aí, pode dar continuidade à razão de viver, na identificação dos anseios do convertido com os argumentos doutrinários. E, quando se aprofunda a questão das dúvidas que estavam presentes nos momentos anteriores à conversão, surgem as questões fortemente ligadas à condição humana e ao destino do homem. A opção predominante é: “Qual a razão do sofrimento humano?”, seguida das opções, “Porque existem diferenças na condição humana do homem sobre a Terra?” e, “Há vida após a morte? Como é essa vida após a morte?”.

Fica claro que para essas pessoas o Espiritismo serve para ajudar a compreensão do mundo. Serve para ajudar a entender os motivos dos seus sofrimentos e dos sofrimentos dos que estão à sua volta. Serve para indicar uma continuidade na vida, ante a frustrante proposta de que com a morte tudo acaba. A Doutrina Espírita para a maioria desses convertidos não veio para solucionar problemas imediatos e temporários, mas para saciar a necessidade de encontrar uma lógica para a vida. A opção de conversão ligada à necessidade de desenvolver a mediunidade como forma de afastar perturbações indesejadas, ou ligadas à cura de doenças.

Sempre quis saber sobre a Justiça Divina que me parecia sem explicação por não entender sobre as desigualdades sociais e o problema das dores e sofrimentos. Eu sempre acreditei que Deus é bom e soberanamente justo, mas que não poderia ser de sua vontade que se nascesse aleijados e sofredores sem que isso significasse injustiça. Tais perguntas me foram respondidas satisfatoriamente com a reencarnação. (D. S. - 43 anos, 15 anos de Espiritismo).

Como em todo processo de conversão, o Espiritismo também modifica a forma de encarar a vida e a razão de viver. Constrói uma nova identidade para o indivíduo, que passa a

ser percebida pelas outras pessoas. Os convertidos passam a viver e a participar desse novo mundo, gratos, na maioria das vezes, pela mudança de rumo que a sua vida tomou.

O Espiritismo mudou minha vida...me deu ânimo, me orientou sobre a verdadeira caridade, a reencarnação, o amor verdadeiro...sobre a vida em geral, o Espiritismo nunca me cobrou nada de forma alguma, nem mesmo nas vezes que ainda me sentia insegura e cometia erros, o Espiritismo me abraçou, me acolheu, me entendeu e me ensinou a me amar e a amar o próximo, Deus me conforta e me sustenta através do Espiritismo, portanto estou muito satisfeita, agradecida e feliz! (C.R. - 37 anos, 7 de Espiritismo).

Minha vida mudou diante do estudo e palestra na casa espírita que frequento, sou muito grata a Deus e a Jesus, e pelos mentores!! Graças a Deus!!!!!! (D. M. - 53 anos, 4 anos de Espiritismo).

O Espiritismo é a única doutrina que questiona. A nossa fé é raciocinada. (D. M. G. - 46 anos, 17 anos de Espiritismo).

O Espiritismo, no campo religioso brasileiro, conquistou um espaço significativo, para uma religião com apenas 155 anos de idade. Resistiu a um transplante e uma aclimação que, pelo menos aparentemente, manteve o cerne da doutrina kardecista. A grande inconstância dos fatores determinantes da cultura, dos quais a religião sofre as consequências, torna difícil compreender quais serão os fatores motivacionais para a conversão ao Espiritismo, no futuro. A sua história, ainda tão curta, já mostrou importantes mudanças nesse sentido. No entanto, é razoável considerar que a racionalidade, o apelo à caridade, o trânsito de informações com o mundo espiritual a serviço do melhoramento da condição humana sejam os aspectos que estarão sempre presentes em sua trajetória.

O aspecto científico do Espiritismo, por exemplo, ainda tem muito campo de investigação e aplicação, desde o estudo dos fenômenos físicos, incluindo aí as curas e aparições, até a pesquisa do *passé* e dos fenômenos intelectuais, como a psicografia e a psicofonia. No campo filosófico, ainda existem diversos pontos do tecido doutrinário para serem cobertos ou reforçados, no intercâmbio que o Espiritismo possa ampliar com o seu plano espiritual. Como pode ocorrer com todas as religiões, a Doutrina Espírita pode se renovar e atualizar para se tornar um polo atrativo para outras conversões. Na esfera das necessidades do ser humano, que podem variar de acordo com a evolução dos meios científicos e sociais, o Espiritismo brasileiro pode se expandir para além das suas fronteiras, atendendo, como faz aqui, as parcelas das populações que buscam na racionalidade o entendimento de suas condições de vida.

No Brasil, o progressivo aumento de fiéis nas últimas décadas mostra uma tendência de crescimento de espíritas, principalmente na conversão daqueles desencantados com as religiões tradicionais e que hoje, engrossam as fileiras dos sem-religião, mas que guardam, ainda, a necessidade de apoio espiritual às suas vidas. O aumento da presença espírita no campo editorial, das artes cênicas, dos veículos de mídia radiofônica, televisiva e virtual e, da filantropia projeta um reforço nos fatores motivacionais para a conversão, no Brasil. O crescimento que se percebe das parcelas com melhor escolaridade e com maior renda da população brasileira, perfis já definidos como característicos dos seguidores do Espiritismo, também projetam crescimento para as fileiras espíritas.

Os dados colhidos na pesquisa deste trabalho podem ainda ensejar muitos questionamentos e respostas para o fenômeno da conversão ao Espiritismo, favorecendo a continuidade deste estudo, que não é importante só para a Academia, como também para todos os atores do campo religioso brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINHO, S. **Confissões**. São Paulo: Abril Cultural , 1980.
- ALMEIDA, A. A. S. D. **Uma fábrica de loucos: psiquiatria x espiritismo no Brasil (1900 - 1950)**. Campinas: [s.n.], 2007. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
- ALMEIDA, R.; MONTEIRO, P. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, p. 92 - 101, 2001.
- ANTONIAZZI, A. As religiões do Brasil, segundo o Censo de 2000. **REVER: Revista de Estudos da Religião.**, São Paulo, v. 2, p. 75 - 80, 2003.
- ARENS, E. **Asia menor nos tempos de Paulo, Lucas e João**. São Paulo: Paulus, 1997.
- AUBRÉE, M.; LAPLANTINE, F. **A mesa, o livro e os espíritos**. Maceió/AL: EDUFAL, 2009.
- ÁVILA, T. D. **Livro da vida**. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2010.
- ÁVILA, T. D. **O Livro da vida**. São Paulo: Penguin Classics, 2010.
- BÁEZ, F. **A história universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- BASTIDE, R. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BENKO, A. **Psicologia da religião**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.
- BERGER, P. L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. 3a. ed. São Paulo: Paulus, 1985.
- BITTENCOURT FILHO, J. **Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social**. Petrópolis: Vozes; Koinonia, 2003.
- BOTTI, N. C. L. Uma viagem na história da enfermagem psiquiátrica no início do século XX, Rio de Janeiro, dezembro 2007.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRANDÃO, S. (.). **História das religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, v. 2, 2002.
- BURKE, P. **Variedades da história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CAMARGO, C. P. F. D. **Kardecismo e umbanda**. São Paulo: Pioneira, 1961.
- CAMARGO, C. P. F. D. **Católicos, protestantes, espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CAMINHA, P. V. A carta de Pero Vaz de Caminha. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/carta.htm>>. Acesso em: 16 Outubro 2010.
- CAMINHA, P. V. D. Carta de Pero Vaz de Caminha. **Cultura Brasil**, s.d. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/carta.htm>>. Acesso em: 13 Nov. 2011.
- CAMPOS, L. S. Os novos movimentos religiosos no Brasil analisados a partir da perspectiva da teologia de Paul Tillich. **Metodista**, 2003. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/issue/view/152>>. Acesso em: 30 Dez 2011.
- CARVALHO, A. C. P. **Chico Xavier: o homem e a obra**. 1a. ed. São Paulo: Edições USE, 1997.
- CASTRO, M. L. V. D. **O que é espiritismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

- CATALAN, J.-F. **O homem e sua religião**: enfoque psicológico. Tradução de Magno José Bilela. São Paulo: Paulinas, 1999.
- CAVALCANTI, M. L. V. D. C. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.
- CIPRIANI, R.; ELETA, P.; NESTI, A. (.). **Identidade e mudança na religiosidade latino-americana**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- COSTA, S. G. D. **Formação democrática do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Bibliotec do Exército, 1957.
- DATAFOLHA. Datafolha Opinião Pública. **Datafolha**, 2007. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/po/ver_po.php?session=446>. Acesso em: 7 novembro 2011.
- DELANNE, G. **O fenômeno espírita**: testemunho dos sábios. Rio de Janeiro: Edições Leon Denis, 2006.
- DOYLE, A. C. **História do espiritismo**. São Paulo: Pensamento, 1960.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 1989.
- DUVIGNAUD, J. **Sociologia do comediante**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- FERNANDES, P. C. D. C. **As origens do espiritismo no Brasil**: razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850-1914). Brasília: Universidade de Brasília, 2008.
- FERNANDES, S. R. A. **Mudança de religião no Brasil**: desvendando sentidos e motivações. São Paulo; Rio de Janeiro: Palavra&Prece; CERIS, s.d.
- FOWLER, J. W. **Estágios da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- FREUD, S. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global Editora, 2003.
- FRIDERICH, E. **Onde os espíritos baixam**: orientação para os católicos sobre o espiritismo, umbanda e chalanismo. Porto Alegre: Paulinas, 1965.
- FRY, P. H.; HOWE, G. N. Duas respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo. **Debate & Crítica**, São Paulo, p. 75 a 94, julho 1975.
- FÜLÖP-MILLER, R. **Os santos que abalaram o mundo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- GALIMBERTI, U. **Rastros do sagrado**. São Paulo: Paulus, 2003.
- GIBIER, P. **O espiritismo (faquirismo ocidental)**: estudo histórico, crítico, experimental. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- GIUMBELII, E. O "baixo espiritismo" e a história dos cultos mediúnicos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, p. 247 - 281, julho 2003.
- GOFFMANN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GUEIROS, J. **O Espiritismo analisado**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1949.
- HARDINGE, E. **Modern American Spiritualism**: a twenty year's record of the communion between earth and de world os spirits. New York: Published by de Author, 1870.
- HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- HOLANDA, S. B. D. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IBGE. IBGE: censo demográfico 2012. **IBGE**: Insituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012. Disponível em:

- <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religião_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 5 julho 2012.
- INCONTRI, D. **Pedagogia espírita: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas**. São Paulo. 2001. Tese de Doutorado.
- INCONTRI, D. **Para entender Allan Kardec**. Bragança Paulista/SP: [s.n.], 2004.
- INCONTRI, D. **Pedagogia espírita: um projeto brasileiro e suas raízes**. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2006.
- JAMES, W. **As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- JENSEN, G. I. Discursos sobre as religiões Afro-brasileiras: da desafrikanização para a reafrikanização. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, p. 1-21, Jan 2001.
- JOHNSON, P. **História do cristianismo**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2001. 680 p.
- JOHNSON, P. E. **Psicologia da religião**. São Paulo: Aste, 1964.
- JORGE, J. S. **Cultura religiosa: o homem e o fenômeno religioso**. 2a. ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- KAN, E. M. **Sectas o iglesias: viejos o nuevos movimientos religiosos**. México: Plaza y Valdez, 2000.
- KARDEC, A. **Obras póstumas**. 2a. ed. Araras/SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. **O Livro dos espíritos**. 54a. ed. São Paulo: LAKE, 1994.
- KARDEC, A. **O Livro dos médiuns**. São Paulo: LAKE, 1994.
- KARDEC, A. **O Evangelho segundo o espiritismo**. Catanduva: Boa Nova Editora, 2004.
- KARDEC, A. **Revista espírita: jornal de estudos psicológicos - ano primeiro, 1858**. 3a. ed. Rio de Janeiro: FEB, v. I, 2004.
- KARDEC, A. **Revista espírita: jornal de estudos psicológicos - ano décimo segundo - 1869**. Rio de Janeiro: FEB, v. 12, 2005.
- KARDEC, A. **Revista espírita: jornal de estudos psicológicos - ano segundo, 1859**. 3a. ed. Rio de Janeiro: FEB, v. II, 2005.
- KARDEC, A. **Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos - ano décimo primeiro, 1868**. 2a. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. **Revista espírita: jornal de estudos psicológicos - ano quarto, 1861**. 3a. ed. Rio de Janeiro: FEB, v. IV, 2006.
- KARDEC, A. **Revista espírita: jornal de estudos psicológicos - ano sexto, 1863**. 3a. ed. Rio de Janeiro: FEB, v. VI, 2006.
- KARDEC, A. **Revista espírita: jornal de estudos psicológicos - ano décimo - 1867**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. **O que é o espiritismo**. 37a. ed. Rio de Janeiro: FEB, s.d.
- KARDEC, A. **Revista espírita: jornal de estudos psicológicos. ano nono - 1866**. Rio de Janeiro: FEB, 2005.
- KHALIDI, T. **O Jesus Muçulmano**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- KLOPPENBURG, B. Material para instruções sobre a heresia espírita. **Contra a heresia espírita: respostas aos espíritas.**, Petrópolis, v. 2 e 3, 1957.
- KLOPPENBURG, B. **O espiritismo no Brasil: orientação para os católicos**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1960.
- LACERDA FILHO, L. S. D. **Os primeiros anos do espiritismo e a mediunidade no Brasil**. 1a. ed. Araguari: Minas Editora, v. V, 2005. 208 p.
- LANDIM, L. **Sinais dos tempos: diversidade religiosa no Brasil**. Rio de Janeiro: ISER, 1990.
- LANTIER, J. **O espiritismo**. Lisboa: Edições 70, 1980.

- LEMOS, J. S. **Os mercenários do imperador**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1996.
- LEPICIER, A. H. M. **No mundo invisível: uma exposição da teologia católica perante o espírito moderno**. Porto: Livraria Tavares Martins, 1951.
- LEWGOY, B. Secularismo e Espiritismo nas Ciências Sociais: discutindo os resultados da UFRGS. **Debates do NER**, Porto alegre, v. 2, p. 103 - 116, agosto 2001.
- LEWGOY, B. Etnografia da leitura num grupo de estudos espírita. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. Ano 10, nr 22, p. 255 a 282, jul / dez 2004.
- LEWGOY, B. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28 nr 1, p. 84 a 104, 2008.
- LOIOLA, I. D. **Autobiografia**. Braga/Portugal: Editora A.O., 2005.
- LOMBROSO, C. **Hipnotismo e espiritismo: pesquisas sobre os fenômenos hipnóticos e espíritos**. São Paulo: LAKE, 1999.
- MENDONÇA, A. G. A volta do sagrado selvagem: misticismo e êstase no protestantismo do Brasil. **Ciências da Religião**, São Bernardo do Campo, junho 1984.
- MENDONÇA, A. G.; CAMPOS, L. S. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens**. São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 2008.
- MENDONÇA, A. G.; CAMPOS, L. S. O. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos**. São Bernardo do Campo/Sp: UMESP, 2008.
- MENDONÇA, J. R. C. D. Interacionismo simbólico: uma sugestão metodológica para a pesquisa em administração. **Revista de Administração**, Recife, v. 8, n. 26, 2002.
- MENEZES, A. B. D. **Uma carta de Bezerra de Menezes**. Rio de Janeiro: FEB, 1994.
- METRAUX, A. **A religião dos tupinambás**. São Paulo: EDUSP, 1979.
- MONTEIRO, D. D. A.; IRIART, J. A. B. Homeopatia no Sistema Único de Saúde: representações dos usuários sobre o tratamento homeopático. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, p. 1903 - 1912, agosto 2007.
- MONTEIRO, E. C. **100 anos de comunicação espírita em São Paulo 1881 - 1981**. São Paulo: MADRAS, 2003.
- MONTEIRO, E. C. **Anuário histórico espírita**. São Paulo: Madras, 2003.
- MONTEIRO, E. C. **Túnel do tempo: as primeiras publicações espíritas no Brasil**. São Paulo: Madras, 2005.
- MOREIRA-ALMEIDA, A. et al. Envolvimento religioso e fatores demográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, p. 18 - 21, Mar 2009.
- MOTA, M. B.; BAICK, P. R. **História: das cavernas ao terceiro milênio**. São Paulo: Moderna, 1997.
- NETO, J. O. R. História comparada do protestantismo no Brasil. **História e-História**, 13 outubro 2009. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=241>>. Acesso em: 10 agosto 2012.
- NEVILLE, R. C. **A condição humana: um tema para religiões comparadas**. São Paulo: Paulus, 2005.
- NIEBUHR, R. **As origens sociais das denominações cristãs**. São Paulo: ASTE/IEPG, 1992.
- OLIVEIRA, I. **Santo Daime: um sacramento vivo, uma religião em formação**. Brasília: [s.n.], 2007. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.
- ORDEM Rosacruz: grande loja da jurisdição de língua portuguesa. Disponível em: <<http://www.amorc.org.br/>>. Acesso em: 17 outubro 2010.

- PAIVA, G. J. (.). **Entre necessidade e o desejo**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- PEREIRA, J. **A fé como fenômeno psicológico**. São Paulo: Escrituras, 2003.
- PEREIRA, J. C. Credo protestante. **credoprotestante.no.comunidades.net**, s.d. Disponível em: <<http://credoprotestante.no.comunidades.net/index.php>>. Acesso em: 16 Nov 2011.
- PIERUCCI, A. F. Religião como solvente: uma aula. **Novos Estudos**, São Paulo, p. 111-127, julho 2006.
- PIRES, J. H. **Introdução à filosofia espírita**. São Paulo: Edições FEESP, 1993.
- PRANDI, R. Deuses africanos no Brasil contemporâneo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, 1995.
- QUEVEDO, Ó. G. **Os mortos interferem no mundo?: "Palavra de laweh"**. São Paulo: Loyola, v. 5, 1993.
- QUEVEDO, Ó. G. **Os mortos interferem no mundo?: As provas da ciência**. São Paulo: Loyola, v. 4, 1993.
- REILY, D. A. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984.
- RODRIGUES, R. N. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Madras, 2008.
- SALATI, S. **Redenção e processos de conversão: novos caminhos de partilha teológica**. Tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Paulinas, 1999. 185 p.
- SAMPAIO, J. D. R. **Voluntários: um estudo sobre a motivação de pessoas e a cultura em uma organização de terceiro setor**. Franca: UNIFRAN, 2010.
- SANCHEZ, W. L. **Pluralismo religioso: as religiões no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- SANCHIS, P. As religiões dos brasileiros. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 1, p. 29, 1997.
- SANCTIS, S. D. **Religious conversion: a bio-psychological study**. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd, 1927.
- SANSI, R. Fazer o santo: dom, iniciação e historicidade nas religiões afro-brasileiras. **Análise Social**, Lisboa, v. XLIV, p. 139-160, 2009.
- SANTOS, J. L. D. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna, 1997.
- SANTOS, W. S. D. **O longo caminho até Damasco: rede de mudança e fluxo de mudança em narrativas de conversão religiosa**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2007. Tese de doutorado.
- SAUSSE, H. **Biografia de Allan Kardec**. São paulo: LAKE, 1975.
- SILVA, M. J. D. História e-história: Embates religiosos na "Terra da Luz": maçons, espíritas e católicos no Ceará da Primeira República. **história e-história**. Disponível em: <<http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=96>>. Acesso em: 17 outubro 2010.
- SIMÕES, P. **Assistentes sociais e religião: um estudo Brasil/Inglaterra**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 131.
- SOARES, R. R. **Espiritismo, a magia do engano**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1984.
- SOBRINHO, P. D. S. N. O espiritismo é religião? **www.espirito.org.br**, 2001. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/porta1/artigos/paulosns/o-espiritismo-eh-religiao.html>>. Acesso em: 16 Jan 2012.
- STOLL, S. J. Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18 nr 52, 2004.
- TAVARES, A. D. L. **Brasil-França ao longo de cinco séculos**. Rio de Janeiro: Biobiblioteca do Exército Editora, 1979.

- TERRIN, A. N. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- TFP. Tradição, Família e Propriedade - fundador. **Tradição, Família e Propriedade**, 2012. Disponível em: <<http://www.tfp.org.br>>. Acesso em: 3 Jan 2012.
- THOMPSON, F. C. **Bíblia de referência Thompson**. São Paulo: VIDA, 2000.
- TILLICH, P. **Dinâmica da fé**. 5a. ed. São Leopoldo/RS: Sinodal, 1996.
- VALLE, E. **Psicologia e experiência religiosa: estudos introdutórios**. São Paulo: Loyola, 1998.
- VIGIA, T. D. **O homem em busca de Deus**. Cesário Lange, SP: Associação Torre de Vigia, 2006.
- VILLAC, J. L. Palavra do sacerdote. **Catolicismo: revista de cultura e atualidades**, 2001. Disponível em: <<http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=90&mes=setembro2001>>. Acesso em: 22 fevereiro 2012.
- WANTUIL, Z. **Grandes espíritas do Brasil**. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- WANTUIL, Z. **Grandes Espíritas do Brasil: (53 biografias)**. 4a. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- WANTUIL, Z. **As mesas girantes e o espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- WANTUIL, Z. **As mesas girantes e o espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- WANTUIL, Z.; THIESEN, F. **Allan Kardec: meticolosa pesquisa bibliográfica**. Rio de Janeiro: FEB, v. I, 1979.
- WANTUIL, Z.; THIESEN, F. **Allan Kardec: pesquisa bibliográfica e ensaios de interpretação**. Rio de Janeiro: FEB, v. I, 1979.
- WANTUIL, Z.; THIESEN, F. **Allan Kardec: pesquisa bibliográfica e ensaios de interpretação**. Rio de Janeiro: FEB, v. II, 1980.
- WEBER, M. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 4a. ed. São Paulo: UnB, v. 1, 2004.
- WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. São Paulo: UnB, v. I, 2004.
- XAVIER, F. C. **Brasil coração do mundo e pátria do evangelho**. Rio de Janeiro: FEB, 2008.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIOS DA PESQUISA

APENDICE A1 - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA NR 1 (ANVERSO)

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	PESQUISA MUDANÇA DE RELIGIÃO
--	---------------------------------

ESTA PESQUISA É DE PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA!

Se você mudou de religião, vindo para o Espiritismo, está convidado a responder esta pesquisa. Ela busca identificar as razões que levaram as pessoas a optar pelo Espiritismo, vindas de qualquer outra religião. Você não é obrigado a se identificar, mas se o fizer estará colaborando para a lisura da pesquisa. Qualquer informação individual será mantida em sigilo. Ao pesquisador se reservam os direitos de uso e manipulação dos dados obtidos.

Nome:	
-------	--

E-mail:		Sexo:	() Masc. () Fem.
---------	--	-------	--------------------

Cidade	Estado
--------	--------

Idade: ()	Espírita desde que idade? () anos	Tempo de Doutrina Espírita? () anos
------------	------------------------------------	--------------------------------------

Minha Religião Anterior:	Religião atual da Família:
--------------------------	----------------------------

Nível de escolaridade	Renda familiar (salário mínimo = R\$ 510,00)
() Fundamental (1º grau.)	() Até 2 salários mínimos
() Médio (2º grau.)	() Entre 2 e 4 salários mínimos
() Superior (3º grau.)	() Entre 4 e 10 salários mínimos
() Pós-graduação ou especialização	() Entre 10 e 20 salários mínimos
(.....) Mestrado, Doutorado (strictu sensu).	() Mais de 20 salários mínimos

Eu entrei em contato com o Espiritismo? (marque uma)	Eu frequento o Centro Espírita
() Com pessoa da família.	() Uma vez por semana.
() Procurando um Centro Espírita.	() Duas vezes por semana.
() Lendo um livro ou publicação espírita.	() Mais de duas vezes por semana.
() Com amigos espíritas.	() Raramente.
() Participando de um evento espírita.	() Não frequento.

Eu já li pelo menos... (marque as que ocorreram)	Em minha casa... (marque uma)
() um livro de Allan Kardec.	() apenas eu sou espírita.
() um romance espírita.	() a maioria é espírita.
() um livro de Chico Xavier.	() a maioria não é espírita.
() uma apostila de curso espírita.	Em minha casa... (marque uma)
() um jornal ou revista espírita.	() a maioria simpatiza com o Espiritismo.
() ainda não li nenhuma das publicações acima	() a maioria não simpatiza com o Espiritismo.

Eu me tornei espírita por que... (marque três respostas)	
() simpatizei com os princípios espíritas.	() queria melhorar o nível de vida.
() queria participar de atividades assistenciais.	() estava doente, e me curei no Espiritismo.
() para alcançar certa paz interior.	() mudei a minha maneira de pensar a vida.
() gostei do ambiente do Centro Espírita.	() ele explica melhor as dúvidas que eu tenho.
() tinha mediunidade e precisava desenvolver.	() li um livro espírita.
() por influência de parentes ou amigos.	() o Espiritismo curou uma pessoa da família.
() estava sofrendo e procurava uma consolação.	() costumava tomar passe no Centro Espírita.
() decepcionei-me com minha antiga religião.	() queria praticar a mediunidade.
() admirava alguns espíritas como exemplo de vida.	() ele é parecido com a minha religião anterior

A religião com a qual eu tinha <u>menos</u> afinidade antes de me tornar espírita era...	
--	--

APENDICE A2 - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA NR 1(VERSO)

A tabela mais abaixo apresenta afirmações seguidas de números (1, 2, 3, 4 e, 5). Os números se referem ao grau de concordância para com a afirmação proposta. Os números com os respectivos graus de concordância são:

(1)		(2)		(3)		(4)		(5)
discordo totalmente		discordo		nem discordo nem concordo		concordo		concordo totalmente

Veja dois exemplos de respostas:

Nº	Quesitos	Opções				
1	Uma das cores da Bandeira do Brasil é o amarelo.	1	2	3	4	X

Neste exemplo foi marcado com um "X" a opção "5", porque quem respondeu concorda totalmente que o amarelo é uma das cores da bandeira do Brasil;

2	Tudo o que é bom é justo.	1	2	X	4	5
---	---------------------------	---	---	---	---	---

Neste exemplo foi marcado com um "X" a opção "3", porque quem respondeu nem concorda e nem discorda com a afirmação de que "tudo o que é bom é justo".

MUITO BEM, CONTINUEMOS A PESQUISA!						
Para responder, marque com um "X" o número à direita que expresse melhor a sua opinião.						
Nº	Quesitos	Opções				
1	Eu me considero espírita porque aceito o que o Espiritismo diz.	1	2	3	4	5
2	Eu me considero espírita porque frequento o Centro Espírita.	1	2	3	4	5
3	Eu me considero espírita, mas não aceito bem alguns princípios espíritas.	1	2	3	4	5
4	Antes de ser espírita eu já acreditava na vida após a morte.	1	2	3	4	5
5	Antes de ser espírita eu já acreditava na reencarnação.	1	2	3	4	5
6	Antes de ser espírita eu já acreditava na comunicação com os espíritos.	1	2	3	4	5
7	Eu acredito na reencarnação da forma que o Espiritismo explica.	1	2	3	4	5
8	Eu acredito na vida após a morte da forma que o Espiritismo explica.	1	2	3	4	5
9	Eu acredito na comunicação com os espíritos da forma que o Espiritismo explica.	1	2	3	4	5
10	Tive dificuldade em ir para o Espiritismo pelo preconceito dos amigos e parentes.	1	2	3	4	5
11	Sinto falta no Espiritismo de algumas coisas de outras religiões (rituais, imagens, etc.).	1	2	3	4	5
12	Eu me considero espírita porque estudo e sigo a filosofia espírita.	1	2	3	4	5
13	Eu, às vezes, ainda frequento os cultos da minha religião anterior.	1	2	3	4	5
14	Sinto que serei espírita para sempre.	1	2	3	4	5
15	Ainda tenho dúvidas se o Espiritismo será a minha religião definitiva.	1	2	3	4	5
16	Eu frequento outra religião, além do Espiritismo.	1	2	3	4	5
17	A minha religião anterior tem muito a ver com o Espiritismo.	1	2	3	4	5
18	Quando me tornei espírita eu estava procurando uma nova religião.	1	2	3	4	5
19	A minha religião anterior é contrária ao Espiritismo.	1	2	3	4	5
20	Entendi muito bem como deveria responder a esta pesquisa.	1	2	3	4	5

Acho que faltou ser perguntado: _____

*** MUITO OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO ***

APENDICE A3 - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA NR 2

Prezado (a) amigo (a).

Primeiramente, desejo agradecer a sua valiosa colaboração neste trabalho, ao preencher no site *surveymonkey* a nossa pesquisa sobre conversão ao Espiritismo. Estou em fase conclusiva de análise das respostas e, por isso, se for possível, gostaria de poder obter a sua ajuda novamente. Se você não deseja mais ser consultado sobre essa pesquisa, por favor, responda apenas "NÃO" a este e-mail, e receba, da mesma forma, os nossos sinceros agradecimentos. Se puder colaborar, trata-se do seguinte: um dos itens que você indicou como motivação para sua conversão ao Espiritismo teve destacada frequência na pesquisa. O item é: "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho".

Sendo necessário expandir a interpretação desse item, solicito assinalar com um "X" nas vinte opções listadas abaixo, as suas dúvidas que são melhor explicadas pelo Espiritismo do que pela sua religião anterior ou pelas religiões que você conhece. Pode assinalar quantas você quiser ou acrescentar mais alguma.

1. () Há vida após a morte? Como é essa vida após a morte?
2. () Os espíritos podem se comunicar com as pessoas vivas?
3. () Existem outros mundos habitados, como a Terra?
4. () Qual a melhor interpretação da Bíblia e dos Evangelhos?
5. () Qual razão do sofrimento humano?
6. () É possível nascer e renascer muitas vezes?
7. () Existem anjos e demônios, céu e inferno?
8. () Existe o destino? Como ele é definido, modificado, cumprido?
9. () Existe alguma razão para as nossas simpatias e antipatias para com nossos amigos e parentes?
10. () Qual o poder dos amuletos, rituais, "trabalhos", maldições e talismãs?
11. () Vai haver um fim do mundo?
12. () Porque existem diferenças na condição humana do homem sobre a Terra (ricos e pobres, doentes e sãos, etc.)?
13. () Os espíritos têm sexo? Como é a sua sexualidade?
14. () É possível que pessoas sejam curadas por outras pessoas (médiums) por influência dos espíritos?
15. () Deus existe? Quem é Deus?
16. () O que é a mediunidade? Como pode ser desenvolvida e exercida?
17. () O que se deve fazer para se obter a salvação?
18. () Existe o milagre?
19. () Como ser feliz?
20. () Os espíritos podem influenciar a vida das pessoas, para o bem ou para o mal?

Outras dúvidas (se for o caso): _____

Sua religião anterior: _____

Pretendo enviar a todos os colaboradores, quando concluído o trabalho, o resultado sintético da pesquisa, como forma de socialização e divulgação deste trabalho! Desde já agradecido por mais esta sua generosa colaboração, aguardo sua resposta.

Um forte abraço!

Prof. Rodrigues.

APÊNDICE B - TABELAS

Tabela 13 - Todos - Quantidade de respondentes.

RESPONDENTES	2281
(TODOS)	

Tabela 14 - Todos - Sexo.

SEXO	Q	%
HOMENS	770	33,95%
MULHERES	1498	66,05%
DECLARARAM	2268	99,430%
NÃO DECLARARAM	13	0,57%
TOTAL	2281	100,00%

Tabela 15 - Todos - Origem.

CENSO 2010		ESTADOS	ESTA PESQUISA	
ESPÍRITAS			ESPÍRITAS	
1.356.193	35,24%	SÃO PAULO	740	32,77%
419.094	10,89%	MINAS GERAIS	331	14,66%
647.572	16,82%	RIO DE JANEIRO	234	10,36%
343.784	8,93%	RIO GRANDE DO SUL	188	8,33%
46.756	1,21%	CEARÁ	72	3,19%
98.973	2,57%	SANTA CATARINA	72	3,19%
108.805	2,83%	PARANÁ	67	2,97%
157.777	4,10%	BAHIA	65	2,88%
147.740	3,84%	GOIÁS	58	2,57%
89.836	2,33%	DISTRITO FEDERAL	52	2,30%
14.800	0,38%	AMAZONAS	40	1,77%
9.840	0,26%	PIAUI	37	1,64%
46.610	1,21%	MATO GROSSO DO SUL	31	1,37%
17.066	0,44%	ALAGOAS	30	1,33%
38.044	0,99%	MATO GROSSO	25	1,11%
33.924	0,88%	PARÁ	25	1,11%
8.905	0,23%	RONDÔNIA	25	1,11%
123.798	3,22%	PERNAMBUCO	24	1,06%
23.175	0,60%	PARAÍBA	21	0,93%
24.826	0,65%	RIO GRANDE DO NORTE	20	0,89%
4.084	0,11%	RORAIMA	20	0,89%
36.593	0,95%	ESPÍRITO SANTO	19	0,84%
12.505	0,32%	MARANHÃO	16	0,71%
22.266	0,58%	SERGIPE	15	0,66%
4.190	0,11%	ACRE	13	0,58%
8.940	0,23%	TOCANTINS	12	0,53%
2.781	0,07%	AMAPÁ	6	0,27%
		DECLARARAM	2258	98,99%
		NÃO DECLARARAM	23	1,01%
3.848.877	100,00%	TOTAL	2281	100,00%

Tabela 16 - Todos - Escolaridade.

ESCOLARIDADE	Q	%	%
PÓS STRICTU	208	9,12%	74,00%
PÓS LATU	537	23,54%	
SUPERIOR	943	41,34%	
MÉDIO	550	24,11%	25,52%
FUNDAMENTAL	32	1,40%	
DECLARARAM	2270	99,52%	99,52%
NÃO DECLARARAM	11	0,48%	0,48%
TOTAL	2281	100,00%	100,0%

Tabela 17 - Todos - Renda.

RENDA	Q	%	%
AC 20 SM	164	7,34%	65,65%
AC 10 ATÉ 20 SM	455	20,38%	
AC 4 ATÉ 10 SM	847	37,93%	
AC 2 ATÉ 4 SM	567	25,39%	34,35%
ATÉ 2 SM	200	8,96%	
DECLARARAM	2233	97,90%	100,00%
NÃO DECLARARAM	48	2,10%	
TOTAL	2281	100,00%	

Tabela 18 - Todos - Idade.

IDADE	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	53	2,39%
ENTRE 21 E 30 ANOS	465	20,96%
ENTRE 31 E 40 ANOS	555	25,02%
ENTRE 41 E 50 ANOS	599	27,01%
ENTRE 51 E 60 ANOS	400	18,03%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	146	6,58%
DECLARARAM	2218	97,24%
NÃO DECLARARAM	63	2,76%
TOTAL	2281	100,00%

Tabela 19 - Todos - Religião anterior.

RELIGIÃO ANTERIOR	Q	%
AFRO	15	0,66%
CATOLICISMO	2039	89,39%
ESPIRITISMO	0	0,00%
NENHUMA	18	0,79%
ORIENTAL	25	1,10%
OUTRA	6	0,26%
PROTESTANTISMO	120	5,26%
UMBANDA	58	2,54%
DECLARARAM	2281	100%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	2281	100,00%

Tabela 20 - Todos - Religião atual da família

RELIGIÃO DA FAMÍLIA	Q	%
AFRO	8	0,37%
CATOLICISMO	1140	52,37%
ESPIRITISMO	894	41,07%
NENHUMA	5	0,23%
ORIENTAL	13	0,60%
OUTRA	1	0,05%
PROTESTANTISMO	84	3,86%
UMBANDA	32	1,47%
DECLARARAM	2177	95,44%
NÃO DECLARARAM	104	4,56%
TOTAL	2281	100,00%

Tabela 21 - Todos - Idade que iniciou no Espiritismo.

IDADE EM QUE INICIOU	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	645	28,94%
ENTRE 21 E 30 ANOS	826	37,06%
ENTRE 31 E 40 ANOS	492	22,07%
ENTRE 41 E 50 ANOS	202	9,06%
ENTRE 51 E 60 ANOS	58	2,60%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	6	0,27%
DECLARARAM	2229	97,72%
NÃO DECLARARAM	52	2,28%
TOTAL	2281	100,00%

Tabela 22 - Todos - Tempo de Espiritismo.

TEMPO DE DOCTRINA	0 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	Mais que 50
CATOLICISMO	1000	592	311	108	25	1
PROTESTANTISMO	68	32	12	7	1	0
AFRO	7	6	1	1	0	0
UMBANDA	30	16	6	4	1	1
ORIENTAL	14	4	3	3	0	0
OUTRA	3	3	0	0	0	0
NENHUMA	9	7	1	1	0	0
DECLARARAM	1131	660	334	124	27	2
NÃO DECLARARAM	3					
TOTAL	2281					

Tabela 23 - Todos - Tempo de Espiritismo (média/anos)

TEMPO DE DOCTRINA (MÉDIA)	D	ND	TOTAL
13,44 (Média)	2278	3	2281
	99,87%	0,13%	100,00%

Tabela 24 - Todos - Idade de início no Espiritismo (média/anos)

INÍCIO NO ESPIRITISMO (IDADE)	D	ND	TOTAL
27,88 (Média)	2229	52	2281
	97,72%	2,28%	100,00%

Tabela 25 - Todos - Como fez contato com o Espiritismo.

COMO FEZ CONTATO	Q	%
AMIGOS ESPÍRITAS	755	33,10%
PESSOA DA FAMÍLIA	679	29,77%
LIVRO OU PUBLICAÇÃO	506	22,18%
CENTRO ESPÍRITA	270	11,84%
EVENTO ESPÍRITA	71	3,11%
DECLARARAM	2281	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	2281	100,00%

Tabela 26 - Todos - Frequência ao Centro Espírita.

FREQUENCIA AO CENTRO	Q	%
MAIS DE 2 X POR SEMANA	579	25,46%
1 X POR SEMANA	752	33,07%
2 X POR SEMANA	553	24,32%
RARAMENTE	299	13,15%
NÃO FREQUENTO	91	4,00%
DECLARARAM	2274	99,69%
NÃO DECLARARAM	7	0,31%
TOTAL	2281	100,00%

Tabela 27 - Todos - Leitura Espírita.

LEITURA ESPÍRITA	Q	%
KARDEC	2157	94,56%
ROMANCE	2022	88,65%
CHICO XAVIER	1988	87,15%
JORNAL OU REVISTA	1744	76,46%
APOSTILA	1638	71,81%
NÃO LEU	13	0,57%
DECLARARAM	2281	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	2281	100,00%

Tabela 28 - Todos - Religião com menos afinidade, antes de se tornar espírita.

MENOS AFINIDADE	Q	%
AFRO	651	29,55%
CATOLICISMO	291	13,21%
ESPIRITISMO	36	1,63%
NENHUMA	15	0,68%
ORIENTAL	138	6,26%
OUTRA	13	0,59%
PROTESTANTISMO	950	43,12%
UMBANDA	109	4,95%
DECLARARAM	2203	96,58%
NÃO DECLARARAM	78	3,42%
TOTAL	2281	100,00%

Tabela 29 - Todos - Espíritas em casa (atualmente).

ESPÍRITAS EM CASA	Q	%
A MAIORIA É ESPÍRITA	1205	53,15%
APENAS EU	839	37,01%
A MAIORIA NÃO É ESPÍRITA	223	9,84%
DECLARARAM	2267	99,39%
NÃO DECLARARAM	14	0,61%
TOTAL	2281	100,00%

Tabela 30 - Todos - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).

SIMPATIA PELO ESPIRITISMO	Q	%
A MAIORIA SIMPATIZA	1934	86,34%
A MAIORIA NÃO SIMPATIZA	306	13,66%
DECLARARAM	2240	98,20%
NÃO DECLARARAM	41	1,80%
TOTAL	2281	100,00%

Tabela 31 - Todos - Questões de crença e prática espíritas.

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Eu me considero espírita porque aceito o que o Espiritismo diz	DISCORDO TOTALMENTE	45	2,05%	161	7,34%
	DISCORDO	116	5,29%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	233	10,63%		
	CONCORDO	868	39,60%		
	CONCORDO TOTALMENTE	930	42,43%		
Resumo: 2192 (96,1%) responderam, de 2281 depoentes		2192	100%	2192	100,00%
Eu me considero espírita porque frequento o Centro Espírita	DISCORDO TOTALMENTE	404	18,56%	1109	50,94%
	DISCORDO	705	32,38%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	422	19,38%		
	CONCORDO	448	20,58%		
	CONCORDO TOTALMENTE	198	9,10%		
Resumo: 2177 (95,44%) responderam, de 2281 depoentes		2177	100%	2177	100,00%

(Continuação da Tabela 31 - Todos - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Eu me considero espírita, mas não aceito bem alguns princípios espíritas.	DISCORDO TOTALMENTE	1062	48,87%	1812	83,39%
	DISCORDO	750	34,51%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	178	8,19%		
	CONCORDO	149	6,86%		
	CONCORDO TOTALMENTE	34	1,56%		
Resumo: 2173 (95,27%) responderam, de 2281 depoentes		2173	100%	2173	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na vida após a morte.	DISCORDO TOTALMENTE	84	3,83%	1763	80,39%
	DISCORDO	136	6,20%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	210	9,58%		
	CONCORDO	661	30,14%		
	CONCORDO TOTALMENTE	1102	50,25%		
Resumo: 2193 (96,14%) responderam, de 2281 depoentes		2193	100%	2193	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na reencarnação.	DISCORDO TOTALMENTE	150	6,85%	1402	63,99%
	DISCORDO	283	12,92%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	356	16,25%		
	CONCORDO	582	26,56%		
	CONCORDO TOTALMENTE	820	37,43%		
Resumo: 2191 (96,05%) responderam, de 2281 depoentes		2191	100%	2191	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na comunicação com os espíritos.	DISCORDO TOTALMENTE	111	5,06%	1622	73,90%
	DISCORDO	192	8,75%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	270	12,30%		
	CONCORDO	738	33,62%		
	CONCORDO TOTALMENTE	884	40,27%		
Resumo: 2195 (96,23%) responderam, de 2281 depoentes		2195	100%	2195	100,00%
Eu acredito na reencarnação da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	13	0,59%	2086	95,29%
	DISCORDO	19	0,87%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	71	3,24%		
	CONCORDO	553	25,26%		
	CONCORDO TOTALMENTE	1533	70,03%		
Resumo: 2189 (95,97%) responderam, de 2281 depoentes		2189	100%	2189	100,00%
Eu acredito na vida após a morte da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	9	0,41%	2097	95,84%
	DISCORDO	13	0,59%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	69	3,15%		
	CONCORDO	568	25,96%		
	CONCORDO TOTALMENTE	1529	69,88%		
Resumo: 2188 (95,92%) responderam, de 2281 depoentes		2188	100%	2188	100,00%
Eu acredito na comunicação com os espíritos da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	14	0,64%	2092	95,96%
	DISCORDO	12	0,55%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	62	2,84%		
	CONCORDO	611	28,03%		
	CONCORDO TOTALMENTE	1481	67,94%		
Resumo: 2180 (95,57%) responderam, de 2281 depoentes		2180	100%	2180	100,00%
Tive dificuldade em ir para o espiritismo pelo preconceito dos amigos e parentes.	DISCORDO TOTALMENTE	1045	47,89%	394	18,06%
	DISCORDO	558	25,57%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	185	8,48%		
	CONCORDO	254	11,64%		
	CONCORDO TOTALMENTE	140	6,42%		
Resumo: 2182 (95,66%) responderam, de 2281 depoentes		2182	100%	2182	100,00%

(Continuação da Tabela 31 - Todos - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Sinto falta no espiritismo de algumas coisas de outras religiões.	DISCORDO TOTALMENTE	1479	67,57%	1936	88,44%
	DISCORDO	457	20,88%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	124	5,66%	129	5,89%
	CONCORDO	85	3,88%		
	CONCORDO TOTALMENTE	44	2,01%		
Resumo: 2189 (95,97%) responderam, de 2281 depoentes		2189	100%	2189	100,00%
Eu me considero espírita porque estudo e sigo a filosofia espírita.	DISCORDO TOTALMENTE	47	2,15%	147	6,72%
	DISCORDO	100	4,57%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	231	10,55%	1811	82,73%
	CONCORDO	831	37,96%		
	CONCORDO TOTALMENTE	980	44,77%		
Resumo: 2189 (95,97%) responderam, de 2281 depoentes		2189	100%	2189	100,00%
Eu, às vezes, ainda frequento os cultos da minha religião anterior.	DISCORDO TOTALMENTE	1022	46,79%	1475	67,54%
	DISCORDO	453	20,74%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	261	11,95%	448	20,51%
	CONCORDO	382	17,49%		
	CONCORDO TOTALMENTE	66	3,02%		
Resumo: 2184 (95,75%) responderam, de 2281 depoentes		2184	100%	2184	100,00%
Sinto que serei espírita para sempre.	DISCORDO TOTALMENTE	18	0,82%	46	2,11%
	DISCORDO	28	1,28%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	177	8,10%	1961	89,79%
	CONCORDO	472	21,61%		
	CONCORDO TOTALMENTE	1489	68,18%		
Resumo: 2184 (95,75%) responderam, de 2281 depoentes		2184	100%	2184	100,00%
Ainda tenho dúvidas se o espiritismo será a minha religião definitiva.	DISCORDO TOTALMENTE	1516	69,96%	1946	89,80%
	DISCORDO	430	19,84%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	128	5,91%	93	4,29%
	CONCORDO	69	3,18%		
	CONCORDO TOTALMENTE	24	1,11%		
Resumo: 2167 (95%) responderam, de 2281 depoentes		2167	100%	2167	100,00%
Eu frequento outra religião, além do espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	1373	62,95%	1804	82,71%
	DISCORDO	431	19,76%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	143	6,56%	234	10,73%
	CONCORDO	179	8,21%		
	CONCORDO TOTALMENTE	55	2,52%		
Resumo: 2181 (95,62%) responderam, de 2281 depoentes		2181	100%	2181	100,00%
A minha religião anterior tem muito a ver com o espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	780	35,90%	1488	68,48%
	DISCORDO	708	32,58%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	448	20,62%	237	10,91%
	CONCORDO	189	8,70%		
	CONCORDO TOTALMENTE	48	2,21%		
Resumo: 2173 (95,27%) responderam, de 2281 depoentes		2173	100%	2173	100,00%
Quando me tornei espírita eu estava procurando uma nova religião.	DISCORDO TOTALMENTE	617	28,38%	1239	56,99%
	DISCORDO	622	28,61%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	394	18,12%	541	24,89%
	CONCORDO	333	15,32%		
	CONCORDO TOTALMENTE	208	9,57%		
Resumo: 2174 (95,31%) responderam, de 2281 depoentes		2174	100%	2174	100,00%

(Continuação da Tabela 31 - Todos - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
A minha religião anterior é contrária ao espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	252	11,62%	624	28,77%
	DISCORDO	372	17,15%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	543	25,03%		
	CONCORDO	611	28,17%		
	CONCORDO TOTALMENTE	391	18,03%		
Resumo: 2169 (95,09%) responderam, de 2281 depoentes		2169	100%	2169	100,00%
Entendi muito bem como deveria responder a esta pesquisa.	DISCORDO TOTALMENTE	26	1,19%	51	2,33%
	DISCORDO	25	1,14%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	68	3,11%		
	CONCORDO	657	30,03%		
	CONCORDO TOTALMENTE	1412	64,53%		
Resumo: 2188 (95,92%) responderam, de 2281 depoentes		2188	100%	2188	100,00%

Tabela 32 - Todos - Motivação para se tornar espírita.

MOTIVAÇÃO PARA SE TORNAR ESPÍRITA	Q	%
ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO	1500	65,76%
SIMPATIZEI COM OS PRINCÍPIOS ESPÍRITAS	1264	55,41%
MUDEI A MINHA MANEIRA DE PENSAR A VIDA	877	38,45%
PARA ALCANÇAR CERTA PAZ INTERIOR	484	21,22%
ESTAVA SOFRENDO E PROCURAVA UMA CONSOLAÇÃO	447	19,60%
TINHA MEDIUNIDADE E PRECISAVA DESENVOLVER	352	15,43%
DECEPCIONEI-ME COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	314	13,77%
ADIMIRAVA ALGUNS EXPÍRITAS COMO EXEMPLO DE VIDA	313	13,72%
GOSTEI DO AMBIENTE DO CENTRO ESPÍRITA	291	12,76%
LI UM LIVRO ESPÍRITA	274	12,01%
QUERIA MELHORAR O NÍVEL DE VIDA	155	6,80%
QUERIA PARTICIPAR DE ATIVIDADES ASSISTENCIAIS	151	6,62%
QUERIA PRATICAR A MEDIUNIDADE	144	6,31%
INFLUÊNCIA DE PARENTES E AMIGOS	145	6,36%
ESTAVA DOENTE E ME CUREI NO ESPIRITISMO	86	3,77%
COSTUMAVA TOMAR PASSE NO CENTRO ESPÍRITA	75	3,29%
O ESPIRITISMO CUROU UMA PESSOA DA FAMÍLIA	40	1,75%
ELE É PARECIDO COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	28	1,23%
TOTAL	2281	-

Tabela 33 - Todos - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho".

"ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO"	Q	%
QUAL RAZÃO DO SOFRIMENTO HUMANO?	520	34,69%
PORQUE EXISTEM DIFERENÇAS NA CONDIÇÃO HUMANA DO HOMEM SOBRE A TERRA?	509	33,96%
HÁ VIDA APÓS A MORTE? COMO É ESSA VIDA APÓS A MORTE?	497	33,16%
EXISTE ALGUMA RAZÃO PARA AS NOSSAS SIMPATIAS E ANTIPATIAS PARA COM NOSSOS AMIGOS E PARENTES?	457	30,49%
OS ESPÍRITOS PODEM INFLUENCIAR A VIDA DAS PESSOAS, PARA O BEM OU PARA O MAL?	427	28,49%

(Continuação da Tabela 33 - Todos - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho")

EXISTEM OUTROS MUNDOS HABITADOS, COMO A TERRA	404	26,95%
É POSSÍVEL NASCER E RENASCER MUITAS VEZES?	404	26,95%
OS ESPÍRITOS PODEM SE COMUNICAR COM AS PESSOAS VIVAS?	400	26,68%
EXISTE O DESTINO? COMO ELE É DEFINIDO, MODIFICADO, CUMPRIDO	372	24,82%
O QUE É A MEDIUNIDADE? COMO PODE SER DESENVOLVIDA E EXERCIDA?	368	24,55%
É POSSÍVEL QUE PESSOAS SEJAM CURADAS POR OUTRAS PESSOAS POR INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS?	319	21,28%
EXISTEM ANJOS E DEMÔNIOS, CÉU E INFERNO?	315	21,01%
QUAL A MELHOR INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA E DOS EVANGELHOS?	293	19,55%
DEUS EXISTE? QUEM É DEUS?	290	19,35%
COMO SER FELIZ?	269	17,95%
VAI HAVER UM FIM DO MUNDO?	205	13,68%
OS ESPÍRITOS TÊM SEXO? COMO É A SUA SEXUALIDADE?	204	13,61%
EXISTE O MILAGRE?	202	13,48%
O QUE SE DEVE FAZER PARA SE OBTER A SALVAÇÃO?	181	12,07%
QUAL O PODER DOS AMULETOS, RITUAIS, TRABALHOS, MALDIÇÕES E TALISMÃS?	163	10,87%
TOTAL	1499	-

Tabela 34 - Católicos - Quantidade de respondentes

RESPONDENTES (CATÓLICOS)	2039
-----------------------------	------

Tabela 35 - Católicos - Sexo.

SEXO	Q	%
HOMENS CATÓLICOS	677	33,38%
MULHERES CATÓLICAS	1351	66,62%
DECLARARAM	2028	99,46%
NÃO DECLARARAM	11	0,54%
TOTAL	2039	100,00%

Tabela 36 - Católicos - Origem.

CENSO 2010		ESTADOS	ESTA PESQUISA	
ESPÍRITAS			ESPÍRITAS	
4.190	0,11%	ACRE	12	0,59%
17.066	0,44%	ALAGOAS	30	1,49%
2.781	0,07%	AMAPÁ	5	0,25%
14.800	0,38%	AMAZONAS	36	1,78%
157.777	4,10%	BAHIA	56	2,77%
46.756	1,21%	CEARÁ	67	3,32%
89.836	2,33%	DISTRITO FEDERAL	43	2,13%
36.593	0,95%	ESPÍRITO SANTO	18	0,89%

(Continuação da Tabela 36 – Católicos - Origem)

CENSO 2010		ESTADOS	ESTA PESQUISA	
ESPÍRITAS			ESPÍRITAS	
147.740	3,84%	GOIÁS	51	2,53%
12.505	0,32%	MARANHÃO	16	0,79%
38.044	0,99%	MATO GROSSO	24	1,19%
46.610	1,21%	MATO GROSSO DO SUL	28	1,39%
419.094	10,89%	MINAS GERAIS	301	14,91%
33.924	0,88%	PARÁ	21	1,04%
23.175	0,60%	PARAÍBA	20	0,99%
108.805	2,83%	PARANÁ	57	2,82%
123.798	3,22%	PERNAMBUCO	21	1,04%
9.840	0,26%	PIAUI	36	1,78%
647.572	16,82%	RIO DE JANEIRO	200	9,91%
24.826	0,65%	RIO GRANDE DO NORTE	18	0,89%
343.784	8,93%	RIO GRANDE DO SUL	165	8,17%
8.905	0,23%	RONDÔNIA	21	1,04%
4.084	0,11%	RORAIMA	19	0,94%
98.973	2,57%	SANTA CATARINA	63	3,12%
1.356.193	35,24%	SÃO PAULO	668	33,09%
22.266	0,58%	SERGIPE	12	0,59%
8.940	0,23%	TOCANTINS	11	0,54%
		DECLARARAM	2019	99,02%
		NÃO DECLARARAM	20	0,98%
3.848.877	100,00%	TOTAL	2039	100,00%

Tabela 37 - Católicos - Escolaridade.

ESCOLARIDADE	Q	%	%
PÓS STRICTU	192	9,46%	74,43%
PÓS LATU	489	24,09%	
SUPERIOR	830	40,89%	
MÉDIO	490	24,14%	25,57%
FUNDAMENTAL	29	1,43%	
DECLARARAM	2030	99,56%	100,00%
NÃO DECLARARAM	9	0,44%	
TOTAL	2039	100,00%	

Tabela 38 - Católicos - Renda

RENDA	Q	%	%
AC 20 SM:	147	7,21%	65,03%
AC 10 ATÉ 20 SM:	415	20,35%	
AC 4 ATÉ 10 SM:	764	37,47%	
AC 2 ATÉ 4 SM:	495	24,28%	33,06%
ATÉ 2 SM:	179	8,78%	
DECLARARAM	2000	98,09%	98,09%
NÃO DECLARARAM	39	1,91%	
TOTAL	2039	100,00%	

Tabela 39 - Católicos - Idade.

IDADE	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	46	2,32%
ENTRE 21 E 30 ANOS	422	21,27%
ENTRE 31 E 40 ANOS	498	25,10%
ENTRE 41 E 50 ANOS	539	27,17%
ENTRE 51 E 60 ANOS	349	17,59%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	130	6,55%
DECLARARAM	1984	97,30%
NÃO DECLARARAM	55	2,70%
TOTAL	2039	100,00%

Tabela 40 - Católicos - Religião atual da família.

RELIGIÃO DA FAMÍLIA	Q	%
CATOLICISMO	1083	55,42%
ESPIRITISMO	796	40,74%
PROTESTANTISMO	41	2,10%
UMBANDA	23	1,18%
ORIENTAL	4	0,20%
AFRO	2	0,10%
NENHUMA	4	0,20%
OUTRA	1	0,05%
TOTAL	1954	95,83%
NÃO DECLARARAM	85	4,17%
TOTAL	2039	100,00%

Tabela 41 - Católicos - Idade que iniciou no Espiritismo.

IDADE EM QUE INICIOU	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	589	29,57%
ENTRE 21 E 30 ANOS	735	36,90%
ENTRE 31 E 40 ANOS	435	21,84%
ENTRE 41 E 50 ANOS	177	8,89%
ENTRE 51 E 60 ANOS	51	2,56%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	5	0,25%
DECLARARAM	1992	97,69%
NÃO DECLARARAM	47	2,31%
TOTAL	2039	100,00%

Tabela 42 - Católicos - Tempo de Espiritismo (média/anos).

TEMPO DE DOCTRINA (MÉDIA)	D	ND	TOTAL
13,52 (Média)	2037	2	2039
	99,90%	0,10%	100,00%

Tabela 43 - Católicos - Idade que iniciou no Espiritismo (média/anos)

INÍCIO NO ESPIRITISMO (IDADE)	D	ND	TOTAL
27,71 (Média)	1992	47	2039
	97,69%	2,31%	100,00%

Tabela 44 - Católicos - Como fez contato com o Espiritismo.

COMO FEZ CONTATO	Q	%
AMIGOS ESPÍRITAS	676	33,15%
PESSOA DA FAMÍLIA	622	30,51%
LIVRO OU PUBLICAÇÃO	437	21,43%
CENTRO ESPÍRITA	242	11,87%
EVENTO ESPÍRITA	62	3,04%
DECLARARAM	2039	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	2039	100,00%

Tabela 45 - Católicos - Frequência ao Centro Espírita.

FREQUENCIA AO CENTRO	Q	%
MAIS DE 2 X POR SEMANA	510	25,09%
1 X POR SEMANA	680	33,45%
2 X POR SEMANA	496	24,40%
RARAMENTE	270	13,28%
NÃO FREQUENTO	77	3,79%
TOTAL	2033	99,71%
NÃO DECLARARAM	6	0,29%
TOTAL	2039	100,00%

Tabela 46 - Católicos - Leitura Espírita.

LEITURA ESPÍRITA	Q	%
KARDEC	1927	94,51%
ROMANCE	1817	89,11%
CHICO XAVIER	1781	87,35%
JORNAL OU REVISTA	1567	76,85%
APOSTILA	1473	72,24%
NÃO LEU	11	0,54%
DECLARARAM	2039	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	2039	100,00%

Tabela 47 - Católicos - Religião com menos afinidade, antes de se tornar espírita.

MENOS AFINIDADE	Q	%
CATOLICISMO	227	11,53%
PROTESTANTISMO	881	44,74%
UMBANDA	95	4,82%
AFRO	595	30,22%
ORIENTAL	116	5,89%
ESPIRITISMO	30	1,52%
NENHUMA	13	0,66%
OUTRA	12	0,61%
DECLARARAM	1969	96,57%
NÃO DECLARARAM	70	3,43%
TOTAL	2039	100,00%

Tabela 48 - Católicos - Espíritas em casa (atualmente).

ESPÍRITAS EM CASA	Q	%
A MAIORIA É ESPÍRITA	1074	52,98%
APENAS EU	751	37,05%
A MAIORIA NÃO É ESPÍRITA	202	9,97%
DECLARARAM	2027	99,41%
NÃO DECLARARAM	12	0,59%
TOTAL	2039	100,00%

Tabela 49 - Católicos - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).

SIMPATIA PELO ESPIRITISMO	Q	%
A MAIORIA SIMPATIZA	1740	86,91%
A MAIORIA NÃO SIMPATIZA	262	13,09%
DECLARARAM	2002	98,19%
NÃO DECLARARAM	37	1,81%
TOTAL	2039	100,00%

Tabela 50 - Católicos - Questões de crença e prática espíritas.

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Eu me considero espírita porque aceito o que o Espiritismo diz	DISCORDO TOTALMENTE	35	1,78%	141	7,19%
	DISCORDO	106	5,40%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	212	10,81%	1609	82,01%
	CONCORDO	782	39,86%		
	CONCORDO TOTALMENTE	827	42,15%		
Responderam 1962 (96,22%) dos 2039 católicos		1962	100%	1962	100,00%
Eu me considero espírita porque frequento o Centro Espírita	DISCORDO TOTALMENTE	352	18,07%	993	50,98%
	DISCORDO	641	32,91%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	373	19,15%	582	29,88%
	CONCORDO	402	20,64%		
	CONCORDO TOTALMENTE	180	9,24%		
Responderam 1948 (95,54%) dos 2039 católicos		1948	100%	1948	100,00%

(Continuação da Tabela 50 - Católicos - Questões de crença e prática espíritas.

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Eu me considero espírita, mas não aceito bem alguns princípios espíritas.	DISCORDO TOTALMENTE	961	49,41%	1630	83,80%
	DISCORDO	669	34,40%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	159	8,17%	156	8,02%
	CONCORDO	130	6,68%		
	CONCORDO TOTALMENTE	26	1,34%		
Responderam 1945 (95,39%) dos 2039 católicos		1945	100%	1945	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na vida após a morte.	DISCORDO TOTALMENTE	65	3,31%	186	9,48%
	DISCORDO	121	6,17%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	193	9,84%	1583	80,68%
	CONCORDO	605	30,84%		
	CONCORDO TOTALMENTE	978	49,85%		
Responderam 1962 (96,22%) dos 2039 católicos		1962	100%	1962	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na reencarnação.	DISCORDO TOTALMENTE	124	6,33%	374	19,08%
	DISCORDO	250	12,76%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	329	16,79%	1257	64,13%
	CONCORDO	532	27,14%		
	CONCORDO TOTALMENTE	725	36,99%		
Responderam 1960 (96,13%) dos 2039 católicos		1960	100%	1960	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na comunicação com os espíritos.	DISCORDO TOTALMENTE	89	4,53%	259	13,19%
	DISCORDO	170	8,66%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	251	12,78%	1454	74,03%
	CONCORDO	672	34,22%		
	CONCORDO TOTALMENTE	782	39,82%		
Responderam 1964 (96,32%) dos 2039 católicos		1964	100%	1964	100,00%
Eu acredito na reencarnação da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	12	0,61%	29	1,48%
	DISCORDO	17	0,87%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	58	2,97%	1869	95,55%
	CONCORDO	503	25,72%		
	CONCORDO TOTALMENTE	1366	69,84%		
Responderam 1956 (95,93%) dos 2039 católicos		1956	100%	1956	100,00%
Eu acredito na vida após a morte da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	8	0,41%	19	0,97%
	DISCORDO	11	0,56%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	58	2,96%	1882	96,07%
	CONCORDO	514	26,24%		
	CONCORDO TOTALMENTE	1368	69,83%		
Responderam 1959 (96,08%) dos 2039 católicos		1959	100%	1959	100,00%
Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Eu acredito na comunicação com os espíritos da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	12	0,62%	22	1,13%
	DISCORDO	10	0,51%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	52	2,67%	1877	96,21%
	CONCORDO	555	28,45%		
	CONCORDO TOTALMENTE	1322	67,76%		
Responderam 1951 (95,68%) dos 2039 católicos		1951	100%	1951	100,00%

(Continuação da Tabela 50 - Católicos - Questões de crença e prática espíritas.

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Tive dificuldade em ir para o espiritismo pelo preconceito dos amigos e parentes.	DISCORDO TOTALMENTE	933	47,77%	1440	73,73%
	DISCORDO	507	25,96%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	168	8,60%	168	8,60%
	CONCORDO	231	11,83%	345	17,67%
	CONCORDO TOTALMENTE	114	5,84%		
Responderam 1953 (95,78%) dos 2039 católicos		1953	100%	1953	100,00%
Sinto falta no espiritismo de algumas coisas de outras religiões.	DISCORDO TOTALMENTE	1312	67,01%	1732	88,46%
	DISCORDO	420	21,45%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	116	5,92%	116	5,92%
	CONCORDO	72	3,68%	110	5,62%
	CONCORDO TOTALMENTE	38	1,94%		
Responderam 1958 (96,03%) dos 2039 católicos		1958	100%	1958	100,00%
Eu me considero espírita porque estudo e sigo a filosofia espírita.	DISCORDO TOTALMENTE	43	2,19%	138	7,04%
	DISCORDO	95	4,85%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	198	10,11%	198	10,11%
	CONCORDO	760	38,80%	1623	82,85%
	CONCORDO TOTALMENTE	863	44,05%		
Responderam 1959 (96,08%) dos 2039 católicos		1959	100%	1959	100,00%
Eu, às vezes, ainda frequento os cultos da minha religião anterior.	DISCORDO TOTALMENTE	899	45,96%	1306	66,77%
	DISCORDO	407	20,81%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	241	12,32%	241	12,32%
	CONCORDO	349	17,84%	409	20,91%
	CONCORDO TOTALMENTE	60	3,07%		
Responderam 1956 (95,93%) dos 2039 católicos		1956	100%	1956	100,00%
Sinto que serei espírita para sempre.	DISCORDO TOTALMENTE	17	0,87%	41	2,10%
	DISCORDO	24	1,23%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	157	8,03%	157	8,03%
	CONCORDO	426	21,79%	1757	89,87%
	CONCORDO TOTALMENTE	1331	68,08%		
Responderam 1955 (95,88%) dos 2039 católicos		1955	100%	1955	100,00%
Ainda tenho dúvidas se o espiritismo será a minha religião definitiva.	DISCORDO TOTALMENTE	1360	70,18%	1745	90,04%
	DISCORDO	385	19,87%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	114	5,88%	114	5,88%
	CONCORDO	57	2,94%	79	4,08%
	CONCORDO TOTALMENTE	22	1,14%		
Responderam 1938 (95,05%) dos 2039 católicos		1938	100%	1938	100,00%
Eu frequento outra religião, além do espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	1229	62,99%	1618	82,93%
	DISCORDO	389	19,94%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	127	6,51%	127	6,51%
	CONCORDO	157	8,05%	206	10,56%
	CONCORDO TOTALMENTE	49	2,51%		
Responderam 1951 (95,68%) dos 2039 católicos		1951	100%	1951	100,00%

(Continuação da Tabela 50 - Católicos - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
A minha religião anterior tem muito a ver com o espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	690	35,42%	1344	68,99%
	DISCORDO	654	33,57%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	411	21,10%	411	21,10%
	CONCORDO	158	8,11%	193	9,91%
	CONCORDO TOTALMENTE	35	1,80%		
Responderam 1948 (95,54%) dos 2039 católicos		1948	100%	1948	100,00%
Quando me tornei espírita eu estava procurando uma nova religião.	DISCORDO TOTALMENTE	536	27,57%	1103	56,74%
	DISCORDO	567	29,17%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	361	18,57%	361	18,57%
	CONCORDO	298	15,33%	480	24,69%
	CONCORDO TOTALMENTE	182	9,36%		
Responderam 1944 (95,34%) dos 2039 católicos		1944	100%	1944	100,00%
A minha religião anterior é contrária ao espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	199	10,25%	524	26,98%
	DISCORDO	325	16,74%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	500	25,75%	500	25,75%
	CONCORDO	578	29,76%	918	47,27%
	CONCORDO TOTALMENTE	340	17,51%		
Responderam 1942 (95,24%) dos 2039 católicos		1942	100%	1942	100,00%
Entendi muito bem como deveria responder a esta pesquisa.	DISCORDO TOTALMENTE	24	1,23%	45	2,30%
	DISCORDO	21	1,07%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	64	3,27%	64	3,27%
	CONCORDO	590	30,13%	1849	94,43%
	CONCORDO TOTALMENTE	1259	64,30%		
Responderam 1958 (96,03%) dos 2039 católicos		1958	100%	1958	100,00%

Tabela 51 - Católicos - Motivação para se tornar Espírita.

MOTIVAÇÃO PARA SE TORNAR ESPÍRITA	Q	%
ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO	1344	65,91%
SIMPATIZEI COM OS PRINCÍPIOS ESPÍRITAS	1156	56,69%
MUDEI A MINHA MANEIRA DE PENSAR A VIDA	784	38,45%
PARA ALCANÇAR CERTA PAZ INTERIOR	431	21,14%
ESTAVA SOFRENDO E PROCURAVA UMA CONSOLAÇÃO	406	19,91%
TINHA MEDIUNIDADE E PRECISAVA DESENVOLVER	305	14,96%
ADIMIRAVA ALGUNS EXPÍRITAS COMO EXEMPLO DE VIDA	280	13,73%
GOSTEI DO AMBIENTE DO CENTRO ESPÍRITA	267	13,09%
DECEPCIONEI-ME COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	275	13,49%
LI UM LIVRO ESPÍRITA	240	11,77%
INFLUÊNCIA DE PARENTES E AMIGOS	138	6,77%
QUERIA MELHORAR O NÍVEL DE VIDA	140	6,87%
QUERIA PARTICIPAR DE ATIVIDADES ASSISTENCIAIS	131	6,42%
QUERIA PRATICAR A MEDIUNIDADE	123	6,03%
ESTAVA DOENTE E ME CUREI NO ESPIRITISMO	81	3,97%
COSTUMAVA TOMAR PASSE NO CENTRO ESPÍRITA	66	3,24%
O ESPIRITISMO CUROU UMA PESSOA DA FAMÍLIA	36	1,77%
ELE É PARECIDO COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	20	0,98%
TOTAL	2039	-

Tabela 52 - Católicos - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho".

QUESTÕES PERTINENTES AO QUESITO "ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO"	Q	%
QUAL RAZÃO DO SOFRIMENTO HUMANO?	460	88,46%
PORQUE EXISTEM DIFERENÇAS NA CONDIÇÃO HUMANA DO HOMEM SOBRE A TERRA?	452	86,92%
HÁ VIDA APÓS A MORTE? COMO É ESSA VIDA APÓS A MORTE?	445	85,58%
EXISTE ALGUMA RAZÃO PARA AS NOSSAS SIMPATIAS E ANTIPATIAS PARA COM NOSSOS AMIGOS E PARENTES?	403	77,50%
OS ESPÍRITOS PODEM INFLUENCIAR A VIDA DAS PESSOAS, PARA O BEM OU PARA O MAL?	380	73,08%
EXISTEM OUTROS MUNDOS HABITADOS, COMO A TERRA	360	69,23%
É POSSÍVEL NASCER E RENASCER MUITAS VEZES?	358	68,85%
OS ESPÍRITOS PODEM SE COMUNICAR COM AS PESSOAS VIVAS?	355	68,27%
EXISTE O DESTINO? COMO ELE É DEFINIDO, MODIFICADO, CUMPRIDO	333	64,04%
O QUE É A MEDIUNIDADE? COMO PODE SER DESENVOLVIDA E EXERCIDA?	324	62,31%
É POSSÍVEL QUE PESSOAS SEJAM CURADAS POR OUTRAS PESSOAS POR INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS?	285	54,81%
EXISTEM ANJOS E DEMÔNIOS, CÉU E INFERNO?	282	54,23%
QUAL A MELHOR INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA E DOS EVANGELHOS?	260	50,00%
DEUS EXISTE? QUEM É DEUS?	252	48,46%
COMO SER FELIZ?	234	45,00%
OS ESPÍRITOS TÊM SEXO? COMO É A SUA SEXUALIDADE?	182	35,00%
VAI HAVER UM FIM DO MUNDO?	180	34,62%
EXISTE O MILAGRE?	180	34,62%
O QUE SE DEVE FAZER PARA SE OBTER A SALVAÇÃO?	158	30,38%
QUAL O PODER DOS AMULETOS, RITUAIS, TRABALHOS, MALDIÇÕES E TALISMÃS?	143	27,50%
TOTAL	520	-

Tabela 53 - Protestantes - Quantidade de respondentes.

RESPONDENTES (PROTESTANTES)	120
--------------------------------	-----

Tabela 54 - Protestantes - Sexo.

SEXO	Q	%
HOMENS PROTESTANTES	46	38,33%
MULHERES PROTESTANTES	74	61,67%
DECLARARAM	120	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	120	100,00%

Tabela 55 - Protestantes - Origem.

CENSO 2010		ESTADOS	ESTA PESQUISA	
ESPÍRITAS			ESPÍRITAS	
4.190	0,12%	ACRE	1	0,83%
17.066	0,49%	ALAGOAS	0	0,00%
2.781	0,08%	AMAPÁ	0	0,00%
14.800	0,42%	AMAZONAS	3	2,50%
157.777	4,51%	BAHIA	5	4,17%
46.756	1,34%	CEARÁ	2	1,67%
89.836	2,57%	DISTRITO FEDERAL	4	3,33%
36.593	1,05%	ESPÍRITO SANTO	1	0,83%
147.740	4,22%	GOIÁS	4	3,33%
12.505	0,36%	MARANHÃO	0	0,00%
38.044	1,09%	MATO GROSSO	1	0,83%
46.610	1,33%	MATO GROSSO DO SUL	3	2,50%
419.094	11,98%	MINAS GERAIS	15	12,50%
33.924	0,97%	PARÁ	4	3,33%
23.175	0,66%	PARAÍBA	0	0,00%
108.805	3,11%	PARANÁ	5	4,17%
123.798	3,54%	PERNAMBUCO	2	1,67%
9.840	0,28%	PIAUÍ	0	0,00%
647.572	18,51%	RIO DE JANEIRO	14	11,67%
24.826	0,71%	RIO GRANDE DO NORTE	1	0,83%
343.784	9,83%	RIO GRANDE DO SUL	9	7,50%
8.905	0,25%	RONDÔNIA	3	2,50%
210.015	6,00%	RORAIMA	1	0,83%
218.955	6,26%	SANTA CATARINA	7	5,83%
227.895	6,52%	SÃO PAULO	34	28,33%
236.836	6,77%	SERGIPE	1	0,83%
245.776	7,03%	TOCANTINS	0	0,00%
		DECLARARAM	120	100,00%
		NÃO DECLARARAM	0	0,00%
3.497.898	100,00%	TOTAL	120	100,00%

Tabela 56 - Protestantes - Escolaridade.

ESCOLARIDADE	Q	%	%
PÓS STRICTU	6	5,00%	75,00%
PÓS LATU	24	20,00%	
SUPERIOR	60	50,00%	
MÉDIO	29	24,17%	25,00%
FUNDAMENTAL	1	0,83%	
DECLARARAM	120	100,00%	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%	
TOTAL	120	100,00%	

Tabela 57 - Protestantes - Renda.

RENDA	Q	%	%
AC 20 SM	5	4,35%	63,48%
AC 10 ATÉ 20 SM	22	19,13%	
AC 4 ATÉ 10 SM	46	40,00%	
AC 2 ATÉ 4 SM	34	29,57%	36,52%
ATÉ 2 SM	8	6,96%	
DECLARARAM	115	95,83%	100,00%
NÃO DECLARARAM	5	4,17%	
TOTAL	120	100,00%	

Tabela 58 - Protestantes - Idade.

IDADE	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	4	3,45%
ENTRE 21 E 30 ANOS	23	19,83%
ENTRE 31 E 40 ANOS	31	26,72%
ENTRE 41 E 50 ANOS	23	19,83%
ENTRE 51 E 60 ANOS	28	24,14%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	7	6,03%
DECLARARAM	116	96,67%
NÃO DECLARARAM	4	3,33%
TOTAL	120	100,00%

Tabela 59 - Protestantes - Religião da família.

RELIGIÃO DA FAMÍLIA	Q	%
CATOLICISMO	30	26,79%
ESPIRITISMO	42	37,50%
PROTESTANTISMO	37	33,04%
UMBANDA	0	0,00%
ORIENTAL	2	1,79%
AFRO	1	0,89%
NENHUMA	0	0,00%
OUTRA	0	0,00%
TOTAL	112	93,33%
NÃO DECLARARAM	8	6,67%
TOTAL	120	100,00%

Tabela 60 - Protestantes - Idade que iniciou no Espiritismo.

IDADE EM QUE INICIOU	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	26	21,85%
ENTRE 21 E 30 ANOS	40	33,61%
ENTRE 31 E 40 ANOS	33	27,73%
ENTRE 41 E 50 ANOS	16	13,45%
ENTRE 51 E 60 ANOS	4	3,36%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	0	0,00%
DECLARARAM	119	99,17%
NÃO DECLARARAM	1	0,83%
TOTAL	120	100,00%

Tabela 61 - Protestantes - Tempo de Espiritismo (média/anos).

TEMPO DE DOCTRINA (MÉDIA)	D	ND	TOTAL
12,01 (Média)	120	0	120
	100,00%	0,00%	100,00%

Tabela 62 - Protestantes - Idade que iniciou no Espiritismo (média/anos).

INÍCIO NO ESPIRITISMO (IDADE)	D	ND	TOTAL
30,27 (Média)	119	1	120
	99,17%	0,83%	100,00%

Tabela 63 - Protestantes - Como fez contato com o Espiritismo.

COMO FEZ CONTATO	Q	%
AMIGOS ESPÍRITAS	44	36,67%
PESSOA DA FAMÍLIA	24	20,00%
LIVRO OU PUBLICAÇÃO	35	29,17%
CENTRO ESPÍRITA	14	11,67%
EVENTO ESPÍRITA	3	2,50%
DECLARARAM	120	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	120	100,00%

Tabela 64 - Protestantes - Frequência ao Centro Espírita.

FREQUENCIA AO CENTRO	Q	%
MAIS DE 2 X POR SEMANA	33	27,50%
1 X POR SEMANA	30	25,00%
2 X POR SEMANA	34	28,33%
RARAMENTE	13	10,83%
NÃO FREQUENTO	10	8,33%
TOTAL	120	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	120	100,00%

Tabela 65 - Protestantes - Leitura espírita.

LEITURA ESPÍRITA	Q	%
KARDEC	114	95,00%
ROMANCE	101	84,17%
CHICO XAVIER	104	86,67%
JORNAL OU REVISTA	88	73,33%
APOSTILA	83	69,17%
NÃO LEU	1	0,83%
DECLARARAM	120	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	120	100,00%

Tabela 66 - Protestantes - Religião com menos afinidade, antes de se tornar espírita.

MENOS AFINIDADE	Q	%
CATOLICISMO	37	32,17%
PROTESTANTISMO	10	8,70%
UMBANDA	13	11,30%
AFRO	37	32,17%
ORIENTAL	12	10,43%
ESPIRITISMO	6	5,22%
NENHUMA	0	0,00%
OUTRA	0	0,00%
DECLARARAM	115	95,83%
NÃO DECLARARAM	5	4,17%
TOTAL	120	100,00%

Tabela 67 - Protestantes - Espíritas em casa (atualmente).

ESPÍRITAS EM CASA	Q	%
A MAIORIA É ESPÍRITA	61	50,83%
APENAS EU	50	41,67%
A MAIORIA NÃO É ESPÍRITA	9	7,50%
DECLARARAM	120	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	120	100,00%

Tabela 68 - Protestantes - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).

SIMPATIA PELO ESPIRITISMO	Q	%
A MAIORIA SIMPATIZA	92	77,97%
A MAIORIA NÃO SIMPATIZA	26	22,03%
DECLARARAM	118	98,33%
NÃO DECLARARAM	2	1,67%
TOTAL	120	100,00%

Tabela 69 - Protestantes - Questões de crença e prática espíritas.

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Eu me considero espírita porque aceito o que o Espiritismo diz	DISCORDO TOTALMENTE	4	3,42%	9	7,69%
	DISCORDO	5	4,27%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	7	5,98%	7	5,98%
	CONCORDO	42	35,90%	101	86,32%
	CONCORDO TOTALMENTE	59	50,43%		
Responderam 117 (97,5%) dos 120 protestantes		117	100%	117	100,00%
Eu me considero espírita porque frequento o Centro Espírita	DISCORDO TOTALMENTE	29	25,00%	60	51,72%
	DISCORDO	31	26,72%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	22	18,97%	22	18,97%
	CONCORDO	27	23,28%	34	29,31%
	CONCORDO TOTALMENTE	7	6,03%		
Responderam 116 (96,67%) dos 120 protestantes		116	100%	116	100,00%

(Continuação da Tabela 69 - Protestantes - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Eu me considero espírita, mas não aceito bem alguns princípios espíritas.	DISCORDO TOTALMENTE	50	43,48%	92	80,00%
	DISCORDO	42	36,52%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	10	8,70%	10	8,70%
	CONCORDO	7	6,09%		
	CONCORDO TOTALMENTE	6	5,22%		
Responderam 115 (95,83%) dos 120 protestantes		115	100%	115	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na vida após a morte.	DISCORDO TOTALMENTE	15	12,93%	27	23,28%
	DISCORDO	12	10,34%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	10	8,62%	10	8,62%
	CONCORDO	29	25,00%		
	CONCORDO TOTALMENTE	50	43,10%		
Responderam 116 (96,67%) dos 120 protestantes		116	100%	116	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na reencarnação.	DISCORDO TOTALMENTE	20	17,09%	48	41,03%
	DISCORDO	28	23,93%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	16	13,68%	16	13,68%
	CONCORDO	21	17,95%		
	CONCORDO TOTALMENTE	32	27,35%		
Responderam 117 (97,5%) dos 120 protestantes		117	100%	117	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na comunicação com os espíritos.	DISCORDO TOTALMENTE	19	16,24%	34	29,06%
	DISCORDO	15	12,82%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	16	13,68%	16	13,68%
	CONCORDO	33	28,21%		
	CONCORDO TOTALMENTE	34	29,06%		
Responderam 117 (97,5%) dos 120 protestantes		117	100%	117	100,00%
Eu acredito na reencarnação da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	1	0,85%
	DISCORDO	1	0,85%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	6	5,08%	6	5,08%
	CONCORDO	30	25,42%		
	CONCORDO TOTALMENTE	81	68,64%		
Responderam 118 (98,33%) dos 120 protestantes		118	100%	118	100,00%
Eu acredito na vida após a morte da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	7	6,03%	7	6,03%
	CONCORDO	28	24,14%		
	CONCORDO TOTALMENTE	81	69,83%		
Responderam 116 (96,67%) dos 120 protestantes		116	100%	116	100,00%
Eu acredito na comunicação com os espíritos da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	2	1,74%
	DISCORDO	2	1,74%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	7	6,09%	7	6,09%
	CONCORDO	28	24,35%		
	CONCORDO TOTALMENTE	78	67,83%		
Responderam 115 (95,83%) dos 120 protestantes		115	100%	115	100,00%

(Continuação da Tabela 69 - Protestantes - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Tive dificuldade em ir para o espiritismo pelo preconceito dos amigos e parentes.	DISCORDO TOTALMENTE	43	37,72%	63	55,26%
	DISCORDO	20	17,54%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	12	10,53%	39	34,21%
	CONCORDO	17	14,91%		
	CONCORDO TOTALMENTE	22	19,30%		
Responderam 114 (95%) dos 120 protestantes		114	100%	114	100,00%
Sinto falta no espiritismo de algumas coisas de outras religiões.	DISCORDO TOTALMENTE	85	73,28%	102	87,93%
	DISCORDO	17	14,66%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	0,86%	13	11,21%
	CONCORDO	9	7,76%		
	CONCORDO TOTALMENTE	4	3,45%		
Responderam 116 (96,67%) dos 120 protestantes		116	100%	116	100,00%
Eu me considero espírita porque estudo e sigo a filosofia espírita.	DISCORDO TOTALMENTE	2	1,72%	4	3,45%
	DISCORDO	2	1,72%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	16	13,79%	96	82,76%
	CONCORDO	37	31,90%		
	CONCORDO TOTALMENTE	59	50,86%		
Responderam 116 (96,67%) dos 120 protestantes		116	100%	116	100,00%
Eu, às vezes, ainda frequento os cultos da minha religião anterior.	DISCORDO TOTALMENTE	58	50,88%	81	71,05%
	DISCORDO	23	20,18%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	12	10,53%	21	18,42%
	CONCORDO	18	15,79%		
	CONCORDO TOTALMENTE	3	2,63%		
Responderam 114 (95%) dos 120 protestantes		114	100%	114	100,00%
Sinto que serei espírita para sempre.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	2	1,74%
	DISCORDO	2	1,74%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	10	8,70%	103	89,57%
	CONCORDO	22	19,13%		
	CONCORDO TOTALMENTE	81	70,43%		
Responderam 115 (95,83%) dos 120 protestantes		115	100%	115	100,00%
Ainda tenho dúvidas se o espiritismo será a minha religião definitiva.	DISCORDO TOTALMENTE	77	67,54%	101	88,60%
	DISCORDO	24	21,05%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	7	6,14%	6	5,26%
	CONCORDO	4	3,51%		
	CONCORDO TOTALMENTE	2	1,75%		
Responderam 114 (95%) dos 120 protestantes		114	100%	114	100,00%
Eu frequento outra religião, além do espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	71	61,74%	91	79,13%
	DISCORDO	20	17,39%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	9	7,83%	15	13,04%
	CONCORDO	12	10,43%		
	CONCORDO TOTALMENTE	3	2,61%		
Responderam 115 (95,83%) dos 120 protestantes		115	100%	115	100,00%

(Continuação da Tabela 69 - Protestantes - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
A minha religião anterior tem muito a ver com o espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	63	55,26%	92	80,70%
	DISCORDO	29	25,44%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	10	8,77%		
	CONCORDO	9	7,89%		
	CONCORDO TOTALMENTE	3	2,63%		
Responderam 114 (95%) dos 120 protestantes		114	100%	114	100,00%
Quando me tornei espírita eu estava procurando uma nova religião.	DISCORDO TOTALMENTE	40	34,48%	69	59,48%
	DISCORDO	29	25,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	18	15,52%		
	CONCORDO	15	12,93%		
	CONCORDO TOTALMENTE	14	12,07%		
Responderam 116 (96,67%) dos 120 protestantes		116	100%	116	100,00%
A minha religião anterior é contrária ao espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	16	13,68%	28	23,93%
	DISCORDO	12	10,26%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	23	19,66%		
	CONCORDO	26	22,22%		
	CONCORDO TOTALMENTE	40	34,19%		
Responderam 117 (97,5%) dos 120 protestantes		117	100%	117	100,00%
Entendi muito bem como deveria responder a esta pesquisa.	DISCORDO TOTALMENTE	1	0,87%	3	2,61%
	DISCORDO	2	1,74%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	2,61%		
	CONCORDO	34	29,57%		
	CONCORDO TOTALMENTE	75	65,22%		
Responderam 115 (95,83%) dos 120 protestantes		115	100%	115	100,00%

Tabela 70 - Protestantes - Motivação para se tornar espírita.

MOTIVAÇÃO PARA SE TORNAR ESPÍRITA	Q	%
ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO	77	64,17%
SIMPATIZEI COM OS PRINCÍPIOS ESPÍRITAS	60	50,00%
MUDEI A MINHA MANEIRA DE PENSAR A VIDA	52	43,33%
PARA ALCANÇAR CERTA PAZ INTERIOR	25	20,83%
ESTAVA SOFRENDO E PROCURAVA UMA CONSOLAÇÃO	16	13,33%
DECEPCIONEI-ME COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	28	23,33%
TINHA MEDIUNIDADE E PRECISAVA DESENVOLVER	20	16,67%
LI UM LIVRO ESPÍRITA	18	15,00%
GOSTEI DO AMBIENTE DO CENTRO ESPÍRITA	13	10,83%
ADIMIRAVA ALGUNS EXPÍRITAS COMO EXEMPLO DE VIDA	18	15,00%
QUERIA PARTICIPAR DE ATIVIDADES ASSISTENCIAIS	11	9,17%
INFLUÊNCIA DE PARENTES E AMIGOS	4	3,33%
QUERIA MELHORAR O NÍVEL DE VIDA	7	5,83%
QUERIA PRATICAR A MEDIUNIDADE	8	6,67%
ESTAVA DOENTE E ME CUREI NO ESPIRITISMO	2	1,67%
COSTUMAVA TOMAR PASSE NO CENTRO ESPÍRITA	3	2,50%
O ESPIRITISMO CUROU UMA PESSOA DA FAMÍLIA	1	0,83%
ELE É PARECIDO COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	1	0,83%
TOTAL	120	-

Tabela 71 - Protestantes - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho".

QUESTÕES PERTINENTES AO QUESITO "ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO"	Q	%
QUAL RAZÃO DO SOFRIMENTO HUMANO?	26	96,30%
EXISTE ALGUMA RAZÃO PARA AS NOSSAS SIMPATIAS E ANTIPATIAS PARA COM NOSSOS AMIGOS E PARENTES?	25	92,59%
PORQUE EXISTEM DIFERENÇAS NA CONDIÇÃO HUMANA DO HOMEM SOBRE A TERRA?	25	92,59%
HÁ VIDA APÓS A MORTE? COMO É ESSA VIDA APÓS A MORTE?	22	81,48%
OS ESPÍRITOS PODEM INFLUENCIAR A VIDA DAS PESSOAS, PARA O BEM OU PARA O MAL?	21	77,78%
É POSSÍVEL NASCER E RENASCER MUITAS VEZES?	20	74,07%
OS ESPÍRITOS PODEM SE COMUNICAR COM AS PESSOAS VIVAS?	20	74,07%
EXISTEM OUTROS MUNDOS HABITADOS, COMO A TERRA	18	66,67%
EXISTEM ANJOS E DEMÔNIOS, CÉU E INFERNO?	17	62,96%
O QUE É A MEDIUNIDADE? COMO PODE SER DESENVOLVIDA E EXERCIDA?	17	62,96%
DEUS EXISTE? QUEM É DEUS?	16	59,26%
EXISTE O DESTINO? COMO ELE É DEFINIDO, MODIFICADO, CUMPRIDO	16	59,26%
QUAL A MELHOR INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA E DOS EVANGELHOS?	15	55,56%
COMO SER FELIZ?	14	51,85%
É POSSÍVEL QUE PESSOAS SEJAM CURADAS POR OUTRAS PESSOAS POR INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS?	12	44,44%
VAI HAVER UM FIM DO MUNDO?	11	40,74%
EXISTE O MILAGRE?	8	29,63%
O QUE SE DEVE FAZER PARA SE OBTER A SALVAÇÃO?	8	29,63%
OS ESPÍRITOS TÊM SEXO? COMO É A SUA SEXUALIDADE?	7	25,93%
QUAL O PODER DOS AMULETOS, RITUAIS, TRABALHOS, MALDIÇÕES E TALISMÃS?	7	25,93%
TOTAL	27	-

Tabela 72 - Afro-brasileiras - Quantidade de respondentes.

RESPONDENTES	15
(AFRO)	

Tabela 73 - Afro-brasileiras - Sexo.

SEXO	Q	%
HOMENS AFROS	5	33,33%
MULHERES AFROS	10	66,67%
DECLARARAM	15	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	15	100,00%

Tabela 74 - Afro-brasileiras - Origem.

CENSO 2010		ESTADOS	ESTA PESQUISA	
ESPÍRITAS			ESPÍRITAS	
4.190	0,11%	ACRE	0	0,00%
17.066	0,44%	ALAGOAS	0	0,00%
2.781	0,07%	AMAPÁ	1	6,67%
14.800	0,38%	AMAZONAS	0	0,00%
157.777	4,10%	BAHIA	3	20,00%
46.756	1,21%	CEARÁ	1	6,67%
89.836	2,33%	DISTRITO FEDERAL	1	6,67%
36.593	0,95%	ESPÍRITO SANTO	0	0,00%
147.740	3,84%	GOIÁS	0	0,00%
12.505	0,32%	MARANHÃO	0	0,00%
38.044	0,99%	MATO GROSSO	0	0,00%
46.610	1,21%	MATO GROSSO DO SUL	0	0,00%
419.094	10,89%	MINAS GERAIS	0	0,00%
33.924	0,88%	PARÁ	0	0,00%
23.175	0,60%	PARAÍBA	0	0,00%
108.805	2,83%	PARANÁ	0	0,00%
123.798	3,22%	PERNAMBUCO	0	0,00%
9.840	0,26%	PIAUI	0	0,00%
647.572	16,82%	RIO DE JANEIRO	3	20,00%
24.826	0,65%	RIO GRANDE DO NORTE	0	0,00%
343.784	8,93%	RIO GRANDE DO SUL	2	13,33%
8.905	0,23%	RONDÔNIA	0	0,00%
4.084	0,11%	RORAIMA	0	0,00%
98.973	2,57%	SANTA CATARINA	0	0,00%
1.356.193	35,24%	SÃO PAULO	4	26,67%
22.266	0,58%	SERGIPE	0	0,00%
8.940	0,23%	TOCANTINS	0	0,00%
		DECLARARAM	15	100,00%
		NÃO DECLARARAM	0	0,00%
3.848.877	100,00%	TOTAL	15	100,00%

Tabela 75 - Afro-brasileiras - Escolaridade.

ESCOLARIDADE	Q	%	%
PÓS STRICTU	2	13,33%	53,33%
PÓS LATU	3	20,00%	
SUPERIOR	3	20,00%	
MÉDIO	7	46,67%	46,67%
FUNDAMENTAL	0	0,00%	
DECLARARAM	15	100,00%	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%	
TOTAL	15	100,00%	

Tabela 76 - Afro-brasileiras - Renda.

RENDA	Q	%	%
AC 20 SM	0	0,00%	64,29%
AC 10 ATÉ 20 SM	3	21,43%	
AC 4 ATÉ 10 SM	6	42,86%	
AC 2 ATÉ 4 SM	4	28,57%	35,71%
ATÉ 2 SM	1	7,14%	
DECLARARAM	14	93,33%	100,00%
NÃO DECLARARAM	1	6,67%	
TOTAL	15	100,00%	

Tabela 77 - Afro-brasileiras - Idade.

IDADE	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	0	0,00%
ENTRE 21 E 30 ANOS	1	7,14%
ENTRE 31 E 40 ANOS	4	28,57%
ENTRE 41 E 50 ANOS	3	21,43%
ENTRE 51 E 60 ANOS	5	35,71%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	1	7,14%
DECLARARAM	14	93,33%
NÃO DECLARARAM	1	6,67%
TOTAL	15	100,00%

Tabela 78 - Afro-brasileiras - Religião atual da família.

RELIGIÃO DA FAMÍLIA	Q	%
CATOLIC	5	33,33%
ESPIRITISMO	7	46,67%
PROTEST	1	6,67%
UMBANDA	0	0,00%
ORIENTAL	0	0,00%
AFRO	2	13,33%
NENHUMA	0	0,00%
OUTRA	0	0,00%
TOTAL	15	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	15	100,00%

Tabela 79 - Afro-brasileiras - Idade que iniciou no Espiritismo.

IDADE EM QUE INICIOU	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	2	14,29%
ENTRE 21 E 30 ANOS	6	42,86%
ENTRE 31 E 40 ANOS	4	28,57%
ENTRE 41 E 50 ANOS	2	14,29%
ENTRE 51 E 60 ANOS	0	0,00%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	0	0,00%
DECLARARAM	14	93,33%
NÃO DECLARARAM	1	6,67%
TOTAL	15	100,00%

Tabela 80 - Afro-brasileiras - Tempo de Espiritismo (média/anos).

TEMPO DE DOCTRINA (MÉDIA)	D	ND	TOTAL
14 (Média)	15	0	15
	100,00%	0,00%	100,00%

Tabela 81 - Afro-brasileiras - Idade que iniciou no Espiritismo (média/anos).

INÍCIO NO ESPIRITISMO (IDADE)	D	ND	TOTAL
30,14 (Média)	14	1	15
	93,33%	6,67%	100,00%

Tabela 82 - Afro-brasileiras - Como fez contato com o Espiritismo.

COMO FEZ CONTATO	Q	%
AMIGOS ESPÍRITAS	4	26,67%
PESSOA DA FAMÍLIA	6	40,00%
LIVRO OU PUBLICAÇÃO	3	20,00%
CENTRO ESPÍRITA	1	6,67%
EVENTO ESPÍRITA	1	6,67%
DECLARARAM	15	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	15	100,00%

Tabela 83 - Afro-brasileiras - Frequência ao centro Espírita.

FREQUENCIA AO CENTRO	Q	%
MAIS DE 2 X POR SEMANA	6	40,00%
1 X POR SEMANA	5	33,33%
2 X POR SEMANA	4	26,67%
RARAMENTE	0	0,00%
NÃO FREQUENTO	0	0,00%
TOTAL	15	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	15	100,00%

Tabela 84 - Afro-brasileiras - Leitura espírita.

LEITURA ESPÍRITA	Q	%
KARDEC	15	100,00%
ROMANCE	15	100,00%
CHICO XAVIER	14	93,33%
JORNAL OU REVISTA	14	93,33%
APOSTILA	10	66,67%
NÃO LEU	0	0,00%
DECLARARAM	15	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	15	100,00%

Tabela 85 - Afro-brasileiras - Religião com menos afinidade, antes de se tornar espírita.

MENOS AFINIDADE	Q	%
CATOLIC	4	28,57%
PROTEST	6	42,86%
UMBANDA	0	0,00%
AFRO	2	14,29%
ORIENTAL	1	7,14%
ESPIRITISMO	0	0,00%
NENHUMA	1	7,14%
OUTRA	0	0,00%
DECLARARAM	14	93,33%
NÃO DECLARARAM	1	6,67%
TOTAL	15	100,00%

Tabela 86 - Afro-brasileiras - Espíritas em casa (atualmente).

ESPÍRITAS EM CASA	Q	%
A MAIORIA É ESPÍRITA	10	66,67%
APENAS EU	4	26,67%
A MAIORIA NÃO É ESPÍRITA	1	6,67%
DECLARARAM	15	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	15	100,00%

Tabela 87 - Afro-brasileiras - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).

SIMPATIA PELO ESPIRITISMO	Q	%
A MAIORIA SIMPATIZA	12	80,00%
A MAIORIA NÃO SIMPATIZA	3	20,00%
DECLARARAM	15	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	15	100,00%

Tabela 88 - Afro-brasileiras - Questões de crença e prática espíritas.

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Eu me considero espírita porque aceito o que o Espiritismo diz	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	1	6,67%
	DISCORDO	1	6,67%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	10	66,67%	14	93,33%
	CONCORDO TOTALMENTE	4	26,67%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%
Eu me considero espírita porque frequento o Centro Espírita	DISCORDO TOTALMENTE	2	13,33%	8	53,33%
	DISCORDO	6	40,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	4	26,67%	4	26,67%
	CONCORDO	3	20,00%	3	20,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%
Eu me considero espírita, mas não aceito bem alguns princípios espíritas.	DISCORDO TOTALMENTE	6	40,00%	14	93,33%
	DISCORDO	8	53,33%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	1	6,67%	1	6,67%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na vida após a morte.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	5	33,33%	15	100,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	10	66,67%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na reencarnação.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	13,33%	2	13,33%
	CONCORDO	4	26,67%	13	86,67%
	CONCORDO TOTALMENTE	9	60,00%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na comunicação com os espíritos.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	6	40,00%	15	100,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	9	60,00%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%
Eu acredito na reencarnação da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	5	33,33%	15	100,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	10	66,67%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%
Eu acredito na vida após a morte da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	1	6,67%
	DISCORDO	1	6,67%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	5	33,33%	14	93,33%
	CONCORDO TOTALMENTE	9	60,00%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%

(Continuação da Tabela 88 - Afro-brasileiras - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Eu acredito na comunicação com os espíritos da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	15	100,00%
	CONCORDO	6	40,00%		
	CONCORDO TOTALMENTE	9	60,00%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%
Tive dificuldade em ir para o espiritismo pelo preconceito dos amigos e parentes.	DISCORDO TOTALMENTE	6	40,00%	14	93,33%
	DISCORDO	8	53,33%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	1	6,67%
	CONCORDO	1	6,67%		
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%
Sinto falta no espiritismo de algumas coisas de outras religiões.	DISCORDO TOTALMENTE	10	66,67%	14	93,33%
	DISCORDO	4	26,67%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	6,67%	0	0,00%
	CONCORDO	0	0,00%		
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%
Eu me considero espírita porque estudo e sigo a filosofia espírita.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	20,00%	12	80,00%
	CONCORDO	5	33,33%		
	CONCORDO TOTALMENTE	7	46,67%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%
Eu, às vezes, ainda frequento os cultos da minha religião anterior.	DISCORDO TOTALMENTE	3	20,00%	9	60,00%
	DISCORDO	6	40,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	6,67%	5	33,33%
	CONCORDO	4	26,67%		
	CONCORDO TOTALMENTE	1	6,67%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%
Sinto que serei espírita para sempre.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	1	6,67%
	DISCORDO	1	6,67%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	13,33%	12	80,00%
	CONCORDO	4	26,67%		
	CONCORDO TOTALMENTE	8	53,33%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%
Ainda tenho dúvidas se o espiritismo será a minha religião definitiva.	DISCORDO TOTALMENTE	8	53,33%	13	86,67%
	DISCORDO	5	33,33%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	6,67%	1	6,67%
	CONCORDO	1	6,67%		
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%
Eu frequento outra religião, além do espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	6	40,00%	11	73,33%
	DISCORDO	5	33,33%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	13,33%	2	13,33%
	CONCORDO	1	6,67%		
	CONCORDO TOTALMENTE	1	6,67%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%

(Continuação da Tabela 88 - Afro-brasileiras - Questões de crença e prática espíritas.)

A minha religião anterior tem muito a ver com o espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	1	6,67%	5	33,33%
	DISCORDO	4	26,67%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	6	40,00%	6	40,00%
	CONCORDO	3	20,00%	4	26,67%
	CONCORDO TOTALMENTE	1	6,67%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%
Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Quando me tornei espírita eu estava procurando uma nova religião.	DISCORDO TOTALMENTE	3	21,43%	9	64,29%
	DISCORDO	6	42,86%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	7,14%	1	7,14%
	CONCORDO	3	21,43%	4	28,57%
	CONCORDO TOTALMENTE	1	7,14%		
Responderam 14 (93,33%) dos 15 afro		14	100%	14	100,00%
A minha religião anterior é contrária ao espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	5	33,33%	11	73,33%
	DISCORDO	6	40,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	20,00%	3	20,00%
	CONCORDO	1	6,67%	1	6,67%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%
Entendi muito bem como deveria responder a esta pesquisa.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	4	26,67%	15	100,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	11	73,33%		
Responderam 15 (100%) dos 15 afro		15	100%	15	100,00%

Tabela 89 - Afro-brasileiras - Motivação para se tornar espírita.

MOTIVAÇÃO PARA SE TORNAR ESPÍRITA	Q	%
ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO	10	66,67%
ESTAVA SOFRENDO E PROCURAVA UMA CONSOLAÇÃO	6	40,00%
SIMPATIZEI COM OS PRINCÍPIOS ESPÍRITAS	5	33,33%
MUDEI A MINHA MANEIRA DE PENSAR A VIDA	5	33,33%
DECEPCIONEI-ME COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	5	33,33%
TINHA MEDIUNIDADE E PRECISAVA DESENVOLVER	5	33,33%
GOSTEI DO AMBIENTE DO CENTRO ESPÍRITA	2	13,33%
QUERIA PRATICAR A MEDIUNIDADE	2	13,33%
COSTUMAVA TOMAR PASSE NO CENTRO ESPÍRITA	2	13,33%
PARA ALCANÇAR CERTA PAZ INTERIOR	1	6,67%
QUERIA MELHORAR O NÍVEL DE VIDA	1	6,67%
ESTAVA DOENTE E ME CUREI NO ESPIRITISMO	1	6,67%
LI UM LIVRO ESPÍRITA	0	0,00%
ADIMIRAVA ALGUNS EXPÍRITAS COMO EXEMPLO DE VIDA	0	0,00%
QUERIA PARTICIPAR DE ATIVIDADES ASSISTENCIAIS	0	0,00%
INFLUÊNCIA DE PARENTES E AMIGOS	0	0,00%
O ESPIRITISMO CUROU UMA PESSOA DA FAMÍLIA	0	0,00%
ELE É PARECIDO COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	0	0,00%
TOTAL	15	-

Tabela 90 - Afro-brasileiras - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho".

QUESTÕES PERTINENTES AO QUESITO "ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO"	Q	%
EXISTEM OUTROS MUNDOS HABITADOS, COMO A TERRA	5	100,00%
HÁ VIDA APÓS A MORTE? COMO É ESSA VIDA APÓS A MORTE?	5	100,00%
O QUE É A MEDIUNIDADE? COMO PODE SER DESENVOLVIDA E EXERCIDA?	5	100,00%
OS ESPÍRITOS PODEM INFLUENCIAR A VIDA DAS PESSOAS, PARA O BEM OU PARA O MAL?	5	100,00%
É POSSÍVEL NASCER E RENASCER MUITAS VEZES?	4	80,00%
É POSSÍVEL QUE PESSOAS SEJAM CURADAS POR OUTRAS PESSOAS POR INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS?	4	80,00%
EXISTE ALGUMA RAZÃO PARA AS NOSSAS SIMPATIAS E ANTIPATIAS PARA COM NOSSOS AMIGOS E PARENTES?	4	80,00%
OS ESPÍRITOS PODEM SE COMUNICAR COM AS PESSOAS VIVAS?	4	80,00%
PORQUE EXISTEM DIFERENÇAS NA CONDIÇÃO HUMANA DO HOMEM SOBRE A TERRA?	4	80,00%
QUAL O PODER DOS AMULETOS, RITUAIS, TRABALHOS, MALDIÇÕES E TALISMÃS?	4	80,00%
QUAL RAZÃO DO SOFRIMENTO HUMANO?	4	80,00%
DEUS EXISTE? QUEM É DEUS?	3	60,00%
EXISTE O DESTINO? COMO ELE É DEFINIDO, MODIFICADO, CUMPRIDO	3	60,00%
EXISTE O MILAGRE?	3	60,00%
EXISTEM ANJOS E DEMÔNIOS, CÉU E INFERNO?	3	60,00%
OS ESPÍRITOS TÊM SEXO? COMO É A SUA SEXUALIDADE?	3	60,00%
VAI HAVER UM FIM DO MUNDO?	3	60,00%
COMO SER FELIZ?	2	40,00%
O QUE SE DEVE FAZER PARA SE OBTER A SALVAÇÃO?	2	40,00%
QUAL A MELHOR INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA E DOS EVANGELHOS?	2	40,00%
TOTAL	5	-

Tabela 91 - Umbanda - Quantidade de respondentes.

RESPONDENTES (UMBANDISTAS)	58
-------------------------------	----

Tabela 92 - Umbanda - Sexo.

SEXO	Q	%
HOMENS UMBANDISTAS	24	42,11%
MULHERES UMBANDISTAS	33	57,89%
DECLARARAM	57	98,28%
NÃO DECLARARAM	1	1,72%
TOTAL	58	100,00%

Tabela 93 - Umbanda - Origem.

CENSO 2010		ESTADOS	ESTA PESQUISA	
ESPÍRITAS			ESPÍRITAS	
4.190	0,11%	ACRE	0	0,00%
17.066	0,44%	ALAGOAS	0	0,00%
2.781	0,07%	AMAPÁ	0	0,00%
14.800	0,38%	AMAZONAS	0	0,00%
157.777	4,10%	BAHIA	1	1,75%
46.756	1,21%	CEARÁ	1	1,75%
89.836	2,33%	DISTRITO FEDERAL	2	3,51%
36.593	0,95%	ESPÍRITO SANTO	0	0,00%
147.740	3,84%	GOIÁS	1	1,75%
12.505	0,32%	MARANHÃO	0	0,00%
38.044	0,99%	MATO GROSSO	0	0,00%
46.610	1,21%	MATO GROSSO DO SUL	0	0,00%
419.094	10,89%	MINAS GERAIS	9	15,79%
33.924	0,88%	PARÁ	0	0,00%
23.175	0,60%	PARAÍBA	0	0,00%
108.805	2,83%	PARANÁ	2	3,51%
123.798	3,22%	PERNAMBUCO	1	1,75%
9.840	0,26%	PIAUI	0	0,00%
647.572	16,82%	RIO DE JANEIRO	14	24,56%
24.826	0,65%	RIO GRANDE DO NORTE	1	1,75%
343.784	8,93%	RIO GRANDE DO SUL	8	14,04%
8.905	0,23%	RONDÔNIA	0	0,00%
4.084	0,11%	RORAIMA	0	0,00%
98.973	2,57%	SANTA CATARINA	0	0,00%
1.356.193	35,24%	SÃO PAULO	16	28,07%
22.266	0,58%	SERGIPE	0	0,00%
8.940	0,23%	TOCANTINS	1	1,75%
		DECLARARAM	57	98,28%
		NÃO DECLARARAM	1	1,72%
3.848.877	100,00%	TOTAL	58	100,00%

Tabela 94 - Umbanda - Escolaridade.

ESCOLARIDADE	Q	%	%
PÓS STRICTU	2	3,45%	67,24%
PÓS LATU	14	24,14%	
SUPERIOR	23	39,66%	
MÉDIO	17	29,31%	32,76%
FUNDAMENTAL	2	3,45%	
DECLARARAM	58	100,00%	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%	
TOTAL	58	100,00%	

Tabela 95 - Umbanda - Renda.

RENDA	Q	%	%
AC 20 SM	3	5,26%	56,14%
AC 10 ATÉ 20 SM	9	15,79%	
AC 4 ATÉ 10 SM	20	35,09%	
AC 2 ATÉ 4 SM	18	31,58%	43,86%
ATÉ 2 SM	7	12,28%	
DECLARARAM	57	98,28%	100,00%
NÃO DECLARARAM	1	1,72%	
TOTAL	58	100,00%	

Tabela 96 - Umbanda - Idade.

IDADE	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	0	0,00%
ENTRE 21 E 30 ANOS	8	14,04%
ENTRE 31 E 40 ANOS	15	26,32%
ENTRE 41 E 50 ANOS	19	33,33%
ENTRE 51 E 60 ANOS	9	15,79%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	6	10,53%
DECLARARAM	57	98,28%
NÃO DECLARARAM	1	1,72%
TOTAL	58	100,00%

Tabela 97 - Umbanda - Religião atual da família.

RELIGIÃO DA FAMÍLIA	Q	%
CATOLIC	11	20,00%
ESPIRITISMO	32	58,18%
PROTEST	3	5,45%
UMBANDA	8	14,55%
ORIENTAL	0	0,00%
AFRO	1	1,82%
NENHUMA	0	0,00%
OUTRA	0	0,00%
TOTAL	55	94,83%
NÃO DECLARARAM	3	5,17%
TOTAL	58	100,00%

Tabela 98 - Umbanda - Idade que iniciou no Espiritismo.

IDADE EM QUE INICIOU	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	13	22,81%
ENTRE 21 E 30 ANOS	25	43,86%
ENTRE 31 E 40 ANOS	14	24,56%
ENTRE 41 E 50 ANOS	4	7,02%
ENTRE 51 E 60 ANOS	0	0,00%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	1	1,75%
DECLARARAM	57	98,28%
NÃO DECLARARAM	1	1,72%
TOTAL	58	100,00%

Tabela 99 - Umbanda - Tempo no Espiritismo (média/anos).

TEMPO DE DOCTRINA (MÉDIA)	D	ND	TOTAL
14,9 (Média)	58	0	58
	100,00%	0,00%	100,00%

Tabela 100 - Umbanda - Idade que iniciou no Espiritismo (média/anos).

INÍCIO NO ESPIRITISMO (IDADE)	D	ND	TOTAL
28,82 (Média)	57	1	58
	98,28%	1,72%	100,00%

Tabela 101 - Umbanda - Como fez contato com o Espiritismo.

COMO FEZ CONTATO	Q	%
AMIGOS ESPÍRITAS	14	24,14%
PESSOA DA FAMÍLIA	14	24,14%
LIVRO OU PUBLICAÇÃO	19	32,76%
CENTRO ESPÍRITA	9	15,52%
EVENTO ESPÍRITA	2	3,45%
DECLARARAM	58	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	58	100,00%

Tabela 102 - Umbanda - Frequência ao Centro Espírita.

FREQUENCIA AO CENTRO	Q	%
MAIS DE 2 X POR SEMANA	16	27,59%
1 X POR SEMANA	18	31,03%
2 X POR SEMANA	12	20,69%
RARAMENTE	11	18,97%
NÃO FREQUENTO	1	1,72%
TOTAL	58	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	58	100,00%

Tabela 103 - Umbanda - Leitura espírita.

LEITURA ESPÍRITA	Q	%
KARDEC	56	96,55%
ROMANCE	50	86,21%
CHICO XAVIER	51	87,93%
JORNAL OU REVISTA	43	74,14%
APOSTILA	40	68,97%
NÃO LEU	0	0,00%
DECLARARAM	58	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	58	100,00%

Tabela 104 - Umbanda - Religião com menos afinidade, antes de se tornar espírita.

MENOS AFINIDADE	Q	%
CATOLIC	11	19,30%
PROTEST	36	63,16%
UMBANDA	0	0,00%
AFRO	5	8,77%
ORIENTAL	4	7,02%
ESPIRITISMO	0	0,00%
NENHUMA	1	1,75%
OUTRA	0	0,00%
DECLARARAM	57	98,28%
NÃO DECLARARAM	1	1,72%
TOTAL	58	100,00%

Tabela 105 - Umbanda - Espíritas em casa (atualmente).

ESPÍRITAS EM CASA	Q	%
A MAIORIA É ESPÍRITA	42	73,68%
APENAS EU	10	17,54%
A MAIORIA NÃO É ESPÍRITA	5	8,77%
DECLARARAM	57	98,28%
NÃO DECLARARAM	1	1,72%
TOTAL	58	100,00%

Tabela 106 - Umbanda - Simpatia pelo Espiritismo (em casa)

SIMPATIA PELO ESPIRITISMO	Q	%
A MAIORIA SIMPATIZA	55	94,83%
A MAIORIA NÃO SIMPATIZA	3	5,17%
DECLARARAM	58	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	58	100,00%

Tabela 107 - Umbanda - Questões de crença e prática espíritas.

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Eu me considero espírita porque aceito o que o Espiritismo diz	DISCORDO TOTALMENTE	2	3,64%	3	5,45%
	DISCORDO	1	1,82%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	5	9,09%	5	9,09%
	CONCORDO	20	36,36%		
	CONCORDO TOTALMENTE	27	49,09%		
Responderam 55 (94,83%) dos 58 umbandistas		55	100%	55	100,00%
Eu me considero espírita porque frequento o Centro Espírita	DISCORDO TOTALMENTE	10	18,18%	23	41,82%
	DISCORDO	13	23,64%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	11	20,00%	11	20,00%
	CONCORDO	12	21,82%		
	CONCORDO TOTALMENTE	9	16,36%		
Responderam 55 (94,83%) dos 58 umbandistas		55	100%	55	100,00%

(Continuação da Tabela 107 - Umbanda - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Eu me considero espírita, mas não aceito bem alguns princípios espíritas.	DISCORDO TOTALMENTE	30	54,55%	46	83,64%
	DISCORDO	16	29,09%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	4	7,27%	4	7,27%
	CONCORDO	4	7,27%	5	9,09%
	CONCORDO TOTALMENTE	1	1,82%		
Responderam 55 (94,83%) dos 58 umbandistas		55	100%	55	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na vida após a morte.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	1,79%	1	1,79%
	CONCORDO	11	19,64%	55	98,21%
	CONCORDO TOTALMENTE	44	78,57%		
Responderam 56 (96,55%) dos 58 umbandistas		56	100%	56	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na reencarnação.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	2	3,64%
	DISCORDO	2	3,64%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	1,82%	1	1,82%
	CONCORDO	14	25,45%	52	94,55%
	CONCORDO TOTALMENTE	38	69,09%		
Responderam 55 (94,83%) dos 58 umbandistas		55	100%	55	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na comunicação com os espíritos.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	1	1,82%
	DISCORDO	1	1,82%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	12	21,82%	54	98,18%
	CONCORDO TOTALMENTE	42	76,36%		
Responderam 55 (94,83%) dos 58 umbandistas		55	100%	55	100,00%
Eu acredito na reencarnação da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	1	1,79%
	DISCORDO	1	1,79%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	5,36%	3	5,36%
	CONCORDO	8	14,29%	52	92,86%
	CONCORDO TOTALMENTE	44	78,57%		
Responderam 56 (96,55%) dos 58 umbandistas		56	100%	56	100,00%
Eu acredito na vida após a morte da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	1	1,82%
	DISCORDO	1	1,82%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	3,64%	2	3,64%
	CONCORDO	11	20,00%	52	94,55%
	CONCORDO TOTALMENTE	41	74,55%		
Responderam 55 (94,83%) dos 58 umbandistas		55	100%	55	100,00%
Eu acredito na comunicação com os espíritos da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	3,57%	2	3,57%
	CONCORDO	10	17,86%	54	96,43%
	CONCORDO TOTALMENTE	44	78,57%		
Responderam 56 (96,55%) dos 58 umbandistas		56	100%	56	100,00%

(Continuação da Tabela 107 - Umbanda - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Tive dificuldade em ir para o espiritismo pelo preconceito dos amigos e parentes.	DISCORDO TOTALMENTE	37	66,07%	51	91,07%
	DISCORDO	14	25,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	1,79%	4	7,14%
	CONCORDO	1	1,79%		
	CONCORDO TOTALMENTE	3	5,36%		
Responderam 56 (96,55%) dos 58 umbandistas		56	100%	56	100,00%
Sinto falta no espiritismo de algumas coisas de outras religiões.	DISCORDO TOTALMENTE	36	64,29%	48	85,71%
	DISCORDO	12	21,43%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	5	8,93%	3	5,36%
	CONCORDO	1	1,79%		
	CONCORDO TOTALMENTE	2	3,57%		
Responderam 56 (96,55%) dos 58 umbandistas		56	100%	56	100,00%
Eu me considero espírita porque estudo e sigo a filosofia espírita.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	1	1,79%
	DISCORDO	1	1,79%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	9	16,07%	46	82,14%
	CONCORDO	15	26,79%		
	CONCORDO TOTALMENTE	31	55,36%		
Responderam 56 (96,55%) dos 58 umbandistas		56	100%	56	100,00%
Eu, às vezes, ainda frequento os cultos da minha religião anterior.	DISCORDO TOTALMENTE	32	58,18%	44	80,00%
	DISCORDO	12	21,82%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	5,45%	8	14,55%
	CONCORDO	6	10,91%		
	CONCORDO TOTALMENTE	2	3,64%		
Responderam 55 (94,83%) dos 58 umbandistas		55	100%	55	100,00%
Sinto que serei espírita para sempre.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	5,45%	52	94,55%
	CONCORDO	9	16,36%		
	CONCORDO TOTALMENTE	43	78,18%		
Responderam 55 (94,83%) dos 58 umbandistas		55	100%	55	100,00%
Ainda tenho dúvidas se o espiritismo será a minha religião definitiva.	DISCORDO TOTALMENTE	42	75,00%	51	91,07%
	DISCORDO	9	16,07%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	5,36%	2	3,57%
	CONCORDO	2	3,57%		
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 56 (96,55%) dos 58 umbandistas		56	100%	56	100,00%
Eu frequento outra religião, além do espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	35	62,50%	47	83,93%
	DISCORDO	12	21,43%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	1,79%	8	14,29%
	CONCORDO	6	10,71%		
	CONCORDO TOTALMENTE	2	3,57%		
Responderam 56 (96,55%) dos 58 umbandistas		56	100%	56	100,00%

(Continuação da Tabela 107 - Umbanda - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
A minha religião anterior tem muito a ver com o espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	8	15,09%	21	39,62%
	DISCORDO	13	24,53%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	13	24,53%	19	35,85%
	CONCORDO	11	20,75%		
	CONCORDO TOTALMENTE	8	15,09%		
Responderam 53 (91,38%) dos 58 umbandistas		53	100%	53	100,00%
Quando me tornei espírita eu estava procurando uma nova religião.	DISCORDO TOTALMENTE	20	35,71%	34	60,71%
	DISCORDO	14	25,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	5	8,93%	17	30,36%
	CONCORDO	10	17,86%		
	CONCORDO TOTALMENTE	7	12,50%		
Responderam 56 (96,55%) dos 58 umbandistas		56	100%	56	100,00%
A minha religião anterior é contrária ao espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	19	36,54%	40	76,92%
	DISCORDO	21	40,38%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	7	13,46%	5	9,62%
	CONCORDO	1	1,92%		
	CONCORDO TOTALMENTE	4	7,69%		
Responderam 52 (89,66%) dos 58 umbandistas		52	100%	52	100,00%
Entendi muito bem como deveria responder a esta pesquisa.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	56	100,00%
	CONCORDO	15	26,79%		
	CONCORDO TOTALMENTE	41	73,21%		
Responderam 56 (96,55%) dos 58 umbandistas		56	100%	56	100,00%

Tabela 108 - Umbanda - Motivação para se tornar espírita.

MOTIVAÇÃO PARA SE TORNAR ESPÍRITA	Q	%
ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO	35	60,34%
SIMPATIZEI COM OS PRINCÍPIOS ESPÍRITAS	27	46,55%
MUDEI A MINHA MANEIRA DE PENSAR A VIDA	19	32,76%
TINHA MEDIUNIDADE E PRECISAVA DESENVOLVER	12	20,69%
ADIMIRAVA ALGUNS EXPÍRITAS COMO EXEMPLO DE VIDA	11	18,97%
PARA ALCANÇAR CERTA PAZ INTERIOR	11	18,97%
ESTAVA SOFRENDO E PROCURAVA UMA CONSOLAÇÃO	9	15,52%
QUERIA PRATICAR A MEDIUNIDADE	8	13,79%
GOSTEI DO AMBIENTE DO CENTRO ESPÍRITA	7	12,07%
LI UM LIVRO ESPÍRITA	7	12,07%
QUERIA PARTICIPAR DE ATIVIDADES ASSISTENCIAIS	6	10,34%
ELE É PARECIDO COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	5	8,62%
DECEPCIONEI-ME COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	4	6,90%
QUERIA MELHORAR O NÍVEL DE VIDA	3	5,17%
O ESPIRITISMO CUROU UMA PESSOA DA FAMÍLIA	2	3,45%
INFLUÊNCIA DE PARENTES E AMIGOS	2	3,45%
COSTUMAVA TOMAR PASSE NO CENTRO ESPÍRITA	2	3,45%
ESTAVA DOENTE E ME CUREI NO ESPIRITISMO	0	0,00%
TOTAL	58	-

Tabela 109 - Umbanda - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho".

QUESTÕES PERTINENTES AO QUESITO "ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO"	Q	%
PORQUE EXISTEM DIFERENÇAS NA CONDIÇÃO HUMANA DO HOMEM SOBRE A TERRA?	12	85,71%
HÁ VIDA APÓS A MORTE? COMO É ESSA VIDA APÓS A MORTE?	11	78,57%
QUAL RAZÃO DO SOFRIMENTO HUMANO?	11	78,57%
EXISTE ALGUMA RAZÃO PARA AS NOSSAS SIMPATIAS E ANTIPATIAS PARA COM NOSSOS AMIGOS E PARENTES?	10	71,43%
É POSSÍVEL NASCER E RENASCER MUITAS VEZES?	9	64,29%
O QUE É A MEDIUNIDADE? COMO PODE SER DESENVOLVIDA E EXERCIDA?	9	64,29%
OS ESPÍRITOS PODEM SE COMUNICAR COM AS PESSOAS VIVAS?	8	57,14%
OS ESPÍRITOS PODEM INFLUENCIAR A VIDA DAS PESSOAS, PARA O BEM OU PARA O MAL?	8	57,14%
EXISTE O DESTINO? COMO ELE É DEFINIDO, MODIFICADO, CUMPRIDO	7	50,00%
EXISTEM OUTROS MUNDOS HABITADOS, COMO A TERRA	7	50,00%
QUAL A MELHOR INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA E DOS EVANGELHOS?	7	50,00%
COMO SER FELIZ?	6	42,86%
DEUS EXISTE? QUEM É DEUS?	5	35,71%
É POSSÍVEL QUE PESSOAS SEJAM CURADAS POR OUTRAS PESSOAS POR INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS?	5	35,71%
OS ESPÍRITOS TÊM SEXO? COMO É A SUA SEXUALIDADE?	4	28,57%
EXISTEM ANJOS E DEMÔNIOS, CÉU E INFERNO?	4	28,57%
O QUE SE DEVE FAZER PARA SE OBTER A SALVAÇÃO?	3	21,43%
EXISTE O MILAGRE?	2	14,29%
QUAL O PODER DOS AMULETOS, RITUAIS, TRABALHOS, MALDIÇÕES E TALISMÃS?	2	14,29%
VAI HAVER UM FIM DO MUNDO?	2	14,29%
TOTAL	14	-

Tabela 110 - Orientais - Quantidade de respondentes.

RESPONDENTES (ORIENTAIS)	25
-----------------------------	----

Tabela 111 - Orientais - Sexo.

SEXO	Q	%
HOMENS ORIENTAIS	8	33,33%
MULHERES ORIENTAIS	16	66,67%
DECLARARAM	24	96,00%
NÃO DECLARARAM	1	4,00%
TOTAL	25	100,00%

Tabela 112 - Orientais - Origem.

CENSO 2010		ESTADOS	ESTA PESQUISA	
ESPÍRITAS			ESPÍRITAS	
4.190	0,11%	ACRE	0	0,00%
17.066	0,44%	ALAGOAS	0	0,00%
2.781	0,07%	AMAPÁ	0	0,00%
14.800	0,38%	AMAZONAS	0	0,00%
157.777	4,10%	BAHIA	0	0,00%
46.756	1,21%	CEARÁ	0	0,00%
89.836	2,33%	DISTRITO FEDERAL	1	4,35%
36.593	0,95%	ESPÍRITO SANTO	0	0,00%
147.740	3,84%	GOIÁS	2	8,70%
12.505	0,32%	MARANHÃO	0	0,00%
38.044	0,99%	MATO GROSSO	0	0,00%
46.610	1,21%	MATO GROSSO DO SUL	0	0,00%
419.094	10,89%	MINAS GERAIS	2	8,70%
33.924	0,88%	PARÁ	0	0,00%
23.175	0,60%	PARAÍBA	1	4,35%
108.805	2,83%	PARANÁ	1	4,35%
123.798	3,22%	PERNAMBUCO	0	0,00%
9.840	0,26%	PIAUI	1	4,35%
647.572	16,82%	RIO DE JANEIRO	2	8,70%
24.826	0,65%	RIO GRANDE DO NORTE	0	0,00%
343.784	8,93%	RIO GRANDE DO SUL	2	8,70%
8.905	0,23%	RONDÔNIA	1	4,35%
4.084	0,11%	RORAIMA	0	0,00%
98.973	2,57%	SANTA CATARINA	2	8,70%
1.356.193	35,24%	SÃO PAULO	7	30,43%
22.266	0,58%	SERGIPE	1	4,35%
8.940	0,23%	TOCANTINS	0	0,00%
		DECLARARAM	23	92,00%
		NÃO DECLARARAM	2	8,00%
3.848.877	100,00%	TOTAL	25	100,00%

Tabela 113 - Orientais - Escolaridade.

ESCOLARIDADE	Q	%	%
PÓS STRICTU	1	4,35%	73,91%
PÓS LATU	4	17,39%	
SUPERIOR	12	52,17%	
MÉDIO	6	26,09%	26,09%
FUNDAMENTAL	0	0,00%	
DECLARARAM	23	92,00%	100,00%
NÃO DECLARARAM	2	8,00%	
TOTAL	25	100,00%	

Tabela 114 - Orientais - Renda.

RENDA	Q	%	%
AC 20 SM	4	17,39%	47,83%
AC 10 ATÉ 20 SM	1	4,35%	
AC 4 ATÉ 10 SM	6	26,09%	
AC 2 ATÉ 4 SM	9	39,13%	52,17%
ATÉ 2 SM	3	13,04%	
DECLARARAM	23	92,00%	100,00%
NÃO DECLARARAM	2	8,00%	
TOTAL	25	100,00%	

Tabela 115 - Orientais - Idade.

IDADE	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	1	4,35%
ENTRE 21 E 30 ANOS	4	17,39%
ENTRE 31 E 40 ANOS	1	4,35%
ENTRE 41 E 50 ANOS	9	39,13%
ENTRE 51 E 60 ANOS	7	30,43%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	1	4,35%
DECLARARAM	23	92,00%
NÃO DECLARARAM	2	8,00%
TOTAL	25	100,00%

Tabela 116 - Orientais - Religião atual da família.

RELIGIÃO DA FAMÍLIA	Q	%
CATOLIC	4	18,18%
ESPIRITISMO	10	45,45%
PROTEST	1	4,55%
UMBANDA	0	0,00%
ORIENTAL	6	27,27%
AFRO	1	4,55%
NENHUMA	0	0,00%
OUTRA	0	0,00%
TOTAL	22	88,00%
NÃO DECLARARAM	3	12,00%
TOTAL	25	100,00%

Tabela 117 - Orientais - Idade que iniciou no Espiritismo.

IDADE EM QUE INICIOU	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	7	30,43%
ENTRE 21 E 30 ANOS	7	30,43%
ENTRE 31 E 40 ANOS	5	21,74%
ENTRE 41 E 50 ANOS	2	8,70%
ENTRE 51 E 60 ANOS	2	8,70%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	0	0,00%
DECLARARAM	23	92,00%
NÃO DECLARARAM	2	8,00%
TOTAL	25	100,00%

Tabela 118 - Orientais - Tempo de Espiritismo (média/anos).

TEMPO DE DOCTRINA (MÉDIA)	D	ND	TOTAL
12,42 (Média)	24	1	25
	96,00%	4,00%	100,00%

Tabela 119 - Orientais - Idade que iniciou no Espiritismo (média/anos).

INÍCIO NO ESPIRITISMO (IDADE)	D	ND	TOTAL
29,83 (Média)	23	2	25
	92,00%	8,00%	100,00%

Tabela 120 - Orientais - Como fez contato com o Espiritismo.

COMO FEZ CONTATO	Q	%
AMIGOS ESPÍRITAS	6	24,00%
PESSOA DA FAMÍLIA	6	24,00%
LIVRO OU PUBLICAÇÃO	7	28,00%
CENTRO ESPÍRITA	3	12,00%
EVENTO ESPÍRITA	3	12,00%
DECLARARAM	25	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	25	100,00%

Tabela 121 - Orientais - Frequência ao Centro Espírita.

FREQUENCIA AO CENTRO	Q	%
MAIS DE 2 X POR SEMANA	6	25,00%
1 X POR SEMANA	10	41,67%
2 X POR SEMANA	3	12,50%
RARAMENTE	2	8,33%
NÃO FREQUENTO	3	12,50%
TOTAL	24	96,00%
NÃO DECLARARAM	1	4,00%
TOTAL	25	100,00%

Tabela 122 - Orientais - Leitura espírita.

LEITURA ESPÍRITA	Q	%
KARDEC	22	88,00%
ROMANCE	19	76,00%
CHICO XAVIER	19	76,00%
JORNAL OU REVISTA	14	56,00%
APOSTILA	14	56,00%
NÃO LEU	0	0,00%
DECLARARAM	25	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	25	100,00%

Tabela 123 - Orientais - Religião com menos afinidade, antes de se tornar espírita.

MENOS AFINIDADE	Q	%
CATOLIC	5	20,83%
PROTEST	7	29,17%
UMBANDA	1	4,17%
AFRO	8	33,33%
ORIENTAL	2	8,33%
ESPIRITISMO	0	0,00%
NENHUMA	0	0,00%
OUTRA	1	4,17%
DECLARARAM	24	96,00%
NÃO DECLARARAM	1	4,00%
TOTAL	25	100,00%

Tabela 124 - Orientais - Espíritas em casa (atualmente).

ESPÍRITAS EM CASA	Q	%
A MAIORIA É ESPÍRITA	9	37,50%
APENAS EU	14	58,33%
A MAIORIA NÃO É ESPÍRITA	1	4,17%
DECLARARAM	24	96,00%
NÃO DECLARARAM	1	4,00%
TOTAL	25	100,00%

Tabela 125 - Orientais - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).

SIMPATIA PELO ESPIRITISMO	Q	%
A MAIORIA SIMPATIZA	16	69,57%
A MAIORIA NÃO SIMPATIZA	7	30,43%
DECLARARAM	23	92,00%
NÃO DECLARARAM	2	8,00%
TOTAL	25	100,00%

Tabela 126 - Orientais - Questões de crença e prática espíritas.

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Eu me considero espírita porque aceito o que o Espiritismo diz	DISCORDO TOTALMENTE	3	15,00%	5	25,00%
	DISCORDO	2	10,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	15,00%	12	60,00%
	CONCORDO	5	25,00%		
	CONCORDO TOTALMENTE	7	35,00%		
Responderam 20 (80%) dos 25 oriental		20	100%	20	100,00%
Eu me considero espírita porque frequento o Centro Espírita	DISCORDO TOTALMENTE	6	28,57%	15	71,43%
	DISCORDO	9	42,86%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	4	19,05%	4	19,05%
	CONCORDO	1	4,76%		
	CONCORDO TOTALMENTE	1	4,76%		
Responderam 21 (84%) dos 25 oriental		21	100%	21	100,00%

(Continuação da Tabela 126 - Orientais - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Eu me considero espírita, mas não aceito bem alguns princípios espíritas.	DISCORDO TOTALMENTE	8	40,00%	12	60,00%
	DISCORDO	4	20,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	15,00%	3	15,00%
	CONCORDO	4	20,00%	5	25,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	1	5,00%		
Responderam 20 (80%) dos 25 oriental		20	100%	20	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na vida após a morte.	DISCORDO TOTALMENTE	2	9,52%	3	14,29%
	DISCORDO	1	4,76%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	9,52%	2	9,52%
	CONCORDO	7	33,33%	16	76,19%
	CONCORDO TOTALMENTE	9	42,86%		
Responderam 21 (84%) dos 25 oriental		21	100%	21	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na reencarnação.	DISCORDO TOTALMENTE	2	9,52%	3	14,29%
	DISCORDO	1	4,76%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	14,29%	3	14,29%
	CONCORDO	7	33,33%	15	71,43%
	CONCORDO TOTALMENTE	8	38,10%		
Responderam 21 (84%) dos 25 oriental		21	100%	21	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na comunicação com os espíritos.	DISCORDO TOTALMENTE	1	4,76%	3	14,29%
	DISCORDO	2	9,52%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	14,29%	3	14,29%
	CONCORDO	7	33,33%	15	71,43%
	CONCORDO TOTALMENTE	8	38,10%		
Responderam 21 (84%) dos 25 oriental		21	100%	21	100,00%
Eu acredito na reencarnação da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	1	4,76%	1	4,76%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	9,52%	2	9,52%
	CONCORDO	4	19,05%	18	85,71%
	CONCORDO TOTALMENTE	14	66,67%		
Responderam 21 (84%) dos 25 oriental		21	100%	21	100,00%
Eu acredito na vida após a morte da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	1	5,00%	1	5,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	5	25,00%	19	95,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	14	70,00%		
Responderam 20 (80%) dos 25 oriental		20	100%	20	100,00%
Eu acredito na comunicação com os espíritos da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	2	9,52%	2	9,52%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	6	28,57%	19	90,48%
	CONCORDO TOTALMENTE	13	61,90%		
Responderam 21 (84%) dos 25 oriental		21	100%	21	100,00%

(Continuação da Tabela 126 - Orientais - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Tive dificuldade em ir para o espiritismo pelo preconceito dos amigos e parentes.	DISCORDO TOTALMENTE	14	66,67%	19	90,48%
	DISCORDO	5	23,81%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	4,76%	1	4,76%
	CONCORDO	1	4,76%	1	4,76%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 21 (84%) dos 25 oriental		21	100%	21	100,00%
Sinto falta no espiritismo de algumas coisas de outras religiões.	DISCORDO TOTALMENTE	16	76,19%	18	85,71%
	DISCORDO	2	9,52%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	4,76%	1	4,76%
	CONCORDO	2	9,52%	2	9,52%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 21 (84%) dos 25 oriental		21	100%	21	100,00%
Eu me considero espírita porque estudo e sigo a filosofia espírita.	DISCORDO TOTALMENTE	2	9,52%	4	19,05%
	DISCORDO	2	9,52%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	14,29%	3	14,29%
	CONCORDO	5	23,81%	14	66,67%
	CONCORDO TOTALMENTE	9	42,86%		
Responderam 21 (84%) dos 25 oriental		21	100%	21	100,00%
Eu, às vezes, ainda frequento os cultos da minha religião anterior.	DISCORDO TOTALMENTE	12	57,14%	14	66,67%
	DISCORDO	2	9,52%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	14,29%	3	14,29%
	CONCORDO	4	19,05%	4	19,05%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 21 (84%) dos 25 oriental		21	100%	21	100,00%
Sinto que serei espírita para sempre.	DISCORDO TOTALMENTE	1	4,76%	1	4,76%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	9,52%	2	9,52%
	CONCORDO	5	23,81%	18	85,71%
	CONCORDO TOTALMENTE	13	61,90%		
Responderam 21 (84%) dos 25 oriental		21	100%	21	100,00%
Ainda tenho dúvidas se o espiritismo será a minha religião definitiva.	DISCORDO TOTALMENTE	13	61,90%	14	66,67%
	DISCORDO	1	4,76%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	14,29%	3	14,29%
	CONCORDO	4	19,05%	4	19,05%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 21 (84%) dos 25 oriental		21	100%	21	100,00%
Eu frequento outra religião, além do espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	15	71,43%	17	80,95%
	DISCORDO	2	9,52%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	9,52%	2	9,52%
	CONCORDO	2	9,52%	2	9,52%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 21 (84%) dos 25 oriental		21	100%	21	100,00%

(Continuação da Tabela 126 - Orientais - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
A minha religião anterior tem muito a ver com o espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	6	28,57%	9	42,86%
	DISCORDO	3	14,29%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	14,29%		
	CONCORDO	8	38,10%		
	CONCORDO TOTALMENTE	1	4,76%		
Responderam 21 (84%) dos 25 oriental		21	100%	21	100,00%
Quando me tornei espírita eu estava procurando uma nova religião.	DISCORDO TOTALMENTE	9	42,86%	13	61,90%
	DISCORDO	4	19,05%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	14,29%		
	CONCORDO	5	23,81%		
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 21 (84%) dos 25 oriental		21	100%	21	100,00%
A minha religião anterior é contrária ao espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	9	45,00%	12	60,00%
	DISCORDO	3	15,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	5,00%		
	CONCORDO	4	20,00%		
	CONCORDO TOTALMENTE	3	15,00%		
Responderam 20 (80%) dos 25 oriental		20	100%	20	100,00%
Entendi muito bem como deveria responder a esta pesquisa.	DISCORDO TOTALMENTE	1	4,76%	1	4,76%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	4,76%		
	CONCORDO	4	19,05%		
	CONCORDO TOTALMENTE	15	71,43%		
Responderam 21 (84%) dos 25 oriental		21	100%	21	100,00%

Tabela 127 - Orientais - Motivação para se tornar espírita.

MOTIVAÇÃO PARA SE TORNAR ESPÍRITA	Q	%
ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO	16	64,00%
MUDEI A MINHA MANEIRA DE PENSAR A VIDA	8	32,00%
PARA ALCANÇAR CERTA PAZ INTERIOR	8	32,00%
TINHA MEDIUNIDADE E PRECISAVA DESENVOLVER	6	24,00%
ESTAVA SOFRENDO E PROCURAVA UMA CONSOLAÇÃO	6	24,00%
SIMPATIZEI COM OS PRINCÍPIOS ESPÍRITAS	3	12,00%
LI UM LIVRO ESPÍRITA	4	16,00%
ADIMIRAVA ALGUNS EXPÍRITAS COMO EXEMPLO DE VIDA	3	12,00%
QUERIA PRATICAR A MEDIUNIDADE	3	12,00%
DECEPCIONEI-ME COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	2	8,00%
GOSTEI DO AMBIENTE DO CENTRO ESPÍRITA	2	8,00%
ELE É PARECIDO COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	2	8,00%
QUERIA PARTICIPAR DE ATIVIDADES ASSISTENCIAIS	0	0,00%
QUERIA MELHORAR O NÍVEL DE VIDA	1	4,00%
ESTAVA DOENTE E ME CUREI NO ESPIRITISMO	1	4,00%
COSTUMAVA TOMAR PASSE NO CENTRO ESPÍRITA	1	4,00%
O ESPIRITISMO CUROU UMA PESSOA DA FAMÍLIA	1	4,00%
INFLUÊNCIA DE PARENTES E AMIGOS	0	0,00%
TOTAL	25	-

Tabela 128 - Orientais - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho".

QUESTÕES PERTINENTES AO QUESITO "ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO"	Q	%
QUAL RAZÃO DO SOFRIMENTO HUMANO?	10	100,00%
EXISTE ALGUMA RAZÃO PARA AS NOSSAS SIMPATIAS E ANTIPATIAS PARA COM NOSSOS AMIGOS E PARENTES?	8	80,00%
PORQUE EXISTEM DIFERENÇAS NA CONDIÇÃO HUMANA DO HOMEM SOBRE A TERRA?	8	80,00%
EXISTE O DESTINO? COMO ELE É DEFINIDO, MODIFICADO, CUMPRIDO	7	70,00%
EXISTEM OUTROS MUNDOS HABITADOS, COMO A TERRA	7	70,00%
HÁ VIDA APÓS A MORTE? COMO É ESSA VIDA APÓS A MORTE?	7	70,00%
DEUS EXISTE? QUEM É DEUS?	6	60,00%
É POSSÍVEL NASCER E RENASCER MUITAS VEZES?	6	60,00%
É POSSÍVEL QUE PESSOAS SEJAM CURADAS POR OUTRAS PESSOAS POR INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS?	6	60,00%
O QUE É A MEDIUNIDADE? COMO PODE SER DESENVOLVIDA E EXERCIDA?	6	60,00%
OS ESPÍRITOS PODEM INFLUENCIAR A VIDA DAS PESSOAS, PARA O BEM OU PARA O MAL?	6	60,00%
OS ESPÍRITOS PODEM SE COMUNICAR COM AS PESSOAS VIVAS?	6	60,00%
COMO SER FELIZ?	5	50,00%
O QUE SE DEVE FAZER PARA SE OBTER A SALVAÇÃO?	5	50,00%
EXISTEM ANJOS E DEMÔNIOS, CÉU E INFERNO?	4	40,00%
EXISTE O MILAGRE?	3	30,00%
QUAL A MELHOR INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA E DOS EVANGELHOS?	3	30,00%
VAI HAVER UM FIM DO MUNDO?	3	30,00%
OS ESPÍRITOS TÊM SEXO? COMO É A SUA SEXUALIDADE?	2	20,00%
QUAL O PODER DOS AMULETOS, RITUAIS, TRABALHOS, MALDIÇÕES E TALISMÃS?	2	20,00%
TOTAL	10	-

Tabela 129 - Sem religião - Quantidade de respondentes.

RESPONDENTES (NENHUMA)	18
---------------------------	----

Tabela 130 - Sem religião - Sexo.

SEXO	Q	%
HOMENS NENHUMA	7	38,89%
MULHERES NENHUMA	11	61,11%
DECLARARAM	18	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	18	100,00%

Tabela 131 - Sem religião - Origem.

CENSO 2000		ESTADOS	ESTA PESQUISA	
ESPÍRITAS			ESPÍRITAS	
4.190	0,11%	ACRE	0	0,00%
17.066	0,44%	ALAGOAS	0	0,00%
2.781	0,07%	AMAPÁ	0	0,00%
14.800	0,38%	AMAZONAS	1	5,56%
157.777	4,10%	BAHIA	0	0,00%
46.756	1,21%	CEARÁ	1	5,56%
89.836	2,33%	DISTRITO FEDERAL	1	5,56%
36.593	0,95%	ESPÍRITO SANTO	0	0,00%
147.740	3,84%	GOIÁS	0	0,00%
12.505	0,32%	MARANHÃO	0	0,00%
38.044	0,99%	MATO GROSSO	0	0,00%
46.610	1,21%	MATO GROSSO DO SUL	0	0,00%
419.094	10,89%	MINAS GERAIS	2	11,11%
33.924	0,88%	PARÁ	0	0,00%
23.175	0,60%	PARAÍBA	0	0,00%
108.805	2,83%	PARANÁ	2	11,11%
123.798	3,22%	PERNAMBUCO	0	0,00%
9.840	0,26%	PIAUI	0	0,00%
647.572	16,82%	RIO DE JANEIRO	1	5,56%
24.826	0,65%	RIO GRANDE DO NORTE	0	0,00%
343.784	8,93%	RIO GRANDE DO SUL	2	11,11%
8.905	0,23%	RONDÔNIA	0	0,00%
4.084	0,11%	RORAIMA	0	0,00%
98.973	2,57%	SANTA CATARINA	0	0,00%
1.356.193	35,24%	SÃO PAULO	7	38,89%
22.266	0,58%	SERGIPE	1	5,56%
8.940	0,23%	TOCANTINS	0	0,00%
		DECLARARAM	18	100,00%
		NÃO DECLARARAM	0	0,00%
3.848.877	100,00%	TOTAL	18	100,00%

Tabela 132 - Sem religião - Escolaridade.

ESCOLARIDADE	Q	%	%
PÓS STRICTU	4	22,22%	94,44%
PÓS LATU	2	11,11%	
SUPERIOR	11	61,11%	
MÉDIO	1	5,56%	5,56%
FUNDAMENTAL	0	0,00%	
DECLARARAM	18	100,00%	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%	
TOTAL	18	100,00%	

Tabela 133 - Sem religião - Renda.

RENDA	Q	%	%
AC 20 SM	5	27,78%	55,56%
AC 10 ATÉ 20 SM	3	16,67%	
AC 4 ATÉ 10 SM	2	11,11%	
AC 2 ATÉ 4 SM	6	33,33%	44,44%
ATÉ 2 SM	2	11,11%	
DECLARARAM	18	100,00%	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%	
TOTAL	18	100,00%	

Tabela 134 - Sem religião - Idade.

IDADE	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	2	11,11%
ENTRE 21 E 30 ANOS	5	27,78%
ENTRE 31 E 40 ANOS	5	27,78%
ENTRE 41 E 50 ANOS	4	22,22%
ENTRE 51 E 60 ANOS	2	11,11%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	0	0,00%
DECLARARAM	18	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	18	100,00%

Tabela 135 - Sem religião - Religião atual da família.

RELIGIÃO DA FAMÍLIA	Q	%
CATOLIC	5	31,25%
ESPIRITISMO	7	43,75%
PROTEST	1	6,25%
UMBANDA	0	0,00%
ORIENTAL	1	6,25%
AFRO	1	6,25%
NENHUMA	1	6,25%
OUTRA	0	0,00%
TOTAL	16	88,89%
NÃO DECLARARAM	2	11,11%
TOTAL	18	100,00%

Tabela 136 - Sem religião - Idade em que iniciou no Espiritismo.

IDADE EM QUE INICIOU	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	7	38,89%
ENTRE 21 E 30 ANOS	10	55,56%
ENTRE 31 E 40 ANOS	1	5,56%
ENTRE 41 E 50 ANOS	0	0,00%
ENTRE 51 E 60 ANOS	0	0,00%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	0	0,00%
DECLARARAM	18	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	18	100,00%

Tabela 137 - Sem religião - Tempo de Espiritismo (média/anos).

TEMPO DE DOCTRINA (MÉDIA)	D	ND	TOTAL
11 (Média)	18	0	18
	100,00%	0,00%	100,00%

Tabela 138 - Sem religião - Idade de início no Espiritismo (média/anos).

INÍCIO NO ESPIRITISMO (IDADE)	D	ND	TOTAL
22,61 (Média)	18	0	18
	100,00%	0,00%	100,00%

Tabela 139 - Sem religião - Copo fez contato com o Espiritismo.

COMO FEZ CONTATO	Q	%
AMIGOS ESPÍRITAS	7	38,89%
PESSOA DA FAMÍLIA	6	33,33%
LIVRO OU PUBLICAÇÃO	4	22,22%
CENTRO ESPÍRITA	1	5,56%
EVENTO ESPÍRITA	0	0,00%
DECLARARAM	18	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	18	100,00%

Tabela 140 - Sem religião - Frequência ao Centro Espírita.

FREQUENCIA AO CENTRO	Q	%
MAIS DE 2 X POR SEMANA	4	22,22%
1 X POR SEMANA	7	38,89%
2 X POR SEMANA	4	22,22%
RARAMENTE	3	16,67%
NÃO FREQUENTO	0	0,00%
TOTAL	18	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	18	100,00%

Tabela 141 - Sem religião - Leitura espírita.

LEITURA ESPÍRITA	Q	%
KARDEC	17	94,44%
ROMANCE	15	83,33%
CHICO XAVIER	13	72,22%
JORNAL OU REVISTA	13	72,22%
APOSTILA	13	72,22%
NÃO LEU	1	5,56%
DECLARARAM	18	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	18	100,00%

Tabela 142 - Sem religião - Religião com menos afinidade antes de se tornar espírita.

MENOS AFINIDADE	Q	%
CATOLIC	7	38,89%
PROTEST	6	33,33%
UMBANDA	0	0,00%
AFRO	4	22,22%
ORIENTAL	1	5,56%
ESPIRITISMO	0	0,00%
NENHUMA	0	0,00%
OUTRA	0	0,00%
DECLARARAM	18	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	18	100,00%

Tabela 143 - Sem religião - Espíritas em casa (atualmente).

ESPÍRITAS EM CASA	Q	%
A MAIORIA É ESPÍRITA	7	38,89%
APENAS EU	6	33,33%
A MAIORIA NÃO É ESPÍRITA	5	27,78%
DECLARARAM	18	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	18	100,00%

Tabela 144 - Sem religião - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).

SIMPATIA PELO ESPIRITISMO	Q	%
A MAIORIA SIMPATIZA	16	88,89%
A MAIORIA NÃO SIMPATIZA	2	11,11%
DECLARARAM	18	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	18	100,00%

Tabela 145 - Sem religião - Questões de crença e prática espíritas.

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Eu me considero espírita porque aceito o que o Espiritismo diz	DISCORDO TOTALMENTE	1	5,88%	1	5,88%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	5	29,41%	11	64,71%
	CONCORDO	6	35,29%		
	CONCORDO TOTALMENTE	5	29,41%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%
Eu me considero espírita porque frequento o Centro Espírita	DISCORDO TOTALMENTE	4	23,53%	9	52,94%
	DISCORDO	5	29,41%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	6	35,29%	6	35,29%
	CONCORDO	2	11,76%		
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%

(Continuação da Tabela 145 – Sem religião - Questões de crença e prática espíritas.)

Eu me considero espírita, mas não aceito bem alguns princípios espíritas.	DISCORDO TOTALMENTE	5	29,41%	12	70,59%
	DISCORDO	7	41,18%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	11,76%	2	11,76%
	CONCORDO	3	17,65%	3	17,65%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na vida após a morte.	DISCORDO TOTALMENTE	1	5,88%	3	17,65%
	DISCORDO	2	11,76%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	11,76%	2	11,76%
	CONCORDO	3	17,65%	12	70,59%
	CONCORDO TOTALMENTE	9	52,94%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na reencarnação.	DISCORDO TOTALMENTE	2	11,76%	4	23,53%
	DISCORDO	2	11,76%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	4	23,53%	4	23,53%
	CONCORDO	3	17,65%	9	52,94%
	CONCORDO TOTALMENTE	6	35,29%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na comunicação com os espíritos.	DISCORDO TOTALMENTE	1	5,88%	4	23,53%
	DISCORDO	3	17,65%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	6	35,29%	13	76,47%
	CONCORDO TOTALMENTE	7	41,18%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%
Eu acredito na reencarnação da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	5,88%	1	5,88%
	CONCORDO	3	17,65%	16	94,12%
	CONCORDO TOTALMENTE	13	76,47%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%
Eu acredito na vida após a morte da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	11,76%	2	11,76%
	CONCORDO	4	23,53%	15	88,24%
	CONCORDO TOTALMENTE	11	64,71%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%
Eu acredito na comunicação com os espíritos da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	5,88%	1	5,88%
	CONCORDO	6	35,29%	16	94,12%
	CONCORDO TOTALMENTE	10	58,82%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%
Tive dificuldade em ir para o espiritismo pelo preconceito dos amigos e parentes.	DISCORDO TOTALMENTE	8	47,06%	11	64,71%
	DISCORDO	3	17,65%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	17,65%	3	17,65%
	CONCORDO	2	11,76%	3	17,65%
	CONCORDO TOTALMENTE	1	5,88%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%

(Continuação da Tabela 145 - Sem religião - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Sinto falta no espiritismo de algumas coisas de outras religiões.	DISCORDO TOTALMENTE	14	82,35%	16	94,12%
	DISCORDO	2	11,76%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	1	5,88%	1	5,88%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%
Eu me considero espírita porque estudo e sigo a filosofia espírita.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	12,50%	2	12,50%
	CONCORDO	8	50,00%	14	87,50%
	CONCORDO TOTALMENTE	6	37,50%		
Responderam 16 (88,89%) dos 18 nenhuma		16	100%	16	100,00%
Eu, às vezes, ainda frequento os cultos da minha religião anterior.	DISCORDO TOTALMENTE	14	82,35%	17	100,00%
	DISCORDO	3	17,65%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%
Sinto que serei espírita para sempre.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	17,65%	3	17,65%
	CONCORDO	5	29,41%	14	82,35%
	CONCORDO TOTALMENTE	9	52,94%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%
Ainda tenho dúvidas se o espiritismo será a minha religião definitiva.	DISCORDO TOTALMENTE	10	58,82%	16	94,12%
	DISCORDO	6	35,29%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	1	5,88%	1	5,88%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%
Eu frequento outra religião, além do espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	11	64,71%	14	82,35%
	DISCORDO	3	17,65%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	11,76%	2	11,76%
	CONCORDO	1	5,88%	1	5,88%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%
A minha religião anterior tem muito a ver com o espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	9	56,25%	13	81,25%
	DISCORDO	4	25,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	3	18,75%	3	18,75%
	CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 16 (88,89%) dos 18 nenhuma		16	100%	16	100,00%

(Continuação da Tabela 145 - Sem religião - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Quando me tornei espírita eu estava procurando uma nova religião.	DISCORDO TOTALMENTE	5	29,41%	7	41,18%
	DISCORDO	2	11,76%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	6	35,29%	6	35,29%
	CONCORDO	1	5,88%	4	23,53%
	CONCORDO TOTALMENTE	3	17,65%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%
A minha religião anterior é contrária ao espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	1	5,88%	6	35,29%
	DISCORDO	5	29,41%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	7	41,18%	7	41,18%
	CONCORDO	1	5,88%	4	23,53%
	CONCORDO TOTALMENTE	3	17,65%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%
Entendi muito bem como deveria responder a esta pesquisa.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	2	11,76%
	DISCORDO	2	11,76%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	6	35,29%	15	88,24%
	CONCORDO TOTALMENTE	9	52,94%		
Responderam 17 (94,44%) dos 18 nenhuma		17	100%	17	100,00%

Tabela 146 - Sem religião - Motivação para se tornar espírita.

MOTIVAÇÃO PARA SE TORNAR ESPÍRITA	Q	%
ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO	15	83,33%
SIMPATIZEI COM OS PRINCÍPIOS ESPÍRITAS	8	44,44%
PARA ALCANÇAR CERTA PAZ INTERIOR	7	38,89%
MUDEI A MINHA MANEIRA DE PENSAR A VIDA	6	33,33%
ESTAVA SOFRENDO E PROCURAVA UMA CONSOLAÇÃO	4	22,22%
LI UM LIVRO ESPÍRITA	4	22,22%
TINHA MEDIUNIDADE E PRECISAVA DESENVOLVER	3	16,67%
GOSTEI DO AMBIENTE DO CENTRO ESPÍRITA	0	0,00%
INFLUÊNCIA DE PARENTES E AMIGOS	1	5,56%
QUERIA MELHORAR O NÍVEL DE VIDA	2	11,11%
ADIMIRAVA ALGUNS EXPÍRITAS COMO EXEMPLO DE VIDA	1	5,56%
QUERIA PARTICIPAR DE ATIVIDADES ASSISTENCIAIS	1	5,56%
ESTAVA DOENTE E ME CUREI NO ESPIRITISMO	1	5,56%
COSTUMAVA TOMAR PASSE NO CENTRO ESPÍRITA	1	5,56%
DECEPCIONEI-ME COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	0	0,00%
QUERIA PRATICAR A MEDIUNIDADE	0	0,00%
O ESPIRITISMO CUROU UMA PESSOA DA FAMÍLIA	0	0,00%
ELE É PARECIDO COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	0	0,00%
TOTAL	18	-

Tabela 147 - Sem religião - Detalha o quesito “Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho”.

QUESTÕES PERTINENTES AO QUESITO "ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO"	Q	%
QUAL RAZÃO DO SOFRIMENTO HUMANO?	7	100,00%
COMO SER FELIZ?	7	100,00%
É POSSÍVEL NASCER E RENASCER MUITAS VEZES?	6	85,71%
HÁ VIDA APÓS A MORTE? COMO É ESSA VIDA APÓS A MORTE?	6	85,71%
O QUE É A MEDIUNIDADE? COMO PODE SER DESENVOLVIDA E EXERCIDA?	6	85,71%
PORQUE EXISTEM DIFERENÇAS NA CONDIÇÃO HUMANA DO HOMEM SOBRE A TERRA?	6	85,71%
DEUS EXISTE? QUEM É DEUS?	6	85,71%
É POSSÍVEL QUE PESSOAS SEJAM CURADAS POR OUTRAS PESSOAS POR INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS?	6	85,71%
EXISTE ALGUMA RAZÃO PARA AS NOSSAS SIMPATIAS E ANTIPATIAS PARA COM NOSSOS AMIGOS E PARENTES?	6	85,71%
EXISTEM OUTROS MUNDOS HABITADOS, COMO A TERRA	6	85,71%
OS ESPÍRITOS PODEM INFLUENCIAR A VIDA DAS PESSOAS, PARA O BEM OU PARA O MAL?	6	85,71%
OS ESPÍRITOS PODEM SE COMUNICAR COM AS PESSOAS VIVAS?	6	85,71%
EXISTE O DESTINO? COMO ELE É DEFINIDO, MODIFICADO, CUMPRIDO	5	71,43%
EXISTE O MILAGRE?	5	71,43%
OS ESPÍRITOS TÊM SEXO? COMO É A SUA SEXUALIDADE?	5	71,43%
QUAL A MELHOR INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA E DOS EVANGELHOS?	5	71,43%
VAI HAVER UM FIM DO MUNDO?	5	71,43%
EXISTEM ANJOS E DEMÔNIOS, CÉU E INFERNO?	4	57,14%
O QUE SE DEVE FAZER PARA SE OBTER A SALVAÇÃO?	4	57,14%
QUAL O PODER DOS AMULETOS, RITUAIS, TRABALHOS, MALDIÇÕES E TALISMÃS?	4	57,14%
TOTAL	7	-

Tabela 148 - Outras religiões - Quantidade de respondentes .

RESPONDENTES (OUTRAS)	6
--------------------------	---

Tabela 149 - Outras religiões - Sexo.

SEXO	Q	%
HOMENS OUTRAS	3	50,00%
MULHERES OUTRAS	3	50,00%
DECLARARAM	6	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	6	100,00%

Tabela 150 - Outras religiões - Origem.

CENSO 2000		ESTADOS	ESTA PESQUISA	
ESPÍRITAS			ESPÍRITAS	
4.190	0,11%	ACRE	0	0,00%
17.066	0,44%	ALAGOAS	0	0,00%
2.781	0,07%	AMAPÁ	0	0,00%
14.800	0,38%	AMAZONAS	0	0,00%
157.777	4,10%	BAHIA	0	0,00%
46.756	1,21%	CEARÁ	0	0,00%
89.836	2,33%	DISTRITO FEDERAL	0	0,00%
36.593	0,95%	ESPÍRITO SANTO	0	0,00%
147.740	3,84%	GOIÁS	0	0,00%
12.505	0,32%	MARANHÃO	0	0,00%
38.044	0,99%	MATO GROSSO	0	0,00%
46.610	1,21%	MATO GROSSO DO SUL	0	0,00%
419.094	10,89%	MINAS GERAIS	2	33,33%
33.924	0,88%	PARÁ	0	0,00%
23.175	0,60%	PARAÍBA	0	0,00%
108.805	2,83%	PARANÁ	0	0,00%
123.798	3,22%	PERNAMBUCO	0	0,00%
9.840	0,26%	PIAUÍ	0	0,00%
647.572	16,82%	RIO DE JANEIRO	0	0,00%
24.826	0,65%	RIO GRANDE DO NORTE	0	0,00%
343.784	8,93%	RIO GRANDE DO SUL	0	0,00%
8.905	0,23%	RONDÔNIA	0	0,00%
4.084	0,11%	RORAIMA	0	0,00%
98.973	2,57%	SANTA CATARINA	0	0,00%
1.356.193	35,24%	SÃO PAULO	4	66,67%
22.266	0,58%	SERGIPE	0	0,00%
8.940	0,23%	TOCANTINS	0	0,00%
		DECLARARAM	6	100,00%
		NÃO DECLARARAM	0	0,00%
3.848.877	100,00%	TOTAL	6	100,00%

Tabela 151 - Outras religiões - Escolaridade.

ESCOLARIDADE	Q	%	%
PÓS STRICTU	1	16,67%	100,00%
PÓS LATU	1	16,67%	
SUPERIOR	4	66,67%	
MÉDIO	0	0,00%	0,00%
FUNDAMENTAL	0	0,00%	
DECLARARAM	6	100,00%	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%	
TOTAL	6	100,00%	

Tabela 152 - Outras religiões - Renda.

RENDA	Q	%	%
AC 20 SM	0	0,00%	83,33%
AC 10 ATÉ 20 SM	2	33,33%	
AC 4 ATÉ 10 SM	3	50,00%	
AC 2 ATÉ 4 SM	1	16,67%	16,67%
ATÉ 2 SM	0	0,00%	
DECLARARAM	6	100,00%	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%	
TOTAL	6	100,00%	

Tabela 153 - Outras religiões - Idade.

IDADE	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	0	0,00%
ENTRE 21 E 30 ANOS	2	33,33%
ENTRE 31 E 40 ANOS	1	16,67%
ENTRE 41 E 50 ANOS	2	33,33%
ENTRE 51 E 60 ANOS	0	0,00%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	1	16,67%
DECLARARAM	6	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	6	100,00%

Tabela 154 - Outras religiões - Religião atual da família.

RELIGIÃO DA FAMÍLIA	Q	%
CATOLIC	2	66,67%
ESPIRITISMO	0	0,00%
PROTEST	0	0,00%
UMBANDA	1	33,33%
ORIENTAL	0	0,00%
AFRO	0	0,00%
NENHUMA	0	0,00%
OUTRA	0	0,00%
TOTAL	3	50,00%
NÃO DECLARARAM	3	50,00%
TOTAL	6	100,00%

Tabela 155 - Outras religiões - Idade que iniciou no Espiritismo.

IDADE EM QUE INICIOU	Q	%
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%
ENTRE 13 E 20 ANOS	1	16,67%
ENTRE 21 E 30 ANOS	3	50,00%
ENTRE 31 E 40 ANOS	0	0,00%
ENTRE 41 E 50 ANOS	1	16,67%
ENTRE 51 E 60 ANOS	1	16,67%
MAIOR DO QUE 60 ANOS	0	0,00%
DECLARARAM	6	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	6	100,00%

Tabela 156 - Outras religiões - Tempo de Espiritismo (média/anos).

TEMPO DE DOCTRINA (MÉDIA)	D	ND	TOTAL
10,5 (Média)	6	0	6
	100,00%	0,00%	100,00%

Tabela 157 - Outras religiões - Idade que iniciou no Espiritismo (média/anos).

INÍCIO NO ESPIRITISMO (IDADE)	D	ND	TOTAL
30,83 (Média)	6	0	6
	100,00%	0,00%	100,00%

Tabela 158 - Outras religiões - Como fez contato com o Espiritismo.

COMO FEZ CONTATO	Q	%
AMIGOS ESPÍRITAS	4	66,67%
PESSOA DA FAMÍLIA	1	16,67%
LIVRO OU PUBLICAÇÃO	1	16,67%
CENTRO ESPÍRITA	0	0,00%
EVENTO ESPÍRITA	0	0,00%
DECLARARAM	6	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	6	100,00%

Tabela 159 - Outras religiões - Frequência ao Centro Espírita.

FREQUENCIA AO CENTRO	Q	%
MAIS DE 2 X POR SEMANA	4	66,67%
1 X POR SEMANA	2	33,33%
2 X POR SEMANA	0	0,00%
RARAMENTE	0	0,00%
NÃO FREQUENTO	0	0,00%
TOTAL	6	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	6	100,00%

Tabela 160 - Outras religiões - Leitura espírita.

LEITURA ESPÍRITA	Q	%
KARDEC	6	100,00%
ROMANCE	5	83,33%
CHICO XAVIER	6	100,00%
JORNAL OU REVISTA	5	83,33%
APOSTILA	5	83,33%
NÃO LEU	0	0,00%
DECLARARAM	6	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	6	100,00%

Tabela 161 - Outras religiões - Religião com menos afinidade, antes de se tornar espírita.

MENOS AFINIDADE	Q	%
CATOLIC	0	0,00%
PROTEST	4	66,67%
UMBANDA	0	0,00%
AFRO	0	0,00%
ORIENTAL	2	33,33%
ESPIRITISMO	0	0,00%
NENHUMA	0	0,00%
OUTRA	0	0,00%
DECLARARAM	6	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	6	100,00%

Tabela 162 - Outras religiões - Espíritas em casa (atualmente).

ESPÍRITAS EM CASA	Q	%
A MAIORIA É ESPÍRITA	2	33,33%
APENAS EU	4	66,67%
A MAIORIA NÃO É ESPÍRITA	0	0,00%
DECLARARAM	6	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	6	100,00%

Tabela 163 - Outras religiões - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).

SIMPATIA PELO ESPIRITISMO	Q	%
A MAIORIA SIMPATIZA	3	50,00%
A MAIORIA NÃO SIMPATIZA	3	50,00%
DECLARARAM	6	100,00%
NÃO DECLARARAM	0	0,00%
TOTAL	6	100,00%

Tabela 164 - Outras religiões - Questões de crença e prática espíritas.

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Eu me considero espírita porque aceito o que o Espiritismo diz	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	4	66,67%
	DISCORDO	1	16,67%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	16,67%		
	CONCORDO	3	50,00%		
	CONCORDO TOTALMENTE	1	16,67%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%
Eu me considero espírita porque frequento o Centro Espírita	DISCORDO TOTALMENTE	1	20,00%	2	40,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	40,00%		
	CONCORDO	1	20,00%		
	CONCORDO TOTALMENTE	1	20,00%		
Responderam 5 (83,33%) dos 6 outras		5	100%	5	100,00%

(Continuação da Tabela 164 - Outras religiões - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Eu me considero espírita, mas não aceito bem alguns princípios espíritas.	DISCORDO TOTALMENTE	2	33,33%	6	100,00%
	DISCORDO	4	66,67%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na vida após a morte.	DISCORDO TOTALMENTE	1	16,67%	1	16,67%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	33,33%	2	33,33%
	CONCORDO	1	16,67%	3	50,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	2	33,33%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na reencarnação.	DISCORDO TOTALMENTE	2	33,33%	2	33,33%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	16,67%	1	16,67%
	CONCORDO	1	16,67%	3	50,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	2	33,33%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%
Antes de ser espírita eu já acreditava na comunicação com os espíritos.	DISCORDO TOTALMENTE	1	16,67%	2	33,33%
	DISCORDO	1	16,67%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	2	33,33%	4	66,67%
	CONCORDO TOTALMENTE	2	33,33%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%
Eu acredito na reencarnação da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	16,67%	1	16,67%
	CONCORDO	0	0,00%	5	83,33%
	CONCORDO TOTALMENTE	5	83,33%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%
Eu acredito na vida após a morte da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	1	16,67%	6	100,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	5	83,33%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%
Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Eu acredito na comunicação com os espíritos da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	0	0,00%	5	100,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	5	100,00%		
Responderam 5 (83,33%) dos 6 outras		5	100%	5	100,00%
Tive dificuldade em ir para o espiritismo pelo preconceito dos amigos e parentes.	DISCORDO TOTALMENTE	4	66,67%	5	83,33%
	DISCORDO	1	16,67%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	1	16,67%	1	16,67%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%

(Continuação da Tabela 164 - Outras religiões - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
Sinto falta no espiritismo de algumas coisas de outras religiões.	DISCORDO TOTALMENTE	6	100,00%	6	100,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%
Eu me considero espírita porque estudo e sigo a filosofia espírita.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	1	16,67%	6	100,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	5	83,33%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%
Eu, às vezes, ainda frequento os cultos da minha religião anterior.	DISCORDO TOTALMENTE	4	66,67%	4	66,67%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	1	16,67%	1	16,67%
	CONCORDO	1	16,67%	1	16,67%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%
Sinto que serei espírita para sempre.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	1	16,67%
	DISCORDO	1	16,67%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	1	16,67%	5	83,33%
	CONCORDO TOTALMENTE	4	66,67%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%
Ainda tenho dúvidas se o espiritismo será a minha religião definitiva.	DISCORDO TOTALMENTE	6	100,00%	6	100,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%
Eu frequento outra religião, além do espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	6	100,00%	6	100,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%
A minha religião anterior tem muito a ver com o espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	3	50,00%	4	66,67%
	DISCORDO	1	16,67%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	33,33%	2	33,33%
	CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO TOTALMENTE	0	0,00%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%
Quando me tornei espírita eu estava procurando uma nova religião.	DISCORDO TOTALMENTE	4	66,67%	4	66,67%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	1	16,67%	2	33,33%
	CONCORDO TOTALMENTE	1	16,67%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%

(Continuação da Tabela 164 - Outras religiões - Questões de crença e prática espíritas.)

Quesito	Opinião	Q	%	Q	%
A minha religião anterior é contrária ao espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	3	50,00%	3	50,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	2	33,33%	2	33,33%
	CONCORDO	0	0,00%		
	CONCORDO TOTALMENTE	1	16,67%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%
Entendi muito bem como deveria responder a esta pesquisa.	DISCORDO TOTALMENTE	0	0,00%	0	0,00%
	DISCORDO	0	0,00%		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	0	0,00%	0	0,00%
	CONCORDO	4	66,67%		
	CONCORDO TOTALMENTE	2	33,33%		
Responderam 6 (100%) dos 6 outras		6	100%	6	100,00%

Tabela 165 - Outras religiões - Motivação para se tornar espírita.

MOTIVAÇÃO PARA SE TORNAR ESPÍRITA	Q	%
SIMPATIZEI COM OS PRINCÍPIOS ESPÍRITAS	5	83,33%
ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO	3	50,00%
MUDEI A MINHA MANEIRA DE PENSAR A VIDA	3	50,00%
QUERIA PARTICIPAR DE ATIVIDADES ASSISTENCIAIS	2	33,33%
PARA ALCANÇAR CERTA PAZ INTERIOR	1	16,67%
TINHA MEDIUNIDADE E PRECISAVA DESENVOLVER	1	16,67%
LI UM LIVRO ESPÍRITA	1	16,67%
QUERIA MELHORAR O NÍVEL DE VIDA	1	16,67%
ESTAVA SOFRENDO E PROCURAVA UMA CONSOLAÇÃO	0	0,00%
DECEPCIONEI-ME COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	0	0,00%
GOSTEI DO AMBIENTE DO CENTRO ESPÍRITA	0	0,00%
ADIMIRAVA ALGUNS ESPÍRITAS COMO EXEMPLO DE VIDA	0	0,00%
INFLUÊNCIA DE PARENTES E AMIGOS	0	0,00%
QUERIA PRATICAR A MEDIUNIDADE	0	0,00%
ESTAVA DOENTE E ME CUREI NO ESPIRITISMO	0	0,00%
COSTUMAVA TOMAR PASSE NO CENTRO ESPÍRITA	0	0,00%
O ESPIRITISMO CUROU UMA PESSOA DA FAMÍLIA	0	0,00%
ELE É PARECIDO COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	0	0,00%
TOTAL	6	-

Tabela 166 - Outras religiões - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho".

QUESTÕES PERTINENTES AO QUESITO "ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO"	Q	%
DEUS EXISTE? QUEM É DEUS?	2	100,00%
PORQUE EXISTEM DIFERENÇAS NA CONDIÇÃO HUMANA DO HOMEM SOBRE A TERRA?	2	100,00%
QUAL RAZÃO DO SOFRIMENTO HUMANO?	2	100,00%
COMO SER FELIZ?	1	50,00%
É POSSÍVEL NASCER E RENASCER MUITAS VEZES?	1	50,00%
É POSSÍVEL QUE PESSOAS SEJAM CURADAS POR OUTRAS PESSOAS POR INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS?	1	50,00%

(Continuação da Tabela 166 - Outras religiões – Detalha quesito Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho.)

QUESTÕES PERTINENTES AO QUESITO "ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO"	Q	%
EXISTE ALGUMA RAZÃO PARA AS NOSSAS SIMPATIAS E ANTIPATIAS PARA COM NOSSOS AMIGOS E PARENTES?	1	50,00%
EXISTE O DESTINO? COMO ELE É DEFINIDO, MODIFICADO, CUMPRIDO	1	50,00%
EXISTE O MILAGRE?	1	50,00%
EXISTEM ANJOS E DEMÔNIOS, CÉU E INFERNO?	1	50,00%
EXISTEM OUTROS MUNDOS HABITADOS, COMO A TERRA	1	50,00%
HÁ VIDA APÓS A MORTE? COMO É ESSA VIDA APÓS A MORTE?	1	50,00%
O QUE É A MEDIUNIDADE? COMO PODE SER DESENVOLVIDA E EXERCIDA?	1	50,00%
O QUE SE DEVE FAZER PARA SE OBTER A SALVAÇÃO?	1	50,00%
OS ESPÍRITOS PODEM INFLUENCIAR A VIDA DAS PESSOAS, PARA O BEM OU PARA O MAL?	1	50,00%
OS ESPÍRITOS PODEM SE COMUNICAR COM AS PESSOAS VIVAS?	1	50,00%
OS ESPÍRITOS TÊM SEXO? COMO É A SUA SEXUALIDADE?	1	50,00%
QUAL A MELHOR INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA E DOS EVANGELHOS?	1	50,00%
QUAL O PODER DOS AMULETOS, RITUAIS, TRABALHOS, MALDIÇÕES E TALISMÃS?	1	50,00%
VAI HAVER UM FIM DO MUNDO?	1	50,00%
TOTAL	2	-

Tabela 167 - Sexo - Origem.

CENSO 2000		ESTADOS	Q	ESTA PESQUISA	
ESPÍRITAS				HOMENS	MULHERES
4.190	0,11%	ACRE	13 (0,6%)	5	8
17.066	0,44%	ALAGOAS	30 (1,3%)	9	21
2.781	0,07%	AMAPÁ	6 (0,3%)	2	4
14.800	0,38%	AMAZONAS	40 (1,8%)	17	22
157.777	4,10%	BAHIA	65 (2,9%)	12	51
46.756	1,21%	CEARÁ	72 (3,2%)	28	44
89.836	2,33%	DISTRITO FEDERAL	52 (2,3%)	22	30
36.593	0,95%	ESPÍRITO SANTO	19 (0,8%)	9	10
147.740	3,84%	GOIÁS	58 (2,6%)	24	33
12.505	0,32%	MARANHÃO	16 (0,7%)	4	12
38.044	0,99%	MATO GROSSO	25 (1,1%)	5	19
46.610	1,21%	MATO GROSSO DO SUL	31 (1,4%)	11	20
419.094	10,89%	MINAS GERAIS	331 (14,7 %)	125	205
33.924	0,88%	PARÁ	25 (1,1%)	12	13
23.175	0,60%	PARAÍBA	21 (0,9%)	9	12
108.805	2,83%	PARANÁ	67 (3%)	22	45
123.798	3,22%	PERNAMBUCO	24 (1,1%)	10	14
9.840	0,26%	PIAUÍ	37 (1,6%)	15	22
647.572	16,82%	RIO DE JANEIRO	234 (10,4%)	88	144
24.826	0,65%	RIO GRANDE DO NORTE	20 (0,9%)	9	11
343.784	8,93%	RIO GRANDE DO SUL	188 (8,3%)	55	133
8.905	0,23%	RONDÔNIA	25 (1,1%)	11	14
4.084	0,11%	RORAIMA	20 (0,9%)	4	16
98.973	2,57%	SANTA CATARINA	72 (3,2%)	17	54

(Continuação da Tabela 167 – Sexo - Origem.)

CENSO 2000		ESTADOS	Q	ESTA PESQUISA	
ESPÍRITAS				HOMENS	MULHERES
1.356.193	35,24%	SÃO PAULO	740 (32,8 %)	222	515
22.266	0,58%	SERGIPE	15 (0,7%)	6	9
8.940	0,23%	TOCANTINS	12 (0,5%)	6	6
		DECLARARAM	2258	759 (33,6 %)	1487 (65,9 %)
		NÃO DECLARARAM	23	11	11
3.848.877	100,00%	TOTAL	2281	770	1498

Tabela 168 - Sexo - Escolaridade.

ESCOLARIDADE	Q	%	%	H	M
PÓS STRICTU	208	9,16%	74,36%	84 (10,9%)	124 (8,3%)
PÓS LATU	537	23,66%		154 (20,1%)	382 (25,6%)
SUPERIOR	943	41,54%		322 (41,9%)	615 (41,1%)
MÉDIO	550	24,23%	25,64%	195 (25,4%)	355 (23,7%)
FUNDAMENTAL	32	1,41%		13 (1,7%)	19 (1,3%)
DECLARARAM	2270	100%	100%	768	1495
NÃO DECLARARAM	11	0,48%			18
TOTAL	2281	100,00%	100,00%		2281

Tabela 169 - Sexo - Renda.

RENDA	Q	%	%	H	M
AC 20 SM	164	7,34%	65,65%	85 (11,2%)	79 (5,4%)
AC 10 ATÉ 20 SM	455	20,38%		191 (25,1%)	262 (17,9%)
AC 4 ATÉ 10 SM	847	37,93%		291 (38,3%)	553 (37,7%)
AC 2 ATÉ 4 SM	567	25,39%	34,35%	138 (18,2%)	429 (29,3%)
ATÉ 2 SM	200	8,96%		55 (7,2%)	143 (9,8%)
DECLARARAM	2233	100,00%	100,00%	760	1466
NÃO DECLARARAM	48	2,10%	2,10%	55	
TOTAL	2281			2281	

Tabela 170 - Sexo - Idade.

IDADE	Q	%	H	M
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%	0 (0%)	0 (0%)
ENTRE 13 E 20 ANOS	53	2,39%	18 (2,4%)	34 (2,3%)
ENTRE 21 E 30 ANOS	465	20,96%	145 (19,4%)	316 (21,6%)
ENTRE 31 E 40 ANOS	555	25,02%	168 (22,5%)	386 (26,4%)
ENTRE 41 E 50 ANOS	599	27,01%	195 (26,1%)	401 (27,5%)
ENTRE 51 E 60 ANOS	400	18,03%	195 (26,1%)	401 (27,5%)
MAIOR DO QUE 60 ANOS	146	6,58%	76 (10,2%)	70 (4,8%)
DECLARARAM	2218	97,24%	747	1460
NÃO DECLARARAM	63	2,76%	74	
TOTAL	2281	100,00%	2281	

Tabela 171 - Sexo - Idade que iniciou no Espiritismo.

IDADE EM QUE INICIOU	Q	%	H	M
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%	0 (0%)	0 (0%)
ENTRE 13 E 20 ANOS	645	28,94%	231 (30,8%)	409 (27,9%)
ENTRE 21 E 30 ANOS	826	37,06%	244 (32,5%)	579 (39,4%)
ENTRE 31 E 40 ANOS	492	22,07%	166 (22,1%)	324 (22,1%)
ENTRE 41 E 50 ANOS	202	9,06%	81 (10,8%)	120 (8,2%)
ENTRE 51 E 60 ANOS	58	2,60%	81 (10,8%)	120 (8,2%)
MAIOR DO QUE 60 ANOS	6	0,27%	2 (0,3%)	4 (0,3%)
DECLARARAM	2229	97,72%	750	1468
NÃO DECLARARAM	52	2,28%	63	
TOTAL	2281	100,00%	2281	

Tabela 172 - Sexo - Tempo de Espiritismo (média/anos)

TEMPO DE DOCTRINA (MÉDIA)	H	M	D	ND	TOTAL
13,44	14,33	12,96	2278	3	2281

Tabela 173 - Sexo - Idade que iniciou no Espiritismo.

IDADE EM QUE INICIOU NA DOCTRINA	H	M	D	ND	TOTAL
27,88	27,48	27,18	2229	52	2281

Tabela 174 - Sexo - Religião anterior.

RELIGIÃO ANTERIOR	Q	%	H	M
CATOLIC	2039	89,39%	677 (87,9%)	1351 (90,2%)
PROTEST	120	5,26%	46 (6%)	74 (4,9%)
UMBANDA	58	2,54%	24 (3,1%)	33 (2,2%)
ORIENTAL	25	1,10%	8 (1%)	16 (1,1%)
NENHUMA	18	0,79%	7 (0,9%)	11 (0,7%)
AFRO	15	0,66%	5 (0,6%)	10 (0,7%)
ESPIRITISMO	0	0,00%	0 (0%)	0 (0%)
OUTRA	6	0,26%	3 (0,4%)	3 (0,2%)
DECLARARAM	2281	100,00%	770	1498
NÃO DECLARARAM	0	0,00%	13	
TOTAL	2281	100,00%	2281	

Tabela 175 - Sexo - Religião atual da família.

RELIGIÃO DA FAMÍLIA	Q	%	H	M
CATOLIC	1140	52,37%	371 (49,9%)	765 (53,7%)
ESPIRITISMO	894	41,07%	321 (43,2%)	567 (39,8%)
PROTEST	84	3,86%	33 (4,4%)	51 (3,6%)
UMBANDA	32	1,47%	5 (0,7%)	27 (1,9%)
ORIENTAL	13	0,60%	6 (0,8%)	7 (0,5%)
AFRO	8	0,37%	4 (0,5%)	4 (0,3%)
NENHUMA	5	0,23%	2 (0,3%)	3 (0,2%)
OUTRA	1	0,05%	1 (0,1%)	0 (0%)
DECLARARAM	2177	100,00%	743	1424
NÃO DECLARARAM	104	4,56%	114	
TOTAL	2281		2281	

Tabela 176 - Sexo - Espíritas em casa (atualmente).

ESPÍRITAS EM CASA	Q	%	H	M
A MAIORIA É ESPÍRITA	1205	52,83%	441 (57,5%)	758 (50,9%)
APENAS EU	839	36,78%	254 (33,1%)	581 (39%)
A MAIORIA NÃO É ESPÍRITA	223	9,78%	72 (9,4%)	150 (10,1%)
DECLARARAM	2267	99,39%	767	1489
NÃO DECLARARAM	14	0,61%	25	
TOTAL	2281	100,00%	2281	

Tabela 177 - Sexo - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).

SIMPATIA PELO ESPIRITISMO	Q	%	H	M
A MAIORIA SIMPATIZA	1934	86,34%	671 (88,6%)	1252 (85,1%)
A MAIORIA NÃO SIMPATIZA	306	13,66%	86 (11,4%)	220 (14,9%)
DECLARARAM	2240	100,00%	757	1472
NÃO DECLARARAM	41	1,80%	52	
TOTAL	2281		2281	

Tabela 178 - Sexo - Como fez contato.

COMO FEZ CONTATO	Q	%	H	M
AMIGOS ESPÍRITAS	755	33,10%	246 (31,9%)	503 (33,6%)
PESSOA DA FAMÍLIA	679	29,77%	234 (30,4%)	443 (29,6%)
LIVRO OU PUBLICAÇÃO	506	22,18%	170 (22,1%)	334 (22,3%)
CENTRO ESPÍRITA	270	11,84%	87 (11,3%)	181 (12,1%)
EVENTO ESPÍRITA	71	3,11%	33 (4,3%)	37 (2,5%)
DECLARARAM	2281	100,00%	770	1498
NÃO DECLARARAM	0	0,00%	13	
TOTAL	2281	100%	2281	

Tabela 179 - Sexo - Frequência ao Centro Espírita.

FREQUENCIA AO CENTRO	Q	%	H	M
MAIS DE 2 X POR SEMANA	579	25,46%	220 (28,6%)	357 (23,9%)
1 X POR SEMANA	752	33,07%	227 (29,5%)	520 (34,8%)
2 X POR SEMANA	553	24,32%	207 (26,9%)	344 (23%)
RARAMENTE	299	13,15%	89 (11,6%)	208 (13,9%)
NÃO FREQUENTO	91	4,00%	26 (3,4%)	65 (4,4%)
DECLARARAM	2274	100,00%	769	1494
NÃO DECLARARAM	7	0,31%	18	
TOTAL	2281		2281	

Tabela 180 - Sexo - Leitura espírita.

LEITURA ESPÍRITA	Q	%	H	M
KARDEC	2157	94,56%	741 (96,2%)	1406 (93,9%)
ROMANCE	2022	88,65%	647 (84%)	1367 (91,3%)
CHICO XAVIER	1988	87,15%	658 (85,5%)	1322 (88,3%)
JORNAL OU REVISTA	1744	76,46%	599 (77,8%)	1138 (76%)
APOSTILA	1638	71,81%	566 (73,5%)	1064 (71%)
NÃO LEU	13	0,57%	7 (0,9%)	6 (0,4%)
DECLARARAM	2281	100,00%	770	1498
NÃO DECLARARAM	0	0,00%	13	
TOTAL	2281	419%	2281	

Tabela 181 - Sexo - Religião com menos afinidade antes de se tornar espírita.

MENOS AFINIDADE	Q	%	H	M
PROTEST	950	43,12%	333 (44,7%)	613 (42,4%)
AFRO	651	29,55%	209 (28,1%)	438 (30,3%)
CATOLIC	291	13,21%	82 (11%)	207 (14,3%)
ORIENTAL	138	6,26%	56 (7,5%)	81 (5,6%)
UMBANDA	109	4,95%	32 (4,3%)	77 (5,3%)
ESPIRITISMO	36	1,63%	22 (3%)	14 (1%)
NENHUMA	15	0,68%	4 (0,5%)	11 (0,8%)
OUTRA	13	0,59%	7 (0,9%)	6 (0,4%)
DECLARARAM	2203	100,00%	745	1447
NÃO DECLARARAM	78	3,42%	89	
TOTAL	2281		2281	

Tabela 182 - Sexo - Questões de crença e prática espíritas.

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	H	M
Eu me considero espírita porque aceito o que o Espiritismo diz	DISCORDO TOTALMENTE	45	2,05%	161	7,34%	15 (2%)	29 (2%)
	DISCORDO	116	5,29%			40 (5,4%)	75 (5,2%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	233	10,63%	233	10,63%	84 (11,3%)	149 (10,4%)
	CONCORDO	868	39,60%	1798	82,03%	269 (36,2%)	592 (41,2%)
	CONCORDO TOTALMENTE	930	42,43%			335 (45,1%)	593 (41,2%)
TOTAL : 2192 respondentes de 2281 (96,1%)		2192	96,10%	2192	100,00%	743 (33,9%)	1438 (65,6%)
Eu me considero espírita porque frequento o Centro Espírita	DISCORDO TOTALMENTE	404	18,56%	1109	50,94%	147 (19,9%)	254 (17,7%)
	DISCORDO	705	32,38%			241 (32,7%)	460 (32,1%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	422	19,38%	422	19,38%	152 (20,6%)	269 (18,8%)
	CONCORDO	448	20,58%	646	29,67%	131 (17,8%)	316 (22,1%)
	CONCORDO TOTALMENTE	198	9,10%			66 (9%)	132 (9,2%)
TOTAL : 2177 respondentes de 2281 (95,4%)		2177	95,44%	2177	100,00%	737 (33,9%)	1431 (65,7%)
Eu me considero espírita, mas não aceito bem alguns princípios espíritas.	DISCORDO TOTALMENTE	1062	48,87%	1812	83,39%	373 (50,5%)	685 (48,1%)
	DISCORDO	750	34,51%			235 (31,8%)	509 (35,7%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	178	8,19%	178	8,19%	61 (8,3%)	117 (8,2%)
	CONCORDO	149	6,86%	183	8,42%	61 (8,3%)	88 (6,2%)
	CONCORDO TOTALMENTE	34	1,56%			8 (1,1%)	26 (1,8%)
TOTAL : 2173 respondentes de 2281 (95,3%)		2173	95,27%	2173	100,00%	738 (34%)	1425 (65,6%)
QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	H	M
Antes de ser espírita eu já acreditava na vida após a morte.	DISCORDO TOTALMENTE	84	3,83%	220	10,03%	30 (4%)	52 (3,6%)
	DISCORDO	136	6,20%			47 (6,3%)	89 (6,2%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	210	9,58%	210	9,58%	86 (11,5%)	123 (8,6%)
	CONCORDO	661	30,14%	1763	80,39%	235 (31,5%)	423 (29,5%)
	CONCORDO TOTALMENTE	1102	50,25%			348 (46,6%)	749 (52,2%)
TOTAL : 2193 respondentes de 2281 (96,1%)		2193	96,14%	2193	100,00%	746 (34%)	1436 (65,5%)

(Continuação da Tabela 182 - Sexo - Questões de crença e prática espíritas.)

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	H	M
Antes de ser espírita eu já acreditava na reencarnação.	DISCORDO TOTALMENTE	150	6,85%	433	19,76%	66 (8,9%)	82 (5,7%)
	DISCORDO	283	12,92%			101 (13,6%)	180 (12,5%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	356	16,25%	356	16,25%	156 (21,1%)	200 (13,9%)
	CONCORDO	582	26,56%	1402	63,99%	200 (27%)	379 (26,3%)
	CONCORDO TOTALMENTE	820	37,43%			218 (29,4%)	598 (41,6%)
TOTAL : 2191 respondentes de 2281 (96,1%)		2191	96,05%	2191	96,05%	741 (33,8%)	1439 (65,7%)
Antes de ser espírita eu já acreditava na comunicação com os espíritos.	DISCORDO TOTALMENTE	111	5,06%	303	13,80%	51 (6,9%)	58 (4%)
	DISCORDO	192	8,75%			78 (10,5%)	113 (7,8%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	270	12,30%	270	12,30%	128 (17,3%)	140 (9,7%)
	CONCORDO	738	33,62%	1622	73,90%	249 (33,6%)	487 (33,8%)
	CONCORDO TOTALMENTE	884	40,27%			236 (31,8%)	644 (44,7%)
TOTAL : 2195 respondentes de 2281 (96,2%)		2195	96,23%	2195	100,00%	742 (33,8%)	1442 (65,7%)
Eu acredito na reencarnação da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	13	0,59%	32	1,46%	5 (0,7%)	6 (0,4%)
	DISCORDO	19	0,87%			2 (0,3%)	17 (1,2%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	71	3,24%	71	3,24%	29 (3,9%)	42 (2,9%)
	CONCORDO	553	25,26%	2086	95,29%	180 (24,2%)	371 (25,9%)
	CONCORDO TOTALMENTE	1533	70,03%			529 (71%)	997 (69,6%)
TOTAL : 2189 respondentes de 2281 (96%)		2189	95,97%	2189	100,00%	745 (34%)	1433 (65,5%)
Eu acredito na vida após a morte da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	9	0,41%	22	1,01%	4 (0,5%)	4 (0,3%)
	DISCORDO	13	0,59%			2 (0,3%)	11 (0,8%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	69	3,15%	69	3,15%	25 (3,4%)	44 (3,1%)
	CONCORDO	568	25,96%	2097	95,84%	179 (24%)	387 (27%)
	CONCORDO TOTALMENTE	1529	69,88%			535 (71,8%)	987 (68,9%)
TOTAL : 2188 respondentes de 2281 (95,9%)		2188	95,92%	2188	100,00%	745 (34%)	1433 (65,5%)

(Continuação da Tabela 182 - Sexo - Questões de crença e prática espíritas.)

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	H	M
Eu acredito na comunicação com os espíritos da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	14	0,64%	26	1,19%	5 (0,7%)	8 (0,6%)
	DISCORDO	12	0,55%			2 (0,3%)	10 (0,7%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	62	2,84%	62	2,84%	25 (3,4%)	37 (2,6%)
	CONCORDO	611	28,03%	2092	95,96%	192 (25,8%)	417 (29,3%)
	CONCORDO TOTALMENTE	1481	67,94%			521 (69,9%)	953 (66,9%)
TOTAL : 2180 respondentes de 2281 (95,6%)		2180	95,57%	2180	100,00%	745 (34,2%)	1425 (65,4%)
Tive dificuldade em ir para o espiritismo pelo preconceito dos amigos e parentes.	DISCORDO TOTALMENTE	1045	47,89%	1603	73,46%	367 (49,7%)	672 (46,9%)
	DISCORDO	558	25,57%			184 (24,9%)	371 (25,9%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	185	8,48%	185	8,48%	71 (9,6%)	114 (8%)
	CONCORDO	254	11,64%	394	18,06%	79 (10,7%)	174 (12,1%)
	CONCORDO TOTALMENTE	140	6,42%			38 (5,1%)	102 (7,1%)
TOTAL : 2182 respondentes de 2281 (95,7%)		2182	95,66%	2182	100,00%	739 (33,9%)	1433 (65,7%)
Sinto falta no espiritismo de algumas coisas de outras religiões.	DISCORDO TOTALMENTE	1479	67,57%	1936	88,44%	529 (71,2%)	944 (65,7%)
	DISCORDO	457	20,88%			142 (19,1%)	313 (21,8%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	124	5,66%	124	5,66%	31 (4,2%)	92 (6,4%)
	CONCORDO	85	3,88%	129	5,89%	29 (3,9%)	55 (3,8%)
	CONCORDO TOTALMENTE	44	2,01%			12 (1,6%)	32 (2,2%)
TOTAL : 2189 responderam de 2281 (96%)		2189	95,97%	2189	100,00%	743 (33,9%)	1436 (65,6%)
Eu me considero espírita porque estudo e sigo a filosofia espírita.	DISCORDO TOTALMENTE	47	2,15%	147	6,72%	17 (2,3%)	28 (2%)
	DISCORDO	100	4,57%			28 (3,8%)	71 (5%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	231	10,55%	231	10,55%	82 (11%)	147 (10,3%)
	CONCORDO	831	37,96%	1811	82,73%	269 (36,1%)	559 (39%)
	CONCORDO TOTALMENTE	980	44,77%			349 (46,8%)	628 (43,8%)
TOTAL : 2189 respondentes de 2281 (96%)		2189	95,97%	2189	100,00%	745 (34%)	1433 (65,5%)

(Continuação da Tabela 182 - Sexo - Questões de crença e prática espíritas.)

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	H	M
Eu, às vezes, ainda frequento os cultos da minha religião anterior.	DISCORDO TOTALMENTE	1022	46,79%	1475	67,54%	396 (53,1%)	620 (43,4%)
	DISCORDO	453	20,74%			117 (15,7%)	336 (23,5%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	261	11,95%	261	11,95%	97 (13%)	163 (11,4%)
	CONCORDO	382	17,49%	448	20,51%	114 (15,3%)	265 (18,6%)
	CONCORDO TOTALMENTE	66	3,02%			22 (2,9%)	44 (3,1%)
TOTAL : 2184 respondentes de 2281 (95,7%)		2184	95,75%	2184	100,00%	746 (34,2%)	1428 (65,4%)
Sinto que serei espírita para sempre.	DISCORDO TOTALMENTE	18	0,82%	46	2,11%	4 (0,5%)	13 (0,9%)
	DISCORDO	28	1,28%			8 (1,1%)	20 (1,4%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	177	8,10%	177	8,10%	66 (8,9%)	109 (7,6%)
	CONCORDO	472	21,61%	1961	89,79%	149 (20,1%)	320 (22,3%)
	CONCORDO TOTALMENTE	1489	68,18%			513 (69,3%)	971 (67,8%)
TOTAL : 2184 respondentes de 2281 (95,7%)		2184	95,75%	2184	100,00%	740 (33,9%)	1433 (65,6%)
Ainda tenho dúvidas se o espiritismo será a minha religião definitiva.	DISCORDO TOTALMENTE	1516	69,96%	1946	89,80%	531 (71,8%)	980 (69,2%)
	DISCORDO	430	19,84%			132 (17,8%)	295 (20,8%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	128	5,91%	128	5,91%	44 (5,9%)	84 (5,9%)
	CONCORDO	69	3,18%	93	4,29%	24 (3,2%)	43 (3%)
	CONCORDO TOTALMENTE	24	1,11%			9 (1,2%)	15 (1,1%)
TOTAL : 2167 respondentes de 2281 (95%)		2167	95,00%	2167	100,00%	740 (34,1%)	1417 (65,4%)
A minha religião anterior tem muito a ver com o espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	780	35,90%	1488	68,48%	262 (35,3%)	512 (36,1%)
	DISCORDO	708	32,58%			234 (31,5%)	472 (33,3%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	448	20,62%	448	20,62%	155 (20,9%)	292 (20,6%)
	CONCORDO	189	8,70%	237	10,91%	68 (9,2%)	119 (8,4%)
	CONCORDO TOTALMENTE	48	2,21%			24 (3,2%)	24 (1,7%)
TOTAL : 2173 respondentes de 2281 (95,3%)		2173	95,27%	2173	100,00%	743 (34,2%)	1419 (65,3%)

(Continuação da Tabela 182 - Sexo - Questões de crença e prática espíritas.)

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	H	M
Quando me tornei espírita eu estava procurando uma nova religião.	DISCORDO TOTALMENTE	617	28,38%	1239	56,99%	236 (31,8%)	377 (26,5%)
	DISCORDO	622	28,61%			188 (25,3%)	432 (30,4%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	394	18,12%	394	18,12%	145 (19,5%)	248 (17,4%)
	CONCORDO	333	15,32%	541	24,89%	108 (14,6%)	224 (15,8%)
	CONCORDO TOTALMENTE	208	9,57%			65 (8,8%)	141 (9,9%)
TOTAL : 2174 respondentes de 2281 (95,3%)		2174	95,31%	2174	100,00%	742 (34,1%)	1422 (65,4%)
A minha religião anterior é contrária ao espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	252	11,62%	624	28,77%	69 (9,3%)	178 (12,6%)
	DISCORDO	372	17,15%			113 (15,2%)	257 (18,1%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	543	25,03%	543	25,03%	197 (26,5%)	346 (24,4%)
	CONCORDO	611	28,17%	1002	46,20%	216 (29,1%)	393 (27,7%)
	CONCORDO TOTALMENTE	391	18,03%			147 (19,8%)	243 (17,1%)
TOTAL : 2169 respondentes de 2281 (95,1%)		2169	95,09%	2169	100,00%	742 (34,2%)	1417 (65,3%)
Entendi muito bem como deveria responder a esta pesquisa.	DISCORDO TOTALMENTE	26	1,19%	51	2,33%	6 (0,8%)	19 (1,3%)
	DISCORDO	25	1,14%			10 (1,3%)	15 (1%)
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	68	3,11%	68	3,11%	16 (2,2%)	52 (3,6%)
	CONCORDO	657	30,03%	2069	94,56%	206 (27,8%)	447 (31,1%)
	CONCORDO TOTALMENTE	1412	64,53%			504 (67,9%)	903 (62,9%)
TOTAL : 2188 respondentes de 2281 (95,9%)		2188	95,92%	2188	100,00%	742 (33,9%)	1436 (65,6%)

Tabela 183 - Idade - Origem.

CENSO 2000		ESTADOS	Q (%)	ESTA PESQUISA						
ESPÍRITAS				13 A 20	21 A 30	31 A 40	41 A 50	51 A 60	> 60	ND
4.190	0,11%	ACRE	13 (0,6%)	1	4	3	4	1	0	0
17.066	0,44%	ALAGOAS	30 (1,3%)	3	14	5	7	0	1	0
2.781	0,07%	AMAPÁ	6 (0,3%)	1	1	3	0	1	0	0
14.800	0,38%	AMAZONAS	40 (1,8%)	4	10	12	11	1	2	0
157.777	4,10%	BAHIA	65 (2,9%)	2	16	18	15	13	0	1
46.756	1,21%	CEARÁ	72 (3,2%)	2	18	19	24	7	2	0
89.836	2,33%	DISTRITO FEDERAL	52 (2,3%)	0	7	13	11	12	8	1
36.593	0,95%	ESPÍRITO SANTO	19 (0,8%)	0	3	1	7	4	3	1
147.740	3,84%	GOIÁS	58 (2,6%)	0	19	8	19	8	3	1
12.505	0,32%	MARANHÃO	16 (0,7%)	0	5	2	5	2	1	1
38.044	0,99%	MATO GROSSO	25 (1,1%)	0	4	9	1	5	3	3
46.610	1,21%	MATO GROSSO DO SUL	31 (1,4%)	2	4	3	13	7	0	2
419.094	10,89%	MINAS GERAIS	331 (14,7 %)	6	67	84	94	55	24	1
33.924	0,88%	PARÁ	25 (1,1%)	1	7	5	10	1	1	0
23.175	0,60%	PARAÍBA	21 (0,9%)	1	8	2	4	4	1	1
108.805	2,83%	PARANÁ	67 (3%)	2	18	14	21	9	3	0
123.798	3,22%	PERNAMBUCO	24 (1,1%)	0	7	8	6	3	0	0
9.840	0,26%	PIAUI	37 (1,6%)	2	19	8	3	5	0	0
647.572	16,82%	RIO DE JANEIRO	234 (10,4%)	5	32	47	51	66	29	4
24.826	0,65%	RIO GRANDE DO NORTE	20 (0,9%)	0	4	9	4	3	0	0
343.784	8,93%	RIO GRANDE DO SUL	188 (8,3%)	3	27	48	48	45	14	3
8.905	0,23%	RONDÔNIA	25 (1,1%)	1	8	5	8	2	0	1
4.084	0,11%	RORAIMA	20 (0,9%)	1	6	3	7	2	1	0
98.973	2,57%	SANTA CATARINA	72 (3,2%)	0	13	22	27	8	2	0
1.356.193	35,24%	SÃO PAULO	740 (32,8 %)	14	126	197	187	130	46	40
22.266	0,58%	SERGIPE	15 (0,7%)	1	9	3	1	0	0	1
8.940	0,23%	TOCANTINS	12 (0,5%)	0	2	3	4	2	1	0
		DECLARARAM	2258	52 (2,3%)	458 (20,3%)	554 (24,5%)	592 (26,2%)	396 (17,5%)	145 (6,4%)	61 (2,7%)
		Ñ DECLARARAM	23	84 (3,7 %)						
3.848.877	100,00%	TOTAL	2281	645	826	492	199	58	6	

Tabela 184 - Idade - Tempo de Espiritismo (média/anos).

TEMPO DE DOCTRINA (MÉDIA)	MÉDIA	Q	%
13 A 20	3,06	53	2,39%
21 A 30	6,10	465	20,97%
31 A 40	10,38	555	25,03%
41 A 50	15,47	598	26,97%
51 A 60	20,22	400	18,04%
MAIS DE 60	26,75	146	6,59%
DECLARARAM	2217		97,19%
NÃO DECLARARAM	64		2,81%
TOTAL	2281		100,00%

Tabela 185 - Idade - Início o Espiritismo (média/anos).

INÍCIO NA DOCTRINA (MÉDIA)	MÉDIA	Q	%
13 A 20	16,97	52	2,35%
21 A 30	25,69	465	20,97%
31 A 40	35,36	555	25,03%
41 A 50	44,84	599	27,02%
51 A 60	54,21	400	18,04%
MAIS DE 60	64,17	146	6,59%
DECLARARAM	2217		97,19%
NÃO DECLARARAM	64		2,81%
TOTAL	2281		100,00%

Tabela 186 - Idade - Religião anterior.

RELIGIÃO ANTERIOR	CATOLIC	PROTEST	UMBANDA	AFRO	ORIENTAL	NENHUMA	OUTRA
13 A 20	46 (2,3 %)	4 (3,4 %)	0 (0 %)	0 (0 %)	1 (4,3 %)	2 (11,1 %)	0 (0 %)
21 A 30	422 (21,3 %)	23 (19,8 %)	8 (8,5 %)	1 (7,1 %)	4 (17,4 %)	5 (27,8 %)	2 (33,3 %)
31 A 40	498 (25,1 %)	31 (26,7 %)	15 (16 %)	4 (28,6 %)	1 (4,3 %)	5 (27,8 %)	1 (16,7 %)
41 A 50	539 (27,2 %)	23 (19,8 %)	19 (20,2 %)	3 (21,4 %)	9 (39,1 %)	4 (22,2 %)	2 (33,3 %)
51 A 60	349 (17,6 %)	28 (24,1 %)	9 (9,6 %)	5 (35,7 %)	7 (30,4 %)	2 (11,1 %)	0 (0 %)
MAIS DE 60	130 (6,6 %)	7 (6 %)	6 (6,4 %)	1 (7,1 %)	1 (4,3 %)	0 (0 %)	1 (16,7 %)
DECLARARAM	1984	116	57	14	23	18	6
NÃO DECLARARAM	63						
TOTAL	2281						

Tabela 187 - Idade - Religião atual da família.

RELIGIÃO DA FAMÍLIA	CATOLIC	PROTEST	UMBANDA	AFRO	ORIENTAL	NENHUMA	OUTRA	ESPIRITISMO
13 A 20	32 (2,9 %)	3 (3,6 %)	2 (1,1 %)	1 (12,5 %)	1 (7,7 %)	0 (0 %)	0 (0 %)	11 (1,3 %)
21 A 30	280 (25,3 %)	25 (29,8 %)	9 (4,8 %)	0 (0 %)	0 (0 %)	2 (40 %)	0 (0 %)	136 (15,7 %)
31 A 40	308 (27,8 %)	20 (23,8 %)	6 (3,2 %)	3 (37,5 %)	2 (15,4 %)	2 (40 %)	0 (0 %)	189 (21,7 %)
41 A 50	285 (25,8 %)	14 (16,7 %)	10 (5,3 %)	1 (12,5 %)	3 (23,1 %)	0 (0 %)	0 (0 %)	257 (29,6 %)
51 A 60	153 (13,8 %)	18 (21,4 %)	4 (2,1 %)	3 (37,5 %)	5 (38,5 %)	0 (0 %)	1 (100 %)	196 (22,6 %)
MAIS DE 60	48 (4,3 %)	4 (4,8 %)	1 (0,5 %)	0 (0 %)	2 (15,4 %)	1 (20 %)	0 (0 %)	80 (9,2 %)
DECLARARAM	1106	84	32	8	13	5	1	869
NÃO DECLARARAM	163							
TOTAL	2281							

Tabela 188 - Idade - Religião com menos afinidade, antes de se tornar espírita.

MENOS AFINIDADE	CATOLIC	PROTEST	UMBANDA	AFRO	ORIENTAL	NENHUMA	OUTRA	ESPIRITISMO
13 A 20	11 (3,9 %)	21 (2,2 %)	1 (1 %)	12 (1,9 %)	3 (2,2 %)	0 (0 %)	0 (0 %)	3 (8,3 %)
21 A 30	55 (19,6 %)	220 (23,3 %)	26 (24,8 %)	123 (19 %)	27 (19,9 %)	1 (6,7 %)	1 (8,3 %)	3 (8,3 %)
31 A 40	83 (29,5 %)	230 (24,4 %)	30 (28,6 %)	150 (23,2 %)	31 (22,8 %)	2 (13,3 %)	5 (41,7 %)	12 (33,3 %)
41 A 50	62 (22,1 %)	262 (27,8 %)	27 (25,7 %)	187 (28,9 %)	40 (29,4 %)	5 (33,3 %)	2 (16,7 %)	8 (22,2 %)
51 A 60	54 (19,2 %)	163 (17,3 %)	14 (13,3 %)	127 (19,6 %)	23 (16,9 %)	5 (33,3 %)	2 (16,7 %)	4 (11,1 %)
MAIS DE 60	16 (5,7 %)	47 (5 %)	7 (6,7 %)	48 (7,4 %)	12 (8,8 %)	2 (13,3 %)	2 (16,7 %)	6 (16,7 %)
DECLARARAM	281	943	105	647	136	15	12	36
NÃO DECLARARAM	106							
TOTAL	2281							

Tabela 189 - Idade - Escolaridade.

ESCOLARIDADE	FUNDAMENTAL	MÉDIO	SUPERIOR	PÓS LATU	PÓS STRICTU
13 A 20	1 (0,6 %)	25 (15,5 %)	26 (16,1 %)	0 (0 %)	0 (0 %)
21 A 30	3 (1,9 %)	81 (50,3 %)	251 (155,9 %)	93 (57,8 %)	34 (21,1 %)
31 A 40	2 (1,2 %)	115 (71,4 %)	204 (126,7 %)	163 (101,2 %)	71 (44,1 %)
41 A 50	5 (3,1 %)	156 (96,9 %)	219 (136 %)	155 (96,3 %)	60 (37,3 %)
51 A 60	11 (6,8 %)	108 (67,1 %)	161 (100 %)	85 (52,8 %)	34 (21,1 %)
MAIS DE 60	6 (3,7 %)	44 (27,3 %)	61 (37,9 %)	28 (17,4 %)	6 (3,7 %)
DECLARARAM	28	529	922	524	205
NÃO DECLARARAM	73				
TOTAL	2281				

Tabela 190 - Idade - Espíritas em casa (atualmente).

EM MINHA CASA	A MAIORIA É ESPÍRITA	APENAS EU SOU ESPÍRITA	A MAIORIA NÃO É ESPÍRITA
13 A 20	15 (1,3 %)	33 (4 %)	4 (1,9 %)
21 A 30	186 (15,8 %)	232 (28,3 %)	47 (21,9 %)
31 A 40	277 (23,5 %)	218 (26,6 %)	60 (27,9 %)
41 A 50	358 (30,4 %)	184 (22,4 %)	55 (25,6 %)
51 A 60	246 (20,9 %)	117 (14,3 %)	36 (16,7 %)
MAIS DE 60	97 (8,2 %)	36 (4,4 %)	13 (6 %)
DECLARARAM	1179	820	215
NÃO DECLARARAM	67		
TOTAL	2281		

Tabela 191 - Idade - Frequência ao Centro Espírita.

FREQUENCIA AO CENTRO	MAIS DE 2 X POR SEMANA	2 X POR SEMANA	1 X POR SEMANA	RARAMENTE	NÃO FREQUENTO
13 A 20	7 (1,2 %)	7 (1,3 %)	21 (2,9 %)	11 (3,8 %)	6 (6,7 %)
21 A 30	67 (11,8 %)	101 (18,7 %)	183 (25,4 %)	88 (30 %)	26 (28,9 %)
31 A 40	109 (19,2 %)	143 (26,4 %)	205 (28,4 %)	74 (25,3 %)	24 (26,7 %)
41 A 50	185 (32,6 %)	157 (29 %)	168 (23,3 %)	68 (23,2 %)	19 (21,1 %)
51 A 60	147 (25,9 %)	89 (16,5 %)	115 (16 %)	37 (12,6 %)	11 (12,2 %)
MAIS DE 60	52 (9,2 %)	44 (8,1 %)	29 (4 %)	15 (5,1 %)	4 (4,4 %)
DECLARARAM	567	541	721	293	90
NÃO DECLARARAM	69				
TOTAL	2281				

Tabela 192 - Idade - Como fez contato.

COMO FEZ CONTATO?	AMIGOS ESPÍRITAS	PESSOA DA FAMÍLIA	LIVRO OU PUBLICAÇÃO	CENTRO ESPÍRITA	EVENTO ESPÍRITA
13 A 20	17 (2,3 %)	16 (2,4 %)	14 (2,8 %)	6 (2,3 %)	0 (0 %)
21 A 30	142 (19,3 %)	161 (24,2 %)	102 (20,6 %)	51 (19,8 %)	9 (13,4 %)
31 A 40	189 (25,7 %)	157 (23,6 %)	124 (25,1 %)	70 (27,1 %)	15 (22,4 %)
41 A 50	200 (27,2 %)	167 (25,2 %)	151 (30,5 %)	65 (25,2 %)	16 (23,9 %)
51 A 60	138 (18,8 %)	125 (18,8 %)	71 (14,3 %)	52 (20,2 %)	14 (20,9 %)
MAIS DE 60	48 (6,5 %)	38 (5,7 %)	33 (6,7 %)	14 (5,4 %)	13 (19,4 %)
DECLARARAM	734	664	495	258	67
NÃO DECLARARAM	63				
TOTAL	2281				

Tabela 193 - Idade - Renda.

RENDA FAMILIAR	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
13 A 20	13 (6,7 %)	19 (3,4 %)	13 (1,6 %)	5 (1,1 %)	1 (0 %)
21 A 30	58 (29,7 %)	138 (25 %)	160 (19,5 %)	90 (20,2 %)	11 (0 %)
31 A 40	53 (27,2 %)	138 (25 %)	214 (26,1 %)	97 (21,8 %)	44 (0 %)
41 A 50	40 (20,5 %)	146 (26,4 %)	226 (27,6 %)	122 (27,4 %)	53 (0 %)
51 A 60	27 (13,8 %)	81 (14,7 %)	151 (18,4 %)	98 (22 %)	35 (0 %)
MAIS DE 60	4 (2,1 %)	30 (5,4 %)	55 (6,7 %)	33 (7,4 %)	17 (0 %)
DECLARARAM	195	552	819	445	161
NÃO DECLARARAM	109				
TOTAL	2281				

Tabela 194 - Idade - Questões de crença e prática espíritas.

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	13 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	>60	D	ND	TOTAL
Eu me considero espírita porque aceito o que o Espiritismo diz	DISCORDO TOTALMENTE	45	2,05	161	7,34	1	8	11	12	9	0	41	148	2281
	DISCORDO	116	5,29			4	31	24	32	21	3	115		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	233	10,63	233	10,63	13	54	76	45	26	13	227		
	CONCORDO	868	39,60	1798	82,03	15	188	212	236	146	50	847		
	CONCORDO TOTALMENTE	930	42,43			16	172	215	252	178	70	903		
TOTAL : 2192 respondentes de 2281 (96,1)		2192	96,10	2192	96,10	49	453	538	577	380	136	2133		
Eu me considero espírita porque frequento o Centro Espírita	DISCORDO TOTALMENTE	404	18,56	1109	50,94	10	88	84	106	78	32	398	162	2281
	DISCORDO	705	32,38			21	134	154	197	132	43	681		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	422	19,38	422	19,38	10	101	116	101	61	22	411		
	CONCORDO	448	20,58	646	29,67	5	84	138	108	67	31	433		
	CONCORDO TOTALMENTE	198	9,10			3	43	46	61	38	5	196		
TOTAL : 2177 respondentes de 2281 (95,4)		2177	95,44	2177	95,44	49	450	538	573	376	133	2119		
Eu me considero espírita, mas não aceito bem alguns princípios espíritas.	DISCORDO TOTALMENTE	1062	48,87	1812	83,39	24	214	256	286	194	63	1037	167	2281
	DISCORDO	750	34,51			17	166	197	189	116	47	732		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	178	8,19	178	8,19	5	45	41	47	25	11	174		
	CONCORDO	149	6,86	183	8,42	3	19	32	42	34	9	139		
	CONCORDO TOTALMENTE	34	1,56			0	9	6	9	6	2	32		
TOTAL : 2173 respondentes de 2281 (95,3)		2173	95,27	2173	95,27	49	453	532	573	375	132	2114		

(Continuação da Tabela 194 - Idade - Questões de crença e prática espíritas.)

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	13 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	>60	D	ND	TOTAL
Antes de ser espírita eu já acreditava na vida após a morte.	DISCORDO TOTALMENTE	84	3,83	220	10,03	1	15	17	18	17	13	81	145	2281
	DISCORDO	136	6,20			0	23	31	37	28	12	131		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	210	9,58	210	9,58	4	36	55	53	44	14	206		
	CONCORDO	661	30,14	1763	80,39	18	126	138	180	135	45	642		
	CONCORDO TOTALMENTE	1102	50,25			27	255	297	286	155	56	1076		
TOTAL : 2193 respondentes de 2281 (96,1)		2193	96,14	2193	96,14	50	455	538	574	379	140	2136		
Antes de ser espírita eu já acreditava na reencarnação.	DISCORDO TOTALMENTE	150	6,85	433	19,76	3	30	31	38	26	19	147	150	2281
	DISCORDO	283	12,92			4	51	62	77	58	22	274		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	356	16,25	356	16,25	11	66	95	85	70	19	346		
	CONCORDO	582	26,56	1402	63,99	14	120	125	158	116	33	566		
	CONCORDO TOTALMENTE	820	37,43			17	186	222	215	112	46	798		
TOTAL : 2191 respondentes de 2281 (96,1)		2191	96,05	2191	96,05	49	453	535	573	382	139	2131		
Antes de ser espírita eu já acreditava na comunicação com os espíritos.	DISCORDO TOTALMENTE	111	5,06	303	13,80	1	24	24	24	19	17	109	146	2281
	DISCORDO	192	8,75			4	32	41	51	41	18	187		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	270	12,30	270	12,30	6	51	62	80	53	14	266		
	CONCORDO	738	33,62	1622	73,90	17	139	172	202	143	42	715		
	CONCORDO TOTALMENTE	884	40,27			21	208	238	219	124	48	858		
TOTAL : 2195 respondentes de 2281 (96,2)		2195	96,23	2195	96,23	49	454	537	576	380	139	2135		

(Continuação da Tabela 194 - Idade - Questões de crença e prática espíritas.)

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	13 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	>60	D	ND	TOTAL
Eu acredito na reencarnação da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	13	0,59	32	1,46	0	2	2	2	3	3	12	153	2281
	DISCORDO	19	0,87			0	4	5	3	4	3	19		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	71	3,24	71	3,24	2	16	17	22	5	5	67		
	CONCORDO	553	25,26	2086	95,29	14	114	129	152	94	31	534		
	CONCORDO TOTALMENTE	1533	70,03			34	316	384	394	271	97	1496		
TOTAL : 2189 respondentes de 2281 (96)		2189	95,97	2189	95,97	50	452	537	573	377	139	2128		
Eu acredito na vida após a morte da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	9	0,41	22	1,01	0	1	1	2	1	3	8	152	2281
	DISCORDO	13	0,59			0	4	0	5	3	1	13		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	69	3,15	69	3,15	1	16	19	11	16	5	68		
	CONCORDO	568	25,96	2097	95,84	16	119	130	162	86	33	546		
	CONCORDO TOTALMENTE	1529	69,88			32	311	384	395	274	98	1494		
TOTAL : 2188 respondentes de 2281 (95,9)		2188	95,92	2188	95,92	49	451	534	575	380	140	2129		
Eu acredito na comunicação com os espíritos da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	14	0,64	26	1,19	0	2	2	3	1	4	12	159	2281
	DISCORDO	12	0,55			1	2	3	4	1	1	12		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	62	2,84	62	2,84	1	20	17	9	9	4	60		
	CONCORDO	611	28,03	2092	95,96	14	117	140	185	98	35	589		
	CONCORDO TOTALMENTE	1481	67,94			32	311	372	373	265	96	1449		
TOTAL : 2180 respondentes de 2281 (95,6)		2180	95,57	2180	95,57	48	452	534	574	374	140	2122		

(Continuação da Tabela 194 - Idade - Questões de crença e prática espíritas.)

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	13 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	>60	D	ND	TOTAL
Tive dificuldade em ir para o espiritismo pelo preconceito dos amigos e parentes.	DISCORDO TOTALMENTE	1045	47,89	1603	73,46	17	201	243	304	184	70	1019	158	2281
	DISCORDO	558	25,57			13	96	139	142	116	35	541		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	185	8,48	185	8,48	7	44	49	40	31	10	181		
	CONCORDO	254	11,64	394	18,06	7	68	69	61	30	13	248		
	CONCORDO TOTALMENTE	140	6,42			6	42	34	27	18	7	134		
TOTAL : 2182 respondentes de 2281 (95,7)		2182	95,66	2182	95,66	50	451	534	574	379	135	2123		
QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	13 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	>60	D	ND	TOTAL
Sinto falta no espiritismo de algumas coisas de outras religiões.	DISCORDO TOTALMENTE	1479	67,57	1936	88,44	28	297	351	397	270	95	1438	150	2281
	DISCORDO	457	20,88			10	92	120	114	78	33	447		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	124	5,66	124	5,66	4	35	33	33	13	5	123		
	CONCORDO	85	3,88	129	5,89	6	19	23	23	9	1	81		
	CONCORDO TOTALMENTE	44	2,01			1	13	7	11	6	4	42		
TOTAL : 2189 respondentes de 2281 (96)		2189	95,97	2189	95,97	49	456	534	578	376	138	2131		
Eu me considero espírita porque estudo e sigo a filosofia espírita.	DISCORDO TOTALMENTE	47	2,15	147	6,72	1	11	10	14	5	4	45	151	2281
	DISCORDO	100	4,57			4	21	28	25	15	1	94		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	231	10,55	231	10,55	7	60	72	49	30	5	223		
	CONCORDO	831	37,96	1811	82,73	17	180	201	217	139	53	807		
	CONCORDO TOTALMENTE	980	44,77			21	182	222	269	192	75	961		
TOTAL : 2189 respondentes de 2281 (96)		2189	95,97	2189	95,97	50	454	533	574	381	138	2130		

(Continuação da Tabela 194 - Idade - Questões de crença e prática espíritas.)

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	13 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	>60	D	ND	TOTAL
Eu, às vezes, ainda frequento os cultos da minha religião anterior.	DISCORDO TOTALMENTE	1022	46,79	1475	67,54	25	191	239	288	180	69	992	158	2281
	DISCORDO	453	20,74			5	86	121	125	78	30	445		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	261	11,95	261	11,95	7	62	66	64	48	9	256		
	CONCORDO	382	17,49	448	20,51	11	95	89	86	62	22	365		
	CONCORDO TOTALMENTE	66	3,02			1	19	16	11	12	6	65		
TOTAL : 2184 respondentes de 2281 (95,7)		2184	95,75	2184	95,75	49	453	531	574	380	136	2123		
Sinto que serei espírita para sempre.	DISCORDO TOTALMENTE	18	0,82	46	2,11	0	1	6	4	4	2	17	158	2281
	DISCORDO	28	1,28			1	3	6	8	7	2	27		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	177	8,10	177	8,10	6	32	48	44	28	9	167		
	CONCORDO	472	21,61	1961	89,79	13	112	101	132	82	21	461		
	CONCORDO TOTALMENTE	1489	68,18			29	300	374	388	258	102	1451		
TOTAL : 2184 respondentes de 2281 (95,7)		2184	95,75	2184	95,75	49	448	535	576	379	136	2123		
Ainda tenho dúvidas se o espiritismo será a minha religião definitiva.	DISCORDO TOTALMENTE	1516	69,96	1946	89,80	30	316	373	402	262	93	1476	175	2281
	DISCORDO	430	19,84			11	85	99	121	73	29	418		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	128	5,91	128	5,91	4	33	34	26	19	7	123		
	CONCORDO	69	3,18	93	4,29	3	13	14	18	15	2	65		
	CONCORDO TOTALMENTE	24	1,11			0	4	6	5	3	6	24		
TOTAL : 2167 respondentes de 2281 (95)		2167	95,00	2167	95,00	48	451	526	572	372	137	2106		

(Continuação da Tabela 194 - Idade - Questões de crença e prática espíritas.)

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	13 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	>60	D	ND	TOTAL
Eu frequento outra religião, além do espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	1373	62,95	1804	82,71	23	273	334	359	256	91	1336	160	2281
	DISCORDO	431	19,76			10	77	93	134	76	28	418		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	143	6,56	143	6,56	10	43	40	32	10	4	139		
	CONCORDO	179	8,21	234	10,73	5	43	49	41	28	9	175		
	CONCORDO TOTALMENTE	55	2,52			1	16	14	9	10	3	53		
TOTAL : 2181 respondentes de 2281 (95,6)		2181	95,62	2181	95,62	49	452	530	575	380	135	2121		
A minha religião anterior tem muito a ver com o espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	780	35,90	1488	68,48	22	140	192	209	142	54	759	169	2281
	DISCORDO	708	32,58			13	143	177	191	125	38	687		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	448	20,62	448	20,62	9	114	117	111	69	18	438		
	CONCORDO	189	8,70	237	10,91	3	42	36	55	32	14	182		
	CONCORDO TOTALMENTE	48	2,21			1	11	5	7	11	11	46		
TOTAL : 2173 respondentes de 2281 (95,3)		2173	95,27	2173	95,27	48	450	527	573	379	135	2112		
Quando me tornei espírita eu estava procurando uma nova religião.	DISCORDO TOTALMENTE	617	28,38	1239	56,99	14	149	158	158	84	37	600	167	2281
	DISCORDO	622	28,61			14	123	159	175	95	39	605		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	394	18,12	394	18,12	9	81	104	98	67	23	382		
	CONCORDO	333	15,32	541	24,89	3	62	62	86	87	23	323		
	CONCORDO TOTALMENTE	208	9,57			7	36	47	53	46	15	204		
TOTAL : 2174 respondentes de 2281 (95,3)		2174	95,31	2174	95,31	47	451	530	570	379	137	2114		

(Continuação da Tabela 194 - Idade - Questões de crença e prática espíritas.)

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	13 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	>60	D	ND	TOTAL
A minha religião anterior é contrária ao espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	252	11,62	624	28,77	5	70	59	68	26	16	244	172	2281
	DISCORDO	372	17,15			6	68	91	94	83	22	364		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	543	25,03	543	25,03	10	136	140	139	78	28	531		
	CONCORDO	611	28,17	1002	46,20	18	102	144	170	109	48	591		
	CONCORDO TOTALMENTE	391	18,03			11	74	93	101	76	24	379		
TOTAL : 2169 respondentes de 2281 (95,1)		2169	95,09	2169	95,09	50	450	527	572	372	138	2109		
Entendi muito bem como deveria responder a esta pesquisa.	DISCORDO TOTALMENTE	26	1,19	51	2,33	0	3	2	10	7	3	25	154	2281
	DISCORDO	25	1,14			0	5	3	9	7	1	25		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	68	3,11	68	3,11	1	14	19	14	11	7	66		
	CONCORDO	657	30,03	2069	94,56	12	132	162	184	118	29	637		
	CONCORDO TOTALMENTE	1412	64,53			37	301	349	355	233	99	1374		
TOTAL : 2188 respondentes de 2281 (95,9)		2188	95,92	2188	95,92	50	455	535	572	376	139	2127		

Tabela 195 - Idade - Motivação para se tornar espírita.

MOTIVAÇÃO PARA SE TORNAR ESPÍRITA	Q	%	13 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	>60
ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO	1500	65,76%	28 (1,2%)	301 (13,2%)	368 (16,1%)	413 (18,1%)	262 (11,5%)	94 (4,1%)
SIMPATIZEI COM OS PRINCÍPIOS ESPÍRITAS	1264	55,41%	31 (1,4%)	272 (11,9%)	287 (12,6%)	341 (14,9%)	223 (9,8%)	77 (3,4%)
MUDEI A MINHA MANEIRA DE PENSAR A VIDA	877	38,45%	18 (0,8%)	168 (7,4%)	220 (9,6%)	240 (10,5%)	155 (6,8%)	55 (2,4%)
PARA ALCANÇAR CERTA PAZ INTERIOR	484	21,22%	15 (0,7%)	118 (5,2%)	124 (5,4%)	119 (5,2%)	78 (3,4%)	18 (0,8%)
ESTAVA SOFRENDO E PROCURAVA UMA CONSOLAÇÃO	447	19,60%	6 (0,3%)	72 (3,2%)	121 (5,3%)	126 (5,5%)	80 (3,5%)	27 (1,2%)
DECEPCIONEI-ME COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	314	13,77%	7 (0,3%)	50 (2,2%)	80 (3,5%)	69 (3%)	64 (2,8%)	34 (1,5%)
TINHA MEDIUNIDADE E PRECISAVA DESENVOLVER	352	15,43%	17 (0,7%)	74 (3,2%)	95 (4,2%)	93 (4,1%)	50 (2,2%)	17 (0,7%)
LI UM LIVRO ESPÍRITA	274	12,01%	4 (0,2%)	60 (2,6%)	60 (2,6%)	74 (3,2%)	50 (2,2%)	22 (1%)
GOSTEI DO AMBIENTE DO CENTRO ESPÍRITA	291	12,76%	9 (0,4%)	90 (3,9%)	73 (3,2%)	56 (2,5%)	40 (1,8%)	13 (0,6%)
ADIMIRAVA ALGUNS EXPÍRITAS COMO EXEMPLO DE VIDA	313	13,72%	4 (0,2%)	60 (2,6%)	73 (3,2%)	88 (3,9%)	60 (2,6%)	20 (0,9%)
QUERIA PARTICIPAR DE ATIVIDADES ASSISTENCIAIS	151	6,62%	5 (0,2%)	37 (1,6%)	35 (1,5%)	36 (1,6%)	27 (1,2%)	9 (0,4%)
INFLUÊNCIA DE PARENTES E AMIGOS	145	6,36%	4 (0,2%)	32 (1,4%)	33 (1,4%)	27 (1,2%)	32 (1,4%)	11 (0,5%)
QUERIA MELHORAR O NÍVEL DE VIDA	155	6,80%	2 (0,1%)	35 (1,5%)	46 (2%)	42 (1,8%)	22 (1%)	7 (0,3%)
QUERIA PRATICAR A MEDIUNIDADE	144	6,31%	7 (0,3%)	33 (1,4%)	38 (1,7%)	34 (1,5%)	21 (0,9%)	7 (0,3%)
ESTAVA DOENTE E ME CUREI NO ESPIRITISMO	86	3,77%	0 (0%)	9 (0,4%)	21 (0,9%)	32 (1,4%)	18 (0,8%)	5 (0,2%)
COSTUMAVA TOMAR PASSE NO CENTRO ESPÍRITA	75	3,29%	0 (0%)	14 (0,6%)	15 (0,7%)	22 (1%)	13 (0,6%)	6 (0,3%)
O ESPIRITISMO CUROU UMA PESSOA DA FAMÍLIA	40	1,75%	0 (0%)	4 (0,2%)	8 (0,4%)	13 (0,6%)	11 (0,5%)	2 (0,1%)
ELE É PARECIDO COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	28	1,23%	0 (0%)	7 (0,3%)	7 (0,3%)	2 (0,1%)	7 (0,3%)	2 (0,1%)
TOTAL	2281	-	53	465	555	599	400	146

Tabela 196 - Idade - Detalha o quesito “Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho”.

QUESTÕES PERTINENTES AO QUESITO "ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO"	Q	%	13 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	>60
COMO SER FELIZ?	269	45,98%	5 (0,9%)	51 (8,7%)	75 (12,8%)	72 (12,3%)	48 (8,2%)	17 (2,9%)
DEUS EXISTE? QUEM É DEUS?	290	49,57%	6 (1%)	58 (9,9%)	87 (14,9%)	77 (13,2%)	46 (7,9%)	16 (2,7%)
É POSSÍVEL NASCER E RENASCER MUITAS VEZES?	404	69,06%	6 (1%)	70 (12%)	100 (17,1%)	123 (21%)	83 (14,2%)	21 (3,6%)
É POSSÍVEL QUE PESSOAS SEJAM CURADAS POR OUTRAS PESSOAS POR INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS?	319	54,53%	3 (0,5%)	53 (9,1%)	79 (13,5%)	102 (17,4%)	63 (10,8%)	18 (3,1%)
EXISTE ALGUMA RAZÃO PARA AS NOSSAS SIMPATIAS E ANTIPATIAS PARA COM NOSSOS AMIGOS E PARENTES?	457	78,12%	7 (1,2%)	87 (14,9%)	116 (19,8%)	131 (22,4%)	92 (15,7%)	23 (3,9%)
EXISTE O DESTINO? COMO ELE É DEFINIDO, MODIFICADO, CUMPRIDO	372	63,59%	5 (0,9%)	73 (12,5%)	91 (15,6%)	109 (18,6%)	75 (12,8%)	19 (3,2%)
EXISTE O MILAGRE?	202	34,53%	5 (0,9%)	42 (7,2%)	48 (8,2%)	61 (10,4%)	39 (6,7%)	7 (1,2%)
EXISTEM ANJOS E DEMÔNIOS, CÉU E INFERNO?	315	53,85%	9 (1,5%)	75 (12,8%)	84 (14,4%)	79 (13,5%)	55 (9,4%)	13 (2,2%)
EXISTEM OUTROS MUNDOS HABITADOS, COMO A TERRA	404	69,06%	6 (1%)	76 (13%)	102 (17,4%)	112 (19,1%)	86 (14,7%)	20 (3,4%)
HÁ VIDA APÓS A MORTE? COMO É ESSA VIDA APÓS A MORTE?	497	84,96%	9 (1,5%)	98 (16,8%)	135 (23,1%)	130 (22,2%)	100 (17,1%)	23 (3,9%)
O QUE É A MEDIUNIDADE? COMO PODE SER DESENVOLVIDA E EXERCIDA?	368	62,91%	6 (1%)	69 (11,8%)	91 (15,6%)	113 (19,3%)	67 (11,5%)	21 (3,6%)
O QUE SE DEVE FAZER PARA SE OBTER A SALVAÇÃO?	181	30,94%	4 (0,7%)	35 (6%)	48 (8,2%)	52 (8,9%)	31 (5,3%)	11 (1,9%)
OS ESPÍRITOS PODEM INFLUENCIAR A VIDA DAS PESSOAS, PARA O BEM OU PARA O MAL?	427	72,99%	5 (0,9%)	82 (14%)	111 (19%)	124 (21,2%)	81 (13,8%)	23 (3,9%)
OS ESPÍRITOS PODEM SE COMUNICAR COM AS PESSOAS VIVAS?	400	68,38%	5 (0,9%)	72 (12,3%)	109 (18,6%)	115 (19,7%)	79 (13,5%)	19 (3,2%)
OS ESPÍRITOS TÊM SEXO? COMO É A SUA SEXUALIDADE?	204	34,87%	4 (0,7%)	45 (7,7%)	53 (9,1%)	56 (9,6%)	35 (6%)	11 (1,9%)
PORQUE EXISTEM DIFERENÇAS NA CONDIÇÃO HUMANA DO HOMEM SOBRE A TERRA?	509	87,01%	7 (1,2%)	101 (17,3%)	132 (22,6%)	136 (23,2%)	106 (18,1%)	26 (4,4%)
QUAL A MELHOR INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA E DOS EVANGELHOS?	293	50,09%	7 (1,2%)	64 (10,9%)	74 (12,6%)	92 (15,7%)	40 (6,8%)	16 (2,7%)
QUAL O PODER DOS AMULETOS, RITUAIS, TRABALHOS, MALDIÇÕES E TALISMÃS?	163	27,86%	2 (0,3%)	31 (5,3%)	48 (8,2%)	51 (8,7%)	22 (3,8%)	9 (1,5%)
QUAL RAZÃO DO SOFRIMENTO HUMANO?	520	88,89%	9 (1,5%)	105 (17,9%)	132 (22,6%)	140 (23,9%)	104 (17,8%)	28 (4,8%)
VAI HAVER UM FIM DO MUNDO?	205	35,04%	3 (0,5%)	38 (6,5%)	58 (9,9%)	57 (9,7%)	38 (6,5%)	11 (1,9%)
TOTAL	585	-	10	121	155	153	115	29

Tabela 197 - Escolaridade - Origem.

CENSO 2000		ESTADOS	Q (%)	ESTA PESQUISA				
ESPÍRITAS				PÓS STRICTU	PÓS LATU	SUPERIOR	MÉDIO	FUNDAMENTAL
4.190	0,11%	ACRE	13 (0,6%)	1	5	5	2	0
17.066	0,44%	ALAGOAS	30 (1,3%)	5	6	9	8	2
2.781	0,07%	AMAPÁ	6 (0,3%)	0	2	4	0	0
14.800	0,38%	AMAZONAS	40 (1,8%)	4	7	18	11	0
157.777	4,10%	BAHIA	65 (2,9%)	6	20	25	13	0
46.756	1,21%	CEARÁ	72 (3,2%)	11	24	26	10	0
89.836	2,33%	DISTRITO FEDERAL	52 (2,3%)	6	16	15	15	0
36.593	0,95%	ESPÍRITO SANTO	19 (0,8%)	1	4	8	6	0
147.740	3,84%	GOIÁS	58 (2,6%)	9	15	23	9	1
12.505	0,32%	MARANHÃO	16 (0,7%)	1	6	7	2	0
38.044	0,99%	MATO GROSSO	25 (1,1%)	0	11	9	5	0
46.610	1,21%	MATO GROSSO DO SUL	31 (1,4%)	3	13	10	4	1
419.094	10,89%	MINAS GERAIS	331 (14,7 %)	36	74	126	88	6
33.924	0,88%	PARÁ	25 (1,1%)	1	7	12	5	0
23.175	0,60%	PARAÍBA	21 (0,9%)	4	1	11	5	0
108.805	2,83%	PARANÁ	67 (3%)	4	25	24	14	0
123.798	3,22%	PERNAMBUCO	24 (1,1%)	1	6	12	5	0
9.840	0,26%	PIAUI	37 (1,6%)	1	10	19	6	1
647.572	16,82%	RIO DE JANEIRO	234 (10,4%)	25	55	99	48	4
24.826	0,65%	RIO GRANDE DO NORTE	20 (0,9%)	4	4	8	4	0
343.784	8,93%	RIO GRANDE DO SUL	188 (8,3%)	17	35	65	68	3
8.905	0,23%	RONDÔNIA	25 (1,1%)	3	14	8	0	0
4.084	0,11%	RORAIMA	20 (0,9%)	2	6	11	1	0
98.973	2,57%	SANTA CATARINA	72 (3,2%)	6	16	34	13	2
1.356.193	35,24%	SÃO PAULO	740 (32,8 %)	55	145	330	196	12
22.266	0,58%	SERGIPE	15 (0,7%)	0	4	8	3	0
8.940	0,23%	TOCANTINS	12 (0,5%)	0	1	5	6	0
		DECLARARAM	2258	206 (9,1 %)	532 (23,6 %)	931 (41,2 %)	547 (24,2 %)	32 (1,4 %)
		NÃO DECLARARAM	23			33		
3.848.877	100,00%	TOTAL	2281			2281		

Tabela 198 - Escolaridade - Renda.

RENDA FAMILIAR	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
PÓS STRICTU	3 (1,5 %)	23 (4,1 %)	73 (8,7 %)	77 (17 %)	30 (18,3 %)
PÓS LATU	9 (4,5 %)	90 (15,9 %)	223 (26,5 %)	150 (33 %)	62 (37,8 %)
SUPERIOR	74 (37 %)	242 (42,8 %)	372 (44,1 %)	178 (39,2 %)	58 (35,4 %)
MÉDIO	104 (52 %)	198 (35 %)	169 (20 %)	49 (10,8 %)	13 (7,9 %)
FUNDAMENTAL	10 (5 %)	13 (2,3 %)	6 (0,7 %)	0 (0 %)	1 (0,6 %)
DECLARARAM	200	566	843	454	164
NÃO DECLARARAM	54				
TOTAL	2281				

Tabela 199 - Escolaridade - Religião anterior.

RELIGIÃO ANTERIOR	CATOLIC	PROTEST	UMBANDA	AFRO	ORIENTAL	NENHUMA	OUTRA
PÓS STRICTU	192 (9,5 %)	6 (5 %)	2 (3,4 %)	2 (13,3 %)	1 (4,3 %)	4 (22,2 %)	1 (16,7 %)
PÓS LATU	489 (24,1 %)	24 (20 %)	14 (24,1 %)	3 (20 %)	4 (17,4 %)	2 (11,1 %)	1 (16,7 %)
SUPERIOR	830 (40,9 %)	60 (50 %)	23 (39,7 %)	3 (20 %)	12 (52,2 %)	11 (61,1 %)	4 (66,7 %)
MÉDIO	490 (24,1 %)	29 (24,2 %)	17 (29,3 %)	7 (46,7 %)	6 (26,1 %)	1 (5,6 %)	0 (0 %)
FUNDAMENTAL	29 (1,4 %)	1 (0,8 %)	2 (3,4 %)	0 (0 %)	0 (0 %)	0 (0 %)	0 (0 %)
DECLARARAM	2030	120	58	15	23	18	6
NÃO DECLARARAM	11						
TOTAL	2281						

Tabela 200 - Escolaridade - Religião atual da família.

RELIGIÃO DA FAMÍLIA	CATOLIC	PROTEST	UMBANDA	AFRO	ORIENTAL	NENHUMA	OUTRA	ESPIRITISMO
PÓS STRICTU	104 (9,2 %)	2 (2,4 %)	2 (6,3 %)	2 (25 %)	1 (7,7 %)	0 (0 %)	0 (0 %)	82 (9,2 %)
PÓS LATU	255 (22,5 %)	14 (16,7 %)	5 (15,6 %)	1 (12,5 %)	2 (15,4 %)	1 (20 %)	0 (0 %)	232 (26 %)
SUPERIOR	481 (42,4 %)	42 (50 %)	13 (40,6 %)	2 (25 %)	4 (30,8 %)	1 (20 %)	1 (100 %)	365 (41 %)
MÉDIO	284 (25 %)	24 (28,6 %)	11 (34,4 %)	2 (25 %)	6 (46,2 %)	3 (60 %)	0 (0 %)	198 (22,2 %)
FUNDAMENTAL	10 (0,9 %)	2 (2,4 %)	1 (3,1 %)	1 (12,5 %)	0 (0 %)	0 (0 %)	0 (0 %)	14 (1,6 %)
DECLARARAM	1134	84	32	8	13	5	1	891
NÃO DECLARARAM	113							
TOTAL	2281							

Tabela 201 - Escolaridade - Idade que iniciou no Espiritismo.

IDADE QUE INICIOU	< 13	13 A 20	21 A 30	31 A 40	41 A 50	51 A 60	>60
PÓS STRICTU	0 (0 %)	77 (12,1 %)	74 (16 %)	39 (7 %)	12 (2 %)	4 (1 %)	0 (0 %)
PÓS LATU	0 (0 %)	154 (296,2 %)	201 (43,5 %)	116 (20,9 %)	47 (7,9 %)	9 (2,3 %)	2 (1,4 %)
SUPERIOR	0 (0 %)	283 (544,2 %)	346 (74,9 %)	193 (34,8 %)	75 (12,6 %)	25 (6,3 %)	3 (2,1 %)
MÉDIO	0 (0 %)	118 (226,9 %)	193 (41,8 %)	140 (25,2 %)	64 (10,8 %)	15 (3,8 %)	1 (0,7 %)
FUNDAMENTAL	0 (0 %)	7 (13,5 %)	10 (2,2 %)	3 (0,5 %)	4 (0,7 %)	4 (1 %)	0 (0 %)
DECLARARAM	0	639	824	491	202	57	6
NÃO DECLARARAM	62						
TOTAL	2281						

Tabela 202 - Escolaridade - Tempo de Espiritismo (média/anos).

TEMPO DE DOCTRINA (MÉDIA)	MÉDIA	Q	%
PÓS STRICTU	15,52	208	9,17%
PÓS LATU	14,12	536	23,63%
SUPERIOR	12,77	942	41,53%
MÉDIO	12,84	550	24,25%
FUNDAMENTAL	17,31	32	1,41%
DECLARARAM	2268	2268	99,43%
NÃO DECLARARAM	13		0,57%
TOTAL	2281		100,00%

Tabela 203 - Escolaridade - Como fez contato.

COMO FEZ CONTATO	AMIGOS	FAMÍLIA	LIVRO	CENTRO	EVENTO
PÓS STRICTU	76 (10,1%)	62 (9,2%)	52 (10,3%)	15 (5,6%)	3 (4,3%)
PÓS LATU	178 (23,7%)	181 (26,8%)	107 (21,2%)	51 (18,9%)	20 (29%)
SUPERIOR	305 (40,7%)	284 (42%)	200 (39,6%)	121 (44,8%)	33 (47,8%)
MÉDIO	180 (24%)	141 (20,9%)	139 (27,5%)	78 (28,9%)	12 (17,4%)
FUNDAMENTAL	11 (1,5%)	8 (1,2%)	7 (1,4%)	5 (1,9%)	1 (1,4%)
DECLARARAM	750	676	505	270	69
NÃO DECLARARAM	11				
TOTAL	2281				

Tabela 204 - Escolaridade - Frequência ao Centro Espírita.

FREQUENCIA AO CENTRO	MAIS DE 2 X POR SEMANA	2 X POR SEMANA	1 X POR SEMANA	RARAMENTE	NÃO FREQUENTO
PÓS STRICTU	48 (8,3 %)	50 (9,1 %)	78 (10,4 %)	24 (8,1 %)	7 (7,7 %)
PÓS LATU	135 (6 %)	144 (26,2 %)	179 (23,9 %)	70 (23,6 %)	7 (7,7 %)
SUPERIOR	239 (10,6 %)	225 (40,9 %)	312 (41,7 %)	122 (41,1 %)	44 (48,4 %)
MÉDIO	145 (6,4 %)	124 (22,5 %)	170 (22,7 %)	79 (26,6 %)	31 (34,1 %)
FUNDAMENTAL	11 (0,5 %)	7 (1,3 %)	10 (1,3 %)	2 (0,7 %)	2 (2,2 %)
DECLARARAM	578	550	749	297	91
NÃO DECLARARAM	16				
TOTAL	2281				

Tabela 205 - Escolaridade - Leitura espírita.

LEITURA ESPÍRITA	LIVRO DE KARDEC	ROMANCE ESPÍRITA	CHICO XAVIER	JORNAL/REVISTA	APOSTILA	NÃO LEU
PÓS STRICTU	200 (9,3 %)	185 (9,2 %)	187 (9,4 %)	155 (9,5 %)	165 (9,5 %)	0 (0 %)
PÓS LATU	516 (24 %)	482 (23,9 %)	478 (24,1 %)	405 (24,8 %)	425 (24,5 %)	1 (7,7 %)
SUPERIOR	888 (41,3 %)	841 (41,8 %)	823 (41,6 %)	667 (40,9 %)	724 (41,7 %)	7 (53,8 %)
MÉDIO	514 (23,9 %)	479 (23,8 %)	467 (23,6 %)	386 (23,7 %)	399 (23 %)	5 (38,5 %)
FUNDAMENTAL	30 (1,4 %)	27 (1,3 %)	25 (1,3 %)	19 (1,2 %)	24 (1,4 %)	0 (0 %)
DECLARARAM	2148	2014	1980	1632	1737	13
NÃO DECLARARAM	133					
TOTAL	9644					

Tabela 206 - Escolaridade - Religião com menos afinidade antes de se tornar espírita.

MENOS AFINIDADE	CATOLIC	PROTEST	UMBANDA	AFRO	ORIENTAL	NENHUMA	OUTRA	ESPIRITISMO
PÓS STRICTU	21 (7,3 %)	92 (9,7 %)	8 (7,3 %)	60 (9,3 %)	14 (10,2 %)	3 (21,4 %)	2 (15,4 %)	3 (8,3 %)
PÓS LATU	54 (18,8 %)	236 (24,9 %)	19 (17,4 %)	170 (26,3 %)	32 (23,4 %)	5 (35,7 %)	2 (15,4 %)	5 (13,9 %)
SUPERIOR	127 (44,1 %)	386 (40,7 %)	47 (43,1 %)	271 (41,9 %)	58 (42,3 %)	3 (21,4 %)	6 (46,2 %)	13 (36,1 %)
MÉDIO	79 (27,4 %)	227 (23,9 %)	34 (31,2 %)	135 (20,9 %)	33 (24,1 %)	3 (21,4 %)	3 (23,1 %)	14 (38,9 %)
FUNDAMENTAL	7 (2,4 %)	8 (0,8 %)	1 (0,9 %)	11 (1,7 %)	0 (0 %)	0 (0 %)	0 (0 %)	1 (2,8 %)
DECLARARAM	288	949	109	647	137	14	13	36
NÃO DECLARARAM	88							
TOTAL	2281							

Tabela 207 - Escolaridade - Espíritas em casa (atualmente).

EM MINHA CASA	A MAIORIA É ESPÍRITA	APENAS EU SOU ESPÍRITA	A MAIORIA NÃO É ESPÍRITA
PÓS STRICTU	105 (8,7 %)	70 (8,4 %)	32 (14,4 %)
PÓS LATU	312 (26 %)	176 (21,1 %)	46 (20,7 %)
SUPERIOR	478 (39,8 %)	356 (42,6 %)	105 (47,3 %)
MÉDIO	289 (24,1 %)	222 (26,6 %)	37 (16,7 %)
FUNDAMENTAL	17 (1,4 %)	11 (1,3 %)	2 (0,9 %)
DECLARARAM	1201	835	222
NÃO DECLARARAM	23		
TOTAL	2281		

Tabela 208 - Escolaridade - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).

SIMPATIA PELO ESPIRITISMO	A MAIORIA SIMPATIZA	A MAIORIA NÃO SIMPATIZA
PÓS STRICTU	182 (9,4 %)	22 (7,2 %)
PÓS LATU	469 (24,4 %)	62 (20,3 %)
SUPERIOR	793 (41,2 %)	139 (45,6 %)
MÉDIO	457 (23,7 %)	77 (25,2 %)
FUNDAMENTAL	25 (1,3 %)	5 (1,6 %)
DECLARARAM	1926	305
NÃO DECLARARAM	50	
TOTAL	2281	

Tabela 209 - Escolaridade - Questões de crença e prática espíritas.

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	FUND	MÉDIO	SUP	PÓS LATU	PÓS STRICTU	D	ND	TOTAL
Eu me considero espírita porque aceito o que o Espiritismo diz	DISCORDO TOTALMENTE	45	2,05%	161	7,34%	1	7	18	10	8	44	98	2281
	DISCORDO	116	5,29%			1	24	47	29	14	115		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	233	10,63%	233	10,63%	2	51	107	46	26	232		
	CONCORDO	868	39,60%	1798	82,03%	13	205	374	194	80	866		
	CONCORDO TOTALMENTE	930	42,43%			14	234	361	238	79	926		
TOTAL : 2192 respondentes de 2281 (96,1%)		2192	96,10%	2192	96,10%	31	521	907	517	207	2183		
Eu me considero espírita porque frequento o Centro Espírita	DISCORDO TOTALMENTE	404	18,56%	1109	50,94%	4	93	174	84	47	402	113	2281
	DISCORDO	705	32,38%			13	163	286	173	67	702		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	422	19,38%	422	19,38%	6	100	187	91	36	420		
	CONCORDO	448	20,58%	646	29,67%	7	108	186	105	41	447		
	CONCORDO TOTALMENTE	198	9,10%			1	50	67	64	15	197		
TOTAL : 2177 respondentes de 2281 (95,4%)		2177	95,44%	2177	95,44%	31	514	900	517	206	2168		
Eu me considero espírita, mas não aceito bem alguns princípios espíritas.	DISCORDO TOTALMENTE	1062	48,87%	1812	83,39%	19	234	447	261	98	1059	117	2281
	DISCORDO	750	34,51%			7	200	296	178	66	747		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	178	8,19%	178	8,19%	1	44	80	35	17	177		
	CONCORDO	149	6,86%	183	8,42%	3	33	65	29	17	147		
	CONCORDO TOTALMENTE	34	1,56%			1	9	11	7	6	34		
TOTAL : 2173 respondentes de 2281 (95,3%)		2173	95,27%	2173	95,27%	31	520	899	510	204	2164		

(Continuação da Tabela 209 - Escolaridade - Questões de crença e prática espíritas.)

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	FUND	MÉDIO	SUP	PÓS LATU	PÓS STRICTU	D	ND	TOTAL
Antes de ser espírita eu já acreditava na vida após a morte.	DISCORDO TOTALMENTE	84	3,83%	220	10,03%	2	18	36	17	10	83	97	2281
	DISCORDO	136	6,20%			3	31	54	36	12	136		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	210	9,58%	210	9,58%	2	51	90	44	22	209		
	CONCORDO	661	30,14%	1763	80,39%	13	156	294	139	57	659		
	CONCORDO TOTALMENTE	1102	50,25%			11	267	436	281	102	1097		
TOTAL : 2193 respondentes de 2281 (96,1%)		2193	96,14%	2193	96,14%	31	523	910	517	203	2184		
Antes de ser espírita eu já acreditava na reencarnação.	DISCORDO TOTALMENTE	150	6,85%	433	19,76%	2	30	59	37	21	149	99	2281
	DISCORDO	283	12,92%			7	68	114	62	30	281		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	356	16,25%	356	16,25%	5	85	145	82	39	356		
	CONCORDO	582	26,56%	1402	63,99%	9	137	261	127	46	580		
	CONCORDO TOTALMENTE	820	37,43%			8	200	328	211	69	816		
TOTAL : 2191 respondentes de 2281 (96,1%)		2191	96,05%	2191	96,05%	31	520	907	519	205	2182		
Antes de ser espírita eu já acreditava na comunicação com os espíritos.	DISCORDO TOTALMENTE	111	5,06%	303	13,80%	1	28	44	23	14	110	95	2281
	DISCORDO	192	8,75%			7	34	89	42	19	191		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	270	12,30%	270	12,30%	5	61	108	58	38	270		
	CONCORDO	738	33,62%	1622	73,90%	7	188	304	173	65	737		
	CONCORDO TOTALMENTE	884	40,27%			11	213	362	222	70	878		
TOTAL : 2195 respondentes de 2281 (96,2%)		2195	96,23%	2195	96,23%	31	524	907	518	206	2186		

(Continuação da Tabela 209 - Escolaridade - Questões de crença e prática espíritas.)

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	FUND	MÉDIO	SUP	PÓS LATU	PÓS STRICTU	D	ND	TOTAL
Eu acredito na reencarnação da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	13	0,59%	32	1,46%	0	1	5	3	3	12	101	2281
	DISCORDO	19	0,87%			0	3	11	2	3	19		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	71	3,24%	71	3,24%	0	21	33	11	6	71		
	CONCORDO	553	25,26%	2086	95,29%	9	137	240	119	46	551		
	CONCORDO TOTALMENTE	1533	70,03%			22	356	618	383	148	1527		
TOTAL : 2189 respondentes de 2281 (96%)		2189	95,97%	2189	95,97%	31	518	907	518	206	2180		
Eu acredito na vida após a morte da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	9	0,41%	22	1,01%	0	1	2	3	2	8	102	2281
	DISCORDO	13	0,59%			1	2	6	3	1	13		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	69	3,15%	69	3,15%	1	18	33	13	4	69		
	CONCORDO	568	25,96%	2097	95,84%	8	139	256	113	49	565		
	CONCORDO TOTALMENTE	1529	69,88%			21	363	609	382	149	1524		
TOTAL : 2188 respondentes de 2281 (95,9%)		2188	95,92%	2188	95,92%	31	523	906	514	205	2179		
Eu acredito na comunicação com os espíritos da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	14	0,64%	26	1,19%	0	3	2	6	2	13	110	2281
	DISCORDO	12	0,55%			0	3	5	4	0	12		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	62	2,84%	62	2,84%	0	13	30	13	6	62		
	CONCORDO	611	28,03%	2092	95,96%	10	148	273	125	54	610		
	CONCORDO TOTALMENTE	1481	67,94%			20	352	591	367	144	1474		
TOTAL : 2180 respondentes de 2281 (95,6%)		2180	95,57%	2180	95,57%	30	519	901	515	206	2171		

(Continuação da Tabela 209 - Escolaridade - Questões de crença e prática espíritas)

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	FUND	MÉDIO	SUP	PÓS LATU	PÓS STRICTU	D	ND	TOTAL
Tive dificuldade em ir para o espiritismo pelo preconceito dos amigos e parentes.	DISCORDO TOTALMENTE	1045	47,89%	1603	73,46%	11	248	425	264	92	1040	108	2281
	DISCORDO	558	25,57%			10	146	226	118	57	557		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	185	8,48%	185	8,48%	2	27	89	46	20	184		
	CONCORDO	254	11,64%	394	18,06%	4	59	112	54	24	253		
	CONCORDO TOTALMENTE	140	6,42%			4	34	56	33	12	139		
TOTAL : 2182 respondentes de 2281 (95,7%)		2182	95,66%	2182	95,66%	31	514	908	515	205	2173		
Sinto falta no espiritismo de algumas coisas de outras religiões.	DISCORDO TOTALMENTE	1479	67,57%	1936	88,44%	20	344	612	359	139	1474	101	2281
	DISCORDO	457	20,88%			5	118	182	106	44	455		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	124	5,66%	124	5,66%	3	28	49	31	13	124		
	CONCORDO	85	3,88%	129	5,89%	2	20	42	13	6	83		
	CONCORDO TOTALMENTE	44	2,01%			0	8	25	7	4	44		
TOTAL : 2189 respondentes de 2281 (96%)		2189	95,97%	2189	95,97%	30	518	910	516	206	2180		
Eu me considero espírita porque estudo e sigo a filosofia espírita.	DISCORDO TOTALMENTE	47	2,15%	147	6,72%	2	12	19	8	5	46	101	2281
	DISCORDO	100	4,57%			2	26	51	14	7	100		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	231	10,55%	231	10,55%	4	65	99	40	22	230		
	CONCORDO	831	37,96%	1811	82,73%	8	184	365	201	70	828		
	CONCORDO TOTALMENTE	980	44,77%			14	233	373	256	100	976		
TOTAL : 2189 respondentes de 2281 (96%)		2189	95,97%	2189	95,97%	30	520	907	519	204	2180		

(Continuação da Tabela 209 - Escolaridade - Questões de crença e prática espíritas.)

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	FUND	MÉDIO	SUP	PÓS LATU	PÓS STRICTU	D	ND	TOTAL
Eu, às vezes, ainda frequento os cultos da minha religião anterior.	DISCORDO TOTALMENTE	1022	46,79%	1475	67,54%	15	236	417	251	98	1017	105	2281
	DISCORDO	453	20,74%			8	111	182	109	41	451		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	261	11,95%	261	11,95%	4	63	115	61	18	261		
	CONCORDO	382	17,49%	448	20,51%	4	92	160	86	39	381		
	CONCORDO TOTALMENTE	66	3,02%			0	14	34	10	8	66		
TOTAL : 2184 respondentes de 2281 (95,7%)		2184	95,75%	2184	95,75%	31	516	908	517	204	2176		
Sinto que serei espírita para sempre.	DISCORDO TOTALMENTE	18	0,82%	46	2,11%	1	3	4	6	3	17	105	2281
	DISCORDO	28	1,28%			1	8	12	5	2	28		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	177	8,10%	177	8,10%	2	46	73	35	20	176		
	CONCORDO	472	21,61%	1961	89,79%	4	111	222	96	39	472		
	CONCORDO TOTALMENTE	1489	68,18%			23	353	588	377	142	1483		
TOTAL : 2184 respondentes de 2281 (95,7%)		2184	95,75%	2184	95,75%	31	521	899	519	206	2176		
Ainda tenho dúvidas se o espiritismo será a minha religião definitiva.	DISCORDO TOTALMENTE	1516	69,96%	1946	89,80%	23	354	611	376	146	1510	123	2281
	DISCORDO	430	19,84%			6	114	181	95	33	429		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	128	5,91%	128	5,91%	1	23	69	22	13	128		
	CONCORDO	69	3,18%	93	4,29%	1	25	22	13	6	67		
	CONCORDO TOTALMENTE	24	1,11%			0	2	12	7	3	24		
TOTAL : 2167 respondentes de 2281 (95%)		2167	95,00%	2167	95,00%	31	518	895	513	201	2158		

(Continuação da Tabela 209 - Escolaridade - Questões de crença e prática espíritas.)

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	FUND	MÉDIO	SUP	PÓS LATU	PÓS STRICTU	D	ND	TOTAL
Eu frequento outra religião, além do espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	1373	62,95%	1804	82,71%	19	304	559	349	135	1366	108	2281
	DISCORDO	431	19,76%			8	113	177	91	41	430		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	143	6,56%	143	6,56%	1	33	69	31	9	143		
	CONCORDO	179	8,21%	234	10,73%	3	58	73	32	13	179		
	CONCORDO TOTALMENTE	55	2,52%			0	11	25	13	6	55		
TOTAL : 2181 respondentes de 2281 (95,6%)		2181	95,62%	2181	95,62%	31	519	903	516	204	2173		
A minha religião anterior tem muito a ver com o espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	780	35,90%	1488	68,48%	17	197	326	175	62	777	116	2281
	DISCORDO	708	32,58%			11	155	300	167	72	705		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	448	20,62%	448	20,62%	0	112	179	108	48	447		
	CONCORDO	189	8,70%	237	10,91%	2	42	70	53	21	188		
	CONCORDO TOTALMENTE	48	2,21%			1	11	24	10	2	48		
TOTAL : 2173 respondentes de 2281 (95,3%)		2173	95,27%	2173	95,27%	31	517	899	513	205	2165		
Quando me tornei espírita eu estava procurando uma nova religião.	DISCORDO TOTALMENTE	617	28,38%	1239	56,99%	11	143	251	154	56	615	115	2281
	DISCORDO	622	28,61%			6	153	263	137	60	619		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	394	18,12%	394	18,12%	4	95	167	96	31	393		
	CONCORDO	333	15,32%	541	24,89%	5	67	145	79	36	332		
	CONCORDO TOTALMENTE	208	9,57%			5	61	77	46	18	207		
TOTAL : 2174 respondentes de 2281 (95,3%)		2174	95,31%	2174	95,31%	31	519	903	512	201	2166		

(Continuação da Tabela 209 - Escolaridade - Questões de crença e prática espíritas.)

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	FUND	MÉDIO	SUP	PÓS LATU	PÓS STRICTU	D	ND	TOTAL
A minha religião anterior é contrária ao espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	252	11,62%	624	28,77%	3	64	103	58	21	249	121	2281
	DISCORDO	372	17,15%			4	86	156	87	37	370		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	543	25,03%	543	25,03%	6	111	235	137	54	543		
	CONCORDO	611	28,17%	1002	46,20%	11	159	240	142	56	608		
	CONCORDO TOTALMENTE	391	18,03%			6	94	165	89	36	390		
TOTAL : 2169 respondentes de 2281 (95,1%)		2169	95,09%	2169	95,09%	30	514	899	513	204	2160		
Entendi muito bem como deveria responder a esta pesquisa.	DISCORDO TOTALMENTE	26	1,19%	51	2,33%	0	7	9	6	2	24	101	2281
	DISCORDO	25	1,14%			0	2	13	6	4	25		
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	68	3,11%	68	3,11%	2	19	32	12	3	68		
	CONCORDO	657	30,03%	2069	94,56%	9	161	281	145	60	656		
	CONCORDO TOTALMENTE	1412	64,53%			19	329	574	349	136	1407		
TOTAL : 2188 respondentes de 2281 (95,9%)		2188	95,92%	2188	95,92%	30	518	909	518	205	2180		

Tabela 210 - Escolaridade - Motivação para se tornar espírita.

MOTIVAÇÃO PARA SE TORNAR ESPÍRITA	Q	%	FUNDA MENTAL	MÉDIO	SUPE RIOR	PÓS LATU	PÓS STRICTU
ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO	1500	65,76%	17	327	620	381	150
SIMPATIZEI COM OS PRINCÍPIOS ESPÍRITAS	1264	55,41%	20	265	539	303	130
MUDEI A MINHA MANEIRA DE PENSAR A VIDA	877	38,45%	10	208	373	202	83
PARA ALCANÇAR CERTA PAZ INTERIOR	484	21,22%	6	125	208	102	42
ESTAVA SOFRENDO E PROCURAVA UMA CONSOLAÇÃO	447	19,60%	6	111	173	118	38
DECEPCIONEI-ME COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	314	13,77%	5	73	122	80	32
TINHA MEDIUNIDADE E PRECISAVA DESENVOLVER	352	15,43%	6	98	137	89	21
LI UM LIVRO ESPÍRITA	274	12,01%	6	70	119	50	28
GOSTEI DO AMBIENTE DO CENTRO ESPÍRITA	291	12,76%	6	73	127	59	24
ADIMIRAVA ALGUNS EXPÍRITAS COMO EXEMPLO DE VIDA	313	13,72%	6	81	122	76	25
QUERIA PARTICIPAR DE ATIVIDADES ASSISTENCIAIS	151	6,62%	2	38	63	23	24
INFLUÊNCIA DE PARENTES E AMIGOS	145	6,36%	1	29	65	40	10
QUERIA MELHORAR O NÍVEL DE VIDA	155	6,80%	2	50	66	32	5
QUERIA PRATICAR A MEDIUNIDADE	144	6,31%	3	43	59	29	8
ESTAVA DOENTE E ME CUREI NO ESPIRITISMO	86	3,77%	0	30	23	25	8
COSTUMAVA TOMAR PASSE NO CENTRO ESPÍRITA	75	3,29%	1	19	26	23	3
O ESPIRITISMO CUROU UMA PESSOA DA FAMÍLIA	40	1,75%	0	15	17	8	0
ELE É PARECIDO COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	28	1,23%	1	10	12	3	1
TOTAL	2281	-	32	550	943	537	208

Tabela 211 - Escolaridade - Detalha o quesito “Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho”.

QUESTÕES PERTINENTES AO QUESITO "ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO"	Q	%	FUNDA MENTAL	MÉDIO	SUPE RIOR	PÓS LATU	PÓS STRICTU
COMO SER FELIZ?	269	45,98%	3	50	103	76	36
DEUS EXISTE? QUEM É DEUS?	290	49,57%	3	48	117	79	42
É POSSÍVEL NASCER E RENASCER MUITAS VEZES?	404	69,06%	5	75	162	111	50
É POSSÍVEL QUE PESSOAS SEJAM CURADAS POR OUTRAS PESSOAS POR INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS?	319	54,53%	4	67	121	86	40
EXISTE ALGUMA RAZÃO PARA AS NOSSAS SIMPATIAS E ANTIPATIAS PARA COM NOSSOS AMIGOS E PARENTES?	457	78,12%	5	88	190	121	52
EXISTE O DESTINO? COMO ELE É DEFINIDO, MODIFICADO, CUMPRIDO	372	63,59%	3	68	153	101	46
EXISTE O MILAGRE?	202	34,53%	3	39	85	56	19
EXISTEM ANJOS E DEMÔNIOS, CÉU E INFERNO?	315	53,85%	3	61	134	84	33
EXISTEM OUTROS MUNDOS HABITADOS, COMO A TERRA	404	69,06%	5	70	169	113	46
HÁ VIDA APÓS A MORTE? COMO É ESSA VIDA APÓS A MORTE?	497	84,96%	5	88	204	135	64
O QUE É A MEDIUNIDADE? COMO PODE SER DESENVOLVIDA E EXERCIDA?	368	62,91%	4	71	153	94	45
O QUE SE DEVE FAZER PARA SE OBTER A SALVAÇÃO?	181	30,94%	2	37	83	40	18
OS ESPÍRITOS PODEM INFLUENCIAR A VIDA DAS PESSOAS, PARA O BEM OU PARA O MAL?	427	72,99%	5	82	164	120	55
OS ESPÍRITOS PODEM SE COMUNICAR COM AS PESSOAS VIVAS?	400	68,38%	5	73	163	111	47
OS ESPÍRITOS TÊM SEXO? COMO É A SUA SEXUALIDADE?	204	34,87%	2	46	86	50	20
PORQUE EXISTEM DIFERENÇAS NA CONDIÇÃO HUMANA DO HOMEM SOBRE A TERRA?	509	87,01%	4	93	211	137	63
QUAL A MELHOR INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA E DOS EVANGELHOS?	293	50,09%	3	53	128	78	31
QUAL O PODER DOS AMULETOS, RITUAIS, TRABALHOS, MALDIÇÕES E TALISMÃS?	163	27,86%	2	31	71	39	19
QUAL RAZÃO DO SOFRIMENTO HUMANO?	520	88,89%	4	98	215	138	64
VAI HAVER UM FIM DO MUNDO?	205	35,04%	2	36	92	51	24
TOTAL	585	-	5	105	242	160	72

Tabela 212 - Renda - Origem.

CENSO 2000		ESTADOS	ESTA PESQUISA					
ESPÍRITAS			Q	ATÉ 2	AC 2 ATÉ 4	AC 4 ATÉ 10	AC 10 ATÉ 20	AC 20
4.190	0,11%	ACRE	13 (0,6%)	0	3	6	3	1
17.066	0,44%	ALAGOAS	30 (1,3%)	3	6	11	6	1
2.781	0,07%	AMAPÁ	6 (0,3%)	1	0	4	1	0
14.800	0,38%	AMAZONAS	40 (1,8%)	2	10	16	7	5
157.777	4,10%	BAHIA	65 (2,9%)	7	14	24	14	2
46.756	1,21%	CEARÁ	72 (3,2%)	4	18	31	13	6
89.836	2,33%	DISTRITO FEDERAL	52 (2,3%)	1	8	12	16	15
36.593	0,95%	ESPÍRITO SANTO	19 (0,8%)	0	8	6	2	3
147.740	3,84%	GOIÁS	58 (2,6%)	8	10	20	12	6
12.505	0,32%	MARANHÃO	16 (0,7%)	2	5	7	2	0
38.044	0,99%	MATO GROSSO	25 (1,1%)	1	10	10	4	0
46.610	1,21%	MATO GROSSO DO SUL	31 (1,4%)	3	7	12	7	2
419.094	10,89%	MINAS GERAIS	331 (14,7 %)	30	93	117	70	16
33.924	0,88%	PARÁ	25 (1,1%)	4	4	12	5	0
23.175	0,60%	PARAÍBA	21 (0,9%)	7	4	6	4	0
108.805	2,83%	PARANÁ	67 (3%)	6	17	24	17	2
123.798	3,22%	PERNAMBUCO	24 (1,1%)	3	8	10	1	2
9.840	0,26%	PIAUI	37 (1,6%)	7	12	13	4	1
647.572	16,82%	RIO DE JANEIRO	234 (10,4%)	13	51	81	60	22
24.826	0,65%	RIO GRANDE DO NORTE	20 (0,9%)	3	2	9	5	1
343.784	8,93%	RIO GRANDE DO SUL	188 (8,3%)	29	55	69	25	7
8.905	0,23%	RONDÔNIA	25 (1,1%)	0	6	15	3	1
4.084	0,11%	RORAIMA	20 (0,9%)	0	3	10	4	3
98.973	2,57%	SANTA CATARINA	72 (3,2%)	7	21	23	14	5
1.356.193	35,24%	SÃO PAULO	740 (32,8 %)	45	182	284	151	61
22.266	0,58%	SERGIPE	15 (0,7%)	8	2	2	1	0
8.940	0,23%	TOCANTINS	12 (0,5%)	2	3	5	2	0
		DECLARARAM	2258	196	562	839	453	162
		NÃO DECLARARAM	23			46		
3.848.877	100,00%	TOTAL	2281			2258		

Tabela 213 - Renda - Idade que iniciou no Espiritismo.

IDADE EM QUE INICIOU	Q	%	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
MENOR DO QUE 13 ANOS	0	0,00%	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
ENTRE 13 E 20 ANOS	645	28,94%	61 (31%)	154 (78,2%)	226 (114,7%)	147 (74,6%)	49 (24,9%)
ENTRE 21 E 30 ANOS	826	37,06%	79 (40,1%)	215 (109,1%)	307 (155,8%)	161 (81,7%)	44 (22,3%)
ENTRE 31 E 40 ANOS	492	22,07%	39 (19,8%)	126 (64%)	193 (98%)	86 (43,7%)	38 (19,3%)
ENTRE 41 E 50 ANOS	202	9,06%	12 (6,1%)	50 (25,4%)	73 (37,1%)	44 (22,3%)	21 (10,7%)
ENTRE 51 E 60 ANOS	58	2,60%	5 (2,5%)	8 (4,1%)	22 (11,2%)	9 (4,6%)	9 (4,6%)
MAIOR DO QUE 60 ANOS	6	0,27%	1 (0,5%)	2 (1%)	2 (1%)	0 (0%)	0 (0%)
DECLARARAM	2229	97,72%	197	555	823	447	161
NÃO DECLARARAM	52	2,28%			98		
TOTAL	2281	100,00%			2281		

Tabela 214 - Renda - Religião anterior.

RELIGIÃO ANTERIOR	Q	%	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
CATOLIC	2039	89,39%	179 (89,5%)	495 (87,3%)	764 (90,2%)	415 (91,2%)	147 (89,6%)
PROTEST	120	5,26%	8 (0%)	34 (0%)	46 (0%)	22 (0%)	5 (0%)
UMBANDA	58	2,54%	7 (3,5%)	18 (3,2%)	20 (2,4%)	9 (2%)	3 (1,8%)
ORIENTAL	25	1,10%	3 (1,5%)	9 (1,6%)	6 (0,7%)	1 (0,2%)	4 (2,4%)
NENHUMA	18	0,79%	2 (1%)	6 (1,1%)	2 (0,2%)	3 (0,7%)	5 (3%)
AFRO	15	0,66%	1 (0,5%)	4 (0,7%)	6 (0,7%)	3 (0,7%)	0 (0%)
ESPIRITISMO	0	0,00%	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
OUTRA	6	0,26%	0 (0%)	1 (0,2%)	3 (0,4%)	2 (0,4%)	0 (0%)
DECLARARAM	2281	100,00%	200	567	847	455	164
NÃO DECLARARAM	0	0,00%			48		
TOTAL	2281	100,00%			2281		

Tabela 215 - Renda - Religião atual da família.

RELIGIÃO DA FAMÍLIA	Q	%	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
CATOLIC	1140	52,37%	118 (60,8%)	307 (158,2%)	419 (216%)	200 (103,1%)	69 (35,6%)
ESPIRITISMO	894	41,07%	60 (30,9%)	188 (96,9%)	335 (172,7%)	212 (109,3%)	83 (42,8%)
PROTEST	84	3,86%	5 (2,6%)	29 (14,9%)	32 (16,5%)	12 (6,2%)	4 (2,1%)
UMBANDA	32	1,47%	6 (3,1%)	11 (5,7%)	14 (7,2%)	1 (0,5%)	0 (0%)
ORIENTAL	13	0,60%	1 (0,5%)	3 (1,5%)	5 (2,6%)	1 (0,5%)	3 (1,5%)
AFRO	8	0,37%	2 (1%)	2 (1%)	2 (1%)	1 (0,5%)	1 (0,5%)
NENHUMA	5	0,23%	2 (1%)	1 (0,5%)	1 (0,5%)	1 (0,5%)	0 (0%)
OUTRA	1	0,05%	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0,5%)	0 (0%)
DECLARARAM	2177	100,00%	194	541	808	429	160
NÃO DECLARARAM	104	4,56%			149		
TOTAL	2281				2281		

Tabela 216 - Renda - Como fez contato.

COMO FEZ CONTATO	Q	%	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
AMIGOS ESPÍRITAS	755	33,10%	61 (30,5%)	162 (28,6%)	303 (35,8%)	159 (34,9%)	53 (32,3%)
PESSOA DA FAMÍLIA	679	29,77%	62 (31%)	168 (29,6%)	237 (28%)	139 (30,5%)	60 (36,6%)
LIVRO OU PUBLICAÇÃO	506	22,18%	43 (21,5%)	153 (27%)	168 (19,8%)	102 (22,4%)	29 (17,7%)
CENTRO ESPÍRITA	270	11,84%	26 (13%)	68 (12%)	115 (13,6%)	44 (9,7%)	13 (7,9%)
EVENTO ESPÍRITA	71	3,11%	8 (4%)	16 (2,8%)	24 (2,8%)	11 (2,4%)	9 (5,5%)
DECLARARAM	2281	100,00%	200	567	847	455	164
NÃO DECLARARAM	0	0,00%			48		
TOTAL	2281	100%			2281		

Tabela 217 - Renda - Frequência ao centro Espírita.

FREQUENCIA AO CENTRO	Q	%	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
MAIS DE 2 X POR SEMANA	579	25,46%	42 (21%)	137 (24,2%)	232 (27,4%)	116 (25,6%)	43 (26,4%)
1 X POR SEMANA	752	33,07%	74 (37%)	189 (33,4%)	270 (31,9%)	145 (32%)	57 (35%)
2 X POR SEMANA	553	24,32%	39 (19,5%)	130 (23%)	214 (25,3%)	115 (25,4%)	41 (25,2%)
RARAMENTE	299	13,15%	30 (15%)	86 (15,2%)	103 (12,2%)	60 (13,2%)	15 (9,2%)
NÃO FREQUENTO	91	4,00%	15 (7,5%)	24 (4,2%)	27 (3,2%)	17 (3,8%)	7 (4,3%)
DECLARARAM	2274	100,00%	200	566	846	453	163
NÃO DECLARARAM	7	0,31%			53		
TOTAL	2281				2281		

Tabela 218 - Renda - Espíritas em casa (atualmente).

ESPÍRITAS EM CASA	Q	%	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
A MAIORIA É ESPÍRITA	1205	53,15%	87 (43,7%)	267 (47,4%)	438 (52%)	282 (62,3%)	111 (67,7%)
APENAS EU	839	37,01%	96 (48,2%)	250 (44,4%)	317 (37,6%)	125 (27,6%)	29 (17,7%)
A MAIORIA NÃO É ESPÍRITA	223	9,84%	16 (8%)	46 (8,2%)	87 (10,3%)	46 (10,2%)	24 (14,6%)
DECLARARAM	2267	99,39%	199	563	842	453	164
NÃO DECLARARAM	14	0,61%			60		
TOTAL	2281	100,00%			2281		

Tabela 219 - Renda - Simpatia pelo Espiritismo (em casa).

SIMPATIA PELO ESPIRITISMO	Q	%	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
A MAIORIA SIMPATIZA	1934	86,34%	154 (77,4%)	459 (230,7%)	725 (364,3%)	409 (205,5%)	150 (75,4%)
A MAIORIA NÃO SIMPATIZA	306	13,66%	45 (77,4%)	101 (230,7%)	103 (364,3%)	39 (205,5%)	11 (75,4%)
DECLARARAM	2240	100,00%	199	560	828	448	161
NÃO DECLARARAM	41	1,80%			85		
TOTAL	2281				2281		

Tabela 220 - Renda - Leitura espírita.

LEITURA ESPÍRITA	Q	%	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
KARDEC	2157	94,56%	175 (87,5%)	532 (93,8%)	805 (95%)	442 (97,1%)	161 (98,2%)
ROMANCE	2022	88,65%	160 (80%)	514 (90,7%)	749 (88,4%)	412 (90,5%)	147 (89,6%)
CHICO XAVIER	1988	87,15%	156 (78%)	491 (86,6%)	753 (88,9%)	407 (89,5%)	143 (87,2%)
JORNAL OU REVISTA	1744	76,46%	129 (64,5%)	419 (73,9%)	668 (78,9%)	365 (80,2%)	132 (80,5%)
APOSTILA	1638	71,81%	114 (57%)	401 (70,7%)	636 (75,1%)	336 (73,8%)	119 (72,6%)
NÃO LEU	13	0,57%	3 (1,5%)	4 (0,7%)	3 (0,4%)	3 (0,7%)	0 (0%)
DECLARARAM	1496	65,59%	200	567	847	455	164
NÃO DECLARARAM	0	0,00%			48		
TOTAL	1496				2281		

Tabela 221 - Renda - Idade que iniciou no Espiritismo (média/anos).

INÍCIO NA DOCTRINA (MÉDIA)	MÉDIA	Q	%
ATÉ 2 SM	27,12	197	9,02%
AC 2 ATÉ 4 SM	27,65	555	25,42%
AC 4 ATÉ 10 SM	28,31	823	37,70%
AC 10 ATÉ 20 SM	26,98	447	20,48%
AC 20 SM	29,19	161	7,38%
DECLARARAM	2183		95,70%
NÃO DECLARARAM	98		4,30%
TOTAL	2281		100,0%

Tabela 222 - Renda - Religião com menos afinidade antes de se tornar espírita.

MENOS AFINIDADE	Q	%	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
PROTEST	950	43,12%	84 (43,1%)	228 (41,2%)	364 (44,7%)	205 (46,7%)	56 (35%)
AFRO	651	29,55%	40 (20,5%)	153 (27,7%)	232 (28,5%)	140 (31,9%)	70 (43,8%)
CATOLIC	291	13,21%	41 (21%)	88 (15,9%)	101 (12,4%)	42 (9,6%)	14 (8,8%)
ORIENTAL	138	6,26%	7 (3,6%)	42 (7,6%)	49 (6%)	29 (6,6%)	9 (5,6%)
UMBANDA	109	4,95%	20 (10,3%)	21 (3,8%)	45 (5,5%)	16 (3,6%)	3 (1,9%)
ESPIRITISMO	36	1,63%	2 (1%)	13 (2,4%)	12 (1,5%)	4 (0,9%)	4 (2,5%)
NENHUMA	15	0,68%	1 (0,5%)	4 (0,7%)	6 (0,7%)	1 (0,2%)	2 (1,3%)
OUTRA	13	0,59%	0 (0%)	4 (0,7%)	5 (0,6%)	2 (0,5%)	2 (1,3%)
DECLARARAM	2203	100,00%	195	553	814	439	160
NÃO DECLARARAM	78	3,42%			120		
TOTAL	2281				2281		

Tabela 223 - Renda - Tempo de Espiritismo (média/anos).

TEMPO DE DOCTRINA (MÉDIA)	MÉDIA	Q	%
ATÉ 2 SM	9,69	199	8,92%
AC 2 ATÉ 4 SM	12,09	567	25,41%
AC 4 ATÉ 10 SM	13,44	847	37,97%
AC 10 ATÉ 20 SM	15,78	454	20,35%
AC 20 SM	16,22	164	7,35%
DECLARARAM	2231		97,81%
NÃO DECLARARAM	50		2,19%
TOTAL	2281		

Tabela 224 - Renda - Questões de crença e prática espíritas.

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
Eu me considero espírita porque aceito o que o Espiritismo diz	DISCORDO TOTALMENTE	1479	64,84%	1936	84,88%	123	356	557	302	112
	DISCORDO	457	20,04%			48	122	163	89	25
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	124	5,44%	124	5,44%	7	32	44	28	9
	CONCORDO	85	3,73%	129	5,66%	12	14	36	17	5
	CONCORDO TOTALMENTE	44	1,93%			4	10	18	9	3
TOTAL : 2189 respondentes de 2281 (96%)		2189	95,97%	2189	95,97%	194	534	818	445	154
Eu me considero espírita porque frequento o Centro Espírita	DISCORDO TOTALMENTE	404	17,71%	1109	48,62%	30	104	151	87	27
	DISCORDO	705	30,91%			69	181	236	149	55
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	422	18,50%	422	18,50%	49	96	160	73	36
	CONCORDO	448	19,64%	646	28,32%	31	109	186	94	20
	CONCORDO TOTALMENTE	198	8,68%			14	46	79	38	16
TOTAL : 2177 respondentes de 2281 (95,4%)		2177	95,44%	2177	95,44%	193	536	812	441	154
Eu me considero espírita, mas não aceito bem alguns princípios espíritas.	DISCORDO TOTALMENTE	1062	46,56%	1812	79,44%	91	254	395	220	85
	DISCORDO	750	32,88%			65	192	280	152	42
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	178	7,80%	178	7,80%	18	46	65	34	10
	CONCORDO	149	6,53%	183	8,02%	16	30	60	29	12
	CONCORDO TOTALMENTE	34	1,49%			2	8	14	4	5
TOTAL : 2173 respondentes de 2281 (95,3%)		2173	95,27%	2173	95,27%	192	530	814	439	154
Antes de ser espírita eu já acreditava na vida após a morte.	DISCORDO TOTALMENTE	84	3,68%	220	9,64%	6	16	36	18	3
	DISCORDO	136	5,96%			15	24	57	26	10
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	210	9,21%	210	9,21%	12	54	76	50	14
	CONCORDO	661	28,98%	1763	77,29%	65	166	237	131	47
	CONCORDO TOTALMENTE	1102	48,31%			95	277	414	220	80
TOTAL : 2193 respondentes de 2281 (96,1%)		2193	96,14%	2193	96,14%	193	537	820	445	154

(Continuação da Tabela 224 - Renda - Questões de crença e prática espíritas.

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
Antes de ser espírita eu já acreditava na reencarnação.	DISCORDO TOTALMENTE	150	6,58%	433	18,98%	11	30	59	30	15
	DISCORDO	283	12,41%			22	64	114	53	23
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	356	15,61%	356	15,61%	26	80	124	91	28
	CONCORDO	582	25,52%	1402	61,46%	60	144	221	110	34
	CONCORDO TOTALMENTE	820	35,95%			75	219	299	161	54
TOTAL : 2191 respondentes de 2281 (96,1%)		2191	96,05%	2191	96,05%	194	537	817	445	154
Antes de ser espírita eu já acreditava na comunicação com os espíritos.	DISCORDO TOTALMENTE	111	4,87%	303	13,28%	10	25	45	18	10
	DISCORDO	192	8,42%			16	41	75	43	14
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	270	11,84%	270	11,84%	21	61	82	71	27
	CONCORDO	738	32,35%	1622	71,11%	69	175	286	139	54
	CONCORDO TOTALMENTE	884	38,75%			78	240	331	172	49
TOTAL : 2195 respondentes de 2281 (96,2%)		2195	96,23%	2195	96,23%	194	542	819	443	154
Eu acredito na reencarnação da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	13	0,57%	32	1,40%	0	4	3	4	1
	DISCORDO	19	0,83%			4	3	7	3	0
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	71	3,11%	71	3,11%	7	25	19	14	1
	CONCORDO	553	24,24%	2086	91,45%	67	143	192	102	36
	CONCORDO TOTALMENTE	1533	67,21%			117	362	596	320	117
TOTAL : 2189 respondentes de 2281 (96%)		2189	95,97%	2189	95,97%	195	537	817	443	155
Eu acredito na vida após a morte da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	9	0,39%	22	0,96%	0	2	3	2	1
	DISCORDO	13	0,57%			1	7	2	2	0
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	69	3,02%	69	3,02%	4	25	20	15	2
	CONCORDO	568	24,90%	2097	91,93%	63	139	209	109	34
	CONCORDO TOTALMENTE	1529	67,03%			127	366	578	315	118
TOTAL : 2188 respondentes de 2281 (95,9%)		2188	95,92%	2188	95,92%	195	539	812	443	155

(Continuação da Tabela 224 - Renda - Questões de crença e prática espíritas.

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
Eu acredito na comunicação com os espíritos da forma que o espiritismo explica.	DISCORDO TOTALMENTE	14	0,61%	26	1,14%	1	3	5	3	1
	DISCORDO	12	0,53%			0	6	3	2	0
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	62	2,72%	62	2,72%	6	19	18	15	2
	CONCORDO	611	26,79%	2092	91,71%	66	154	227	112	39
	CONCORDO TOTALMENTE	1481	64,93%			122	350	558	311	113
TOTAL : 2180 respondentes de 2281 (95,6%)		2180	95,57%	2180	95,57%	195	532	811	443	155
Tive dificuldade em ir para o espiritismo pelo preconceito dos amigos e parentes.	DISCORDO TOTALMENTE	1045	45,81%	1603	70,28%	81	236	397	222	85
	DISCORDO	558	24,46%			54	148	207	108	33
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	185	8,11%	185	8,11%	11	46	65	46	13
	CONCORDO	254	11,14%	394	17,27%	28	62	97	47	15
	CONCORDO TOTALMENTE	140	6,14%			15	43	52	21	6
TOTAL : 2182 respondentes de 2281 (95,7%)		2182	95,66%	2182	95,66%	189	535	818	444	152
Sinto falta no espiritismo de algumas coisas de outras religiões.	DISCORDO TOTALMENTE	1479	64,84%	1936	84,88%	123	356	557	302	112
	DISCORDO	457	20,04%			48	122	163	89	25
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	124	5,44%	124	5,44%	7	32	44	28	9
	CONCORDO	85	3,73%	129	5,66%	12	14	36	17	5
	CONCORDO TOTALMENTE	44	1,93%			4	10	18	9	3
TOTAL : 2189 responderam de 2281 (96%)		2189	95,97%	2189	95,97%	194	534	818	445	154
Eu me considero espírita porque estudo e sigo a filosofia espírita.	DISCORDO TOTALMENTE	47	2,06%	147	6,44%	7	10	11	12	5
	DISCORDO	100	4,38%			14	30	27	20	8
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	231	10,13%	231	10,13%	25	71	75	37	16
	CONCORDO	831	36,43%	1811	79,40%	79	196	319	170	49
	CONCORDO TOTALMENTE	980	42,96%			67	227	387	207	76
TOTAL : 2189 respondentes de 2281 (96%)		2189	95,97%	2189	95,97%	192	534	819	446	154

(Continuação da Tabela 224 - Renda - Questões de crença e prática espíritas.

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
Eu, às vezes, ainda frequento os cultos da minha religião anterior.	DISCORDO TOTALMENTE	1022	44,80%	1475	64,66%	82	241	378	216	82
	DISCORDO	453	19,86%			47	103	182	84	28
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	261	11,44%	261	12,93%	19	63	98	55	22
	CONCORDO	382	16,75%	448	19,64%	40	106	128	78	23
	CONCORDO TOTALMENTE	66	2,89%			4	18	29	13	1
TOTAL : 2184 respondentes de 2281 (95,7%)		2184	95,75%	2184	95,75%	192	531	815	446	156
Sinto que serei espírita para sempre.	DISCORDO TOTALMENTE	18	0,79%	46	2,02%	2	5	6	4	0
	DISCORDO	28	1,23%			1	12	7	4	4
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	177	7,76%	177	7,76%	20	40	70	33	7
	CONCORDO	472	20,69%	1961	85,97%	44	127	170	89	31
	CONCORDO TOTALMENTE	1489	65,28%			126	355	560	310	113
TOTAL : 2184 respondentes de 2281 (95,7%)		2184	95,75%	2184	95,75%	193	539	813	440	155
Ainda tenho dúvidas se o espiritismo será a minha religião definitiva.	DISCORDO TOTALMENTE	1516	66,46%	1946	85,31%	125	361	573	315	114
	DISCORDO	430	18,85%			43	107	157	87	26
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	128	5,61%	128	5,61%	16	30	51	20	8
	CONCORDO	69	3,02%	93	4,08%	6	22	22	14	2
	CONCORDO TOTALMENTE	24	1,05%			1	5	10	5	3
TOTAL : 2167 respondentes de 2281 (95%)		2167	95,00%	2167	95,00%	191	525	813	441	153
Eu frequento outra religião, além do espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	1373	60,19%	1804	79,09%	106	318	526	298	103
	DISCORDO	431	18,90%			40	110	158	84	25
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	143	6,27%	143	6,27%	13	43	51	19	13
	CONCORDO	179	7,85%	234	10,26%	30	50	55	30	13
	CONCORDO TOTALMENTE	55	2,41%			5	13	23	10	2
TOTAL : 2181 respondentes de 2281 (95,6%)		2181	95,62%	2181	95,62%	194	534	813	441	156

(Continuação da Tabela 224 - Renda - Questões de crença e prática espíritas.

QUESITO	OPINIÃO	Q	%	Q	%	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
A minha religião anterior tem muito a ver com o espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	780	34,20%	1488	65,23%	75	213	293	139	44
	DISCORDO	708	31,04%			55	164	279	145	53
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	448	19,64%	448	19,64%	37	101	158	97	42
	CONCORDO	189	8,29%	237	10,39%	21	42	65	48	11
	CONCORDO TOTALMENTE	48	2,10%			3	13	19	10	3
TOTAL : 2173 respondentes de 2281 (95,3%)		2173	95,27%	2173	95,27%	191	533	814	439	153
Quando me tornei espírita eu estava procurando uma nova religião.	DISCORDO TOTALMENTE	617	27,05%	1239	54,32%	56	129	232	132	58
	DISCORDO	622	27,27%			56	151	226	139	39
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	394	17,27%	394	17,27%	26	108	156	70	26
	CONCORDO	333	14,60%	541	23,72%	29	84	129	59	24
	CONCORDO TOTALMENTE	208	9,12%			25	61	70	39	7
TOTAL : 2174 respondentes de 2281 (95,3%)		2174	95,31%	2174	95,31%	192	533	813	439	154
A minha religião anterior é contrária ao espiritismo.	DISCORDO TOTALMENTE	252	11,05%	624	27,36%	30	62	88	55	11
	DISCORDO	372	16,31%			36	75	147	72	36
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	543	23,81%	543	23,81%	49	125	190	120	46
	CONCORDO	611	26,79%	1002	43,93%	44	160	239	127	30
	CONCORDO TOTALMENTE	391	17,14%			30	107	147	69	31
TOTAL : 2169 respondentes de 2281 (95,1%)		2169	95,09%	2169	95,09%	189	529	811	443	154
Entendi muito bem como deveria responder a esta pesquisa.	DISCORDO TOTALMENTE	26	1,14%	51	2,24%	0	8	9	6	1
	DISCORDO	25	1,10%			1	6	11	3	3
	NEM DISCORDO, NEM CONCORDO	68	2,98%	68	2,98%	8	19	25	11	3
	CONCORDO	657	28,80%	2069	90,71%	63	166	241	136	34
	CONCORDO TOTALMENTE	1412	61,90%			119	338	533	288	113
TOTAL : 2188 respondentes de 2281 (95,9%)		2188	95,92%	2188	95,92%	191	537	819	444	154

Tabela 225 - Renda - Motivação para se tornar espírita.

MOTIVAÇÃO PARA SE TORNAR ESPÍRITA	Q	%	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO	28	1,23%	2 (1%)	10 (2%)	9 (1%)	4 (1%)	2 (1%)
SIMPATIZEI COM OS PRINCÍPIOS ESPÍRITAS	1264	55,41%	97 (49%)	313 (55%)	464 (55%)	271 (60%)	98 (60%)
MUDEI A MINHA MANEIRA DE PENSAR A VIDA	877	38,45%	79 (40%)	243 (43%)	311 (37%)	161 (35%)	61 (37%)
PARA ALCANÇAR CERTA PAZ INTERIOR	484	21,22%	50 (25%)	125 (22%)	171 (20%)	99 (22%)	31 (19%)
ESTAVA SOFRENDO E PROCURAVA UMA CONSOLAÇÃO	447	19,60%	46 (23%)	111 (20%)	181 (21%)	79 (17%)	25 (15%)
DECEPCIONEI-ME COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	314	13,77%	29 (15%)	76 (13%)	108 (13%)	60 (13%)	33 (20%)
TINHA MEDIUNIDADE E PRECISAVA DESENVOLVER	352	15,43%	39 (20%)	87 (15%)	136 (16%)	58 (13%)	22 (13%)
LI UM LIVRO ESPÍRITA	274	12,01%	23 (12%)	61 (11%)	91 (11%)	68 (15%)	24 (15%)
GOSTEI DO AMBIENTE DO CENTRO ESPÍRITA	291	12,76%	25 (13%)	81 (14%)	118 (14%)	49 (11%)	16 (10%)
ADIMIRAVA ALGUNS EXPÍRITAS COMO EXEMPLO DE VIDA	313	13,72%	20 (10%)	76 (13%)	122 (14%)	64 (14%)	26 (16%)
QUERIA PARTICIPAR DE ATIVIDADES ASSISTENCIAIS	151	6,62%	17 (9%)	38 (7%)	43 (5%)	32 (7%)	16 (10%)
INFLUÊNCIA DE PARENTES E AMIGOS	145	6,36%	9 (5%)	26 (5%)	56 (7%)	36 (8%)	16 (10%)
QUERIA MELHORAR O NÍVEL DE VIDA	155	6,80%	11 (6%)	46 (8%)	58 (7%)	27 (6%)	4 (2%)
QUERIA PRATICAR A MEDIUNIDADE	144	6,31%	26 (13%)	45 (8%)	40 (5%)	19 (4%)	6 (4%)
ESTAVA DOENTE E ME CUREI NO ESPIRITISMO	86	3,77%	7 (4%)	20 (4%)	36 (4%)	11 (2%)	9 (5%)
COSTUMAVA TOMAR PASSE NO CENTRO ESPÍRITA	75	2,81%	9 (5%)	17 (3%)	26 (3%)	12 (3%)	8 (5%)
O ESPIRITISMO CUROU UMA PESSOA DA FAMÍLIA	40	1,75%	5 (3%)	6 (1%)	19 (2%)	8 (2%)	1 (1%)
ELE É PARECIDO COM MINHA RELIGIÃO ANTERIOR	28	1,23%	2 (1%)	10 (2%)	9 (1%)	4 (1%)	2 (1%)
TOTAL	2281	-	200	567	847	455	164

Tabela 226 - Renda - Detalha o quesito "Ele explica melhor as dúvidas que eu tenho".

QUESTÕES PERTINENTES AO QUESITO "ELE EXPLICA MELHOR AS DÚVIDAS QUE EU TENHO"	Q	%	ATÉ 2 SM	AC 2 ATÉ 4 SM	AC 4 ATÉ 10 SM	AC 10 ATÉ 20 SM	AC 20 SM
COMO SER FELIZ?	269	45,98%	15 (8%)	72 (13%)	98 (12%)	60 (13%)	23 (14%)
DEUS EXISTE? QUEM É DEUS?	290	49,57%	18 (9%)	78 (14%)	110 (13%)	63 (14%)	19 (12%)
É POSSÍVEL NASCER E RENASCER MUITAS VEZES?	404	69,06%	25 (13%)	98 (17%)	150 (18%)	94 (21%)	35 (21%)
É POSSÍVEL QUE PESSOAS SEJAM CURADAS POR OUTRAS PESSOAS POR INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS?	319	54,53%	16 (8%)	77 (14%)	124 (15%)	78 (17%)	23 (14%)
EXISTE ALGUMA RAZÃO PARA AS NOSSAS SIMPATIAS E ANTIPATIAS PARA COM NOSSOS AMIGOS E PARENTES?	457	78,12%	26 (13%)	114 (20%)	178 (21%)	95 (21%)	41 (25%)
EXISTE O DESTINO? COMO ELE É DEFINIDO, MODIFICADO, CUMPRIDO	372	63,59%	25 (13%)	91 (16%)	144 (17%)	77 (17%)	32 (20%)
EXISTE O MILAGRE?	202	34,53%	14 (7%)	54 (10%)	83 (10%)	38 (8%)	13 (8%)
EXISTEM ANJOS E DEMÔNIOS, CÉU E INFERNO?	315	53,85%	21 (11%)	81 (14%)	122 (14%)	66 (15%)	25 (15%)
EXISTEM OUTROS MUNDOS HABITADOS, COMO A TERRA	404	69,06%	28 (14%)	95 (17%)	157 (19%)	88 (19%)	33 (20%)
HÁ VIDA APÓS A MORTE? COMO É ESSA VIDA APÓS A MORTE?	497	84,96%	29 (15%)	118 (21%)	199 (23%)	111 (24%)	37 (23%)
O QUE É A MEDIUNIDADE? COMO PODE SER DESENVOLVIDA E EXERCIDA?	368	62,91%	22 (11%)	87 (15%)	145 (17%)	82 (18%)	30 (18%)
O QUE SE DEVE FAZER PARA SE OBTER A SALVAÇÃO?	181	30,94%	12 (6%)	48 (8%)	61 (7%)	42 (9%)	17 (10%)
OS ESPÍRITOS PODEM INFLUENCIAR A VIDA DAS PESSOAS, PARA O BEM OU PARA O MAL?	427	72,99%	26 (13%)	103 (18%)	169 (20%)	91 (20%)	35 (21%)
OS ESPÍRITOS PODEM SE COMUNICAR COM AS PESSOAS VIVAS?	400	68,38%	21 (11%)	90 (16%)	168 (20%)	89 (20%)	30 (18%)
OS ESPÍRITOS TÊM SEXO? COMO É A SUA SEXUALIDADE?	204	34,87%	12 (6%)	49 (9%)	82 (10%)	44 (10%)	15 (9%)
PORQUE EXISTEM DIFERENÇAS NA CONDIÇÃO HUMANA DO HOMEM SOBRE A TERRA?	509	87,01%	25 (13%)	125 (22%)	203 (24%)	111 (24%)	42 (26%)
QUAL A MELHOR INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA E DOS EVANGELHOS?	293	50,09%	22 (11%)	72 (13%)	115 (14%)	58 (13%)	25 (15%)
QUAL O PODER DOS AMULETOS, RITUAIS, TRABALHOS, MALDIÇÕES E TALISMÃS?	163	27,86%	12 (6%)	44 (8%)	62 (7%)	35 (8%)	10 (6%)
QUAL RAZÃO DO SOFRIMENTO HUMANO?	520	88,89%	28 (14%)	130 (23%)	202 (24%)	115 (25%)	42 (26%)
VAI HAVER UM FIM DO MUNDO?	205	35,04%	14 (7%)	54 (10%)	74 (9%)	43 (9%)	19 (12%)
TOTAL	585	-	34	140	235	125	48